



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E
CULTURA**



EVANICE RAMOS LIMA BARRETO

**ARTES DE PESCA NA ILHA DE ITAPARICA:
ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO E SOCIODIALETAL**

Salvador
2015

EVANICE RAMOS LIMA BARRETO

**ARTES DE PESCA NA ILHA DE ITAPARICA:
ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO E SOCIODIALETAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Língua e Cultura.

Área de concentração: Linguística Histórica

Orientador: Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho

Salvador
2015

TERMO DE APROVAÇÃO

EVANICE RAMOS LIMA BARRETO

ARTES DE PESCA NA ILHA DE ITAPARICA: ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO E SOCIODIALETAL

Tese aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Américo Venâncio Lopes Machado Filho - Orientador _____
Doutor em Letras, Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Universidade Federal da Bahia

Jacyra Andrade Mota _____
Doutora em Língua Portuguesa, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Universidade Federal da Bahia

Mariana Fagundes de Oliveira _____
Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Rita de Cássia Ribeiro Queiroz _____
Doutora em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo (USP). Universidade
Estadual de Feira de Santana

Silvana Ribeiro Costa Soares _____
Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Universidade Federal da Bahia

Salvador, 03 de março de 2015

Aos meus pais, meus primeiros orientadores, amigos e companheiros inseparáveis nesta caminhada.

Ao meu marido, Jorge Barreto, que sempre me apoiou e soube compreender as minhas ausências para que este trabalho fosse realizado.

A Emanuele, sobrinha querida, que muitas vezes me descontraíu com sua alegria e sorriso contagiantes, fazendo-me esquecer das minhas ansiedades e angústias.

AGRADECIMENTOS

Nesta caminhada, várias foram as pessoas que contribuíram, de uma forma ou de outra, para a realização deste trabalho. Sou profundamente grata a todas elas.

Em especial, agradeço:

A Deus, único e soberano, por ter me sustentado e por ter me agraciado com tantas vitórias.

Aos meus pais, companheiros fiéis, por terem me auxiliado em todas as incursões na Ilha de Itaparica durante a realização dos inquéritos linguísticos.

Ao meu orientador, Prof. Américo Venâncio, pela compreensão, pelo profissionalismo, pelo incentivo constante, pelos ensinamentos em Lexicografia e, principalmente, por ter me conduzido na elaboração deste trabalho, mostrando-me o melhor caminho a ser percorrido para alcançar os objetivos traçados.

À Prof.^a Jacyra Mota, pelos valiosos ensinamentos em Dialectologia, pelo apoio e incentivo à realização do estágio doutoral no exterior, pela atenção e interesse sempre dispensados quando necessitei de suas orientações.

À Prof.^a Sônia Borba Costa, pela atenção e pelo interesse com que se dispôs a ler o meu anteprojeto de pesquisa, apresentando valiosa contribuição para o seu rearranjo.

Aos professores da Área Linguística Histórica do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, pelas discussões e reflexões que permitiram aprimorar os meus conhecimentos.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, especialmente a Ricardo Luiz, pela dedicação, pela presteza e pela qualidade dispensadas no atendimento sempre que precisei.

Ao Prof. Salah Mejri, pela oportunidade de realização do meu estágio doutoral no Laboratório LDI (Lexique, Dictionnaire, Informatique), na Université Paris 13.

À Prof.^a Silvana Ribeiro, pelas preciosas informações que contribuíram para o meu estágio no LDI, bem como pelas valiosas intervenções no Exame de Qualificação, que me permitiram aperfeiçoar este trabalho.

Aos colegas Pablo Lacoste e Aparecida Marques, pela receptividade, pelo suporte e pela companhia durante o estágio no LDI.

À Prof.^a Cibele Oliveira, pelas contribuições no Exame de Qualificação, as quais foram de fundamental importância para este trabalho.

Ao Programa CAPES/COFECUB, pelo incentivo financeiro que me possibilitou a realização do estágio doutoral no exterior.

Aos presidentes e funcionários das Colônias de Pescadores Z-10, Z-11 e Z-12, pela atenção, pelo apoio e pela intermediação durante a abordagem dos informantes.

Aos informantes, pescadores e pescadoras da Ilha de Itaparica, pela atenção, pela confiança e, principalmente, por disponibilizarem o seu tempo e o seu espaço para a realização dos inquéritos.

Pescaria

*Ô canoeiro
bota rede,
bota rede no mar
ô canoeiro
bota rede no mar.*

*Cerca o peixe,
bate o remo,
puxa corda,
colhe a rede,
ô canoeiro
puxa rede do mar.*

*Vai ter presente pra Chiquinha
ter presente pra Iaiá
ô canoeiro puxa rede do mar.*

*Cerca o peixe,
bate o remo,
puxa corda,
colhe a rede,
ô canoeiro
puxa rede do mar.*

*Louvado seja Deus
Ó meu pai.*

*Vai ter presente pra Chiquinha
ter presente pra Iaiá
ô canoeiro puxa rede do mar.*

Dorival Caymmi

RESUMO

Esta tese apresenta um estudo de caráter descritivo que tem como objetivo registrar e analisar o léxico empregado na pesca artesanal na Ilha de Itaparica, fundamentando-se nos pressupostos da Dialetoлогия, da Sociolinguística, da Lexicologia e da Lexicografia. Para a constituição do *corpus*, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: seleção de trinta e seis informantes, de ambos os sexos, naturais de Itaparica e Vera Cruz (municípios que compõem a Ilha de Itaparica) ou residentes neles há, pelo menos, um terço de sua vida, distribuídos em três faixas etárias: 20 a 30, 35 a 55 e mais de 60 anos; aplicação de um questionário linguístico com perguntas que contemplam os diferentes aspectos da atividade pesqueira, desde a preparação dos apetrechos até a venda do pescado; identificação das lexias peculiares à pesca através do programa WordSmith Tools 4.0, a partir da fragmentação dos dados. Os itens levantados foram organizados em seus respectivos campos lexicais, a fim de proceder à análise léxico-semântica e sociodialetal, bem como à elaboração do vocabulário. O estudo revelou que o léxico da pesca na Ilha de Itaparica se constitui de formas já consagradas no uso geral da língua; de lexias já existentes, cujos significados foram ampliados no processo de reelaboração lexical; de formas dicionarizadas com o mesmo sentido; e de formas dicionarizadas com acepção diferente daquela documentada na comunidade. Compõe-se de lexias simples, compostas e complexas e apresenta variações em nível fonético, lexical e morfossintático. Os resultados evidenciaram aspectos históricos, culturais e sociais da localidade, demonstrando a importância da pesca para a construção de um léxico específico e para a identidade dos indivíduos envolvidos nessa atividade.

Palavras-chave: Léxico. Dialetoлогия. Sociolinguística. Lexicologia. Lexicografia. Campos lexicais. Pesca. Ilha de Itaparica.

ABSTRACT

This thesis presents a descriptive study that aims to register and to analyze the lexicon used in the artisanal fishery in the Island of Itaparica, basing on the principles of Dialectology, Sociolinguistics, Lexicology and Lexicography. To collect the oral *corpus*, the following methodological procedures were adopted: selection of thirty-six informants of both genders, who were born in Itaparica and Vera Cruz (cities that compose the Island of Itaparica) or who were living there for at least on third of their age, divided into three age groups, according to the following ages: 20 to 30, 35 to 55 and more than 60 years; application of a linguistic questionnaire with questions that include different aspects of fishing activity. The peculiar lexies were identified through the WordSmith Tools 4.0, with data fragmentation. The items collected were organized in their respective lexical fields, in order to proceed to the lexical-semantic and sociodialectal analysis as well as to the preparation of the vocabulary. The study revealed that the lexicon used by the fishers in the Island of Itaparica is constituted by lexical forms that already were established in the general language; by the lexies that already exist in the language and whose the meanings were extended in the lexical reworking; by forms registred with the same meaning; and by forms registred with different meaning in the community. It is composed by simple, compound and complex lexis and varieties in phonetic, lexical and morphological level. The results showed historical, cultural and social aspects of the locality, demonstrating the importance of fishing to build a specific lexicon and the identity of the individuals involved in this activity.

Keywords: Lexicon. Dialectology. Sociolinguistics. Lexicology. Lexicography. Lexical fields. Fishing. Ilha de Itaparica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Pesca de anzol	59
Figura 2	Mapa da região do Crescente Fértil	59
Figura 3	Quadro considerado mais antigo que representa a pesca com cana e linha, em 2.000 a.C.	60
Figura 4	Pintura retratando pescadores na tumba de Mereruka em Sacará, Egito	60
Figura 5	Pescador com arpão de duas cabeças	62
Figura 6	Confecção de rede por pescador da comunidade de Jiribatuba, em Vera Cruz, Ilha de Itaparica – BA	71
Figura 7	Confecção de rede por pescador da comunidade de Cacha Pregos, em Vera Cruz, Ilha de Itaparica – BA	71
Figura 8	Embarcações utilizadas pelos pescadores da Ilha de Itaparica	72
Figura 9	Localização da Ilha de Itaparica em relação a Salvador	76
Figura 10	Ilha de Itaparica destacada em seu entorno	77
Figura 11	Mapa da Terra de Santa Cruz extraído das cartas de João Teixeira Albernaz	80
Figura 12	Colônia de Pescadores Z – 11	88
Figura 13	Fonte da Bica, em Itaparica – BA	90
Figura 14	Forte de São Lourenço, em Itaparica – BA	91
Figura 15	Forte de São Lourenço, em Itaparica – BA (vista da praia)	91
Figura 16	Comércio de peixes frescos na orla de Amoreiras, em Itaparica – BA	92
Figura 17	Quantitativo de informantes conforme a profissão que exerce além da pesca	100
Figura 18	Distribuição percentual conforme a classificação gramatical das lexias	101
Figura 19	Distribuição percentual dos tipos de lexias que compõem o léxico da pesca na Ilha de Itaparica – BA	102
Figura 20	Distribuição percentual dos lexemas e arquilexemas que compõem o <i>corpus</i>	102
Figura 21	Mangue/ manguezal	110
Figura 22	Pesqueiro/ peixeiro	111
Figura 23	Canoas	114
Figura 24	Catraia	115
Figura 25	Pescadores no batelão	116
Figura 26	Saveiro	118

Figura 27	Poita	121
Figura 28	Espadela	123
Figura 29	Pesca de camarão com puçá	133
Figura 30	Pescadores recolhendo camarão no puçá	134
Figura 31	Puçá	142
Figura 32	Rapichel	143
Figura 33	Bicheiro/ fisga	149
Figura 34	Gaiola	151
Figura 35	Baldes usados para transporte de mariscos	156
Figura 36	Carta 99 – Carrinho que se empurra manualmente para transporte de pequena quantidade de material	157
Figura 37	Cofó	159
Figura 38	Arco	162
Figura 39	Boias de isopor na rede de pesca	163
Figura 40	Boias de garrafa “pet”	163
Figura 41	Pescador segurando o calão no “paieiro”	164
Figura 42	Chumbo/ chumbada	166
Figura 43	Cortiça	167
Figura 44	Destorcedor	167
Figura 45	Molinete	169
Figura 46	Pescador artesanal	172
Figura 47	Pescadores artesanais	173
Figura 48	Pescadores realizando o cerco	183
Figura 49	Ação de remar	189
Figura 50	Carta 105 - Lançar, jogar	193
Figura 51	Ação de mariscar	201
Figura 52	Ação de catar marisco	203
Figura 53	Caramuru/ moreia	210
Figura 54	Baiacu ou porco-espinho	215
Figura 55	Cação-viola	222
Figura 56	Guaricemas	227
Figura 57	Peixe-galo	234
Figura 58	Rala-coco	245
Figura 59	Ostra	246

Figura 60	Salpiro	246
Figura 61	Maria-preta	248
Figura 62	Peguari	259
Figura 63	Pinaúna	251
Figura 64	Siris	254
Figura 65	Siri-boia	255
Figura 66	Candeeiro	260
Figura 67	Carta 58 – Tipos de candeeiro	262
Figura 68	Carta 59 – Tipos de candeeiro (II)	263
Figura 69	Carta 16 – Onda de rio	273
Figura 70	Distribuição percentual de lexias por campos lexicais	281
Figura 71	Distribuição percentual das lexias conforme o registro em dicionários gerais e etimológicos	282
Figura 72	Distribuição percentual das lexias conforme a origem	282
Figura 73	Distribuição de uso das formas padrão e não padrão conforme a localidade.	305
Figura 74	Distribuição de uso das formas padrão e não padrão conforme a variável sexo.	306
Figura 75	Distribuição de uso das formas padrão e não padrão conforme a variável faixa etária	307

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Distribuição dos informantes residentes em Vera Cruz conforme faixa etária e sexo	96
Quadro 2	Distribuição dos informantes residentes em Itaparica (sede) conforme faixa etária e sexo	97
Quadro 3	Identificação dos informantes de Vera Cruz	98
Quadro 4	Identificação dos informantes de Itaparica	99
Quadro 5	Campo lexical dos pontos de pesca	105
Quadro 6	Campo lexical das embarcações	113
Quadro 7	Campo lexical das partes e componentes das embarcações	119
Quadro 8	Campo lexical das modalidades de pesca	127
Quadro 9	Campo lexical dos apetrechos de pesca	138
Quadro 10	Campo lexical das partes e componentes dos apetrechos	160
Quadro 11	Campo lexical das funções	171
Quadro 12	Campo lexical das etapas da pesca	182
Quadro 13	Campo lexical das ações	186
Quadro 14	Campo lexical dos peixes	206
Quadro 15	Campo lexical dos mariscos	242
Quadro 16	Campo lexical das iscas	255
Quadro 17	Campo lexical dos instrumentos de iluminação	260
Quadro 18	Campo lexical das frações e medidas	264
Quadro 19	Campo lexical dos fenômenos da natureza	267
Quadro 20	Campo lexical das características	275
Quadro 21	Campo lexical das associações	279
Quadro 22	Distribuição das variantes conforme os campos lexicais e os níveis da língua	283
Quadro 23	Distribuição das variantes fonéticas conforme os fenômenos linguísticos	283
Quadro 24	Variantes documentadas no campo lexical dos pontos de pesca, distribuídas por localidade	285
Quadro 25	Variantes documentadas no campo lexical das embarcações, distribuídas por localidade	286
Quadro 26	Variantes documentadas no campo lexical das partes e componentes das embarcações, distribuídas por localidade	287
Quadro 27	Variantes documentadas no campo lexical dos apetrechos, distribuídas por localidade	287
Quadro 28	Variantes documentadas no campo lexical das partes e componentes dos apetrechos, distribuídas por localidade	289
Quadro 29	Variantes documentadas no campo lexical das modalidades de pesca, distribuídas por localidade	289

Quadro 30	Variantes documentadas no campo lexical das funções, distribuídas por localidade	291
Quadro 31	Variantes documentadas no campo lexical das ações, distribuídas por localidade	294
Quadro 32	Variantes documentadas no campo lexical das etapas da pesca, distribuídas por localidade	296
Quadro 33	Variantes documentadas no campo lexical dos peixes, distribuídas por localidade	297
Quadro 34	Variantes documentadas no campo lexical mariscos, distribuídas por localidade	302
Quadro 35	Variantes documentadas no campo lexical fenômenos da natureza, distribuídas por localidade	303
Quadro 36	Variantes documentadas no campo lexical das medidas, distribuídas por localidade	304
Quadro 37	Variantes que não integram os campos lexicais estabelecidos, distribuídas por localidade	304

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AB	Arqueação Bruta
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALECE	Atlas Linguístico do Ceará
ALS II	Atlas Linguístico de Sergipe – II
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
BA	Bahia
Cf.	Confira
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Id.	<i>Idem</i>
Ibid.	<i>Ibidem</i>
Inf.	Informante
Inq.	Inquiridor
MPA	Ministério da Pesca e Agricultura
Km	Quilômetro
P.	Página
RGP	Registro Geral da Atividade Pesqueira
Séc.	Século
SUDEPE	Superintendência do Desenvolvimento da Pesca

SUMÁRIO

“MINHA JANGADA VAI SAIR PRO MAR”: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	18
1 FUNDEANDO A EMBARCAÇÃO: AS BASES TEÓRICAS DA PESQUISA	21
1.1 VARIAÇÃO E IDENTIDADE	21
1.1.1 As ciências da variação linguística	25
1.2 LÉXICO, CULTURA E TRABALHO	30
1.2.1 Estudos lexicais e atividades laborativas	34
1.2.2 As ciências do léxico	36
1.2.3 Os estudos lexicológicos	38
1.2.4 Os estudos lexicográficos	49
2 OS CAMINHOS DA ARTE: BREVE HISTÓRICO DA PESCA	58
2.1 A PESCA NO BRASIL	63
2.2 A PESCA NA BAHIA	66
2.3 A PESCA NA ILHA DE ITAPARICA	68
3 PREPARANDO AS ARTES DE PESCA: DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	75
3.1 A LOCALIDADE	75
3.1.1 Os pontos da pesquisa	86
3.1.1.1 O município de Vera Cruz	87
3.1.1.2 O município de Itaparica	90
3.2 QUESTIONÁRIO: ELABORAÇÃO, APLICAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	92
3.3 OS INFORMANTES	95
3.3.1 Perfil dos informantes	97
4 NAS MALHAS DA REDE: O LÉXICO DA PESCA ARTESANAL NA ILHA DE ITAPARICA	101
4.1 ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA	103
4.1.1 Macrocampo lexical da pesca	103
4.1.1.1 Campo lexical dos pontos de pesca	104

4.1.1.2	Campo lexical das embarcações	113
4.1.1.3	Campo lexical das partes e componentes das embarcações	118
4.1.1.4	Campo lexical das modalidades de pesca	126
4.1.1.5	Campo lexical dos apetrechos de pesca	136
4.1.1.6	Campo lexical das partes e componentes dos apetrechos	160
4.1.1.7	Campo lexical das funções	170
4.1.1.8	Campo lexical das etapas de pesca	182
4.1.1.9	Campo lexical das ações	185
4.1.1.10	Campo lexical dos peixes	205
4.1.1.11	Campo lexical dos mariscos	241
4.1.1.12	Campo lexical das iscas	255
4.1.1.13	Campo lexical dos instrumentos de iluminação	259
4.1.1.14	Campo lexical das frações e medidas	264
4.1.1.15	Campo lexical dos fenômenos da natureza	266
4.1.1.16	Campo lexical das características	274
4.1.1.17	Campo lexical das associações	279
4.1.2	Considerações gerais sobre os campos lexicais	281
4.2	VARIAÇÃO NO LÉXICO DA PESCA	283
4.2.1	Análise sociodialetoal	283
 5 “OS NOMES É BASEADO COMO A HENTE CONHECE”: VOCABULÁRIO DA PESCA ARTESANAL NA ILHA DE ITAPARICA		308
5.1	APRESENTAÇÃO	308
5.2	ESTRUTURA DOS VERBETES	308
5.2.1	Entradas	308
5.2.2	Variantes	308
5.2.3	Remissivas	309
5.2.4	Categorias gramaticais	309
5.2.5	Étimo, origem ou formação	309
5.2.6	Definições	309
5.2.7	Identificação dos informantes	309
5.2.8	Abonações	310
5.3	ABREVIATURAS	310
5.4	VOCABULÁRIO	313

6 ARRUMANDO OS APETRECHOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS	345
REFERÊNCIAS	349
APÊNDICE A – Questionário linguístico	357
APÊNDICE B – Ficha lexicográfica	359
ANEXO – Ficha do informante	360

“MINHA JANGADA VAI SAIR PRO MAR”: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Saussure (1916), ao afirmar que a língua é a “parte social da linguagem, exterior ao indivíduo”, que só existe em virtude de um tipo de “contrato estabelecido entre os membros de uma comunidade”, não apenas apresenta uma caracterização fundamental da língua enquanto instituição social, como também suscita diversas discussões em torno de seu conceito, fomentando o estudo de suas particularidades, de seu modo de funcionamento, de sua diversidade, bem como sua de relação com o meio e a cultura.

Como se sabe, a língua é um elemento de interação entre o indivíduo e o meio em que ele vive. Por meio da língua, a realidade se transforma em signos, mediante a associação de significantes sonoros a significados arbitrários. Assim, conforme as diferentes realidades vividas pelos distintos grupos sociais, surgem as diferentes formas de manifestação linguística. No que tange ao léxico, por exemplo, todo grupo socioprofissional se caracteriza por uma especificidade que o distingue dos demais. De acordo com as atividades que executam, os instrumentos que utilizam, os processos e as funções que envolvem o trabalho, engendram-se itens lexicais¹ peculiares, os quais se configuram como elementos representativos da realidade que os cerca, tornando-se recortes de suas experiências laborativas cotidianas.

A pesca artesanal é uma atividade econômica tradicionalmente desenvolvida nas comunidades costeiras do Brasil. Em decorrência do baixo nível de escolaridade de seus membros, bem como o elevado nível de pobreza, a atividade pesqueira se constitui em sua principal fonte de renda, tornando-se uma atividade relevante no contexto socioeconômico. Na Ilha de Itaparica, situada na Baía de Todos os Santos, a pesca artesanal é de suma importância para a economia local, sendo um dos principais elementos propulsores do desenvolvimento social e, embora se encontre em decadência devido à escassez do pescado, revela-se de grande importância na constituição de um léxico característico das comunidades que compõem a região, abarcando desde as designações das etapas que envolvem a preparação para a pesca até a venda do pescado.

Os inquéritos realizados para um estudo-piloto sobre a linguagem da pesca no município de Itaparica revelaram a existência de lexias peculiares, como *tarrafa*, *catueiro*, *bicheiro* e *chumbada*. Esse estudo, de caráter sociolinguístico, objetivou apresentar uma amostra de algumas variantes do léxico, a partir da identificação, descrição e análise de itens lexicais, confrontando as formas registradas entre os informantes com as formas apresentadas

¹ Neste trabalho, para o termo lexia também serão usadas as denominações forma lexical, item lexical, unidade lexical.

no dicionário Houaiss (2001). As lexias presentes nos inquéritos apontam para uma diversidade lexical nesse campo, incluindo variações fonéticas, como *malha ~ maia, corvina ~ curuvina*, e morfológicas, como *marisqueiro(a) ~ mariscadeira ~ mariscador(a)*. Essa constatação despertou o interesse por investigar a modalidade linguística característica da atividade pesqueira nas comunidades da Ilha de Itaparica.

Conforme Sapir (1961, p. 49),

o estudo cuidadoso de um dado léxico conduz a inferências sobre o ambiente físico e social daqueles que o empregam; e, ainda mais, que o aspecto relativamente transparente ou não-transparente do próprio léxico nos permite deduzir o grau de familiaridade que se tem adquirido com os vários elementos do ambiente.

Nessa perspectiva, foram levantadas as seguintes hipóteses: a) atividade pesqueira na Ilha de Itaparica, embora esteja passando por um declínio, contribuiu significativamente para a construção de um léxico específico e para a identidade da população dessa localidade; b) a pesca determina a identidade dos indivíduos envolvidos nessa atividade, refletindo seu modo de agir, pensar e se organizar; c) as diferentes gerações de pescadores apresentam comportamentos distintos no que tange às escolhas lexicais; d) a linguagem dos pescadores apresenta variações lexicais, conforme as diferentes localidades da Ilha de Itaparica; e) a linguagem dos pescadores apresenta variações lexicais conforme o sexo dos indivíduos.

Considerando essas proposições e com base nos pressupostos da Dialetoologia, da Sociolinguística, da Lexicologia e da Lexicografia, objetivou-se verificar como o léxico empregado pelos pescadores reflete a atividade pesqueira na Ilha de Itaparica, Bahia. Para isso, busca-se registrar o léxico das diferentes comunidades pesqueiras da localidade estudada; descrever a variação lexical relativa à atividade pesqueira nas localidades que a compõem; analisar as variações lexicais presentes na fala dos pescadores, considerando as variáveis diageracional, diasssexual e diatópica; investigar até que ponto a identidade interfere na variação lexical e, por fim, construir um vocabulário da pesca na Ilha de Itaparica. Assim, este estudo, que se define na articulação dos modelos teóricos sociodialetais e lexicográficos, reveste-se de grande importância na medida em que, através dessa perspectiva, intenta-se chegar a uma descrição de um léxico específico que, embora já se encontre cristalizado na norma regional, ainda não se encontra, em sua totalidade, registrado nos dicionários. Além disso, o campo da atividade pesqueira apresenta características importantes que poderão fornecer elementos reveladores da forma como, em um determinado recorte sincrônico, um grupo socioprofissional pode influenciar na constituição do léxico de uma determinada região, bem como na identidade dos indivíduos envolvidos nessa atividade.

Os procedimentos teóricos e metodológicos adotados para esta pesquisa se encontram delineados em cada capítulo que compõe esta tese. As linhas teóricas em que se baseia este trabalho estão explícitas no capítulo 1, no qual se aborda a relação entre língua, cultura e identidade social, bem como os conceitos teóricos inerentes às ciências da variação linguística e do léxico. O capítulo 2 trata sucintamente da história da pesca no mundo, no Brasil, na Bahia e na Ilha de Itaparica. Além disso, apresenta as principais modalidades de pesca praticadas na Antiguidade e mostra as características da atividade pesqueira na localidade em estudo. Todo o percurso realizado antes e durante a pesquisa de campo, as informações sobre a constituição do *corpus* e a análise dos dados se encontram detalhados no capítulo 3. Assim, são tratados aspectos como: seleção da localidade e dos informantes; descrição da localidade e perfil dos informantes; instrumentos de pesquisa; levantamento e registro dos dados; e procedimentos para a análise dos dados. No capítulo 4, são apresentadas as formas lexicais registradas, as quais foram organizadas em campos lexicais, com vistas às análises léxico-semântica e sociodialetoal, bem como à elaboração do vocabulário. Verifica-se, nesse capítulo, o registro das unidades lexicais nos dicionários gerais, sua etimologia, o sentido que apresenta na localidade e sua motivação. Analisam-se também as variações registradas no *corpus*. O capítulo 5 apresenta o *vocabulário da pesca na Ilha de Itaparica*, em que constam 445 itens lexicais inerentes à atividade pesqueira, os quais foram levantados através da aplicação do questionário com os pescadores e registrados em fichas lexicográficas. Por fim, no capítulo 6, *Considerações finais*, são retomadas algumas questões discutidas nos capítulos anteriores e apresentados os resultados obtidos a partir da análise dos dados.

Constituem ainda este trabalho os apêndices, em que constam o questionário linguístico aplicado para levantamento dos dados e a ficha lexicográfica. Em anexo, encontra-se a ficha do informante.

1 FUNDEANDO A EMBARCAÇÃO: AS BASES TEÓRICAS DA PESQUISA

Este trabalho tem como objeto de estudo o léxico de um grupo socioprofissional sob a perspectiva da variabilidade em um determinado espaço geográfico, buscando investigar a relação entre língua e sociedade. Por isso, para a realização desta pesquisa, tomou-se como base os princípios teóricos da Dialetoлогия e da Sociolinguística. Além disso, procurou-se embasamento nos pressupostos teóricos da Lexicologia, no que se refere à estruturação e categorização do léxico, bem como a sua dimensão semântica. Como se trata de um estudo que traz como produto final um vocabulário, buscou-se embasamento também na Lexicografia, cujos princípios nortearam a compilação, classificação e organização das lexias, bem como a descrição dos seus significados.

Para melhor entendimento do campo de atuação desta pesquisa, no presente capítulo, apresentam-se alguns conceitos básicos inerentes a essas áreas interdisciplinares.

1.1 VARIAÇÃO E IDENTIDADE

A linguagem sempre exerceu fascínio sobre os homens que, desde a Antiguidade, já empreendiam sérias discussões a respeito desse fenômeno. Por volta de 1500 a.C., por exemplo, os indianos se dedicaram aos estudos sobre a linguagem a partir das gramáticas dos Vedas. Posteriormente, Yaska, que viveu entre os séculos VI e V a.C., debruçou-se sobre o estudo da etimologia, das categorias lexicais e da semântica das palavras do sânscrito. Sua obra, *Nirukta*, que significa *Explicação*, é o “mais antigo tratado sobre a linguagem preservado até hoje na Índia” (CÂMARA JR., 1990, p. 15). Nesse trabalho, buscou explicar como as palavras adquirem o seu significado. Para o autor, as palavras eram os menores portadores de sentido na linguagem. Com essa proposição, Yaska deu origem a uma ampla discussão sobre os princípios da semântica.

Embora despertasse muito interesse e tenha sido objeto de vários estudos, durante muito tempo, o tratamento dado à linguagem não levou em consideração as diferenças entre a língua escrita e a língua falada, bem como não revelou interesse pelos estudos da variedade não padrão da língua. Mesmo no século XX, a partir da instituição da Linguística como ciência, com metodologia e objeto de estudo próprios, ainda a língua era, muitas vezes, investigada como um fenômeno que não sofria interferência do meio social. Embora reconhecesse que a língua é a parte social da linguagem, Saussure (1916), que deu à Linguística o *status* de ciência, considerava a língua um sistema fechado, abstrato e

homogêneo, no qual o indivíduo está inserido e ao qual obedece. Para ele, o indivíduo não deveria ser observado, mas, sim, a parte social em que estava inserido, isto é, o sistema.

Com os estudos de Bright, precursor da Sociolinguística, a língua passou a ser estudada levando-se em conta os fatores extralinguísticos que determinam a mudança. Bright (*apud* ALCKMIM, 2000, p. 28) apresenta um conjunto de fatores com os quais se relaciona a diversidade linguística: a identidade social do emissor, que diz respeito aos estudos dos dialetos de classe e das diferenças entre falas masculinas e femininas; a identidade social do receptor, que se refere aos estudos das formas de tratamento; o contexto social, que corresponde ao estudo das diferenças entre a forma e a função do estilo formal e informal; o julgamento social que os falantes fazem do seu próprio comportamento linguístico e dos outros, ou seja, as atitudes linguísticas. Foi a partir de Labov (1972), representante mais importante da teoria variacionista, que se intensificou e ganhou notoriedade essa perspectiva de estudo. Para o autor, a língua recebe influências do meio e não serve apenas para comunicação, é também forma de interação, relação com outras pessoas e varia de acordo com a comunidade que a utiliza. Por isso, considera impossível compreender os fenômenos da variação e mudança linguística fora do contexto social da comunidade onde se produzem.

Como se observa, identidade e diversidade linguística estão estritamente relacionadas e, para compreender essa relação, é preciso entender o que é identidade. A questão da identidade tem sido objeto de estudo de várias áreas do conhecimento, tais como a filosofia, a psicanálise, a antropologia, a linguística etc., o que tem permitido diferentes conceitos a si atrelados. Sob a perspectiva da Sociologia, de acordo com Dubar (1997), a identidade é o resultado do processo de atribuição de identidades pelas instituições e pelos agentes em interação com o indivíduo. Tal processo só pode ser compreendido dentro dos sistemas de ação em que os indivíduos estão inseridos. Assim, a noção de identidade está diretamente relacionada com o contexto social no qual o indivíduo está inserido. A identidade, para si mesmo, então, diz respeito ao trabalho de interiorização de traços de identidade pelos próprios indivíduos. As identificações externas e a trajetória do indivíduo concorrem para esse processo de seleção ou rejeição.

A noção de identidade proposta por Dubar (1997) corresponde ao conceito de papéis sociais instituído por Castells (1999). Conforme o autor, papéis “são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade”, enquanto identidades “constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas e construídas por meio de um processo de individuação” (CASTELLS, 1999, p. 22-23). Nesse sentido, no que tange aos atores sociais, Castells (1999) concebe a identidade como um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de

atributos culturais inter-relacionados” (*id.* p. 22).

Coadunando com essa concepção de identidade, Bauman (2005) a compreende como um fenômeno construído pelos indivíduos, o qual pode ocultar a condição precária e inconclusa das relações sociais. Para o autor,

identidade significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar. E no entanto a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e depois disso, realizar ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos.” (BAUMAN, 2003, p. 21).

Nesse sentido, a identidade se constrói com base no liame que se estabelece entre um indivíduo e outro, a partir de relações estáveis. Compartilhando das mesmas ideias de Bauman, Hall (2006) fala de “identidades culturais”. Segundo ele, as identidades emanam do “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, sobretudo, nacionais. A identidade, então, está suscetível a mudanças de acordo com a forma como o sujeito é representado. Conforme Hall (*id.*), há três concepções de identidade relacionadas às diferentes visões de sujeito ao longo da história. Assim, tem-se o *sujeito do iluminismo*, que apresenta o ser humano centrado, racional, unificado e consciente, cuja identidade surge no seu nascimento e se desenvolve ao longo da vida num processo contínuo; o *sujeito sociológico*, o qual está envolvido na complexidade do mundo moderno e cuja identidade se constitui a partir da interação entre o “eu” e a sociedade; e o *sujeito pós-moderno*, o qual não possui uma identidade fixa, o que permite ao sujeito apropriar-se de diversas identidades em si, as quais são utilizadas conforme os sistemas culturais que o rodeia.

De acordo com Hall (2006), no mundo pós-moderno, a identidade é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (*id.*, p. 13). Nessa perspectiva, de acordo com Rajagopalan (2003), a identidade se constrói a partir de um esforço produtivo que se realiza no diálogo que se institui com valores que circulam no meio sociocultural. Para o autor, “a identidade do indivíduo se constrói na língua e através dela” (*id.*, p. 41). Certo é que a língua reflete o meio social onde é produzida, bem como através dos processos de aculturação e socialização, o indivíduo constrói sua identidade desde cedo. Assim, além da língua, a cultura também exerce papel fundamental na formação da identidade.

A forma como um indivíduo vê o outro dentro do grupo social no qual está inserido e pela qual vê os outros em relação a si mesmo é a identidade social. Segundo Bradley (1996, p. 14), a identidade social diz respeito ao modo como os indivíduos se posicionam na sociedade

em que vivem e ao modo como percebem os outros. Ela tem origem nas diversas relações sociais que os indivíduos mantêm e nas quais se engajam. Constitui-se num processo contínuo e, embora não seja construída de uma forma única, conforme Sarup (1996, p. 48), é sempre construída no simbólico, ou seja, na linguagem. Dessa forma, sendo o discurso a instância da linguagem por meio da qual se dá a interação social (BAKHTIN, 2002), é através dele que as pessoas constroem suas identidades sociais.

A questão da identidade social dos falantes tem sido tratada sob diversas perspectivas sociolinguísticas, nas quais sua noção é usada para explicar os fenômenos de variação linguística. Em seus estudos na comunidade de Martha's Vineyard, Labov (1972) evidenciou que a identidade local dos falantes atua fortemente na manutenção do uso de certas variantes próprias daquela localidade. Para Labov, uma comunidade de fala pode ser definida como “um grupo que partilha as mesmas normas em relação à língua” (1972, p. 158), as quais correspondem a juízos de valor atribuídos a certos usos linguísticos pelos falantes. Dessa forma, a variação linguística se constitui uma característica identitária.

Muito se discute sobre a relação entre língua e identidade. Considerando a língua como fator de identificação cultural, questiona-se principalmente como pode uma só língua identificar diferentes culturas. Sobre essa questão, Mira Mateus (2000) esclarece que a atividade linguística de cada indivíduo contribui significativamente para que este se reconheça e seja reconhecido pelo outro. Assim, afirma que esta é “na realidade um *fator de identificação cultural*, mas no uso, e pelo uso, que dela faz o indivíduo e não apenas por pertencer a uma das várias comunidades que a utilizam”. Como se sabe, a fala, concretização da língua, pode revelar muito do indivíduo, não apenas o domínio que tem sobre a língua, como também o gênero e a idade do falante, sua etnia, classe social, profissional etc. Para Le Page (*apud* BORTONI-RICARDO, 2005, p. 176) “todo ato de fala é um ato de identidade”, sendo a linguagem, por excelência, o índice da identidade. No entanto, o uso desse recurso está condicionado a determinados fatores. Para Le Page (*apud* LABOV, 2001, p. 27):

Each individual creates the system for his verbal behavior so that they shall resemble those of the group or groups with which time to time he may wish to be identified, to the extent that: (a) he can identify the groups; (b) he has both opportunity and ability to observe and analyse their behavioral systems; (c) his motivation is sufficiently strong to impel him to choose, and to adapt his behavior accordingly; (d) he is able to adapt his behavior.²

² “Cada indivíduo cria o sistema para seu comportamento verbal de forma que ele possa se parecer com aqueles do grupo ou grupos com o(s) qual (quais), de tempos em tempos, ele possa querer se identificar, na extensão em que: (a) ele possa identificar os grupos; (b) ele tenha tanto oportunidade como habilidade em observar e analisar seus sistemas comportamentais; (c) sua motivação é suficientemente forte para impeli-lo à escolha e para adaptar seu comportamento de acordo; (d) ele seja capaz de adaptar seu comportamento.”

As escolhas linguísticas do falante são processos que se relacionam às dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos papéis sociais que o falante assume na comunidade. Sobre essa questão, Guy (2001) afirma que são os traços linguísticos compartilhados que distinguem os membros de uma comunidade de fala, atribuindo-lhes uma identidade social, caracterizando-se também como marcadores de identidade local, visto que os membros da comunidade se comunicam mais entre si do que com outros, o que favorece a preservação de suas particularidades linguísticas.

Em *Variação lexical e prestígio social das palavras*, Preti (2003), ao tratar da introdução de lexis oriundas de grupos socialmente desprestigiados em certos gêneros escritos e em gêneros orais mais cultos, evidencia a mudança na expectativa linguística dos usuários na contemporaneidade. Ele afirma que a fala se incorpora à identidade das pessoas, concedendo-lhes maior ou menor prestígio no contexto social e demonstrando, assim, a identidade real ou a identidade pretendida do falante. Conforme Preti (2003, p. 51), a fala,

bem como outras fontes de informação, tanto pode conduzir-nos à identidade real do falante, quanto à sua identidade pretendida. No momento em que se tornam conhecidas, na sociedade, as características de uma fala tida como de maior prestígio dentro de um grupo social, os falantes podem incorporá-las a seu uso, pelo menos no que se refere a seu léxico, com o objetivo de criar uma identidade que almejam, mas não possuem.

1.1.1 As ciências da variação linguística

Como se sabe, nenhuma língua se apresenta como entidade homogênea. Toda e qualquer língua é um conjunto heterogêneo de variedades, e estudar essas variedades tem sido tarefa de diversas disciplinas, dentre elas, a Dialetoлогия e a Sociolinguística. De um modo geral, atribui-se o estudo das variedades geográficas, ou seja, da variação diatópica, à Dialetoлогия, e o estudo das variedades sociais e estilísticas, isto é, das variações diastrática e diafásica, à Sociolinguística. No entanto, não há um consenso entre os estudiosos quanto à área de atuação dessas duas disciplinas. Para alguns linguistas, cabe à Dialetoлогия tanto o estudo das variantes regionais quanto das sociais, haja vista que a sua finalidade geral é o estudo das falas.

Até certo ponto consideradas sinônimas por partilharem do mesmo objeto de investigação (SILVA-CORVALÁN, 1988, p. 8), tais disciplinas, “ao se ocuparem da diversidade de usos da língua, atribuem um caráter particular e individualizante ao tratamento de seu objeto de estudo” (CARDOSO, 2010, p. 26). O que as diferencia, portanto, é a

abordagem metodológica. Dessa forma, enquanto a Dialetoлогия busca diferenças entre áreas dialetais a partir de um fenômeno linguístico específico, a Sociolinguística analisa o comportamento desse fenômeno na comunidade linguística, considerando os fatores extralinguísticos que o condicionam.

A Dialetoлогия, ciência mais antiga que a Sociolinguística, fundamenta-se no princípio de que “a distribuição de uma comunidade numa certa área geográfica é fator de diferenciação linguística: cada ponto dessa área tem experiências sociais, históricas, culturais diferenciadas e isso tem repercussão na sua linguagem” (FARACO, 1998, p. 112). Trata-se de um ramo da linguística que pode ser compreendido tanto em sentido amplo quanto em sentido restrito. No primeiro caso, é a ciência que estuda a variedade regional de uma língua; no segundo, é a disciplina que propõe inventariar, sistematizar e interpretar variantes de uma língua ou de grupos de línguas, segundo uma perspectiva distributiva (distribuição espacial, cronológica ou social). Para tanto, realizam-se pesquisas *in loco*.

Para melhor compreensão da Dialetoлогия, faz-se necessário entender os conceitos de isoglossa e dialeto. Chama-se isoglossa a linha virtual que demarca a fronteira de um determinado traço linguístico. As isoglossas esboçam os contrastes e indicam as semelhanças linguísticas socioculturais. Podem ter influências diatópicas (horizontais), quando apresentam diferenças relacionadas aos fatores geográficos, ou diastráticas (verticais), quando apresentam diferenças relacionadas aos fatores sociais. Conforme o nível linguístico em que ocorre o fenômeno, podem ser isofônicas, isoléxicas, isomorfas ou isoglossa sintática. O feixe de isoglossas que possuem relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras constitui o que se denomina dialeto.

Os primeiros estudos dialetais datam do final do século XIX, quando os neogramáticos, na tentativa de confirmar as *leis fonéticas*, desenvolveram pesquisas a partir de dados extraídos dos falares locais na Alemanha, bem como Abade Rousselot e Gaston Paris empreenderam pesquisas a partir dos falares locais na França, por acreditarem que estes poderiam fornecer dados fundamentais para o conhecimento da história linguística romana. Nesse período, segundo Chambers e Trudgill (1994, p. 37), as descrições de áreas dialetais eram realizadas de forma intuitiva e fortuita, portanto não faziam jus aos grandes avanços da filologia e de outros estudos linguísticos. Posteriormente os estudos realizados pelo linguista alemão George Wenker e pelo suíço Jules Gilliéron promoveram um grande avanço para a Dialetoлогия. Em 1876, Wenker desenvolveu o primeiro estudo dialetológico moderno ao investigar os fenômenos fonéticos com base em um questionário com 40 frases pequenas, o qual foi enviado a 40.736 localidades por correspondência. Tais frases deveriam ser “traduzidas” pelos professores primários do norte da Alemanha para os seus respectivos

dialetos. Assim, com os dados coletados, em 1881, publicou o primeiro atlas linguístico alemão, intitulado *Sprachatlas des Deutschen Reichs*, consagrando-se como pioneiro nos estudos sistemáticos das variações da fala. Embora não se tenha estabelecido o controle das variáveis sociais, este trabalho foi de grande relevância para os estudos linguísticos, pois o resultado demonstrou que, ao contrário do que pressupunham os neogramáticos, uma mudança fonética não afeta todas as palavras do mesmo modo.

O *Atlas Linguistique de la France* (ALF), de Jules Gillierón, constitui um marco na história da Dialectologia. Com ele, instauram-se as bases da Geografia Linguística. Em colaboração com Edmond Edmont, Gillierón desenvolveu um estudo cujo objeto era o vocabulário dos camponeses, tendo como foco lexias restritas a uma determinada região, as quais foram coletadas *in loco*, mediante a aplicação de um questionário de palavras isoladas e algumas frases. Nesse estudo, considerou-se a distribuição espacial dos fatos linguísticos, por isso os pontos dos inquiridos foram determinados de acordo com a equidistância geográfica. A partir desse trabalho, que trouxe grande contribuição à Dialectologia, ficou evidente que os falares de uma língua não são isolados por fronteiras definidas e que fatores históricos, socioeconômicos e geográficos concorrem para o processo de dialeção. Com isso, questões culturais e materiais das comunidades passaram a ser consideradas, bem como outras dimensões foram acrescentadas aos estudos linguísticos. Elaborado entre os anos 1928 e 1940, o *Sprach-und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* (AIS), de Jaberg e Jud, por exemplo, contemplou informantes de faixas etárias diferentes, três níveis sociais e dois sexos. Além disso, analisou a relação entre a “coisa” e o objeto por ela designado, imprimindo um cunho etnográfico aos estudos dialetais. Também, entre os anos de 1939 e 1943, ao elaborar o *Linguistic Atlas of New England* (LANE), Hans Kurath estabeleceu critérios para a seleção dos informantes, correlacionando o fator geográfico, o social e o etário. Seu trabalho concorreu efetivamente para a divulgação da metodologia da Geografia Linguística.

O método da Geografia Linguística tem origem nos *Saggi Ladini* (*Ensaio Ladinos*), do linguista italiano Graziadio Isaia Ascoli (1873), que apresenta um estudo sobre os dialetos da antiga Récia, sob a perspectiva histórico-geográfica. Com os trabalhos de Wenker, o método foi sendo aprimorado, resultando, dessa forma, numa definição mais precisa das etapas necessárias para a produção de uma atlas, quais sejam: elaboração do questionário, aplicação do questionário, seleção das regiões ou localidades a serem pesquisadas, definição do tipo ideal e do número de informantes, bem como outras variáveis. Para Gillierón, no entanto, os estudos dialetológicos até então realizados revelavam apenas

mots ou forms peu sûrs, sans précision de lieux, de temps, de circonstances, de valeur,

recueillis dans des conditions si diverses qu'ils son rarement comparables entre eux. Au mieux, ce sont de matériaux de dictionnaire que viennent compléter les dictionnaires de langue literaire: dictionnaires, cimetière: on ne fait pas un tableau de vie avec les noms des épitaphie.³ (GILLIÉRON, 1926 *apud* TAGLIAVINI, 1959).

Evitando cometer as falhas verificadas nesses estudos, ao elaborar o ALF, Gilliéron deu mais sistematicidade ao método, o que conferiu um caráter científico à Geografia Linguística, cuja atividade pode ser resumida, conforme Castilho (1963, p. 106), em três etapas:

- 1) Aplicação do inquérito lingüístico por pessoas de apurada audição e sólida formação lingüística. Fixaram-se, neste particular, critérios para a seleção da área a ser percorrida e do informador, que deve ser pessoa de certa idade, pouco viajada e natural da região. Uma análise etnográfica da área a ser pesquisada deve preceder a aplicação do inquérito, uma vez que as perguntas serão organizadas segundo as peculiaridades culturais da região. Através dessas perguntas, ficará o inquiridor de posse de uma série de dados sobre o falar regional, relativos a flexões, fenômenos fonéticos, vocabulário, etc.
- 2) Os traços lingüísticos assim levantados serão passados para o mapa, havendo um para cada problema estudado. O conjunto dos mapas constituirá o atlas lingüístico. Unindo-se os pontos reveladores de traços comuns, obtém-se a isoglossa, que indica objetivamente a área dialetal.
- 3) O estudo e a interpretação dos mapas. O exame dos mapas pode revelar-nos os limites dialetais e a configuração de antigas camadas da língua, seu aspecto social e psicológico, a história das palavras, as colisões homonímicas, etc.

Considerada o “método por excelência da Dialectologia”, a Geografia Linguística tem como tarefa “recolher de forma sistemática o testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados” (CARDOSO 2002, p. 2). Ocupa-se, portanto, do estudo da língua falada em localidades ou regiões previamente selecionadas.

Como se verifica, os recursos interpretativos hoje empregados pela Sociolinguística já eram usados pela Dialectologia há muito tempo, antes mesmo de a Sociolinguística ter se consolidado como um ramo da ciência da linguagem. Assim, pode-se afirmar que a Dialectologia, com sua larga tradição e metodologia bem definida, trouxe valiosa contribuição à Sociolinguística, disciplina que surgiu nos anos 60 e se estabeleceu principalmente a partir das pesquisas do linguista americano William Labov.

Com o objetivo de comprovar que a língua é heterogênea e está condicionada a fatores extralingüísticos, Labov (2008) se dedicou ao estudo dos fatores sociais no processo de mudança lingüística. De acordo com o autor, as variações na língua falada deveriam ser examinadas levando-se em consideração o componente social, por isso propõe que esta seja

³ Palavras ou formas pouco seguras, sem exatidão de lugares, de tempo, de circunstâncias, de valor, recolhidas em condições tão diferentes que dificilmente são comparáveis entre si. Na melhor das hipóteses, são materiais de dicionários que vêm completar os dicionários de língua literária: dicionário, cemitério: não se faz um quadro de vida com os nomes dos epitáfios. (Tradução da autora).

analisada em situações reais de uso. No artigo *Empirical Foundations for a theory of language change*, apresentado em uma conferência na Universidade do Texas, em 1966, e publicado em 1968, Labov, Weinreich e Herzog expõem uma teoria de mudança linguística capaz de explicar como ocorre o processo de transição de uma língua, de um estado para o outro. No referido artigo, procuram responder à seguinte questão: “se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade?” (LABOV, 2008, p. 16). Para os autores, a solução se encontra no “rompimento da identificação de estruturalidade com homogeneidade” (*id. ibid.*). Por isso, propõem um modelo linguístico que acomoda sistematicidade e heterogeneidade sincrônica, separando sistema de homogeneidade.

Os resultados de pesquisas feitas por Labov em comunidades negras dos Estados Unidos revelaram a estreita relação entre os fenômenos linguísticos e os fatores sociais. De acordo com o autor, “estudos mais detalhados do contexto social em que a língua é usada mostram que muitos elementos da estrutura linguística estão envolvidos em variação sistemática que reflete tanto a mudança temporal quanto os processos sociais extralinguísticos” (LABOV, 2008, p. 40). Para o linguista americano, variação e mudança linguísticas são inerentes à natureza heterogênea do sistema linguístico e, por isso, o processo de mudança linguística só pode ser compreendido a partir do estudo da heterogeneidade linguística. Nessa perspectiva, voltando-se para a identificação dos processos de mudança linguística em desenvolvimento, os estudos de Labov evidenciaram que as formas linguísticas estão estritamente ligadas aos fatores sociais, revelando a intrínseca relação entre língua e sociedade, em que fatores geográficos, sociais, culturais etc. concorrem para a variação linguística.

A partir das proposições de Labov, a Sociolinguística se fixa como área da linguística que estuda a língua tomando como parâmetros os fatores externos, ou melhor, conforme afirma Silva-Corvalán (1988, p. 1), como

una disciplina independiente, con una metodología propia (...), que estudia la lengua em su contexto social y se preocupa esencialmente de explicar la variabilidad lingüística, de sua interrelación con factores sociales y del papel que esta variabilidad desempeña em los procesos de cambio lingüístico.⁴

De acordo com Mollica (2008, p.11), compete à Sociolinguística: “investigar o grau de

⁴ “uma disciplina independente, com uma metodologia própria, (...) que estuda a língua em seu contexto social e se preocupa essencialmente em explicar a variabilidade linguística, sua inter-relação com fatores sociais e o papel que esta variabilidade desempenha nos processos de mudança linguística”. (Tradução da autora)

estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático”. Tais variáveis podem ser internas ou externas à língua. As primeiras dizem respeito aos fatores de ordem fonética, morfológica, sintática, semântica, discursiva e lexical; as segundas, aos fatores próprios do indivíduo, como etnia e sexo; aos sociais, como escolaridade, nível de renda, profissão e classe social; e os contextuais, como grau de formalidade e tensão discursiva.

Os estudos que correlacionam variação linguística e fatores extralinguísticos têm revelado que as variáveis externas podem inibir ou favorecer o uso de determinadas formas linguísticas. Como se sabe, por desempenharem papéis distintos na sociedade, homens e mulheres são socialmente diferentes e, em consequência disso, apresentam comportamentos linguísticos diferentes. As mulheres, por exemplo, tendem a usar a forma linguística mais prestigiada (LABOV, 2006). Isso decorre principalmente da forma como as mulheres se inserem na sociedade e como constroem a sua identidade social.

A idade também é um dos fatores condicionantes da heterogeneidade linguística. Ao analisar a estratificação do /r/ nas lojas de departamento em Nova Iorque, Labov (2008) constatou que o fator idade estava fortemente relacionado ao fenômeno linguístico em estudo. Alguns estudiosos consideram este o fator que mais concorre para a variação linguística. De acordo com Moreno Fernández (1998, p. 40), “conforme o tempo passa, determina e modifica as características e os hábitos sociais dos indivíduos, incluindo os comunicativos e os puramente linguísticos”. Portanto, “de certa forma a idade condiciona a variação linguística com mais intensidade que outros fatores como sexo ou classe social”.

Estudar a língua considerando tais variáveis se reveste de grande importância para o conhecimento da realidade linguística de uma comunidade. Por isso, neste estudo, as variáveis sociais sexo e idade serão consideradas.

1.2 LÉXICO, CULTURA E TRABALHO

Duranti (1997, p. 26) afirma que “a língua é parte da cultura” e, nesta, sempre exerce um papel relevante. Assim, é impossível conceber um estudo linguístico dissociado da cultura.

Por muito tempo, a noção de cultura esteve associada ao saber adquirido através dos estudos, das ciências e da literatura. Nessa perspectiva, o conceito de cultura estaria restrito a criações artísticas e acadêmicas, excluindo os aspectos comuns da vida cotidiana de diversos

grupos sociais. Por esse prisma, muitos indivíduos não seriam dotados de cultura ou alguns teriam mais cultura do que os outros. Em 1871, Edward Tylor propôs uma definição de cultura, sob uma perspectiva antropológica, que superou essa concepção. De acordo com Tylor (1871 *apud* LARAIA, 1992), a cultura é “um complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (*id. ibid.*, p. 25). A proposta de Tylor, no entanto, tinha princípios evolucionistas. Para ele, havia uma escala evolutiva de progresso cultural e, para alcançar o nível das sociedades civilizadas, as sociedades primitivas deveriam percorrer tal escala.

A partir da abordagem apresentada por Tylor, muitas outras concepções de cultura foram propostas. Segundo Duranti (1997, p. 24), a cultura é geralmente entendida como “algo que é apreendido, transmitido e legado de uma geração a outra através das ações humanas”, mas, no que tange ao seu conceito, há divergências entre os estudiosos. Sobre esse aspecto, Laraia (1992), afirma que alguns antropólogos concordam com a seguinte definição: “culturas são sistemas de padrões de comportamento que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos” (*id. ibid.*, p. 59). Em *Cultura: um conceito antropológico*, o referido autor informa que as teorias idealistas de cultura se dividem em três abordagens: a) cultura como um *sistema cognitivo*, concepção defendida por Goodenough, o qual considera a cultura como um sistema de conhecimento que “consiste em tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável dentro de sua sociedade” (LARAIA, 1992, p. 61); b) cultura como *sistemas estruturais*, conforme a perspectiva de Lévi-Strauss, que considera cultura como “um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana” (*id. ibid.*); c) cultura como *sistemas simbólicos*, ideia defendida por Geertz e Schneider, os quais consideram a “cultura não um complexo de comportamentos concretos, mas um conjunto de mecanismos de controle (...) para governar o comportamento” (*id. p. 62*). Note-se que diversas são as propostas para definição do conceito de cultura. No entanto, embora apresentem diferenças, as ideias não se contrapõem.

Goodenough (1971) distingue cultura *visível* e cultura *invisível*. A primeira compreende os aspectos facilmente identificáveis como pertencentes a um grupo social, a exemplo da arte, da culinária, da língua, da vestimenta, da religião. A segunda diz respeito aos comportamentos, aos valores, às crenças, aos modos de interagir, ou seja, ao que se assimila inconscientemente e que dificilmente é percebido pelos membros de outros grupos. Para ilustrar, o autor utiliza a metáfora do *iceberg*: a ponta do *iceberg* seria a cultura *visível*; a sua base, submersa, seria a cultura *invisível*. O conceito de cultura que se adota neste trabalho está em consonância com a proposição de Goodenough.

Enquanto instrumento de comunicação social, a língua mantém uma estreita relação com a cultura de um povo e é, ao mesmo tempo, instrumento e elemento dessa cultura. A esse respeito, parecem oportunas as palavras de Câmara Jr. (1965, p. 18-20), ao dizer que a

língua se apresenta, pois, como um microcosmo da cultura. Tudo que esta última possui, se expressa através da língua; mas também a língua em si mesma é um dado cultural. Quando um etnólogo vai estudar uma cultura, vê com razão na língua um aspecto dessa cultura. Nesse sentido, é o fragmento da cultura de um grupo humano a sua língua. Mas, como ao mesmo tempo a língua integra em si toda a cultura ela deixa de ser esse fragmento para ascender à representação em miniatura de toda a cultura. E mais ainda: como elemento da cultura, a língua apresenta o aspecto curioso de não ser em si uma coisa cultural de per si, à maneira da religião, da organização da família, da arte da pesca etc.; ela apenas serve dentro da cultura como seu meio de representação e comunicação.

Através de um diagrama, cultura e língua são representadas por Câmara Jr., esquematicamente:



Dessa forma, o autor conclui:

Fica assim a língua como a representação em miniatura de toda a cultura de um povo. Essa sua qualidade de representar a cultura e de todo um mundo cultural ser visto e expresso através dela cria na língua um elo com a cultura, muito mais amplo e muito profundo.

Como se sabe, a totalidade de palavras de uma língua constitui o seu acervo lexical. É através dele que o homem exprime parte de suas ideias, alguns de seus conceitos e nomeia a realidade que o cerca. Conforme Sapir, (1961, p. 45) o “léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção de uma comunidade.” Por isso o léxico é o nível da língua que mais revela as especificidades de um determinado grupo social, pois qualquer sistema léxico, de acordo com Biderman (1978, p. 139) resulta da experiência acumulada pela sociedade e do seu acervo cultural ao longo dos anos. Assim, através de seu estudo, é possível compreender a forma como os membros dessa sociedade concebem a realidade que os rodeia.

Embora regido por regras, como é próprio a qualquer nível de análise, o léxico de uma língua é altamente dinâmico e criativo, por isso se encontra em constante reelaboração.

Devido às necessidades comunicativas de cada grupo, em função do progresso intelectual, social e econômico, as mudanças linguísticas ocorrem frequentemente e o léxico é o nível da língua que mais revela esse aspecto. Com o avanço científico e tecnológico, muitas lexias surgem para denominar as novas funções, as técnicas e os produtos introduzidos em cada grupo social. Em consequência, muitas lexias também podem entrar em desuso ou até mesmo serem substituídas por outras. Nesse processo de rearranjo, devido às constantes transformações sociais e culturais, muitas lexias podem chegar ao desaparecimento, mas, em contrapartida, podem reaparecer em outro momento apresentando uma nova conotação.

Embora o léxico seja o nível da língua mais sensível às transformações sociais, históricas e culturais e, portanto, mais passível de mutações, ele não é afetado em sua totalidade. O léxico se conserva, segundo Fiorin (2000, p. 39) porque ele

possui um fundo comum, que caracteriza uma língua e é tão resistente quanto a gramática, porque as noções que ele expressa, de um lado, não são afetadas por mudanças econômicas e sociais, e, de outro, porque são de uso geral e coloquial. Esse fundo comum é o sustentáculo da estrutura léxica de uma língua. O resto do vocabulário pode modificar-se mais ou menos rapidamente, porque reflete a vida sócio-econômica de um povo.

O léxico tem sua origem na própria ação dos falantes sobre a sua estrutura semântica porque, ao atribuírem sentidos peculiares às lexias, os falantes tornam possíveis a sua criação e conservação. A sua aprendizagem se dá de forma gradual e contínua, pois é através dos atos cognitivos da realidade e de categorização da experiência dos falantes que o léxico vai se incorporando à língua. Em função disso, Ullmann (1973) sugere que a investigação do significado do léxico tenha como ponto de partida o uso que os falantes fazem dessas lexias, primando sempre pela seleção de um número adequado de contextos, dos quais deverão surgir os significados.

Como bem afirma Fiorin (2000, p. 41), o léxico “forma-se na História de um povo”. Mas, ao se investigar o léxico de uma língua é possível não apenas conhecer as transformações pelas quais um grupo social passou, como também conhecer a sua organização hierárquica, suas atividades socioprofissionais, a evolução nos processos e técnicas empregados por ele, os seus valores, suas crenças, suas práticas. Ainda assinala Fiorin (*id.*, *ibid.*, p. 39) que o léxico

permite verificar o grau de desenvolvimento social de um povo, porque nos mostra a quantidade e o tipo de conhecimentos que ele detém. É reflexo da vida sócio-econômico-cultural de um povo e, portanto, contém a cristalização de sua vida material e espiritual.

Nessa perspectiva, no que tange ao léxico característico de determinados grupos profissionais, sua investigação permite compreender a forma como cada membro desse grupo capta e se relaciona com o meio em que sua atividade se encontra inserida, visto que tudo isso está impresso em sua linguagem, através das suas escolhas lexicais. Logo, considerando que a linguagem, além de viabilizar a interação entre os membros desse grupo, caracterizando-o, possibilita a consolidação das funções e equilíbrio entre os seus membros, torna-se bastante profícuo verificar de que forma o léxico influencia na estruturação de tais grupos, bem como investigar de que forma contribuíram para a formação desse léxico.

1.2.1 Estudos lexicais e atividades laborativas

Muitos estudos que tratam da relação entre léxico e atividades socioprofissionais de determinados grupos têm demonstrado como o reflexo das transformações na cultura material se imprime no léxico empregado por seus membros. Barreto (2006), por exemplo, ao analisar o léxico empregado pelos trabalhadores na confecção artesanal de fogos em Muniz Ferreira, na Bahia, verificou que a introdução de novas técnicas e instrumentos nessa atividade, ao longo dos anos, provocou o aparecimento de novas lexias para designar ações e instrumentos utilizados na execução desse trabalho, como os itens *roda*, *raque*, *encosto*, *tabela*. Em contrapartida, entraram em desuso as formas cujos referentes desapareceram, como *enchadeira de bomba*, *esponja*, *banguço*, *tabuleiro* etc. Além disso, a autora constatou também que as lexias empregadas para designar os elementos humanos envolvidos na atividade estão condicionadas à divisão hierárquica do trabalho, a qual suscita formas diversas para denominar o artesão conforme a tarefa por ele executada, como as lexias *enfiadeira de palito*, *enroladeira*, *amarrador*, *encaixadeira*, *cortador*, *escorvador* etc.

Santos (1996), ao estudar o léxico utilizado pelos trabalhadores artesanais das casas de farinha no distrito de Vila Guai, na Bahia, verificou que as atitudes dos informantes no que se refere ao trabalho que executavam, bem como o sentido que atribuíam às suas tarefas se refletiam nas designações e nos novos sentidos que elas assumiam no contexto social em que estão inseridos. A autora comprovou ainda que as transformações pelas quais o grupo passou ao longo do tempo também deixaram seus vestígios no léxico em questão. Em outro estudo, Santos (2004), ao analisar as denominações para os níveis hierárquicos em estaleiros da construção naval na cidade de Valença e no povoado de Cajaíba, em Camamu, na Bahia, constatou que o léxico empregado pelos profissionais tem sua estrutura na experiência e no

conhecimento da realidade, bem como nas relações semânticas que se estabelecem entre as palavras que nomeiam os diferentes níveis hierárquicos. Assim, tem-se as formas lexicais *mestre*, para nomear aquele que acompanha todo o processo de construção da embarcação, que entende e administra todas as etapas, delegando as tarefas; *oficial*, para designar o carpinteiro naval especializado, o qual trabalha sob a supervisão do mestre; *discípulo*, para se referir ao aprendiz de carpinteiro naval; e *ajudante*, que nomeia o auxiliar do carpinteiro, mão-de-obra não especializada.

De acordo com Isquierdo (2001), a análise de um léxico regional evidencia não somente as características da língua, como também o fato cultural que se revela através dela, o que torna possível compreender melhor o homem e sua forma de enxergar e expressar a realidade que o cerca. Ao investigar o léxico do seringueiro do Acre, verificou como o contexto extralinguístico tem forte influência no processo de nomeação de um novo elemento da realidade. Dessa forma, constatou que os seringueiros se utilizam, por exemplo, de verbos que indicam ações próprias do ser humano como *vadiar*, *judiar*, *sangrar* e *sarar* para designar fenômenos relacionados ao processo de coleta.

É evidente a importância da cultura dentro dos estudos linguísticos, pois, com bem afirmam Odgen e Richards em *O significado de Significado* (1972, p. 303),

linguagem está essencialmente enraizada na realidade da cultura, da vida tribal e dos costumes de um povo, e que não pode ser explicitada sem uma constante referência a esses contextos mais amplos da expressão verbal.

Assim, os trabalhos que tratam do acervo lexical relativo a atividades profissionais específicas se revestem de grande valor na medida em que permitem o registro e o resgate de itens lexicais que caminham para o desuso em decorrência de transformações no processo laborativo, bem como do desaparecimento de fatos culturais aos quais estão relacionados.

O léxico da pesca tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores, sob diversas perspectivas teórico-metodológicas e em diferentes comunidades de pescadores do país. Sob a perspectiva da Lexicologia, da Lexicografia, da Semântica, da Dialectologia, da Sociolinguística e da Etnolinguística, Santos (2010) investigou o léxico dos pescadores da comunidade do Canto do Mangue, em Natal, Rio Grande do Norte. Nesse trabalho, evidenciou a relação entre língua e sociedade e entre língua e cultura. Como resultado, apresentou um glossário geral (profissional e cultural).

A partir de uma abordagem sócio-etnolinguística, Costa (2012) estudou o léxico e a cultura dos pescadores de Raposa, no Maranhão. Com o objetivo de mostrar que os estudos lexicológicos indicam estreita relação entre o homem, a cultura e o ambiente em que estão

inseridos, registrou e descreveu o léxico dos pescadores da referida comunidade, buscando verificar em que medida o léxico retrata a realidade sociocultural desse grupo. De acordo com a autora, o léxico registrado em Raposa, comunidade formada basicamente por famílias de pescadores que migraram de Acaraú, Ceará, reflete o ambiente rural nordestino, principalmente o cearense, revelando seus costumes e suas tradições, tanto através das lexias, quanto da forma como se encontra organizada a atividade pesqueira na comunidade.

Um estudo dialetal sobre o léxico da pesca nas comunidades baianas de Siribinha e Bom Jesus dos Passos foi empreendido por Pereira (2011). Com um *corpus* constituído mediante inquéritos realizados *in loco*, sob uma perspectiva pluridimensional, buscou comparar a linguagem da pesca nas duas comunidades, verificando de que forma os fatores extralinguísticos, como sexo, idade, escolaridade, classe social e o contexto histórico-social, revelam-se nessa linguagem. Através da análise, constatou que, com a modernização dos meios de produção e o crescente movimento de unificação cultural, itens lexicais mais específicos foram substituídos por lexias mais genéricas e abrangentes, em decorrência do uso de novas tecnologias. Com esse trabalho, a autora intentou contribuir para o conhecimento da realidade sociolinguística do falar baiano no que tange à atividade pesqueira.

Especificamente sobre o léxico de pescadores na Ilha de Itaparica, destaca-se o trabalho de Moreira (2010), realizado na comunidade de Baiacu, em Vera Cruz. Baseando-se na Onomasiologia e na Semasiologia, sob a perspectiva da Semântica Estrutural Europeia e da Lexicologia, a autora analisou as designações para os pescadores e os apetrechos de pesca. Nesse estudo de caráter descritivo, procurou investigar como se estruturam os campos conceituais e os campos semasiológicos do léxico da referida comunidade. Através da análise, constatou que algumas formas lexicais evoluíram semanticamente, enquanto outras preservaram o seu significado na comunidade. Além disso, verificou a relação que se estabelece entre o conteúdo linguístico e a realidade extralinguística.

1.2.2 As ciências do léxico

Na perspectiva dos estudos linguísticos, o léxico tem sido objeto de análise de diversas disciplinas, sob os mais diferentes enfoques. No entanto, tradicionalmente as disciplinas que têm o léxico como objeto de estudo, com metodologias próprias e tarefas bem definidas são a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. Conforme Biderman (2001b, p. 16), o estudo e a análise da palavra, sua categorização lexical e sua estrutura cabem à Lexicologia. As tarefas

de compilação, classificação e análise das unidades do léxico, bem como sua organização em dicionários, vocabulários técnicos científicos e vocabulários especializados cabem à Lexicografia (BARBOSA, 1990, p. 153). Já a Terminologia se ocupa do estudo das noções e termos usados nas línguas de especialidade. Trata-se de uma disciplina cuja teoria se fundamenta “em la primera orientación, en la que la naturaliza del concepto, las relaciones conceptuales, la relación término-concepto y la atribución de términos a los conceptos ocupan um lugar clave⁵ (CABRÉ, 1993, p. 32).

Embora a Lexicografia e a Terminologia se ocupem da identificação de unidades lexicais e da elaboração de dicionários, há diferenças entre ambas no que tange ao repertório lexical. Enquanto a Lexicografia se ocupa do léxico geral, no qual as unidades lexicais são mais heterogêneas, a Terminologia trata de subconjuntos do léxico de uma língua e se limita ao universo referencial, restringindo-se apenas a um domínio específico do conhecimento humano.

Para mostrar a diferença entre as duas disciplinas, Biderman (2001b, p. 161) propõe o seguinte quadro contrastivo:

Lexicografia	Terminologia
unidades léxicas mais heterogêneas (quanto à forma e à função): palavras de significação e palavras instrumentais	unidades léxicas relativamente homogêneas: substantivos (maioria), adjetivos, verbos e alguns advérbios
mais abrangente	circunscrita a um domínio
não se restringe ao universo referencial	centrada no universo referencial
relaciona-se com todas as funções da linguagem: função referencial, f. emotiva, f. conativa, f. fática, f. poética, f. metalinguística	relaciona-se com a função referencial

Como se observa, a Lexicografia é mais abrangente do que Terminologia, permitindo o tratamento de itens lexicais diversificados. O presente estudo, de natureza sociodialetal, objetiva, como já referido, a construção do vocabulário da pesca na Ilha de Itaparica, a partir do levantamento e inclusão de itens lexicais considerando a sua heterogeneidade. Dessa forma, define-se como um trabalho de caráter lexicográfico, não terminológico.

Como presente estudo se fundamenta nos pressupostos teóricos da Lexicologia e da Lexicografia, cabem algumas considerações sobre tais disciplinas.

⁵ “na natureza do conceito, nas relações conceituais, na relação termo-conceito e a atribuição de termos aos conceitos ocupam uma posição chave”.

1.2.3 Os estudos lexicológicos

A Lexicologia, ciência antiga que se ocupa da descrição do léxico de uma língua, trata da análise de itens lexicais, sua categorização e estruturação, considerando a sua dimensão significativa. Segundo Vilela (1994, p. 10), pode abarcar a etimologia, a formação de palavras, a importação de palavras, a morfologia, a fonologia e a sintaxe, apresentando, ainda, uma relação particular com a semântica.

Para Coseriu (1979), a Lexicologia é o “ramo da linguística que estuda a estrutura do vocabulário da língua, sua composição, variedade, origem, mudanças históricas e adaptação às condições sociais da comunidade respectiva”. Nesse sentido, Matoré (1953) afirma que a Lexicologia é uma disciplina sociológica que tem como material linguístico as palavras. Assim, ao tratar das bases em que se fundamenta essa disciplina, ele postula que

la lexicologie se fondera non pas sur des formes isolées, mais sur des ensembles de notions, la structure et les relations étant expliquées par les faits sociaux, dont les faits de vocabulaire sont à la fois le reflet et la condition.⁶ (*id. ibid.* p. 94).

Como uma das disciplinas que tem o léxico como objeto de estudo, a principal tarefa da Lexicologia é estudar sua estruturação, seu funcionamento, as mudanças e variações, além de delimitar e definir a palavra. No entanto, por ser o léxico um sistema aberto e em constante expansão, torna-se muito complexa, ainda que possível, a sua sistematização e formalização em regras. Assim, no percurso que realizam no intuito de cumprir suas tarefas, os lexicólogos se deparam com diversos entraves. A definição e delimitação da *palavra*, por exemplo, tem sido uma das tarefas mais complexas, não havendo, dessa forma, um consenso entre eles. Para Biderman (2001a), este se constitui um problema teórico com sérias consequências em outros campos, principalmente na prática lexicográfica. Sobre esta questão, Dubois e outros (1999, p. 376) assinalam que o

estudo lexicológico moderno ainda trabalha, às vezes, a partir da noção de “palavra”. Ele define, então, a palavra como unidade de significação, caracterizada pela não-separabilidade dos diversos elementos que a realizam foneticamente e definida por suas possibilidades de comutação na unidade linguística que lhe é imediatamente superior, sintagma ou frase. O estudo lexicológico tomará por critério o rendimento funcional; a palavra será considerada uma unidade de significação realizada por fonemas e sempre identificável como tal, em função de suas possibilidades de comutação numa frase para formar novas frases.

⁶ “a lexicologia se fundamentará não sobre formas isoladas, mas sobre conjuntos de noções, a estrutura e as relações sendo explicadas pelos fatos sociais, dos quais os fatos do vocabulário são ao mesmo tempo o reflexo e a condição.”

A *palavra* sempre foi considerada uma unidade operacional básica pela teoria gramatical clássica, e os estudos morfológicos e sintáticos se fundamentaram nesse pressuposto. No entanto, o conceito de *palavra* sempre provocou muitas inquietações ao longo dos tempos, resultando em diversas posições radicais. Alguns sugeriram até mesmo que o termo fosse banido da Linguística ou substituído, devido a sua imprecisão e falta de definição ideal. Muitos linguistas como Bloomfield (1933), Hockett (1959) e Harris (1968) (*apud* BIDERMAN, 2001a) tomaram o morfema como o elemento básico de análise linguística, ignorando a palavra em seus estudos. Em contrapartida, outros linguistas suscitaram algumas propostas para a definição e delimitação de *palavra*. Para Biderman (2001a), o conceito de *palavra* pode ser explicitado a partir da teoria relativista de Sapir-Whorf. Conforme essa teoria, o mundo e a realidade social são traduzidos pela língua segundo um modelo próprio, o qual expressa, através de suas categorias gramaticais e léxicas, uma concepção de mundo que lhe é peculiar. Dessa forma, considerando que “cada língua recorta a realidade diferentemente e molda essa realidade em categorias linguísticas e mentais que lhe são exclusivas, então o conceito de palavra não tem valor absoluto” (BIDERMAN, 2001a, p. 114). Para a autora, por ser uma unidade psicolinguística que se concretiza no discurso com uma individualidade e por se situar entre o morfema e o sintagma, a palavra só pode ser identificada, delimitada e conceituada no interior de cada língua.

Vários são os critérios utilizados pelos linguistas para a definição e delimitação da palavra. No entanto, Biderman (2001a) aponta três como fundamentais: o fonológico, o gramatical e o semântico. Utilizando-se do critério fonológico, é possível verificar se a palavra se caracteriza imperfeitamente como sequência fonológica recorrente ao mesmo significado e, dessa forma, reconhecer segmentos coesos fonicamente. Através do critério gramatical, podem-se identificar as formas linguísticas manifestas nesses segmentos. Nele dois critérios atuam ao mesmo tempo: a classificação gramatical da palavra em função de seus marcadores e a função exercida por ela na sentença, explicitando as relações paradigmáticas e sintagmáticas. Por fim, através do critério semântico, pode-se identificar a unidade léxica expressa no discurso, visto que uma forma léxica não pode ser analisada esvaziada de sua significação.

Biderman (2001a, p. 154) ressalta a importância de se considerarem os três critérios na determinação das unidades léxicas. Para a autora, o linguista deverá operar simultânea e sucessivamente com os três. Nessa perspectiva, uma das definições mais antigas e que abarca os três critérios é a de Meillet (1926): “Un mot est défini par l’association d’un sens donné à

um ensemble donné de sons susceptible d'un emploi gramatical donné"⁷ (*id. ibid.*, p. 30). Muitos linguistas, no entanto, tem se limitado a um só critério, o que tem resultado definições diversas para *palavra*.

Outra questão que tem gerado controvérsias nos estudos lexicológicos diz respeito à designação da unidade lexical. Pottier (1974), por exemplo, sugeriu o termo *lexia* para denominá-la. Recorrendo ao critério lexical, afirma: "Une lexie naît d'une habitude associative"⁸ (POTTIER, 1974, p. 266). De acordo com o autor, a *lexia* "est l'unité lexicale mémorisée. Elle appartient à un catégorie (forme du signifié) ou des classes superiores"⁹ (*id. ibid.*, p. 265). O autor propõe quatro tipos de *lexias*: *lexia* simples, *lexia* composta, *lexia* complexa e *lexia* textual. Para ele, a *palavra*, menor unidade lexical, denominar-se-ia *lexia* simples. Esta se refere à "palavra" tradicional em vários graus, como *coroa*, *barco*, *rede*, *siri*. A *lexia* simples, de acordo com a sua visão, pode se unir a outro por hífen e formar outra unidade lexical, a qual ele denomina *lexia* composta. Para Pottier (1974), esse tipo de *lexia* é o resultado de uma integração semântica que se manifesta formalmente, como *agulha-branca*, *alto-mar*, *cação-de-escamas*. As *palavras* derivadas ou as compostas por prefixação, como *arrastar*, *caçonete*, *embarcar*, *espanar* também integram esse grupo. O autor afirma ainda que toda uma sequência pode se unir e formar um novo item lexical, como é o caso de "em si mesmo", do português, que deu origem ao item *ensimesmar-se* e "por Dios!", do espanhol, que deu origem a *por Dios*. A *lexia* complexa corresponde a uma sequência de *palavras*, separadas por espaços, sem hífen, em via de lexicalização, em graus diversos, como *bater pé de vara*, *boca do rio*, *carro de mão*, *mar aberto*, *maré grande*. As siglas também fazem parte desse grupo. De acordo com Pottier (1974), um tipo de *lexia* complexa pode chegar ao nível de um enunciado ou de um texto, o que se denomina *lexia* textual. Trata-se de charadas, dos provérbios e das tiradas.

Para delimitar ou determinar as *lexias*, Pottier (1974) apresenta quatro critérios, os quais, como o próprio autor admite, não são claramente suficientes: a) não autonomia de um componente: *Esubgalhar* → *os olhos*; b) não comutabilidade de um componente: *Peso-pesado* (caminhão) não se opõe a *um peso leve*; c) não separabilidade de um componente: *É uma mesa redonda/ Mesa redonda* (conferência); d) particularidade da estrutura interna: *Ter medo/ Fazer justiça/ Tomar coragem*.

⁷ "Uma palavra é definida pela associação de um sentido dado a um conjunto dado de sons suscetível de um emprego gramatical dado." (Tradução da autora).

⁸ "Uma *lexia* nasce de um hábito associativo." (Tradução da autora).

⁹ "A *lexia* é a unidade lexical memorizada. Ela pertence a uma categoria (forma do significado) ou a classes superiores." (Tradução da autora).

No que concerne à lexia complexa e à sequência discursiva variável, para distingui-las, Biderman (2001a) propõe os testes de substituição e de inserção. Através do teste de substituição, verifica-se a possibilidade de substituir um dos componentes da sequência sem alterar-lhe o sentido. Se não for possível, a sequência é uma lexia complexa. Para ilustrar, a autora utiliza as saudações *bom dia* e *boa noite*, as quais não permitem a substituição do adjetivo por outro mais ou menos sinônimo como *ótimo dia* e *ótima noite*. Assim, *bom dia* e *boa noite* já se encontrem, nos termos da autora, lexicalizados como lexemas.

Por meio do teste de inserção, verifica-se a possibilidade de inserir um termo numa sequência discursiva, sem que esta perca os seus traços. Biderman (2001a) mostra que, numa sequência como *dor de cabeça*, não se diria *dor “terrível” de cabeça*, mas sim *“terrível” dor de cabeça* ou *dor de cabeça “terrível”*. Da mesma forma, não seria possível inserir um advérbio em meio aos elementos de *mercado negro* (*mercado “muito” negro*). Assim, para ela, o teste de inserção revela que essas lexias estão lexicalizadas.

Quemada (1987) afirma que “les lexicologues sont les seuls à pouvoir normalizer les denominations des unités qu’ils étudient, en fonction des besoins spécifiques à leur discipline”¹⁰. No que tange às unidades lexicais, ele propõe uma terminologia baseada nos três planos linguísticos: o discurso, no qual se observam as unidades realizadas em contexto, em situação de enunciação e de comunicação; o código, no qual unidades estereotipadas, padronizadas, marcadas por sua frequência de emprego e um dado uso social se organizam e se associam de forma sincrônica funcional; o sistema, onde são reunidas, organizadas e associadas as unidades abstratas e seus traços virtuais. Nessa perspectiva, as unidades do código se denominam lexias. Estas correspondem à ideia relativamente espontânea que todo usuário faz de sua própria língua. São as unidades lexicais por excelência, as quais se opõem às unidades lexicais (morfemas ou categoremas), cuja regra e significado instrumental não dizem respeito diretamente à lexicologia.

De acordo com Quemada (1987), a lexia é uma unidade de significação estereotipada ou cristalizada (lexicalizada) que, num estado de língua delimitada sincronicamente e, em correlação com o universo sociocultural ao qual pertence, permite denominar uma coisa, uma noção, uma qualidade, uma ação. Assim, para ele, as lexias são elementos constitutivos do léxico, conjunto estruturado de signos lexicais que, a cada etapa da história de uma língua, funcionam simultaneamente. O léxico pode ser considerado a soma organizada de todas as unidades que pertencem à língua global, conjunto sincronicamente estruturado de subconjuntos específicos diassistematicamente marcados. Cada subconjunto do léxico global

¹⁰ “Os lexicólogos são os únicos a poder normalizar as denominações das unidades lexicais que eles estudam, em função das necessidades específicas a sua disciplina.” (Tradução da autora).

é regido por normas específicas que determinam o estatuto das lexias que o compõem. Considerando a análise morfológica e semântica, o autor distingue os diversos tipos de lexias de acordo com sua forma e seu significado. Para tanto, propõe as seguintes denominações: *lexias simples*, formadas de um elemento livre; *lexias construídas*, que podem ser *derivadas*, *compostas*, *recompostas*, *acronímicas*, *elípticas*; as *lexias complexas*, que são formadas de elementos ligados ou conjugados; as *lexias monossêmicas* ou *polissêmicas*; as *lexias neutras* e as *lexias marcadas*.

As unidades do discurso, as quais Quemada (1987) denomina *lexes*, *vocábulos* ou *lexoides*, são as unidades concretas, realizadas na enunciação. De acordo com ele, são as mais simples de se observar porque são compreendidas diretamente tal como se apresentam nos enunciados. Entretanto, não são sempre as mais fáceis de se identificar devido à sua grande plasticidade morfossemântica em situação de comunicação. A identificação da *lexe* implica o recurso ao universo do discurso a que eles pertencem, ou seja, ao conjunto de referentes presentes num dado texto e a fração do domínio de experiência que eles delimitam.

Os *lexemas* e *formantes*, unidades do sistema, correspondem aos signos lexicais mínimos, morfológica e semanticamente determinados dentro de conjuntos organizados, referências cronológicas, avaliações normativas e contextos de usos confusos e neutralizados. Nesse sentido, o *lexema* designa toda unidade mínima livre dessa categoria. Dessa forma, Quemada (1987) afirma que, fora de qualquer contexto sócio-histórico definido, *cavalo*, *pequeno*, *noite* são lexemas. Eles se caracterizam por um semantismo mínimo objetivo estável ao qual se podem associar alguns elementos sêmicos subjetivos fundamentais: *forte* para *cavalo*, *baixo* para *pequeno*, *nefasta* para *noite*. Os *formantes* correspondem às unidades lexicais mínimas presas, também denominadas *morfemas lexicais*. Incluem os afixos derivacionais, prefixos e sufixos; os elementos emprestados das línguas clássicas, direta ou indiretamente; são decorrentes da abreviação de lexias construídas ou complexas, o que muitas vezes torna difícil a sua identificação.

No que tange à classificação das lexias, no presente trabalho, adota-se a proposta de Pottier (1974). Para a distinção das unidades lexicais, adotam-se os critérios estabelecidos por Biderman (2001a).

A noção de campo lexical, extremamente importante para este trabalho, pois servirá de base para a elaboração das definições dos itens que constituirão o glossário, é outra questão que ainda gera controvérsias entre os lexicólogos. Conforme Dubois e outros (1999, p. 376):

A lexicologia choca-se com o problema dos campos semânticos. A abordagem linguística da relação entre língua e experiência do mundo é difícil, e os

pesquisadores têm confundido frequentemente campo conceitual (área recortada por um conjunto de conceitos oriunda da experiência: estuda-se, por exemplo, o vocabulário do parentesco, enquanto que o parentesco é, antes de tudo, um conceito socialmente vivido) e campo léxico (área recortada pelas relações privilegiadas entre unidades da língua, constituindo um micro-sistema no interior do sistema geral; por exemplo, o grupo homeoteleuto *père – mère – frère* revela, em francês, uma macroestrutura fônica no interior das relações de parentesco).

Nesse aspecto, é preciso estabelecer uma distinção entre *campo semântico* e *campo lexical*. Geckeler (1976) propõe que o termo *campo léxico* seja empregado apenas nos estudos que tratem exclusivamente de significados léxicos, enquanto o termo *campo semântico*, nos estudos que ultrapassem o nível lexical, visto que o adjetivo *semântico* é mais amplo e abarca questões extralinguísticas. Na perspectiva de Vanoye (1979), *campo semântico* diz respeito ao “conjunto de significações assumidas por uma palavra num certo enunciado”, já o *campo lexical* se refere ao “conjunto de palavras empregadas para designar, qualificar, caracterizar, significar uma noção, uma atividade, uma técnica, uma pessoa”. Assim propõe que, tomando um texto ou conjunto de textos, seja feito o arrolamento de todos os itens lexicais ligados a uma noção. Através do reagrupamento desses itens, considerando os opostos, os sinônimos, os associados etc., pode-se alcançar uma definição precisa da noção dentro do referido texto.

Desde a Antiguidade, a organização de itens lexicais em campos tem despertado o interesse da humanidade. Sobre esse aspecto, em *Histoire de la linguistique* (1956), na seção intitulada *Naissance d'une lexicographie*, Mounin (1956) afirma que os sumérios e acádios organizaram uma lista de palavras, a que se denominou “ciências das listas”. Nela os elementos lexicais foram organizados conforme uma classificação semântica. Assim, foram agrupadas nos seguintes campos semânticos¹¹: animais, pássaros, divindades, nomes de ofícios e objetos. Sobre essa questão, Mounin (*id.* p. 53) informa:

Des -2700, on trouve des recueils de signes, que fonctionnent déjà partiellement comme des lexiques unilingues: ils énumèrent les signes cunéiformes sumériens à plusieurs sens (par exemple un dessin signifie *bouche, parole, parler, cri, nez*), ainsi que les signes composés (avec le signe *gal*, le signe *ka*, etc.). Le classement de ces signes – ancêtre de nos classifications alphabétiques – est le suivant, parent des classements des caractères chinois: signes à I, puis 2, 3, n... traits horizontaux ; puis à I, 2, 3, n traits obliques; puis à I, 2, 3, n traits verticaux.¹²

Para o autor:

Ces recueils de signes constituent ce qu'on appelle la « science des listes » suméro-akkadienne, qui se présente comme un embryon de classement sémantique à base

¹¹ Note-se que, embora Mounin (1956) denomine *campo semântico*, trata-se de um campo lexical amplo.

¹² “Desde - 2700, encontram-se os coleções de signos, que já funcionam parcialmente como os léxicos unilíngues; eles listam os signos cuneiformes sumérios com inúmeros sentidos (por exemplo, um desenho significa boca, fala, falar, chorar, nariz), bem como signos compostos (com signo *gal*, o signo *ka*, etc.). A classificação destes signos - anterior à nossas classificações alfabéticas - é a seguinte, subjacente às classificações dos caracteres chineses: sinais com I, em seguida, 2, 3, n ... traços horizontais, em seguida, com I, 2, 3, n traços oblíquos, em seguida, I, 2, 3, n traços verticais.” (Tradução da autora).

linguistique formelle. Catalogues de noms divins, de noms de métiers, de gros bétail, de petit bétail, d'objets déterminés para *kus* (en cuir), *za* (en pierre), *bur* (vases), etc.; ou bien tous les animaux dont le nom dérive du signe chien (lion, chacal, renard, blaireau, loutre, gueparde), du singe âne (dromadaire, chameau, mulet, onagre, cheval), du signe rat, du signe poisson (la tortue y est incluse), du signe oiseau (ici se trouve un sous groupe que réunit les insectes et certains oiseaux, etc.)¹³ (*id. ibid.*, p. 53-54).

Mas foi só a partir do século XX que os estudiosos começam a estabelecer com rigor científico os princípios sobre a organização do léxico de uma língua, o que resultou em várias concepções sobre campos, bem como diversas denominações.

Geckeler (1976) informa que, desde o século XIX, o conceito de campo já era discutido em diversos trabalhos linguísticos. Segundo o autor, a ideia de campo linguístico já se encontrava presente no trabalho de Tegnér, em 1874, quando o autor fez uso do termo *campo*, bem como nos estudos de Humboldt (sec. XVII), o qual considerava a *articulação* a característica mais geral e mais profunda de toda língua. Também Baldinger (*apud* GECKELER, 1976) afirma que Abel, em 1885, já havia antecipado o conceito de campo linguístico em seu estudo. Entretanto, embora não tenha usado a terminologia, o primeiro a apresentar de maneira clara e detalhada a ideia de campo foi Meyer, em 1910, em seu trabalho intitulado *Sistemas semânticos*. Para o autor, sistema semântico é o agrupamento de um número limitado de expressões desde um ponto de vista individual (GECKELER, 1976, p. 100). Meyer (1910 *apud* GECKELER, 1976) define três tipos de sistemas: naturais, artificiais (os graus militares) e semiartificiais (linguagem de casa, terminologias profissionais). Tais distinções, conforme Geckeler (1976), de uma forma ou de outra, estabeleceram-se nos estudos posteriores, como os de Weisgerber (1954) e Coseriu (1967).

No que concerne ao domínio de uma língua em particular, o filósofo austríaco Adolf Stöhr, segundo Geckeler (1976), foi o primeiro a falar da relação de campos conceituais e totalidade de campos na obra *Lehrbuch der Logik in psychologisierender Darstellung*, publicada em 1910. O emprego do termo *campo* em sentido linguístico foi registrado em 1919, na obra *Die Ursprünge der Metapher*, de Heinz Werner. Entretanto, Saussure (1916) é considerado o grande precursor da ideia de campo porque, embora não tenha dedicado nenhum capítulo à Semântica em sua obra e não utilize o termo “campo”, os primeiros trabalhos, nesse sentido, foram empreendidos por ele. A respeito disso, Geckeler (1976, p.104), afirma que, em explicações sobre “o valor linguístico”, o mestre genebriano formula

¹³ “Essas coleções de signos constituem o que se chama a “ciência das listas” sumério-acadiana, que se apresenta como um embrião de classificação semântica à base linguística formal. Catálogos de nomes divinos, nomes de ofícios, de gados maiores, de gados menores, de objetos determinados por *kus* (de couro) objetos *za* (de pedra), *bur* (vasos), etc.; ou todos os animais, cujo nome deriva do signo cão (leão, chacal, raposa, texugo, lontra, leopardo), do signo asno (dromedário, mula, burro, cavalo), do signo rato, do signo peixe (a tartaruga está incluída), do signo pássaro (aqui se encontra um subgrupo que reúne os insetos e certas aves, etc)”. (Tradução da autora).

ideias que podem ser consideradas pertencentes aos fundamentos da teoria do campo, como, por exemplo, ao afirmar: “Puisque la langue est un système dont tout les termes sont solidaires et où la valeur de l’un ne résulte que de la présence simultanée des autres...”¹⁴ (SAUSSURE, 1916, p. 231). Para Geckeler (1976), as seguintes palavras do “pai da linguística” apontam para o conceito de campo:

Dans l’intérieur d’une même langue, tous les mots qui expriment des idées voisines se limitent réciproquement: des synonymes como « redouteur », « craindre », « avoir peur » n’ont de valeur propre que par leur opposition; si redouter n’existait pas, tout son contenu irait à ses concurrents.¹⁵

Além disso, quando da análise de “relações associativas”, Saussure (1916) instaura os princípios do pensamento em categorias de campos. A associação *enseignement, instruction, apprentissage, éducation* etc., utilizada pelo autor para ilustrar a relação associativa, revela possíveis componentes de um campo léxico.

Saussure (1916, p. 175) propõe que os campos associativos sejam analisados a partir de um vocábulo. De acordo com o autor, “Un terme donné est comme le centre d’une constellation, le point où convergent d’autres termes coordonnés, dont la somme est indéfinie”¹⁶. Assim, um campo associativo é formado por uma rede de associações por semelhanças, por contiguidade. Sendo o campo associativo extremamente aberto, as associações não têm limites. Mesmo considerando os vocábulos isoladamente, a sua proposta deu origem a vários estudos sobre os campos linguísticos, tomando como parâmetro a ideia de que cada palavra constitui o centro de uma constelação associativa. Desenvolvendo esses princípios teóricos, Bally (*apud* ULLMANN, 1973, p. 500), por exemplo, postula que um campo associativo é

um halo que circunda o signo e cujas franjas exteriores se confundem com o ambiente... A palavra boi faz pensar: 1) em “vaca, touro, vitelo, chifres, ruminar, mugir” etc.; 2) em “lavoura, charrua, jugo”, etc.; finalmente 3) pode evocar, e evoca em francês, ideias de força, de resistência, de trabalho paciente, mas também de lentidão, de peso, de passividade.

A primeira formulação da ideia explícita de campo foi apresentada por Ipsen (1924 *apud* GECKELER, 1976, p. 102-103). A ideia do mosaico, empregada mais tarde por Trier, em 1931, já se encontra em sua proposição:

¹⁴ “Uma vez que a língua é um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um não resulta tão-somente da presença simultânea dos outros.” (Tradução da autora).

¹⁵ “No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como recear, temer, ter medo só têm valor próprio pela oposição; se recear não existisse, todo seu conteúdo iria para os seus concorrentes.” (Tradução da autora).

¹⁶ “Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto onde convergem outros termos coordenados, cuja soma é indefinida.” (Tradução da autora).

Ademais, las palabras autóctonas no están nunca solas en una lengua, senon que se encuentran reunidas en grupos semánticos: con ello no hacemos referencia a un grupo etimológico, aún menos a palabras reunidas en torno a supuestas “raíces” sino a aquellas cuyo contenido semântico objetivo se relaciona com otros contenidos semánticos. Pero esta relación no está pensada como si las palabras estuviesen alienadas a una serie asociativa, sino de tal suerte que todo grupo forme um “campo asociativo” estructurado en si mesmo; como en un mosaico, una palabra se une aqui a la outra, cada una limitada de diferente manera, pero de modo que los contornos queden acoplados y todas juntas queden englobadas en una unidad semântica de orden superior , sin caer en una obscura abstración¹⁷.

Jolles e Porzig (1934 *apud* GECKELER, 1976), também apresentaram uma proposta de conceito de campo em seus trabalhos, porém os estudos desenvolvidos por Trier (1931 *apud* GECKELER, 1976) sobre os campos linguísticos são considerados de maior importância na Semântica moderna. Sendo fundamentais para a investigação dos campos léxicos, os seus conceitos foram retomados posteriormente por Geckeler, em 1976 e Guiraud e Lyons, em 1980. Partindo da ideia de língua como sistema e da articulação como característica basilar de toda língua, Trier (1931 *apud* GECKELER, 1976) desenvolveu uma proposta para o tratamento do significado lexical a partir de sua teoria do campo léxico. Ele considera o vocabulário de um estado sincrônico de língua uma totalidade semanticamente articulada em campos léxicos, os quais mantêm entre si uma relação de coordenação ou hierarquia, representando um todo articulado, uma estrutura. Nessa perspectiva, cada palavra adquire sua determinação conceitual em um campo léxico, a partir da estrutura do todo. Assim, segundo o autor, o significado de cada uma depende do significado de suas vizinhas conceituais e a compreensão de cada item se dá a partir da existência mental dos conjuntos articulados, em que cada elemento mínimo está geralmente em relação com o todo, embora não de maneira imediata em função da existência de uma escala de sistemas superpostos.

A partir de um estudo diacrônico da língua alemã, Trier (1931 *apud* GECKELER, 1976) comprovou que o vocabulário e a visão de mundo sobre o conhecimento mudaram ao longo do tempo. Tal mudança nos limites de um conceito provocou uma mudança dos conceitos vizinhos e das palavras que os exprimem. Com isso, verificou que as palavras podem ser agrupadas em campos linguísticos, bem como dependem uma das outras dentro desse sistema. Como se observa, a sua proposição se fundamenta nos princípios teóricos desenvolvidos por Humboldt (séc. XVII), no que se refere à noção de articulação, e por Saussure (1916), no que tange à ideia de sistema. De acordo com ele, a segmentação da

¹⁷ “Ademais, as palavras autóctones nunca estão sozinhas em uma língua, senão que se encontram reunidos em grupos semânticos: com isso não fazemos referência a um grupo etimológico, ao menos a palavras reunidas em torno de supostas “raízes”, mas àqueles cujo conteúdo semântico objetivo se relaciona com outros conteúdos semânticos. Porém esta relação não está concebida como se as palavras estivessem alienadas a uma série associativa, mas de tal maneira que todo grupo formado um “campo associativo” estruturado em si mesmo; como em um mosaico, uma palavra se une aqui à outra, cada uma limitada de diferente maneira, mas de modo que os contornos permanecem acoplados e todas juntas permaneçam englobadas em uma unidade semântica de ordem superior, sem cair em uma abstração obscura.”(Tradução da autora).

linguagem em campos representaria uma das maiores contribuições à teoria do significado.

Importante notar que a diferença entre campo lexical e campo associativo reside na forma como as unidades lexicais se organizam. Enquanto neste os itens lexicais se estruturam mais evidentemente por fatores extralinguísticos, naquele os itens lexicais se organizam com motivação mais linguística, ou seja, associam-se por componentes de significação.

Por não apresentar uma metodologia própria, a teoria dos campos proposta por Trier (1931 *apud* GECKELER, 1976) gerou diversas críticas e sugestões, em contrapartida, suas ideias deram origem a inúmeros trabalhos. Com o intuito de criar uma semântica estrutural, a partir da ampliação dessa teoria, Coseriu (1967 *apud* GECKELER, 1976) introduz uma terminologia coerente e, sobretudo, o emprego de um método que repousa em bases linguísticas. A proposição de Coseriu (1967) para a delimitação do campo léxico parte do princípio de que “desde el punto de vista práctico un campo se establece por oposiciones simples entre palabras, y termina allí donde una nueva oposición exigiría que el valor unitário del campo (contenido archilexemático) se convierta en rasgo distintivo”¹⁸ (GECKELER, 1976, p. 308). Assim, compreende-se que um campo é uma solidariedade léxica, um paradigma lexical onde se estabelece oposição através de traços distintivos de conteúdos. A concepção de campo léxico apresentada pelo autor não se opõe completamente à de Trier. Para o linguista romeno, campo lexical é um “paradigme constitué par des unites lexicales de contenu (“lexèmes”) se partageant une zone de signification continue et se trouvant en opposition immédiate les unes avec les autres”¹⁹ (COSERIU, 1975, p. 31).

Coseriu (1967 *apud* GECKELER, 1976) apresenta três conceitos fundamentais referentes ao campo lexical: o de arquilexema, lexema e sema. Arquilexema é uma unidade que corresponde a todo o conteúdo de um campo léxico, o qual pode ou não estar expresso em uma unidade léxica. Refere-se a um item lexical que compreende o conjunto de semas pertinentes e comuns a vários itens lexicais. *Embarcação*, por exemplo, é um arquilexema para o campo composto por *barco, jangada, catraia, canoa, saveiro, navio, lancha*. Do ponto de vista do conteúdo, o lexema é toda unidade dada na língua como lexias simples. Sema diz respeito ao traço semântico distintivo (mínimo) na análise do conteúdo. Alguns dos traços distintivos para os componentes do campo lexical das embarcações, por exemplo, são: *movida a vela, movida a remo, movida a motor*.

¹⁸ “desde o ponto de vista prático um campo se estabelece por oposições simples entre palavras, e termina ali onde uma nova oposição exigirá que o valor unitário do campo (conteúdo arquilexemático) se converta em traço distintivo.” (Tradução da autora).

¹⁹ “paradigma constituído de unidades lexicais de conteúdo (lexemas) compartilhando de uma zona de significação contínua e se encontrando em oposição imediata uns com os outros”. (Tradução da autora).

De acordo com Coseriu (1975), a oposição imediata pode se estabelecer entre um arquilexema (expresso ou não) e um lexema, ou entre os arquilexemas. Nesse sentido, um campo pode abarcar outro campo, constituindo uma parte de outro campo, de ordem superior. Dessa forma, as oposições se estabelecem, nos termos do autor, entre lexemas dentro de um microcampo. Por outro lado, todo um microcampo pode se opor, enquanto arquilexema, a um lexema ou a outros arquilexemas dentro de um macrocampo.

Para Coseriu (1975), o campo lexical é uma *estrutura paradigmática primária do léxico*, revelando-se, assim, a estrutura paradigmática por excelência. Nessa perspectiva, utilizando exemplos das línguas românicas, propõe uma tipologia estrutural dos campos lexicais, baseando-se nos seguintes critérios: 1) *o número de dimensões manifestadas pelas oposições de um campo*; 2) *a maneira como as dimensões se combinam entre si no interior do campo*; 3) *o tipo “ôntico” das oposições lexemáticas*; 4) *o tipo de relação entre conteúdo e a expressão dos lexemas (e de suas oposições)*. A partir desses critérios, Coseriu (1975) propõe uma classificação dos campos lexicais sob três diferentes pontos de vista: a) de acordo com a sua configuração; b) de acordo com seu significado objetivo; c) de acordo com sua expressão. Assim, conforme a configuração, há:

a) *campos unidimensionais: antonímico*, que se constitui apenas de dois itens opositivos, como *pequeno – grande*; *gradual*, constituído de oposições graduais, como *frio, morno, quente*; *serial*, que pode ser *ordinal*, como *segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo*, e *não-ordinal*, como *rosa, margarida, tulipa, bromélia*;

b) *campos pluridimensionais: bidimensional (correlativo*, em que se combinam duas oposições “polares”, como *fácil-difícil/leve-pesado*; *não correlativo*, como *branco – cinza - preto*);

c) *multidimensional (hierárquico (correlativo e não correlativo)*, em que as dimensões se apresentam de maneira sucessiva, como *passado, presente, futuro*; e *seletivo (simples e composto)*), como o campo dos assentos, formado por *cadeira, banco, sofá, poltrona*.

Considerando o significado objetivo, distinguem-se os *campos substantivos*, constituídos por oposições substantivas, como o campo das cores: *azul, vermelho, verde, amarelo*; e os *campos relacionais (posicional e não posicional)*, constituídos por oposições relacionais, como por exemplo, o campo dos meses e nomes de parentes.

De acordo com a expressão, há os *campos regulares*, como por exemplo, no campo dos nomes de parentes, a correlação de sexo *pai – mãe, genro – nora* e *irregulares*, como por exemplo, o campo dos nomes das árvores frutíferas, derivadas de nomes de frutas em

espanhol e em português, que apresenta certa irregularidade; os *campos contínuos*, em que não há recursividade e os *campos recursivos*, em que os mesmos itens podem ser incluídos em várias distinções, como as designações para as plantas, por exemplo.

A semântica estrutural ou lexemática se ocupa da definição e descrição da estrutura do significado léxico de uma determinada língua. Seu objeto de estudo são as estruturas léxicas de conteúdo manifestadas em campos conceituais. A estrutura compreende as oposições distintivas, dessa forma, o objeto da semântica estrutural são as *oposições distintivas léxicas de conteúdo*. As estruturas de conteúdo se referem às estruturas lexemáticas cuja identificação requer a distinção entre relações de significado (relações entre os significados dos signos) e relações de designação (relações entre os signos e objetos).

Geckeler (1976) afirma que a percepção das noções de *significação* e *designação* é de fundamental importância para a compreensão da teoria do campo léxico. De acordo com o autor, a significação é um conceito relacional definido como relações no plano do conteúdo. Como os lexemas funcionam em campos léxicos, trata-se, portanto, de relações entre significados. Já a designação se refere à relação de signos linguísticos, em sua totalidade, com os objetos da realidade extralinguística. Para o autor, a diferença entre significação e designação reside nos seguintes aspectos: a) *aparentemente apenas as relações de significação são estruturáveis*; b) *enquanto a designação de determinado objeto é um fato do discurso, a significação é uma ato de língua*; c) *na perspectiva sincrônica, as relações de significação são invariáveis, enquanto as da designação são variáveis*; d) *enquanto a designação pode ser metafórica, a significação, do ponto de vista sincrônico e distintivo, não pode*. Essas distinções se baseiam nas proposições de Coseriu (1967 *apud* GECKELER, 1976), para o qual a *significação* pode ser considerada a “virtualidade” da *designação*. Trata-se de funções linguísticas distintas, pois a significação é conceitual e a designação, material. Por isso a designação por meio da língua constitui algo secundário, visto que só se concretiza através da significação. Para Geckeler (1976), é através das relações designativas que se chega às relações significativas, e o estudo das estruturas léxicas deve ter por base esse fundamento.

No que se refere à organização dos itens lexicais, adota-se a concepção de campo lexical apresentada por Coseriu (1967, *apud* GECKELER, 1976).

1.2.4 Os estudos lexicográficos

A Lexicografia é uma prática antiga e tradicional que surgiu a partir da necessidade de se compreenderem as palavras e expressões que dificultavam a leitura dos textos. Embora na

Antiguidade não se tenham produzido obras lexicográficas no sentido que atualmente se dá a esse termo (BIDERMAN, 1984), para alguns linguistas, a Lexicografia é, dentre as ciências do léxico, o mais antigo dos domínios, cuja origem se encontra na Antiguidade Clássica em que eram compilados glossários e nomenclaturas, como o glossário *Linguae Latinae* (I séc. A.C.), do gramático romeno Varrão, o qual apresentava informações de caráter semântico e etimológico de algumas palavras latinas.

Tradicionalmente considerada como a “arte de compor dicionários”, em meados do século XX, a Lexicografia ganha um novo *status* a partir do momento em que as obras lexicográficas despertam o interesse dos linguistas, tornando-se objetos de investigação da linguística moderna. Sobre essa questão, Seabra (2011, p. 29-30) informa:

Podemos dizer que foi na Espanha, no prólogo escrito por Ramón Menéndez Pidal para o *Diccionario Vox*, dirigido por Samuel Gilli Gaya (1945) e, também, na obra *Introducción a la lexicografía moderna* (1950), de Julio Casares, que se abriram os caminhos para essa transformação, que começa a se consolidar com o congresso realizado em 1960 na Universidade de Indiana (EUA), onde se reuniram linguistas e lexicógrafos. Desde então, paralelamente à prática lexicográfica, foi-se fazendo, cada vez mais presente, com o avanço dos estudos linguísticos, a prática teórica.

Tendo o léxico como objeto de estudo, a Lexicografia pode ser entendida, segundo Borba (2003), sob duas perspectivas: como técnica de montagem de dicionários e como teoria. Enquanto técnica, “ocupa-se de critérios para a seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes etc.” (BORBA, 2003, p. 15). Como disciplina teórica, “procura estabelecer um conjunto de princípios que permitem descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar informações pertinentes.” (*id. ibid.*).

Para Sanromán (2005, p. 51), “a principal tarefa da lexicografia é registrar factos linguísticos e não legislar sobre os mesmos, abandonando as atitudes normativizadoras, puristas ou até xenófobas da lexicografia tradicional” (*id. ibid.*). De acordo com o autor, o dicionário não reflete a língua enquanto uma abstração, haja vista que o lexicógrafo reúne apenas um repositório de usos já consagrados pela norma ou pelas classes culturalmente prestigiadas. Sobre esse aspecto, Machado Filho (2010, p. 41) salienta que os trabalhos de caráter lexicográfico, principalmente no Brasil, não privilegiam a variação. De acordo o autor,

têm os dicionários de língua, preferencialmente, porém não exclusivamente, utilizado textos escritos, na composição dos corpora, e como condicionador maior, obviamente, a norma-padrão, excluindo do processo de lematização os elementos que consideram os lexicógrafos como erros ortográficos, posição que não se pode

considerar inapropriada na estrita perspectiva metodológica, embora seja em algum grau politicamente incorreta, que se diga, já que veladamente despreza outros usos linguísticos.

Machado Filho (2010), no intuito de promover a difusão da realidade linguística brasileira no que se refere aos usos lexicais e com vistas a instaurar uma Lexicografia Variacional, propõe o aproveitamento da base de dados dos projetos de elaboração de atlas linguísticos na confecção de um dicionário dialetal²⁰, o que representa, de acordo com o autor, “uma oportunidade transdisciplinar de bom termo, nomeadamente para o avanço da lexicografia moderna” (*id. ibid.*, p. 42).

No que tange ao termo Lexicografia, este pode se referir tanto à técnica de elaboração de dicionários quanto à sua análise, por isso o seu uso gera certa ambiguidade. De acordo com Dubois e outros (1999, p. 367), trata-se de um termo

tão ambíguo quanto lexicógrafo, que pode designar, ao mesmo tempo, o lingüista que estuda a Lexicografia e o redator de um dicionário. Distinguem-se, assim, a ciência da lexicografia e a prática lexicográfica e, do mesmo modo, o lingüista lexicográfico e o autor de dicionário.

Certo é que, através da Lexicografia, é possível o estudo e a descrição do universo lexical das línguas naturais. Ela oferece o suporte científico para a elaboração dos mais diversos tipos de obras lexicográficas, como os dicionários, glossários e vocabulários. Nesse sentido, como bem afirma Fernandez-Sevilla (1974, p. 15):

Tal como se viene entendiendo y practicando – cuando se practica bien – en nuestra época, la lexicografía es una técnica científica encaminada a estudiar los principios que deben seguirse en la preparación de repertorios léxicos de todo tipo, no sólo diccionarios sino también vocabularios, inventarios, etc. No es labor de aficionados sino profesión a la que se consagran hombres de ciencia de modo preferente o exclusivo, solos o en equipo.²¹

Sobre esse aspecto, Welker (2004) esclarece que a palavra *lexicografia* corresponde a duas atividades diferentes que, como resultado, apresentam produtos distintos. Assim, têm-se

²⁰ Sob a coordenação do professor Américo Venâncio Machado Filho, encontra-se em andamento o Projeto Dicionário Dialetal Brasileiro (DDB), o qual tem como *corpus* os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e visa ao “desenvolvimento de um dicionário que possa assegurar a difusão mais ampla do conhecimento da realidade linguística brasileira, no que tange aos usos lexicais, de forma a atender, de maneira econômica e com maior amplitude, o acesso indexado, por parte dos estudiosos da língua e da cultura e da população em geral, aos dados dialetais hoje disponíveis” (MACHADO FILHO, 2010, p. 41).

²¹ “Tal como se vem compreendendo e practicando - quando se pratica bem - em nossa época, a lexicografia é uma técnica científica destinada a estudar os princípios que devem ser seguidos na elaboração de repertórios lexicais de todos os tipos, não apenas os dicionários, mas também vocabulários, inventários, etc. Não é trabalho de amador, mas profissão a que se dedicam os cientistas de modo preferencial ou exclusivo, sozinhos ou em equipe.” (Tradução da autora).

a *lexicografia prática* e a *lexicografia teórica*. A elaboração de dicionários é a atividade da *lexicografia prática*, cujos produtos são os dicionários. Segundo Welker (*id.*), não há um consenso no que tange à percepção dessa atividade, a qual já foi concebida como uma ciência, uma técnica, uma prática ou até mesmo uma arte. De acordo com o autor, considerando a definição para ciência ‘Corpo de conhecimentos sistematizados que, adquiridos via observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias de fenômenos e fatos, são formulados de metódica e racionalmente’, apresentada pelo *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, a *lexicografia prática* não é uma ciência, mas sim uma técnica. A *lexicografia teórica*, também denominada *metalexigrafia*, ocupa-se do estudo dos dicionários. Esta, que tem como produtos os conhecimentos adquiridos e divulgados, para o referido autor, pode ser compreendida com ciência.

Para referir-se à *lexicografia prática*, Wiegand (1983 *apud* WELKER, 2011) utiliza apenas o termo *lexicografia* e, para a *metalexigrafia*, emprega *pesquisa sobre dicionários*. Para ele, enquanto a *lexicografia* é “uma prática científica que tem como objetivo a publicação de dicionários” (*id. ibid.*, p. 31), a *metalexigrafia* abrange quatro subáreas, quais sejam: *história da lexicografia*, *teoria geral da lexicografia*, *pesquisa sobre usos de dicionários* e *crítica de dicionários*. Como disciplina teórica, cabe à metalexigrafia definição das tipologias de obras lexicográficas, o qual tem sido um de seus grandes desafios. Conforme Haensch (1982), a classificação das obras lexicográficas (dicionários, vocabulários, glossários etc.) tem sido uma tarefa muito difícil, a qual está sujeita a muitos problemas práticos e teórico-linguísticos.

Como não há um consenso na definição dos tipos de obras lexicográficas, a utilização, sobretudo dos termos glossário e vocabulário, tem gerado muitas controvérsias. Devido à similaridade dos conceitos, os dois termos, por vezes, são empregados indistintamente. Para Haensch (1982), por exemplo, o termo vocabulário é sinônimo de glossário. Este corresponde ao repertório de palavras, em sua maioria de termos técnicos, que não se pretende ser exaustivo e cuja seleção de palavras é feita ao acaso. A exemplo disto, ele cita o glossário de termos ecológicos espanhol-inglês.

Atendo-se mais ao conceito de dicionário, Haensch (1982), propõe uma classificação para as obras lexicográficas a partir de pares opostos. Assim, há os seguintes tipos: semasiológicas e onomasiológicas; normativas e descritivas; monolíngues e plurilíngues. Como obras onomasiológicas, encontram-se os dicionários pictóricos, ortoépicas, ortográficas, de formação das palavras, de construção e regime (valência), de colocações, de dúvidas e de sinônimos. Os dicionários de fraseologia, modismos, refrões, neologismos, históricos e os dicionários de língua em ordem alfabética correspondem às obras

semasiológicas. As obras que apresentam caráter prescritivo, principalmente aquelas dirigidas aos estudantes, correspondem às normativas. Trata-se de obras descritivas aquelas que mostram o uso do vocábulo. As obras monolíngues referem-se aos dicionários gerais de uma determinada língua. Aos dicionários para aprendizagem de idiomas correspondem as obras bilíngues.

Barbosa (2001), por sua vez, propõe uma classificação de acordo com os níveis de atualização da língua: sistema, norma e fala. Nessa perspectiva, os dicionários de língua, que reúnem todo o universo de lexemas, correspondem ao nível do sistema. No nível da norma, enquadram-se os vocabulários, sejam eles fundamentais, técnico-científicos, especializados, os quais têm como unidade-padrão o vocábulo e constituem-se como *conjuntos-vocabulários*. Ao nível da fala, correspondem os glossários que, conforme Barbosa (1995, p. 3), “apresenta unidades lexicais extraídas de um único texto manifestado e definidas em suas significações específicas, correspondentes a cada palavra-ocorrência, no mais alto nível de densidade sêmica, sem reunir, em um só verbete, duas ou mais palavras-ocorrências com a mesma forma de expressão”.

Ainda no que tange às definições de glossário e vocabulário, Barbosa (1995, p. 4) salienta a necessidade de distingui-los com base num critério qualitativo-quantitativo. De acordo com a autora,

o vocabulário busca ser representativo de um universo de discurso – que compreende, por sua vez, **n** discursos manifestados –, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva; glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado, em sua especificidade léxico-semântica, em uma situação de enunciação e de enunciado, em uma situação de discurso exclusiva e bem determinada.

Tal como as demais disciplinas das mais diversas áreas do conhecimento humano, a Lexicografia também desenvolveu sua metodologia própria, a qual é denominada por Werner (1982) *Teoria da Lexicografia*. Sobre essa questão o autor afirma:

Muchas disciplinas científicas han desarrollado una metodología científica propia; lo mismo ocurrió con la Lexicografía. El que se dedica a tareas lexicográficas de certa envergadura (sobre todo a la elaboración de diccionarios) necesita amplios conocimientos teóricos sobre las posibilidades y los supuestos metódicos de esta actividad. En estos supuestos metódicos repercuten, por un lado, los conocimientos de todas las ramas de la lingüística, y por outro, las condiciones y exigências de trabajo, prácticas, tecnológicas y socioeconómicas.²² (*id. ibid.* p. 93).

²² “Muitas disciplinas científicas têm desenvolvido uma metodologia científica própria; o mesmo ocorreu com a Lexicografia. O que se dedica a tarefas lexicográficas de tal envergadura (especialmente a elaboração de dicionários) necessita de amplos conhecimentos teóricos sobre as possibilidades e os pressupostos metodológicos dessa atividade. Nestes pressupostos metodológicos, repercutem, por um lado, os conhecimentos de todos os ramos da linguística, e por outro, as condições e exigências de trabalho, práticas, tecnológicas e socioeconômicas.” (Tradução da autora).

Nessa perspectiva, Borba (2011) aponta as condições necessárias ao trabalho do lexicógrafo. Para ele, como “o profissional que prepara dicionários de língua” e cujo campo de atuação “é a língua como sistema, ao qual ele chega por meio da investigação sistemática de diversos discursos vigentes numa comunidade linguística num dado período” (*id. ibid.* p. 17), o lexicógrafo deve se ocupar do *léxico em circulação*. Nesse sentido, para a elaboração do dicionário, de acordo com Borba (*id.*, p. 17-18), o lexicógrafo

terá que levantar primeiro as propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas do léxico. Isso quer dizer que o lexicógrafo precisa, em primeiro lugar, conhecer bem as técnicas de análise de línguas, seja no nível fonomórfico, seja no nível sintático-semântico. Complementarmente, ele ainda precisa estar a par de todo um conjunto de princípios e praxes estabelecidas ao longo do tempo pela prática lexicográfica. Como linguista, poderá escolher uma técnica descritiva embasada, por exemplo, numa teoria gramatical que lhe permita construir modelos capazes de dar conta da estruturação adequada dos verbetes de seu dicionário. Como técnico, precisa estar a par dos princípios e normas que orientam a lexicografia. Assim terá elementos para estabelecer critérios de controle de macro e microestruturas.

Os estudos revelam que a não observância a esses parâmetros tem resultado em incoerências e lacunas nas obras lexicográficas. Isquierdo (2007) ressalta que a ausência de informações sobre a macro e microestrutura é um dos problemas apresentados pelos dicionários. Em sua maioria, não se encontram definidos, por exemplo,

objetivos do dicionário, público a que se destina a obra e a extensão da nomenclatura, teoria lexical adotada, estrutura do verbete (tipo de definição, fontes das abonações) e, particularmente, os critérios e as fontes utilizadas para a classificação dos regionalismos (*id. ibid.*, p. 201).

Ferramentas metodológicas de grande importância na construção de uma obra lexicográfica, os conceitos de macro e microestrutura introduzidos por Rey-Debove (1971) contribuíram para o aprimoramento da produção lexicográfica. Na perspectiva de Rey-Debove (1971, p. 21), a macroestrutura pode ser definida como “l'ensemble des entrées ordonnées, toujours soumise à une lecture verticale partielle lors du repérage de l'objet du message”. Já a microestrutura, para Rey-Debove (1971, p. 151), pode ser definida como

l'ensemble des informations ordonnées qui suivent l'entrée; cet ensemble a une structure constante qui répond à un programme et à un code d'information applicable à n'importe quelle entrée (l'ordre des informations permet, au mieux, une consultation interne).²³

²³ “o conjunto de informações ordenadas após a entrada; esse conjunto tem uma estrutura permanente que responde a um programa e a um código de informações aplicável a qualquer entrada (a ordem das informações permite, na melhor das hipóteses, uma consulta interna).” (Tradução da autora).

A microestrutura diz respeito ao conjunto de itens e indicadores. Os primeiros correspondem às todas as informações fornecidas sobre um determinado lema em um verbete, já o segundo compreende as marcas tipográficas, como itálico, negrito e colorido etc., bem como e não tipográficas, a exemplo de sinais, símbolos, parênteses etc., empregados nos itens presentes na microestrutura. No que tange à sua organização, a microestrutura deve ser padronizada. Sobre esse aspecto, Barbosa (1999, p. 41), afirma que a microestrutura de base se compõe “das ‘informações’ ordenadas que seguem a entrada e têm uma estrutura constante, correspondendo a um programa e a um código de informações aplicáveis a qualquer entrada”. *A entrada e o enunciado lexicográfico* compõem o *verbeta*. Para o registro da *entrada lexical*, também denominada *lema* e *endereço*, não há um modelo pré-determinado. Este varia conforme o projeto lexicográfico, ou seja, a macroestrutura. Os indicadores tipográficos e não tipográficos, que são de responsabilidade do dicionarista, também podem variar.

A *definição*, considerada o eixo central do *verbeta*, refere-se ao enunciado que explicita detalhadamente o conteúdo semântico do *lema*. Explicitando a importância da definição lexicográfica, Murakawa (2007, p. 241-242) afirma:

A definição lexicográfica é (...) a parte essencial na construção do *verbeta*. Segundo Dubois e Dubois (1971, p. 110), o dicionário é a “fonte de estudos lingüísticos”. Ele é testemunha da atitude que uma comunidade adota com relação à sua língua. O dicionário, tendo por objeto a língua e suas realizações, registra as modificações que ela sofre ao longo do tempo. E não apenas isso: é através dele que se conhece a evolução científica, técnica e cultural de uma sociedade. É, portanto na definição enquanto eixo central do *verbeta*, que vamos encontrar a língua e suas realizações, e a evolução científica, técnica e cultural de que falam os lingüistas franceses.

De acordo com Dubois e outros (1999, p. 167), a definição

é a análise semântica da palavra de entrada. Consta de uma série de paráfrases sinónimas da palavra de entrada, constituindo cada paráfrase, distinta das outras, um sentido ou, na terminologia lexicográfica, uma acepção. As definições (ou sentidos) seguidas umas das outras por números, travessões, barras, etc., sucedem-se segundo uma relação histórica ou lógica (às vezes na ordem da frequência na língua).

As discussões em torno da definição têm origem em Platão e Aristóteles e perdura até os dias atuais, sendo tratada por muitos estudiosos, principalmente filósofos, lógicos e semanticistas. Assim, são diversos os tipos de definição propostos, os quais geram certa imprecisão terminológica e confusão no que tange aos conceitos. Com objetivo de elucidar tal questão, em *Brevíssimo glossário lexicográfico*²⁴, Machado Filho (2011) distingue os vários

²⁴ Livremente adaptado de STERKENBURG, Piet van (ed.). *A practical guide to lexicography*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

tipos de definição. Nas palavras do autor, a definição pode ser:

- a) *Analítica*: analisa o significado de um item lexical a partir do “genus proximum”, i. e., o hiperônimo, e da “differentia specifica”, i. e., os traços exclusivos de significado desse mesmo item, em relação aos outros semas de um dado campo lexical.
- b) *Descritiva*: expressa sistematicamente, objetivamente e explicitamente o significado e o uso de um determinado item lexical, suas colocações e restrições de seleção, assim como outros padrões sintáticos.
- c) *Enciclopédica*: concentra-se na apresentação do significado de um determinado item lexical, mais especificamente, em função do conhecimento do mundo do que do conhecimento linguístico.
- d) *Extensional*: consiste na enumeração de outros itens integrantes da mesma classe ou campo do “definiendum”.
- e) *Intensional*: especifica as propriedades ou os traços distintivos de um dado item lexical e que o individualiza perante outros integrantes de um mesmo campo lexical.
- f) *Lexicográfica*: apenas o “genus proximum” e a “differentia specifica” compõem a codificação da informação de um dado item lexical.
- g) *Lógica*: procura dar conta de todos os traços de significado depreensíveis de um determinado item lexical, a partir de seu “genus proximum” e de todos os traços sêmicos em oposição ou não em um mesmo campo lexical.
- h) *Sentencial*: ultrapassa a formulação sintática de uma frase.

Sem pretensões de empreender uma discussão em torno dos diversos tipos de definição, convém explicitar que tradicionalmente se costuma opor a *definição lógica*, também denominada *definição real*, à *definição lexicográfica*, com base no pressuposto de que a *definição lógica* trata das coisas do mundo real e a *definição lexicográfica* trata das palavras.

A definição sinonímica, que se constitui por meio de “alegados equivalentes semânticos”²⁵, ou seja, diz-se que a palavra definida significa o mesmo que alguma outra palavra, é um tipo de definição refutado por alguns linguistas, a exemplo de Weinreich (1984, p. 115), que afirma:

²⁵ Anotações de aula da disciplina *Léxico da língua portuguesa*, ministrada pelo Prof. Américo Venâncio Machado Filho, no Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, no semestre 2007.I.

Sinônimos perfeitos são, porém, raros em língua naturais, especialmente na maioria não-hipertrofiada, e são um meio de descrição ineficiente e não fidedigno. Por outro lado, o arrolamento linear de sinônimos não-perfeitos de um termo não limita efetivamente seu significado. Portanto, o método, embora comum em dicionários elegantes, deveria ser descartado.

O exemplo e a abonação são elementos essenciais na microestrutura de um dicionário de língua. O exemplo corresponde a exemplo propriamente dito, que é de autoria do próprio lexicógrafo. Trata-se de uma sentença elaborada especialmente para ilustrar o emprego de um determinado item lexical. Já aquela extraída de um livro ou de um determinado *corpus* se denomina abonação. Para quem consulta o dicionário, os exemplos e as abonações funcionam como modelos de codificação. Por isso, devem ser realmente ilustrativos do uso das unidades lexicais.

Os elementos referentes à macro e microestrutura serão abordados no capítulo 5, em que serão apresentados os critérios adotados para a elaboração do vocabulário da pesca na Ilha de Itaparica- BA.

Como este estudo trata de uma análise do léxico dos pescadores da Ilha de Itaparica-BA, cujo resultado final será um vocabulário, busca-se, com base na Lexicologia, o registro e a descrição desse léxico, revelando a experiência cultural e as transformações históricas e sociais pelas quais a comunidade linguística em estudo passou. Através da Lexicografia, por outro lado, com sua arte e técnica, objetiva-se organizar sistematicamente esse léxico, o que resultará no vocabulário geral dos pescadores da Ilha de Itaparica.

2 OS CAMINHOS DA ARTE: BREVE HISTÓRICO DA PESCA

O ato de capturar peixes ou outros seres aquáticos, como crustáceos, moluscos, equinodermos (estrelas-do-mar, ouriços-do-mar, pepinos-do-mar) etc. em rios, lagos e mares para a sobrevivência, por esporte ou com o objetivo de comercializar constitui o que se pode denominar, em linhas gerais, de pesca.

Como se sabe, assim como a caça e a agricultura, a pesca é uma atividade praticada desde o período pré-histórico, em que o homem, buscando os meios necessários para a sua sobrevivência, recorria ao meio aquático para conseguir sua alimentação. Nesse período, por ainda não ter desenvolvido as formas tradicionais de cultivo e criação de animais, o homem dependia basicamente da pesca e da caça para sobreviver. No entanto, antes de praticar a pesca com os equipamentos específicos, o homem primitivo já colhia moluscos, o que pode ser comprovado através dos achados de restos de cerâmicas usadas no preparo do alimento, cascas de ostras e mexilhões na Escandinávia.

Os primeiros artefatos relacionados à atividade da pesca surgiram no período Paleolítico superior, de que são exemplos, as lâminas de osso pontiagudo nos dois extremos e os grandes arpões em osso de rena. Nesse período, a importância do peixe para o homem foi registrada através da arte rupestre, nas representações de cenas de pesca. Sobre esse aspecto, Dias (2007, p. 1) afirma:

Há vestígios da existência de pesca em lugares arqueológicos do período do Paleolítico, há cerca de 50 mil anos atrás sendo a pesca, juntamente com a caça, uma das primeiras profissões do homem. No Sul dos continentes Africano e Europeu há pinturas rupestres datadas de há 25000 anos atrás representando peixes e cenas de pesca. Depósitos de conchas e de restos de ossos – conhecidos por “kitchen middens” encontrados no litoral um pouco por todo o mundo, usados pelos arqueólogos para identificar locais de assentamento de populações nos primeiros dias da civilização, revelam a utilização de bivalves para a alimentação.

No período Neolítico, o homem desenvolveu novas técnicas de pesca. Por isso, nessa época, surgiram o anzol, a rede, pesos de rede e flutuadores. Já na Idade do Bronze, além da pesca com redes de pesos e flutuadores, também é registrada a pesca a linha, com uso de anzol de cobre e bronze (cf. Figura 1).

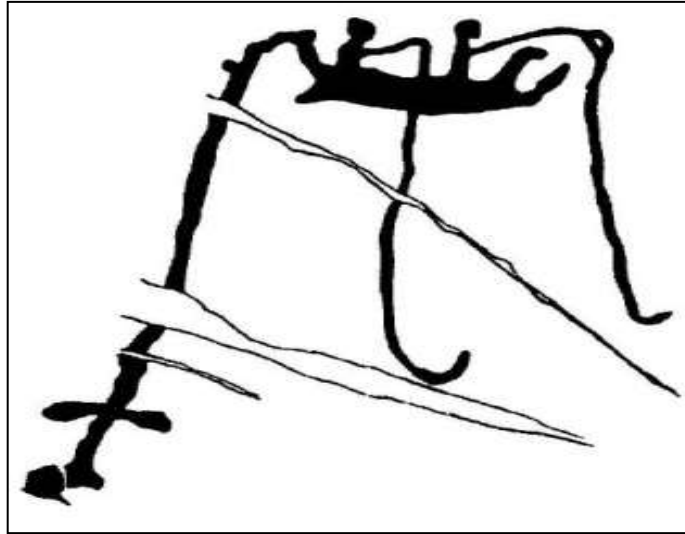


Figura 1: Pesca de anzol (gravura em rocha, da Idade do Bronze Nórdica. In: Fernö & Olsen, 1994 (*apud* DIAS, 2007)).

No Crescente Fértil²⁶, região do Oriente Médio onde surgiu a agricultura e que marca o início da história, os canais de irrigação, além de servirem para a rega dos terrenos áridos, também forneciam peixes. Nessa área, a pesca teve grande importância, visto que os peixes eram usados em trocas comerciais. A Figura 2 permite visualizar a região aproximada do Crescente Fértil:



Figura 2: Mapa da região do Crescente Fértil.
Fonte: Site Treino de História. Disponível em: <<https://www.treinodehistoria.blogspot.com.br>>. Acesso em: 20 set. 2014.

Na região do Egito, praticava-se a pesca à linha, em pequenos barcos, ou a pesca com rede de arrasto, conforme demonstram várias representações da atividade da pesca,

²⁶ Compreende atualmente Israel, Cisjordânia e Líbano e partes da Jordânia, da Síria, do Iraque, do Egito, do sudeste da Turquia e sudoeste do Irã.

pescadores e os equipamentos de pesca (cf. Figuras 3 e 4).



Figura 3: Quadro considerado o mais antigo que representa a pesca com cana e linha, em 2000 a.C.

Fonte: Site Pesca & Mar. Disponível em: <<http://www.pescamar.paginas.sapo.pt>>. Acesso em 15 set. 2011.



Figura 4: Pintura retratando pescadores na tumba de Mereruka em Sacará, Egito.

Fonte: Site Wikipedia. Disponível em: <<http://www.wikipedia.org>>. Acesso em 15 set. 2011.

De acordo com Lourenço (2010), as principais técnicas de pesca durante a Antiguidade eram:

- a) a pesca com anzol, que era realizada de duas formas: 1) através de uma cana de matéria vegetal flexível e resistente, em que um fio de linho ou de crinas de cavalo, geralmente de cor neutra, era envolvido à ponta da cana e no anzol, ligando-se um flutuador em cortiça ou casca de pinheiro, para dar o sinal de captura do peixe, além

- de um pequeno peso de chumbo; 2) em uma embarcação como apoio, com anzóis de tamanho considerável em que se utilizava uma chumbada pesada. Pequenos insetos, moluscos, vermes, vísceras de peixe e eram utilizados como isca nesse tipo de pesca;
- b) a pesca com rede, praticada em todo o Mediterrâneo na época clássica, era realizada de diversas formas: 1) através da técnica do arrasto, que consistia num retângulo largo colocado verticalmente na água formando uma grande bolsa no centro, sendo a rede puxada por dois barcos, a fim de arrastar todos os peixes para a bolsa central; 2) com o uso de uma pequena rede com pesos de chumbo afunilados lançada diretamente na água de um lugar elevado perto do mar;
- c) a *rypoché*, um tipo de pesca em que se utilizava um rede de mão para capturar pequenos peixes, ostra e mexilhões;
- d) a pesca com navas, que consistia em uma armadilha geralmente de forma alongada, feita com vime ou esparto, com pequenos compartimentos estreitos, para onde o peixe era atraído através de uma isca. A armadilha era presa em uma corda no fundo do mar, tendo uma boia na superfície para indicar a sua localização;
- e) pesca de candeio/arpão e tridente, em os peixes eram atraídos à superfície pela forte luz de archotes²⁷ e quando se aproximavam eram atingidos pelos arpões ou tridentes.
- f) *almadraba*²⁸, técnica que consistia em conduzir os peixes a uma rede até a câmara do copejo e, uma vez dentro do cerco, os barcos se afastavam até os peixes virem à superfície da água, onde eram atingidos por tridentes e arpões (cf. Figura 5).
- g) pesca por envenenamento, que consistia no uso de substâncias venenosas ou entorpecentes extraídas de determinadas plantas, cujos subprodutos eram espalhados na água, provocando a morte ou a incapacidade dos peixes, que vinham à superfície da água e eram facilmente capturados;
- h) currais de pesca, que consistiam em construções artificiais de forma circular ou

²⁷ *Fecho breado que se acende para iluminar, em geral ao ar livre.* (FERREIRA, 1999).

²⁸ *Armação de pesca de atum.* (FERREIRA, 1999).

semicircular, feitas com blocos de pedra ou escavados na rocha, onde os peixes e crustáceos eram encurralados quando da subida da maré.



Figura 5: Pescador com um arpão de duas cabeças em uma pintura de parede no túmulo de Usheret Tebas, Dinastia XVIII, por volta de 1430 a.C.

Fonte: Wikimedia. Disponível em: <<http://www.wikimedia.org>>. Acesso em: 15 set. 2011.

Praticada a pé em regiões costeiras, nos tempos primitivos, a pesca era uma atividade individual que consistia em recolher moluscos, crustáceos e peixes, um a um, como se dá nos dias atuais. Posteriormente, surgem os instrumentos de arremesso, como as lanças, setas e arpões utilizados na captura de espécies isoladas. Com a criação das barragens e armadilhas, a pesca se volta para a captura de peixes em maior volume. O aperfeiçoamento das barragens deu origem às redes, que se tornaram mais finas com a obtenção dos fios de sisal, em seguida, o algodão e, atualmente, o fio sintético.

A partir do Cristianismo, o homem passou a considerar o peixe uma refeição nobre, provocando o aumento do seu consumo e o estabelecimento da pesca marítima. Na Idade Média, o peixe passou a ser usado como moeda de troca entre os senhores feudais e os camponeses. Foi a partir do século IV que a pesca teve impulso, quando os monges passaram a fabricar redes apropriadas para a pesca marítima. Já no século VII, a atividade pesqueira se tornou muito popular e o consumo de peixe se consolidou na Europa. Foi nesse período que surgiu a pesca da baleia, cuja carne se consumia como alimento e seu óleo era utilizado como combustível para iluminação das casas e ruas, como lubrificante, e na fabricação de sabão.

Embora nos dias atuais se perceba um melhoramento nos processos de captura do peixe, com uso de equipamentos modernos feitos com materiais mais resistentes e de melhor qualidade, ao longo do tempo, a pesca sofreu poucas alterações, pois os equipamentos e os processos de captura de peixes de que se dispõe atualmente são os mesmos ou muito

semelhantes àqueles usados na Antiguidade. Equipamentos como rede, linha, anzol, arpão, flutuadores, pesos, por exemplo, foram registrados há cerca de 10.000 anos a.C.

A pesca de linha de mão inicialmente era praticada sem anzol. Posteriormente, passou a ser praticada com *anzóis direitos* e, depois, com *anzóis curvos* feitos de pedra, osso, madeira e metal. A fim de capturar o peixe em melhores condições e com mais facilidade, o homem passou a utilizar as embarcações, as quais foram aperfeiçoadas ao longo do tempo, permitindo a prática da pesca, antes limitada às zonas costeiras, em regiões de alto-mar, distanciando-se cada vez mais.

Conforme Dias (2007, p. 3), foi a revolução industrial que promoveu o grande desenvolvimento da pesca. Para o autor,

o florescimento da indústria pesqueira, em especial devido à motorização – o aparecimento do barco a vapor (1840-1900) e à descoberta e divulgação de novos métodos de conservação do pescado - para além da salga, da seca e da fumagem - tais como a refrigeração e a congelação e à expansão da pesca para regiões cada vez mais afastadas da costa. A motorização permitiu também um grande desenvolvimento nos equipamentos de convés para manipulação das artes de pesca (aladores de rede e de cabos, paus de carga, guinchos, etc) tornando possível operar com redes cada vez maiores e longos aparelhos de anzol ou teias de armadilhas.

Atualmente diversos métodos de captura têm favorecido a pesca: a pesca elétrica, pesca com bombas sugadoras, pesca com luzes elétricas de várias cores que são colocadas a certa profundidade e a pesca com máquinas de colheita. Além disso, outros fatores têm contribuído muito para o desenvolvimento dessa atividade: a utilização da eletrônica na pesca tanto na navegação quanto na localização dos peixes, através de sondas e sonares²⁹; o uso das imagens de satélite para identificar as zonas com condições ambientais propícias para a concentração de determinadas espécies.

2.1 A PESCA NO BRASIL

Com grandes rios e afluentes favorecendo a pesca, no Brasil, essa atividade já se havia estabelecido entre os indígenas antes de os portugueses aqui chegarem, bem como as tribos indígenas já tinham desenvolvido seus métodos próprios para a confecção de canoas e equipamentos para a captura de peixes. Os peixes, crustáceos e moluscos sempre tiveram grande importância na alimentação dos indígenas. Como se sabe, os indígenas se alimentavam basicamente da caça, da pesca e de frutos e raízes, mas, muito diferente dos povos da

²⁹ *Técnicas e equipamentos para detectar objetos imersos em água e determinar-lhes a posição e a velocidade, utilizando a emissão de pulsos de ultra-sons e recepção e identificação do eco* (FERREIRA, 1999).

Antiguidade, os indígenas utilizam flecha e arco para a captura dos peixes. Em *Viagem à terra do Brasil*, Léry informa a respeito das técnicas utilizadas pelos índios:

Terminado direi, ainda, a respeito do modo de pescar dos tupinambás, que além das flechas usam também espinhas à feição de anzóis, presas a linhas feitas de uma planta chamada tucom. Também penetram no mar e nos rios em jangadas, a que chamam de piperis: são feitas de cinco ou seis paus redondos. Quando o tempo está bom e os selvagens pescam separadamente, parecem de longe, tão pequenos se vêem, macacos ou melhor rãs, aquecendo-se ao sol em achas de lenha solta na água (...) (LÉRY, 1980, p. 148-149).

Referindo-se ao modo como os indígenas pescavam, em *Tratado Descritivo do Brazil em 1587*, Sousa também informa: “Pesca este gentio com uns espinhos tortos que lhe servem de anzoos com que matam muito peixe, e á flexa, para o que são mui certos, e para matarem muita caça” (SOUSA, 1851, p. 347). E mais adiante completa:

Não pescam estes índios nos rios á linha, porque não tem anzoos; mas para matarem peixe, colhem uns ramos de umas ervas como vides, mas mui compridos e brandos, e tecem-nos como rede, os quaes deitam no rio, e tapam-no de uma parte á outra; e uns tem mão n’esta rede e outros batem a agua em cima, d’onde o peixe foge e vem-se decendo até dar n’ella, onde se ajunta; e tomam ás mãos o peixe pequeno, e o grande matam ás flechadas sem errarem uma (SOUSA, 1851, p. 353) .

Através do processo de colonização, a pesca se desenvolveu significativamente no Brasil. Sua influência, no que concerne ao aspecto socioeconômico do país, revela-se mediante a formação de várias cidades a partir de núcleo de pescadores ao longo do litoral brasileiro. Conforme Diegues (1983), três diferentes culturas contribuíram para a pesca no Brasil: a) a cultura indígena, com o preparo do peixe para a alimentação, a produção de jangadas e canoas, as flechas, os arpões e as tapagens; b) a cultura portuguesa, com os anzóis, pesos de metal, redes de arremesso e de arrasto; c) e a cultura negra, com a variedade de cestos e demais utensílios empregados na captura dos peixes.

Outro fator que também contribuiu significativamente para esse desenvolvimento foi a introdução da pesca da baleia no início do século XVII, principalmente na Bahia, São Paulo e Santa Catarina, onde foram instaladas as armações de pesca. Introduzida pelos bascos de Biscaia, era uma atividade desenvolvida sobretudo pelos escravos africanos, os quais aprenderam a técnica do uso do arpão manual, lançado de um bote a remo para a captura da baleia. De acordo com Ellis (1969), a partir de 1614, a pesca da baleia passou a ser monopolizada pela Coroa Portuguesa, que exercia o controle sobre os impostos e o destino do produto da pesca. Tendo o óleo como principal produto, a indústria baleeira teve seu apogeu até 1789, quando houve uma queda na produtividade em função do processo de extinção das

baleias, bem como a concorrência com as indústrias inglesa e norte-americana. No século XIX, as armações de pesca começam a desaparecer, sendo completamente desusadas em meados do século XX.

De acordo com Diegues (1983), a partir do início do século XX, com a introdução de novas técnicas pelos pescadores portugueses e espanhóis, como a pesca de linha de fundo com caícos³⁰, a pesca de camarão com arrasto de portas e a pesca de sardinha com traineiras, bem como o surgimento das primeiras empresas de conservação de pescado, inaugurou-se uma nova fase da pesca no Brasil, que se reflete no modo de organização dessa atividade. Nesse período, também foram criadas as Colônias de Pescadores, uma dos meios de intervenção do Estado na atividade pesqueira.

Nos anos 60, com a criação da SUDEPE (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca), houve a modernização e industrialização da pesca, o que gerou um aumento na produção do pescado, que passou de 300 mil para 900 mil toneladas por ano. Ainda com o objetivo de promover o desenvolvimento do setor pesqueiro no país, nos anos 70, foi criado o Curso de Engenharia de Pesca, sendo ofertado inicialmente pela Universidade Federal de Pernambuco. No final dos anos 80, com o declínio da pesca, a decadência de algumas empresas e denúncias de desvio de recursos, a SUDEPE foi extinta. Assim as políticas destinadas à atividade pesqueira passaram a ser de competência do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis). Em 2003, foi criado o MPA (Ministério da Pesca e Aquicultura), o qual tem como objetivo formular, coordenar e implementar políticas e diretrizes para o desenvolvimento das atividades de pesca e aquicultura no Brasil.

A exploração do pescado no litoral brasileiro se dá de forma artesanal e industrial. Com o intuito normatizar essa prática e permitir aos pescadores a inscrição no RGP (Registro Geral da Atividade Pesqueira), através da Instrução Normativa nº 2, publicada em 25 de janeiro de 2011, o MPA estabelece no Art. 2º:

Para efeitos desta Instrução Normativa, entende-se por:

I - Aprendiz de Pesca: indivíduo com mais de 14 e menor de 18 anos que atua de forma desembarcada ou embarcada como tripulante em embarcação de pesca, observadas as legislações trabalhista, previdenciária e de proteção à criança e ao adolescente, assim como as normas da Autoridade Marítima;

II - Pescador Profissional: pessoa física, brasileiro nato ou naturalizado, assim como o estrangeiro portador de autorização para o exercício profissional no País, desde que atendam os requisitos estabelecidos nesta Instrução Normativa e que exerçam a pesca como atividade principal e com fins comerciais, fazendo dessa atividade sua

³⁰ Pequeno bote de fundo chato e duas proas.

profissão e principal meio de vida, podendo atuar na pesca artesanal ou na pesca industrial, da seguinte forma:

a) Pescador Profissional na Pesca Artesanal: aquele que exerce a atividade de pesca profissional de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, podendo atuar de forma desembarcada ou utilizar embarcação de pesca com AB menor ou igual a 20 (vinte); e

b) Pescador Profissional na Pesca Industrial: aquele que, na condição de empregado, exerce a atividade de pesca profissional em embarcação de pesca com qualquer AB.

Cumprindo todas as normas e inscrito no RPG, o pescador terá direito ao Seguro Defeso, um benefício pago ao que exerce a atividade de forma artesanal, individualmente ou em regime de economia familiar, no período de proibição da pesca para determinadas espécies.

De acordo com o MPA, dos 970 mil pescadores registrados, em setembro de 2011, 957 mil eram pescadores e pescadoras artesanais, distribuídos 760 associações, 137 sindicatos e 47 cooperativas. Ainda de acordo com o MPA, do total do pescado produzido por ano no país, em torno de 1 milhão e 240 mil produzidos, cerca de 45% provém da pesca artesanal. A participação dos pescadores nas organizações sociais, o alto grau de analfabetismo e baixa escolaridade, o desconhecimento da legislação, os mecanismos de gestão compartilhada e participativa da pesca representam, conforme o referido órgão, os maiores desafios da pesca artesanal no Brasil.

2.2 A PESCA NA BAHIA

Com 1.183 km de extensão, a costa litorânea do Estado da Bahia abriga 347 comunidades de pesca, das quais 173 se localizam na Baía de Todos os Santos. Apresentando uma produção acima de 120 mil toneladas de pescado por ano, de acordo com a Bahia Pesca³¹ (2013), é o terceiro maior produtor de pescado do país, ocupando o segundo lugar no Nordeste, conforme dados estatísticos de 2009. Em função das “características da plataforma continental que possui uma faixa de litoral bastante estreita e de fundo rochoso, aliado à baixa produtividade primária da água” (BAHIA PESCA, 2013), a atividade pesqueira é majoritariamente artesanal, limitando-se às zonas mais próximas à costa litorânea.

³¹ Empresa criada em 1982, vinculada à Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária da Bahia (Seagri), que tem como finalidade fomentar a aquicultura e a pesca, com implantação de projetos sustentáveis levando em consideração aspectos econômicos, sociais, ambientais e culturais. Atua na atração de investimentos, desenvolvimento científico, tecnológico, criação de polos produtores e fortalecimento das cadeias produtivas.

Desenvolvida em um contexto de pobreza e marginalização social, na Bahia, a pesca representa uma atividade de subsistência, cuja finalidade é prover a alimentação das famílias, sendo a produção total ou parcialmente destinada à venda. Envolve a captura de peixes e extração de mariscos. A primeira é realizada principalmente pelos homens, que utilizam embarcações de médio e pequeno porte, bem como os mais diversos apetrechos para a obtenção do pescado. A segunda é realizada majoritariamente pelas mulheres e crianças nas coroas, nos mangues e nas praias.

No que tange aos meios de locomoção, os pescadores baianos utilizam embarcações relativamente simples, como canoa, bote, jangada, saveiro etc. São embarcações que se caracterizam de forma diversa, conforme a área de operação, da modalidade de pesca e da espécie a ser capturada. De acordo com o cadastro realizado pelo IBAMA (2008), em 2006, a frota pesqueira reunia 11.429 embarcações, classificadas nas seguintes categorias: barco a vela, bote a remo, bote de alumínio, bote motorizado, canoa a motor, canoa a remo, jangada, saveiro. Dentre elas, a canoa a remo foi a embarcação de maior representatividade (68,3%), seguida do bote a remo (10,6%) e do saveiro (6,6%).

Para a captura de peixes e crustáceos, em sua maioria, os pescadores usam instrumentos muito simples, confeccionados nas próprias comunidades de pesca. Trata-se de apetrechos de baixo impacto ambiental, como redes de emalhar, rede de arrasto, jereré, gaiola, linhas e anzóis, munzuá, tarrafa etc. Conforme o *Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil*, “no estado da Bahia cinquenta e cinco aparelhos de pesca são utilizados nas pescarias realizadas nos 347 locais de desembarque existentes no estado” (IBAMA, 2008, p. 344). Para a extração de determinados mariscos, os pescadores fazem uso de instrumentos como colher, faca, facão, peixeira, fisga etc., com os quais mulheres e crianças escavam a lama ou a areia no período da baixa-mar para coletar manualmente os mariscos, tais como sururu, chumbinho, rala-coco, lambreta, ostra etc.

Segundo a Bahia Pesca, a comercialização do pescado ocorre ainda de maneira informal, sem fiscalização de órgãos estaduais ou municipais. Geralmente destinada ao mercado local, em sua maioria, a produção é vendida através de atravessadores, pequenos comerciantes, feirantes etc., o que normalmente resulta em pouco lucro para os pescadores.

A fim de incentivar e promover desenvolvimento da pesca no Estado, bem como melhorar as condições de trabalho dos pescadores, muitas ações vêm sendo implementadas ao longo dos últimos anos. Uma delas foi a criação dos cursos de graduação em Engenharia da Pesca na Universidade do Estado da Bahia - UNEB (Paulo Afonso-BA), em 1997, e na Universidade Federal do Recôncavo - UFRB (Cruz das Almas-BA), em 2004. Tais cursos têm como objetivo “proporcionar aos estudantes uma formação técnico-científica para o

desenvolvimento e aplicação de métodos e técnicas de localização, captura, beneficiamento e conservação de organismos aquáticos, assim como para projetar fazendas de cultivo de peixes, crustáceos e moluscos, e desenvolver e aplicar técnicas de engorda e reprodução em cativeiro” (KRUG; SALES, 2013). Além disso, de acordo com a Bahia Pesca (2013), vários “programas, atividades e projetos articulados às dimensões econômica, social, ambiental e geográfica” vêm sendo propostos desde 2009, com vistas à “estruturação da cadeia produtiva do pesca, através do desenvolvimento da gestão, mercado, infraestrutura e equipamentos”. São eles: rede de comercialização de pescados da Bahia (Bahia Pesca, EBAL); melhorias nas instalações das colônias de pescadores; implantação de infraestrutura de apoio ao atracamento e desembarque de pescado (píer, trapiches); reestruturação das unidades de sinalização náutica de apoio a navegação (faróis); implantação de novos equipamentos de auxílio a navegação (GPS); capacitação em gestão social envolvendo: associativismo, cooperativismo; proposição de acordos coletivos (ordenamento pesqueiro); capacitação técnica em tecnologias de pescado e navegação.

2.3 A PESCA NA ILHA DE ITAPARICA

No que se refere à origem da pesca na Ilha de Itaparica, não há informações precisas. Como já explicitado, a pesca foi uma atividade estabelecida entre os indígenas muito antes da chegada dos portugueses ao Brasil e, certamente não foi diferente em Itaparica. Em *Itaparica: história e tradição*, no texto em que trata da pesca e seus problemas na Ilha, Osório (1979, p. 398-399) informa que os

primitivos habitantes de Vera Cruz, atraídos pela abundância dos peixes nas desovas da Concha Grande e nos lameiros de Iguatuba, desceram de suas colinas, em 1602 e vieram estabelecer-se na povoação dos Menezes, à beira dos apicuns, onde fundaram as suas Armações de Pesca.

No século XVI, de acordo com Ott (1944), os índios compunham a maioria dos pescadores do Recôncavo baiano. A influência indígena nessa atividade fica evidente ao se consultar os dicionários e verificar que a etimologia de muitos itens lexicais que designam as espécies de peixes, crustáceos e moluscos no português brasileiro, como *acari*, *acará*, *aracanguira*, *bijupirá*, *caramuru*, *caranha*, *guaricema*, *guaiamu*, *piramutamba*, *pititinga*, *pitu*, *siri*, *sururu*, tem por base o tupi.

A pesca de baleia que, conforme Frei Vicente de Salvador (1954) foi introduzida pelo

biscainho Pedro de Urécha, teve início no século XVII, quando foram construídas as primeiras armações na Ilha, um empreendimento que se expandiu consideravelmente até o século XVIII (ELLIS, 1969). De acordo com Osório (1979), na safra de 1768, foram pescados 146 madrijos³² e 33 baleotes³³. Essa atividade era praticada principalmente pelos escravos vindos da África.

Outra atividade pesqueira que também gerou altos lucros na Ilha foi a pesca do xaréu. Nas armações de Pirapitingas, os pescadores chegavam a capturar, na safra, cem toneladas de peixe. Sobre a pesca de botos e tubarões para a fabricação de azeite, o referido autor informa que a esta foi introduzida, em Cacha Pregos, por um açoriano de nome Antônio Morais, nos meados do século XIX.

Em Itaparica, a aprendizagem da pesca se dá ainda na adolescência, por volta dos 15 anos, quando os pais começam a levar os filhos em suas pescarias, a fim de aprenderem o ofício, como revela a fala do informante:

Ah, eu pesco desde os quinze anos, tem bastante tempo, porque já vem de sangue mesmo; meu pai pescava e eu gostava. Eu tinha antigamente a pesca como um esporte, um lazer mesmo, entendeu? Aí, quando eu descobri que tinha valor comercial o pêxe, aí eu comecei a trabalhá em cima disso também. Aí, aos pouquinhos, eu fui juntando um dinhêrinho da pesca e tudo... comprei dois barcos. Tenho dois barcos hoje, tenho um com motô, tenho um outro menó. Eles ficam tudo aqui pertinho. Aí eu comecei a gostá do ramo e... mas não só por isso que eu vou deixá de trabalhá em outros lugares. Geralmente eu faço isso quando não tem outra opção, aí eu começo a pescá. (M1A-I).

Percebe-se que os pescadores da faixa etária 3 têm muito orgulho de sua profissão e desejam que os filhos se tornem pescadores, conforme se observa no discurso do informante:

O meu filho é pescadô também, profissional. E com fé em Deus, pelo que eu vejo, vai seguir o mesmo caminho, até a morte (M2A-I).

Apesar disso, os pais se preocupam em oferecer aos filhos uma educação formal, com o objetivo de assegurar-lhes uma formação profissional, pois não têm perspectiva na pesca. Embora todos afirmem gostar da profissão, eles a consideram uma profissão muito “dura”, devido às condições de trabalho, à falta de apoio dos órgãos oficiais e ao baixo rendimento em decorrência da própria escassez do pescado que já não garante mais o sustento das famílias. Dessa forma, desejam que os filhos tenham outras oportunidades de trabalho, a partir de uma formação profissional.

³² Forma não preferencial de “madríja”, ‘termo empregado por baleeiros para designar a fêmea adulta de uma baleia’. (HOUAISS, 2001).

³³ O mesmo que “baleato”, ‘filhote de baleia que ainda não desmamou’ (HOUAISS, 2001).

Conforme a modalidade, como antes referido, a pesca pode ser industrial ou artesanal. Entende-se por pesca industrial aquela em que são utilizadas embarcações de grande porte, equipadas com radares, sonares e redes muito potentes, empregando-se técnicas sofisticadas para apreensão do pescado, como arrasto, sucção e rede de deriva. A sua atividade demanda longos períodos de tempo em alto-mar e o produto final destina-se aos mercados nacional e internacional. Já a pesca artesanal pode ser compreendida como aquela em que se utilizam embarcações de pequeno e médio porte, muitas delas desprovidas de motor. Nesse tipo de pesca, são utilizadas técnicas rudimentares para captura do pescado, como linhas, anzóis e redes simples. Destina-se ao autoconsumo e ao comércio local e requer poucas horas junto à costa. Considerando a mão-de-obra, os tipos de embarcação e apetrechos utilizados, bem como os ambientes em que os pescadores desenvolvem a sua atividade, verifica-se que o tipo de pesca praticado na Ilha de Itaparica, assim como em todo o estado da Bahia, é artesanal³⁴.

Como já exposto anteriormente, por se tratar de pesca artesanal, o pescado destina-se ao consumo da comunidade local. Geralmente é vendido, pelo próprio pescador, aos moradores e donos de restaurantes da localidade. Conforme o volume, também é vendido a atravessadores que o levam para ser comercializado na capital. Para o transporte do pescado, geralmente se utiliza um carro de mão, coberto com folhas de jornal ou bananeira onde os peixes são expostos. Quando transportados para a capital, normalmente são acondicionados em caixas de isopor ou cubas.

No que se refere aos apetrechos utilizados na pesca em Itaparica, embora alguns pescadores mais jovens utilizem instrumentos mais modernos, como o *jigue*, a *rapala* e *sabique*, a maioria dos pescadores ainda utiliza os instrumentos usados nos séculos passados, como a *linha*, a *rede*, o *jereré*, o *puçá*, o *munzuá*, a *tarrafa*, muito deles confeccionados pelos próprios pescadores, como se observa por meio das Figuras 6 e 7:

³⁴ De acordo com a Bahia Pesca, empresa vinculada à Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária da Bahia, *no Estado da Bahia a pesca é majoritariamente artesanal e/ou de subsistência, explorando ambientes próximos à costa, pois as embarcações e aparelhagens são feitas através de técnicas relativamente simples e sua produção tem como finalidade a obtenção de alimento, sendo total ou parcialmente destinada ao mercado*. Disponível em: <http://www.bahiapesca.ba.gov.br/?page_id=26>. Acesso em: 28 mar. 2013.



Figura 6: Confecção de rede por pescador da comunidade de Jiribatuba, Vera Cruz, Ilha de Itaparica.
Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1181, obtida em 18/07/2012.



Figura 7: Confecção de rede por pescador da comunidade de Cacha Pregos, Vera Cruz, Ilha de Itaparica-BA.
Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1199, obtida em 19/07/2012.

Em sua maioria, os pescadores ainda preservam técnicas de captura de peixes empregadas pelos seus antepassados. O mesmo se dá no que se refere às embarcações, pois se verifica que a maior parte dos pescadores utiliza a *canoa*, a *catraia* e o *barco a remo* (cf. Figura 8), típicos das comunidades mais antigas de pesca.



Figura 8: Embarcações utilizadas pelos pescadores da Ilha de Itaparica - BA.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1193, obtida em 18/07/2012.

De acordo com os pescadores, na Ilha de Itaparica, encontra-se uma variedade de espécies de peixes, os quais aparecem em abundância no período do verão. Assim, os peixes mais pescados na região do município de Itaparica são: *caranha*, *xaréu*, *aracanguira*, *beijupirá*, *cavala*, *arraia*, *vermelho*, *pintado*. Já nas localidades do município de Vera Cruz, de acordo com os pescadores, são: *tainha*, *robalo*, *carapeba*, *vermelho*, *cabeçudo*, *chumberga*, *cacunda*, *avoador*, dentre outros.

No que se refere à relação e à divisão do trabalho, observa-se que existe uma hierarquia, visto que “há sempre um chefe da pescaria”, geralmente aquele que sabe os lugares mais propícios à pesca, aquele que indica tais lugares. Este acompanha todas as etapas do trabalho e “se ele não puder ir, não há pescaria”. Também é o responsável pelo pagamento. Assim, após contabilizar o que foi capturado e vendido, ele divide o lucro em partes iguais e cada pescador recebe o seu *quinhão*. Além disso, reserva uma parte dos lucros para as despesas do barco, é o chamado *quinto do barco*.

Até o século XX, a pesca se constituiu numa atividade muito rentável na Ilha de Itaparica. Através da pesca de linha, nos principais pontos de pesca, era possível um rendimento de 15 quilos de peixe por hora, em média, o que atualmente equivaleria a uma renda de R\$ 225,00 (duzentos e vinte e cinco reais) por hora, considerando o preço de R\$ 15,00 (quinze reais) o quilo do peixe. No que se refere à pesca de camarão, era possível obter de 500 a 1000 quilos diariamente (OSÓRIO, 1979). Nos dias atuais, no entanto, os pescadores têm enfrentado a escassez de algumas espécies, antes encontradas em abundância na Ilha, como atesta o informante:

Ah, antigamente era mais fácil, tinha muito pêxe... mais fácil mehmo. Antigamente só faltava enchê as canoa de pêxe. Saía pra pescá de duas rede... eu mehmo, pai e os minino aí, ô, era fácil, fácil. Pegava cem quilos, duzentos e cinquenta quilos de pêxe. Duzentos quilos de pêxe era num instante, era um tapa... mas hoje, pra pegá vinte quilos, trinta quilos de pêxe, a gente cansa, passa o dia todo aí.... tudo mais difícil aí. (M3A-V).

A escassez de peixe causa profundos impactos na economia local. De acordo com os pescadores, antigamente, mesmo dispondo apenas de embarcações simples e de pequeno porte, conseguia-se sustentar famílias com o lucro resultante da pesca. Nos dias atuais, embora contem com embarcações motorizadas e de médio porte, é preciso recorrer a outras atividades para complementar o orçamento doméstico. No entanto, embora se encontre em decadência, a pesca ainda se constitui no principal meio de subsistência das famílias mais carentes, funcionando com uma atividade complementar, aliada a outras atividades da economia familiar. A falta de uma formação profissional, bem como a oportunidade de um trabalho formal, tem levado muitos moradores a recorrerem a essa atividade como fonte de sobrevivência, o que resulta no considerável aumento do número de pescadores na localidade. Para muitos, essa é uma das causas da escassez de peixe. A fala da informante, ao comparar a pesca na atualidade com a pesca em tempos passados, revela tal fato:

Antigamente era boa, antigamente era ótima. Agora tá... mais ou menos, que tá um pouco difícil... agora tá um pouco difícil a pesca... tá faltano tudo agora, não tá mais de quantidade que era antes porque agora os habitante cresceram mais. E agora tá mais difícil porque todo mundo quer pescá, pescá, pescá. (F1A-V)

Outros atribuem a decadência à exploração indiscriminada, à degradação do ambiente e à pesca predatória, como *pescas de bomba*, como revela o discurso do pescador:

Hoje, no caso... no caso, caiu cem por cento porque de primeiro era mais fácil. Hoje através das bomba, acabou um bocado, qué dizê, a pesca acabô um bocado, qué dizê, através da bomba, diminuiu um bocado. Porque a bomba tanto mata o grande quanto mata o pequeno, mata a disova. Aí não tem como, né, crescê.

(...)

É o pêxe miúdo... ele fica des'tamanho e vai crescono, né, qué dizê, no caso, ele joga no caso, pra o grande, pra bomba matá o grande e, de junto, com dez, quinze metro, tá o pequeno. Aí não guenta, que a bomba atinge meio metro de distância, aí mata. Pêxe fraco, não guenta, né? (M3A-V).

Atualmente, para os pescadores, a profissão não é promissora devido à escassez do pescado, bem como a falta de apoio das autoridades no que tange às políticas públicas de incentivo à pesca. Isso se constata por meio do depoimento de um dos informantes:

O que eu posso falá, meu Deus? Eu... por causo da pesca, que tá um pouco escassa,

e eu já sempre fui mestre de obra, hoje eu sou mestre de obras. Agora, nas hora vaga, vou pescá.

(...)

Falta de apoio, né, falta de apoio ao pescadô. [Filho intervém] É... a profissão de pescador, como meu filho tá falano, é uma profissão que tá quase em extinção. Como eu mehm... eu... eu... se eu pudesse, eu pescava direto, mas como não tem o pescado, eu prefiro ir pro outro lado de profissão, outra profissão.

(...)

Se tivesse o apoio governamental, certo? Seria uma boa profissão... e rentável. (M2A-I).

Assim, acreditam que a pesca não tem futuro na localidade, a não ser que as autoridades tomem alguma medida. Como atualmente a pesca não garante a renda familiar, para complementá-la, os pescadores desenvolvem outras atividades, na área da construção civil, como mestre-de-obras, pedreiros ou ajudantes, bem como no comércio informal.

3 PREPARANDO AS ARTES DE PESCA: DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como se sabe, um dos aspectos mais importantes em qualquer trabalho de investigação linguística diz respeito à definição de sua metodologia. No que refere especificamente à pesquisa de caráter dialetal, Cardoso (2010, p. 89) afirma que esta “se fundamenta em um tripé básico: rede de pontos, os informantes e os questionários, cujo estabelecimento se molda sob diferentes perspectivas, orientadas por procedimentos teóricos também variados”. Nesse sentido, a autora aponta alguns critérios fundamentais na determinação da localidade a ser investigada, na seleção dos informantes e na elaboração e aplicação do questionário linguístico.

No que tange à escolha da localidade, além das características linguísticas, deve-se levar em consideração a sua localização geográfica, sua história, bem como aspectos sociodemográficos. No que concerne aos informantes, é preciso atentar para a definição do número ideal, a identificação, a idade, o sexo e a escolaridade dos indivíduos selecionados. Já no que se refere à elaboração e à aplicação do questionário, faz-se necessária uma adequação à área pesquisada, levando em consideração as características regionais (*id.*, p. 91).

No presente capítulo, busca-se descrever as fases que compõem a pesquisa, os motivos que determinaram a escolha da localidade e os princípios que orientaram a seleção dos informantes, bem como o processo de elaboração do questionário linguístico, explicitando ainda os critérios utilizados para a análise do *corpus*.

3.1 A LOCALIDADE

Referindo-se à área a ser submetida à pesquisa dialetal, Ferreira e Cardoso (1994, p. 24), afirmam:

A determinação da área a ser submetida à investigação dialetal define-se em razão de sua situação geográfica, de sua história, das interferências de que tem sido objeto, do tipo de povoamento que nela se processou, da situação econômica atual e passada, da sua relação com as demais áreas a serem pesquisadas (quando for o caso), da sua situação demográfica, enfim, pode ter com base um conjunto de caracteres que a demarcam e a distinguem de outras áreas.

Ainda sobre essa questão, as autoras destacam a importância da realização de um estudo socioeconômico e geográfico-histórico da localidade, visando, dentre outros aspectos, à história da área, desde a sua fundação, bem como às diferentes fases de seu

desenvolvimento; à antiguidade da região, que permitirá situá-la no processo de povoamento do território nacional; à natureza do desenvolvimento econômico, que possibilitará posicioná-la na região, distinguindo-a como mais difusora ou receptora das mudanças (*id.*, p. 26). Atentando-se para esses fatores e considerando sua possível influência na constituição do léxico dos pescadores, procura-se, então, empreender um estudo sobre a Ilha de Itaparica, localidade escolhida para a investigação linguística.

Situada na Baía de Todos os Santos, região metropolitana de Salvador, a Ilha de Itaparica, fica a 14 Km de capital em linha reta por mar, através do Sistema *Ferryboat*³⁵, e a 285 Km pela BR 324 e BR 101. Com extensão de 35 km de comprimento por 21 km de largura, a Ilha de Itaparica, de acordo com o Censo 2010, possui 58.292 habitantes, distribuídos em dois municípios: Itaparica, com 20.725 habitantes; e Vera Cruz, com 37.567 habitantes. O município de Itaparica é formado pelos povoados de Porto dos Santos, Mangueiros, Amoreiras, Ponta de Areia e Itaparica, sede do município, que possui o mesmo nome da cidade e da própria ilha. Vera Cruz, por sua vez, é composto por Mar Grande (sede do município) Penha, Barra do Gil, Coroa, Barra do Pote, Conceição, Barra Grande, Tairu, Aratuba, Berlinque e Cacha Pregos. No entorno de Itaparica, estão Salvador, Jaguaripe e Salinas da Margarida. As Figuras 9 e 10 permitem verificar a localização da Ilha em relação a Salvador, capital da Bahia, bem como as localidades que a compõem.



Figura 9: Localização da Ilha de Itaparica em relação a Salvador.

Fonte: ArcGIS. Disponível em: < <http://www.arcgis.com/home/webmap/viewer.html?useExisting=1>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

³⁵ Embora sejam empregadas indistintamente as formas *Ferry-boat* e *Ferry Boat* para designar o sistema de transporte marítimo, adotamos, neste trabalho, a forma *Ferryboat*, grafia considerada correta conforme Houaiss (2001).



Figura 10: Ilha de Itaparica destacada do seu entorno.

Fonte: Projeto Galeão Utrecht. Disponível em: <<https://www.utrecht.com.br>>.

Acesso em: 12 ago. 2011.

A Ilha de Itaparica teve como primeiros habitantes os índios Tupinambá³⁶. Sua ocupação e povoamento se confundem, segundo Castelucci Jr. (2008), com próprio processo de povoamento da capital, Salvador, e, consequentemente, do país. O primeiro povoado da ilha surgiu na contracosta em 1560, na localidade que hoje se denomina Baiacu, onde foi erguida a primeira igreja da Ilha de Itaparica, em homenagem a Nosso Senhor de Vera Cruz, na então Vila do Senhor da Vera Cruz, que deu origem ao nome do município de Vera Cruz.

No que tange à origem do nome da Ilha, há algumas controvérsias. Para Sampaio (1901, p. 132), o nome tem origem no tupi *itá-pari*, que significa “cercado feito de pedra”, “recinto de pedra”, “fechado de pedra”. Já Osório (1979, p. 196) considera este uma variação da palavra *Caparica*, que denomina um povoado localizado à margem do Tejo, em Portugal. Para ele, a Ilha fez os portugueses se recordarem da Caparica de Portugal, como se observa a seguir:

Os expedicionários que vieram, na expedição de 1501, fazer o reconhecimento das terras descobertas por Pedro Álvares Cabral, o navegador “que contava na sua parentela os nomes ilustres de Nuno Álvares Pereira, o Condestável, Afonso de

³⁶ No que se refere à flexão de número, adota-se aqui a “Convenção para a grafia dos nomes tribais”, assinada pelos participantes da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Rio de Janeiro, em 1953, que determina que “os nomes tribais, quer usados como substantivos, quer como adjetivos, não terão flexão de gênero e de número, a não ser que sejam de origem portuguesa ou morficamente aportuguesados”. Tal “Convenção” foi publicada na *Revista de Antropologia* (vol. 2, nº 2, São Paulo, 1954, p. 150-152).

Albuquerque e Gonçalo Velho Cabral, descobridor dos Açôres, “ao chegarem, em 1º de novembro de 1501, à Baía de Todos os Santos, em cujas terras próximas, se havia de levantar, mais tarde, a Cidade do Salvador, sentiram-se deslumbrados. A entrada da barra, da mesma Baía, lhes pareceu a fôz de um grande rio. Lembraram-se saudosos do Têjo distante, e na configuração da terra encontrada, viram Lisbôa, diante dos seus olhos maravilhados. Contemplando embevecidos, a Ilha fronteira, recordaram-se da Caparica de Portugal, com aquelas mesmas elevações e aquelas mesmas planuras. Daí o nome que a saudade evocara, e que, na sua língua, o povoador primitivo, não soube repetir. Taparica, é recordação e é saudade.”³⁷

Para Macedo (*apud* OSÓRIO, 1979), o nome atribuído à Ilha deriva do nome do chefe da tribo indígena à época do descobrimento, *Taparica*, pai da índia Paraguaçu, esposa de Diogo Álvares, o Caramuru. Essa hipótese pode ser corroborada através de vários registros. Em muitos documentos do período colonial, há evidências que *Taparica* foi o nome primitivamente atribuído à Ilha. Na obra *Imagem da Virtude*, o padre Antônio Franco, por exemplo, informa que o padre José de Anchieta se encontrava em missão na Aldeia de Vera Cruz, na Ilha de *Taparica*, em 1578, quando recebeu a notícia de sua nomeação a Provincial dos Jesuítas no Brasil, conforme se observa neste trecho:

Estas, & outras semelhantes razoes tam fora estiveram de mudar o parecer do Padre Geral, que logo despachou patente, pella qual o mandava ser Provincial. Andava elle em missam na **Ilha Taparica** três legoas da Bahia: estando ouvindo de confissan huma India enferma lançada em huma rede, que tinha junto ao fogo, para melhor a ouvir, se sentou em hum madeiro, que servia de tijaõ. (FRANCO, 1719, p. 269).

No *Tratado Descritivo do Brazil em 1587*, de Gabriel Soares de Sousa, também fica evidente, em muitos trechos, que inicialmente a Ilha foi designada *Taparica*, como se verifica a seguir:

(...) ordenaram de mandar chamar Francisco Pereira mandando-lhe prometter toda a paz e boa amizade, o qual recado foi d’elle festejado, e embarcou-se logo com alguma gente em um caravelão que tinha, e outro, em que vinha Diogo Alvares de alcunha Caramurú, grande língua do gentio, e partiu-se para Bahia, e querendo entrar barra dentro lhe sobreveio muito vento e tormentoso, que o lançou sobre os baixos da ilha de **Taparica**, onde deu á costa; salvou-se a gente toda d’este naufragio, mas não das mãos dos Tupinambás, que viviam n’esta ilha, os quais se ajuntara, e á traição mataram a Francisco Pereira e a gente do seu caravelão, do que escapou Diogo Alvares com os seus, com boa linguagem. (SOUSA, 1851, p. 53)

A Bahia se estende da ponta do Padrão ao morro de Tinharé que demora um do outro nove ou dez léguas, ainda que o capitão da capitania dos Ilheos não quer consentir que se estende senão da ponta da ilha de **Taparica** á do Padrão: mas está já averiguado por sentença que se estende a Bahia da ponta do Padrão até Tinharé, como já fica dito; a qual sentença se deu por haver duvida entre os rendeiros da capitania dos Ilheos e da Bahia, sobre a quem pertenciam os dízimos do pescado, que se pescava junto a este morro de Tinharé, o qual dizimo se sentenciou ao

³⁷ Palestra de Ubaldo Osório na Prefeitura Municipal de Itaparica, em 1931, em que defende que o topônimo Itaparica é uma corruptela de Caparica (OSÓRIO, 1979).

rendeiro da Bahia, por se averiguar entender-se a Bahia do morro para dentro, com na verdade se deve de entender. (*id.*, p. 127)

A barra principal da Bahia é a da banda de leste, a que uns chamam barra da cidade e outros de Santo Antonio, por estar junto d'ella da banda de dentro em um alto uma sua hermidia; a qual barra tem de terra a terra duas leguas, e tanto dista da ponta do Padrão á terra de **Taparica** como á ponta, onde está o curral do Cosme Garção, que é mais sahida ao mar. (*id.*, p. 128).

Da ilha dos Frades á de **Taparica** são quatro leguas. Da cidade á ilha de Maré são seis leguas, e haverá outro tnatado da mesma cidade á ilha dos Frades. De maneira que da ponta da ilha de **Taparica** até á dos Frades, e á ilha de Maré, e d'ella á terra firme contra o rio de Matoim, e d'esta corda para a cidade, por todo este mar até á boca da barra, se póde balraventear com náos de todo o porte sem acharem baixos nenhuns, como se afastarem da terra um tiro de berço. (*id.*, p. 129).

D'esta terra á ilha de Fernão Vaz é perto de uma legua, e entre esta ilha e a de Taparica e a terra firme, fica quase em quadra uma hahia de uma legua, onde se mette a barra que se chama de Jaguaripe, de que se fez já menção. (*id.*, p. 146).

Na ponta d'esta ilha de **Taparica** defronte da barra de Jagoaripe está uma ilheta junto a ella, que se diz de Lopo Rebello, que está cheia de arvoredo, donde se tira muita madeira. E d'aqui para dentro é povoada **Taparica** de alguns moradores, que vivem junto ao mar, que lavram cannas e mantimentos, e criam vaccas, e d'aqui até Tamarãtiba serão duas léguas da costa d'esta ilha, entre a qual e a ilha de Tamarãtiba haverá espaço de um tiro de falcão. (*id.*, p. 149).

Em *História do Brasil* (1954), Frei Vicente do Salvador afirma que os holandeses, em 1600, incendiaram o engenho de Duarte Osquer³⁸, ao desembarcarem para fazer provisão de água, na Ilha de Taparica, como se lê a seguir:

Dali se tornaram ás suas náus, donde reformados de mais gente, e munições se foram a ilha dos Frades para tomarem aguada, de que estavam faltos, o qual entendido por André Fernandes, que os tinha em espreita, se embarcou com a sua gente em seis lanchas, e entrando por outro boqueirão, que está entre a ilha de Cururupiba, e a terra firme, e se não navega si não de maré cheia, por não serem sentidos, desembarcaram da outra parte da ilha dos Frades, a tempo que também ali chegava Álvaro Rodrigues da Cachoeira com o seu gentio, e assim foram todos juntos, atravessando a ilha pelos matos até perto de uma legua junto a praia, aonde havia saído uma batelada de holandeses a povoar a água, e por acharem salobra se tornaram, e os nossos os deixaram ir, ficando escondidos na cilada, entendendo que iam por mais gente para tornarem a buscar outra fonte, o que eles não fizeram, antes a foram buscar à ilha de **Taparica**, e desembarcando em terra puseram fogo em um engenho, que ali estava de Duarte Osquis, sem lhe valer ser também flamengo, posto que casado com portugueza, e antigo na terra, mas logo chegaram os nossos capitães André Fernandes Margalho, e Álvaro Rodrigues, e os cometeram com tanto ânimo, que mataram cinqüenta, e fizeram embarcar os mais, e recolherem-se à sua armada, que também logo se fez a vela, e despejou o porto, que havia cinqüenta e cinco dias tinha ocupado. (p. 376)

Em uma carta apologética escrita ao Conde de Ericeira, o Padre Antônio Vieira informa sobre a notícia transmitida ao rei D. João IV, pelo padre Filippe Franco, de que o general Sigismund von Schkoppe³⁹ havia se fortificado na Ilha de Taparica, como atesta o trecho a seguir:

³⁸ Mercador flamengo que residia na Bahia.

³⁹ Militar alemão que serviu ao exército holandês e teve participação relevante durante toda a ocupação holandesa no Nordeste do Brasil.

O meu intento era, que vindo as fragatas de Hollanda, tivesse sua magestade duas armadas, uma que ficasse em Portugal, e outra que fosse socorrer a Bahia; e não se passassem seis mezes, quando el-rei muito de madrugada me mandou chamar de Carcavellos, onde estava convalescente, a Alcantara. Fui, e as palavras com que sua magestade me recebeu foram: *Sois propheta. Hontem á noite chegou caravella da Bahia com um padre chamado Filippe Franco, e traz por novas ficar Sigismundo fortificado em Taparica. Que vos parece que façamos?* Respondi: *O remedio, senhor, é muito facil. Não disseram a vossa magestade os ministros que aquelle negocio era muito crú? Pois os que então acharem cru, cozam-no agora* (VIEIRA, 1854, p. 173).

Através do mapa extraído das cartas de João Teixeira Albernaz, produzido em 1640 e cujo original se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, também é possível constatar que a ilha foi inicialmente denominada Ilha de Taparica, como se verifica na Figura 11.



Figura 11: Mapa da Terra de Santa Cruz.

Fonte: Cartas de João Teixeira Albernaz. Ed. fac-símil: Grafispaço - Centro Editorial Gráfico. [s.l.: s.n.], D.L. 2000.

Disponível em: <<https://www.digitarq.dgarq.gov.pt>>. Acesso em: 23 ago. 2011.

O registro da denominação Itaparica só foi verificado em documentos oficiais a partir do início do século XIX, período em que, de acordo com Queiroz (2001), provavelmente ocorreu a mudança do topônimo *Ilha de Taparica* para *Ilha de Itaparica*, o qual figura até os dias atuais.

Do século XVI até o século XIX, a Ilha foi palco de diversas batalhas. Em 1587, foi invadida por corsários ingleses, sob o comando de Robert Withrington, mas estes, de acordo com Osório (1979), foram decapitados por Antonio Álvares Caapara que, para demonstrar a sua façanha, enviou as cabeças de cinco destes à Junta que substituiu o Governador Teles

Barreto. Nos anos de 1600, 1622 e 1624, os holandeses também invadiram a Ilha. Depois, em 1647, como vingança pela derrota sofrida em Penedo, os holandeses invadiram novamente a Ilha e edificaram um forte a que se denominou Forte de São Lourenço. Foi em Itaparica que, durante a Guerra da Independência (1822-1823), João das Botas, comandante das forças navais libertadoras, combateu as embarcações portuguesas que invadiram a Baía de Todos os Santos. Por algumas semanas, a Ilha foi sede provisória do Governo da Bahia durante a Sabinada, que aconteceu entre os anos de 1837 e 1838.

Por ser a maior ilha da colônia, em 1763, Itaparica despertou o interesse da Coroa e, portanto, foi incorporada aos seus bens por ordem do governo. Nesse período, havia diversos estaleiros que serviam de empório de construções navais da colônia, motivo pelo qual, na localidade, foi instalada a primeira quilha⁴⁰ da Marinha de Guerra no Brasil. Embora em meados do século XIX, Itaparica contasse com cinco destilarias de aguardente e nove fábricas de cal, a sua maior atividade econômica foi a pesca da baleia, principalmente nos séculos XVII e XVIII. Por isso, antes de denominar-se Itaparica, também foi denominada de Arraial da Ponta das Baleias. Em *História da América Portuguesa*, Rocha Pita (1976), assim a descreveu:

Está situada a ilha de Itaparica fronteira à cidade da Bahia para o poente, em distância de três léguas, que tem de largura a sua enseada; estende-se em forma prolongada com sete de comprimento, três de largura e dezoito de circuito; faz duas pontas, uma para a barra de Santo António e outra para o rio Paraguaçu, que por ali vai correndo ao mar; esta é a que chamam das Baleias, por estar nela a fábrica daquela pescaria e ser o porto para onde as levam depois de arpoadas para se beneficiarem. É toda fértil, tem alegres vistas, saudáveis ares, formosos arvoredos, em maior número os dos coqueiros, que de longe formam o mesmo objeto que as oliveiras; abunda de excelentes águas, de todo o gênero de plantas, frutas e sementeiras; colhem-se nas suas ribeiras saborosos pescados e mariscos. Tem duas magníficas igrejas paroquiais, outros formosos templos e boas capelas particulares; teve alguns engenhos, que já não existem, mas permanecem outras fazendas de grande rendimento e muitas casas de suntuosa arquitetura.

Os moradores da cidade atravessando o golfo em curiosas embarcações, vão a ela não só na monção das baleias, a verem sua pescaria, mas a lograrem a amenidade daquele país, tão habitado e assistido de gente inumerável, que não havendo na ilha fundações de vilas, é toda ela uma povoação continuada, sem ter porção alguma menos culta ou mais ásperas. Nas suas praias se acha âmbrá-gris em sumo grau perfeito, e dele tem ido muito a Portugal e se gasta não pouco na Bahia. O primeiro conde da Castanheira D. Antonio de Ataíde a pediu ao governador Tomé de Souza em sesmaria, com outra ilha pequena que lhe fica próxima para a parte sudoeste, na boca do rio Jaguaripe, e lhas confirmou el-rei D. João III com título de capitania; o conde e seus sucessores a dividiram em várias datas por muitos colonos, que pagam competentes foros; hoje existe nos marqueses de Cascais como herdeiros daquela ilustríssimas casa. (PITA, 1976, 148-149)

Sendo uma das primeiras donatárias do Brasil, durante o governo de Tomé de Souza, a

⁴⁰ Diacronismo antigo que significa 'peça da estrutura da embarcação, disposta longitudinalmente na parte mais inferior e à qual se prendem todas as grandes peças verticais da ossada que estruturam o casco'. (HOUAISS, 2001).

Ilha de Itaparica foi doada a D. Antônio de Ataíde, o primeiro Conde de Castanheira. Em 1608, fundou-se a primeira freguesia, a de Bom Jesus da Venerável Vera Cruz de Itaparica ou simplesmente Vera Cruz. Conforme Freire (*apud* CASTELUCCI JR., 2008), em 1814, essa freguesia foi subdividida, dando origem a outra que se denominou Santíssimo Sacramento de Itaparica. Entretanto, para Osório (1979), muito antes disso, em 1643, já existia uma freguesia no outro extremo da ilha que se chamava Santo Amaro do Catu, hoje denominado Jiribatuba. Em 1831, criou-se o município de Itaparica, compreendendo todo o território da Ilha, a que foi denominado primeiro Distrito. No entanto, sua Câmara só foi instalada em 1833, quando Itaparica foi emancipada de Salvador e elevada à categoria de vila, passando a denominar-se *Denodada Villa de Itaparica*.

Já na segunda metade do século XIX, tem-se como o segundo Distrito o povoado de Manguinhos; o terceiro, a povoação de Jaburu; o quarto, Vera Cruz; e o quinto Santo Amaro do Catu. Nesse período, cada distrito tinha como autoridade um subdelegado, os quais eram auxiliados pelos inspetores de quarteirão e juízes de paz, submetidos à jurisdição da comarca de Nazaré. A partir de 1890, Maragogipe⁴¹ passou a exercer jurisdição sobre Itaparica. Em 1962, Itaparica foi elevada à categoria de cidade. Posteriormente, foi desmembrada em dois municípios: Vera Cruz e Itaparica.

No que se refere à economia, na Ilha de Itaparica, inicialmente se desenvolveu a plantação de cana-de-açúcar. Posteriormente, por volta de 1556, deu-se início à criação de gado bovino e à cultura de trigo em Mar Grande, no Engenho de Ingá-Açu. Em 1566, o português Francisco de Antônio Nunes⁴² ampliou suas plantações nas terras da igreja e instalou, nas proximidades do Tiquaruçu, uma casa de farinha e o segundo engenho de açúcar na Ilha de Itaparica. Já em 1592, no governo de D. Francisco de Souza, foram instalados os primeiros estaleiros da construção naval. Mas a economia foi impulsionada, em Itaparica, a partir de 1603, no governo de Diogo Botelho, 11º governador geral do Brasil, que recebeu um regimento através do qual deveria utilizar marinheiros na pesca da baleia⁴³, bem como plantar coqueiros em toda a costa brasileira. Na Bahia, foram instaladas, assim, as primeiras armações⁴⁴ de pesca para tratamento das baleias, em Ponta da Cruz, na Ilha de Itaparica.

⁴¹ De acordo com as regras estabelecidas pelo Acordo de Convenção Ortográfica, realizado pela Academia Brasileira de Letras e a Real Academia de Ciências de Lisboa, em 1943, as palavras de origem tupi, tradicionalmente escritas com "G", passaram a ser grafadas com "J", com exceção dos nomes próprios dos estados e municípios que, pela tradição secular das suas ortografias, foram desobrigados a seguir as normas do referido acordo. Por isso, neste trabalho, adota-se a grafia do topônimo com "G", e por estar assim registrada na Lei Provincial nº 389, publicada em 8 de maio de 1850, a qual eleva a então vila de Maragogipe, bem como no Índice de Nomes Geográficos (2011), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁴² Serralheiro que veio com Tomé de Souza e trabalhou na construção da cidade de Salvador; foi um dos primeiros cultivadores das terras de Itaparica.

⁴³ Embora a expressão *pesca da baleia* seja empregada para designar a *baleação* ou *caça à baleia*, tal denominação se constitui uma incorreção semântica, pois implica que a baleia seria um peixe e não, um mamífero.

⁴⁴ Estabelecimento onde se armavam os equipamentos necessários à retirada das partes da baleia que seriam utilizadas.

Conforme Frei Vicente do Salvador, a pesca da baleia foi introduzida pelo biscainho Pedro de Urecha⁴⁵, como se observa a seguir:

Era grande a falta que em todo o estado do Brasil havia de graxa ou azeite de peixe, assim pera reboque dos barcos e navios como pera se alumiar os engenhos, que trabalham toda a noite e, si houverem de alumiar-se com azeite doce, conforme o que se gasta e os negros lhe são muito affeiçoados, não bastara todo azeite do mundo. Algum vinha de Cabo Verde e de Biscaia por via de Vianna; mas era tão caro e tão pouco, que muitas vezes era necessário usarem do azeite doce misturando-lhe dest'outro amargoso e fedorento pera que os negros não lambessem os candeeiros êra uma pena como a de Tantalos padecer esta falta, vendo andar as baleias, que são a mesma graxa, por toda esta bahia, sem haver quem as pescasse. Ao que acudiu Deus, que tudo rege e provê, movendo a vontade de um Pedro de Orecha, biscainho, que quizesse vir fazer esta pescaria. Este veio com o governador Diogo Botelho, do reino no anno de 1602, trazendo duas náus a seu cargo de biscainhos com os quaes começou a pescar e, ensinados os portuguezes se tornou com ellas carregadas sem da pescaria pagar direito algum; mas já hoje paga, e se arrenda cada anno por parte de Sua Magestade a uma só pessoa por seiscentos mil réis pouco mais ou menos, para lustre de Ministros (SALVADOR, 1954, p. 288).

A partir de 1714, no governo do vice-rei D. Antônio de Noronha, foram instalados cinco estaleiros na povoação da Ponta das Baleias, em Itaparica, onde trabalhavam diariamente vinte carpinteiros, quinze aprendizes, cinco ferreiros e dez calafates. Tais estaleiros tiveram grande influência na vida econômica da Ilha até o final do século XIX, pois se vendiam muitas embarcações anualmente (OSÓRIO, 1979).

Do século XVII ao XVIII, a Ilha teve como principal atividade econômica a pesca da baleia. Essa atividade era de tamanha relevância, que os contratos para pesca e aproveitamento da baleia eram feitos por seis anos. Além de abastecer a Bahia e outras capitânicas, o azeite produzido era exportado anualmente para Biscaia (ELLIS, 1969).

Outros fatores que também contribuíram para a economia foram a introdução, em 1757, das canas de Angola na agricultura e a construção de mais um engenho na Ilha, o qual foi um dos mais movimentados naquela época. Além disso, em 1795, por determinação do governador, houve a intensificação da cultura da mandioca na localidade, tornando esta a base principal da alimentação dos nativos e colonos.

Da segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX, a indústria da cal também foi de grande relevância para a economia na Ilha, que contava, no ano de 1854, com cerca de 29 fábricas. Essa atividade, entretanto, tem sua origem desde os primórdios da colonização, quando foram fundadas as primeiras caieiras. Na construção da cidade de Salvador, durante o governo de Tomé de Souza, por exemplo, foi utilizada a cal fabricada em

⁴⁵ Também denominado Pedro de Orecha, forma encontrada em *História do Brasil (1550-1627)*, de Frei Vicente do Salvador.

Mar Grande.

No século XIX, destacou-se pela produção de gêneros alimentícios, abastecendo os principais centros urbanos da região. Havia sítios e fazendas onde se cultivavam milho, feijão, dendê, cana, raízes, mandioca, bem como se colhiam piaçava e madeira. Na fazenda de nome Bom Despacho, onde hoje se encontra o terminal marítimo de mesmo nome, havia muitas plantações de coqueiros, amendoeiras, mangueiras e limoeiros. Além de fornecer os gêneros alimentícios produzidos na localidade, os comerciantes importavam produtos alimentícios de outras regiões, o que tornava os portos situados em Mar Grande e na Vila Itaparica muito movimentados, visto que as embarcações de outras cidades ou vilas passavam por Itaparica antes de chegarem à capital, levando os produtos de primeira necessidade. Por isso tornou-se, naquela época, entreposto comercial entre capital e interior, sendo rota quase obrigatória das embarcações provenientes do Baixo Sul e do Recôncavo continental.

Com a decadência da pesca da baleia e dos estaleiros navais, a economia se voltou para outras atividades, como a extração do petróleo, o engarrafamento de água mineral e o fabrico de artefatos de vidro, de barro e de tecido. Nesse período, teve grande importância Agenor Gordilho, dono da fábrica de tecido *São Benedicto*, a primeira no Brasil a usar o gás do petróleo produzido na mesma região de instalação. Com grande desenvolvimento, a fábrica garantiu emprego e renda para a comunidade, estabilizando a economia do município.

Em *Pescadores e roceiros: escravos e forros em Itaparica na segunda metade do século XIX (1860-1888)*, Castelucci Jr. (2008) mostra que uma das atividades que garantiam o sustento das famílias, principalmente dos escravos libertos naquela época era o transporte de água em barris, no lombo de burros ou em canoas, para o abastecimento da vila e das casas dos senhores mais abastados. Além da Fonte da Bica, construída em 1842 e cuja água possui propriedades medicinais em sua composição, existia um fonte a que se denomina hoje Itororó, na contracosta, onde os canoeiros iam buscar água potável para abastecer a vila. Em 1937, a Fonte da Bica foi oficializada como Estância Hidromineral. Com isso, a partir de 1939, outra atividade econômica começou a se desenvolver. Por iniciativa do governo do estado da Bahia, que passou a divulgar os seus atributos naturais e a promovê-la como a primeira Estância Hidromineral do país, destacando as propriedades terapêuticas das águas, a Ilha passou a ser um dos pontos mais visitados na Bahia. Isso impulsionou o turismo na localidade.

Nesse período, embora o acesso fosse através de saveiros, um tipo de transporte limitado pelas condições do mar e climáticas, a Ilha de Itaparica passou a ser frequentada pela alta sociedade baiana, pois a sua costa voltada para Salvador permitia o acesso rápido e direto da capital. Pessoas, então, de maior poder aquisitivo começaram a construir casas de veraneio na Ilha, dando início ao seu processo de urbanização. Para atender ao aumento do fluxo

turístico, foram construídos também muitos restaurantes, hotéis e pousadas, o que contribuiu para a geração de novos empregos para a população local.

A partir de 1942, deu-se início à exploração de petróleo na Ilha de Itaparica, no poço aberto na antiga *Roça do Padre João da Costa*. Para Valverde⁴⁶, Itaparica era uma região de petróleo e de gás, cuja produção, não havia dúvidas, seria próspera, pois se tratava de uma unidade geológica como a mais importante região de Candeias. Apesar de sua exploração ter iniciado no século XX, em Itaparica, o petróleo já havia sido descoberto acidentalmente em 1889, quando da exploração de minérios no terreno de propriedade de um senhor chamado Monsão, conforme notícia divulgada pelo *Diário de Notícias*, em 10 de outubro de 1889 (OSÓRIO, 1979).

Na década de 70, três fatores contribuíram para o apogeu do turismo em Itaparica: em 1970, a construção da ponte João das Botas, mais conhecida como a Ponte do Funil, que liga a Ilha de Itaparica à Ilha de São Gonçalo, permitindo o acesso rodoviário da população do Recôncavo à Ilha; em 1972, a implantação do Sistema *Ferryboat* que, oferecendo um transporte mais ágil e de qualidade para os padrões da época, contribuiu para o aumento do fluxo de veranistas, transformando Itaparica no destino de férias da população soteropolitana; em 1979, a inauguração do *Club Med*, uma rede internacional de *resorts* voltada à classe média alta, promoveu uma nova dinâmica na Ilha. Tal empreendimento, no entanto, ao contrário do que se esperava, não contribuiu significativamente para a economia local, visto que, por se tratar de um *resort*, seus hóspedes se voltam para as atividades internas e pouca interação com a comunidade. Além disso, não houve absorção de mão-de-obra local proporcionalmente à dimensão do empreendimento, que tem em sua maioria funcionários oriundos de outros estados e alguns de Salvador.

Dos anos 70 aos 80, muitos loteamentos e condomínios surgiram na Ilha, a qual passou a receber veranistas de todas as classes sociais, tendo como principal propulsor o Sistema *Ferryboat* que contribuiu efetivamente para a sua popularização. Com isso, os veranistas de maior poder aquisitivo se afastaram da Ilha, que passou a ser frequentada majoritariamente por pessoas de baixa renda. Embora, durante muitos anos, Itaparica tenha se destacado como balneário de repouso e de saúde, há quase duas décadas, vem enfrentando um processo de decadência, para o qual muitos fatores contribuíram, como a política do turismo voltada para o Litoral Norte, a partir da construção da BA-009, conhecida como Estrada do Coco, que tornou mais acessíveis as praias do Litoral Norte, ainda não tão exploradas quanto as praias da Ilha de Itaparica. Além disso, a indiferença do poder público no que tange aos problemas ambientais como queimadas, desmatamentos, lixo, falta de esgotamento sanitário,

⁴⁶ Importante técnico do petróleo na Venezuela (OSÓRIO, 1979, p. 457).

exploração do setor imobiliário em áreas inapropriadas e a falência do Sistema *Ferryboat* também foram fatores que levaram os referidos veranistas a abandonarem a Ilha.

Praticamente esquecida pelos turistas, que representavam muito na economia local, a Ilha enfrenta a crise e o abandono, sendo palco de violência e saques no comércio e nas embarcações locais. Como não há uma atividade econômica através da qual sua população possa se estruturar, com uma produção agropecuária incipiente e as atividades industriais elementares, restava-lhe apenas como alternativa o turismo que, por sua vez, encontra-se em plena decadência.

A ausência de infraestrutura e de saneamento básico evidencia a carência de grande parte da comunidade local vinculada às condições sociais e econômicas, que têm a pesca artesanal como principal atividade. Embora se encontre em posição geográfica favorável e mesmo sendo uma ilha, a pesca não é uma atividade que representa lucro para a localidade, como já fora nos séculos XIX e XX, pois o desmatamento e a destruição dos manguezais provocaram o enfraquecimento dessa atividade econômica. Além disso, a pesca também enfrenta outros problemas, pois a escassez de algumas espécies marítimas em função do uso de explosivos e outras pescas predatórias achataram a renda dos pescadores, diminuindo a qualidade do produto e esfriando a economia local. No entanto, muitas famílias ainda encontram sua fonte de subsistência nos rios, bem como nos manguezais onde extraem os pescados e os mariscos.

A agricultura de subsistência, a pecuária extensiva, a produção artesanal, especialmente a pesca, constituem atualmente a base da economia local. Sem qualquer infraestrutura para receber os turistas e com o comércio decadente e sem segurança, a pesca, principalmente de mariscos é o único meio de sobrevivência da maioria dos moradores de Itaparica.

3.1.1 Os pontos da pesquisa

Seguindo a metodologia do ALiB⁴⁷, para a seleção das comunidades da Ilha a serem

⁴⁷ Projeto nacional de caráter interinstitucional, lançado em Salvador, em 1996, durante o Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, na Universidade Federal da Bahia. Orientado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Geografia Linguística e de natureza pluridimensional, esse projeto procura levantar as variações diatópicas, diagenéricas, diastráticas, diageracionais, diafásicas, aliando fatores de natureza diatópica a fatores sociolinguísticos. Para a elaboração e execução desse projeto, foi criado um Comitê Nacional constituído por representantes de atlas linguísticos já publicados e em andamento. São integrantes desse comitê em 2015: Suzana Alice Cardoso (Diretora Presidente), Jacyra Andrade Mota (Diretora Executiva), Abdelhak Razky, Aparecida Negri Isquerdo, Felício Wessling Margotti, Maria do Socorro Aragão e Vanderci Aguilera.

pesquisadas, levaram-se em consideração os critérios históricos, geográficos e culturais, bem como a sua tradição na atividade pesqueira. Com base em tais critérios, foram selecionadas as seguintes comunidades: Baiacu, Barra do Gil, Cacha Pregos, Jiribatuba e Mar Grande, no município de Vera Cruz; e Amoreiras, Itaparica (sede) e Ponta de Areia, no município de Itaparica.

Vera Cruz é um município mais extenso do que Itaparica e, conseqüentemente, abriga um maior número de comunidades de pesca. Em função disso e a fim de que recobrir toda a extensão territorial de Vera Cruz na recolha dos dados, foram selecionadas 5 comunidades desse município. Em contrapartida, apenas 3 de Itaparica. Embora não seja esta uma divisão proporcional, o número de informantes de cada localidade é equivalente.

3.1.1.1 O município de Vera Cruz

O município de Vera Cruz, que foi criado pela Lei Estadual nº 1773, de 30/07/1962, compõe-se dos distritos de Mar Grande, onde fica localizada a sede, Barra do Gil, Jiribatuba e Cacha Pregos. Localizado na Região Metropolitana de Salvador, conforme o Censo 2010, como antes visto, possui 37.567 habitantes distribuídos numa área de 299,734 km². Em seu entorno, encontram-se: Itaparica, ao norte; Jaguaripe, ao sul; Salvador e Oceano Atlântico, ao leste; Jaguaripe e Salinas da Margarida, ao oeste. Em seu bioma, predomina a Mata Atlântica. Com uma economia voltada para a agropecuária, indústria e serviços, o município conta com 20 estabelecimentos de saúde, sendo 17 municipais e 3 privados; 62 escolas de ensino fundamental, 46 de ensino pré-escolar e 3 de ensino médio.

A comunidade de Baiacu se localiza na contracosta, no município de Vera Cruz, e se constitui a maior vila de pescadores da Ilha de Itaparica. Seu nome tem origem em *mbaya'ku*, redução do tupi *gwambaya'ku* que, conforme Houaiss (2001), é uma ‘designação comum a vários peixes teleósteos, tetraodontiformes, encontrados em ambientes marinhos ou de água doce, que possuem o corpo coberto por escamas, espinhos ou placas ósseas’. A comunidade de Baiacu, antiga Vila do Senhor de Vera Cruz, originou-se em 1560, a partir do primeiro povoamento iniciado pelos jesuítas na Ilha. Nela se ergueu a segunda igreja do Brasil, a Igreja do Senhor de Vera Cruz, construída por escravos, com tijolos cerâmicos, óleo de baleia e cal produzidos na própria localidade. Em Baiacu, a economia é voltada para a pesca de mariscos e outros frutos do mar. Devido à forte influência fluvial nessa região, formaram-se extensos e

ricos manguezais, de onde os moradores extraem os mariscos para serem vendidos na Ilha ou em Salvador, bem como para o seu próprio consumo, como se verifica na fala do informante:

O destino dessas pesca é a costêra mehmo. Compra aqui pra vendê lá fora. Eles compra aqui... porque sempre as mulé... tem uma porção delas aqui que sempre compra mercadoria aqui. Ela já trata o pêxe, já faz os pacotinho, já leva. De manhã cedo ela viaja, chega mei'dia; às vez, chega de tarde. Vende tudo lá fora na costêra. Vai até em Santo Antônio de Jesus, vão vendê... o pessoal daqui. (M3B-V)

Em Baiacu, fica localizada a Colônia de Pescadores Z-11, como se vê na Figura 12.



Figura 12: Colônia de Pescadores Z-11, em Baiacu, Vera Cruz, na Ilha de Itaparica-BA.
Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1195, obtida em 20/08/2012.

Situada no município de Vera Cruz, Barra do Gil é uma antiga vila de pescadores, onde atualmente há muitas casas de veraneio, pousadas, bares, quiosques e barracas de praia. Com apenas um quilômetro de extensão, Barra do Gil se caracteriza por suas águas calmas e cristalinas, seus coqueirais, bem como uma barreira de recifes que torna o ambiente favorável à pesca de polvo e lagosta, atraindo muitos praticantes da pesca de mergulho por apneia.

Localizada no município de Vera Cruz, no extremo sudeste da Ilha de Itaparica, Cacha Pregos⁴⁸ é uma pequena vila de pescadores e mariscadoras que fica a 20 km da BA 001 (rodovia que dá acesso a Ilha), portanto é a comunidade mais isolada da Ilha de Itaparica. Por se situar entre o oceano e a foz do rio Jacuípe, suas praias apresentam variações entre águas

⁴⁸ Grafia conforme o Índice de Nomes Geográficos (2011), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

claras e escuras. Sendo uma das maiores concentrações urbanas de Itaparica, Cacha Pregos conta com uma boa infraestrutura turística. Nela se encontram muitos estaleiros de saveiros e escunas. Em Cacha Pregos, situa-se a Colônia de Pescadores Z-10.

Há duas versões para a origem do nome dessa localidade. A mais difundida está relacionada à própria atividade pesqueira e tem origem numa variante local do verbo *catar* que deu origem a *cachar*. De acordo com essa versão, nas marés baixas, formavam-se piscinas rasas onde ficavam retidos grandes cardumes de peixe-prego, o que tornava a pesca mais fácil, não sendo necessário o uso de apetrechos, apenas as mãos. Assim, quando se perguntava para onde a pessoa ia, respondia-se: “Vou para o lugar onde dá para cachar peixes-pregos”. Com o uso corrente, *Cachar Pregos* transformou-se em *Cacha Pregos/Cacha Prego*. Outra versão, que gira em torno de uma lenda, tem origem na variante de *Caixa Pregos*. De acordo com a lenda, na localidade foi encontrada uma caixa contendo uma baixela de ouro e prata, a qual pertencia a um senhor abastado que costumava utilizá-la para tomar chá de pétalas de rosas. A pessoa que encontrou a caixa a repôs no mesmo lugar cheia de pregos enferrujados e outros objetos sem valor, a fim de evitar que o dono desconfiasse que a havia encontrado. De acordo com a lenda, a referida caixa fora escondida por um pirata francês denominado *Zurcouf* ou *Macrif*.

Pertencente ao município de Vera Cruz, a localidade de Jiribatuba⁴⁹ está situada no extremo sudeste da contracosta da Ilha, próximo à Ponte do Funil. Composta basicamente de pescadores e marisqueiras, sua comunidade tem como principais fontes de renda o comércio, o turismo e as atividades inerentes à pesca. Em Jiribatuba, encontra-se a Igreja de Santo Amaro de Catu, uma importante edificação religiosa do século XVIII, bem como a Sociedade Filarmônica Lira Santamarense, com uma escola de música e uma pequena biblioteca, ambas mantidas com recursos oriundos da própria comunidade. Seu nome tem origem no tupi *yeri'wa* 'tipo de palmeira' + *tüwa* 'muito, abundancial' (HOUAISS, 2001). Antes de denominar-se Jiribatuba, a localidade já foi denominada Santo Amaro do Catu, Santo Amaro de Itaparica e São Lourenço. Nela se encontra a Colônia de Pescadores Z-8.

Sede do município de Vera Cruz, Mar Grande compreende os povoados de Jaburu, Gamboa, Ilhota e Duro, no qual se encontra o atracadouro de onde chegam as lanchas que saem de Salvador. Em Mar Grande, encontram-se importantes pontos turísticos da Ilha, como uma fonte de água doce no Tereré e a Capela de Santo Antônio dos Velásquez, construída no século XVII, um patrimônio histórico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Entre a capela e o povoado de Jaburu, encontra-se o Moinho de

⁴⁹ Grafia conforme o Índice de Nomes Geográficos (2011), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ventos das Mercês, cuja estrutura se assemelha aos moinhos típicos de Portugal, principalmente os da região de Lisboa, Sintra e Ericeira. Como está localizado no topo de uma colina, do moinho, é possível apreciar a Baía de Todos os Santos. Mar Grande tem uma economia voltada para o turismo e o comércio local.

3.1.1.2 O município de Itaparica

Originariamente criado pelo decreto imperial de 25/10/1831, o município de Itaparica possui como norma vigente de criação a Lei Estadual nº 628, de 30/12/1953. Compõe-se dos distritos de Amoreiras, Bom Despacho, Manguinhos, Misericórdia, Mocambo, Porto dos Santos, Ponta de Areia e Itaparica, a sede. Com uma área de 118.040 km², de acordo com o Censo 2010, Itaparica possui 20.725 habitantes e uma economia voltada para agropecuária, indústria e serviços. No que se refere à educação, a localidade conta com 13 estabelecimentos de ensino pré-escolar, 21 de ensino fundamental e 3 de ensino médio.

Sendo palco de importantes batalhas, dentre elas, a luta pela independência da Bahia, Itaparica possui um rico patrimônio histórico. Nela se encontram a Capela de Nossa Senhora da Piedade, construída em 1622; a Fonte da Bica (cf. Figura 13), a única de água hidromineral à beira mar das Américas, construída em 1842; o Forte de São Lourenço (cf. Figuras 14 e 15), construído pelos holandeses em 1647 e reconstruído pelos portugueses no século XVIII; a Igreja de São Lourenço, construída em 1711.



Figura 13: Fonte da Bica, em Itaparica – BA.
Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1598, obtida em 04/09/2012.



Figura 14: Forte de São Lourenço, Itaparica – BA.
 Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1624, obtida em 04/09/2012.



Figura 15: Forte de São Lourenço, Itaparica – BA (vista da praia).
 Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1642, obtida em 04/09/2012.

Situada a 5,5 km da sede de Itaparica, a comunidade de Amoreiras se caracteriza por uma pequena faixa de areia na praia e por uma grande quantidade de cascalho. Seu nome tem origem no latim vulgar *mora* (do latim clássico *morum*, *i* ‘fruto da amoreira’) + *-eira*, que designa, de acordo com Houaiss (2001), ‘plantas de diferentes gêneros das famílias das moráceas e rosáceas, cujos frutos são conhecidos como amora’. Embora tal denominação induza a pensar que a paisagem local seja composta por tais árvores, são as amendoeiras que predominam na localidade. Uma das características mais marcantes da comunidade é o comércio de peixes frescos e crustáceos na praça principal que fica de frente para a praia, bem como na própria orla (cf. Figura 16). Em Amoreiras, fica localizada a Colônia de Pescadores Z-12.



Figura 16: Comércio de peixes frescos e crustáceos na orla de Amoreiras, em Itaparica – BA.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1538, obtida em 31/08/2012.

Com uma extensão de 3,5 km, Ponta de Areia é uma das praias mais preferidas pelos veranistas. Trata-se de uma praia recomendável para o banho por apresentar água morna e rasa, poucas ondas e sem pedras. Para receber os inúmeros turistas que a visitam, a localidade conta com diversos hotéis, pousadas, restaurantes, mercados etc. Sendo a praia mais próxima da capital, Ponta de Areia tem a melhor infraestrutura da Ilha, dispondo inclusive de um píer de onde partem muitos barcos a passeios.

3.2 QUESTIONÁRIO: ELABORAÇÃO, APLICAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* deste trabalho se constituiu a partir da aplicação de um questionário linguístico entre os pescadores da Ilha de Itaparica. A fim de atender aos objetivos da pesquisa, no período de abril a junho de 2012, estabeleceu-se contato com pessoas envolvidas na pesca artesanal, com as quais se manteve uma conversa informal, no intuito de minimizar qualquer efeito negativo em função da presença de um estranho na comunidade. De acordo com Tarallo (1999), numa pesquisa sociolinguística, os primeiros contatos do pesquisador com os informantes, bem como sua entrada na comunidade, deve se estabelecer “através de terceiros, ou seja, de pessoas já devidamente aceitas pela comunidade” (*id.*, p. 27). Por isso recorreu-se aos presidentes e representantes das colônias de pescadores da localidade, os quais foram de fundamental importância na seleção dos informantes que atendiam ao perfil da pesquisa. Nesse período, cadastraram-se os informantes utilizando a ficha de abordagem,

conforme o modelo usado para o ALiB (Ver ANEXO - Ficha do informante), com o objetivo de selecionar aqueles que atendessem às variáveis sociolinguísticas inerentes à pesquisa. Além disso, observou-se o falar dessas pessoas, a fim de proceder à elaboração do questionário linguístico, o qual contempla diferentes aspectos relacionados à pesca (Ver APÊNDICE A - Questionário linguístico).

No período de julho a setembro de 2012, deu-se início à aplicação dos inquéritos entre os informantes selecionados. As entrevistas, que foram realizadas na casa dos informantes ou no local da pesca, tiveram cerca de 30 minutos de duração e foram registradas em câmera digital com gravador de voz. Quando realizadas no local da pesca, as entrevistas possibilitaram visualizar parte do processo da pescaria, bem como compreender melhor o manejo dos apetrechos inerentes a essa atividade. Após a aplicação do inquérito, procedeu-se ao preenchimento da ficha do informante definitiva, em que foram registradas as impressões sobre os sujeitos da pesquisa e as circunstâncias em que as entrevistas foram realizadas.

Durante a aplicação dos inquéritos, a fim de que se tornassem mais claras ao informante, muitas perguntas sofreram adaptações. Além disso, quando da inclusão de um novo dado pelo informante durante a entrevista, novas perguntas foram incorporadas ao questionário. Dessa forma, em alguns trechos das entrevistas, as perguntas sofreram alterações em sua estrutura, bem como na ordem em que se encontram no questionário.

Após a aplicação dos inquéritos, estes foram transcritos e digitados em editor de texto Winword, com salvamento também no Bloco de Notas, em arquivo TXT e codificação UNICODE, em versão Windows XP 2007. Seguindo ainda a metodologia do ALiB, para a transcrição dos inquéritos, adotou-se a transcrição grafemática, considerando os seguintes critérios:

- a) as formas consagradas pelo uso comum foram transcritas de acordo com a sua realização pelo falante;
- b) as variações morfossintáticas foram transcritas conforme realizadas pelo falante;
- c) os nomes dos informantes foram transcritos apenas pelas iniciais maiúsculas e, para identificá-los, utilizou-se a codificação que se compõe de: indicação do sexo (F para o feminino e M para o masculino); indicação da faixa etária (1 para a faixa etária de 20-30; 2 para a faixa etária de 35-55; 3 para faixa etária + 60); identificação do informante (inf. A, inf. B e inf. C) e localidade (I = Itaparica; V = Vera Cruz).
- d) as respostas foram transcritas na ordem em que ocorreram, mesmo quando respondidas fora de ordem;
- e) os casos de hesitação foram indicados com reticências: uma pausa menor foi indicada

- por ...; uma pausa maior foi indicada por (...);
- f) incompreensão de algum termo foi indicada por (?);
- g) foram utilizadas as normas de pontuação em vigor.
- h) os números foram escritos por extenso;
- i) as interjeições foram transcritas conforme os recursos ortográficos disponíveis; os elementos fáticos tiveram a grafia uniformizada, como: ah, eh, êh, ahn, ehn, uhn, tá, viu, né;
- j) os casos de elisão foram indicados com apóstrofo;
- k) os segmentos não perceptíveis foram indicados com interrogação entre parênteses, seguidos da(s) hipótese(s) de segmento. Exemplo: mesm(? = mesmo/mesma);
- l) os risos foram indicados com as palavras “risos” ou “rindo” entre parênteses;
- m) os comentários figuram entre dois parênteses;
- n) as citações figuram entre aspas, com a mesma fonte utilizada para a transcrição;
- o) a entoação enfática não foi registrada graficamente;
- p) foram representadas graficamente: apagamento de consoantes finais, como em cantá, colhê, melhó; em formas contractas, como pro (para o), dum (de um), pr’eu (para eu), pr’ocê, co’as (com as): apagamento de sílabas em formas como em tá (está), tiver (estiver), sobia (assobia), sabo (sábado); acréscimo de sílabas, como em avoar (voar), Quilara (Clara), fazeri (fazer); iotização ou despalatalização da lateral, como em mulé / muié (mulher), culé / cuié (colher), fio (filho); aspiração de consoantes fricativas, em coda silábica (mehmo, dehde), ou em posição inicial de sílaba (a hente, fahendo); desaparecimento (assimilação) de consoantes, em formas gerundivas como fazeno (fazendo), cantano (cantando) ou em outros casos, como tamém (também); redução de ditongos, como em: fêra (feira), caxa (caixa), otro (outro), cantô (cantou).

Utilizando o programa WordSmith Tools 4.0 (SCOTT, 2007), foram identificadas as lexias que caracterizam o léxico dos pescadores, bem como suas variantes, a partir da fragmentação dos dados. Em seguida, procedeu-se à análise do comportamento das unidades lexicais, lematização das unidades, a fim de compor o vocabulário. Após a extração dos signos lematizados, por frequência e por ordem alfabética, utilizou-se o concordanciador, a fim de observar o comportamento das unidades lexicais, na composição de lexias complexas e para conhecimento de possíveis campos dessas unidades.

Ainda para a análise do *corpus*, foram adotados os seguintes procedimentos:

- a) seleção das lexias peculiares ao campo da pesca artesanal;
- b) definição das lexias a partir da aceção predominante na comunidade;
- c) consulta às seguintes obras lexicográficas para identificar as lexias dicionarizadas: *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de Morais Silva (1948), *Dicionário Aurélio eletrônico – Século XXI*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999), *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss (2001), e *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (1986), *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Francisco Júlio Caldas Aulete (2013), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado (1967);
- d) pesquisa da origem etimológica das lexias;
- e) recorrência às gravações dos inquiridos, sempre que necessário, para esclarecimento de dúvidas.

Para a sistematização e análise, cada lexia foi registrada em ficha lexicográfica (Ver Apêndice B), a qual se compõe dos seguintes itens:

- a) número da ficha, seguido da lexia selecionada, sua classificação morfológica, segundo o contexto em que se encontra inserido no *corpus* e as variantes que a mesma apresenta;
- b) número de ocorrências da lexia no *corpus*;
- c) classificação da lexia conforme a proposta de Pottier (1974);
- d) abonação (contexto em que ocorre a lexia na fala do informante);
- e) campo lexical no qual a lexia está inserida;
- f) definição da lexia nos dicionários gerais e etimológicos.

Em seguida, as lexias foram agrupadas por campos lexicais, conforme a perspectiva de Coseriu (1967), com o objetivo de proceder à análise léxico-semântica.

3.3 OS INFORMANTES

Integram essa pesquisa os moradores da Ilha de Itaparica, entre os quais foi aplicado um questionário com perguntas que contemplam o processo de pesca artesanal. Em A

pesquisa sociolinguística, Tarallo (1999) chama a atenção para os critérios na escolha dos informantes a serem entrevistados. Assim, sugere:

Nos estudos de comunidade estabeleça parâmetros rígidos para a seleção de informantes, como por exemplo: somente serão entrevistados aqueles indivíduos que ou tenham nascido na comunidade em questão ou a ela tenham chegado até os 5 anos de idade. Com isso você evitará que a escolaridade do informante em uma outra comunidade, ou sua interação com falantes de outro centro até a fase crítica da adolescência tenham reflexo sobre a marca sociolinguística do grupo estudado (TARALLO, 1999, p. 28)

Procurando atender a esses critérios, foram selecionados 36 informantes naturais de oito localidades da Ilha ou residentes nelas há, pelo menos, um terço de sua vida. Tais informantes pertencem a famílias com tradição na pesca artesanal e desempenham diferentes funções na atividade pesqueira. Por ser essa uma atividade desenvolvida por homens e mulheres desde a adolescência até a terceira idade, foram selecionados informantes do sexo masculino e feminino, de três diferentes faixas etárias.

No que tange à escolaridade, esta variável não foi estabelecida como critério para a seleção dos informantes devido à dificuldade de se encontrar pescadores que tenham concluído o Ensino Fundamental. Os pescadores, quando não analfabetos, em sua maioria, só frequentaram a escola até o nível Fundamental I e, dos que deram continuidade aos estudos, poucos concluíram o Ensino Médio. No que se refere à faixa etária 3, por exemplo, não foram encontrados informantes que tivessem esse nível de escolaridade. Assim, em sua maioria, o grupo se compõe de pescadores analfabetos ou com o Ensino Fundamental I incompleto.

Nos Quadros 1 e 2, encontram-se devidamente distribuídos e identificados, por localidade, faixa etária e sexo, os informantes que integram a pesquisa.

FAIXA ETÁRIA	SEXO						TOTAL
	MASCULINO			FEMININO			
F1 (20-30)	M1A-V	M1B-V	M1C-V	F1A-V	F1B-V	F1C-V	6
F2 (35-55)	M2A-V	M2B-V	M2C-V	F2A-V	F2B-V	F2C-V	6
F3 (+ 60)	M3A-V	M3B-V	M3C-V	F3A-V	F3B-V	F3C-V	6
TOTAL	9			9			18

Quadro 1: Informantes residentes em Vera Cruz, distribuídos conforme faixa etária e sexo.

FAIXA ETÁRIA	SEXO						TOTAL
	MASCULINO			FEMININO			
F1 (20-30)	M1A-I	M1B-I	M1C-I	F1A-I	F1B-I	F1C-I	6
F2 (35-55)	M2A-I	M2B-I	M2C-I	F2A-I	F2B-I	F2C-I	6
F3 (+ 60)	M3A-I	M3B-I	M3C-I	F3A-I	F3B-I	F3C-I	6
TOTAL	9			9			18

Quadro 2: Informantes residentes em Itaparica, distribuídos conforme faixa etária e sexo.

3.3.1 Perfil dos informantes

Num estudo de carácter dialetal, delinear claramente o perfil do informante é de fundamental importância. Ferreira e Cardoso (1994, p. 27) afirmam que tal medida visa a “um perfeito controle de variáveis que permitem, com menor margem de desvios, a intercomparação dos dados recolhidos”. De acordo com as autoras, há uma série de pontos a serem controlados, como:

naturalidade, com precisão local do nascimento; grau de escolaridade; profissão, domicílios e período de permanência em cada um deles; viagens efetuadas e duração de cada uma; naturalidade dos pais e do cônjuge; profissão dos pais e do conjuge; outras atividades que desempenha; estado civil; número e idade dos filhos. A estes se acrescentam outros que, pela natureza da área, precisem ser mantidos sob controle, com os que passam a exigir regiões demarcadas pelo contacto linguístico e pela existência de grupos bilíngües (*id.*, *ibid.*).

Para melhor compreensão do fenómeno linguístico objeto deste trabalho, buscou-se traçar o perfil dos informantes, a partir dos dados coletados na ficha de abordagem (Ver ANEXO – Ficha do informante), bem como as particularidades e impressões captadas no momento de interação face a face entre informante e inquiridor. Assim, buscou-se registrar informações concernentes a suas vidas, à função que desempenham no meio social em que vivem, bem como à relação que estabelecem com os demais membros da comunidade.

Os Quadros 3 e 4 permitem verificar a identificação dos informantes conforme a codificação estabelecida, suas iniciais em maiúsculas, bem como os dados coletados na ficha do informante (idade, local onde reside, estado civil, naturalidade, profissão e escolaridade).

Informantes residentes em Vera Cruz	
Codificação	Dados
M1A-V	EXG. Masculino. 24 anos. Cacha Pregos, Vera Cruz. Casado. Aratuba, Vera Cruz. Marisqueiro e pedreiro. 7º ano (Ens. Fund. II).
M1B-V	MSCC. Masculino. 28 anos. Baiacu, Vera Cruz. Solteiro. Itaparica. Pescador. 3º ano (Ens. Fund. I).
M1C-V	MAL. Masculino. 23 anos. Mar Grande, Vera Cruz. Solteiro. Mar Grande, Vera Cruz. 3º ano (Ens. Médio).
M2A-V	ACCD. Masculino. 41 anos. Jiribatuba, Vera Cruz. Solteiro. Salvador. Pescador e ajudante de pedreiro. 5º ano (Ens. Fund. II)
M2B-V	RR. Masculino. 38 anos. Cacha Pregos, Vera Cruz. Casado. Cacha Pregos, Vera Cruz. Pescador e pedreiro. Ensino Médio.
M2C-V	APLC. Masculino. 52 anos. Mar Grande, Vera Cruz. Casado. Mar Grande, Vera Cruz. Pescador e administrador. 4º ano (Ens. Fund. I).
M3A-V	ACSS. Masculino. 64 anos. Jiribatuba, Vera Cruz. Casado. Jiribatuba, Vera Cruz. Pescador e pedreiro. 5º ano (Ens. Fund. II).
M3B-V	JGS. Masculino. 64 anos. Baiacu, Vera Cruz. Convivente. Córrego do Mourão, Jijoca de Jericoacoara, CE. Pescador, segurança e ajudante. 1º ano (Ens. Fund. I).
M3C-V	ASJ. Masculino. 65 anos. Barra do Gil, Vera Cruz. Viúvo. Barra do Gil, Vera Cruz. Pescador e motorista. 5º ano (Ens. Fund. II)
F1A-V	TSP. Feminino. 21 anos. Jiribatuba, Vera Cruz. Convivente. Jiribatuba, Vera Cruz. Mariscadora. 3º ano (Ens. Médio).
F1B-V	VCB. Feminino. 28 anos. Baiacu, Vera Cruz. Convivente. Baiacu, Vera Cruz. Mariscadora e secretária da colônia. Ensino Médio.
F1C-V	MSC. Feminino. 30 anos. Barra do Gil, Vera Cruz. Convivente. Barra do Gil, Vera Cruz. Mariscadora e faxineira. 5º ano (Ens. Fund. II).
F2A-V	EBS. Feminino. 36 anos. Jiribatuba, Vera Cruz. Solteiro. Jiribatuba, Vera Cruz. Mariscadora. 5º ano (Ens. Fund. II).
F2B-V	CSS. Feminino. 36 anos. Cacha Pregos, Vera Cruz. Casada. Cacha Pregos, Vera Cruz. Mariscadora e vendedora. Analfabeta.
F2C-V	MJGF. Feminino. 52 anos. Barra do Gil, Vera Cruz. Convivente. Pernambuco. Pescadora e representante distrital da colônia. Ensino Médio.
F3A-V	MRSS. Feminino. 65 anos. Cacha Pregos, Vera Cruz. Viúva. Maragogipinho. Mariscadora. Analfabeta.
F3B-V	MJG. Feminino. 62 anos. Baiacu, Vera Cruz. Convivente. Baiacu, Vera Cruz. Mariscadora. Pré-escolar.
F3C-V	BEPL. Feminino. 65 anos. Mar Grande, Vera Cruz. Casada. Mar Grande Vera Cruz. Mariscadora. 1º ano (Ens. Fund. I)

Quadro 3: Identificação dos informantes de Vera Cruz.

Informantes residentes em Itaparica	
Codificação	Dados
M1A-I	ES. Masculino. 30 anos. Itaparica. Solteiro. Itaparica. Pescador, garçom e caseiro. 2º ano (Ens. Médio).
M1B-I	GGN. Masculino. 20 anos. Ponta de Areia, Itaparica. Solteiro. Ponta de Areia, Itaparica. Pescador e repositor. 8º ano (Ens. Fund. II).
M1C-I	LCS. Masculino. 30 anos. Amoreiras, Itaparica. Convivente. Amoreiras, Itaparica. Pescador. 4º ano (Ens. Fund. I).
M2A-I	JCT. Masculino. 53 anos. Itaparica. Casado. Arembepe, Camaçari. Pescador e mestre de obras. 4º ano (Ens. Fund. I).
M2B-I	ETN. Masculino. 38 anos. Ponta de Areia, Itaparica. Casado. Pescador e pedreiro. 7º ano (Ens. Fund. II).
M2C-I	RPS. Masculino. 54 anos. Amoreiras, Itaparica. Convivente. Amoreiras, Itaparica. Pescador e vendedor. 1º ano (Ens. Médio).
M3A-I	RSC. Masculino. 63 anos. Itaparica. Casado. Itaparica. Pescador. 3º ano (Ens. Fund. I).
M3B-I	LCC. Masculino. 69 anos. Ponta de Areia, Itaparica. Viúvo. Ponta de Areia, Itaparica. Pescador e mestre de escuna. 1º ano (Ens. Fund. I).
M3C-I	RN. Masculino. 75 anos. Amoreiras, Itaparica. Viúvo. Amoreiras. Pescador. 5º ano (Ens. Fund. II).
F1A-I	JAM. Feminino. 29 anos. Itaparica. Convivente. Itaparica. Mariscadora e garçonete. 3º ano (Ens. Fund. I).
F1B-I	MSL. Feminino. 24 anos. Ponta de Areia, Itaparica. Solteira. Ponta de Areia, Itaparica. Mariscadora, estudante, vendedora. 1º ano (Ens. Fund. II).
F1C-I	IS. Feminino. 27 anos. Amoreiras, Itaparica. Convivente. Amoreiras, Itaparica. Mariscadora e faxineira. Ensino Médio.
F2A-I	LPS. Feminino. 37 anos. Itaparica. Convivente. Itaparica. Mariscadora e vendedora. 3º ano (Ens. Fund. I).
F2B-I	NS. Feminino. 46 anos. Ponta de Areia, Itaparica. Convivente. Salvador. Pescadora e faxineira. Ensino Médio.
F2C-I	MGS. Feminino. 55 anos. Amoreiras, Itaparica. Convivente. Terra Nova. Mariscadora e faxineira. 8º ano (Ens. Fund. II).
F3A-I	IMNM. Feminino. 61 anos. Itaparica. Casada. Itabaianinha. Pescadora. 1º ano (Ens. Fund. I).
F3B-I	MPL. Feminino. 72 anos. Ponta de Areia, Itaparica. Viúva. Mariscadora. 5º ano (Ens. Fund. II).
F3C-I	RCS. Feminino. 80 anos. Amoreiras, Itaparica. Convivente. Mariscadora. Analfabeta.

Quadro 4: Identificação dos informantes de Itaparica.

Pelo exposto, verifica-se que outras ocupações, como pedreiro, faxineira, vendedora etc. caracterizam o perfil dos informantes. Dos pescadores entrevistados, 58% afirmaram buscar em outras atividades profissionais a complementação de sua renda, a fim de garantir o sustento de suas famílias. Na Figura 17, é possível observar o quantitativo de informantes de acordo com a profissões que exercem além da pesca.

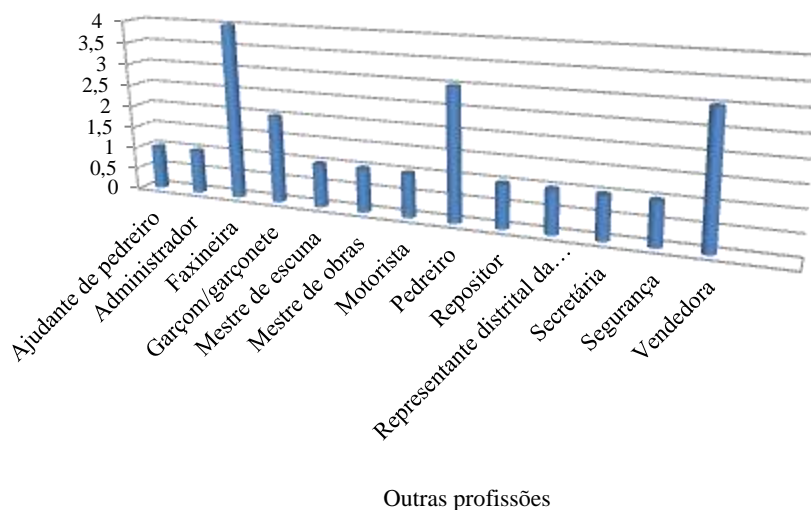


Figura 17: Quantitativo de informantes conforme a profissão que exerce além da pesca.

Como se nota, no que concerne às pescadoras, as ocupações de faxineira e vendedora se sobrepõem às demais. No que se refere aos pescadores, destaca-se a profissão de pedreiro.

4 NAS MALHAS DA REDE: O LÉXICO DA PESCA ARTESANAL NA ILHA DE ITAPARICA

Como já exposto no capítulo 3, após a identificação das lexias através do programa Wordsmith Tools 4.0 (SCOTT, 2007), com fragmentação textual em listas de palavras, os itens foram registrados em fichas lexicográficas. Isso permitiu a verificação do registro das lexias nos dicionários e as acepções que apresentam, bem como sua etimologia, sua classificação e os campos nos quais estão inseridas. Dessa forma, com base nas fichas, procedeu-se à quantificação e comparação dos dados, os quais serão apresentados neste capítulo.

O léxico geral registrado a partir da aplicação de 36 inquéritos, conforme os resultados apurados através do Wordsmith Tools 4.0 (SCOTT, 2007), totaliza 4675 itens lexicais, dentre os quais, 445 foram identificados como peculiares à atividade pesqueira, os quais assumirão a qualidade de lemas na elaboração do vocabulário. Trata-se especificamente dos itens de maior carga semântica, classificados como substantivos, verbos, adjetivos e locuções, considerando a perspectiva da Gramática Tradicional, bem como frasesmas. Os substantivos predominam com 305 ocorrências, representando 69% do *corpus*, enquanto as locuções, com 79 ocorrências, totalizam 18% das lexias. Os verbos e adjetivos e frasesmas, com 42, 10 e 9 ocorrências, respectivamente, correspondem a 13% do *corpus*. A Figura 18 apresenta o percentual de ocorrências conforme a categoria gramatical das lexias:

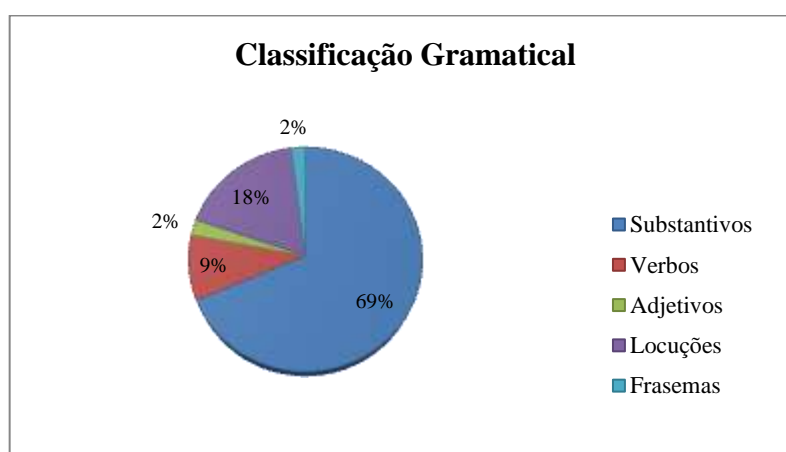


Figura 18 – Distribuição percentual conforme a classificação gramatical das lexias.

Como já visto no capítulo 1, as lexias, de acordo com Pottier (1974), podem ser simples, compostas ou complexas. As lexias simples correspondem aos itens lexicais constituídos por apenas um elemento lexical. As compostas se constituem de dois ou mais

elementos e, de acordo com o autor, resultam de uma integração semântica que se manifesta formalmente. Já as complexas, que podem ser constituídas de duas ou mais unidades, conforme Pottier (1974), correspondem a sequências em via de lexicalização em graus diversos. No que tange à tipologia das lexias de Pottier (1974), o exame dos dados permitiu verificar que o léxico dos pescadores da Ilha de Itaparica se compõe de lexias simples, compostas e complexas. As simples representam 46% da totalidade, com 205 ocorrências no léxico em estudo. As compostas abarcam 35% do *corpus*, com 155 ocorrências. Já as complexas incidiram 85 vezes, totalizando 19% das lexias. Vejam-se os percentuais na Figura 19.

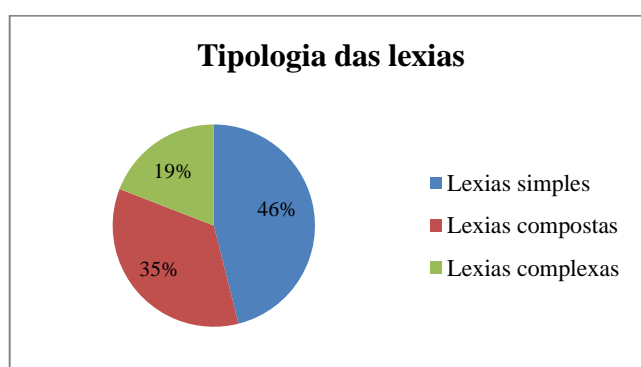


Figura 19 – Distribuição percentual dos tipos de lexias (POTTIER, 1974) que compõem o léxico da pesca na Ilha de Itaparica-BA.

Analisando os itens que compõem o léxico da pesca artesanal na Ilha de Itaparica, seguindo a proposição de Coseriu (1967 *apud* GECKELER, 1976), observam-se formas que reúnem um conjunto de semas pertinentes e comuns a diversos itens lexicais, ou seja, traços sêmicos comuns de um dado campo, o que as identificam como arquilexemas. Dentre os 445 itens que constituem o *corpus*, foram identificados 15 arquilexemas, os quais correspondem a apenas 3% da totalidade das unidades léxicas, como demonstra a Figura 20.

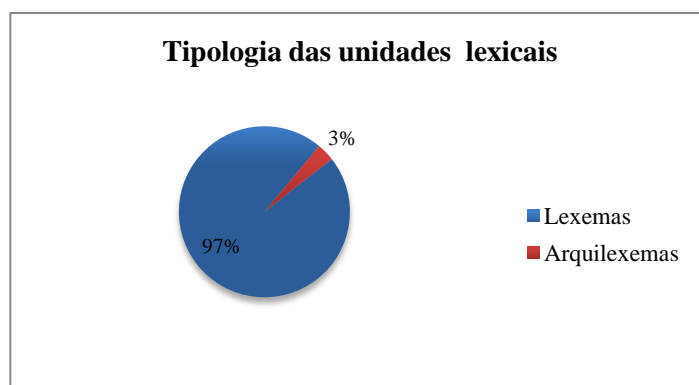


Figura 20 – Distribuição percentual dos lexemas e arquilexemas que compõem o *corpus*.

4.1 ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA

No intuito de proceder à análise léxico-semântica, a partir das informações contidas nas fichas lexicográficas, as lexias foram organizadas em campos lexicais. Para tanto, recorreu-se aos aportes teóricos desenvolvidos por Coseriu (1967 *apud* GECKELER, 1976). Como o macrocampo do léxico da pesca é bastante amplo, considerou-se, neste estudo, apenas o *campo da pesca artesanal*, não abordando o *campo da pesca industrial*, visto que, assim como em todo o Estado da Bahia, não se pratica a pesca industrial na Ilha de Itaparica. As lexias que compõem o léxico da pesca artesanal compreendem, dessa forma, 17 campos lexicais: *pontos de pesca, embarcações, partes e componentes das embarcações, modalidades de pesca, apetrechos da pesca, partes e componentes dos apetrechos da pesca, funções, etapas da pesca, ações da pesca, peixes, mariscos, iscas, instrumentos de iluminação, especificações e medidas, fenômenos da natureza, características, associações*. Os campos lexicais são apresentados em quadros, nos quais os itens foram distribuídos conforme seus respectivos traços semânticos. Devido à limitação do espaço e por se tratar de um recurso para formulação de definições lexicográficas, não lógicas, optou-se por não perseguir à exaustão a completude semântica nos quadros. Por isso, empregou-se uma coluna de linhas pontilhadas, a qual indica a possibilidade de inserção de outros traços distintivos.

A análise léxico-semântica que se propõe tem como base o contexto linguístico e cultural da comunidade de pesca, haja vista que muitas formas já existentes na língua portuguesa são empregadas pelos pescadores com acréscimos ou alterações semânticas. A referida análise consiste na verificação do registro das unidades lexicais nos dicionários gerais, sua etimologia, o sentido com que são empregadas na localidade, as variações que apresentam e sua possível motivação⁵⁰. Para melhor compreensão do sentido das lexias, a análise será ilustrada com trechos das falas dos informantes e imagens fotográficas captadas durante a aplicação dos inquéritos. As unidades lexicais em análise figurarão em negrito.

4.1.1 Macrocampo lexical da pesca

No macrocampo lexical da pesca, inserem-se todas as lexias que denominam as funções, os procedimentos, os instrumentos, os produtos, as ações inerentes à atividade

⁵⁰ Muitas lexias são inteiramente convencionais, mas há outras motivadas de diversas formas. De acordo com Ulmann (1973, p. 171), a motivação das palavras “pode residir quer nos próprios sons, quer na estrutura morfológica, quer no seu fundo semântico”.

pesqueira, compreendendo desde os preparativos para a pesca até a venda do produto. Do ponto de vista geográfico, corresponde ao inventário lexical dos pescadores da Ilha de Itaparica, na Bahia, de ambos os sexos, de três faixas etárias e de diferentes níveis de escolaridade.

A lexia **pesca** é uma forma regressiva do verbo *pescar* e denomina, de uma maneira geral, o ato ou prática de capturar peixes, seja com fins comerciais, esportivos ou de subsistência. Entre os pescadores, é empregada para designar a sua arte, a sua técnica, referindo-se não somente à captura de peixes, mas também à de mariscos em geral. Além disso, é utilizada para denominar o próprio produto de sua atividade, o pescado, como se observa nas falas a seguir apresentadas:

O destino dessas **pesca** é a costêra mehmo. (M3B-V)

Hoje, através das bomba, acabô um bocado... qué dizê, a **pesca** acabô um bocado... qué dizê, através da bomba, diminuiu um bocado. (M2A-V)

Eu... por causo da **pesca**, que tá um pouco escassa e eu já sempre fui mestre de obra, hoje eu sou mestre de obras. (M2A-I)

Por extensão de sentido, conforme Aulete (2013), o item lexical **pesca** denomina também a ‘ação de retirar alguma coisa da água’.

Na comunidade em estudo, **pesca** concorre com a variante **pescaria**, lexia composta que, de acordo com Aulete (2013), Ferreira (1999) e Houaiss (2001), tem origem na forma verbal *pescar* com o acréscimo do sufixo *-aria*, mas, para Cunha (1986), provém do latim *piscaria*.

4.1.1.1 Campo lexical dos pontos de pesca

As formas lexicais que designam os ambientes nos quais os trabalhadores desenvolvem suas atividades integram o campo lexical dos *pontos de pesca*. Os itens que o compõem foram levantados a partir das respostas às questões 4 e 5 do questionário linguístico: “Onde desenvolve suas atividades? Exclusivamente nesse local ou há outros espaços que são utilizados para desenvolver seu trabalho?”; “Existe uma área determinada para isso? Como se chama?”. Dessa forma, foram arrolados 18 itens, que correspondem a 5% da totalidade. São eles: **alto-mar ~ mar aberto, banco de areia ~ coroa ~ coloa, curral, barra, boca do rio, braço de mar, braço de rio, cabeça, camboa, canal, enseada, mangue**

~ manguezal e pesqueiro ~ peixeiro. Os traços que os distinguem se encontram no Quadro 5.

Dimensões	Profundidade			Tipo de terreno				Localização			Formato		Material de que é feito		→	
	[de águas rasas]	[de águas intermediárias]	[de águas profundas]	[terreno alagadiço]	[terreno lodaçal]	[terreno arenoso]	[terreno elevado]	[distante da faixa litorânea]	[situado na costa litorânea]	[situado entre duas costas]	[côncavo]	[sinuoso]	[varas de madeira]	[galhos de árvores]		→
Semas																
Lexias																
Alto-mar/ mar aberto	-	-	+	+/-	+/-	+/-	+/-	+	-	-	+/-	+/-	+/-	+/-		
Banco de areia	+	-	-	+/-	-	+	+	-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-		
Barra	-	+	-	+/-	-	+/-	+	+	-	-	+/-	+/-	+/-	+/-		
Boca do rio	+	-	-	+	-	+	-	-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-		
Braço de rio	-	+	-	+/-	-	+/-	-	-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-		
Braço de mar	-	+	-	+/-	-	+/-	-	-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-		
Cabeço	-	+	-	+/-	-	+	+	-	-	-	+/-	+/-	+/-	+/-		
Camboa	-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-	-	+	-	+	-	+/-	+/-		
Canal	-	+	-	-	-	-	-	-	-	+	+/-	+/-	+/-	+/-		
Coroa ~ coloa	+	-	-	+/-	-	+	+	-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-		
Curral	-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-	-	+	-	+/-	+/-	+	-		
Enseada	-	+	-	+	-	+	-	-	+	-	-	+	+/-	+/-		
Mangue/ manguezal	+	-	-	+	+	-	-	-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-		
Pesqueiro/ peixeiro	-	+	-	+	-	-	-	-	+	-	+/-	+/-	-	+		

Quadro 5 – Campo lexical dos *pontos de pesca*

No uso geral da língua portuguesa, a forma lexical **alto-mar** é empregada para denominar a região do mar que fica mais distante do litoral, da qual não é possível ver a terra. Nos dicionários gerais da língua portuguesa, encontra-se registrada com as seguintes acepções: ‘qualquer ponto do mar afastado da costa e donde não se avista terra’ (FERREIRA, 1999); ‘região marítima afastada do litoral; mar alto, mar largo, largo’ (HOUAISS, 2001); ‘parte do mar distante do litoral e de onde não se avista terra’ (AULETE, 2013). Composta pelas lexias *alto* ‘elevado’, do latim *altus*, e *mar*, do latim *māre*, entre os pescadores, essa forma designa um dos ambientes de águas profundas, onde geralmente se capturam peixes de médio e grande porte e para o qual só se pode navegar com uma embarcação maior e mais segura. Nos dicionários etimológicos consultados, essa lexia não se encontra registrada. Esse item possui como variante a forma **mar aberto**, como se verifica no trecho a seguir:

Aqui tem vários tipos de pêxe, mas... muitas espécies que dá em **má aberto**, que é o **alto-má**, aqui não dá... que aqui tem mais tainha, rubalo, carapeba, vermelho, cabeçudo, carrapato... várias espécies, aqui tem várias espécies mesmo. (M3A-V)

Má aberto é longitude, né? Você pegano o **alto-má**. Que aqui a hente den’da Baía de Todos os Santos, a hente tá den’do rio. Isso aqui não é o má. (M3A-I)

Composta de *mar* (< latim *māre*) + *aberto* (< latim *apērtus*), conforme Houaiss

(2001), a lexia complexa **mar aberto** é a ‘extensão de mar sem acidentes geográficos que perturbem a navegação; alto-mar’. Embora não seja específica da pesca, essa acepção converge para aquela registrada na comunidade.

A lexia complexa **banco de areia** é usada para designar um dos locais onde se pescam principalmente os mariscos. Trata-se de um terreno arenoso mais elevado que, quando a maré vaza, fica aparente e permite aos pescadores colherem os frutos do mar. Essa forma se encontra registrada em Aulete (2013) e Ferreira (1999) como ‘elevação arenosa no fundo de rio ou do mar’. Já Houaiss (2001) apresenta uma acepção mais abrangente. Para o autor, trata-se de ‘acumulação de aluviões e seixos no leito dos rios e na beira dos litorais onde predominam as areias; banco, baixio, cabeça, coroa, croa, croinha’. Na comunidade de pesca, **banco de areia** é um item lexical que coocorre com a forma **coroa**, ‘médão, que sobreleva o nível do mar’ (MORAIS SILVA, 1948). De acordo com Cunha (1986), tem origem no latim *cōrōnam*, derivado do grego *korōnē*. Ao discorrer sobre a captura de um anelídeo que utiliza como isca, o pescador informa sobre esse ambiente:

Ela é succulenta, ela é carne pura. Pego na **coroa**, é um **banco de arêa**... ela seca tudo... daqui a pouco vai secá tudo ali. Chama **coroa**. (M1A-I)

Como se observa, a definição de **banco de areia** apresentada por Houaiss (2001) se aproxima daquela que tem a lexia na comunidade em estudo.

Para a forma **coroa**, na localidade, foi registrada ainda a variante fonética **coloa**, bem como a variante lexical **cabeço**, conforme se observa na fala do pescador ao abordar os pontos de pesca:

Nós temos **cabeço** marcado pela gente, pela memória, pelos arvoredos, pra quando chegá, botá a linha e sabê onde tá o pêxe.

(...)

É... uma **coroa**... cria aquelas... aquelas pedra. Os pêxe vão comê e fica ali mesmo naquela **coroa**. (M3B-I)

Do latim *capitūm* ‘capuz; vestimenta de cobrir a cabeça; vestido com abertura para passar a cabeça; abertura na túnica para passar a cabeça’, a lexia simples **cabeço** figura nos dicionários que servem de base a esta pesquisa, dentre outras, com as seguintes acepções: ‘cume arredondado de monte’ (FERREIRA, 1999; CUNHA, 1986); ‘monte relativamente pequeno e arredondado’ (HOUAISS, 2001); ‘colina’ (AULETE, 2013); ‘o pico, o cume, o mais alto do monte, serra’ (MORAIS SILVA). Assim, embora esse item lexical se encontre registrado com acepção diferente daquela que apresenta no *corpus*, preserva o mesmo fundo semântico.

A lexia simples **barra** foi documentada como designação para o ponto de pesca que fica distante da faixa litorânea, que apresenta elevação decorrente do acúmulo de areia, cascalho ou pedras, local onde as ondas arrebentam. Observe-se o emprego desse item no discurso de um dos informantes:

(...) tem a **barra** que é entre Cacha Pregó e Itaparica... são duas **barras** que recebe esse braço de má, e a hente se desloca por esses lugares todos pra pescá. (MC1-V)

Sob a rubrica “geografia”, a forma lexical **barra** está registrada em Ferreira (1999) com a seguinte acepção: ‘acúmulo de material aluviônico, paralelo à costa, no ponto onde há o equilíbrio entre a corrente marítima e a fluvial’. Como brasileirismo, apresenta as seguintes acepções: ‘banco ou coroa de areia ou de outros sedimentos trazidos pelos rios e depositados nas suas bocas e nas dos estuários’; ‘foz do rio ou de riacho’. Com essas mesmas acepções, também se encontra em Houaiss (2001) e Aulete (2008), que ainda acrescentam ‘entrada de um porto, entre duas porções avançadas de terra firme’, ‘entrada de baía’ (HOUAISS, 2001), ‘embocadura’ (FERREIRA, 1991). De base pré-romana, **barra** tem origem no latim vulgar *barra* ‘travessa, tranca de fechar porta’, que provém do gaulês *barro* ‘extremidade’. Sob a rubrica “oceanografia”, Houaiss (2001), apresenta a seguinte acepção: ‘no litoral, lugar em que as ondas frequentemente arrebentam’. As acepções verificadas para esse item convergem para aquela apresentada na comunidade em estudo, embora não sejam específicas da pesca.

Boca do rio denomina um ponto de pesca que corresponde à foz do rio que banha a região. Tanto nos dicionários gerais quanto nos etimológicos, não foi verificado o registro dessa lexia complexa, que também está presente na toponímia soteropolitana. Denomina um bairro popular de Salvador, no qual se situa a foz do Rio das Pedras. Nos dicionários gerais, observou-se que a lexia simples *boca* denomina, na hidrografia, ‘entrada de baía, golfo, canal ou estreito’, bem como ‘foz de rio’. Tal acepção justifica a origem dessa forma lexical.

As lexias complexas **braço de rio** e **braço de mar** denominam uma parte do rio e do mar que avança terra adentro. Trata-se de ambientes onde se pescam peixes de pequeno porte e mariscos. Com o sentido com que foram documentadas na comunidade, as referidas lexias não se encontram registradas nos dicionários. No entanto, a forma simples *braço* (do lat. *brac(c)hĭum* (CUNHA, 1986)) é definida por Ferreira (1999) e Houaiss (2001) como ‘esteiro’, ou seja, ‘braço de rio ou de mar que se estende pela terra’. Assim o sentido converge para aquele que tem as lexias no *corpus*.

Camboa foi a lexia documentada para designar uma espécie de lago construído pelos pescadores, cercado com estacas. Neste, os peixes entram quando a maré está cheia, e são

capturados quando seca. Embora de étimo incerto, segundo Cunha (1986), **camboa** pode ter origem no tupi. Machado (1967) informa que talvez provenha de *cambar* ou *cambo* e possivelmente esteja por *cambona*. Para Aulete (2013), tem origem em *camba* ‘peça curva, em forma de arco, da roda de um veículo (como carroça etc.), e que constitui, com outras semelhantes, a circunferência externa desta; especialmente uma daquelas às quais se prendem os raios’. Para essa forma, encontram-se as seguintes definições nos dicionários em que se fundamenta esta pesquisa: ‘cercado armado em pequena depressão, junto ao mar, onde, na maré baixa, fica retido o peixe miúdo que ali penetra na preamar’ (FERREIRA, 1999); ‘estreito por onde a água penetra, na maré alta, e que esvazia quando as águas refluem na baixa-mar’ (HOUAISS, 2001); ‘covão ou lago artificial à beira-mar onde em maré cheia entra o peixe miúdo, que na vazante fica quase em seco’ (AULETE, 2013); ‘lago artificial à beira mar’ (CUNHA, 1986). As acepções encontradas nos dicionários convergem para aquelas registradas na comunidade de pescadores. Veja-se a fala dos informantes ao serem questionados sobre o local onde pescam:

Lugar qu’eu vô pescá? **Camboa**... é.... **camboa**.

(...)

Existe... lá no outro lado mehmo, na **camboa** também, no porto também, na coloa de Ana e no sobrado. (F1A-V)

O item lexical **camboa** tem como variante a forma *gamboa*, a qual está presente na toponímia baiana. Denomina um bairro de Salvador que se situa no sudoeste da Baía de Todos os Santos e é habitado por pescadores. Também nomeia uma praia de Vera Cruz que se localiza entre Penha e Mar Grande.

Outro ambiente de pesca documentado na comunidade é o **canal**. Trata-se de um lugar de águas mais profundas onde são pescados os peixes de grande porte, conforme se observa no trecho a seguir:

Canal é o lugá mais fundo, lugá mais fundo que trabaia os pêxe graúdo, cavala, e onde passa essas lancha lá fora... canal profundo, água funda. (M3B-V)

Do latim *canālis* (CUNHA, 1986), **canal** é definido por Houaiss (2001) como ‘estreita extensão de mar que, penetrando na terra, liga dois mares ou dois pontos do mesmo mar’; Para Aulete (2013), trata-se de uma ‘via navegável, de grande extensão, construída para servir de passagem entre mares, rios etc’. Sob a rubrica “geografia”, registra como ‘espaço de mar estreito e alongado entre duas costas’. Por sua vez, Morais Silva (1948), o define como ‘comunicação mais ou menos regular entre mares, braço de mar entre ilhas e continentes’.

Embora não se encontre uma definição específica da pesca para essa lexia, que apresente o traço [+ águas profundas], como a que se observa na fala do pescador, as definições convergem para aquela registrada na comunidade.

Curral foi a lexia documentada para nomear outro ambiente em que os pescadores desenvolvem sua atividade de pesca. Trata-se de um cercado feito com varas e cipó. Quando a maré enche os peixes se dirigem para o **curral** e ali ficam presos, como explica o informante:

Ói, a chumberga, a época é essa... que ela vem de lá de fora com esse vento, vem de lá de Valença com esse vento, e aqui fica preso nesses **curral**, essas coroa daqui, e é a época que os pescadore consegue arrumá uns pêxinhos.
(...)

Eu quero dizê que isso aqui é como se fosse um lugar que entrou ali e não tem muita saída... chama-se **curral**. (F3A-I)

De origem controvertida (CUNHA, 1986), possivelmente do latim *currāle* (MACHADO, 1967), essa forma está registrada nos dicionários, enquanto brasileirismo, como ‘armadilha para apanhar peixes’. Apenas em Cunha (1986) e Morais Silva (1948), está registrada também como ‘lugar ou cercado para recolher o gado’. O sentido com que os pescadores a empregam na comunidade corresponde ao que se verificou nas obras consultadas.

A **enseada** é um dos pontos de pesca onde se encontram os peixes de pequeno porte. Composta por *en-* + *se(io)* + *-ada*, essa lexia tem como acepção principal nos dicionários gerais ‘pequena baía ou recôncavo na costa de mar, lago ou rio, que serve de porto a embarcações’ (HOUAISS, 2001). Enquanto regionalismo no Brasil, é definida como ‘acesso/entrada a campo alagadiço’, o mesmo sentido que se registrou para esse item lexical na comunidade em estudo.

Mangue ou **manguezal** é o ponto de pesca onde se encontra uma variedade de crustáceos, moluscos e peixes. Corresponde a um ambiente costeiro alagado em que são colhidos os mariscos, como ostra, caranguejo, siri, sururu, dentre outros. Constituído por árvores, exclusivamente as dos gêneros *Rhizophora*, *Laguncularia* e *Avicennia*, tem o solo lodoso, composto por raízes e material vegetal em decomposição, tornando-o muito rico em nutrientes. De origem controversa (CUNHA, 1986), **mangue** é uma lexia que designa tanto a vegetação ou o seu conjunto (a floresta em si), quanto o terreno que apresenta as características mencionadas. Para Houaiss (2001), é a ‘designação comum a diversas árvores, especialmente da família das rizoforáceas, nativas de regiões costeiras tropicais das Américas,

da África e Ásia, em áreas alcançadas pelas marés e onde há uma lama negra como substrato em que se apoiam, por meio de raízes-escoras, munidas de excrescências verticais e aéreas que servem à respiração, como, por exemplo, o mangue-vermelho, que ocorre no Brasil'. Sob a rubrica "fitogeografia", Ferreira (1999) apresenta a seguinte acepção: 'comunidade dominada por árvores ditas mangues dos gêneros *Rhizophora*, *Laguncularia* e *Avicennia*, que se localiza, nos trópicos, em áreas justamarítimas sujeitas às marés'. Ainda de acordo com o autor, em Botânica, é 'cada uma das plantas dotadas de raízes-escoras que aí vegetam'. Para Morais Silva (1948), é a 'árvore do Brasil, que nasce à beira de rios, e em lodaçais; cresce com água salgada, ou salobra'. Através da Figura 21, é possível verificar as características desse ponto de pesca.



Figura 21: Mangue/ manguezal.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1411, obtida em 20/08/2012.

Dentre os dicionários que servem de base a esta pesquisa, apenas em Cunha (1986) e Aulete (2013) se encontram definições da lexia **mangue** como designativa da planta e do terreno alagadiço. Para Cunha (1986), além de denominar a árvore, designa também o 'terreno pantanoso das margens das lagoas e desaguadouros dos rios onde, em geral, vegeta o mangue'. Partindo da mesma concepção, para Aulete (2013), denomina o 'lodaçal com vegetação resistente ao sal, em planícies costeiras sujeitas a inundações da maré'. Dessa forma, as definições apresentadas por esses dois autores são as que mais condizem com a acepção que tem a lexia na comunidade, apresentando os traços [+ terreno alagadiço] e [+ terreno lodaçal]. É importante notar que os pescadores da Ilha Itaparica utilizam a forma lexical **mangue** para denominar o terreno e a lexia complexa **pé de mangue** para denominar a árvore, como se observa nos trechos a seguir:

A outra é no **mangue**... é na... no... nos **mangue**. A gente cata... corta... tira nos **mangue**, enterrado na areia. (F3C-V)

Esse marisco aqui, o aratu, esse marisco é o que mais dá trabalho. Tem que subi lá em cima no **pé de mangue**, com um cordão amarrado com a isca, a lata embaixo pra ir bateno as folhas e jogano as folha, e pegano, e jogano dentro da lata. (F3A-V).

A lexia composta **manguezal** (*mangue* + *-zal*) se encontra registrada nos dicionários gerais como o ‘mesmo que mangue’ (AULETE, 2013; FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001). Em Moraes Silva (1948) e nos dicionários etimológicos, não há registro dessa lexia.

Nas comunidades da Ilha de Itaparica, a fim de atrair e capturar os peixes, os pescadores se utilizam dos **pesqueiros** ~ **peixeiros**, os quais podem ser naturais ou artificiais. No primeiro caso, são formados de pedras rochosas onde os peixes se abrigam; no segundo, trata-se de armações feitas pelos pescadores, no fundo do mar, com galhos de árvores. Veja-se o que dizem os informantes sobre esse ponto de pesca:

O **pesquêro** são ramos de vegetação que é liberado pelo IBAMA pra gente... que a hente coloca no fundo do má pra servir de casa pr’os pêxe. Depois nós vamos lá pescá. (M2A-I)

A gente tem os **pesquêro** natural; sabe onde tem as pedra, as rocha. A gente já sabe e marca aqui por terra... e vai pra lá. (M3C-V)

Às vez, quando a hente também não tem essa coroa, aí faz **pesquêro**. Corta humo no mato, panha um barco, marra umas pedra com a corda. Chega lá, larga os monte no **pêxêro**, pra fazê a casa do pêxe, como nós mora den’da casa (risos). A hente chega lá naquela ramagem, bota ali, o pêxe vai e começa... (M3B-I)

A Figura 22 permite visualizar esse ponto de pesca e suas características.



Figura 22: Pesqueiro/ peixeiro.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto n° 1668, obtida em 04/09/2012.

Nos dicionários gerais em que se fundamenta esse estudo, a forma lexical **pesqueiro**

tem como acepção principal ‘lugar onde os peixes se abrigam, comem ou vivem’. Morais Silva (1948) a registra com o mesmo que *pesqueira* ‘pesqueiro, lugar onde há armações de pesca’. Sob a rubrica “pesca”, em Houaiss (2001) e brasileirismo em Ferreira (1999), encontra-se registrada como ‘ramada que se lança à água para atrair e juntar peixes’. As definições apresentadas por Ferreira e Houaiss são as que melhor se enquadram na acepção que tem essa lexia no *corpus*.

A forma **peixeiro** está dicionarizada como ‘vendedor de peixes’, acepção que difere daquela documentada entre os pescadores da Ilha de Itaparica.

Note-se que, para denominar os *pontos de pesca*, são empregadas, em sua maioria, lexias que designam acidentes geográficos e, portanto não são específicas da pesca. Apenas as formas **camboa**, **pesqueiro** e **peixeiro** têm esse caráter.

4.1.1.2 Campo lexical das embarcações

A questão 19 do questionário linguístico – “Quais os tipos de embarcação usados para a pesca?” – permitiu o levantamento dos itens que compõem o campo lexical das *embarcações*. Nele estão arrolados os itens lexicais que designam os meios de transporte utilizados pelos pescadores para a realização de suas atividades, seja na costa litorânea, seja em alto-mar. Correspondendo a 3% das lexias, foram arrolados 13 itens: **barco**, **barco a motor**, **barco a pano ~ barco a vela**, **barco a remo**, **barco de fibra**, **barco de madeira**, **caiaque**, **canoa**, **catraia**, **batelão**, **lança** e **saveiro**. No Quadro 6, apresentam-se os seus respectivos traços semânticos.

Dimensões	Tamanho		Tipo de propulsão			Material			Calado			Estrutura		→
	[médio porte]	[pequeno porte]	[humana]	[vento]	[motor]	[madeira]	[fibra]	[alumínio]	[alto]	[médio]	[baixo]	[com convés]	[sem convés]	→
Barco	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+	-	+	+	
Barco a motor	+	+	-	-	+	+	+	+	+	+	-	+	-	
Barco a pano/ barco a vela	-	+	-	+	-	+	-	+	+	+	-	-	+	
Barco a remo	-	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-	-	+	
Barco de fibra	-	+	+	+	+	-	+	-	-	+	-	-	+	
Barco de madeira	+	+	+	+	+	+	-	-	+	+	+	+	+	
Batelão	-	+	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-	+	
Caiaque	-	+	+	-	-	+	+	-	-	-	+	-	+	
Canoa	-	+	+	-	-	+	+	-	-	-	+	-	+	
Catraia	-	+	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-	+	
Lancha	+	-	-	-	+	-	+	+	-	+	+	+	+	
Saveiro	+	-	-	+	+	+	-	-	-	+	-	+	-	

Quadro 6 – Campo lexical das embarcações

Entre os pescadores da Ilha de Itaparica, **barco** é um item lexical empregado para nomear, de uma forma geral, qualquer tipo de embarcação de médio e pequeno porte. Esta pode ser propelida a motor, a vela ou a remo. Tendo origem em *barca*, do latim tardio *barca*, possivelmente de origem hispânica (CUNHA, 1986; MACHADO, 1967), a lexia **barco** é definida nos demais dicionários gerais pesquisados como ‘qualquer tipo de embarcação’ ou ‘qualquer embarcação miúda sem coberta’.

As lexias complexas **barco a motor**, **barco a pano**, **barco a remo**, **barco de fibra** e **barco de madeira** não se encontram dicionarizadas. Houaiss (2001) registra **barco a vela** como ‘embarcação movida a vela’. Essa lexia tem como variante, no *corpus*, a forma **barco a pano**. No campo em pesquisa, a motivação para essas lexias complexas é o tipo de propulsão ou a matéria de que é feita a embarcação.

A forma lexical **caiaque**, que denomina um tipo de embarcação geralmente usada para esporte e lazer, também foi documentada entre os pescadores. De acordo com os dicionários pesquisados, essa lexia, que tem origem no esquimó *q’ajaq*, através do étimo inglês *kayak*, corresponde a uma pequena embarcação feita de madeira ou de ossos de baleia, coberta com pele de foca, com pequena abertura no centro, que é impulsionada por um remo de duas pás. Por analogia, conforme Houaiss (2001), **caiaque** também denomina uma pequena embarcação para esporte e lazer, cujo formato é semelhante ao desta e geralmente usada por dois tripulantes remadores.

A embarcação denominada **caiaque** pode ser de madeira, fibra ou alumínio, e serve de instrumento para a prática da pesca artesanal, com deixa evidente a fala do informante:

O **caiaque**, geralmente o povo aí usa como brincadêra, diversão, entendeu? Esporte. A hente usa aqui para pescá. (M1B-I)

Na comunidade de pescadores em estudo, para designar um tipo de embarcação primitiva e sem quilha (cf. Figura 23), emprega-se a lexia **canoa**. Embora apenas em Ferreira (1999) se encontre, para esse item, uma definição específica como instrumento de pesca, em todas as obras que servem de base a esta pesquisa, **canoa** é considerada um embarcação pequena feita de uma só peça cavada por fogo ou instrumento. De acordo com Houaiss (2001), é uma embarcação primitiva e de origem indígena. A fala a seguir atesta tal informação:

Canoa é um barco feito com uma madeira só, entendeu? Não tem bico nem fundo, qualque lado pra você ir, pode ir com ela. (M1B-I)
A **canoa** é aquele tipo ali que chama... é um pau só, cavado; é da época dos índios, a **canoa**. (M2B-V)



Figura 23: Canoas ancoradas na comunidade de Baiacu, em Vera Cruz-BA.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1417, obtida em 20/08/2012.

Como se observa, a acepção que tem a lexia no *corpus* e as acepções verificadas nos dicionários gerais e etimológicos são convergentes. Do castelhano *canoa*, derivado do aruaque (CUNHA, 1986), a lexia **canoa**, conforme Machado (1967), foi dicionarizada pelo filólogo espanhol Antonio de Nebrissa, em 1493.

Com estrutura diferente e maior do que a canoa, a **catraia** é outro tipo de embarcação

utilizada pelos pescadores. Veja-se como se distinguem os dois tipos de embarcação na comunidade:

Ói, a canoa realmente é mais estreita, né? Canoa qué dizê aquilo ali (apontando para uma canoa), essas pequenininho. **Catraia** são essa aí. (?) são maiorzinho, sete, oito metro, dez metro; e as **catraia**, cinco, seis metro ou até menos. (M2C-I)

Trata-se de uma embarcação muito simples (cf. Figura 24), sendo a mais comum na comunidade por ser de valor mais acessível, como deixa evidente a fala do informante:

Tem mais **catraia**, que é a coisa mais barata que eles pode... vai remano. (F3A-I)



Figura 24: Catraia

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1180, obtida em 18/07/2012.

A forma **catraia** que, segundo Cunha (1986), é de origem obscura, está registrada com as seguintes acepções: ‘pequeno barco, geralmente com duas proas, bem resistente e que pode ser conduzido por uma só pessoa, usado para transporte e outros serviços em portos, baías etc.’; ‘pequeno barco tripulado por um homem’ (CUNHA, 1986; FERREIRA, 1999); ‘embarcação miúda robusta, de duas proas, usada para serviço nos portos, praticagem e pesca’ (HOUAISS, 2001). Esta última é a acepção que mais se enquadra naquela verificada no *corpus* em análise.

Durante a pescaria, para auxiliar no trabalho com a rede, os pescadores contam com o **batelão** (cf. Figura 25). Trata-se de uma embarcação menor, tripulada geralmente pelo responsável por desembaraçar e puxar a rede quando esta se prende nas pedras. Na marinha de guerra, segundo os dicionários consultados, **batelão** é uma embarcação grande e robusta, de madeira ou ferro, usada para transporte de artilharia ou carga pesada. Ainda de acordo com

as referidas obras, na Amazônia, trata-se de uma barça ou canoa pequena e alta usada para transporte de gado. Como brasileiro, na Bahia e no Mato Grosso, corresponde a uma pequena canoa. Embora em nenhuma das definições apresentadas pelos dicionários se encontre referência à pesca, esta última é a que mais se aproxima da acepção que se encontra no *corpus*, como se verifica no discurso do informante:

Batelão é uma canoa, canoa menó. Ela lá balançano, tá veno? Ali chama o **batelão**, mas é uma canoa... é porque ela pequena. (MIC-I)



Figura 25: Pescadores no batelão.
Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1202, obtida em 10/07/2012.

A lexia **batelão**, para Ferreira (1999), é o aumentativo de *batel* (< francês antigo *batel*, atual *bateau*) ‘pequeno barco’, ‘embarcação de pesca’, ‘embarcação miúda, usada nas naus e galeões’. Para Cunha (1986) e Machado (1967), no entanto, provavelmente **batelão**, em vez de aumentativo de *batel* seja antes importação do italiano *batellone* ‘barco a remo de grande dimensão’.

A **lança** também é outro tipo de embarcação utilizada na atividade pesqueira na Ilha de Itaparica. De tamanhos diversos, estas podem ser de alumínio ou de fibra. Nos dicionários gerais, encontram-se as seguintes acepções para essa lexia: ‘embarcação a vela, a remo ou a motor, para navegação costeira, para transporte ou para outro serviço dentro dos portos’ (FERREIRA, 1999); ‘a maior das embarcações miúdas usadas no variado serviço do navio, movida a remos ou vela’ (HOUAISS, 2001); ‘nome de diversos tipos de embarcação, desde as menores, a motor de explosão, ou as de máquina a vapor usadas em cabotagem, até barcos de patrulha da marinha de guerra, fortemente armados’ (AULETE, 2013); ‘embarcação pequena

sem tilha, que anda a vela, e remo; serve para pescar, ou de batel, às naus grandes' (MORAIS SILVA, 1948). Como se observa nas definições, no que tange ao tipo de propulsão, o item **lança** possui os traços [+ movida a remo] e [+ movida a vela]. Na comunidade em pesquisa, no entanto, **lança**, que tem origem no malaio *lančaran* 'rápido, ágil' (CUNHA, 1986), no que se refere a essa dimensão, possui apenas o traço [+ movida a gasolina ou a óleo diesel], pois designa apenas a embarcação movida a motor, a qual pode ser utilizada para a pesca ou lazer. As lanchas utilizadas para a prática da pesca são de tamanho menor, enquanto aquelas de tamanho maior são usadas para passeio. Estas, de acordo com os pescadores, atrapalham a sua atividade, pois afugentam os peixes, como se observa na fala do pescador:

Antigamente a hente pescava tranquilo. Hoje em dia, esse negócio de nego usá muita coisa... é **lança**... não respeitá o trabalho dos otro... **lança**, barco, esses negócio de passeio, ficá no má, no lugá da gente pescá, aí espanta os pêxe. (F1C-V)

Considerado um dos melhores tipos de embarcação, por ser maior, o **saveiro** possibilita aos pescadores saírem em grupo para desenvolver sua atividade em lugares mais afastados da costa litorânea, permitindo-lhes a captura de peixes considerados de melhor qualidade, o que lhes garante uma renda maior. Veja-se o que diz o informante:

Muita gente pesca em **savêro** lá fora, vai pra fora, pesca, vende o pêxe de lá de fora, mas quem vai pescá lá fora não é da minha família, não. (F3A-V)

Nos dicionários que servem de base a esta pesquisa, a forma lexical **saveiro** se encontra registrada como uma embarcação a vela, de um ou dois mastros, usada para transporte, pesca ou turismo. De acordo com Ferreira (1999), seu tamanho varia entre os pequenos e os de 20 a 25 toneladas de deslocamento. No *corpus* em análise, diferentemente do que se encontra nos dicionários gerais, além do traço [+ movido a vela], esse item figura com o traço [+ movido a motor] no que se refere à propulsão. As características do **saveiro**, bem como o que o diferencia dos demais tipos de embarcação podem se observadas na Figura 26 e nos discursos a seguir apresentados:

Ah, porque **savêro** já é com motô. Ele é motorizado. Motores certo que coloca. Ele é bem maió. A estrutura dele é bem melhó. E o... a catraia, ela já é uma embarcação menó, já é bem menó e mais estreita um pouco. E a canoa, ela é grande, porém muito estreita, então a pessoa que for, no caso, navegá com canoa tem que tê muita habilidade porque, se vacilá, emborca. Aí a diferença entre esses três tipos de embarcação. (M1A-I)

O **savêro** já é um barco grande. Tem a catraia, menó que o savêro... tem as lanchas, tem as lanchas pequenas que são de alumínio, lanchas grande, chama de fibra; ela é fibrada. (M1B-I)
Porque os **savêro** é grande; os savêro tem oito metro, e catraia só tem quatro metro. Então tem que sê duas pessoas. (M1C-I)



Figura 26: Saveiro.

Fonte: Acervo da pesquisadora. Foto nº 1222, obtida em 19/07/2012.

No que tange à origem do item lexical **saveiro**, Cunha (1986) e Machado (1967) afirmam que este provém do latim *saveleiro* ‘barco para a pesca de sável’. A tese apresentada por Agostinho (2011) corrobora essa proposição. De acordo com o autor, o saveiro, que tem origem moura, é oriundo da Península Ibérica e remonta ao *saveleiro*, embarcação muito segura, robusta, de fundo chato, usada em Portugal no século XV para a captura de *sável*, um peixe migrador, da família do arenque e da sardinha, antigamente muito comum no Mediterrâneo Ocidental, mas que atualmente se encontra ameaçado de extinção em alguns países da Europa.

Como se observa, os itens lexicais que designam as embarcações, em sua maioria, compõem-se do item *barco* e um item especificador que indica o tipo de propulsão ou o material de que é feita a embarcação.

4.1.1.3 Campo lexical das partes e componentes das embarcações

O campo das *partes e componentes das embarcações* se compõe de 15 lexias, perfazendo 4% da totalidade. Nele estão inseridos os itens que nomeiam os instrumentos e acessórios que fazem parte das embarcações, quais sejam: **âncora**, **bico**, **espadela**, **lastro**,

motor, motor de centro, motor de popa, pano ~ vela, poita, popa, proa, remo, tolete, traquete. Seus traços semânticos podem ser observados no Quadro 7.

Dimensões	Natureza do objeto		Material				Localização						Função				→
	[fixo]	[móvel]	[feito de madeira]	[feito de ferro]	[feito de linha]	[feito de algodão]	[na parte traseira]	[na parte dianteira]	[no centro]	[na lateral]	[fundo]	[borda]	[para dar equilíbrio]	[para impedir o deslocamento do barco]	[impulsionar o barco]	[apoiar o remo]	
Âncora	-	+	-	+	-	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	-	+	-	-	
Bico	+	-	+	+/-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	+/-	+/-	-	
Espadela	-	+	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	
Lastro	+	-	+	-	-	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+	-	+	-	-	-	
Motor	+	+	-	+	-	-	+	+	+	+/-	+/-	+/-	-	-	+	-	
Motor de centro	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-	
Motor de popa	-	+	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	+	-	
Pano/vela	-	+	-	-	-	+	-	+	+	-	-	-	-	-	+	-	
Poita	-	+	-	+	-	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	-	+	-	-	
Popa	+	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+/-	+/-	+/-	-	
Proa	+	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+/-	+/-	+/-	-	
Remo	-	+	+	-	-	-	-	-	-	+	-	+	-	-	+	-	
Tolete	+	-	+	+	-	-	-	-	-	+	-	+	+/-	+/-	+/-	+	
Traquete	-	+	-	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	

Quadro 7 – Campo lexical das partes e componentes das embarcações

As embarcações correspondem a quaisquer tipos de estrutura flutuante, de diferentes materiais, tamanhos e formas de propulsão e cuja finalidade é a navegação em mar, rios, lagos etc. Para seu bom desempenho, além dos elementos fundamentais à sua estrutura, como **bico**, **lastro**, **popa**, **proa**, uma embarcação requer elementos acessórios que garantem a sua mobilidade ou estabilidade, como a **âncora**, **espadela**, **filame**, **pano**, **poita**, **remo**, **tolete**, **traquete vela**, **motor**.

Entre os pescadores da Ilha de Itaparica, a lexia **bico** é utilizada para denominar a extremidade dianteira da embarcação, ou seja, a parte que se opõe ao fundo do barco, como se verifica no trecho a seguir:

Lá não tem negócio de abafamento; um fica perto do outro, não. No caso, tem quatro parte no barco: tem as duas lateral, tem o **bico** e tem o fundo. (M1A-V)

No uso geral da língua portuguesa, a forma lexical **bico** é empregada para designar, dentre outros, a extremidade ou prolongamento de um objeto qualquer, a ponta. Nos dicionários gerais, para esse item, não há registro com a acepção específica que tem no *corpus*. Entretanto, encontra-se a lexia complexa *bico de proa* que denomina ‘ponto mais avançado da proa da embarcação’ (AULETE, 2013). Conforme Machado (1967), **bico** provém do latim *beccu* ‘bico, particularmente de galo’, lexia de origem gaulesa que substituiu a forma *rostrum*, talvez por influência de *pico*.

A parte dianteira da embarcação também é nomeada pela lexia **proa**, a qual se originou de idioma do além-Pireneus, provavelmente do provençal *proa* ou mesmo do francês *proue*, provenientes do latim *prōra* que, por sua vez, tem origem no grego *prōra* (MACHADO, 1967). **Proa** é uma forma registrada nos dicionários gerais como ‘a parte anterior de uma embarcação’, acepção que converge para aquela documentada no campo em pesquisa.

Lastro é uma lexia que nomeia outro componente estrutural da embarcação. As obras consultadas registram esse item como ‘todo material pesado (água ou pedras) que se coloca no fundo da embarcação para dar-lhe equilíbrio’. Apenas Ferreira (1999) e Houaiss (2001) a registram também como ‘o conjunto de paus que formam o corpo das jangadas’. Essa acepção é a que mais se aproxima daquela documentada na comunidade pesqueira, em que **lastro** compreende o conjunto de peças de madeira que formam, na embarcação, a superfície onde se pisa. Quando a pescaria se dá em áreas mais próximas à costa e não requer muito tempo, no próprio **lastro** o peixe é transportado até a praia, como afirma o pescador ao descrever a sua atividade:

Sai de manhã... umas dez horas tamos em casa. Aí não leva equipamento nenhum. Só botô no **lastro** da embarcação, ele chega fresco, fresco. (M2B-I)

Segundo Cunha (1986), **lastro** deriva do antigo francês *last* (atual *lest*) ‘certa quantidade (de um sólido)’, proveniente do neerlandês *last* ‘peso’. No *corpus* em estudo, essa lexia adquiriu amplitude semântica, passando a designar também o piso da embarcação.

Para manter a embarcação em um ponto de pesca determinado, os pescadores utilizam a **âncora**, um instrumento de fundamental importância para garantir a segurança na atividade pesqueira, pois, além de permitir manter a embarcação na posição desejada, impede que esta fique à deriva. Ao explicar os principais passos para iniciar a pescaria, o informante emprega esse o item lexical que o denomina:

A gente providencia deixá a corda que chama-se filame... já tudo preparado com o ferro, que é a **âncora**... o remo, tem que deixá tudo beleza, tudo arrumadinho. (M2C-V)

Os dicionários nos quais se fundamenta este trabalho registram a lexia **âncora** com as seguintes definições: ‘peça de ferro que se atira à água para impedir que as embarcações se movam; ferro’ (AULETE, 2013); ‘peça de formato especial e peso conveniente, e que, presa à extremidade da amarra, agüenta a embarcação no fundeadouro’ (FERREIRA, 1999); ‘peça de ferro forjado destinada a reter o navio no ponto em que se quer, segurando-o pela amarra num fundeadouro; ferro, pombeira’ (HOUAISS, 2001). Morais Silva (1948) define essa peça apresentando uma descrição mais detalhada. De acordo com o autor, **âncora** é um ‘peça de ferro forjado com dois ou mais bicos e de grande resistência e peso, que se deixa cair, presa a uma corrente, no fundo do mar ou de um rio para ter as embarcações seguras e firmes’, acepção condizente com aquela registrada no campo em pesquisa. Segundo Machado (1967), **âncora** provém do latim *ancōra* e, este, do grego *ágkura* ‘âncora’.

Com a mesma finalidade da **âncora**, os pescadores utilizam um instrumento denominado **poita**. Trata-se de um objeto mais rústico do que a âncora, feito de barra de ferro, de formato triangular, com uma pedra de concreto na base, que serve para ancorar apenas embarcações de pequeno porte. Na Figura 27, é possível verificar as características desse instrumento.



Figura 27: Poita.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1189, obtida em 19/07/2012.

Ao explicar sobre as marcações nos pontos de pesca, o informante emprega esse item:

Existe cada um lugá pra gente marcá pra hente arriá a **poita** ali em cima, que é pedra. (M1C-I)

Nos dicionários em que se baseia esse estudo, a lexia **poita** está registrada com o mesmo sentido que se documentou na comunidade de pesca: ‘pedra ou peso usado como âncora para fundear ou fazer parar pequenas embarcações’ (AULETE, 2013); ‘corpo pesado que se usa nas pequenas embarcações, em vez de âncora, para fundear’ (FERREIRA, 1999); ‘objeto pesado que faz as vezes de âncora em embarcações miúdas; pandulho’ (HOUAISS, 2001). Conforme Machado (1967), **poita** é uma forma regressiva de *poitão*, este de origem obscura. Para Nascentes (*apud* HOUAISS, 2001), no entanto, é forma variante de *pouta*, que tem origem no franco *pauta* ‘pata, garra’. Outros autores atribuem sua origem ao latim *pacta-*, do verbo *pangēre* ‘fincar; plantar’ (*id.*).

Para prender a **âncora** à embarcação, os pescadores utilizam o **filame**, que se refere a uma corda grossa de náilon ou poliéster, a qual é amarrada à argola da âncora e presa a uma peça de madeira na embarcação. A lexia **filame** está dicionarizada com as seguintes acepções: ‘a porção de amarra compreendida entre a abita, ou onde esteja com volta passada, e o anete da âncora’ (FERREIRA, 1999); ‘espaço de amarra, entre o anete da âncora e o travessão da abita’ (AULETE, 2013); ‘extensão da amarra fora do escovém, entre o travessão da abita e a âncora, com o navio fundeado; abitadura’ (HOUAISS, 2001). Entre os pescadores da Ilha de Itaparica, **filame** é assim definido:

Filame é a corda do barco... que amarra a âncora pro barco ficá preso. (M2C-V)

Nas definições presentes nos dicionários, não há especificação quanto ao tipo de amarra. Na atividade náutica, no entanto, a amarra pode ser uma corda ou uma corrente. Como se observa, pelo discurso do informante, na comunidade, a lexia designa apenas a amarra constituída por uma corda.

Filame não se encontra registrado nos dicionários etimológicos. Para Houaiss (2001), sua origem se encontra no latim *filāmen* ‘sopro, vento’. Já Ferreira (1999) afirma ser esta lexia composta de *filo-* ‘fio’ + *-ame* ‘coleção, reunião, agregação’, proposição que condiz com o objeto nomeado.

Durante a pescaria, para assegurar a estabilidade e o rumo da embarcação, utiliza-se a **espadela**, uma peça plana e cumprida, feita de madeira (cf. Figura 28), que é colocada na lateral do barco a fim de determinar a sua direção. De um modo geral, os dicionários registram **espadela** como ‘remo comprido que se usa à popa da embarcação, com função de leme’, acepção que corrobora a noção documentada na comunidade, conforme se verifica nas explicações dos informantes:

A **espadela** é uma tábua que coloca do lado da canoa pra fazê equilíbrio e ela andá pra frente e não andá pra o lado. (M3A-V)
 Tem **espadela**, pra na hora de abrir o traquete pra canoa ir certa. **Espadela** é uma tauba larga, que bota pra canoa ir certinha. (M1B-V)

Segundo Cunha (1986), essa lexia deriva de *spathella*, pelo latim tardio *spathŭla*.



Figura 28: Espadela.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1186, obtida em 18/07/2012.

Pano e **vela** são as formas variantes registradas para nomear uma das peças usadas para impelir o barco. Trata-se de uma peça de tecido que impulsiona o barco pela força do vento. Do latim *pānnus* ‘pedaço de tecido, trapo, farrapo’, a lexia **pano** está dicionarizada sob a rubrica “marinha” como o mesmo que **vela**, forma lexical que, de acordo com Cunha (1986), tem origem no latim *velum*. Essa lexia está registrada nos dicionários gerais como ‘peça de tecido de brim, linho, lona ou náilon que tem como função impulsionar uma embarcação ao receber o sopro do vento’. As acepções encontradas para as lexias **pano** e **vela** convergem, assim, para a que se documentou na localidade em estudo, como revelam os trechos seguintes:

A hente bota dois **pano**. No caso, duas **vela** na canoa... entra água, a hente tira... (M2A-V)

O **pano** é um **pano** que é pra andá; o vento bate e ela anda pra frente, sabe? É... quando não tem motô. Quando tem embarcação que tem o motô, você liga e ela vai pra frente, mas canoa mehmo de pescaria... a minha mehmo só anda a **pano**. Ainda não tem o motô ainda. Aí você bota o **pano** pra canoa ir pra frente, né? Aí você vai governano e ela vai andano. Aí você tano com otro, você já não tem esse trabaio. “Bote o **pano** pra cima!” Você já vai e bota o pano. (M3B-V)

Outro instrumento utilizado para impulsionar a embarcação é denominado **remo**, forma lexical que deriva do latim *remu-*, conforme Machado (1967). Corresponde a um apetrecho de madeira, cujo manuseio requer força e habilidade do tripulante da embarcação. Nas obras lexicográficas examinadas, encontram-se as seguintes definições para esse item: ‘haste de madeira com uma extremidade chata, que é introduzida na água e movida pelo remador para fazer deslocar o barco’ (AULETE, 2013); ‘instrumento de madeira, composto de um cabo roliço terminado por uma parte espalmada, e que serve para impulsionar, manobrar ou fazer parar pequenas embarcações’ (FERREIRA, 1999); ‘haste de madeira ou metal leve, com extremidade achatada, plana ou curva, usada para impulsionar embarcação à força dos braços humanos’ (HOUAISS, 2001); ‘espécie de alavanca com cabo, e pá no outro extremo, que pelo meio de sua extensão joga atado a um tolete fixo na borda do barco’ (MORAIS SILVA, 1948). Tais acepções convergem para aquela registrada entre os pescadores da Ilha de Itaparica. Nos trechos a seguir, é possível verificar como os informantes concebem esse apetrecho e a sua função:

O **remo** é um pauzinho que a hente... pra remá, pra comovê a canoa de um lugá pra o outro. (F3B-V)

O **remo**, no caso, é remá a canoa pra ir pra frente, né? No caso, é p’ela sai do lugá, como tem o carro que a hente tem que passá a marcha pra saí do lugá, né? (M2A-V)

Para servir de apoio ao **remo** durante seu manuseio, os pescadores contam com o **tolete**, uma peça roliça de madeira que se fixa na borda lateral do barco e, às vezes, também é utilizada para prender a chumbada quando o pescador está cansado, conforme diz o informante:

É que se você não botá chumbada, você não pesca. Você larga, segura aqui, assim. Senão bota no **tolete**... chama **tolete**, é o torno. Quando tá muito cansado, bota no torno. Aquilo ali fica no fundo do má. O pêxe passa, vê a isca e pega. (M2C-I)

A lexia **tolete** procede do francês *tolet*, derivado do antigo escandinavo *tholler*. Encontra-se registrada nos dicionários gerais como ‘pequena haste de madeira ou de metal, que se prende verticalmente na borda de certas embarcações miúdas a fim de servir de apoio ao remo, para remar’. Tal acepção coincide com aquela documentada na comunidade.

Traquete, do francês antigo *triquet* (origem obscura), atual *trinquet*, denomina outro elemento que também tem por finalidade impulsionar a embarcação. Sob a rubrica “marinha”, Ferreira (1999) registra essa lexia apenas com a seguinte acepção: ‘a vela redonda que enverga na verga mais baixa do mastro de proa’. Morais Silva (1948) a define como ‘a vela

do mastro mais alto do navio’, enquanto Aulete (2013) e Houaiss (2001) a registram como ‘mastro que fica na frente de navio veleiro’. Através do processo de derivação por metonímia, também a registram como ‘verga inferior desse mastro’ e ‘vela que pende desse mastro’. Essa última se assemelha à acepção registrada na localidade em estudo, visto que o pescador atribui a esse componente a mesma função da vela, tal como se observa no trecho a seguir apresentado:

Tem espadela, pra na hora de abrir o **traquete** pra canoa ir certa. Espadela é uma tauba larga, que bota pra canoa ir certinha. (M1B-V)

Uma das peças mais modernas usadas pelos pescadores para impelir a embarcação se denomina **motor**, forma lexical que tem origem no latim *mōtor* ‘o que move ou movimenta alguma coisa’. Esse item se encontra definido nos dicionários gerais como: ‘engenho mecânico cujo movimento, gerado por alguma fonte de energia, se transmite a uma máquina ou mecanismo’ (AULETE, 2013); ‘tudo o que dá movimento a um maquinismo; máquina, máquina motriz’ (FERREIRA, 1999); ‘dispositivo ou mecanismo que produz força para acionar máquinas ou engenhos afins’. Tais acepções convergem para aquela documentada na comunidade pesqueira. O **motor**, para alguns pescadores, é um instrumento indispensável para o sucesso da pescaria, principalmente aquelas realizadas em pontos mais distantes da costa. Observe-se o que dizem os informantes:

É justamente porque... pela dificuldade de encontrá o pêxe, né? Que antigamente era muito mais fácil. Hoje em dia, se você não tiver um bom **motô**, certo? Um barco bom. Se for só no remo e a pano, você vai passá fome, que não têm condições mehmo. (M2A-I)
(...) e tem que tê o **motô**, tem que tê o **motô**. Essa pescaria que eu faço tem que tê o **motô**. Se não tiver o **motô**, não chega lá. (M3C-V)

Conforme a posição em que esse mecanismo é instalado na embarcação, este pode ser designado **motor de centro** e **motor de popa**, como se verifica no discurso a seguir:

Tem vários. Tem embarcação com **motô**. Tem vários tipos de **motô**. Tem o **motô de centro**, tem o **motô de popa**. (M2C-V)

Motor de centro é uma lexia complexa que não se encontra registrada nos dicionários gerais e etimológicos. Já a forma **motor de popa** está registrada em Houaiss (2001) como ‘pequeno motor localizado na extremidade de ré de uma embarcação’ e em Aulete (2013) como ‘motor a hélice que aciona uma embarcação, montado em sua popa’. Ainda segundo este último, **motor de popa** pode ser também denominado *diesel*. As acepções convergem

para aquela documentada no *corpus*. O local onde se localiza o dispositivo foi a motivação semântica para as lexias complexas.

4.1.1.4 Campo lexical das modalidades de pesca

As questões 11 – “Que tipo de pesca o(a) senhor (a) pratica aqui?”, 12 – “Quais são as mais praticadas no local?” e 15 – “Que outros tipos de pesca o(a) senhor(a) conhece ou sabe de alguém que pratica?” permitiram documentar os itens que compõem o campo lexical das *modalidades de pesca*. Em função da diversidade de técnicas de pesca na Ilha de Itaparica, foi possível documentar 31 lexias para este campo, o que representa 8% da totalidade dos campos lexicais. Assim, foram registradas as seguintes formas lexicais: **bater agulha ~ pegar agulha, camboa, cavada de chumbinho, mariscagem, mergulhação, pesca de andarilho, pesca de arremesso, pesca de barco, pesca ~ pescaria de bomba, pesca ~ pescaria de calão, pesca ~ pescaria de camarão, pesca embarcada, pesca de lagosta, pesca ~ pescaria de linha, pesca de mergulho, pesca de peixe, pesca ~ pescaria de rede, pesca de siri, pesca ~ pescaria de tainheira, pesca de vara, pescaria de anzol, pescaria de arrastar camarão, pescaria de linha de fundo, tapasteiro**. No Quadro 8, encontram-se os seus traços distintivos.

Dimensões	Finalidade			Local			Perspectiva do pescador			Apetrecho utilizado										
	[captura de peixe]	[captura de crustáceo]	[captura de molusco]	[realizada em águas profundas]	[realizada no mangue]	[realizada na costa litorânea]	[submerso]	[sobre embarcação]	[fora da embarcação]	[anzol]	[arpão]	[bomba]	[colher]	[faca/facão]	[gaiola]	[jereré]	[munzuá]	[puçá]	[rede]	[vara]
Bater agulha/ pegar agulha	+	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-
Camboa	+	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
Cavada de chumbinho	-	-	+	-	-	+	-	-	+	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-
Mariscagem	-	+	+	-	+	+	-	-	+	-	-	-	+	+	-	-	-	+	-	+
Mergulhão/ pesca de mergulho	+	+	+	+	-	-	+	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pesca de andarrilho	+	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
Pescaria de anzol/ pesca/ pescaria de linha/ pescaria de linha de espera	+	-	-	+	-	+	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+
Pesca de arremesso	+	-	-	+	-	+	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+
Pesca de barco/ pesca embarcada	+	-	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-	+	+
Pesca/ pescaria de bomba	+	+	+	+	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-
Pesca/ pescaria de calão	+	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
Pesca/ pescaria de camarão	-	+	-	-	-	+	-	-	+	-	-	+	-	-	-	+	-	+	+	-
Pesca de lagosta	-	+	+	+	-	-	+	-	-	-	+	+	-	-	+	-	-	-	-	-
Pesca de peixe	+	-	-	+	-	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+
Pesca/ pescaria de rede	+	+	+	+	-	+	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
Pesca de siri	-	+	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	+
Pesca/ pescaria de tainheira	+	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
Pesca de vara	+	-	+	+	-	+	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+
Pescaria de arrastar camarão	-	+	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
Pescaria de linha de fundo	+	-	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+
Tapasteiro	+	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-

Quadro 8 – Campo lexical das modalidades de pesca

A lexia complexa **bater agulha ~ pegar agulha** denomina uma modalidade em que os pescadores saem em suas embarcações, em noite de lua e, ao chegarem a um determinado ponto da costa, acendem o lampião ou a lanterna, fazendo com que sua luz artificial atraia as agulhas e estas pulem no barco. Nos discursos abaixo, é possível verificar como se pratica esse tipo de pescaria:

(...) tem esses que eles fazem, **batê agulha**, né, que chama, que sai com a canoa de noite bateno agulha. Sai com a canoa, com o lampião, né, a lanterna, e aí vai bateno, pegando com o jereré. A agulha tá ali, aí vai pegano, aí eles chama batê agulha. (F2C-V)

Olhe, tem uma pescaria que a gente chama aqui de **pegá agulha**, aquelas agulhinha fininha, que a gente gosta de comê ela frita; uma delícia! Aí a gente sai de noite pra pescá ela. Tem que sê com noite de escuro, não pode sê com noite de lua. Elas pula tanto de noite, no escuro, que elas cai dentro do barco. Ou ela bate em você e dá aquele toque assim, bate... ela pulano de noite, de cima d'água pra pulá com a escuridão e a claridade que a gente leva, que chama-se uma... um bico de gás, que é aquele bujão pequeno de gás, com a lanterna em cima. Aí clarêa elas, elas fica doida. No escuro, aí claridade, aí elas começa a pulá. E aí vem e ela mehmo cai dentro do barco. (M2C-V)

Szpilman (2000), ao tratar da forma de captura do peixe denominado *agulha*, informa sobre essa modalidade de pesca:

Na pesca comercial artesanal realizada à noite, os pescadores saem em seus barcos (usualmente jangadas) e ao chegarem ao local da pescaria acendem seus lampiões e lanternas. Em pouco tempo, começam a surgir os agulhas que, atraídos pela luz artificial, praticamente se entregam aos pescadores ao pular para cima do barco. (*id.*, p. 135)

Embora na modalidade **bater agulha** ~ **pegar agulha** a captura do peixe não exija muito esforço do pescador, trata-se de um tipo de pesca que oferece riscos. De acordo com Szpilman (2000, p.135), nesse tipo de pesca, “quem estiver na frente da trajetória do peixe poderá ser atingido em qualquer parte do corpo, inclusive na cabeça e sofrer sérias lesões perfurantes”.

As formas lexicais que designam esse tipo de pesca não se encontram registradas nos dicionários. Ao ser questionada sobre o que motivou essas denominações, a pescadora assim explica:

Pegá agulha. Eles chama batê porque vai com o jereré pegano... pá, pá, pá... porque ela fica pulando na claridade, aí ela vem (?). (F2C-V)

Nesse caso, o movimento que se realiza com o jereré para pegar o peixe motivou a *lexia*.

Outra modalidade de pesca documentada na localidade se denomina **camboa**. Como já visto anteriormente (cf. Campos lexicais dos *pontos de pesca*) **camboa** é um forma lexical que denomina o esteiro que se enche na maré alta e se esvazia na maré baixa. Além disso, designa também o cercado armado para reter o peixe na preamar. Por derivação metonímica, conforme Houaiss (2001), trata-se de um método ou processo de pesca em que os peixes são cercados em uma espécie de cova ou piscina. Por extensão de sentido, denomina o processo de pesca através do qual os peixes são retidos dessa forma. Nesse caso, trata-se de um tipo de pesca que, de acordo com os pescadores, encontra-se em desuso na comunidade. Veja-se o que diz o informante ao explicar esse método de pesca:

Tinha um tipo de pesca que era **tapastêro**... chamava **tapastêro**... chamava **camboa**. Era uma rede que era botada lá, em maré seca, enfica vários paus. Quando a maré enche, suspende aquela rede e deixa o pêxe preso; quando a maré seca, ele panha o pêxe. Essa também tá afastada, que existia, mas é muito pôca. Acabô... que tinha uma enormidade de pescadores disso, mas também tá se acabano isso aí. (M3A-V)

Como se observa, a forma lexical **camboa** coocorre com a lexia composta **tapasteiro**, que também é utilizada para denominar a modalidade de pesca que se realiza através de tapagem. Trata-se de uma forma não dicionarizada.

A **cavada de chumbinho** é uma atividade que consiste em extrair da areia da praia, com faca, colher, ou até mesmo com as mãos, o marisco denominado *chumbinho*. Trata-se de uma das modalidades de pesca muito praticada na comunidade. Como não requer habilidades e instrumentos específicos, é praticada principalmente por mulheres que também contam com o auxílio de suas crianças. A lexia complexa **cavada de chumbinho** não se encontra dicionarizada. Para lexia simples *cavada*, entretanto, os dicionários registram, dentre outras, uma acepção que, embora não seja específica do campo da pesca, aproxima-se daquela que se documentou na comunidade: ‘ato de cavar’. No *corpus*, a esse item foi atribuído um especificador conforme o tipo de marisco que se cava, tornando-se uma lexia complexa e adquirindo os traços [+ para captura de mariscos], [+ realizado na costa litorânea].

A pesca de mariscos em geral é denominada **mariscagem** pelos pescadores de Ilha de Itaparica. Envolve a extração de crustáceos e moluscos, a qual é realizada nos estuários, mangues e na praia durante a maré baixa. Por ser mais simples e não exigir força nos manuseio dos apetrechos, essa atividade é praticada principalmente pelas mulheres e adolescentes. Na comunidade, essa modalidade é empregada em oposição à pesca de linha e à de rede, como demonstra a fala do pescador:

Certamente tem a pesca de linha... vem essa **mariscagem**, que é vários tipos de marisco, também vem a pesca de linha e vem a pesca de rede. (M3A-V)

Nos dicionários consultados, não se encontra registro da lexia **mariscagem**. Na língua portuguesa, o processo de criação dessa forma lexical é bastante produtivo, permitindo a formação de vários substantivos, a partir do radical do infinitivo dos verbos + o sufixo *-agem*, a exemplo de *atrelagem*, *brocagem*, *estiagem*, *hospedagem*, *reciclagem*. De acordo com Houaiss (2001), *-agem* provém do francês *-age*, sufixo formador de substantivo de base verbal ou nominal.

Mergulhação e **pesca de mergulho** são formas variantes que designam uma modalidade de pesca que consiste na captura de peixe utilizando técnicas de mergulho livre, a

apneia, ou de mergulho autônomo, com o compressor. O uso do compressor para o mergulho é ilegal no Brasil e, embora alguns pescadores façam uso dessa prática, na comunidade em estudo, os pescadores estão cientes de que essa prática não é permitida, conforme demonstra a fala do informante:

Mergulho, eu não faço mergulho, agora conheço, eu conheço. Conheço o mergulho que eles tão fazeno hoje com compressô, que é proibido. Eu mergulho de apnea, que é só com o nariz. (M3C-V)

Essa modalidade, que é realizada no período em que a maré vaza e a água fica cristalina, requer roupas especiais, nadadeiras, óculos (máscara) e boia. Munido de um arpão, o pescador permanece à espera do peixe e, quando este passa, lança o arpão em direção à sua cabeça. Através dessa modalidade também se pesca a lagosta.

As formas lexicais **mergulhaço** e **pesca de mergulho** não estão dicionarizadas. O processo que deu origem à lexia **mergulhaço** é muito profícuo na língua portuguesa, permitindo a formação de inúmeros substantivos designativos de ação, mediante o acréscimo do sufixo *-ão* ao tema do infinitivo dos verbos da 1ª conjugação. Dessa forma, tem-se, por exemplo, *aduba-* + *-ção* = *adubação*, *verifica-* + *-ção* = *verificação*, *premia-* + *-ção* = *premiação*, dentre outros. A técnica de mergulho, empregada para a captura do peixe nesse tipo de pesca, motivou tais denominações.

Pesca de andarilho designa uma modalidade de pesca na qual os pescadores saem à noite ou na madrugada em canoas iluminadas por um candeeiro na proa e uma longa rede esticada, entre as canoas, sobre a água. Encandeados, os peixes saltam para fora da água e caem na rede alçada entre as canoas. É um tipo de pesca que se encontra em desuso na comunidade, como se observa no discurso do informante:

Ah... sim... tem um tipo de pesca que hoje não usa mais nessas regiões por aqui e que já foi usada. É a **pesca de andarilho**... é, esse **andarilho** se coloca uma luz em cima da canoa e arma uma rede, e vai remano sempre contra a maré, e a tainha vai pulano e vai bateno aquela rede e caíno dentro da canoa. Essa não se usa mais aqui, mas já foi bastante usada. (M3A-V)

A forma lexical que denomina essa modalidade de pesca não se encontra dicionarizada. A lexia simples *andarilho* se encontra registrada como ‘aquele que anda muito’, o que justifica o emprego dessa forma lexical para nomear esse tipo de pesca, pois a embarcação não permanece parada em um determinado ponto como se dá em outros tipos de pesca. Nessa modalidade, o pescador rema sempre em direção contrária à maré a fim de colher os peixes.

Pescaria de anzol, pesca ~ pescaria de linha, pesca ~ pescaria de linha de espera e pesca ~ pescaria de vara foram as lexias complexas documentadas para designar uma das modalidades de pesca mais comuns entre os pescadores da localidade. Trata-se de um tipo de pesca que pode ser realizada com ou sem embarcação, utilizando-se uma vara ou um molinete onde se prende uma linha com um anzol iscado. Veja-se o que dizem os informantes:

Não, não tem como usá nada pra atraí... que não é **pescaria de anzol**... que no anzol, claro, você tem que botá a isca, mas, aí no caso de rede, não se usa nada. Só passá a rede e vê o que você vai pegá. (M2B-V).

Eu pratico a **pesca de linha**, qué dizê, com carretilhas, molinete e também manual. (M2A-I)

Nos dicionários gerais e etimológicos, esses itens não se encontram registradas. Os instrumentos que se usa para pescar, ou seja, o anzol, a vara e a linha motivaram as formas lexicais compostas que denominam esse tipo de pesca.

A **pesca de arremesso** é outra modalidade muito comum na comunidade. Nela também são usados os mesmos apetrechos empregados na modalidade descrita anteriormente, o que a diferencia é a qualidade e tamanho destes, bem como o seu manejo. Posicionado em um bom ponto, o pescador deve arremessar o anzol o mais distante possível. Nesse tipo de pesca, quanto mais distante o pescador lançar a isca, maior a chance de atingir uma grande variedade de peixes. São vários os tipos de arremessos e estes podem atingir até 140m de distância. Na Ilha de Itaparica, os pescadores costumam se posicionar no cais para praticar a **pesca de arremesso**, conforme diz o informante:

Aqui nós praticamos vários tipos de pesca: praticamos a **pesca de arremesso**, na beira do cais; praticamos a **pesca embarcada**... na embarcação... de vara. Tudo artesanal, pesca artesanal. (M2A-I)

A lexia complexa **pesca de arremesso** não está dicionarizada. A forma como o anzol é lançado motivou essa lexia.

Pesca de barco e pesca embarcada são variantes lexicais que denominam a modalidade de pesca em que o pescador se posiciona dentro da embarcação. Compreende a pesca com o uso de anzol ou redes, a qual pode ser praticada na costa litorânea ou em alto-mar. Essas lexias complexas também não se encontram registradas nos dicionários gerais e etimológicos da língua portuguesa consultados.

Pesca ~ pescaria de bomba é uma das modalidades que vêm concorrendo para a extinção dos peixes na comunidade. Trata-se de um tipo de pesca em que é lançado um artefato explosivo para matar os peixes e, dessa forma, facilitar a sua captura. Com isso, causa

a morte de uma grande quantidade de peixe, principalmente dos menores, como explica o informante:

Por quê? Porque a tendência foi acabá e, se você tira e não coloca, qual é a tendência? E vem a bomba também... que a bomba faz o estrago. A bomba mata o grandão e pequeninho, mata o filhote. Aí fica escasso o pêxe. (M2C-V)

Como se observa, os pescadores revelam conhecimento das consequências que esse tipo de pesca traz ao meio ambiente. De acordo com eles, os pescadores que praticam essa modalidade não pertencem à comunidade. Isso se verifica no discurso a seguir apresentado:

Mais ou menos... que aqui a pescaria aqui... não digo os antigos pescadô daqui... que aqui dava muito pêxe aqui antigamente... dava muito pêxe, mas agora aí os pescadô não tão deixano mais os pêxe... tão acabano... esse negócio de bomba. Os cara de fora mehmo vem aqui, vai pro outro lado, larga lá a bomba, aí acaba os pêxe. Aqui mehmo, na otra semana, a hente foi pescá do outro lado, tinha meio mundo de pêxe morto, não prestava mais. Esse negócio de bomba... que aqui é proibido. Aqui tem até o IBAMA, o IBAMA aqui, mas aqui o IBAMA aqui, quando ligam pra Marinha vim, a Marinha vem, mas não pega mais eles aqui, não. Eles se escondem den' do mato, aí se picam, larga a canoa e se picam pra den' do mato. Quando a hente vai vê, os pêxe tá tudo morto lá. Antigamente aqui tinha muito pêxe. (M1A-V)

Por tudo isso, a maioria dos pescadores está ciente que a **pesca de bomba**, embora praticada por alguns, é uma atividade ilícita, como se observa na fala do informante:

Tem a pesca de bomba aqui que é um negócio predatório, que as pessoas não concordam com isso. Então a hente não considera a **pesca de bomba**, a hente considera um crime, e não uma pesca. (M3A-V)

A lexia complexa **pesca de bomba** não está registrada nos dicionários consultados. O próprio instrumento utilizado na captura do peixe motivou essa lexia.

Pesca ~ pescaria de calão designa um tipo de pesca realizada com a rede de calão. Trata-se de uma modalidade que exige pelo menos seis pescadores para o manuseio da rede. A fala do informante descreve esse tipo de pesca:

Pescaria, no caso, a **de calão**, é oito, dez home. Seis, no caso, dois, três cerca; aquele outro fica por terra puxano a corda pra chegá ele pra terra. Cá no meio, tem uma rede; na ponta um (?) cheio de corda. Ele chegava por fora e puxa pra terra, pra pegá todo o pêxe que tá ali, um saco de pêxe, no caso. (M2A-V)

Para alguns pescadores, a **pesca de calão** também tem contribuído para a extinção de alguns peixes, pois o tipo de rede usada nessa modalidade, por ter uma malha de diâmetro muito pequeno, arrasta peixes e crustáceos de todo tamanho, inclusive os filhotes. A lexia

complexa **pesca de calão** não está dicionarizada. Trata-se também de uma lexia cuja motivação é o próprio instrumento com o qual se pesca.

A **pesca ~ pescaria de camarão** denomina a modalidade que consiste na captura de camarão com jereré, puçá ou rede. No primeiro caso, trata-se de uma atividade individual que é realizada na costa litorânea, quando no período de maré baixa. Para tanto, o pescador isca o jereré com pele de galinha, lança-o na água e espera que os camarões sejam atraídos pelo engodo. Na pesca com o puçá, é necessário que o pescador caminhe dentro da água portando um cofo e o apetrecho. Para capturar os camarões, o pescador imerge o puçá na água e, segurando-o por uma espécie de cabo de madeira, segue empurrando-o. Posteriormente, suspende o apetrecho e recolhe os crustáceos. Através das Figuras 29 e 30, é possível ter uma ideia de como se desenvolve esse tipo de pesca.



Figura 29: Pesca de camarão com o puçá.
Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1614, obtida em 04/09/2012.



Figura 30: Pescadores recolhendo camarões no puçá.
 Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1612, obtida em 04/09/2012.

A **pesca ~ pescaria de camarão** com a rede é uma atividade que requer, pelo menos, dois pescadores porque é necessário abrir a rede e depois arrastá-la, trazendo os camarões. Por ter uma malha muito fina, junto com os camarões, a rede captura também diversas espécies de peixes ainda em fase de crescimento, o que causa prejuízos à fauna marinha. Denominada **pesca ~ pescaria de arrastar camarão**, esta é assim explicada pelos informantes:

A hente tem uma rede, bota uns pau em cada uma ponta. Um fica numa ponta, outro na outra, sai arrastano. Até um tá uns dez metro ou quinze metro pra tirá o lanço pra pegá o camarão, pra dêxá vivo pra de manhã ir pescá de novo. (M3B-I)
 Com a rede, duas pessoas passam levando uma rede. Tem boia, tem chumbo, passa mais ou menos dez metros dentro da água. Depois sai e cata o camarão. Faz isso várias vezes. (...) Vai dez metros andando, para aqui na água, estica dois, vai puxano por lá, sai e cata o camarão. (...) Na arêa... a gente puxa para arêa a rede. Os camarão fica na rede e pega na arêa. (M1B-I)
 É como eu já te expliquei, que nós colocamos a rede na água, entendeu? E aí vai andano um pôco com ela aberta. A pessoa vai no pau de fora, a otra vai no pau da, de, da bêra, e o otro lá dentro. Aí vai arrastá com a rede, aí quando chegá num certo ponto, aí tira ela e vem arrastano. Aí as otras pessoas vai lá e ajuda pra trazê ela pra bêra da água. (F2B-I)

As formas lexicais que denominam essa modalidade de pesca não se encontram registradas nos dicionários gerais e etimológicos da língua portuguesa. O movimento que se realiza com a rede para colher o pescado motivou a lexia complexa **pesca ~ pescaria de arrastar camarão**.

Pesca de lagosta foi a lexia complexa registrada para designar a captura do crustáceo denominado *lagosta*. Trata-se de uma modalidade de pesca que se realiza com um tipo de armadilha, o munzuá, ou com arpão, através da técnica de mergulho. No primeiro caso, é necessário o uso de algum tipo de engodo, e o apetrecho é depositado em algum pesqueiro para ser retirado no dia seguinte. No segundo, o mergulhador faz uso de uma lança para fisgar

a lagosta. Embora ainda seja praticado, de acordo com os pescadores, esse tipo de pesca está fadada ao desuso na localidade, pois, em decorrência da pesca predatória, torna-se cada vez mais difícil encontrar o crustáceo, como aponta o discurso:

Tem a **da lagosta** que muito é praticada, mas aqui é muito difícil. Como tem lugá também que tem o defeso da lagosta, mas aqui é difícil pegá lagosta. (F2C-I)

Para nomear a captura de peixe em geral, na localidade, utiliza-se a lexia complexa **pesca de peixe**. Refere-se à pesca desenvolvida tanto na costa quanto em alto-mar, independentemente do instrumento utilizado para fisgar o peixe: rede, anzol, arpão etc. Essa forma, que não se encontra registrada nos dicionários gerais e etimológicos, é empregada em oposição à captura de mariscos, como a **pesca de camarão**, **pesca de lagosta**, **pesca de siri** etc., como se verifica na fala dos informantes aos serem questionados sobre os tipos de pesca que praticam ou conhecem:

Ah... pesca de lagosta, pesca de camarão, **pesca de pêxe**. Isso aí eu não pesco, mas tem muita gente que pesca aqui... tem mergulhadores. (F3C-V)

A lexia complexa **pesca ~ pescaria de rede**, de um maneira geral, denomina captura de toda sorte de peixes e crustáceos tendo como instrumento uma rede de pesca. É uma modalidade de pesca coletiva e que exige força e habilidade no manuseio do apetrecho através do qual se recolhe o pescado. Pode ser realizada na costa litorânea ou em alto-mar. Essa lexia não se encontra registrada nos dicionários que servem de base a esta pesquisa. O apetrecho que se usa para capturar o pescado motivo essa lexia.

Pesca de siri foi a lexia complexa documentada para designar a captura de siri com a linha e rapichel ou gaiola, a qual pode se realizada no mangue ou na costa litorânea. No discurso a seguir, o informante descreve a **pesca de siri** com linha e rapichel.

Ah, eu pego o ripichel... bota a isca de... de pele de galinha ou então pele de carne, marro no isopô e joga no, na bêra do má. Quando o siri começá a comê, eu pego com o ripichel, boto embaxo e trago ele. (F1C-V).

A lexia **pesca de siri** também não se encontra registrada nos dicionários gerais e etimológicos da língua portuguesa.

Pesca ~ pescaria de tainheira é a forma lexical que denomina a modalidade que consiste na captura do peixe denominado *tainha*. Trata-se de um tipo de pesca realizado por duas pessoas numa canoa, de onde o pescador lança a rede tainheira e espera para recolher o

peixe. Observe-se como o pescador a descreve no discurso a seguir:

Tainheira, a gente vai lá, como eu já fui umas duas vezes, como eu já fui com ele (marido). Vai lá, joga a rede. Aí fica lá esperando. Depois a gente começa a colhê a rede, dentro da canoa mesmo, não precisa se molhá; não precisa saí da canoa... dentro da canoa mesmo. (F1B-V)

A lexia complexa **pesca ~ pescaria de tainheira** não está dicionarizada.

Para denominar a pesca realizada sobre embarcação em alto-mar, com uma linha de anzol e arco com chumbo, registrou-se a lexia **pescaria de linha de fundo**. Diferentemente da pescaria linha, nesse tipo, a pescador não dispõe de vara e, portanto, segura na própria linha. Assim esta se diferencia daquela por apresentar os traços semânticos [+ realizada em águas profundas], [+ sobre embarcação]. Conforme os pescadores, é um dos tipos de pescaria mais praticados na localidade, como atesta o discurso do informante:

Eu só pesco, só sei fazê **pescaria de linha de fundo**, que é essa aqui... mas eu conhece outras... jogá tarrafa, mas eu não sei jogá tarrafa; mergulhá, às vezes, eu dou uma mergulhada, mas é uma vez ou outra. Já mergulhei muito, mas a minha atividade maió da pescaria é essa aqui... que são vários pêxe, tem vários tipos de pêxe... linha de fundo, **pescaria de linha de fundo**. (M2C-V)

A lexia complexa **pescaria de linha de fundo** não se encontra registrada nos dicionários gerais e etimológicos da língua portuguesa. Por ser realizada em águas profundas, essa modalidade recebeu tal denominação.

Note-se que, no campo das *modalidades de pesca*, predominam as lexias complexas, em que há sempre um especificador conforme o tipo de apetrecho empregado na captura do pescado ou o próprio pescado, objeto da captura.

4.1.1.5 Campo lexical dos apetrechos de pesca

A partir das questões 18 – “Quais são os instrumentos que o(a) senhor(a) costuma usar para pescar?” e 24 – “Como se transporta o peixe?”, foram levantadas as lexias que integram o *campo lexical dos apetrechos de pesca*. Para desenvolver as suas atividades, os pescadores utilizam os mais variados instrumentos. Como resultado, foram levantas 45 lexias que integram o campo dos *apetrechos de pesca*, o que corresponde a 11% dos elementos. São elas: **arrastão ~ rede de arrasto, agulheira, ajuntador, arpão, arraieira, bacia, balaio, balde, bicheiro, bomba, caçoeira, calão ~ rede de calão, carro de mão, catana, catueiro, cesta, cofo, cuba, colher, enfieira, faca, facão, fisga, gaiola, geladeira, groseira, isopor,**

jereré, machadeta, munzuá, puçá, rapichel ~ ripiché ~ ripichel, rede, rede de agulha, rede de camarão, rede de fundo, rede de ressa, saco, tainheira, tarrafa, vara. Seus traços distintivos podem ser observados no Quadro 9.

Agulheira, arraieira, arrastão ~ rede de arrasto, caçoeira, calão ~ rede de calão, jereré, puçá, rapichel ~ rapiché ~ ripichel, rede, rede de agulha, rede de camarão, rede de fundo, rede de ressa, tainheira e tarrafa são as formas lexicais que denominam os diversos tipos de rede usados pelos pescadores da Ilha de Itaparica. **Agulheira** ou **rede de agulha** designa um tipo de rede usada especificamente para pescar o peixe que se denomina agulha. Trata-se de uma rede de malha mais estreita. Nos dicionários gerais consultados, a lexia composta **agulheira** (*agulha* + *-eira*) está registrada com acepção diferente daquela registrada na comunidade de pescadores. Houaiss (2001) a registra como ‘mesmo que malva-cheirosa (*Erodium moschatum*)’. Já Aulete (2013), além de defini-la como ‘o mesmo que agulha-de-pastor’, que também se trata de uma erva, apresenta uma acepção que se insere no campo em estudo, embora também seja diferente: ‘linha de pesca, com um só anzol’. Apenas em Morais Silva (1948) se encontra uma acepção que converge para aquela que se documentou na comunidade em estudo: ‘pequena traina para pesca de agulhas’.

A lexia complexa **rede de agulha** não se encontra dicionarizada.

Entre os pescadores, **arraieira** é a forma empregada para denominar uma rede de malha mais larga, utilizada para a captura de arraia. Essa rede é depositada no ponto de pesca, a fim de que o peixe malhe durante a noite e, no dia seguinte, o pescador a recolha, como informa pescador:

Tem a **arraieira**. A **arraieira**, no caso, a pessoa bota pra podê ela dormí. De noite, o pêxe vai e se embaraça. (M2B-I)

Composta do substantivo *arraia* + o sufixo *-eiro*, a lexia **arraieira** está dicionarizada como regionalismo com a mesma acepção que foi documentada na comunidade de pesca: ‘rede de pescar arraias’.

Formada a partir do radical do verbo *caçar* (< latim vulgar *captiāre* (< clássico *captāre*)) e o sufixo *-oeira*, a lexia composta **caçoeira** nomeia uma rede de malha mais larga utilizada para a pesca de peixes de maior porte, em alto-mar. Nos dicionários que servem de base a esta pesquisa, esse item está registrado como ‘rede de malhas largas usada para pesca de arrasto em alto-mar’. O pescador assim define **caçoeira**:

Caçoêra é o seguinte: é a rede mais graúda, a maia mais graúda, de panhá rubalo, pêxe mais graúdo. (M3B-V)

Como se sabe, os peixes de maior porte são capturados em alto-mar. Portanto a definição encontrada nos dicionários gerais corrobora a acepção que tem essa lexia no *corpus*.

Calão ou **rede de calão** denomina outro tipo apetrecho cujo manuseio também requer um grupo de oito a dez pescadores por ser uma rede muito extensa e pesada. Com ela, também se captura os mais diversos tipos de peixe, inclusive aqueles ainda em fase de crescimento. Trata-se de uma rede maior, assim definida pelos pescadores:

Calão é uma rede grande... que pesca com bastante homem, tá entendeno? Se chama **calão**, é **calão**. (M3A-I).

(...) que é o **calão**, que é uma rede muito enorme que eles pescam... muitos homens pescam nesse **calão**. (F2C-I).

Por ser um apetrecho pesado e que demanda força, bem como ser uma rede que causa danos à fauna marinha, alguns pescadores não têm interesse em pescar com esse apetrecho, como se observa nos trechos a seguintes:

Então, quando sai um **calão** aí pra pescá, como hoje mehmo já chegou lula cedo... deu não... a mulhé até taha me dizeno: “Ó, o **calão** passou aí e o senhô não procurô sabê se tem alguma isca”. Desse **calão** aí, eu quero distância. (M3A-I).

A lexia complexa **rede de calão** não se encontra dicionarizada. No entanto, a lexia simples **calão** está registrada em Ferreira (1999), dentre outros, como ‘rede de pesca com três lados retos e um curvo, e munida de pesos’; como regionalismo, em Houaiss (2001), encontra-se definida como ‘tipo de rede de pesca de malha larga, que tem três lados retos com uma boia central e outras menores em volta, e um lado curvo ao qual se prendem pesos’; em Aulete (2013), como ‘rede de pesca de malha larga, com boias presas em três lados e pesos no quarto lado’; em Moraes Silva (1948), como ‘rede de pescar com três lados rectos e inferior curvo e munido de pesos’. Embora preserve o mesmo fundo semântico, a acepção que tem na comunidade difere daquelas presentes nos dicionários pelo traço semântico [+ malha estreita]. Nos dicionários etimológicos, não há registro dessa lexia. A **rede de calão** é puxada por um cabo de madeira, o qual se denomina **calão** (ver *Campo lexical das partes e componentes dos apetrechos*). Isso explica a motivação semântica para a lexia.

O **jereré** é outro tipo de rede muito utilizada pelos pescadores da comunidade para captura de camarão e siri. De porte menor que as demais redes e de fácil manuseio, trata-se de um apetrecho feito de linha de algodão, em forma cônica, com aro de metal, de diâmetro variável. Este é suspenso por três linhas atadas a outra mais extensa, que se prende a uma vara ou uma boia. Com um chumbo no centro de sua extremidade inferior do **jereré**, o pescador coloca um engodo no seu interior e mergulha-o na água, a fim de atrair e capturar os crustáceos.

Para a forma lexical **jereré**, que tem origem no tupi *yere're*, os dicionários gerais apresentam as seguintes acepções: ‘rede fina em forma de saco, presa a um semicírculo de madeira com cabo longo, usada para a pesca de peixes pequenos e crustáceos’ (AULETE, 2013); ‘espécie de rede em formato cônico, presa a um semicírculo de madeira provido de um cabo longo, usada para a pesca de camarões, siris, pitus e peixes miúdos’ (FERREIRA, 1999); ‘aparelho de pesca cuja rede afunilada é de malha trançada e se prende a um aro frequentemente provido de cabo, usado sobretudo para pesca em águas rasas e para apanhar crustáceos e peixes miúdos’ (HOUAISS, 2001). Embora essas acepções se aproximem daquela documentada para esse item lexical na localidade, pelos componentes semânticos que apresentam [+ semicírculo de madeira] e [+ provido de cabo], convergem para a acepção que tem a lexia que denomina outro tipo de rede na comunidade: o **puçá**.

Semelhante ao **jereré**, o **puçá** é um tipo de rede também utilizada na pesca de camarão, porém se diferencia daquele pelo tamanho e pelo formato da borda da rede, a qual se prende a um semicírculo de madeira, com um cabo no qual o pescador segura e vai caminhado à beira da praia, fazendo o apetrecho deslizar vagarosamente e, dessa forma, capturando o pescado (cf. Figura 31).



Figura 31: Puçá.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1615, obtida em 04/09/2012.

Segundo Cunha (1986), **puçá** é uma forma lexical que provém do tupi *pi'sa* ‘pequena rede de pescar’. Em Aulete (2013), Ferreira (1999) e Houaiss (2001), está registrada com uma acepção que se enquadra naquela documentada na comunidade em estudo: ‘rede em forma cônica montada em um aro, usada para capturar crustáceos’.

Outro tipo de rede muito utilizado pelos pescadores, principalmente na pesca de siri e aratu, é o **rapichel** ~ **ripichel** ~ **ripiché**. Também de formato cônico e com aro de metal (cf. Figura 32), esse apetrecho possui um cabo pelo qual o pescador segura e recolhe os crustáceos, os quais são atraídos por um engodo, conforme explica o informante:

Ah... eu pego o **ripichel**... bota a isca de... de pele de galinha ou então pele de carne, marro no isopô e jogo no, na bêra do má. Quando o siri começá a comê, eu pego com o **ripichel**, boto embaxo e trago ele. (F1C-V)

No que tange aos registros em dicionários, encontrou-se apenas a forma **rapichel** em Aulete (2013), definida como lexia utilizada em Aveiro (Portugal), que designa o ‘utensílio com que se apanha na água a sardinha que escapou dos sacos da rede, que se rompeu’. De acordo com o autor, esse item pode ter origem no verbo *rapar*, que possui, dentre outras, a seguinte acepção: ‘pegar o que ainda sobrou, o que restou’. Embora não compartilhe de todos os traços semânticos que possui a lexia na comunidade, a acepção apresentada pelo autor converge para o campo em análise.



Figura 32: Rapichel.
Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1514, obtida em 31/08/2012.

Nas comunidades da Ilha de Itaparica, **rede** é o item lexical que designa, de uma forma geral, qualquer instrumento de pesca feito através do entrelaçamento de fios, com aberturas regulares, fixadas por malhas. De acordo com os pescadores há vários tipos de rede, com tamanhos diversos, conforme o tipo de peixe que se deseja capturar. Observem-se as falas dos informantes:

Tem vários tipos de **rede**, né? Tem o de tarrafa, tem a rede de tainha, tem a **rede** que chama calão. Tem vários tipos de **rede** de pesca. (M2B-V)

Eles têm uma **rede** assim... tem vários tipos. No caso, tem **rede** de duzentos, trezentos metros de distância; tem mais, de mil metros. Aí eles lançam no má, aí são grupo de dez mais ou menos, eles lançam. Tem os locais certo que eles pegam o pêxe. Aí eles lançam essa **rede** no má e vem puxando pro seco. Aí, naquele cerco que ele faz, ele puxa pra terra, encalham a rede toda. E aí vem o marisco todo, pêxe, vem tudo, vem um monte de coisa. Só que as **redes**, elas tem as malhas pra pegar os tipos de pêxes já adequados, tamanho certinho, porque os menores não pegam. Eles passam, vão embora. Aí só ficam os maiores. Essa atividade é praticada aqui assim, com **rede**. (M1A-I)

Compreende a agulheira, arraieira, caçoeira, jereré, puçá, rapichel, rede de agulha, rede de arrasto, rede de calão, rede de camarão, rede de fundo, rede de ressa, tainheira e tarrafa. Trata-se, portanto, de um hiperônimo. A lexia simples **rede** tem origem no latim *rēte* e está registrada como ‘artefato de malhas largas, usado para apanhar peixes, aves, borboletas etc.’ (HOUAISS, 2001), acepção que condiz com a que se documentou na localidade em estudo.

Um tipo de apetrecho que remonta à Antiguidade e que ainda é utilizado pelos pescadores na Ilha de Itaparica é o **arrastão** ~ **rede de arrasto**. Com esse instrumento, é possível pescar em águas profundas, mas, por se tratar de uma rede mais pesada, o seu manuseio requer um grupo de pescadores, como deixa evidente a fala dos informantes:

Tem várias. Tem o **arrastão**, mas é lá fora, tá entendeno? (M2B-I).

Tem **arrastão**, tem a rede de ressa, que a pessoa coloca a rede lá e vai buscá. (M2B-I).

A **rede de arrasto** que eles têm aí já, que trabaia mais. São sete pessoa... são... trabaia de cinco, trabaia de seis, trabaia de sete. É assim as pescaria aqui.

(...)

... que as **rede de arrasto** tamém pesca muito fora... é... na bêrada do canal, é... um lugá mais fundo, de vinte braça, vinte metro de fundura, quinze, essas fundura assim. (M3B-V).

Puxado a uma determinada velocidade por um barco, ou manualmente por pescadores, o apetrecho permite a captura de toda sorte de frutos do mar: peixes, crustáceos e moluscos. Observe-se o discurso do informante:

Rede de arrasto é que pesca de oito pessoa. Aí vem tudo no meio do má, aí vem tudo... camarão e lula. (M1B-V)

A lexia composta **arrastão** (*arrastar* + *ão*) está dicionarizada com o mesmo sentido com que se apresenta no *corpus*: ‘rede de arrastar pelo fundo, que apanha todas as espécies de peixe que encontra’ (FERREIRA, 1999). Morais Silva (1948) a registra como brasileirismo, definindo-a como ‘rede de arrastão, rede de arrastar’. A lexia complexa **rede de arrasto** está dicionarizada como: ‘rede dotada de arrasto, utilizada na pesca fluvial ou costeira, e que é

arrastada no fundo do mar ou do rio para recolher diversos tipos de peixe’ (FERREIRA, 1999); ‘rede ou aparelho volante de rede, constituído de saco e alares, que certos barcos de pesca arrastam pelo fundo do mar ou de rios’ (HOUAISS, 2001); ‘rede de pesca própria para ser arrastada pelo fundo de mar, rio, lago etc., recolhendo peixes, crustáceos, frutos do mar etc.’ (AULETE, 2013). Tais acepções corroboram aquela registrada no *corpus*. Nos dicionários etimológicos, não há registro desse item. A motivação semântica para essas formas lexicais se encontra no próprio processo de manobra do apetrecho, o qual é arrastado por embarcação ou por pescadores.

Rede de camarão é a forma lexical empregada para denominar uma rede de malha muito estreita, com a qual se pesca o camarão, como o próprio nome indica. Também é uma rede que prejudica a fauna marinha porque, por ter uma malha fina, captura os peixes e mariscos ainda em fase de desenvolvimento. Veja-se o que diz o informante a respeito desse apetrecho:

O camarão... a **rede de camarão**, maia oito, acaba a pescaria... porque ela panha sabe o quê? Desde o rubalinho até o (?), o vermelhinho, de tudo, aquele miudêro que joga na rede, vem ali na bagacêra, vai, morre tudo ali. Aquilo ali acaba a pescaria. É a maia da rede que tá prejudicando a pescaria. Se tivesse a maia... porque até a maia trinta panha camarão... porque tem a maia vinte que panha camarão, a maia vinte e cinco panha camarão. Por que não a maia quinze pra **rede de camarão**? Não tem, nego não qué. Nego só qué ói... Se vai lá na **rede de camarão** aqui, panha cinquenta, sessenta quilo de camarão miudinho, des’tamanho (gestos). (M3B-V)

A lexia complexa **rede de camarão** não se encontra registrada nos dicionários gerais e etimológicos da língua portuguesa.

Rede de fundo é a forma lexical empregada para denominar a rede com a qual se pesca sobre embarcação, em águas profundas, o que justifica a sua denominação. Trata-se de um tipo de apetrecho também considerado prejudicial à fauna marinha pela comunidade, conforme se verifica na fala do pescador:

Realmente porque a pescaria aqui já foi muito boa. Hoje... pra mim, o que acaba com a pescaria aqui é a **rede de fundo** porque mata a disova, mata tudo. (M2C-I).

Rede de fundo é uma lexia complexa não dicionarizada.

Outro tipo de rede utilizada pelos pescadores é a **rede de ressa**. Refere-se a uma rede cuja malha é atada a uma corda com cortiças que permitem sua flutuação. Com essa arte de pesca, é possível capturar peixes e camarões. Para tanto, os pescadores a deixam por um determinado período à mercê da corrente marítima, a fim de que o peixe malhe, como se

verifica nas falas a seguir:

Tem a **rede de ressa**, que a pessoa coloca a rede lá e depois vai buscá. (F3B-I)

Ressa, ressa é uma rede que você bota ela boiano, o peixe vem e se maia. (M2B-I)

Ressa, botá rede no barco e o barco andano, a hente pegá aquele pêxe... **ressa**. **Ressa** é a primeira que você joga no fundo do barco, ela vai andano e o pêxe malha. (F3A-I)

Muito utilizada pelos pescadores da Ilha, a **tainheira** é um tipo de rede feita de linha de náilon, cuja malha pode ser de trinta ou quarenta. De acordo com os pescadores, essa rede, que pode ser de deriva ou fixa, além de possibilitar a captura de tainhas, permite capturar outros tipos de pescado, como sardinha, pescadinha e camarão. Ela opera em superfície, em meia água ou no fundo do mar.

Nos dicionários gerais que servem de base a esta pesquisa, a lexia composta **tainheira** (*tainha* + *-eira*) está registrada como ‘rede própria para a pesca de tainha’ e ‘canoa ou barco usado para esse fim’. Houaiss (2001) ainda a registra como ‘cardume de tainhas’. No campo em estudo, esse item lexical ganhou amplitude semântica, adquirindo os seguintes semas: [+ usada na captura de camarão], [+ usada na captura de sardinha], [+ usada na captura de pescadinha].

Tarrafa denomina outro tipo de rede feita de linha de náilon, de malha muito estreita, de formato circular e com chumbos presos nas extremidades. No centro da rede, há um cordão através do qual o pescador a retira, fechada e com peixes dentro, após jogá-la aberta na água. De manuseio individual, a pesca com esse apetrecho requer muita prática e habilidade. Veja-se a fala do informante sobre essa arte de pesca:

Eles pegam, prende aqui no dente e jogam em cima da manta do pêxe... do pêxe, aí pega a manta do pêxe com a **tarrafa**. (M1C-I)

Por não ter o domínio da técnica, nem todos os pescadores da comunidade utilizam esse apetrecho, como revela o discurso a seguir:

Eu só pesco, só sei fazê pescaria de linha de fundo, que é essa aqui... mas eu conheço outras... jogá tarrafa, mas eu não sei jogá **tarrafa**... (M2C-V)

Tarrafa é uma lexia simples que se encontra registrada nos dicionários gerais com uma acepção que converge para aquela documentada na comunidade: ‘rede de pesca circular, de malha fina, com pesos na periferia e uma corda no centro, pela qual é puxada’. Sua origem, conforme Cunha (1986), encontra-se no árabe hispânico e magrebino *tarrāhā*.

Embora seu emprego seja ilegal, a **bomba** também é um dos instrumentos de pesca utilizados por alguns pescadores. Trata-se de um artefato feito de papelão e cartolina, de formato cilíndrico, atado com cordão, com pólvora e estopim em uma das extremidades. Por ser um artefato explosivo, com o seu uso é possível capturar uma grande quantidade de peixe de uma só vez, pois a explosão provoca a morte de vários exemplares simultaneamente. Isso causa grandes prejuízos à fauna marinha, haja vista que, além de matar espécies adultas, matam também os filhotes, como revela a fala dos pescadores ao discorrerem sobre a decadência da pesca na localidade:

Eu acho que diminui bastante. Diminuiu porque ... porque geralmente tem esse problema de **bomba**. A **bomba** acaba muito com os pêxes porque, além de matá os maiores, mata os menores, mata aqueles menorzinhos, os que tão disovano, os que vão disová, os siri, essa coisa toda. Aí vão acabano, aí vai diminuino bastante.

(...)

Diminuiu. É exatamente o que eu estava falano, é sobre esse negócio da **bomba**... porque geralmente tinha muitos pêxinhos que chamam maçambê. Maçambê antigamente tinha muito... que eles pegavam, pegavam muitas cubas... que vendiam, davam, tudo à vontade, mas agora tá muito difícil... nem tá se veno mais. (F2C-I)

Pra o que minha vó e minha mãe fala, diminuiu. A **bomba** tá destruino.

(...)

Antigamente minha vó fala e minha mãe que a pescaria foi melhô que hoje... que antigamente não tinha esse negócio de **bomba**, do homem, lixo na praia também, que é o que tá acabano com metade da pescaria, e hoje o povo não tem consciência do que tá fazeno.

(...)

Hoje as coisa fica... tá mais difícil, né? Uma que a **bomba** também tá destruino cem por cento, e é triste quando a gente vem mariscá ou pescá, que vem com aquele sorriso no canto pensano que vai levá algo pra casa e, quando chega aqui, encontra tudo assim uma tristeza porque você desce e volta pra casa sem nada. (F1C-I)

Porque caiu tudo. Não acha, não. O rio matô tudo. A chuva acabô, matô as ostras. A gaiola acabando com o siri, os aratu. A **bomba** acabando com tudo. (F2B-V)

Bomba. É muita **bomba**, aí diminuiu os pêxe. (M1B-I)

Eu acho que é essas pessoas que ficam usando **bombas**, jogando **bomba**, matando muitos pêxes, pêxes miudinho mesmo... por causa disso... porque aqui tem muita gente que não são daqui, mas de outros lugares que jogam bomba por aí a toa e mata muitos pêxinho. (F1B-V)

Aqui, no caso, tem vários lugares, tem vários lugar. Agora, no caso, marisco tá difícil por caso das **bomba**. No caso, vem acabano com tudo. (M2A-V)

De raiz onomatopaica em *bomb*, de acordo com Cunha (1986), **bomba** é uma lexia que tem origem no latim *bombus* que, por sua vez, provém do grego *bómbus* ‘ruído surdo, barulho de trovão’. Usado com diversas finalidades, principalmente em comemorações e festas populares, nos dicionários consultados, não há registro dessa lexia como específica do campo da pesca. As acepções encontradas nos dicionários gerais, no entanto, convergem para aquela documentada na localidade: ‘artefato explosivo que provoca danos ou destruição’.

Outros apetrechos utilizados na captura de peixes e mariscos são o **arpão**, o **bicheiro** ~ **fisga**, a **catana**, o **catueiro**, a **colher**, a **faca**, o **facão**, a **gaiola**, a **groseira**, o **munzuá** e a **vara**. Na pesca de mergulho, para a captura de peixes, lagosta e lula, os pescadores fazem uso do **arpão**. Utilizado na pesca desde a Pré-História, o arpão é um instrumento que surgiu no período paleolítico e era feito de osso ou de chifre. Com o aperfeiçoamento tecnológico, sofreu grandes inovações, tornando-se um apetrecho de pesca moderno. Atualmente corresponde a uma espécie de lança feita de ferro, em formato de seta, munida de um cabo e uma borracha. Veja-se como a pescadora define esse instrumento:

Arpão é um ferro... com a ponta tipo um anzol, que na hora que tira, que joga... aponta.. emalha o pêxe. (F3A-I)

Seu uso requer muita técnica e destreza, pois seu manejo é semelhante ao de uma flecha, como se verifica na explicação do pescador:

Arma o **arpão**; tem uma borracha de soro; você estica a borracha e atira no pêxe. (M1C-V)

De acordo com Cunha (1986) e Machado (1967), o item lexical **arpão** provém do francês *harpon*. As acepções para essa lexia verificadas nos dicionários corroboram aquela documentada na localidade em estudo.

Bicheiro ou **fisga** é outro apetrecho muito utilizado pelos pescadores, seja como instrumento de captura, seja como um instrumento auxiliar na captura. Confeccionado artesanalmente pelos próprios pescadores e de tamanhos variados, trata-se de uma ferramenta composta de uma vara de madeira ou metal com um gancho na ponta (cf. Figura 33). É utilizado para capturar polvo ou para ajudar no embarque de peixes de grande porte durante a pesca de anzol, como se verifica a seguir:

Geralmente esses anzóis que a gente usa é... pra pegar pêxe grande, no caso, é o **bichêro** que a gente chama. Quando a gente tá com um pêxe na linha, trabalhamo, aí esses anzóis, a gente em vez de usá pra botá isca pra pegá pêxe, não. A gente coloca numa vara grande, grossa, amarrada, parafusada... é... pra quando o pêxe tivé na linha, um pêxe de trinta quilo, vinte, você não precisar de embarcá na linha, senão a linha parte. Então esse gancho, esse **bichêro**, esse anzol, no caso, já serve pra pegá no pêxe e levantá ele, entendeu? (M1A-I)
Uma faca... porque se embaraçá a corda, cortá; anzol; **bichêro**, que é um anzol na ponta de um pau pra puxá um pêxe grande que você não possa suspendê, pra ele não furá.
(...)

Ah, o pêxe... o pêxe, ele fica na malha da rede, preso. Quando o pêxe é grande, você não pode pegá ele sozinho, você panha um **bichêro**, bota na garganta dele e puxa pra podê dismaiá, quando ele não passa a rede e não vai embora, como o pintado, como a arraia, o caçonete, quando é grande também arromba e vai embora. (F3A-I)

Ah, eu não me lembro, não. Teve tantas. Teve uma que eu fui com meu irmão... um pêxe, pampo grande. A gente tem uma fisga, um anzol grande, enorme, a gente chama de **fisga**. E geralmente com esse material aqui... o pêxe é grande demais. (M2C-V)

Para a lexia composta **bicheiro** (*bicho* + *-eiro*), nos dicionários pesquisados, foram verificadas acepções convergentes com aquela registrada na comunidade de pesca: ‘Haste com anzol para pescar’ (AULETE, 2013); ‘vara ou arame com anzol ou gancho na ponta, para pescar (especialmente polvo)’ (FERREIRA, 1999); ‘anzol de ferro engatado em uma haste, usado para pesca de polvo, alguns peixes e moluscos’ (HOUAISS, 2001); ‘anzol de ferro engastado numa hástea para pescar peixe’ e ‘vara de barqueiro com gancho e ponta de ferro’ (MORAIS SILVA, 1948).



Figura 33: Bicheiro/fisga.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1492, obtida em 31/08/2012.

Cunha (1986) e Machado (1967) definem **bicheiro** como ‘anzol, bicho’. Ainda para Cunha, pode ser definido como ‘qualquer objeto comprido e pendente’. Não foi possível verificar a motivação dessa lexia.

Fisga é a forma regressiva do verbo *fisgar* e está registrada como ‘arpão para pescar’, uma acepção que corrobora a que se documentou na comunidade de pesca. A finalidade do objeto motivou a sua denominação.

Para denominar outro instrumento empregado na captura de peixes de grande porte, documentou-se a lexia **catueiro**. Trata-se de um apetrecho composto de linha grossa, com duas pedras atadas a cada extremidade da linha e anzol. Atualmente em desuso na comunidade, segundo os pescadores, o **catueiro** era muito utilizado na pesca de cação. Veja-

se o que diz o informante sobre essa arte:

Catuêro seria o seguinte... era uma pescaria de pagá cação. Então marrava uma pedra na linha grossa, uma pedra numa ponta da linha, uma pedra na outra ponta e jogava no fundo do má com os anzóis, certo? E aí, quando o cação comia, como a linha era muito grossa, ele morria ali mesmo, e depois a gente... o pescadô ia e recolhia. Hoje em dia não existe mais, né? (M2A-I).

De origem obscura (CUNHA, 1986), nos dicionários gerais, o item lexical **catueiro** está registrado como ‘anzol encastoado, para a pesca de peixes grandes’. Houaiss (2001) também o registra como ‘linha de pesca, com flutuador e chumbada, que se liga a uma vara fincada em terra’, definição que, embora apresente alguns componentes semânticos diferentes, enquadra-se naquela documentada na comunidade para essa forma lexical.

A **groseira** também é outra arte que permite a captura de peixes de grande porte. Composta por uma corda com vários anzóis engodados, a **groseira**, que é depositada no fundo do mar, é um tipo de apetrecho que oferece riscos ao pescador durante o seu manuseio. Observe-se o que dizem os informantes sobre essa arte:

Rapaz, esse tipo de pesca... esse negócio de pescá aí é **grosêra**. Um negócio de pescá que a hente bota um monte de anzol, um montão de anzol. A hente vai tirano a canoa, vai tirano o anzol, e vai com a canoa remano e deixa lá, e a hente fica dois, aí a hente fica lá pescano, brincano... aí, na hora, a hente vai corrê. Aí pega pêxe, cada um pêxe, tudo grande, a hente pesca. A coisa que eu gosto mais de pescá é camarão, camarão e **grosêra**. (M1B-V)

Grosêra é uma corda grande, enorme, com uns anzol empendurado. Aí você bota a isca grande... já não é camarão, é isca de pêxe, de outro tipo de pêxe. Você bota e dexa lá. No dia seguinte, você vai puxá a **grosêra**. Por sinal, é uma pescaria muito arriscada... porque qualqué vacilo que você dé, qualquer hora, o anzol pode pegá em seu corpo sem menos você esperá. Até arriando ela, pra estirá, pra ir arriando, cê corre o risco de o anzol te pegá. A mehma coisa é na hora de você puxá. (M2C-V)

Grosêra é um bucado de anzol marrado assim na linha... mil anzol... a quantidade que você quêra botá... (M3C-V)

A lexia composta **groseira** (*grosa* + *-eira*) está dicionarizada com acepções que se enquadram naquela observada no campo em estudo. Em Aulete (2013) e Houaiss (2001), está registrada também como ‘barco empregado na pesca de anzol’, acepção não verificada na localidade.

Para a captura de crustáceos e peixes de pequeno porte, os pescadores da Ilha de Itaparica também utilizam o **munzuá**. Trata-se de uma armadilha feita de ferro ou madeira e tela, de formato variado, com uma iscadeira no centro. Atraídos pelo engodo, os peixes e crustáceos entram no munzuá através de uma abertura que não lhes permite sair. Através do discurso do pescador, é possível compreender melhor essa arte de pesca:

O **munzuá**? Ele compra o ferro, esses ferro de material de construção... aí ele serra os pedaço, aí ele torce, vai... aí compra aquelas tela, aí costura, vai, tipo um chiquêro, um chiquêrinho assim (mostrando o tamanho), que nem um quadrado desse piso. Aí faz as tela, tapa tudo, aí deixa a boca. Bota a isca dentro daquele... no meio do munzuá... tem a iscadêra. Aí bota aquela isca ali dentro e tapa. Aí bota lá dentro do má... o siri vem e entra na boca. Dali ele não sai mais, dali ele tem de... pra tirá o siri de dentro da boca do munzuá, ele tem que abri, tem que ter o aberto. Deixa na divisa, abriu, jogou dentro do balde, tornou iscá, tacô, jogô lá de novo. Ele compra a tela, compra o ferro... tudo isso é comprado pra fazê aqui... pra você vê como é a vida daqui do pescadô. (M3B-V)

As obras lexicográficas em que se fundamenta esta pesquisa apresentam a lexia **munzuá** como ‘cesto ou covo, feito de taquara ou de bambu’, definição que apresenta traços divergentes daqueles que apresenta esse item na comunidade em estudo. De étimo indeterminado, segundo Cunha (1986), a forma **munzuá** é de origem africana e significa ‘covo feito de fasquias de taquara ou de bambu’.

Arte semelhante ao munzuá, a **gaiola** também é muito empregada na pesca de crustáceos na comunidade. Corresponde a uma armadilha feita artesanalmente de tubo plástico e tela, com uma iscadeira feita de garrafa “pet”. Vejam-se as características desse apetrecho através da Figura 34:



Figura 34: Gaiola.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1204, obtida em 19/07/2012.

De acordo com os pescadores, esse é um dos apetrechos que têm contribuído para a escassez do pescado, pois captura principalmente as fêmeas com ovos e aqueles ainda em fase de desenvolvimento, como se verifica nos trechos a seguir:

É muita **gaiola**... porque ali vai tudo que é tamanho, vai as fêmea, vai tudo quando tá de bumbo. (F2A-V)

É um negócio que pega todos tipo marisco ou de siri, aratu, tudo pega, tudo miúdo. Não dá pra crescê os bicho. Aí diminuiu bastante. A gente vai hoje... Quando a gente pegava cinco lata, hoje só pega duas lata. (F2B-V)

Gaiola, que tem origem no baixo latim *caveola*, de *cavĕa* (Cunha, 1986), está dicionarizada com acepção diferente daquela documentada na localidade, embora com o mesmo fundo semântico.

Para a captura de peixes e siri, a **vara** é outro apetrecho utilizado pelos pescadores. Refere-se tanto à haste de bambu ou de material sintético usado na pesca com anzol, quanto ao conjunto formado pela própria vara, a linha de náilon e o anzol. Além disso, também corresponde ao ramo usado para auxiliar na pesca de siri com rapichel e àquele usado para fazer o abalo na pescaria embarcada. Veja-se o discurso dos informantes:

É... de siri, é... com ripichel e rede, puxá rede. E, às vez, vou lá fora também com a **vara** pegá aqueles pêxinhos miúdo. (F1C-V)

Estocá é quando sai... o lugá é um lugá raso... a hente sai meteno a **vara** no fundo do má pra podê o cardume do pêxe ir pra rede... chama estocá. (M2A-I)

Porque assim a gente... quem tem barco, vai de barco e quem não tem, a gente fica dend'água, com a água um pouquinho acima do umbigo, com uma **vara** e uma linha amarrada na ponta, um anzol e... um coisinha assim escuro chamado chumbo. (F1C-I)

Aqui tem a rede, tem essa que é linha de fundo, e tem de vara. O pessoal fica pescando aqui na praia, de **vara**, pescano carapicu, pêxinho pequeno. (F2C-V)

Para a lexia simples **vara**, os dicionários gerais apresentam as seguintes definições: 'caniço de pesca' (AULETE, 2013); 'ramo fino e flexível' (FERREIRA, 1999); 'haste de bambu ou de material sintético ao qual se prende a linha com o anzol para a pesca' (HOUAISS, 2001); 'ramo delgado, renovo de alguma árvore'; 'ramo liso, direito de árvore para varejar, para fazer andar barcos' (MORAIS SILVA, 1948). Como se observa, a acepção apresentada por Houaiss (2001) é a que mais se enquadra no campo em análise.

Conforme Cunha (1986) e Machado (1967), a forma lexical **vara** provém do latim *vara*. O primeiro a define como 'ramo fino e flexível'; já o segundo, como 'travessa de madeira, pau em forma de forca (que suporta uma rede); cavalete (de serrador)'.

Instrumentos comuns a outras áreas também fazem parte dos apetrechos empregados pelos pescadores, principalmente na captura de mariscos, como ostras, chumbinho, sururu etc. São objetos simples, a exemplo da **catana**, **colher**, **faca**, **facão** e **machadeta**. Utilizado para extrair os marisco das rochas e pedras, **catana** corresponde a um pedaço de facão velho, envolvido em um pano que faz as vezes de cabo. Esse apetrecho é assim definido pela mariscadeira:

É um pedaço de...de... como é, meu Deus? Facão velho. Aí fica aquele pedacinho que sobra, a hente enrola em um pano... é o que vai pescá. (F1A-V)

Procedente do japonês *katana* ‘espada’, a forma lexical **catana** está dicionarizada como ‘espécie de alfanje’, ‘pequena espada curva e curta’, faca comprida e larga. Tais acepções, embora apresentem semas diferentes, enquadram-se naquela documentada na comunidade em estudo, em que essa lexia adquiriu o traço [+ para a captura de mariscos].

Geralmente usada na preparação ou ingestão de alimentos, a **colher** também é um instrumento de grande utilidade na pesca de mariscos. Com esse apetrecho, os mariscadores escavam a areia para extrair o chumbinho, o rala-coco, a maria-preta, dentre outros. De um modo geral, a lexia **colher**, oriunda do latim *cochlear* (Cunha, 1986), está dicionarizada como utensílio de mesa, composto de concha rasa e cabo, usado para levar o alimento à boca, misturá-los ou prepará-los. Por isso está associada normalmente ao campo lexical dos *talheres*.

A **faca** é outro apetrecho utilizado na pesca, seja na extração dos mariscos que ficam presos às rochas, às pedras ou ao caule das arvore, seja na captura dos peixes, como se observa na fala a seguir:

Aqui a gente pesca mais com bichêro, jereré. Tem que enfiá a **faca** pra tirá o marisco das pedra. (M1C-V)

Uma **faca**... porque se embaraçá a corda, cortá; anzol; bichêro, que é um anzol na ponta de um pau pra puxá um pêxe grande que você não possa suspendê, pra ele não furá. (M1C-V)

De forma geral, a lexia **faca** denomina um objeto de lâmina cortante, com cabo. De origem controversa, conforme Cunha (1986), significa ‘instrumento que serve para cortar’.

Apetrechos muito utilizados na agricultura também são empregados na captura de mariscos. São o facão e a machadeta. O **facão** é um apetrecho utilizado especialmente na extração de ostras e sururu, que ficam presas nas rochas e nas raízes do mangue, como se verifica no discurso da mariscadora:

E o **facão** dá pra pegá sururu e pra pegá ostra porque a ostra é extraída da... ela fica montada assim na pedra ou, então, nos mangue assim, na bêrada assim do pau. (F2B-I)

Assim como a **faca**, trata-se de um instrumento de lâmina cortante e com cabo, diferenciando-se apenas por ser maior. Composta de *faca* + *-ão*, essa lexia está dicionarizada como ‘faca grande’.

Nas obras consultadas, não se verificou registro das lexias **colher** e **faca** e **facão**

especificamente no campo da pesca, porém as definições encontradas convergem para aquele que tem esses itens na comunidade em estudo, no que tange às dimensões *material de que é feito e formato*.

A **machadeta** é outro instrumento empregado na pesca de marisco. Corresponde a um machado pequeno, que se compõe de uma cunha de ferro cortante, munida de um cabo de madeira. É usada principalmente na extração da lambreta, como se observa no discurso da informante:

É cavando com um pedaço de facão, e a ostra com um facão bateno nas pedra... e o sururu também é tirado com a ponta do facão. A lambreta é com uma **machadeta**, uma enchadetazinha. (F3B-I)

A forma lexical **machadeta** (*machado* + *-eta*) não se encontra dicionarizada. Seu processo de criação é muito profícuo na língua portuguesa, favorecendo a formação de diversos substantivos, com a acréscimo do sufixo indicador de diminutivo *-eta* ao substantivo, a exemplo de *bacineta*, *banqueta*, *boleta*, *maleta*, *valeta* etc.

Para a o transporte e conservação do pescado, são diversos os apetrechos utilizados pelos pescadores, sendo a maioria de utilização geral, como **ajuntador**, **bacia**, **balaio**, **balde**, **carro de mão**, **cesta**, **cuba**, **geladeira** ~ **isopor**, **saco** ou de uso específico no campo da pesca, como o **cofo** e a **enfieira**.

Ajuntador é a lexia composta utilizada para denominar o recipiente no qual as mariscadeiras “juntam” os chumbinhos durante a extração na areia da praia. O apetrecho denominado por elas **ajuntador** pode ser qualquer vasilha plástica ou de alumínio: um balde pequeno, uma caçarola, um escorredor de arroz etc. Veja-se o que diz a informante:

Ajuntadô é cuba também, cubinha, vasilha plástica que dê. Às vezes, um escorredô. (F2A-I)

A forma **ajuntador**, que se compõe do radical do particípio do verbo *ajuntar* + o sufixo *-dor*, encontra-se dicionarizada com a seguinte acepção: ‘pescador a quem cabe fechar a rede com os pés, debaixo da água, a fim de prender os peixes’. Por tanto, apresenta acepção divergente aquela registrada na comunidade em estudo, embora se enquadre no campo da pesca.

Outro recipiente usado para transporte do pescado é a **bacia**. Corresponde a um objeto feito de metal ou plástico, de formato circular, pouco fundo, que é carregado sobre uma rodilha na cabeça, o que requer muita habilidade das mariscadeiras.

A lexia simples **bacia** está registrada nos dicionários gerais com as seguintes acepções: ‘recipiente redondo e pouco fundo, feito de metal, louça, plástico etc., usado

geralmente para lavar roupas, ou mãos e rosto, ou no preparo de alimentos, mas não para levá-los ao fogo' (AULETE, 2013); 'vaso redondo, de bordas largas, geralmente raso, de louça, metal, plástico, etc., próprio para lavagens' (FERREIRA, 1999); 'recipiente portátil de formato circular, oval etc., fundo chato e bordas relativamente altas, feito de louça, metal, plástico etc., para usos associados à água e a outros líquidos' (HOUAISS, 2001). Como se observa, no que tange às dimensões *formato* e *material de que é feito*, as definições convergem para aquela documentada na comunidade. No que tange à dimensão *finalidade*, esse item adquiriu o traço semântico [+ usado para transporte do pescado].

Balaio denomina uma espécie de cesto sem alça, feito de cipó, que se carrega na cabeça para transportar peixes e mariscos. Em desuso na comunidade, vem sendo substituído pelo balde. Observe-se o que diz o informante:

A gente ia pra o Engenho, pra lagoa do lado do asfalto, o lugá que chama Engenho. A hente ia e vinha com ela, com os meio **balaio**... que era **balaio**, de ostra pra hente ferventá. (F3B-I)

De acordo com Cunha (1986) e Machado (1967), a lexia simples **balaio** tem origem no francês *balai*, e este do gaulês *banatlo*, através da metátese de *balatno*. Nos dicionários gerais, encontram-se as seguintes acepções para essa forma lexical: 'cesto grande de palha, junco, bambu ou cipó, cuja boca geralmente é mais larga do que o fundo' (AULETE, 2013); 'cesto de palha, de talas de palmeira, ou de cipó, com tampa ou sem ela, geralmente com o formato de alguidar; (FERREIRA, 1999); 'cesto grande feito de palha, taquara, bambu, cipó etc., usado para transporte ou para guardar objetos' (HOUAISS, 2001); 'cesto grande de palha, que se usa no Brasil; é ordinariamente redondo e pouco fundo, em forma de alguidar' (MORAIS SILVA, 1948). Tais acepções corroboram aquela documentada na localidade em estudo.

Apetrecho mais moderno e mais acessível do que o balaio, na atualidade, o **balde** também é utilizado para o transporte de peixes e mariscos. Por ser um recipiente com alça, o transporte se torna menos cansativo do que com os apetrechos apresentados anteriormente, os quais requerem equilíbrio de quem os carrega. O **balde** pode ser uma recipiente de manteiga ou de tinta reaproveitado, como se verifica na Figura 35.



Figura 35: Baldes usados para transporte de mariscos.
 Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1209, obtida em 19/07/2012.

Nas obras consultadas, **balde** está registrado como ‘recipiente ou vaso de metal, plástico ou madeira, provido de alça, com formato de tronco invertido, que serve para tirar água de poço, receber despejos, carregar areia etc.’, acepção que corrobora aquela documentada na localidade, embora haja divergência no que tange à dimensão *formato*. Conforme Machado (1967), a lexia simples **balde** provém do latim *batūlu*, porém, para Cunha (1986), sua origem é controversa.

Carro de mão designa outro meio usado para o transporte do pescado na Ilha de Itaparica. Geralmente usado na construção civil para o transporte de areia, cimento e pedras, na comunidade, esse apetrecho costuma ser coberto com folhas de bananeira ou jornal onde são dispostos os peixes, como se verifica no trecho a seguir:

É bota na cesta, bota numa bacia, bota num **carro de mão** coberto com umas folha. (F3B-V)

A lexia complexa **carro de mão** está registrada em Ferreira (1999) com a seguinte definição: ‘carro de uma roda só, dianteira, provido de dois varais, empurrados por uma pessoa e usado para remoção de entulho, pedra, etc’. Da mesma forma, Houaiss (2013) o define como ‘mesmo que carrinho de mão’ ‘carro de uma só roda dianteira, com dois varais na parte oposta, usado para transporte de areia, pedra, entulho etc.’. Esse item lexical está documentado na Carta 99 do *Atlas Linguístico de Sergipe II* (doravante *ALS II*) como denominação para ‘carrinho que se empurra manualmente para transporte de pequena quantidade de material’, empregada por informantes do sexo feminino nos pontos 53, 55, 57,

61, 61, 62, e por informantes do sexo masculino nos pontos 51, 53, 55, 56, 57, como se comprova na Figura 36. Por ser impulsionado manualmente, esse apetrecho recebeu tal denominação.

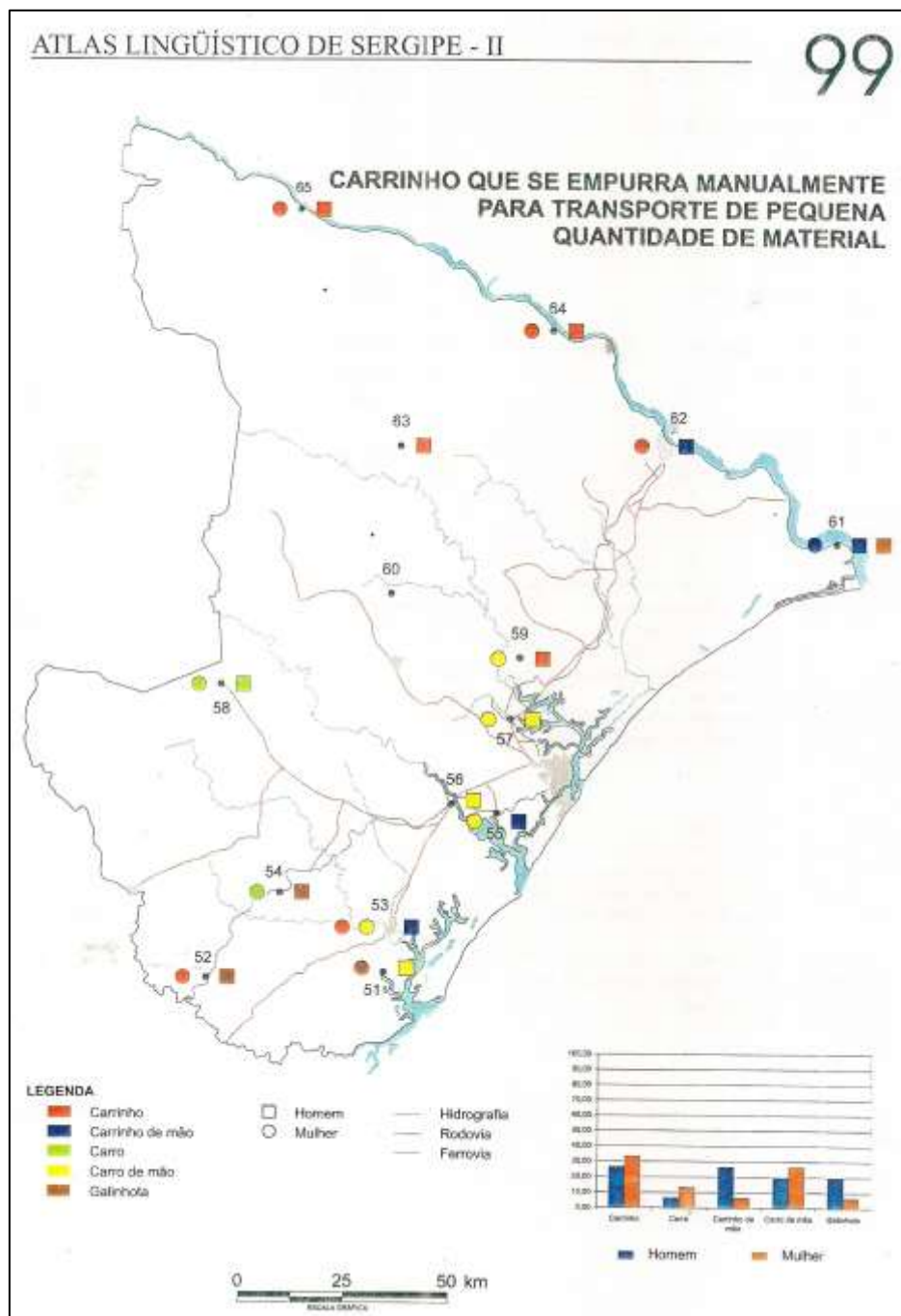


Figura 36: Carta 99 - Carrinho que se empurra manualmente para transporte de pequena quantidade de material.

Fonte: CARDOSO (2005).

Cesta designa outro apetrecho muito utilizado na localidade. Trata-se de um utensílio feito de cipó ou vime, de formato circular, com alça no qual se transporta o pescado. Essa

lexia simples está registrada nos dicionários gerais como ‘recipiente/receptáculo/utensílio feito de fibra, palha, vime entrançados para guardar ou transportar roupas, alimentos etc.’. Tal aceção condiz com a que verificou no *corpus* em estudo. De acordo com Cunha (1986), **cesta** tem origem no latim *cista*, regressivo de *kístē* ‘cesto’.

Cuba corresponde a um recipiente feito de plástico, de formato quadrangular, que normalmente é carregado na cabeça. Do latim *cūpa*, Ela está dicionarizada como ‘vasilha grande de madeira para guardar vinho ou outros líquidos’ e ‘vasilha grande utilizada para vários fins industriais’ (AULETE, 2013; FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001; MORAIS SILVA, 1948). Na localidade em estudo, essa lexia adquiriu os componentes semânticos [+ de médio porte] e [+ para transportar peixes e mariscos].

Geladeira e **isopor** são as formas empregadas para se referir a uma caixa quadrada, feita de isopor, com gelo, dotada de uma tampa, que serve para conservar o peixe, mantendo-o na temperatura adequada até a chegada da embarcação ao ancoradouro ou até a venda do pescado. Observe-se o que dizem os informantes sobre esse apetrecho:

Lá a gente... tem a **geladêra** no barco, põe o gelo. Lá, quando a gente chega, a gente pega as isca, as linha e isca os anzóis com as iscas. Primêro, engoda... porque se não engodá... (M3C-V)

Lá no má, eles fica dento do **isopô**, da **geladêra**... leva gelo também. (F2C-V)

De um modo geral, a lexia composta **geladeira** (*gelado* + *-eira*) é definida como ‘móvel ou aparelho termicamente isolado, dotado de um dispositivo produtor de frio em seu interior, destinado a conservar, resfriar ou refrigerar os alimentos’ (AULETE, 2013; FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001). Na comunidade em estudo, **geladeira**, além de designar o referido aparelho, designa também a caixa feita de isopor utilizada pelos pescadores para transportar o peixe e que também tem a função de conservar e resfriar o pescado. Já a forma lexical **isopor** é definida como ‘nome vulgar e comercial do poliestireno’ (AULETE, 2013; FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001). Por derivação metonímica, passou a designar qualquer utensílio feito com esse material, principalmente as caixas vedadas que servem para a conservação de produtos em determinada temperatura. A aceção encontrada nos dicionários gerais para a forma **isopor**, embora não seja específica do campo da pesca, converge para a que foi documentada entre os pescadores.

Um dos apetrechos mais antigos utilizados pelos pescadores para transportar os peixes, mariscos e iscas é o **cofo**. Corresponde a uma espécie de cesto pequeno, oval, feito de cipó, dotado de tampa e alça, que é carregado na mão ou a tiracolo.

A lexia simples **cofo**, segundo Cunha (1986), tem origem no árabe *qúffa*. Para Houaiss

(2001), provém do latim *cophīnus* ‘cesto’, este, do grego *kóphinos* ‘cestinha de flores’. Para esse item, nos dicionários gerais, encontram-se as seguintes definições: ‘variedade de cesto oblongo, usado por pescadores’ (HOUAISS, 2013); ‘cesto bojudo para carregar pescado, caranguejo etc.’ (AULETE, 2013). Tais acepções não se distanciam daquela documentada na comunidade para essa forma lexical, embora tenha adquirido os componentes semânticos [+ dotado de tampa] e [+ dotado de alça]. A Figura 37 permite verificar as características desse apetrecho.



Figura 37: Cofó.
 Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1616, obtida em 04/09/2012.

Um apetrecho mais prático e moderno utilizado pelos pescadores é o **saco**. Feito de material plástico e muito acessível a todos, esse objeto vem substituindo o **cofo**, principalmente entre os mariscadores. Ao enumerar os instrumentos que utiliza para praticar a sua atividade, a mariscadora menciona esse apetrecho:

Faca, **saco**, às vezes, cofó... que o meu esculhambô... determinado tempo ele vai se quebrano porque da água... balde, se tivé, pequeno. (F1C-I).

De uma forma geral, a lexia simples **saco** (< latim *saccus*) está dicionarizada como ‘receptáculo ou recipiente de papel, pano, couro, borracha ou material plástico, de formato oblongo, aberto em cima e fechado no fundo e nos lados’ (AULETE, 2013; FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001; MORAIS SILVA, 1948). Embora tal acepção não seja específica do campo da pesca, corresponde à que se documentou na localidade, à qual se acrescentou o

traço [+ usado para transporte do pescado].

Nas pescarias com anzol, arpão, jereré, puçá, rapichel, realizadas próximo à praia ou na beira do cais, a **enfiêira** é outro tipo de apetrecho para o transporte de peixes menores e em pequena quantidade. Instrumento muito simples, trata-se apenas de um pedaço de fio de metal flexível, com uma pequena envergadura em umas das extremidades, no qual os peixes são enfiados. Veja-se o que diz o informante sobre esse apetrecho:

Morre, fica preso. Você pega e bota lá na **enfiêira**. Tem a **enfiêira**, um pedaço de fio assim... aí você bota pra segurá o pêxe. Um fio com uma dobrinha assim no meio só pra o pêxe não saf, pra segurá o pêxe, porque não tem como segurá na mão porque ele é muito material. (M1C-V)

A lexia composta **enfiêira** (*en-* + *fieira*) está registrada apenas em Houaiss (2001) com o sentido ‘porção de coisas postas em fio, linha, fieira; enfiada’. Como exemplo, o autor cita a enfiêira de peixes. A noção que apresenta corrobora aquela verificada no *corpus*.

4.1.1.6 Campo lexical das partes e componentes dos apetrechos da pesca

Ao campo das *partes e componentes dos apetrechos da pesca* pertencem as lexias que denominam as peças e acessórios desses instrumentos. Os itens lexicais que compõem esse campo foram documentados a partir da questão 18 do questionário linguístico: “Quais são os instrumentos que o(a) senhor(a) costuma usar para pescar?”. Foram arroladas as seguintes formas: **anzol**, **arco**, **boia**, **carretel**, **carretilha**, **chumbada**, **chumbo**, **cope**, **cortiça**, **destorcedor**, **disparo**, **iscadeira**, **molinete**, **náilon**. Portanto este campo se compõe de 14 lexias, compreendendo 4% da totalidade. No Quadro 10, podem ser verificados os seus traços semânticos.

Dimensões	Finalidade								Material				Formato				→	
	[fazer flutuar]	[evitar torção da linha]	[tracionar a linha]	[fisgar o peixe]	[fazer afundar]	[sustentar o chumbo]	[segurar o anzol]	[atrair o peixe]	[linha]	[metal]	[madeira]	[plástico]	[alongado]	[circular]	[curvo]	[quadrado]		[pontagudo]
Semas																		
Lexias																		
Anzol	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	+	-
Arco	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	+	-	-	-	+	-	-	-
Boia	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	+	-	+	-	-
Carretel	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	+	-	-	-	-

Dimensões	Finalidade								Material				Formato					→	
	[fazer flutuar]	[evitar torção da]	[tracionar a linha]	[fiscar o peixe]	[fazer afundar]	[sustentar o chumbo]	[segurar o anzol]	[atrair o peixe]	[linha]	[metal]	[madeira]	[plástico]	[alongado]	[circular]	[curvo]	[quadrado]	[pontagudo]	[triangular]	→
Semas																			
Lexias																			
Carretilha	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	+	-	+	-	-	-	-	
Chumbada	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	+	+	-	-	-	+	
Chumbo	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	+	
Cope	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	
Cortiça	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	+	-	-	-	
Destorcedor	-	+	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	
Disparo	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	+	-	-	-	-	-	
Isca deira	-	-	-	+	-	-	-	+	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	
Molinete	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	+	-	+	-	-	-	-	
Linha	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	

Quadro 10 – Campo lexical das *partes e componentes dos apetrechos*

Muito usado pelos pescadores da Ilha de Itaparica, o **anzol** constitui um dos principais componentes na pescaria de linha. Trata-se de um gancho de metal, com uma das extremidades de ponta penetrante, onde se coloca a isca, e outra que se prende à linha de náilon. Atraído pelo engodo, o peixe acaba mordendo o **anzol** e prendendo-se nele. Veja-se, no trecho a seguir, como a pescadora descreve esse componente:

Anzol é tipo... como se fosse um prego com a cabeça torta. Náilon... a senhora sabe o que é náilon? É tipo um cordão. E a chumbada é um pedaço de chumbo. É isso aí. (M1B-I)

Nos dicionários que servem de referência a esta pesquisa, a lexia simples **anzol** está registrada com uma acepção que se enquadra naquela documentada na comunidade de pesca. De acordo com Cunha (1986) e Machado (1967), provém do latim *hamiciōlus*, diminutivo de *hamus* ‘gancho’, ‘anzol’.

O **arco** é um dos componentes utilizados na pescaria de linha de fundo. Corresponde a um pedaço de cipó, de formato curvo, no qual se prendem a linha de náilon e a chumbada. Esse componente é assim descrito pelo pescador:

O **arco** é uma madêrinha que dá no mato, que a gente tira, bota pra secá... chama-se cipó. Ele não quebra... você vê que ele não quebra. Ele fica seco, mas ele não quebra. Aí a gente chama de cipó do mato, que a gente faz o **arco**, improvisa como o **arco**. Mas, na casa de pesca, também já vende a varinha também que é tirada no mato, só que é outro tipo de varinha que vende como **arco**. (M2C-V)

Observe-se a Figura 38 para melhor compreensão desse componente:



Figura 38: Arco.
 Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1467, obtida em 28/08/2012.

Para a forma lexical **arco**, do latim *arcus*, nos dicionários gerais, não foi encontrado registro específico no campo da pesca. Essa lexia está dicionarizada, dentre outras, com as seguintes acepções: ‘porção de uma circunferência, ou de uma curva, entre dois pontos’; haste curva, flexível e resistente, com uma corda presa às extremidades, com a qual se atiram flechas, ou setas, ao se puxar a corda, encurvando a haste, e soltá-la, liberando, com a volta da haste à curvatura original, a força que impulsiona a flecha’ (AULETE, 2013); haste de madeira, metal, etc., encurvada, com uma corda presa às suas extremidades, usada para atirar flechas’(FERREIRA, 1999); ‘peça longa e curva usada como arma rudimentar para atirar setas, toda e qualquer espécie de objeto curvado em forma de arco, construção em forma de meio-círculo’ (HOUAISS, 2001); ‘corpo flutuante, que indica a situação, no fundo da água, de outro corpo (âncora, destroço, rocha, etc.)’ (MORAIS SILVA, 1948). Na comunidade em estudo, essa lexia adquiriu o traço [+ usado para sustentar o chumbo].

De fundamental importância na pesca com as redes, a **boia** é o componente que mantém a flutuabilidade dos apetrechos de pesca, evitando que estes afundem. De tamanhos e formatos variados, pode ser feita de isopor, cortiça ou garrafa “pet” (cf. Figura 40). Conforme o instrumento de captura, pode ser utilizada apenas uma boia ou um conjunto de boias. Nas redes de emalhar, por exemplo, são fixadas diversas **boias** de tamanhos menores nas extremidades, como se observa na Figura 39.



Figura 39: Boias de isopor na rede de pesca.
 Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1183, obtida em 18/07/2012.



Figura 40: Boias de garrafa “pet” utilizadas na pesca de siri.
 Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1516, obtida em 31/08/2012.

Nos dicionários em que se fundamenta este estudo, a lexia simples **boia** está registrada com um sentido que coincide com o que se documentou na comunidade de pesca para esse item no que tange ao gênero próximo e às dimensões *material* e *finalidade*.

Outro componente de grande importância na pesca de rede é o **calão**. Trata-se de uma vara curta e roliça, a qual é atada com cordas em cada uma das extremidades da rede de pesca. Com esse instrumento, os pescadores arrastam a rede durante o cerco, capturando assim o pescado.

A forma lexical **calão** (*cala*⁵¹ + *-ão*) está dicionarizada, dentre outras, com as seguintes acepções: ‘cabo na extremidade de rede de arrastar’ (AULETE, 2013); ‘vara curta

⁵¹ ‘Corda de esparto usada para suspender ou arrastar as redes de pesca presas na embarcação’ (AULETE, 2013).

que se amarra de cada lado da rede de pesca’ (FERREIRA, 1999); ‘cada uma das varas curtas amarradas nos lados das redes de pesca’ (HOUAISS, 2001); ‘vara curta que se amarra de cada lado da rede de lancear’ (MORAIS SILVA, 1948). Com o mesmo sentido, a lexia **calão** foi registrada entre os pescadores entrevistados. Através da Figura 41, é possível verificar as características desse componente.



Figura 41: Pescador segurando o calão no “paieiro”.
Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1403, obtida em 28/08/2012.

Elemento indispensável na pescaria de linha, o **carretel** é um componente da carretilha e do molinete que serve para conter a linha e, assim, facilitar a pescaria. De vários tipos e tamanhos, corresponde a uma espécie de roldana, cuja circunferência tem uma canaleta pela qual a linha passa. Com o mecanismo do **carretel**, torna-se mais fácil, para o pescador, erguer o peixe e trazê-lo para o barco, como se observa na fala a seguir transcrita:

Aí, quando o pêxe come, que a hente ferra ele, nós vamos trabalhá no **carretel**, nós vamos trabalhá com as varas, em vez de tá puxando ele com a mão. (M2A-I)

A lexia composta **carretel**, (de *carrete* + *-el*), provavelmente por influência do espanhol *carretel* (HOUAISS, 2001), está registrada, nos dicionários que servem de base a esta pesquisa, como ‘molinete de pesca’. Tal acepção difere, em parte, da que se registrou na comunidade em estudo, pois nesta a lexia **carretel** designa um dos elementos do conjunto a que se denomina *molinete*.

Carretilha é outro componente importante da pesca de linha com vara. Trata-se de um

aparelho feito de metal, com diversos rolamentos, dotado de um sistema de tração e um botão para acionar o lançamento da linha de pesca. Embora seu uso exija muita habilidade e prática, por ser posicionado na parte superior da vara de pesca, esse componente facilita o manuseio e controle da linha.

Para o item lexical **carretilha**, que provém do espanhol *carretilla*, não foram encontrados registros no campo da pesca nos dicionários consultados. De um modo geral, está dicionarizada como ‘pequena roldana’, acepção que mais se aproxima da que se verificou na comunidade de pesca, em que essa lexia ganhou novos semas, como [+ com rolamentos], [+ com trava], [+ usado para tracionar a linha de pesca].

Para manter os instrumentos de captura submersos e fixos no fundo do mar, os pescadores utilizam a **chumbada**. Esta pode se referir tanto a uma peça feita de chumbo, de diferentes formatos, quanto ao conjunto de pequenos pedaços de chumbo que se prendem aos objetos de captura para que afundem. No primeiro caso, o acessório é atado à linha de pesca, ao arco ou ao jereré; no segundo, são presos nas extremidades das redes de pesca. Veja-se o que dizem os informantes sobre esse acessório:

Chumbada, nós faz realmente de chumbo. É pra... vamos supô, é de acordo a maré. Como a maré... que tem vez que a maré grande, nós tem que botá uma chumbada de meio quilo ou de um quilo e, de acordo a maré morta, nós vai diminuino. (M2C-I)

É um **chumbo** assim; é um peso, entendeu? Porque, se não botá, a linha fica boiando, aí a isca não vai no chão; o pêxe tá lá embaixo. (F2C-V)

Chumbada é feito de chumbo mehmo. Chumbo, a hente derrete, derrete, bota na areia, derrete, aí espera esfriá pra podê a hente fazê o buraco, pra podê encaixar a linha pra podê amarrá e encaxá no arco, pra podê jogá no má. (M1A-V).

Na localidade em estudo, a forma lexical **chumbada** coocorre com a forma **chumbo**. Os dicionários gerais não consideram essas lexias como variantes, mas as definições que apresentam para ambas possuem os mesmos componentes semânticos. As acepções verificadas se enquadram naquela registrada no *corpus*: ‘pedaço ou conjunto de chumbos que se prendem à rede ou à linha de pesca para fazê-los afundar’. Conforme Houaiss (2001), a datação para o uso da lexia composta **chumbada** com a acepção que possui no campo da pesca é de 1679, registrada na obra *Sermoens do Pe. Antonio Vieira*, publicada em Lisboa. Na Figura 42, verificam-se as características desse componente.



Figura 42: Chumbo ou chumbada.
 Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1470, obtida em 28/08/2012.

Um elemento indispensável na rede de calão se denomina **cope**. Localizado na parte central da rede, é uma espécie de bolsa com malha mais fina que, de acordo com os pescadores, é uma espécie de jereré que se localiza no meio da rede.

Nos dicionários gerais, a lexia simples **cope** se encontra definida como ‘parte central de malha ‘estreita, da rede de calão, acepção semelhante à que tem essa forma lexical na comunidade de pescadores. Cunha (1986) e Machado (1967) não registram esse item. De acordo com Houaiss (2001), **cope** tem origem no espanhol *copo* ‘bolsa ou saco de rede com que terminam vários artefatos de pesca’. O formato do componente motivou a lexia.

Cortiça designa cada uma das boias em formato de disco, feitas de cortiça, utilizadas nas extremidades da rede de pesca para fazê-la flutuar. Através da Figura 43, é possível ter uma noção desse componente.



Figura 43: Cortiça.
 Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1399, obtida em 20/08/2012.

Do latim *corticēa*, conforme Houaiss (2001), é uma forma substantivada do adjetivo latino *corticēus* ‘de cortiça, feito de cortiça’, derivado de *cortex*, ‘cortiça, casca de árvore’. Está registrada em Aulete (2013), Ferreira (1999) e Morais Silva (1948), dentre outras, com a mesma acepção que tem no *corpus* em análise, ou seja, ‘cada uma das rodas ou discos de cortiça em bordas de rede de pescar’.

Acessório utilizado na pesca de linha de fundo, o **destorcedor** é uma peça feita de metal que, atada à linha de náilon, tem como função evitar que este embarace. Através da Figura 44, é possível ter uma noção das características desse objeto.



Figura 44: Destorcedor.
 Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1471, obtida em 28/08/2012.

Nas obras lexicográficas em que se baseia este estudo, não se encontrou registro da

lexia composta **destorcedor** (*destorcer* + *-dor*) no campo específico da pesca. No entanto, sob a rubrica “engenharia mecânica”, enquanto regionalismo usado em Pernambuco, está registrada como ‘aparelho para moer cana’. No trecho a seguir, através da explicação do pescador, é possível depreender a motivação dessa forma lexical.

O que é **distorcedô**? **Distorcedô** é pra podê o náilon não embaracá. Aí a gente bota o **distorcedô** porque o **distorcedô** dificulta do náilon embaracá. Aí esse negocinho aqui chama **distorcedô**... que já tá dizeno o nome... **distorcedô** é pra distorcê o náilon pra ele não ficá torcido, o náilon. (M2C-V)

Outro elemento que faz parte da linha de fundo é o **disparo**. Corresponde à linha que se estende do arco até o destorcedor. De acordo com os pescadores, esse elemento é a base para se estabelecer o ponto da linha a ser amarrado o anzol. Observe-se o discurso do informante:

Bom, aqui a gente bota... a gente dá o **disparo**... disparo é esse pedacinho até o arco. Isso aqui chama-se **disparo**. (M2C-V)

Várias são as acepções encontradas nos dicionários gerais para o item lexical **disparo** (forma regressiva do verbo *disparar*), porém nenhuma se enquadra no campo específico da pesca. De um modo geral, essa forma está registrada como ‘ato ou efeito de disparar’ ou ‘detonação de arma de fogo’. Sob a rubrica “astronomia”, figura como ‘primeiro momento de lançamento de um foguete espacial’. Na área de informática, é o mesmo que ‘gatilho’. Entre os pescadores, não foi possível apurar o motivo pelo qual essa parte da linha se denomina **disparo**.

Iscaadeira nomeia um componente do munzuá e da gaiola, feito de metal, onde se coloca o engodo para atrair o siri. Veja-se o que diz o informante:

Bota a isca dentro daquele... no meio do munzuá... tem a **iscadêra**. Aí bota aquela isca ali dentro e tapa. Aí bota lá dentro do má... o siri vem e entra na boca. (M3B-V)

A lexia composta **iscaadeira** não está dicionarizada. Trata-se de um neologismo, cujo processo de criação é muito produtivo na língua portuguesa e se dá a partir do acréscimo do sufixo *-deiro*, correspondente ao sufixo *-eiro*, ao particípio passado de um verbo. Assim têm-se, por exemplo, *braçadeira*, *colhedeira*, *herdeiro*, *mamadeira*, *saideira* etc.

Linha é outro componente indispensável na pescaria de linha de fundo, de vara e de siri com rapichel. Feita de náilon, é o elemento que se prende à vara de pesca e onde se fixa o

anzol e a isca. Nos trechos a seguir, é possível verificar como os pescadores utilizam esse componente:

Eu boto a **linha** com pêxe, amarra e joga, e espera o siri. Quando o siri bota... vem pra **linha**, a hente puxa e pega com o ripiché. (F3B-V)

Prepara a **linha**, bota anzol, chumbada, o arco, aí joga a **linha** dentro d'água. Aí fica com a **linha** na mão esperano o pêxe podê beliscá. (M1A-V)

As definições encontradas para a lexia simples **linha** correspondem ao sentido que tem na comunidade em estudo: ‘fio que se prende ao anzol para pescar’ (AULETE, 2013); ‘qualquer fio com anzol para pescar’ (FERREIRA, 1999); ‘fio de qualquer material, inclusive metálico, munido de anzol na ponta, que se usa para pescar’ (HOUAISS, 2001). Apenas em Moraes Silva (1948) não se verificou acepção específica no campo da pesca. Para esse item, o referido autor apresenta a seguinte definição: ‘as fibras de linho torcidas ao fuso, ou roda, para coser, etc.’. De acordo com Cunha (1986), a forma **linha** tem origem no latim *līnĕa*, *līnĕus* e, este, de *līnum* ‘linho’.

Molinete é outro componente de fundamental importância na pesca com vara. Corresponde a um instrumento feito de metal, dotado de vários tipos de carretel, conforme o tipo de pescaria a ser realizado. Preso à vara de pesca, permite lançar, tracionar e recolher a linha de náilon rapidamente. De acordo com os pescadores, este instrumento, que tem a mesma função da carretilha, difere desta por ser mais fácil de manusear, permitindo inclusive que pessoas sem experiência na pesca também o utilizem. A Figura 45 permite visualizar melhor esse instrumento.



Figura 45: Molinete.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1603, obtida em 04/09/2012.

Nos dicionários que servem de referência a este estudo, a lexia **molinete** está registrada com um sentido que converge para aquele registrado no *corpus*. Conforme Houaiss (2001), esse item lexical provém do francês *moulinet* ‘pequeno moinho’, diminutivo de *moulin*, e este do baixo-latim *molĭnum*, de *molĕre* ‘moer’. O movimento giratório que o aparelho faz, semelhante a um moinho, motivou essa lexia.

4.1.1.7 Campo lexical das funções

As lexias que informam sobre a atividade exercida pelo trabalhador da pesca nas diversas etapas e processos, bem como de acordo com a modalidade, constituem o campo das *funções*. Os itens que compõem este campo foram levantados a partir das questões 1 e 26 do questionário linguístico: – “O que o(a) senhor(a) faz para viver? Quem faz o que o(a) senhor(a) faz como é chamado? Há outros nomes para essa atividade?; – “Como se chamam as pessoas que trabalham na pesca?”. Foram arroladas 36 formas: **ajudante, andeiro, arraieiro, atravessador, bombeiro, calão de fora, calão de terra, camaroeiro, companheiro, corredor, escamadeira, gelador, marcador, mestre ~ mestre da pescaria ~ mestre da rede ~ mestre da tripulação ~ mestre do barco, marinheiro, mariscadeira ~ mariscadora ~ marisqueira, mariscadeiro ~ marisqueiro ~ pescador de coroa, mergulhador ~ pescador de mergulho, mestre do calão, moço, munzuazeiro, negociante, pescador, pescadora, pescador profissional, pescador de rede, soltador**. Os componentes semânticos dessas formas lexicais, que somam 9% dos itens, podem ser verificados no Quadro 11.

Dimensões	Gênero		Função a que concerne					Manipulação do produto			Local onde trabalha			Instrumento de pesca									→
	[masculino]	[feminino]	[captura de mariscos]	[captura de peixes]	[marcação de pontos]	[recolha e soltura de rede]	[compra, venda e conservação]	[na pesca]	[na venda]	[no beneficiamento]	[coroa, mangue]	[costa litorânea, alto mar]	[mercado]	[arpão]	[bomba]	[calão de dentro]	[cofo]	[colher]	[faca, facão]	[munzuá]	[rede]	[rede de camarão]	→
Semas																							
Lexias																							
Ajudante	+	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	
Andeiro	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	
Arraieiro	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	
Atravessador	+	-	-	-	-	-	+	-	+	-	+	-	+	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+	-	
Bombeiro	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	
Calão de fora	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Calão de terra	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	
Camaroeiro	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	
Companheiro	+	-	-	+	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	
Corredor	+	-	-	+	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Escamadeira	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	
Gelador	+	-	-	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	
Marcador	+	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	
Mestre ~ mestre da pescaria ~ mestre da rede ~ mestre da tripulação ~ mestre do barco	+	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	
Marinheiro	+	-	-	+	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	
Mariscadeira ~ mariscadora ~ marisqueira	-	+	+	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	
Mariscadeiro ~ marisqueiro ~ pescador de coroa	+	-	+	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	
Mergulhador ~ pescador de mergulho	+	-	+	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	
Mestre do calão	+	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	
Moço	+	-	-	+	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	
Munzuazeiro	+	-	+	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	
Negociante	+	-	-	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	
Pescador	+	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
Pescadora	-	+	+	-	-	-	-	+	-	-	+	+	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	
Pescador profissional	+	-	+	-	-	-	-	+	-	-	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
Pescador de rede	+	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+	+	
Soltador	+	-	-	+	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	

Quadro 11 – Campo lexical das *funções*

Para nomear a função concernente à captura de mariscos ou peixes, de um modo geral, as formas mais utilizadas nas comunidades que compõem a Ilha de Itaparica são **pescador(a)**, **pescador artesanal**, **pescador profissional**, **pescador de rede**. A lexia composta **pescador(a)** (*pescar* + *-dor(a)*) se refere tanto à função concernente à captura de peixes com anzol, rede ou arpão, quanto à extração de mariscos. Proveniente do latim *piscātōre* ‘pescador, comerciante de peixe’ (MACHADO, 1967), essa forma lexical está dicionarizada como ‘aquele que pesca’, acepção condizente com a que se registrou entre os pescadores da comunidade em estudo.

A lexia complexa **pescador artesanal**, que não se encontra registrada nos dicionários gerais e etimológicos, é empregada para nomear a função daquele que exerce atividade da pesca de forma autônoma ou em regime familiar em embarcações de pequeno porte (cf. Figuras 46 e 47). Tem como forma opositiva a lexia complexa **pescador profissional**, que designa a função daquele que possui autorização para a pesca, tendo esta como atividade principal e como seu principal meio de subsistência.



Figura 46: Pescador artesanal.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1677, obtida em 04/09/2012.



Figura 47: Pescadores artesanais.
 Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1674, obtida em 04/09/2012.

Mergulhador, merguiador e pescador de mergulho são formas variantes para denominar a função concernente à pesca de mergulho, seja ela por apneia ou compressor. Dedicam-se principalmente à captura de arraia, lagosta, polvo e peixes maiores, como se verifica na fala do pescador:

Existe o **pescadô de mergulho**, que ele... mehmo ele mergulhando, ele não pega só lagosta ou polvo, ele também pega o pêxe de (?) e assim por diante. (M2C-V)
 Ah... pesca de lagosta, pesca de camarão... isso aí eu não pesco, mas tem muita gente que pesca aqui... tem **mergulhadores**. (F3C-V)

As formas **mergulhador** e **merguiador** também denominam o ajudante que fica no batelão e tem como função mergulhar para desembaraçar a rede quando esta se embaraça ou se prende no fundo do mar. Veja-se como o informante o define:

O **merguiadô** é a pessoa que fica no batelão pra mergulhá pra safá a rede que prende na pedra. (M1C-I)

A lexia composta **mergulhador** (*mergulhar* + *-dor*) está registrada em Aulete (2013) com as seguintes acepções: ‘Aquele que mergulha, eventualmente ou como prática esportiva ou profissional; ‘profissional que realiza tarefas debaixo d’água’; ‘pescador de pérolas ou búzios’. Em Ferreira (1999), como: ‘aquele que mergulha’. Em Houaiss (2001), como: ‘que ou quem, munido ou não de equipamento especial, mergulha para pescar, praticar pesca submarina, trabalhar embaixo da água etc.’. Esta última se enquadra na acepção que tem essa lexia na comunidade em estudo. A lexia composta **merguiador** e a complexa **pescador de mergulho** não se encontram dicionarizadas. A motivação semântica para essas formas se

encontra na própria ação que se realiza durante a atividade, isto é, mergulhar.

Atravessador, gelador, negociante foram as formas documentadas para a função referente à compra do pescado, armazenamento, conservação e venda aos comerciantes ou consumidores, como se observa na fala dos informantes:

Naquele tempo que dava pêxe, como os **negociante** botava banca pra comprá porque tinha demais, então eles trazia bloco de gelo de Salvadô, dois, três bloco com pó de serra pra gelá aquele pêxe pra no dia seguinte levá no navio pra Salvadô. E hoje, como é pôco o pêxe, o povo vende aqui mehmo. Já tem **atravessadô**, aí a gente chegô com o pêxe, ele chega na porta compra... a gente vende por X e ele, lá na frente, vai vendê por X pra ganhá o trocadinho dele também. (M3A-I)

A hente traz... vem den' do barco. Quando chega aqui em terra, a hente vai na casa do **atravessadô** que mora aí no fundo e pega uma cuba plástica grande, bota e leva pra entregá na casa dele. (M3B-I)

A lexia composta **atravessador** (*atravessar* + *-dor*) está registrada como ‘indivíduo que serve de intermediário na distribuição de produto, comprando do produtor para revender ao comerciante’ (AULETE, 2013). Embora não se encontre no campo da pesca, a acepção se enquadra naquela que se verificou na localidade, onde esse item ganhou os semas [+ que compra peixes e mariscos], [+ que conserva peixes e mariscos], [+ que vende peixes e mariscos].

Gelador, forma lexical composta do verbo *gelar* + o sufixo *-dor*, encontra-se dicionarizada como adjetivo com o sentido de ‘que gela’. Na comunidade de pescadores em estudo, **gelador** nomeia a função do profissional que trabalha no mercado, que compra o pescado e tem meios para conservá-lo e vendê-lo. Veja-se a fala da pescadora:

É como eu tô dizeno, se tem em quantidade, vai pro mercado, pro **geladô** comprá. Se não tem, sai pelas porta vendeno um quilo ali, um quilo aqui. (F3A-I)

O item lexical **negociante** está registrado nos dicionários gerais como ‘indivíduo que faz negócio; comerciante’ (HOUAISS, 2001). Apesar de não estar inserido no campo da pesca, também se enquadra na acepção documentada entre os pescadores. No entanto, essa forma adquiriu os componentes semânticos da forma **atravessador**. De acordo com Cunha (1986), a lexia negociante vem do latim *negōtīāns*, *āntis* ‘banqueiro, empreendedor, negociante; especulador’.

Escamadeira denomina a função que concerne à escamação dos peixes, cabendo-lhe também a tarefa de limpá-los, tirando-lhes as vísceras. Trata-se de uma função predominantemente feminina. Por isso não há registro da forma corresponde masculina no *corpus* e nos dicionários gerais. O item lexical **escamadeira** se compõe do verbo *escamar* + o

sufixo *-eira* e está registada apenas em Aulete (2013) e Ferreira (1999) com o mesmo sentido que se apresenta no *corpus*: ‘mulher que escama peixe’. Tem, portanto, como motivação a ação que se realiza.

Ajudante, andeiro, calão de fora, calão de terra, companheiro, corredor, marinheiro, mergulhador, moço, soltador são formas lexicais que designam funções auxiliares na pescaria, desenvolvidas durante o processo de pesca, seja na soltura, no arrasto ou na recolha da rede de pesca e do pescado. Trata-se de funções secundárias na atividade de pesca, visto que o profissional que desenvolve essa função, embora tenha conhecimento sobre a atividade, não possui o mesmo domínio que tem o mestre da pescaria. Desses itens, **ajudante, companheiro, marinheiro e moço** são formas genéricas, haja vista que não são empregadas para se referir a uma função específica dentre aquelas que os pescadores desenvolvem. Assim, as funções de **andeiro, calão de fora, calão de terra, corredor e soltador**, que são mais específicas e têm como motivação o instrumento manipulado pelo pescador ou ação que este realiza, podem ser também designadas por tais formas.

A forma lexical **ajudante**, de um modo geral, é definida como ‘pessoa que, em qualquer área de trabalho, ajuda ou está às ordens de outras para prestar auxílio’. Trata-se de uma forma lexical que pode denominar um assistente, um auxiliar em qualquer função nas mais diversas profissões. Assim, não é uma forma lexical específica do campo da pesca. No entanto, de acordo com Houaiss (2001), enquanto termo de marinha, ajudante é ‘oficial de marinha que ajuda ou secunda outro de maior graduação a bordo dos navios, no exercício de funções operativas ou administrativas’. Tal acepção parece estar associada a essa lexia no campo da pesca, visto que designa um profissional que também exerce atividade no mar, em embarcação. Veja-se como **ajudante** é definido na comunidade em estudo:

O **ajudante** é... colhe a rede junto com você. Você vai remano, vai remano e ele vai largano a rede e o outro vai remano. Quando é pra colhê, um colhe no chumbo e outro colhe na cortiça. Aí vai tirano... (M3B-V)

De acordo com Cunha, a lexia **ajudante** provém do latim *adjutans*, *-antis*. Para Machado (1967), no entanto, tem origem no verbo *ajudar*.

A lexia **companheiro** está registrada nos dicionários gerais, como substantivo, com a seguinte acepção principal: ‘aquele que acompanha’ (FERREIRA, 1999); ‘aquele ou aquilo que acompanha, faz companhia’ (AULETE, 2013); ‘o que acompanha alguém em jornada, passeio, casa de vivenda, na guerra’ (MORAIS SILVA, 1948). Assim como a lexia **ajudante**, trata-se de uma forma geral. No entanto, Houaiss (2001) apresenta, sob a rubrica “pesca”, uma definição que talvez tenha relação com a que se documentou na Ilha de Itaparica. O

referido autor informa que, em Portugal, a lexia **companheiro** é usada para designar ‘indivíduo que trabalha numa companhia (‘associação de pescadores’) sem nela exercer funções especiais’. Essa acepção parece estar relacionada com a que se registrou na comunidade em estudo.

Companheiro, conforme Cunha (1986), é uma lexia que tem origem no latim vulgar *companĭa*, através do antigo português *companha*, registrado no século XIII.

Empregada geralmente para designar o homem que tem grandes conhecimentos em navegação, a lexia **marinheiro** se encontra abonada nos dicionários gerais com as seguintes definições: ‘homem que sabe aparelhar um navio, coser o pano e fazer todo o mais serviço de bordo, como governar, marear, etc.; marujo’ (AULETE, 2013); ‘homem do mar’ (FERREIRA, 1999); ‘homem hábil na arte da navegação; homem que navega por profissão, seja qual for o seu posto ou função’ (HOUAISS, 2001). Na comunidade em pesquisa, essa forma lexical é empregada para nomear os pescadores, como se observa, no trecho a seguir:

Bom, depois que vende o pêxe, vai vê a arrecadação que fez e dividi entre os **marinhêros**.
(M2B-V)

De acordo com Cunha (1986), **marinheiro** provém do latim *marinarius*.

Nos dicionários gerais e etimológicos, não se encontrou registro da forma lexical **moço** com a acepção documentada na localidade em estudo. No entanto, sob a rubrica “marinha”, foram encontradas as lexias complexas *moço de convés* ‘marinheiro novo que faz a bordo os serviços de criado, de limpeza do navio, etc.’ (FERREIRA, 1999), e *moço de bordo* ‘tripulante de convés, aprendiz inferior a marinheiro a bordo de navio mercante’ (HOUAISS, 2001). Tais acepções talvez expliquem o uso da lexia simples **moço** para nomear a função auxiliar nas atividades pesqueiras.

De acordo com Cunha (1986), a forma lexical **moço** é de origem incerta. Para Corominas (*apud* HOUAISS, 2001) está relacionada com o espanhol *mozo*. As duas formas, que originalmente designam ‘criança, homem jovem’, podem estar associadas à lexia *mocho* ‘raspado, pelado, sem chifres’, considerada uma forma expressiva, haja vista que se costumava manter crianças e jovens rapazes de cabelos raspados.

Composto a partir do acréscimo do sufixo *-deiro* ao radical do verbo *andar*, o item lexical **andeiro** é uma forma haplológica da lexia *andadeiro* ‘que ou o que anda muito e/ou rapidamente; andeiro, andejo, andador’ (HOUAISS, 2001). Entre os pescadores, **andeiro** adquiriu componentes semânticos específicos da pesca, pois se refere àquele que tem por

função caminhar por terra segurando o recipiente onde é depositado o pescado recolhido, como se observa no discurso a seguir:

A hente chama de... da pessoa que fica segurano o cofo ou **andêro**. Diz que é a pessoa que vai por terra. (M2B-I)

Como já visto no campo das *partes e componentes dos apetrechos*, o *calão* é um instrumento de madeira com o qual os pescadores arrastam a rede. De acordo com a posição em que se encontra o pescador em relação à profundidade do mar, as funções concernentes a essa tarefa se denominam **calão de fora** e **calão de terra**. O pescador que desenvolve a função de **calão de fora** é aquele que puxa o apetrecho, mantendo-se na parte mais profunda do mar, com a água na altura da cintura ou do peito. **Calão de terra** denomina outra função auxiliar na atividade pesqueira exclusivamente associada à rede de calão. Refere-se ao pescador que, durante o arrasto, posiciona-se no raso, às margens da praia, puxando o calão. O profissional que exerce essa função, conforme os pescadores, não se molha porque não pesca em águas profundas. No trecho a seguir, é possível verificar a diferença entre as duas funções:

Tá veno ali? É um botano o calão pra frente e três puxano. Mas a posição que eu pesco mehmo é naquela parte de lá. Naquela parte de lá se chama **calão de fora**. Aquele que tá com a calça lá pro pêxe não mordê. O que tá embaixo chama **calão de terra**... **calão de terra** porque pesca mais com a água no baixo. Quem pesca com água aqui assim (gestos), com água no baixo, é **calão de terra**. Quem pesca fora porque pesca com água aqui assim (gestos). (M1B-V)

As lexias complexas **calão de fora** e **calão de terra** não se encontram dicionarizadas. Trata-se, portanto, de neologismos formais.

A função relacionada à submersão da rede de pesca é nomeada pela forma lexical **corredor**. Esta é assim concebida pelo pescador:

O **corredô**, ele corre a rede. Quando chega em cima, ele faz: “Tá aqui!”. Aí você desce pra safá a rede. Safa a rede e sobe. (M1C-I)

Corredor é uma lexia composta (*correr* + *-dor*) que se encontra registrada com as seguintes acepções principais: ‘aquele que corre, por entretenimento ou esporte’ (AULETE, 2013); ‘aquele que corre, ou que corre muito’ (FERREIRA, 1999); ‘que ou o que corre ou anda muito rapidamente’ (HOUAISS, 2001). A ideia expressa por essa lexia na comunidade em estudo está associada ao verbo *correr* com sentido diferente daqueles verificados nos dicionários. Na comunidade pesqueira, *correr* também significa ‘enfiar’, ‘fazer entrar’,

‘introduzir’. Diz-se, por exemplo: “Alguém correu o dedo no bolo”. Dessa forma, a função de introduzir a rede de pesca na água se denomina **corredor**.

Soltador é a forma lexical que designa a função de puxar a rede do barco, desembarcando-a, para que o mestre inicie o cerco. Veja-se o que diz o informante sobre essa função:

Pesca de rede, pesca de rede é o seguinte: bota, no caso, a rede na canoa, embarca aí na canoa, encolhe. Sai, no caso, duas pessoas. Um, no caso, o pêxe espana, o **soltadô** - tem o **soltadô** da rede - , solta, e o mestre, no caso, cerca. (M2A-V)

Nas obras consultadas, não há registro da lexia composta **soltador** (*soltar* + *-dor*) no campo da pesca. Está dicionarizada como substantivo e adjetivo com a seguinte acepção: ‘que ou aquele que solta’ (AULETE, 2013; FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001). Na comunidade em estudo, esse item lexical ganhou o componente semântico [+ que solta a rede de pesca].

Dentre as lexias designativas de funções, há formas cuja motivação semântica é o tipo de produto capturado ou extraído pelo pescador, bem como o local onde desenvolve a atividade. São elas: **arraieiro**, **camaroeiro**, **mariscadeira** ~ **mariscadora** ~ **marisqueira**, **mariscadeiro** ~ **marisqueiro** ~ **pescador de coroa**. No discurso a seguir, é possível verificar a motivação para esses itens lexicais:

Tem. Aí, aí é... é muito diversificado porque, vamos supô, tem a **marisquêra**, que é a mulher que cava o marisco; tem o **arraieiro** que é o cara que pesca só arraia, entendeu, pesca só arraia, e tem o outro que é coletivo pra todo mundo porque são vários tipos de pêxe (pescador)... é **camaroeiro**, que veve só de pegá o camarão, certo? Então por isso que... (M2A-I)

Arraieiro, lexia composta de *arraia* + *-eiro*, é forma lexical que nomeia a função referente à pesca de arraia. Aulete (2013), Ferreira (1999), Houaiss (2001) definem esse item com a mesma acepção que tem na Ilha de Itaparica: ‘pescador de arraias’. De acordo com Morais Silva (1948), trata-se de um brasileirismo empregado na Bahia e se refere ao ‘pescador que se dedica especialmente à pesca da arraia’. Em Cunha (1986) e Machado (1967), não se verificou registro da lexia **arraieiro**.

Camareiro, lexia composta de *camarão* + *-eiro*, com desnasalação, designa a função concernente à pesca de camarão, seja com rede de emalhar, jereré ou puçá. Essa forma lexical está registrada nos dicionários gerais com a acepção principal ‘rede de pescar camarão’. Além disso, é definida como ‘embarcação usada na pesca de camarão’. Aulete (2013), Houaiss (2001) e Morais Silva (1948) apresentam uma acepção que corrobora a que se documentou na comunidade em estudo: ‘pescador de camarão’.

As lexias compostas variantes **mariscadeiro(a)** (*mariscar* + *-deiro(a)*), **mariscadora** (*mariscar* + *-dora*), **marisqueiro(a)** (*marisco* + *-eira*) e a lexia complexa **pescador de coroa** dizem respeito à função de capturar ou extrair mariscos nas coroas, nas pedras e rochas, na areia da praia ou no mangue. Trata-se de uma função exercida majoritariamente pelas mulheres na comunidade.

Dentre as obras que servem de base a esta pesquisa, o item **mariscadeiro(a)** está registrado apenas em Aulete (2013) como ‘o mesmo que marisqueiro’. No que tange à lexia **mariscadora**, encontra-se registrada a sua forma correspondente masculina como ‘aquele que marisca ou que sabe mariscar’ (FERREIRA, 1999) e ‘catador de mariscos’ (HOUAISS, 2001). Tais acepções coincidem com a que tem essas lexias entre os pescadores da Ilha de Itaparica.

No que se refere à forma feminina **marisqueira**, Ferreira (1999) a define como: ‘peixe teleósteo, cienídeo, marítimo’. Já Houaiss (2001) a abona, enquanto regionalismo português, como ‘vendedora de frutos do mar’ e ‘restaurante de frutos do mar’. Apresenta ainda duas acepções secundárias para esse item: como regionalismo brasileiro, considera ‘o mesmo que corvina’; enquanto regionalismo usado no Rio de Janeiro, ‘o mesmo que enchova’. Acepções que correspondem àquela que a tem lexia **marisqueira** na comunidade de pesca foram encontradas apenas em Aulete (2013) e Moraes Silva (1948). Este a define como ‘pessoa que anda mariscando’; aquele, como ‘pessoa que anda ao marisco ou que vende marisco’.

Em todas as obras que servem de base a esta análise, no que tange à forma masculina **marisqueiro**, as definições encontradas convergem para aquela registrada no *corpus*: ‘pessoa que marisca’.

A lexia complexa **pescador de coroa**, que designa a função daquele que pesca marisco na coroa, não se encontra dicionarizada.

Algumas funções têm a sua forma designativa motivada pelo apetrecho usado na captura do pescado, tais como **bombeiro**, **munzuazeiro** e **pescador de rede**. A lexia **bombeiro** nomeia a função concernente à pesca com bomba; **munzuazeiro**, à pesca com munzuá; e **pescador de rede**, à pesca com a rede.

A lexia composta **bombeiro** (*bomba* + *-eiro*) está registrada nos dicionários que servem de base a esta pesquisa, porém não apresenta definição no campo da pesca. De acordo com Aulete (2013), trata-se de antiquismo que se define como: ‘fabricante de bombas’. Ferreira (1999) a concebe como ‘soldado que atirava bombas’. Já Houaiss (2001) a apresenta, enquanto termo da marinha, como diacronismo obsoleto, com a seguinte acepção: ‘indivíduo que fabrica bombas (‘projétil’) ou as lança’. Por sua vez, Moraes Silva (1948) a define como

‘aquele que trabalha com bombas , que as fabricava ou as arremessava’. No *corpus*, esse item adquiriu o traço semântico [+ que pesca com bomba].

Munzuazeiro, forma lexical composta a partir do acréscimo do sufixo *-eiro* ao substantivo *munzuá*, não se encontra dicionarizada, porém o processo de criação dessa lexia é possível e bastante profícuo na língua portuguesa, dando origem a diversas formas lexicais que nomeiam determinadas funções exercidas por homens e mulheres, as quais são formadas por substantivos que designam instrumento, equipamento de trabalho + *-eiro*, a exemplo de *balseiro*, *boleiro*, *charreteiro*, *cocheiro*, *gondoleiro*, *lancheiro* ‘patrão de lancha’, *marmiteiro*, *porteiro* etc. (HOUAISS, 2001).

A lexia complexa **pescador de rede**, que nomeia a função daquele que tem como instrumento de trabalho a rede de pesca, não se encontra dicionarizada.

Marcador, mestre, mestre da pescaria, mestre da rede, mestre da tripulação, mestre do barco, mestre do calão foram as formas lexicais documentadas para designar a principal função entre os profissionais da pesca. Refere-se ao profissional que tem maior saber sobre a pesca, aquele que marca os pontos de pesca, que orienta os demais pescadores, dando-lhes as coordenadas, pois tem mais tempo no desenvolvimento da atividade pesqueira e o domínio necessário para o sucesso da pescaria. Observe-se o que dizem os pescadores sobre essa função:

É porque conhece muito. No caso, sabe onde vai cercá, no caso, o pêxe. Ele sabe como cerca. No caso, a hora que vai cercá, a hora que não vai. Tanto faz o **mestre**, eu, como me chamo Cid, como meu irmão, que se chama Valmizinho. Tanto faz, ele lá e eu cá é a mehma coisa. (M2A-V)

Ah... sempre... todas as embarcações tem que tê o **mestre**, que é o cabeça da pescaria. No caso, é o cara que entende mais, o cara que... “Tal lugá, vamos pra tal lugá, faça assim, faça isso, faça aquilo!”. Por isso que já tem escrito de **mestre**... é o **mestre da pescaria**, é o **marcadô**, o cara que faz a marcação dos pontos.

(...)

Marcadô porque é o que sabe as marcas do má, no lugá que a hente pesca... nós pescamos. (M2A-I)

Com uma lua bonita, que não tinha energia elétrica, aí nós puxava ... ajudava a puxá a corda. Quando a rede chegava, a hente metia a mão. Aí os **mestre do calão**... no caso de um calão daquele, como barco, tem um **mestre**. Primeiro mestre é aquele de lá, né? (apontando para cima). Segundo, a hente aqui, né? Então... cada um de nós somo **mestre**, aqui, mas o principal, que é o primeiro, é Jesus, certo? Então... é... porque se não tivé o **mestre**, não tem a pescaria, porque muita hente não sabe marcá e a pescaria depende de sabê marcá o local, sabê como afundiá no local... botá a poitada certinha no local, que se você não botá certo no local, num pega, tá entendeno? (M3A-I)

Chama o **mestre da tripulação**, no caso... justamente por ser o mais velho que sabe as procedências da pesca. Sempre o que sabe mais um pôco, sempre o que sabe mais um pôco é quem dá as coordenadas. No caso dessa tripulação, o sabe mais, que se sobressai no grupo, esse também se chama **mestre**. (M2B-V)

O **mestre da rede**... é o **mestre**. É o que guia a pescaria. A hente é guiado com ele. Ele que dá ordem. (M1B-V)

Vai, vai, mas só a pescaria não vai sê perfeita, não... porque o **mestre** é conhece mehmo. Se a hente for assim, só se for coisa de Deus ajudá mehmo, mas o **mestre** tem o conhecimento mehmo. (M1B-V)

Tem assim... não é chefe da pescaria, ele é assim o **mestre do barco**. Ele é o dono do barco e o **mestre do barco**. O barco, pra saí, tem que sê com ele, ele é o dono e o **mestre**. O **mestre** é aquele que dá ordem, que diz pra mim, pra você o que tem e o que não tem o que fazê. (M2C-V)

É o **mestre**, que é o **mestre do barco**, é quem governa o barco, quem marca, quem faz as marcações, quando chega no pesquêro, sabe onde está. Sai daqui pra marcá no lugá, quando chega lá, sabe que tá chegado no lugá. Esse é o **mestre**. (M3C-V)

Geralmente, esse chefe quando o chefe não tem, não pode ir a embarcação não sai porque tem que tê otro habilitado que sempre chama de **mestre**. Aí, quando o **mestre**, o dono não pode ir, aí não sai porque tem que tê licença, a licença de pesca. Geralmente o pessoal que acompanha a gente só tem a carteirinha de pescadô, da colônia. Aí não pode entregá uma embarcação à pessoa. Se a Marinha pegá... (F2C-V)

O **mestre da rede** acompanha; tem que acompanhá, o **mestre da rede**. (M1C-I)

Nas obras consultadas, a lexia composta **marcador** (*marcar* + *-dor*) está registrada como ‘aquele que marca’, acepção que, embora não seja específica da pesca, enquadra-se naquela documentada entre os pescadores.

A lexia simples **mestre**, de forma geral, está registrada como ‘pessoa de excepcional saber, competência ou talento em qualquer arte ou ciência. Para Houaiss (2001), refere-se ao ‘artífice em relação aos que são seus oficiais ou aprendizes nas embarcações mercantes, marítimo qualificado que comanda e dirige a tripulação do convés’. Sob a rubrica “marinha”, o autor a registra como ‘comandante de navio mercante; capitão’. Da mesma forma, Aulete (2013) a abona como termo da marinha mercante, definindo-o como: ‘capitão de uma embarcação pequena’. Morais Silva (1948) a define como: ‘mestre de nau: o que tem à sua conta o velame, cordoalha, palamente e aparelhos de nau, e assim dispensa das provisões; e da conta da despesa dela nos armazéns reais’. Tais acepções convergem para aquela documentada na localidade, em que **mestre** é uma função concernente ao pescador que tem maior conhecimento sobre pesca, bem como o domínio das embarcações, portanto, o que guia os demais pescadores.

Conforme Cunha (1986), **mestre** provém do latim *magister* e significa ‘homem que ensina, professor, homem sabedor’.

As lexias complexas **mestre da pescaria**, **mestre da rede**, **mestre da tripulação**, **mestre do barco**, **mestre do calão** não se encontram dicionarizadas. A motivação para essas formas se encontra na atividade que o pescador realiza, no apetrecho utilizado para pescar, no grupo que comanda ou no meio de transporte que utiliza para realizar a atividade.

As lexias empregadas para denominar as funções estão condicionadas à divisão

hierárquica do trabalho. Na comunidade pesqueira, o item lexical **pescador**, de uma forma geral, denomina ‘aquele que pesca’, porém são empregadas diferentes formas lexicais para nomeá-lo de acordo com a tarefa que executa. Assim, tem-se, por exemplo, os itens *mestre* e *marcador* que nomeiam a função mais importante dentro da atividade pesqueira; *ajudante* e *moço*, que nomeiam a função secundária.

4.1.1.9 Campo lexical das etapas da pesca

O processo de pesca compreende alguns estágios. As lexias que os designam estão reunidas no campo lexical das *etapas da pesca*. Os itens que compõem esse campo foram levantados a partir da questão 20 do questionário linguístico: “Qual é o primeiro passo para iniciar a pesca?”. Foram arrolados 7 itens lexicais: **arrastamento** ~ **arrasto**, **cerco**, **encastulamento**, **lançamento** ~ **lance** ~ **lanço**, os quais correspondem a 2% do *corpus*. No Quadro 12, é possível observar os semas correspondentes às lexias que compõem o campo das *etapas da pesca*.

Dimensões	Estágio no processo			Finalidade			Ritmo da ação		Objeto		→
	[preparatório]	[inicial]	[média]	[obtenção do pescado]	[preparação da rede]	[conter os peixes]	[lento]	[rápido]	[embarcação]	[rede]	
Lexias											
Arrastamento ~ arrasto	-	-	+	+	-	-	+	-	-	+	
Cerco ~ círculo	-	+	-	-	-	+	+	-	-	+	
Encastulamento	+	-	-	-	+	-	+	-	+	-	
Lançamento ~ lance ~ lanço	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	

Quadro 12 – Campo lexical das *etapas da pesca*

As formas variantes **arrastamento** e **arrasto** designam a etapa referente ao momento em que a rede é puxada pelos pescadores a fim de que os peixes malhem. Dependendo do tempo e da maré, é possível fazer vários **arrastamentos** ~ **arrastos** em uma só pescaria, como se verifica no discurso dos informantes:

Coloca a rede, sabe? Aí, no caso, dá uns três **arrasto** ou quatro, dependo de como tivé. Se tivé legal, tamém depende do vento, que muitas vezes o vento tá muito forte, aí a maré fica balançano muito, aí o pêxe, camarão ou pêxe, ele escapole, não tem como, né? (F2B-I)

Maré nova é três, quatro **arrasto**. É rapidinho. A hente chega aqui, ainda pega a novela das oito, tá entendeno? A hente sai daqui quatro e meia, cinco hora da tarde. (M1B-V)

Do, do **arrastamento**? Vamos supô assim umas três horas ou até mais do que isso. Muitas vezes dá mais do que isso, dependeno dos lance da rede que a pessoa quêra. (F2B-I)

Nas obras lexicográficas consultadas, a lexia composta **arrastamento** (*arrastar* + *-mento*) está registrada como ‘ação ou resultado de arrastar(-se)’ (AULETE, 2013; FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001). No *corpus* em análise, essa lexia adquiriu os traços semânticos do campo da pesca [+ arrastar a rede], [+ para obtenção do pescado]. **Arrasto**, forma regressiva do verbo *arrastar*, por sua vez, encontra-se dicionarizada com acepções concernentes ao campo da pesca. Conforme Aulete (2013) e Houaiss (2001), pode denominar a ‘ação de arrastar rede (pesca de arrasto), ‘rede de arrasto’ ou o ‘método de pesca com rede de arrasto’. Para Ferreira (1999), designa os ‘sacos e cabos da rede de pesca’. Para Moraes (1948), ‘saco e alares na rede de pesca’. A motivação para esses itens se encontra na própria ação que se realiza, ou seja, arrastar a rede ou o peixe.

Cerco ~ **círculo** foram as formas registradas entre os pescadores para denominar a etapa da pesca em que estes abrem a rede, formando um círculo em torno do cardume de peixes. Em seguida, faz o abalo para o peixe malhar, como se verifica nos trechos a seguir:

É... não, a canoa fica solta. Eles botam um rede, faz aquele **cerco**, depois ficam jogano vara, abala. Que o pêxe que tivé ali, malha. (M1A-I)

O chumbo é uma rede... é... colhe a cortiça, entraia, né? Entraia um de um lado, outro do outro... o chumbo d’um lado, a cortiça do outro. Aí entraia, aí cê larga, faz o **circlo**, né? Aí você abala, aí o pêxe vem, maia. (M3B-V)

Na Figura 48, visualiza-se essa etapa da pesca.



Figura 48: Pescadores realizando o cerco.
Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1179, obtida em 18/07/2012.

Nos dicionários que fundamentam esta pesquisa, a lexia simples **cercó**, forma regressiva do verbo *cercar*, está registrada, dentre outras, como a mesma acepção documentada nas comunidades da Ilha de Itaparica: ‘círculo formado por redes de pesca para capturar peixes’ (HOUAISS, 2001). Já o item lexical simples **circlo**, forma sincopada da lexia *círculo* (< lat. *circŭlus* ‘roda, anel, área plana limitada pela circunferência’), não se encontra dicionarizado. O formato circular resultante da ação de captura dos peixes motivou essas denominações.

Encastulamento nomeia a etapa em que os pescadores fazem a amarração da linha de náilon no anzol, fixando uma proteção de metal para que os dentes do peixe atinjam a linha. Corresponde a um dos momentos de preparação dos apetrechos para a pesca, que ocorre no dia anterior à pescaria, como se verifica no discurso a seguir:

Ah, isso aí começa um dia antes da pescaria. Tem que organizá tudo, vê se rede tá furada, vê se equipamento de pesca tá tudo em orde. Se for o caso da carretilha, lubrificá as carretilhas, **encastulamento...** (M2A-I)

O item lexical **encastulamento** (*encastoar* + *-mento*), forma epentética da lexia *encastoamento*, não se encontra registrada. Por sua vez, *encastoamento* está registrada como ‘ação ou efeito de encastoar’ (AULETE, 2013).

Lançamento, lance, lanço são formas variantes que nomeiam a etapa referente ao ato de lançar a rede a fim de fazer o cerco e capturar os peixes. Os pescadores assim o definem:

O **lanço** qué dizê cercano. Nós cerca é de acordo com a maré. Maré de vazante puxa pra Salvadô; maré de enchente puxa pro lado de Itaparica. Aí nós tem que se (?), fazê o **lanço**, puxá pra terra; só pode sê a favor da maré, nada contra a maré, senão não vem pra terra.
(...)
Aí é o **lanço** que a hente joga a rede. É o **lanço** que a hente chama. (M2C-I)

Lanço também pode se referir à porção de peixe capturada na rede em cada lançamento, como se verifica na fala a seguir:

O **lanço** é um cope, um cope da rede. Um **lanço**... a hente faz aquele **lanço**, sai, depois vem por terra assim, chega aqui na praia tira o **lanço**, aí o camarão tá den’da rede, a hente cata, bota den’do cofo pra ficá vivo até de manhã. (M3B-I)

As formas lexicais **lançamento, lance e lanço** estão dicionarizadas, mas apenas **lanço** e **lance** apresentam acepções no campo lexical da pesca. A lexia composta **lançamento** (*lance* + *-mento*) está registrada, dentre outras, como ‘ato ou efeito de lançar(-se)’, ‘lanço’, ‘lance’. Para a lexia simples **lance**, forma regressiva do verbo *lançar*, foram verificadas as seguintes

acepções: ‘ação de jogar a rede no mar para pescar’ (AULETE, 2013); ‘operação que vai desde o lançamento de um apetrecho de pesca ao mar até o seu recolhimento’ (FERREIRA, 1999); ‘ação de jogar a rede no mar para pescar’ (HOUAISS, 2001). A acepção apresentada por Ferreira é a que mais se identifica com aquela verificada na comunidade.

A lexia simples **lanço**, regressiva do verbo lançar, com acepção no campo da pesca está registrada nos *Sermoes* do Pe. Vieira. Encontra-se dicionarizada com a acepção principal ‘ato ou efeito de lançar; arremesso, tiro, jacto, lance, lançamento’. Sob a rubrica “pesca”, os dicionários gerais a registram como ‘porção de peixes que se apanha de uma só vez, na rede’ (AULETE, 2013); ‘o peixe apanhado na rede’ (FERREIRA, 1999); ‘porção de peixe que uma rede apanha cada vez que é lançada’ (HOUAISS, 2001); ‘a rede lançada ao mar com o peixe que recolhe’ (MORAIS SILVA, 1948). Tais definições corroboram apenas um dos sentidos que tem a forma lexical **lanço** no *corpus*. A ação que se realiza com a rede motivou as denominações.

4.1.1.9 Campo lexical das ações

No processo de captura, os pescadores realizam diversas manobras. Os itens lexicais que designam atos, condutas e movimentos realizados pelos profissionais da pesca correspondem ao campo das *ações*. As formas lexicais que o constituem resultaram da aplicação da questão 13 do questionário linguístico: “O(A) senhor(a) pode me explicar como é feita a pesca?”. Sendo um dentre os campos mais produtivos do léxico da pesca, nele se encontram 48 itens, perfazendo um total de 12%. São eles: **abaixar, abalar, afundear ~ fundear, ancorar, arpoar, arrastar, bater agulha, bater pé de vara ~ estocar ~ estoquear, beliscar, calafetar, captar ~ capturar, castroar ~ encastroar, catar, cavar, cercar ~ fazer o embargo, colher, desgotar ~ esgotar, desmaiar, embarcar, engodar, entraiar, escamar, espanar, fazer poeira, ferrar, fisgar ~ matar o peixe ~ pescar, iscar, jogar ~ lançar, maiar ~ malhar, marcar, mariscar, mestrar, poitar, remar, rodar o mar, safar, sair de sapateiro**. O Quadro 13 permite verificar os componentes semânticos das formas lexicais que compõem o campo lexical das *ações*.

Dimensões	Posição no processo				Tipo de movimento				Finalidade da ação no processo							Sujeito da ação		Objeto da ação				→
	[preparatório]	[inicial]	[medial]	[final]	[vigoroso]	[circular]	[repetitivo]	[lento]	[orientar a pescaria]	[extrair]	[capturar]	[recolher]	[selecionar]	[atrair]	[despertar a atenção]	[homem]	[peixe]	[barco]	[marisco]	[peixe]	[rede]	→
Lexias																						
Abaixar	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	
Abalar	-	+	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	
Afundear ~ fundear/ ancorar/ poitar	-	+	-	-	+/-	+/-	+/-	+/-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	
Arpoar	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	
Arrastar	-	-	+	-	+	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	
Bater agulha	-	-	+	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	+	-	
Bater pé de vara/ estocar/ estoquear	-	-	+	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	
Beliscar	-	-	+	-	-	-	+	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	-	+	-	-	-	-	
Calafetar	+	-	-	-	-	-	-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+	-	+	-	-	-	
Captar / capturar	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	
Castroar ~ encastoar	+	-	-	-	-	-	-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+	-	-	-	-	-	
Catar	-	-	+	+	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	+	-	-	
Cavar	-	+	-	-	+	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	
Cercar/ fazer embargo	-	+	-	-	-	+	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	
Colher	-	-	-	+	+	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	+	
Desgotar ~ esgotar	-	-	+	-	+	-	+	-	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+	-	+	-	-	-	
Desmaiar	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	
Embarcar	-	+	-	-	+	-	-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+	-	-	-	-	-	
Engodar/ Iscar	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	+	-	
Entraiar	+	-	-	-	-	-	-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+	-	-	-	-	+	
Escamar	-	-	-	+	-	-	+	-	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+	-	-	-	+	-	
Espanar	-	+	-	-	+	-	+	-	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	-	+	-	-	-	-	
Fazer poeira	-	-	+	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+	+	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	
Ferrar	-	-	-	-	+/-	+/-	+/-	+/-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	
Fisgar / matar o peixe/ pescar	-	-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	
Jogar/ lançar	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	
Maiar ~ malhar	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	
Marcar	-	+	-	-	+/-	+/-	+/-	+/-	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+	-	-	-	-	-	
Mariscar	+/-	+/-	+/-	-	-	-	+	+	+	+	-	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	
Mestrar	+/-	+/-	+/-	-	+/-	+/-	+/-	+/-	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	
Remar	-	+	-	+	+	-	+	-	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	
Rodar o mar	-	+	+	+	+/-	+/-	+/-	+/-	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	
Safar	-	-	+	-	-	-	-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+	-	-	-	-	+	
Sair de sapateiro	-	-	-	+	+/-	+/-	+/-	+/-	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	

Quadro 13 – Campo lexical das ações

As ações preparatórias para a pesca documentadas na comunidade são designadas pelas lexias **calafetar**, **castroar** ~ **encastoar**, **engodar** ~ **iscar**, **entriar**. A forma lexical simples **calafetar** denomina a ação que consiste em preparar a embarcação para a pesca, vendando possíveis fissuras com algum tipo de resina a fim de evitar que a água penetre. De origem controversa, para Cunha (1986), vem do italiano *calafatare*, proveniente do árabe *qálfat*, e está registrada nos dicionários gerais com uma acepção que se enquadra naquela que tem esse item lexical na comunidade em estudo: ‘tornar (embarcação, ou parte dela) impenetrável pela água, fechando ou obstruindo as juntas, frestas, aberturas etc. com estopa alcatroada e piche, ou materiais similares’ (HOUAISS, 2001). Não foi possível apurar entre os pescadores a motivação semântica para essa lexia.

A ação de **castroar** ~ **encastoar** concerne à preparação da pesca com vara ou linha de fundo. Consiste em amarrar o anzol na linha de náilon, utilizando também uma peça de metal denominada castão para fixá-lo, bem como proteger a linha e evitar que esta não seja atingida pelos dentes do peixe. Tal ação é assim definida pelo pescador:

Castroá, castroá é... pega o anzol, vai passano a linha, passano a linha, aí amarra, dá o nó, amarra e... amarra pra podê, quando o pêxe pegá, não levá o anzol de vez. Aí a hente amarra direitinho pra podê não... ferrar o pêxe e o pêxe vim pra cima do barco e a hente tirá. (M1A-V)
É amarrá o náilon na anzol, na vara... **encastroá** o anzol. (F1C-V)

A forma lexical **castroar** (*castão* + *-ar*, com desnasalação e epêntese) não se encontra dicionarizada. Já o item **encastoar** (*en* + *castão* + *-ar*, com desnasalação) está registrado como ‘pôr castão em, engastar, embutir’ (FERREIRA, 1999). O *castão* (do francês *chaston* ‘parte saliente de uma argola, de um anel em que se engasta uma pedra preciosa’) é um remate de metal ou outra matéria que orna a parte superior da bengala. A peça de metal que o pescador utiliza para prender a linha ao anzol tem função semelhante ao castão da bengala, ou seja, trata-se de um arremate de proteção. Dessa forma, pode-se compreender a motivação semântica das formas **castroar** e **encastoar**.

A captura através de apetrechos como o anzol, jereré, munzuá, gaiola, rapichel e alguns tipos de rede requer o uso de algum tipo de artifício para atrair o pescado. Por isso faz-se necessário **engodar** ~ **iscar** o apetrecho de pesca, como se verifica na fala do pescador:

Lá, quando a gente chega, a gente pega as isca, as linha e isca os anzóis com as iscas. Primêro, **engoda**... porque se não **engodá**... (M3C-V)
O munzuazêro, ele bota lá o munzuá com a isca. Quando dá no outro dia, ele vai corrê, aí tira o siri do munzuá, bota no balde, dentro da embarcação... aí torna **iscá**, torna largá lá de novo... vem embora. (M3B-V)

Nos dicionários consultados, a lexia composta **engodar** (*engodo* + *-ar*) está registrada com as seguintes acepções: ‘atrair, aprisionar (peixe, caça) por meio de engodo (AULETE, 2013); ‘atrair com engodo’ (FERREIRA, 1999); ‘enganar por meio de engodo (peixe, caça); atrair, iscar’ (HOUAISS, 2001); ‘enganar alguém com algum presente, mimo, boas palavras para o lograr, bem como o pescador engoda o peixe com a isca para o pescar’ (MORAIS SILVA, 1948). Na comunidade de pesca, no entanto, embora preserve o mesmo fundo semântico, **engodar** significa ‘colocar o engodo no apetrecho de pesca (anzol, munzuá, jereré)’. A lexia composta **iscar**, por sua vez, encontra-se registrada com o mesmo sentido que se verifica no *corpus*: ‘pôr isca em’ (AULETE, 2013; FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001; MORAIS SILVA, 1948).

No que tange à preparação da rede, uma das ações se denomina **entraiar**. Trata-se de um procedimento realizado na confecção da rede. Consiste em prender o chumbo e a cortiça nas malhas da rede, como bem explica o pescador:

Entraiá é botá o chumbo e a cortiça. **Entraiá**... você bota o chumbo, aí você destira... você vai **entraiano**. Você vai botano três maia naquele entrave. Aí você **entraia** a cortiça e o chumbo. E você pode largá ela pra andá aí em qualquer lugá do canal... é o chumbo e a cortiça... aí dá o nome de **entraiá**. (M3B-V)

Entraiar (*en-* + *tralha* + *-ar*, com iotização) é uma lexia composta que não se encontra dicionarizada. Por sua vez, *entralhar* está registrada nos dicionários gerais com os sentidos de ‘tecer as tralhas da rede’; ‘prender nas malhas da rede’; ‘enredar’. Estes últimos coincidem com o que se registrou na comunidade em estudo.

As ações iniciais do processo de pesca são nomeadas pelas formas lexicais **abaixar**, **abalar**, **afundear** ~ **fundear** ~ **ancorar** ~ **poitar**, **cavar**, **cercar** ~ **fazer o embargo**, **embarcar**, **espanar**, **bater pé de vara** ~ **estocar** ~ **estoquear**, **jogar** ~ **lançar**, **marcar** e **remar**. São ações concernentes tanto ao peixe quanto ao pescador no momento da pescaria.

Uma dos primeiros procedimentos realizados pelos pescadores a fim de saírem à captura de peixes se denomina **embarcar**. Refere-se à ação de colocar os apetrechos de pesca, como a rede, dentro da embarcação. Veja-se o que diz o pescador:

Pesca de rede, pesca de rede é o seguinte: bota, no caso, a rede na canoa, **embarca** aí na canoa, encolhe. Sai, no caso, duas pessoas. (M2A-V)

Além disso, **embarcar** também denomina o ato de trazer o peixe para dentro da embarcação após este ser capturado, como se observa na fala dos informantes:

É... pegá o pêxe...vamo supô, a história pior é nós pegá o pêxe e, na hora de **embarcá**, o pêxe escapulí do anzol, aí que é a hora pió, né? Nós vê o dinhêro na mão e, problema de segundo, sumi.. eu acho que seja é isso. (M2C-I)

Embarcá é trabalhá com o pêxe fora... dentro d'água e depois colocá ele dentro da embarcação. Chama **embarcá**. (M2A-I)

De uma forma geral, a lexia composta **embarcar** (*em-* + *barca* + *-ar*) está registrada como ‘por ou entrar em embarcação’, acepção convergente para a que esse item possui entre os pescadores.

Para se deslocar da costa em direção aos pontos de pesca, bem como retornar à costa, em embarcações que não dispõem de motor ou vela, faz-se necessário **remar**. Refere-se à ação de mover os remos a fim de impelir a embarcação (cf. Figura 49). De acordo com os pescadores, saber **remar** é um pré-requisito para ingressar na atividade pesqueira, como se observa no trecho a seguir:

Tem que aprendê a **remá** que é o certo. Quem não soubé **remá** não pode ir pra lá. **Remá** qué dizê... é o certo, né? Ele tem que sabê navegá, ou de remo ou de barco a pano... porque se você não soubé **remá**, não tivé uma base de mestrá um barco, não pode pescá, que é perigoso. (M2C-I)

Remar é uma lexia composta através do acréscimo do sufixo *-ar* ao substantivo *remo* e se encontra dicionarizada com a mesma acepção verificada na localidade em estudo: ‘impulsionar embarcação por meio de remos’ (HOUAISS, 2001).



Figura 49: Ação de remar.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1487, obtida em 28/08/2012.

Para nomear a ação de conduzir o barco, determinando os pontos de pesca e orientando no lançamento da rede, os pescadores empregam a forma lexical **mestrar**. Trata-se de uma ação de responsabilidade do mestre, pescador mais experiente, que comanda a embarcação e coordena a pescaria. Observe-se como o pescador o define:

Mestrá quer dizê sabê, conhecê um pôco o vento porque... aí agora mehmo é viração de vento alto. Se a senhora não soubê pra que lado que a senhora tá ino, não pode suspendê um pano e não sabê pra que lado vai. Então tem que sabê **mestrá**. (M2C-I)

O item lexical **mestrar** não se encontra registrado nos dicionários gerais e etimológicos da língua portuguesa.

Uma ação determinante para o sucesso da pescaria se denomina **marcar**. Trata-se de um procedimento realizado pelo mestre, o qual detém o conhecimento das áreas mais propícias à captura de peixes, como se nota no trecho a seguir:

É o mestre, que é o mestre do barco, é quem governa o barco, quem **marca**, quem faz as marcações, quando chega no pesquêro, sabe onde está. Sai daqui pra **marcá** no lugá, quando chega lá, sabe que tá chegado no lugá. Esse é o mestre. (M3C-V)

Em Aulete (2013), o item lexical **marcar** se encontra definido como ‘colocar marca, sinal ou outro meio de identificação’. Para Houaiss (2001), significa ‘indicar (alguma coisa) com sinal distintivo para chamar atenção sobre esta ou para lembrar-se dela’. Entre os pescadores da Ilha de Itaparica, **marcar** significa ‘determinar os pontos de pesca onde a embarcação deve ancorar’. Para tanto, os mestres se baseiam nos outeiros.

De origem controvertida, a lexia **marcar**, de acordo com Cunha (1986), provavelmente vem do italiano *marcare* e, este, talvez de um germânico *markiān*. Para Machado (1967), no entanto, compõe-se de *marca* + *-ar*.

Chegando ao ponto de pesca determinado pelo mestre da pescaria, é preciso **afundear** ~ **fundear** ~ **ancorar** ~ **poitar** o barco. Tal ação consiste em lançar a âncora/poita no local determinado a fim de que a embarcação se mantenha fixa. Além disso, envolve também o domínio sobre os locais mais propícios à pesca, como se vê no discurso dos informantes:

Então... é... porque se não tivé o mestre, não tem a pescaria, porque muita hente não sabe marca, e a pescaria depende de sabê marcá o local, sabê como **afundiá** no local... (M3A-I)

A pesca de linha, a pessoa chega no má, **ancora** a embarcação em determinado ponto que ele sabe que ali pode tê algum aposento de pêxe, isca a linha com o anzol, joga lá e fica ali esperando o pêxe pegá. (M3A-V)

Com aquele peso, bateu ali, aí a hente verifica se caiu naquele local certo. Aí depois que colocô todos, dá aquele tempo, depois ele vai explorá. Quando ele vai colocá ali, ali é um lugá pequeno, né? É um lugá pequeno, mas só que a hente tem que sabê **poitá**, né? (M3A-I)

Afundear (*a-* + *fundo* + *-ear*) é uma lexia composta que não se encontra dicionarizada. Trata-se de uma forma protética de **fundear** (*fundo* + *-ar*), lexia composta que se encontra registrada nos dicionários que servem de base a esta pesquisa, dentre outras acepções, como ‘lançar ao fundo (âncora, ferro ou outro objeto pesado); ancorar’ (AULETE, 2013).

Ancorar (*âncora* + *-ar*) é uma lexia composta que está dicionarizada como ‘lançar (a embarcação) uma âncora ao fundo, para com ela manter-se parada; lançar ferro’ (FERREIRA, 1999). Tal sentido corrobora aquele documentado na comunidade de pesca.

Nos dicionários gerais, para a forma lexical **poitar**, que se compõe a partir do acréscimo do sufixo *-ar* ao substantivo *poita*, encontram-se as seguintes definições: ‘Segurar, firmar (pequena embarcação) com poita’ (AULETE, 2013); ‘parar (a canoa) em meio a rio ou mar’ (FERREIRA, 1999); ‘lançar poita para fundear (embarcação miúda)’ (HOUAISS, 2001). Essas acepções convergem para a que se registrou na comunidade de pesca.

Aulete (2013) e Ferreira (1999) consideram a lexia **poitar** uma variação de *poutar*, formado a partir do acréscimo do sufixo *-ar* ao substantivo *pouta*, do franco *pauta* ‘pata, garra’, segundo Nascentes (*apud* HOUAISS, 2001).

Abaixar é uma ação concernente à rede de pesca realizada pelos pescadores antes de fazer o cerco. Consiste em deslocar a rede que se encontra no barco para a água, fazendo-a submergir. É uma ação que nem todos os pescadores gostam de realizar, porque requer que o mesmo fique na água sujeito a ataques dos peixes, como afirma o informante:

Fazê cortiça é na hora de fazê arrasto... é fazê cortiça é na hora de tirá o arrasto... é fazê cortiça na hora de tirá pra os pêxe não saí camarão. Aí fica um dento d’água (?) da rede **abaxano**. Eu já fiquei **abaxano** também, mas só que não gosto de **abaxá** pro pêxe não mordê. Eu já... eu fico. (M1B-V)

Nas obras lexicográficas em que se baseia este estudo, não se verificou registro da lexia **abaixar** no campo específico da pesca. De maneira geral, está dicionarizada como ‘fazer descer’. Sob a rubrica “marinha”, Houaiss (2001) a registra como diacronismo antigo com a seguinte acepção: ‘navegar em águas menos fundas’. Entre os pescadores, esse item nomeia a ação de desembarcar a rede, introduzindo-a na água.

De acordo com Machado (1967), **abaixar** provém do latim tardio *bassiāre*, e este, do latim *bassu-*. Para Cunha (1986) é uma lexia que tem origem no adjetivo *baixo*.

Ancorada a embarcação no ponto de pesca, os pescadores se preparam para **jogar** ~ **lançar** a rede e **cercar** ~ **fazer o embargo**. A ação de **jogar** ~ **lançar** consiste em arremessá-la na água, abrindo-a em toda a sua extensão, o que exige muita habilidade e, conforme o tipo

de rede, nem todos os pescadores têm o domínio, como se verifica nas falas a seguir:

Eu só pesco, só sei fazê pescaria de linha de fundo, que é essa aqui... mas eu conhece outras... **jogá** tarrafa, mas eu não sei jogá tarrafa; mergulhá, às vezes, eu dou uma mergulhada, mas é uma vez ou outra... (M2C-V)

Ter conhecimento do que ele vai fazê em cima do má com a rede, conhecê o pêxe, vê onde é que o pêxe tá pra podê **lançá** a rede ou mandar **lançá** a rede. (M3A-V)

A lexia **jogar**, que tem origem no latim *jōcāre*, por *jōcāri* (CUNHA, 1986), está dicionarizada, dentre outras, com as seguintes definições: ‘atirar, arremessar’ (AULETE, 2013); ‘manejar com destreza ou habilmente’ (FERREIRA, 1999); ‘deslocar (algo) pelo ar (até determinado ponto), usando força muscular ou alguma arma; atirar, arremessar, (HOUAISS, 2001). Embora não se enquadre no campo da pesca, a acepção apresentada por Ferreira (1999) é a que mais se ajusta à que se documentou entre os pescadores, visto que o significado de **jogar**, para eles vai além da simples ação de arremessar, significa também operar a rede com habilidade. Na carta 105 do ALS II (cf. Figura 50), essa forma se encontra registrada, como designação para ‘lançar, jogar’, empregada por informantes do sexo feminino nos pontos 52, 55, 56, 60, 61, 64, e por informantes do sexo masculino nos pontos 51, 52, 53, 55, 56, 57, 60, 62, 64, 65.

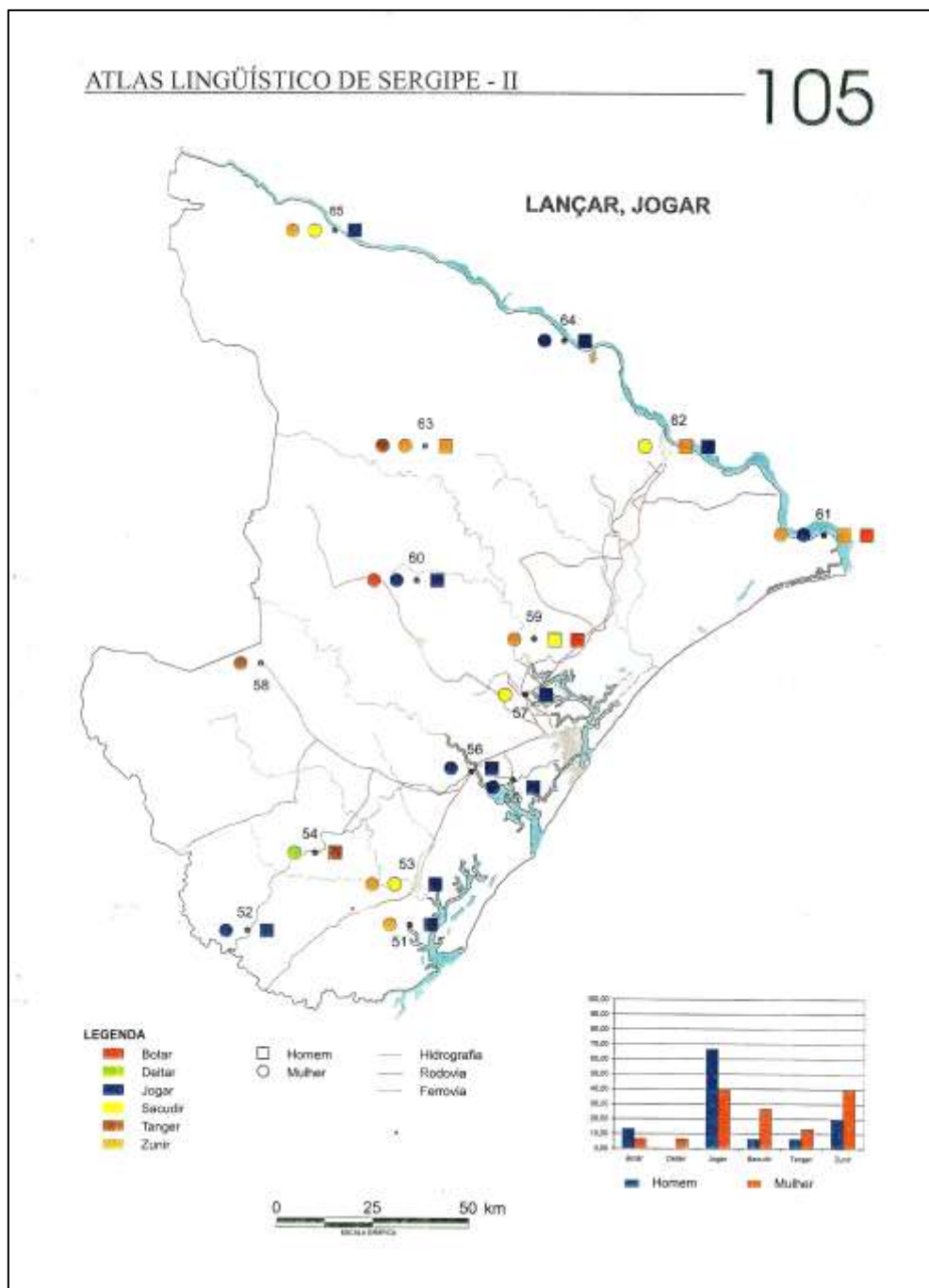


Figura 50: Carta 105 - Lançar, jogar.
 Fonte: Atlas Línguístico de Sergipe II.

Nas obras lexicográficas consultadas, o item lexical **lançar**, do latim tardio *lanzare*, está registrado como ‘jogar, estendendo’. Como exemplo, todas apresentam *lançar rede*, o que corrobora o sentido que tem a lexia no *corpus*, embora não seja abonada como lexia específica do campo da pesca.

Concomitantemente à ação de **jogar** ~ **lançar**, os pescadores vão circundando o cardume a fim de capturar os peixes. Tal ação se denomina **cercar** ou **fazer o embargo**. Trata-se de uma ação que também requer muito conhecimento e habilidade, como se verifica

na fala do pescador:

É porque conhece muito. No caso, sabe onde vai **cercá**, no caso, o pêxe. Ele sabe como **cercá**. No caso, a hora que vai **cercá**, a hora que não vai. Tanto faz o mestre, eu, como me chamo Cid, como meu irmão, que se chama Valmizinho. Tanto faz, ele lá e eu cá é a mehma coisa. (M2A-V)

Cercar, do latim tardio *circāre* (CUNHA, 1986) é uma lexia simples que está registrada nos dicionários gerais, dentre outras acepções, como ‘impedir o movimento ou a passagem de’ (HOUAISS, 2001). Embora não se situe especificamente no campo da pesca, essa definição se enquadra naquela que tem esse item nas comunidades da Ilha de Itaparica, em que **cercar** designa a ação de fazer cerco impedindo que os peixes “fujam” da rede.

A lexia complexa **fazer o embargo** não se encontra dicionarizada. No entanto, a lexia simples **embargo**, deverbais de *embargar*, está registrada como ‘qualquer coisa que represente um obstáculo’, ‘empecilho’, ‘impedimento’.

Para a pesca com rede, de acordo com os pescadores, não é preciso usar isca. Antes de lançar a rede e cercar, eles apenas esperam o peixe **espanar**, como se verifica no trecho a seguir:

Não uso nada, não. A hente só fica somente olhano **espaná**. No caso, sobe em cima d’água e **espana**. No caso, esperano a vontade dele ou dela, no caso que seja.... **espaná** aquele que, quando dá pra **espaná**, a hente cercá... a hente sabe que ali, no caso, tá emantado... no caso, ali. (M2A-V)

A ação de **espanar** é assim definida pelo pescador:

Espaná, no caso, é subir em cima d’água e batê, no caso, o rabo. Aí bate no lado e pronto. Nesse caso aqui... aqui tá (mímica) em silêncio, né, no caso, a hente joga uma agulha, aí **espanô**. A hente tá aqui, no caso, com a canoa, aí chega aqui e cerca. Aí lá, é botar o pêxe, no caso, dentro da rede. (M2A-V)

A forma lexical **espanar** (*es-* + *pano* + *-ar*) se encontra registrada nos dicionários gerais como ‘tirar ou sacudir o pó’. Com sentido figurado, está registrada como ‘agitar, sacudir’. O movimento que o peixe faz com o rabo é semelhante àquele que se faz com o espanador ao tirar o pó. Isso explica a motivação semântica para essa lexia.

Uma ação realizada pelos pescadores para atrair o peixe se denomina **abalar**. Trata-se de um procedimento em que o pescador bate na água com remo, a fim de que os peixes se desloquem para a rede e malhem, como se verifica no discurso do pescador:

Abalá é cercá com uma rede, certo, e batê na água, pá, pá, pá... pra podê espantá o pêxe pra ele

corrê pra rede. (M2A-I)

A lexia **abalar** está dicionarizada sob a rubrica “pesca” como regionalismo baiano, com a mesma acepção documentada na comunidade em estudo: ‘pescar com abalo’ (AULETE, 2013); ‘pescar com abalo’ (FERREIRA, 1999); ‘pescar, batendo os remos na água para que o(s) peixe(s) se aproxime(m) do tresmalho e nele fique(m) preso(s)’ (HOUAISS, 2001).

De origem controvertida, de acordo com Machado (1967), talvez a lexia **abalar** provenha do latim *advallāre*, de *ad* + *vallāre*, e este de *vallis*. Assim, para o autor, o verbo teria o sentido de ‘lançar-se ao vale, ao fundo, e daqui mover ou mover-se, ir para baixo’, e, este se generalizou passando a significar ‘deslocar-se, pôr-se em movimento’.

Estocar, estoquear e bater pé de vara são variantes que também nomeiam outra ação para atrair os peixes. Trata-se de um procedimento semelhante ao descrito anteriormente, mas que difere daquele porque, neste caso, os pescadores batem vara no fundo do mar, como afirmam os informantes no trecho a seguir:

Estocá é quando sai... o lugá é um lugá raso... a hente sai meteno a vara no fundo do má pra podê o cardume do pêxe ir pra rede... chama **estocá**. (M2A-I)

Estoqueá no chão tamém, que lugá de tainhêra as vara toma pé, né? Não é lugá muito profundo. A vara toma pé, aí **estoquêa** na coroa que é pra assustá o pêxe, pro pêxe corrê pra rede. (M3B-V)

“(...) na canoa, batê, **batê pé de vara**. Na canoa, com a vara... você mexe na canoa, o pêxe se assusta, bate na rede. Aí você cercou aí, você panha o pêxe e aí cê vem embora”. (M3B-V)

A lexia **estocar** está registrada nos dicionários gerais como ‘golpear (alguém) com estoque’ (FERREIRA, 1999); ‘ferir com estoque’ (HOUAISS, 2001); ‘dar estocada em’ (AULETE, 2013). Esse item se compõe a partir do acréscimo do sufixo *-ar* ao substantivo *estoque*, do antigo francês *estoc*, ‘ponta da espada’. Dessa forma, **estocar** seria ‘ferir com a ponta da espada’. O movimento feito pelo pescador com a vara, que é semelhante ao que se faz no golpe com estoque (espada) motivou a lexia **estocar** ‘bater com a ponta da vara na coroa ou no fundo do mar’.

A variante fônica **estoquear** está registrada em Ferreira (1999), Houaiss (2001) e Moraes Silva (1948) como ‘ferir com estoque’. Já a lexia complexa **bater pé de vara** não se encontra registrada nos dicionários gerais e etimológicos que fundamentam este trabalho. A motivação semântica para esse item se justifica também pelo próprio movimento que se realiza com a vara.

No que se refere às atividades marisqueiras, para a captura de mariscos, como o

chumbinho, faz-se necessário **cavar**. Consiste em extrair o marisco da areia escavando com uma colher, uma faca ou até mesmo com as mãos. Como não requer muita força e habilidade, é uma das ações mais praticadas pelas mulheres na localidade, como assinala o discurso da marisqueira:

O meu, o que mais faço, tá entendendo? É **cavá** chumbinho, porque é uma coisa que tenho mais prática pra fazê, pegá ostra. O chumbinho, eu levo meu baldezinho, meu ajuntadô, minha colherzinha. (F1B-V)

Em Houaiss (2001), encontram-se definições para a lexia simples **cavar** com o mesmo sentido que se documentou na comunidade, ainda que não especificamente no campo da pesca. O autor a define como ‘revolver (a terra) ou nela produzir cavidade, depressão ou buraco, com instrumento apropriado (enxada, sacho, picareta etc.) ou outros que possam substituí-lo (as mãos, uma colher etc.); ‘extrair ou retirar (esp. minério) por meio de escavação’.

As formas lexicais **arpoar, arrastar, bater agulha, beliscar, captar ~ capturar, colher, desmaiar, fazer poeira, ferrar, fisgar ~ matar o peixe ~ pescar, maiar ~ malhar e safar** nomeiam ações mediais do processo de pesca. **Arpoar** é uma ação concernente à pescaria de mergulho. Consiste em lançar o arpão contra o peixe e, assim, fisgá-lo. Composto da lexia *arpão* + *-ar*, com desnasalação, esse item lexical está dicionarizado, sob a rubrica “pesca”, com uma acepção que corrobora a que se documentou na comunidade em análise: ‘arremessar o arpão; arpar, arpear’ (HOUAISS, 2001).

Concernente à pescaria de rede, **arrastar** é uma ação que requer dois ou mais pescadores puxando uma rede, a fim de recolher o pescado. Embora algumas mulheres da comunidade também se interessem por fazê-la, trata-se de uma ação geralmente realizada por homens, pois exige muita força e resistência, como denota o discurso do informante:

É mais fácil para elas segurá a vasilha. E nós, homem, cai na água e vai **arrastá**. (M2B-I)

Dentre os dicionários em que se fundamenta este trabalho, apenas em Aulete (2013) e Houaiss (2001) se encontram definições para a lexia composta **arrastar** que se enquadram naquela observada no *corpus* em análise: ‘pescar de arrasto, puxando a rede e fazendo-a deslizar sobre o fundo do mar ou do rio para assim recolher os peixes’ (AULETE, 2013); ‘navegar, puxando rede de pesca que passa no fundo do mar’ (HOUAISS, 2001). Essa forma lexical se compõe a partir do acréscimo do prefixo *a-* e do sufixo *-ar* à lexia *rasto* (por *rastro*).

Bater agulha designa uma ação realizada em uma modalidade de pesca do mesmo nome. Para realizar essa ação, o pescador sai nas proximidades da costa, à noite, em embarcação de pequeno porte, segurando um lampião ou uma lanterna. O seu encadeio faz com as agulhas pulem para fora da água. Ao bater com o jereré, o pescador captura as agulhas, fazendo com que estas caiam dentro do apetrecho. Veja-se o que diz o informante:

Quando a pescaria é aqui perto pra **batê agulha** por aqui, eles usa canoa e esses barquinho de alumine, que chama... motô... e tem o caiaque. (F2C-V)

A lexia complexa **bater agulha** não está registrada nos dicionários gerais e etimológicos. Sua motivação semântica se encontra no movimento feito pelo pescador com o apetrecho para capturar o pescado, como se estivesse batendo no peixe.

Uma ação concernente à pesca com anzol, que tem como sujeito o próprio peixe, denomina-se **beliscar**. Refere-se ao ato de o peixe morder leve e repetidamente a isca no anzol. É através dessa ação que se percebe que o peixe foi capturado, como afirma o pescador no discurso abaixo:

Prepara a linha, bota anzol, chumbada, o arco, aí joga a linha dentro d'água. Aí fica com a linha na mão esperano o pêxe podê **beliscá**. Quando o pêxe **beliscá**, a hente puxa, puxa pra cima, tira o pêxe, vai e joga de novo dend'água... aí vai ino. (M1A-V)

Dentre os dicionários consultados, apenas Aulete e Houaiss registram a forma lexical **beliscar** com uma acepção semelhante à que se verificou na comunidade de pesca: 'morder a isca (o peixe)' (AULETE, 2013); 'mordiscar (a isca)' (HOUAISS, 2001).

De acordo com Cunha (1986), **beliscar** provém do latim *velliscāre*, por *vellicāre* 'picar, bicar, mordiscar, beliscar', o que explica a motivação semântica para esse item.

Captar e **capturar** são formas variantes que denominam a ação de aprisionar o peixe na rede. Veja-se o que dizem os informantes:

A pesca é feita... a hente pega uma canoa, embarca essa rede, sai sozinho ou com um companhêro que quêra ir... a hente sai ou dia ou à noite... sai e vai jogá a rede onde vê o pêxe pra podê consegui **captá** eles. (M3A-V)

Agora, pra conseguir **capturá** esses tipos de pêxes tem que tê pescadô adequado pra isso, pescadô mehmo, porque não é qualqué pessoa que vem e encontra não, que é muito difícil, que tem os pontos que eles passam. (M1A-I)

A lexia simples **captar**, do latim *captare*, está dicionarizada, dentre outras, com as seguintes acepções: 'conseguir, obter (algo) para si', 'receber e aproveitar para seu próprio uso ou benefício' (AULETE, 2013); 'atrair, granjear, conquistar, empregando meios

capciosos’ (FERREIRA, 1999); ‘granjear para si; ‘conquistar’, ‘atrair’, ‘apoderar-se de’, ‘interceptar’, ‘apanhar’, ‘tirar proveito de’, ‘aproveitar’, ‘recolher’ (HOUAISS, 2001). Na comunidade em estudo, essa lexia adquiriu o traço semântico [+ aprisionar em rede de pesca].

Capturar (*captura* + *-ar*), é uma lexia composta que se encontra registrada nos dicionários gerais com as seguintes definições: ‘prender (animal silvestre ou fugitivo) usando armadilha (AULETE, 2013); ‘prender, deter, aprisionar’, ‘apreender, arrestar’ (FERREIRA, 1999); ‘tomar em captura; prender’ (HOUAISS, 2001). Entre os pescadores da Ilha de Itaparica, esse item lexical ganhou amplitude semântica, pois, como se observa, as acepções encontradas nos dicionários não são específicas da pesca.

Maiar e **malhar** são formas variantes que nomeiam a ação de o peixe prender-se à malha da rede de pesca. Observe-se como o pescador define essa ação:

Malhá, no caso, é ficá preso na rede... metê a cara na rede. No caso, aí um jeito que ele faz e fica preso na rede. (M2A-V).

Dentre os dicionários que servem de base a esta pesquisa, apenas em Houaiss (2001), a lexia composta **malhar** (*malha* + *-ar*) está dicionarizada com o mesmo sentido que se registrou na comunidade de pesca: ‘ser capturado por ou cair em malha ou rede’. Na comunidade de Canto do Mangue, em Natal, de acordo com Santos (2010), essa forma lexical tem o sentido de ‘cobrir o local de pesca com mais de um arremesso de redes’, acepção divergente da que se verificou no *corpus* em análise.

Nas obras consultadas, não se verificou registro da forma variante **maiar** com a acepção que figura no *corpus*.

Após a captura do pescado na rede, os pescadores realizam uma ação a que denominam **colher**. Consiste em puxar a rede, trazendo-a novamente para a embarcação com a finalidade de tirar os peixes emalhados. Veja-se o que dizem os pescadores:

Tainhêra, a gente vai lá, como eu já fui umas duas vezes, como eu já foi com ele. Vai lá, joga a rede, aí fica lá esperando. Depois a gente começa a **colhê** a rede, dentro da canoa mesmo, não precisa se molhá; não precisa saí da canoa... dentro da canoa mesmo. (F1B-V)
Quando tá ventano, às vez, você não vê o pêxe, mas tem os lanço que você sabe que é bom pra pêxe, aí você **cerca**... tem os lanços, os ponto que já cê sabe que é bom pra pêxe, aí você chega, **cercou** à toa. Aí você vai colhê... aí você já encontra o pêxe naqueles lanço que você sabe que é melhorzinho. (M3B-V)

Proveniente do latim *cōlligere* (CUNHA, 1986), **colher** é uma lexia simples que, de forma geral, é definida nos dicionários como ‘recolher’, ‘apanhar’, ‘pegar’. Apenas em Morais Silva (1948), encontra-se uma definição que corresponde à que se documentou na

comunidade em estudo: ‘envolver o que está estendido, por exemplo, colher as redes’.

Depois de colher a rede, os pescadores iniciam o processo de **desmaiar** (*des-* + *malha* + *-ar*, com iotização) os peixes, ou seja, retirá-los da malha. Para tanto, muitas vezes é preciso usar o bicheiro, principalmente quando o peixe é de porte maior, como se verifica no discurso a seguir:

Ah, o pêxe... o pêxe, ele fica na malha da rede, preso. Quando o pêxe é grande, você não pode pegá ele sozinho, você panha um bichêro, bota na garganta dele e puxa pra podê **dismaiá**, quando ele não passa a rede e não vai embora, como o pintado, como a arraia, o caçonete, quando é grande tamém arromba e vai embora. O rubalo arromba tamém e vai embora. Esses pêxe grande tudo vai embora. (F3A-I)

A forma lexical **desmaiar** se encontra dicionarizada com sentido divergente do que se verificou na comunidade de pesca. É uma forma iotizada de *desmalhar*, que está registrada em Houaiss (2001) com a mesma acepção que tem esse item no *corpus*. Conforme o autor, *desmalhar* é ‘tirar das malhas, separar; desmalhar, desenredar’.

Durante o processo de captura dos peixes, quando a rede fica presa na pedra, é preciso realizar uma ação que se nomeia **safar**. Para tanto, o pescador mergulha e puxa a rede, desembaraçando-a. Observe-se o uso dessa lexia na fala do pescador:

O merguiadó é a pessoa que fica no batelão pra mergulhá pra **safá** a rede que prende na pedra.

(...)

O corredô, ele corre a rede. Quando chega em cima, ele faz: “Tá aqui!”. Aí você desce pra **safá** a rede. **Safa** a rede e sobe. (MIC-I)

A lexia **safar** é um termo da marinha que está dicionarizado como ‘desembaraçar (embarcação) do que possa atrapalhar as atividades a bordo, as manobras’. Em certa medida, uma rede embaraçada nas pedras também atrapalha as manobras da embarcação, o que interfere no sucesso da pescaria.

A forma lexical **safar** é de origem obscura. Conforme Coelho, Nunes e Leite de Vasconcelos (*apud* HOUAISS, 2001), provém do adjetivo *safó*, e este do inglês *safe* ‘seguro, salvo, fora de perigo’. Tal hipótese, entretanto, é descartada por Corominas (*id.*, *ibid.*). Conforme o autor, diferentemente do verbo **safar**, que tinha em sua origem uma acepção específica de caráter náutico, o inglês *safe* não tem. Ainda de acordo com o autor, em espanhol e português, o adjetivo *safó* é posterior ao verbo, e não se verificou influência do inglês no vocabulário náutico do espanhol antes do século XIX, o que poderia ser atribuído também ao português. No entanto, a hipótese proposta por Eguílaz (*id.*, *ibid.*), segundo a qual *safar* tem como étimo o verbo árabe *zah* ‘desaparecer, estar em lugar remoto, afastar-se’ é

aceita por Corominas. Nesse caso, ele argumenta que os verbos românicos de origem árabe entraram nessas línguas por meio de adjetivos ou substantivos, não procedendo diretamente de verbos árabes. Essa hipótese não é aceita por Machado (1967).

Pescar, ferrar, fisgar, matar o peixe e mariscar são as formas lexicais empregadas pelos pescadores da Ilha de Itaparica para dominar a ação de capturar seres marinhos por meio dos mais diversos tipos de apetrechos. De acordo com Ferreira (1999) e Houaiss (2001), **pescar** é ‘apanhar peixe na água’. Conforme Aulete (2013), é ‘fisgar (peixe) com anzol ou por outro processo’, bem como ‘praticar a pesca’. Para Morais Silva (1948), é ‘tomar peixe com rede, anzóis, etc. nos rios, à beira-mar, ou no alto’. Na comunidade em estudo, no entanto, essa lexia incorporou novos traços semânticos, tornando-se designativa também da ação de capturar e extrair mariscos.

Proveniente do latim *piscāre* (CUNHA, 1986; MACHADO, 1967), a lexia **pescar** coocorre com as lexias **ferrar, fisgar, matar o peixe e mariscar**, que têm sentidos mais específicos, estabelecendo com estas uma relação de hiperonímia. **Ferrar** denomina a ação de prender o peixe no anzol, atraindo-o com a isca, ou atingi-lo com o arpão na pesca de mergulho. Veja-se como o pescador define esse item lexical:

Ferrá pêxe é o pêxe... quando o pêxe come no anzol... aqui tá o anzol... ele come aqui no anzol e se **ferra**. Aí a gente balança e... puxa... e é **ferrá** o pêxe...aí chama-se **ferrá** o pêxe. Aí o anzolzinho tranca lá na boca do pêxe e... (M2C-V)

De uma maneira geral, a lexia composta **ferrar** (*ferro* + *-ar*) está dicionarizada como ‘por ferro’, ‘chapear’, dentre outras acepções. No entanto, dentre as obras que fundamentam esta pesquisa, apenas em Ferreira (1999) e Morais Silva (1948) se verificou registro desse item no campo léxico da pesca. De acordo com o primeiro, **ferrar** é ‘fisgar, pescar’; para o segundo, é ‘ferir e segurar com arpão’. O material do qual é confeccionado o objeto com o qual se fisga o peixe motivou a lexia.

De uma maneira geral, a forma lexical **fisgar** está registrada como ‘pescar ou capturar com fisga, anzol, flecha ou arpão’, uma acepção que converge para aquela que tem essa lexia na comunidade de pesca. Tem origem no latim vulgar *fixicare*, pelo latim *fixare* ‘fixar’, e este derivado do adjetivo *fixus*, particípio passado de *figere* ‘cravar’, que adquiriu o sentido de ‘fixado, que segura bem’, resultando no espanhol e português **fisgar** (HOUAISS, 2001).

Matar o peixe é outra forma lexical utilizada pelos pescadores para nomear a ação de capturar o peixe, seja com rede, anzol ou arpão. Trata-se de uma construção metafórica, portanto não significa propriamente a ação de matar o animal aquático, mas sim a ação de capturá-lo, pescá-lo. Nos trechos a seguir, é possível observar a ocorrência dessa lexia:

Não, que a maioria das veze a hente vai num lugá não tem, tem que ir pra outro lugá, botá o pano na canoa, a hente vai pra outro lugá. Às vezes, em Cacha Prego não tem, a hente vai pro rio da Barra, como não tem no rio da Barra, a hente retorna, vem **matá o pêxe** cá no rio de Jiribatuba, dendo rio, no caso.

(...)

A hente bota dois pano. No caso, duas vela na canoa... entra água, a gente tira... e a rede, no caso, é pra **matá o pêxe**, pra cercá o pêxe, no caso.

(...)

Matá o pêxe que eu falo assim de cercá o pêxe e pegá o pêxe, né? Cercá o pêxe, no caso. (M2A-V)

A lexia complexa **matar o peixe** não se encontra registrada nos dicionários gerais e etimológicos consultados.

O item lexical **mariscar** nomeia uma ação concernente à pesca de mariscos. Consiste em extrair mariscos na areia da praia, no mangue, nas rochas e pedras ou capturá-los na praia, com o uso de colher, faca, facão, isca, rapichel etc. (cf. Figura 51).



Figura 51: Ação de mariscar.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1506, obtida em 31/08/2012.

Na comunidade, geralmente aprende-se a **mariscar** com os pais, como se verifica no discurso da mariscadora:

Ó, aprendi com minha mãe porque minha mãe ia pra **mariscá**, ia tirá ostra, me levava; ia pescá siri, me levava... pescava aratu, a gente tirava caranguejo de braço, tudo isso. Aí aprendi com minha mãe. (F3B-I)

Mariscar é um lexia que se compõe do substantivo *marisco* + o sufixo *-ar* e, de forma geral, está dicionarizada com a mesma acepção que tem na comunidade: ‘colher, apanhar ou

retirar marisco de algum lugar’.

Durante a captura de mariscos, para localizar as colegas de pescaria, quando estas se afastam uma das outras indo para o outro ponto, as marisqueiras emitem uma espécie de grito: “Eiru!”. O ato de emitir esse grito é denominado por elas **fazer poeira**. No trecho a seguir, é possível verificar o emprego dessa forma lexical:

Ah... porque eu andano, eu e a minha colega, a gente é bem divertida. A gente tá trabalhano, tá mariscano, aí a gente fica **fazeno poêra** uma pra zozotra, pra vê de que lado ela tá. (F3B-V)

A lexia complexa **fazer poeira** se encontra registrada como gíria em Aulete (2013) e Ferreira (1999) com sentidos divergentes daquele que se registrou na comunidade de pesca. Conforme os autores, **fazer poeira** é ‘tumultuar’, ‘provocar confusão’ (AULETE, 2013); ‘provocar desordem’ (FERREIRA, 1999).

Catar, escamar, sair de sapateiro são formas lexicais que nomeiam ações finais do processo de pesca. Após a pesca, antes de sua comercialização, é preciso **catar** os mariscos. A ação de **catar** consiste em descarnar os mariscos (cf. Figura 52). Para tanto, é preciso fervê-los a fim de abrir a concha ou, no caso dos siris, caranguejo, camarão e aratus, amolecer a carapaça, bocas e as pernas. Durante esse processo, muitas vezes, os pescadores acabam se queimando, como se verifica na fala do informante:

Chega em casa, aí ele vai... a mulé ou ele mehmo cozinha. Eu mehmo lá em casa... oi pr’aqui (apontando para o pé), isso aqui mehmo é de queimadura de cozinhá siri, que eu fui pegá a panela, escorreguei, queimou o pé, né? É assim. Aí cozinha. Aí já tem... às vez, o cara tem a mulé que **cata**; às vez, a mulé já não **cata**, ele paga um pessoa pra **catá**. É cinco reais um quilo de siri pra **catá**, pessoal dá catado. Que tem muitos aqui que a mulé já não **cata**, aí ele já paga outro pra **catá**. (M3B-V)

Como se observa, embora **catar** seja uma ação predominantemente realizada por mulheres, alguns homens também se ocupam desse procedimento.



Figura 52: Ação de catar marisco.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1206, obtida em 19/07/2012.

Oriunda do latim *captāre* (Cunha, 1986), a lexia **catar** está registrada nos dicionários em que se baseia este estudo, com as seguintes definições: ‘recolher um por um entre outras coisas’, ‘retirar as impurezas de’, ‘escolher’, ‘limpar’, ‘selecionar’ (AULETE, 2013; FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001). Dessa forma, não se verificou registro da lexia **catar** com o sentido registrado na comunidade de pesca.

Nas comunidades da Ilha de Itaparica, para o ato de sair de uma pescaria sem ter conseguido capturar sequer um peixe, os pescadores costumam denominar **sair de sapateiro**. Essa lexia complexa não se encontra registrada nos dicionários consultados, mas a lexia composta *sapateiro* está registrada como ‘pescador ou caçador que regressa sem peixe ou caça’. No entanto, entre os pescadores não há uma explicação unânime para essa lexia. Alguns afirmam estar associada ao fato de voltar para casa sem peixes, com sapatos na mão. Outros dizem estar vinculada à figura do personagem “Chico Bento”, com a vara de pesca e uma bota fígada.

Outra ação que visa à comercialização do pescado se denomina **escamar**. Consiste em retirar as escamas do peixe, que é fundamental para a comercialização da sardinha e do maçambê, haja vista que estes são vendidos em filés, como se verifica no discurso a seguir:

A gente pega a faca e vai trabalhá. A gente **escama**... aí, se for pra tirá, se for a sardinha, o maçambê, a gente tem que fazê de filé, tem que tirá aquela espinha do meio. Tem que arrumá tudo certinho pra fazê aquele pacote. (F3B-V)

De uma maneira geral, a lexia composta **escamar** está dicionarizada com acepções que corroboram a que se verificou no *corpus* em análise: ‘re(tirar) as escamas’, ‘descamar’.

Composta a partir do acréscimo do sufixo *-ar* ao substantivo *escama*, **escamar** é uma *forma irregular que*, conforme Houaiss (2001) pode ter resultado de um equívoco em que a sílaba inicial *es-* teria sido considerada como prefixo com valor semântico de ‘privativo’, a exemplo de *escalvar* (< *es-* + *calvo* + *-ar*). No entanto, a noção de ‘perda de escama, retirada de escama’ é dada por *descamar*, do latim *desquamāre*, que se compõe do prefixo *de-* ‘privativo’ + substantivo *squama* + sufixo *-āre*. Ainda de acordo com o autor, também poderia se tratar de uma flutuação entre derivados *des-* e *es-*, fenômeno muito recorrente na língua portuguesa.

Durante a pescaria, quando a água penetra na embarcação mediante a recolha da rede ou em períodos de chuva, é necessário a ação de **desgotar** ou **esgotar**. Refere-se ao ato de retirar, com uma cuia ou caneco plástico, a água da embarcação para evitar que esta afunde. Veja-se o que diz o pescador:

A cuia é pra **esgotá** a água de dentro da canoa. Cê tá colheno a rede, aí vem a água. Às vez, tá choveno também, cai a água dentro da canoa, e a cuia é pra **esgotá**.

(...)

Má brabo, aí o barco toma água. Aí você tem que **disgotá**... **disgotá** pra o barco não ir pro fundo.

(...)

Disgotá é jogá a água de dentro da canoa pra fora, pro má. Já aconteceu aí fora d’eu passa a noite toda assim **disgotano** água pra não ir pro fundo. (M3B-V)

Como se observa, as variantes **desgotar** e **esgotar** coocorrem na fala do pescador.

Desgotar (*des-* + *gota* + *-ar*) é uma lexia composta que não se encontra dicionarizada. Já a forma **esgotar** (*es-* + *gota* + *-ar*) está registrada como ‘tirar até a última gota’, ‘secar’, ‘vazar completamente’, ‘exaurir’ (AULETE, 2013; FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001; MORAIS SILVA, 1948). Tais acepções convergem para aquele que se documentou na localidade em estudo.

Rodar o mar corresponde à ação de sair mar afora, pescando em áreas mais distantes do litoral, no alto-mar. Nas localidades da Ilha de Itaparica, nem todos os pescadores praticam essa ação, como se observa no discurso a seguir:

É... a pesca daqui de dentro não é profissional mehmo, que eu não **rodo o má** todo aí... artesanal aqui por dentro. (M1A-I)

A lexia complexa **rodar o mar** não se encontra registrada nos dicionários gerais e etimológicos da língua portuguesa. A lexia simples **rodar**, no entanto, está dicionarizada, dentre outras, com uma acepção que talvez justifique a motivação semântica desse item: ‘percorrer’. Assim, entre os pescadores, **rodar o mar** seria percorrer o mar.

4.1.1.10 Campo lexical dos peixes

As formas lexicais que denominam os animais aquáticos vertebrados e que possuem respiração branquial compõem o campo lexical dos *peixes*. Os itens desse campo são resultantes das respostas à questão 22 do questionário linguístico: _ “Quais são os tipos de peixes encontrados aqui?”. Perfazendo 23% dos itens lexicais, esse campo reúne 91 lexias. São elas: **agulha ~ agulha branca ~ agulhinha, agulha-pemba, amoreia ~ emboreia ~ moreia ~ caramburu ~ caramuru ~ caramurum, aracanguira, areacó, arraia, avoador, badejo, bagre, bagre-branco, baiacu ~ porco-espinho, baleia, barracuda, beijupirá ~ bejupirá ~ bijupirá ~ cação de escama, bicuda, biquara, bodeguinho, bonito, budião, cabeçudo, cação ~ tubarão, cação-estrela, cação-viola, caçonete, cacunda, cambuba, canapu ~ mero, caranha, carapeba, carapicu ~ carapicum, carapicuaçu, carrapato, cavala, chumberga (xumberga), cioba, corvina ~ curuvina, curimã ~ tainha, dentão, guaraçaim, guarajuba, guaricema, jaguaraçá, jabu, maçambê ~ maromba ~ sardinha, miroró, mutuca ~ mututuca, niqum-de-pedra, olho-de-boi, olho-de-vidro, pampo, peixe-galo, peixe-pena, pescada, pescadinha, pinima, pintado, piranha, pititinga ~ xangó, quatinga, robalinho, robalo, sambuio, saramonete, sororoca, taoca, tilápia, tontueira, vermelho ~ vermeio, vermelho-rabo-aberto, xaréu**. Notem-se os traços que as distinguem no Quadro 14.

As variantes **agulha**, **agulha-branca** e **agulhinha** são as formas lexicais empregadas na localidade para designar um peixe de pequeno porte, corpo alongado e muito estreito, com mandíbula bastante desenvolvida em forma de bico. Pode ser capturado com rede denominada agulheira ou através do encadeio na pesca embarcada realizada à noite. Veja-se a fala da informante:

É **agulhinha**, é um pêxe, **agulha** comprida que chama **agulha-branca**, é pêxe. (F2C-V)

De coloração branco-prateada, outro peixe dessa mesma espécie se denomina **agulha-pemba**. No trecho a seguir, verifica-se o emprego desse item lexical:

Aqui tem... Ave Maria! Carrapato, vermelho, agulha, **agulha-pemba**, agulha-branca, tem pêxe-galo, tem bagre, cação... tem tudo quanto é marca de pêxe aqui". (F3B-I)

Apenas Houaiss (2001) apresenta a lexia simples **agulha** (do latim *acūcūla*, em vez de *acūcūla*, diminutivo de *acūs* ‘agulha’) e lexia composta **agulhinha** (*agulha* + *-inha*) com a mesma acepção que se documentou na localidade. O autor as define como o mesmo que *peixe-agulha* ‘designação comum a diversos peixes beloniformes, da família dos belonídeos (gênero *Strongylura*) e especialmente da família dos hemiranfídeos (gênero *Hyporhamphus* e *Hemiramphus*), que possuem o corpo muito alongado e estreito’. Para os demais autores consultados, **agulha** denomina um peixe de maior porte do que aquele a que se referem os pescadores da comunidade em estudo. A lexia composta **agulha-branca** está registrada nos dicionários gerais com a mesma acepção que se verificou no *corpus*. **Agulha-pemba** é um item lexical não dicionarizado.

O peixe recebe essa denominação em função do seu corpo alongado e sua mandíbula em forma de bico e pontiaguda, o que o torna semelhante a uma *agulha* ‘haste de aço, pequena e fina, com pequeno orifício pelo qual se passa linha, usado para coser, bordar, costurar etc.’ (AULETE, 2013). Trata-se, portanto, de uma relação metafórica. A cor do peixe motivou as formas compostas.

Os peixes de pele que têm o corpo muito alongado, com nadadeira que se estende do dorso até o ânus, sem escamas, dentes fortes, encontrados na praia ou enterrados na areia são denominados pelas formas variantes **amoreia** ~ **emboreia** ~ **moreia** ~ **caramburu** ~ **caramuru** ~ **caramurum**. Corresponde a uma espécie bastante agressiva e que algumas pessoas consideram resultante do cruzamento de peixe com cobra, devido a sua estrutura (cf. Figura 53).



Figura 53: Caramuru/moreia.
 Fonte : Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1225,
 obtida em 31/08/2012.

Sobre esse peixe, veja-se o que dizem os informantes:

Caramuru é... o povo diz até que é cobra... que é um bicho assim que, a dependê a posição que ele esteja e você passá por dentro d'água, ele lhe morde. (F1C-I)

Qué dizê, a hente leva a linha tamém, de espera, né, que é pra botá. No caso, pra pegá pêxe grande. No caso, uma arraia, um xaréu, um rubalo, um **caramurum**, pêxe que parece uma cobra, pêxe grande. Ele é verde. (M2A-V)

Tem o **caramuru**, que uns chama **morêa**, otros chama... morde; tem mututuca, pinima, tem um niqim-de-pedra, que é um venenoso. (M3A-V)

Eu tirava era... **emborêa**, um pêxe comprido assim, eu tirava do buraco... **emborêa**. Tem umas pessoa que chama **amorêa**, **amorêa**, mas é **emborêa**. Cada uma... quando ela estremece lá no fundo, parece uma cobra, mas a gente que já conhecia, só era pegá ela fica de cabeça pra baixo, a gente pegava ela pelo o rabo, vinha trazeno. (F3B-I)

Amoreia, do tupi *amo're* 'peixe da família dos gobiídeos', é uma lexia simples que se encontra registrada com sentido diferente do que se verificou no *corpus*, embora se enquadre no campo da pesca. Nas obras consultadas, é o mesmo que *amoré* 'peixe teleóstéo, perciforme, gobiídeo (*Bathygobius soporator*), do Atlântico, com nadadeira ventral numa só peça, dotada de uma espécie de ventosa central, com que se prende às pedras'. Por isso supõe-se que o item lexical **amoreia** seja uma forma protética da lexia **moreia**, a qual está

dicionarizada com acepções que convergem para a que se registrou na comunidade em análise. Em Houaiss (2001), está registrada como sinônimo de **caramuru**, corroborando, dessa forma, o sentido com que os pescadores a empregam na localidade. Sua origem está no latim *mūraena* ou *mūrēna*, derivado do grego *mṽrainā*.

Emboreia não se encontra dicionarizada e certamente se trata de uma forma resultante de alteração da lexia **moreia**, através dos processos de prótese e epêntese.

A lexia simples **caramuru** vem do tupi *karamu'ru* 'peixe do mar da família dos murinídeos', 'moreia'. Nos dicionários gerais consultados, as acepções apresentadas para esse item convergem para aquela documentada nas comunidades da Ilha de Itaparica.

A forma lexical **caramburu** também está dicionarizada, porém apresenta uma acepção divergente. De acordo com as obras consultadas, trata-se de uma 'bebida refrescante, feita de milho', 'aluá'. No campo em análise, trata-se de uma forma epentética da lexia **caramuru**.

A forma variante **caramurum** não se encontra registrada.

Um dos peixes considerados "de primeira qualidade" pelos pescadores, porém de pouca importância para a economia local, denomina-se **aracanguira**. É um peixe de grande porte, coloração branco-prateada, de corpo alto e comprimido nas laterais, assemelhando-se ao peixe-galo. Sua captura se dá através da pesca de linha. É uma espécie que não se encontra em abundância na Ilha, por isso, geralmente quando os pescadores conseguem capturar um exemplar, preferem consumi-lo a vendê-lo. Sua carne é muito apreciada. Na fala a seguir, é possível verificar a ocorrência do item lexical que o denomina:

Aqui nós pegamos caranha, xaréu, **aracanguira**, beijupirá, a cavala, arraia, vermelho, pintado... tem vários tipos. (M2A-I)

Nos dicionários gerais, essa forma lexical está registrada com a mesma acepção que tem na comunidade em estudo. **Aracanguira** provavelmente tem origem no tupi. De acordo com Nascentes (*apud* HOUAISS, 2001), o final dessa lexia provém de *gwi'ra* 'ave', em referência a sua nadadeira que é semelhante a uma pluma.

Um peixe encontrado abundantemente e de importância comercial é designado pela lexia **areacó**. Trata-se de um peixe de pequeno porte, de coloração esverdeada no dorso, ventre rosado e uma mancha escura na lateral. Pode ser capturado através das mais diversas artes de pesca, como vara, rede, armadilhas etc. A ocorrência desse item pode ser verificada da fala a seguir:

Aí tem caranha, tem badejo, tem cavala, tem guaraçaim, tem o vermelho, **areacó**, tem o vermelho-rabo-aberto, tem o dentão, a cioba, tem pêxe-pena, tem taoca, tem arraia, tem cação-viola, tem tudo... olho-de-boi... (F2C-V)

Proveniente do tupi, essa lexia simples está registrada em Houaiss (2001) com o mesmo sentido que tem na localidade. Conforme o autor, é o mesmo que *vermelho-henrique*: ‘peixe actinoptérigo, perciforme, lutjanídeo (*Lutjanus synagris*), da costa atlântica, de dorso esverdeado, abdômen róseo, flancos com cinco a seis estrias longitudinais da mesma cor, nadadeiras ímpares tendentes ao amarelo, mancha negra sobre a linha lateral, abaixo dos raios moles da dorsal, a caudal vermelha e a dorsal com duas faixas longitudinais douradas’. Com a mesma acepção, Ferreira (1999) registra apenas a variante *ariacó*. Como essa espécie vive em fundos arenosos, alguns consideram a forma *areacó* resultante da influência do vocábulo *areia* (HOUAISS, 2001).

Um dos peixes de grande porte, corpo achatado, cartilaginoso, de forma discoide, com nadadeiras muito desenvolvidas é nomeado **arraia**. De várias espécies, esse peixe, que pode atingir até 7 metros, vive no fundo do mar e costuma se enterrar na areia. Possui cauda com ou sem ferrão, com os quais atacam suas vítimas injetando a substância peçonhenta que produz. Essa substância pode causar dor, inchaço e febre. Por isso muitos pescadores têm receio de lidar com essa espécie marinha. Veja-se o que dizem os informantes sobre essa espécie:

A **arraia** mesmo, eu conheço várias pessoas... não posso nem dizê que foram duas ou três, são várias que a **arraia** pega e bota um esporão daquele, que ela tem um esporão enorme e... cravô ali, aí a pessoa leva, três mês, quatro mês até se curá, que muitos tem outros problemas de saúde, e vem uma série de coisas que aumenta aquela gravidade ali, mas é provocado por pêxe do má mesmo. (M3A-V)

Pescaria boa aqui... um rapaz pegô um pêxe, uma **arraia** muito grande, que pra carregá foi mais de cinco homem. (M3A-I)

Tal como figura no *corpus*, esse item lexical também foi registrado por Sousa (1851, p. 286-287):

Arraias ha na Bahia muitas, as quaes chamam os índios jabubirá e são de muitas castas como as de Lisboa, e morrem á linha e em redes; ha umas muito grandes e outras pequenas, que são muito saborosas e sadias

O item lexical que designa esse peixe está dicionarizado como o mesmo que *raia* (< latim *rāia* ou *rāja*, ‘espécie de peixe do mar’) ‘designação comum aos peixes elasmobrânquios da ordem dos rajiformes, que geralmente possuem corpo discoidal com nadadeiras peitorais muito desenvolvidas, cinco pares de fendas branquiais na região ventral, cauda com ou sem ferrão, e são bentônicos e ovovivíparos’ (HOUAISS, 2001). Tal acepção se enquadra naquela com que esse item figura no *corpus*. **Arraia** é uma forma protética da lexia *raia*, talvez por aglutinação do artigo feminino, conforme Houaiss (2001).

Outro peixe muito comum na comunidade é nomeado **avoador**. É um peixe de pequeno porte, corpo alongado e fino, de coloração azul-esverdeada, nadadeira longa, e que vive na costa litorânea. De grande importância como fonte de alimento para a comunidade, costuma ser capturado através da pesca com redes ou linha, bem como através de encandeio na pesca embarcada. Conforme os pescadores, está entre os peixes mais capturados na região, como se pode verificar na fala transcrita a seguir:

Aqui, no caso, é a tainha, o rubalo, a carapeba, o vermelho, o cabeçudo, a chumberga, a cacunda, o pêxe que chama **avuadô**. Esses pêxes mais procurados aqui... procurados, não, quer dizer, os pêxes que a gente pega mais na rede. (M2A-V)

A lexia **avoador** está registrada nos dicionários que fundamentam este trabalho com acepção diferente da que se verificou na localidade. Considerada uma gíria, é abonada por Aulete (2013), Ferreira (1999) e Houaiss (2001), como: ‘velhaco’, ‘trapaceiro’, ‘tratante’, ‘patife’. Portanto deduz-se que esse item seja uma forma protética da lexia *voador*, a qual apresenta acepções dentro do campo da pesca. Para fugir de seus predadores, essa espécie costuma dar pequenos voos planados sob a superfície da água, o que é possível devido às suas nadadeiras peitorais muito desenvolvidas. Isso justifica a motivação para a lexia que o denomina.

Na Ilha de Itaparica, são muitas as espécies de peixe de grande representatividade, e entre elas está o **badejo**. Refere-se a peixe de escamas, coloração escura, com manchas, corpo robusto, alongado, que vive em fundos rochosos. De sabor considerado excelente, possui grande importância comercial. Embora seja muito arisco, pode ser capturado com linha, rede ou armadilhas. De acordo com os pescadores, é uma espécie que está se tornando cada vez mais escassa, como se verifica discurso do informante:

Eu acho que diminui a quantidade de pêxe... porque... é... você vê hoje e você deve sabê que o **badejo** é escasso; o rubalo também se tornou escasso; o mero, hoje você vê que quase não existe o mero mais. ((M2C-V)

A lexia **badejo** tem origem no castelhano *abadejo*, diminutivo de *abad* ‘superior de um convento, sacerdote’. Está dicionarizada com o mesmo sentido que se apurou na comunidade de pesca.

Assim como a arraia, outra espécie que possui ferrão e produz uma substância venenosa é o **bagre**. Corresponde a um peixe de pequeno porte, corpo liso coberto de muco, achatado, com barbilhões. Possui espinhos na dorsal através dos quais injetam uma substância tóxica que, muitas vezes, afeta a saúde dos pescadores, como deixa evidente a fala do

informante:

Tem um pêxe chamado **bagre**, ele cravô aqui (mostrando o lugar), esse carocinho aqui foi o lugá. Isso cravô aqui que me deu confusão. Eu fui pra uma cidade ali, em Jaguaripe, que eu tava longe daqui... lá fui tomá injeção e tudo... levei oito dias sem trabalhá, com a mão inchada. É um pêxe chamado **bagre**, ele tem um esporãozinho pareceno um agulha, mas é venenoso mesmo e, por desacerto meu, enfiô aqui". (M3A-V)

A forma lexical que nomeia essa espécie está dicionarizada com a mesma acepção que se observou no *corpus*. De origem incerta, conforme Corominas (*apud* MACHADO, 1967), talvez provenha do latim *pagrus* (< gr. *párgos*) ‘pargo’, um peixe teleósteo, através do moçárabe, que deu origem ao árabe hispano e africano *bâgar*. Ao tratar dos peixes de couro que havia na Bahia, Sousa (1851) registra esse item lexical. De acordo com o autor, o **bagre** era denominado *guri* pelos índios.

A lexia **bagre-branco** nomeia uma espécie de bagre de coloração parda, ventre claro, com algumas manchas, dentes palatinos semelhantes a cerdas. É um dos peixes mais capturados na comunidade de Baiacu. Na enumeração a seguir, é possível verificar a realização desse item lexical:

É tainha, é **bagre-branco**, é vermelho, é pescada, sororoca, é maçambê, (?). (F3B-V)

A forma lexical que nomeia esse tipo de bagre está dicionarizada com o mesmo sentido apurado na comunidade de pesca. A coloração do peixe é a motivação semântica para a lexia composta.

O item lexical **baiacu** também denomina um peixe muito temido por alguns pescadores. Trata-se de uma espécie que possui espinhos e se infla quando ameaçada. Seus espinhos não produzem substância peçonhenta, mas sua carne pode ser venenosa se não for tratada adequadamente. Sua cor é variável, entretanto alguns exemplares são de tom acinzentado confundindo-se com a areia e as rochas da praia, como se pode comprovar através da Figura 54.



Figura 54: Baiacu ou porco-espinho.
Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1499, obtida em 31/08/2012.

A lexia **baiacu** foi documentada por Sousa (1851, p. 291), que também explicita as características desse peixe:

Baiacu é um peixe que quer dizer sapo, da mesma côr e feição, e mui peçonhento, mormente a pelle, os fígados e o fel, ao qual os índios com fome esfolam, e tiram-lhe o peçonhento fóra, e comem-nos; mas se lhes derrama o fel, ou lhes fica alguma pele, incha quem o come até rebentar; com os quaes peixes assados os índios matam os ratos; os ques andam sempre no fundo da água.

Segundo Cunha (1986), a lexia simples **baiacu** provém do tupi *üamaia'ku* ‘nome de diversos peixes da família dos tetrodontídeos’. Para Houaiss (2001), vem do tupi *gwambaya'ku* ou reduzido a *mbaya'ku*, com variações no português decorrentes das flutuações na adaptação do tupi *-gw-* > *-gu-/-g-/-u-* ou supressão, do tupi *-mb-* > *-m-/-b-/-v-*, do tupi *-ya-* > queda da sílaba ou da nasalidade, desenvolvimento de consoante nasal etc.

O peixe **baiacu** também é designado pela forma lexical composta **porco-espinho**, como afirma a pescadora:

Isso aqui é conhecido como **baiacu, porco-espinho**. A gente aqui chama de **baiacu** também”.
(FIC-I)

Porco-espinho é uma forma lexical que está registrada nos dicionários gerais como o ‘mesmo que ouriço-cacheiro’ e, sob a rubrica “zoologia”, como ‘nome comum dado aos roedores da família dos *histicídeos* da Europa, África e Ásia, dotados de longos espinhos’. Tais acepções divergem da que se documentou na comunidade de pesca. A motivação para essa forma talvez se encontre na própria morfologia do peixe, o qual possui espinhos que o

fazem lembrar o animal roedor.

Uma espécie marinha que teve grande importância para a economia local do século XII ao XIX na Ilha de Itaparica se denomina **baleia**. Não se trata de peixe, mas sim de um mamífero cetáceo. No entanto, os pescadores da comunidade se referem a essa espécie como se assim o fosse. Possui apenas os membros anteriores, os quais são adaptados como nadadeiras. Dessa forma, tem o corpo semelhante ao de um peixe. Em consequência da pesca indiscriminada, essa espécie se encontra ameaçada de extinção. Sua captura se dá através da pesca com arpão ou com o uso de catueiro, como revela o discurso do pescador:

Hoje não usa mais não, que meu pai mesmo, ele era o pescadô mais antigo daqui, ele usava um tipo de pesca chamado catuêro porque antigamente aqui dava tubarão, tubarão e **balêa**, na época dele. (M1A-I)

Nos dicionários gerais, a lexia **baleia** está registrada com a seguinte acepção: ‘designação comum às várias espécies de grandes mamíferos cetáceos, marinhos, principalmente as das famílias dos balenídeos e dos balenopterídeos’ (AULETE (2013; FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001). Na comunidade em estudo, esse item adquiriu o traço semântico [+ peixe de grande porte], motivo pelo qual esse item foi incluído no campo lexical dos peixes.

De acordo com Cunha (1986) e Machado (1967), a lexia simples **baleia** é oriunda do latim *bālena* ou *ballēna*.

Outro peixe de grande porte encontrado na localidade se denomina **barracuda**. De corpo alongado e roliço, coloração prateada, é um peixe agressivo e voraz, que pode atingir até 3 metros. Quando adultos se alimentam de dinoflagelados tóxicos, por isso sua carne é tóxica, embora muito apreciada. No trecho a seguir, é possível verificar a ocorrência da forma lexical que denomina esse peixe:

Ah, são vários... xaréu, tainha, cavala, bijupirá, rubalo, mero, é... guaricema, cabeçudo, tem mais... tem sardinha tamém... tem muitas, tem **barracuda**, tem dentão, tem caranha... uma variedade de pêxe imensa. Agora, pra conseguir capturá esses tipos de pêxes tem que tê pescadô adequado pra isso, pescadô mehmo, porque não é qualqué pessoa que vem e encontra não, que é muito difícil, que tem os pontos que eles passam. (M1A-I)

A lexia **barracuda** está dicionarizada com o mesmo sentido empregado na comunidade em análise. Esse item provém do espanhol *barracuda*, forma dialetal de Valência (Espanha) ou espanhol americano, provavelmente adaptado de uma língua indígena do Pacífico (HOUAISS, 2001).

As variantes fonéticas e lexicais **beijupirá**, **bejupirá**, **bijupirá** e **cação-de-escamas**

denominam um peixe de grande porte, corpo alongado e subcilíndrico, de coloração escura, com faixas prateadas, cabeça grande e achatada, encontrado em alto-mar e, ocasionalmente, em águas rasas. É considerado um peixe “de primeira qualidade” pelos pescadores e de grande importância comercial na localidade. São capturados através da pesca de linha ou arpão. O pescador assim o define:

Beijupirá é um tipo de cação, só que ele é de escama. (M2A-I)

As lexias **beijupirá** e **bijupirá** estão registradas com o mesmo sentido apurado na comunidade em estudo: ‘peixe teleósteo, perciforme, da família dos raquicentrídeos (*Rachycentron canadum*), com cerca de 2 m de comprimento, dorso marrom-escuro, duas faixas longitudinais e o ventre claros, que ocorre no Atlântico ocidental’ (FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001). Aulete (2013) registra a forma **beijupirá** como ‘peixe marítimo muito apreciado (*Rachycentron canadus*)’. No capítulo CXXX “Que trata dos peixes pesados e grandes”, Sousa (1851) documenta o item lexical **beijupirá** ao descrever um peixe de cor parda, cabeça grande, gorda e maciça, ossos tenros, de escamas grandes e muito saboroso, o qual era pescado com arpão ou anzol, e poucos índios sabiam capturá-lo. Conforme o autor, era o peixe mais estimado do Brasil.

A forma **beijupirá** não se encontra registrada nas obras consultadas.

De acordo com Cunha (1986), essas formas lexicais têm origem no tupi *mĩũupi'ra*. Para Machado (1967), provém do tupi *meyu pi'ra*. Para Houaiss (2001), vem do tupi *mbĩyupi'ra* 'id.', de *mbe'yu* 'beiju' + *pi'ra* 'peixe'. Conforme o autor, as variações decorrem das flutuações de adaptação ao português de vogais pretônicas, da evolução *-mb-* > *-b-/-m-* ou da assilábica *-y-* > *-i-/-j-*, de consonantização ou mudança vocálica do *-ĩ-* fechado central não arredondado etc.

Na Ilha de Itaparica, esse peixe também é denominado **cação-de-escama**, como revela a fala do pescador:

Badejo, xaréu, vermelho, guaricema, dentão, cioba, cavala, caranha, guaraçaim, rubalo, mero, que tá em extinção... a gente praticamente não pega... e **cação-de-escama**, que a gente chama **beijupirá**. (M3C-V)

Dentre as obras que servem de base a este trabalho, apenas Ferreira (1999) e Houaiss (2001) registram a lexia composta **cação-de-escamas**. De acordo com os autores é o mesmo que *bijupirá*. Esse peixe é considerado um tipo de cação, porém se difere dos da maioria dessa espécie por apresentar escamas, o que motivou essa forma lexical.

Um dos peixes de carne também muito apreciada na localidade se denomina **bicuda**. De pequeno porte, corpo alongado e cilíndrico, boca grande e pontuda e muito proeminente, com dentes caninos, encontrado em ambientes costeiros. Conforme os pescadores, é um dos peixes que se encontram em abundância na Ilha, como se pode deduzir através do fala do informante:

Tem vermelho, chumberga, cavala, **bicuda**, carrapato, sambuio, carapicuaçu, xaréu, rubalo... esqueci agora o nome da outra... arraia, curuvina. São os pêxe que a gente mais encontra aqui. (M1C-I)

Com a mesma acepção verificada na comunidade, a lexia composta **bicuda**, forma substantivada de *bicudo*, está registrada apenas em Ferreira (1999) e Houaiss (2001). A boca pontuda e saliente do peixe motivou esse item lexical.

Dentre a variedade de peixes encontrados na localidade, está a **biquara**. Trata-se de um peixe de pequeno porte, coloração prateada, boca grande. Sua carne é considerada de qualidade inferior. Pode ser capturado através da pesca de linha ou armadilhas. No trecho a seguir, é possível verificar a realização dessa forma lexical:

Vermelho, guarajuba, **biquara**, bonito, vários tipos de pêxe, (?), olho-de-vidro, jabu, é... cavala, cabeçudo, tainha, rubalo, sardinha, agulha, vários tipos. (M1A-V)

Nas obras consultadas, a lexia simples **biquara** se encontra registrada com o mesmo sentido que se verificou na comunidade de pesca. Esse item é uma forma aferética de *abiquara*, do tupi, com o elemento inicial obscuro e o elemento *-quara* < *kwara* 'buraco, cova, toca'. Não foi possível apurar a motivação semântica para essa lexia.

Outro peixe muito abundante e de grande importância comercial é nomeado pelo item lexical **bonito**. De pequeno porte, corresponde a um peixe de corpo alongado e fusiforme, de coloração azulada, com manchas ou listras, encontrado em águas superficiais no mar aberto ou em ambientes costeiros. Muito parecido com o atum, diferencia-se deste por seu tamanho inferior e por apresentar manchas. A ocorrência dessa lexia pode ser verificada na enumeração feita pela pescadora:

Sei, a maioria: pêxe maçambê, tem tainha, tem curvina, tem vermelho, tem rubalo, arraia... tem vários tipos... **bonito**, vários tipos... (F2C-I)

A lexia simples **bonito** está dicionarizada com a mesma acepção que se documentou na localidade em estudo. Conforme Houaiss (2001), é uma 'designação comum a diversos peixes teleósteos perciformes da família dos escombrídeos, de corpo fusiforme e de tamanho

que varia entre a cavala e o atum'. Para o autor, essa forma lexical provavelmente tem origem no espanhol *bonito* 'bonito, lindo', diminutivo de *bueno*, através de um processo semântico simultâneo ao do latim *bellus* 'lindo', originalmente diminutivo de *bônus*. Para Ferreira (1999), provém do baixo latim *boniton*. Sobre essa proposição, Corominas (*apud* HOUAISS, 2001) salienta que há o registro de *boniton* em um tratado de peixes em latim do fim da Idade Média. Cunha (1986), por sua vez, afirma que esse item lexical provavelmente tem origem no castelhano *bonito*, de *bueno*. A aparência do peixe motivou essa forma lexical.

Durante a pescaria com rede de malha muito estreita, muitas vezes, são capturados peixes ainda em fase de crescimento. Para denominar o peixe que se encontra nesse estado, os pescadores empregam a forma **bodeguinho**. Veja-se a fala do informante:

O futuro da pesca é, se o pescadô tivê atividade e sabê trabalhá com o juízo certo... se eles, um bocado de pescadô pensasse do meu jeito, a pescaria melhorava... porque eu não gosto de pescá pêxe miúdo. Eu me sinto mal quando eu vou pescá em rede vinte e cinco e pego aquele **budeguinho** assim (gesto indicando tamanho pequeno)... dá vontade de soltá aquele. (M3B-V)

Esse item não se encontra registrada nos dicionários que fundamentam este trabalho. No entanto, de raiz semelhante, encontra-se registrada a lexia *bodeco*, como regionalismo empregado na Amazônia com o sentido de 'filhote jovem de pirarucu'. Esse item lexical parece estar relacionado com a forma **bodeguinho**.

Outro peixe cuja carne é considerada tóxica se denomina **budião**. Refere-se a um peixe de pequeno porte, corpo alongado e achatado lateralmente, coloração pardacenta com tons variados. Habitante de águas rasas, vive próximo a pedras e recifes e pode ser encontrado sozinho ou em pequeno grupos. É um dos peixes encontrados em abundância na comunidade durante o verão. Observe-se o que diz o pescador sobre essa espécie:

Aqui tem a guaricema, tem o cabeçudo, tem o vermelho, **budião**... dá muito **budião**. **Budião** é um pêxe que dá nas pedra, mas só dá com o tempo bom e água limpa. No caso, ele tem época, ele tem a época de dá. Qual é a época do **budião**? Geralmente começa em novembro, dezembro, janêro. O tempo tem que tá bom, perfeito, todo certinho o tempo e a água limpa. Esse aí dá demais, esse **budião** dá demais, mas só dá nessa época. Nessa época aí agora aqui, ele não dá porque a água suja... a gente não pega com água suja; só com água limpa. (M1C-V)

A lexia **budião** está dicionarizada com a mesma acepção que se documentou na comunidade em pesquisa. É o mesmo que *bodião* 'designação comum aos peixes teleósteos, faringógnatos, escarídeos, especialmente os dos gêneros *Scarus* e *Cryptotomus*, de escamas grandes e redondas, colorido vivo, e variegado, dentes fundidos uns nos outros, formando dentadura inteiriça e muito forte' (FERREIRA, 1999). De origem obscura (CUNHA, 1986; MACHADO, 1967), *bodião* talvez tenha se originado da lexia *bode* 'macho da cabra', em

função do aspecto repulsivo que tem o peixe devido à viscosidade de suas escamas. (COROMINAS, *apud* HOUAISS, 2001).

Cabeçudo corresponde a um peixe de médio porte, de corpo alongado, cabeça volumosa, dorso azul-escuro e abdômen amarelado, como se verifica na fala do informante transcrita a seguir:

A arraia tem as costa branca e as costa mei' amarela e a curuvina é meia esbranquecenta. O vermelho é vermelho mehmo. **Cabeçudo** é mei' amarelo. (M3B-I)

A lexia composta **cabeçudo** (*cabeça* + *-udo*) está registrada com a mesma acepção que se observou na Ilha de Itaparica. O volume da cabeça do peixe motivou essa lexia. O seu processo de criação é muito produtivo na língua portuguesa através do acréscimo do sufixo *-udo*, que exprime ideia de abundância, excesso, característica aumentada, ao substantivo. Assim é possível formar adjetivos, como *barbudo*, *barrigudo*, *beijudo*, *bicudo*, *bigodudo*, *bochechudo*, *braçudo*, *buchudo*. No que se refere à denominação do peixe, o adjetivo *cabeçudo* foi substantivado.

As formas variantes **cação**, **tontueira** e **tubarão** nomeiam um peixe de esqueleto cartilaginoso, corpo fusiforme, robusto, de pele, encontrado em regiões costeiras ou em mar aberto. Sua carne é muito consumida, embora seja de qualidade duvidosa. Sua captura se dá através da pesca com rede ou catueiro. Na Ilha de Itaparica, encontra-se em processo de extinção, como se pode deduzir através da fala do informante:

Hoje não usa mais, não... que meu pai mesmo, ele era o pescadô mais antigo daqui, ele usava um tipo de pesca chamado catuêro porque antigamente aqui dava **tubarão**, **tubarão** e balêa, na época dele. (M1A-I)

Por se tratar de um peixe muito robusto e voraz, sua captura requer habilidade e força, como se verifica no discurso do pescador:

Tontuêra é um **cação**. Peguei nove hora do dia; quando fumo acabá de matá era onze hora da noite, ferrada pela cauda. (M3C-I)

Em Houaiss (2001), a lexia composta **cação** (*caçar* + *-ão*) está registrada como 'mesmo que tubarão'. Morais Silva (1948) a registra como 'peixe marítimo murtelídeo (*Murtelus vulgaris* e *Murtelis lavis*) que vive nos mares quentes e temperados'. Aulete (2013) a abona como 'tubarão, especialmente de tamanho médio ou pequeno, e pescado para consumo'. Ferreira (1999) a define como 'designação comum a todos os peixes elasmobrânquios com fendas branquiais laterais e corpo de forma alongada, de tamanho

médio ou pequeno, e cuja carne, embora de má qualidade, é consumida pelo povo'. Como se observa, para os dois últimos autores, a variante **cação** é empregada conforme o porte do peixe.

O item lexical **tontueira** não se encontra dicionarizado. Trata-se de uma variação da forma *tintureira* (*tintura* + *-eira*) 'espécie de tubarão (*Galeocerdo articus*), muito feroz, que chega a atingir 10m de comprimento' (AULETE, 2013). Essa espécie possui riscas pretas ao longo das costas, as quais vão desaparecendo à medida em que o tubarão envelhece. Isso explica a motivação semântica da lexia que o denomina.

Cação-estrela é a forma lexical empregada para denominar a maior das espécies de tubarão. Esse peixe pode chegar até 18 metros de comprimento, mas, apesar de seu tamanho, é inofensivo ao homem. Deparar-se com uma espécie desse tipo é um dos acontecimentos mais importantes durante uma pescaria, como se verifica no discurso do pescador:

Já me aconteceu muito fato: já encontrei gente morto, boiando; já ferrei pêxe brabo; já vi pêxe brabo; já vi muito pêxe em cima do má que a gente não podia pegá, muito brabo; já vi **cação-estrela**. (M3C-I)

O **cação-estrela** é assim definido pelo pescador:

Ele é um cação que fica em cima d'água, que parece a estrela do céu, um cação grande. Ele vai daqui lá, engole um barco. Já vi isso tudo. (M3C-I)

O item lexical **cação-estrela** não está dicionarizado. As pintas claras que esse peixe possui, as quais lembram estrelas quando vistas abaixo da superfície da água, é a motivação semântica para forma lexical que o denomina.

Cação-viola é a lexia composta que nomeia um peixe de médio porte, corpo achatado e largo, com focinho pontudo, com cauda grossa e alongada, de cor olivácea, com manchas claras. Trata-se de uma espécie de raia que se encontra ameaçada de extinção. Na enumeração abaixo, o pescador emprega a lexia que denomina essa espécie:

Aí tem caranha, tem badejo, tem cavala, tem guaraçaim, tem o vermelho, areacó, tem o vermelho-rabo-aberto, tem o dentão, a cioba, tem pêxe-pena, tem taoca, tem arraia, tem **cação-viola**, tem tudo... olho-de-boi. (F2C-V)

O item lexical **cação-viola** está registrado em Aulete (2013) e Houaiss (2001), mas apenas este último apresenta, para essa lexia, uma definição condizente com a que se verificou na comunidade. Segundo o referido autor, é o mesmo que *viola* 'raia (*Rhinobatos percellens*) encontrada no Atlântico, com até 1 m de comprimento, que possui focinho longo,

dorso oliváceo com pequenas manchas claras e ventre branco-amarelado’. Ainda de acordo com o autor, é nomeada também *arraia-viola*, *guitarra* e *raia-viola*. O formato do corpo do peixe (cf. Figura 55), lembra o instrumento musical *viola*, o que motivou sua denominação.



Figura 55: Cação-viola.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1215, obtida em 19/07/2012.

Para denominar o filhote de cação, os pescadores empregam a lexia composta **caçonete** (*cação* sob a forma radical *caçon-* + *-ete*).

Observe-se o que diz o pescador ao citar os peixes comuns na localidade:

Cabeçudos, vermelho, curuvina, **caçonete**, filho de tubarão... **caçonete** é filho de tubarão... chumberga, guaricema, galo, arraia, esses pêxe tudo... (M3B-I)

A forma lexical **caçonete** está registrada em Aulete (2013) e Houaiss (2001) como ‘cação pequeno’, que corresponde ao mesmo sentido que se documentou na localidade em estudo.

Cacunda é o item lexical que nomeia um peixe de pequeno porte, corpo largo e chato, dorso mais convexo que o ventre, com listras escuras. A pescadora assim o define:

Cacunda é um pêxinho pequeno, meio quadriculado. (F1B-V)

Nas obras em que se fundamentam esse estudo, não se encontrou registro dessa lexia no campo da pesca. A forma lexical que denomina esse peixe se encontra dicionarizada, dentre outros, como ‘pessoa corcunda’. Conforme Nei Lopes (*apud* HOUAISS, 2001), essa lexia provém do quimbundo *kakunda* ‘corcova, giba’. A motivação para esse item pode ser

compreendida pela relação entre a aparência do peixe, que possui uma saliência no dorso, e a pessoa que tem a deformidade na coluna vertebral.

A lexia simples **cambuba** é a forma que denomina um peixe de pequeno porte, corpo alongado, dorso de coloração escura e ventre de coloração clara, de escamas, encontrado em águas rasas. De pouco importância comercial, é um peixe encontrado em abundância na localidade. No trecho a seguir, é possível verificar a ocorrência desse item lexical:

Vermelho, o bagre, arraia, curuvina, xaréu, cabeçudo, guaricema, pêxe-pena, **cambuba**, pêxe-galo, aí variedade... não muito, mas se acha. (M2C-I)

Essa forma, que provavelmente tem origem no tupi, está registrada em Houaiss (2001) com os mesmos semas observados na comunidade em estudo.

As variantes **canapu** e **mero** nomeiam um peixe de grande porte, corpo alongado e robusto, com espinhos na dorsal, de coloração esverdeada ou acinzentada, com pintas pretas. De carne muito apreciada, possui grande valor comercial. Está entre os peixes que se encontram ameaçados de extinção, como se verifica nos discursos dos pescadores:

Olhe, o **mero**, no caso, ele é um pêxe muito escasso. Ele é um pêxe de fundo, ele dá em locais muito fundo e ele tem a época de reprodução dele, que fica proibida a pesca, entendeu? (M1A-I)

Eu acho que diminui a quantidade de pêxe... porque... é...você vê hoje e você deve sabe que o badejo é escasso; o rubalo também se tornou escasso; o **mero**, hoje você vê que quase não existe o **mero** mais. Por quê? Porque a tendência foi acabá e, se você tira e não coloca, qual é a tendência? (M2C-V)

Possivelmente de origem tupi, a lexia simples **canapu** se encontra dicionarizada com a mesma acepção que possui na comunidade: ‘mesmo que mero’ (FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001). O item lexical **mero**, por sua vez, também está registrado como os mesmos semas observados na localidade em pesquisa. De origem incerta, conforme Cunha (1986), talvez provenha do castelhano *mero*.

O item lexical **caranha** denomina um peixe de pequeno porte, de corpo moderadamente alongado, coloração variável, com pequenas manchas nas escamas, boca grande com fortes dentes caninos, encontrado em águas rasas ou profundas. Pode ser capturado através das mais diferentes artes de pesca, como rede, linha, armadilhas etc. Sua carne é muito apreciada e possui grande valor comercial. Está entre os peixes mais encontrados na Ilha, conforme afirma o pescador:

O rubalo também tem o tempo que tá na disova, aí não pode pescá, mas já acabô. E o mero, ele é mais difícil de encontrá, agora rubalo, **caranha**, dentão, cavala, é o que mais se encontra aqui. (M1A-I)

De acordo com os dicionários gerais, a lexia **caranha** se refere a um peixe da família dos *lutjanídeos*, e as acepções que apresentam coincidem com a que se documentou na comunidade em estudo. **Caranha** provém do tupi *akara'ãia*, de *aka'ra* 'acará' + *ãia* 'dente', ou seja, *acará dentado*. Os dentes caninos que possui motivaram a sua denominação.

A lexia simples **carapeba**, peixe de pequeno porte, corpo ovalado e comprimido, coloração prateada escura, boca sem dentes. Sua captura se dá através de rede de arrasto, linha ou tarrafa. Embora sua carne seja saborosa, tem pouco valor comercial. É um peixe habitante de regiões costeiras, como se nota na fala do pescador:

Aqui tem vários tipos de pêxe, mas... muitas espécies que dá em má aberto, que é o alto-má, aqui não dá... que aqui tem mais tainha, rubalo, **carapeba**, vermelho, cabeçudo, carrapato... várias espécies, aqui tem várias espécies mesmo. (M3A-V)

Carapeba é uma lexia que se encontra registrada nos dicionários gerais com a mesma acepção verificada no *corpus*. De acordo com Moraes Silva (1948), trata-se de um peixe “muito saboroso e de escamas muito brilhantes, também chamado de *acarapeba*”. Assim, a lexia que denomina esse peixe é uma forma aferética de *acarapeba*, do tupi *akara'pewa*, de *akará* 'acará' + *pewa* 'chato, liso'. O formato do corpo do peixe, que é achatado, motivou esse item lexical.

As formas variantes **carapicu** e **carapicum** nomeiam um peixe de pequeno porte, corpo alongado e um pouco comprimido, coloração esverdeada, focinho curto e boca pequena. De pouco valor comercial, é capturado facilmente nas áreas costeiras, através da pesca com vara, como se observa na fala da pescadora:

Aqui tem a rede, tem essa que é linha de fundo, e tem de vara. O pessoal fica pescando aqui na praia de vara, pescano **carapicu**, pêxinho pequeno. (F2C-V)

A lexia **carapicu** vem do tupi *akarapu'ku*, de *aka'ra* 'acará' + *pu'ku* 'comprido' e está dicionarizada com o mesmo sentido verificado no *corpus*. A característica do corpo do peixe, que é alongado, motivou essa forma lexical.

A variante **carapicum** está registrada em Aulete (2013) como o 'mesmo que carapicu'.

Um tipo de peixe da mesma espécie do carapicu se denomina **carapicuaçu**. De carne muito saborosa, também é um dos peixes mais capturados na Ilha de Itaparica, como denota a

fala do pescador:

Tem vermelho, chumberga, cavala, bicuda, carrapato, sambuio, **carapicuaçu**, xaréu, rubalo... esqueci agora o nome da outra... arraia, curuvina. São os pêxe que a gente mais encontra aqui. (M1C-I)

Nos dicionários gerais, as lexias **carapicu** e **carapicuaçu** compartilham dos mesmos traços semânticos. Na comunidade em pesquisa, no entanto, este se difere daquele por apresentar o traço [+ de tamanho maior]. Através da etimologia da lexia **carapicuaçu** é possível verificar a distinção entre os dois tipos de peixe. Conforme Cunha (1986), essa forma lexical vem do tupi *akarapu'ku* ‘carapicu’ + *a'su* ‘grande, enorme’. O tamanho do peixe motivou a denominação.

Outro peixe também muito comum na comunidade se denomina **carrapato**. Trata-se de um peixe miúdo, de coloração escura, boca grande e desproporcional para o seu tamanho. No trecho abaixo, é possível verificar a ocorrência desse item lexical:

Aqui é tainha, maçambê, é **carrapato**, vermeio, carapeba, sambuio. Tem vários tipos de pêxe por aqui. (F1A-I)

A lexia **carrapato** está registrada nos dicionários gerais e etimológicos com acepção diferente daquela documentada na comunidade de pesca. Sob a rubrica “aracnologia”, é definida como ‘designação comum aos ácaros da família dos ixodídeos e argasídeos, que reúne cerca de 800 espécies de ectoparasitas de vertebrados terrestres’ (HOUAISS, 2001). Essa espécie costuma se prender fortemente à pele dos vertebrados para sugar-lhes o sangue.

No conto *O Santo que não acreditava em Deus*, em que João Ubaldo Ribeiro constrói uma narrativa a partir da reflexão de um pescador sobre os diversos tipos de peixes existentes no mundo, o personagem Quincas das Mulas afirma que essa espécie deve ter recebido o nome de **carrapato** “justamente por ser uma completa infernação, como os carrapatos do ar” (RIBEIRO, 1991, p. 127). De acordo com os pescadores da Ilha de Itaparica, muitas vezes, quando lançam anzol na intenção de pescar peixes de porte maior, o **carrapato**, que tem uma boca muito grande, costuma abocanhá-lo fortemente, o que causa aborrecimento. Assim o peixe é considerado tão inconveniente quanto o parasita. Talvez isso explique a sua denominação.

A forma lexical **carrapato** é de origem controvertida. Cortesão (*apud* MACEDO, 1967) atribui esse item ao espanhol *garrapato*, que se compõe de *garra* + *pata*, pela característica de a pata do animal prender-se à pele como garra. Corominas (*apud* HOUAISS, 2001) supõe tanto para o castelhano quanto para o português uma base *caparra* ‘sarça’ (o

carrapato e a sarça se agarram fortemente à pele), que é o nome desse aracnídeo em basco, moçárabe, aragonês e catalão ocidental, talvez de origem pré-romana. No que tange ao espanhol, propõe *garrapata*, derivado de *caparra* + *-ata*, que designa animais pequenos, afirmando que o português (< *carrapata*) mantém a antiga consoante inicial. Para Cunha (1986), a lexia resulta de uma metátese de *caparrato*.

A lexia **cavala** é empregada para nomear um peixe de médio porte, de escamas, corpo fusiforme e alongado, cabeça afilada e focinho pontudo. Está entre os mais capturados na localidade. Pode ser encontrado em ambientes costeiros ou alto-mar. É uma espécie de grande valor comercial, que é capturada principalmente através da pesca com rede de arrasto, como afirma o pescador:

Arrastão... arrastão que você pega **cavala** e vários tipo de pêxe. (M2B-I)

Nas obras que servem de base a esta pesquisa, a lexia simples **cavala** está registrada com a mesma acepção que se documentou na comunidade em estudo. De acordo com Cunha (1986), provém do latim *caballus*. Não foi possível apurar a motivação semântica para esse item.

As variantes ortográficas **chumberga** e **xumberga**, bem como a lexia **guaricema** denominam outro tipo de peixe muito comum na Ilha de Itaparica. De corpo alongado, relativamente alto e achatado lateralmente, com escamas e de coloração azul-esverdeada (cf. Figura 56), trata-se de uma espécie de baixo valor comercial. Denominado **chumberga** ~ **xumberga** quando filhote e **guaricema** na fase adulta, esse peixe pode ser capturado em ambientes costeiros ou em mar aberto. Veja-se o que dizem os pescadores:

Ah, são vários... xaréu, tainha, cavala, bijupirá, rubalo, mero, é... **guaricema**, cabeçudo, tem mais... tem sardinha tamém... tem muitas, tem barracudas, tem dentão, tem caranha... uma variedade de pêxe imensa. Agora, pra conseguir capturá esses tipos de pêxes tem que tê pescadô adequado pra isso, pescadô mehmo, porque não é qualqué pessoa que vem e encontra não, que é muito difícil, que tem os pontos que eles passam. (M1A-I)

Ói, a **chumberga** (**xumberga**), a época é essa... que ela vem de lá de fora com esse vento, vem de lá de Valença com esse vento e aqui fica preso nesses curral, essas coroa daqui. E é a época que os pescadore consegue arrumá uns pêxinhos. (F3A-I)



Figura 56: Guaricemas.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1535, obtida em 31/08/2012.

A lexia **guaricema** está dicionarizada com a mesma acepção que se verificou entre os pescadores. Segundo Cunha (1986), tem origem no tupi *üara'sima*, de *üara* 'guara' + *sima* 'liso'. Não foi possível apurar a motivação semântica para essa forma lexical.

Nos dicionários gerais, a variante ortográfica **xumberga** está registrada como 'filhote de xerelete' (AULETE, 2013; FERREIRA, 1999; HOUAISS 2001). Já **chumberga** está registrada apenas em Houaiss (2001) como 'indivíduo jovem de xaréu'. Na comunidade de pesca, não foi possível apurar a distinção no que tange à ortografia.

Houaiss (2001) supõe que **chumberga** tenha origem no antropônimo Friedrich Hermann Schönberg⁵³. No que se refere a **xumberga**, para o autor, provavelmente é o resultado do cruzamento dos radicais *xabreg-* e *chumberg-*, como no caso de *xumbrega* ~ *chumbrega*, por se tratar de um peixe barato, ordinário, como denotam esses itens lexicais.

A lexia simples **cioba** nomeia um peixe de médio porte, corpo largo, moderadamente alto, de coloração avermelhada, com escamas. De carne muito apreciada devido ao sabor suave, possui grande valor comercial. É um peixe capturado facilmente na região costeira,

⁵³ “Militar aventureiro alemão, marechal de França e par da Inglaterra, que reorganizou e comandou as tropas portuguesas (1661-1668) nas lutas contra o domínio espanhol; introduziu, em Portugal, diversas modas militares e tornou-se o árbitro da elegância lisboeta, imitado por peralvilhos e janotas, do corte de suas casacas e gibões ao modo como usava os bigodes, donde o sint. à chomberga, o subst. chomberga como 'homem elegante', o subst. chambergo como 'chapéu militar' etc.; ligam-se-lhe, p.ext., der. referentes a 'fanfarronice, jactância', por seus feitos militares (chamborgas) e a 'extravagância e corpulência', esperáveis, aos olhos portugueses, de um general teuto (chumbergas); quanto aos cognatos respeitante aos campos semânticos da 'embriaguez' (chambregado, chambregar, chumberga, chumbergar, chumbregar, chumbregado, chumbregueira/chumbrequeria), do 'comportamento indecoroso' (chambregação, chambregado, chambregar, chambrego, chumbregação, chumbregado, chumbregar, chumbrego) e da 'importunação' (chambregado, chambregar, chumbregado, chumbregar), por certo conexos com os da 'pancada' e do 'ferimento' (chumbergada, chumbregada, chumbregar), são especializações surgidas no Brasil, ligadas à pessoa do odiado governador, coevo, de Pernambuco, Jerônimo de Mendonça Furtado, alcunhado o Chumbergas (Xumbergas) por usar bigodes tufados à chomberga, o qual foi deposto pela nobreza rural em 1666 e devolvido preso a Lisboa por suas “arbitrariedades e atentados à honra, à liberdade e à fortuna dos seus infelizes governados” (L.A. Pereira da Costa, Vocabulário Pernambucano, 2ª ed., Recife, 1976) e a quem se imputa igualmente o abuso de ingestão de bebidas alcoólicas; os elementos chamberg-/chambreg-/chamborg-, chambrug-/chambrug- e chumberg-/chumbreg- são alterações de chomberg- já registráveis, por vezes, nos sXVII e XVIII; as var. gráficas iniciadas por x-, embora em certos casos tb. antigas na língua, neste dicionário são entradas remissivas para as f. em ch-” (HOUAISS, 2001).

como se pode deduzir através do discurso apresentado a seguir:

Tem sim. Tem os chamado pêxe de coice, que aparece só no verão, mais no verão. Chama pêxe de coice, são os pêxe que vem de outras localidade que vem encostá aqui pra fazê a disova, alguma coisa assim. E tem os pêxe que só fica aqui dentro mehmo, só aqui no canal. Vem a sororoca, o cabeçudo, o chumberga. Os daqui de dentro: **cioba**, carapeba... (F2C-V)

Cioba é um item lexical que está registrado com o mesmo sentido apurado entre os pescadores da localidade. Segundo Nascentes (*apud* HOUAISS, 2001), é de origem obscura. Não foi possível verificar o que motivou essa denominação.

As variantes fonéticas **corvina** e **curuvina** são empregadas para designar um peixe de pequeno porte, de coloração prateada, de corpo alongado e ligeiramente comprimido, que vive em ambientes costeiros. Pode ser capturado através das técnicas de arrasto, espera ou cerco. Sua carne apresenta grande importância comercial na comunidade. Nos trechos a seguir, é possível verificar a realização das variantes que nomeiam essa espécie:

Sei, a maioria: pêxe maçambê, tem tainha, tem **curvina**, tem vermelho, tem rubalo, arraia... tem vários tipos... bonito, vários tipos... (F2C-I)

Tem vermelho, chumberga, cavala, bicuda, carrapato, sambuio, carapicuaçu, xaréu, rubalo... esqueci agora o nome da outra... arraia, **curuvina**. São os pêxe que a gente mais encontra aqui. (M1C-I)

A lexia simples **corvina** está dicionarizada com o mesmo sentido com que se apresenta no *corpus*. De acordo com Cunha (1986), esse item provém do castelhano *corvina*, de *cuervo* ‘corvo’. Já a variante **curuvina**, não se encontra dicionarizada.

Curimã e **tainha** são as formas variantes que nomeiam um peixe de corpo alongado, coloração prata azulada, com listras longitudinais, cabeça larga e achatada lateralmente, boca pequena, que vive em estuários. Encontrado em abundância, é muito usado na culinária. Possui grande importância econômica, embora seja de baixo valor comercial. A realização dos itens lexicais que a designam esse peixe pode ser observada nas falas transcritas a seguir:

Pega rubalo, pega **curimã**, pega cavala, esses pêxe grande, pega xaréu. Esses pêxe grande, dez quilo, de sete, oito quilo. (M3B-V)

Tem vários tipos: tem **tainha**, tem carapeba, tem rubalo, tem vários tipos... tem a carapeba, tem o cioba, tem o chumberga... tem muitos. (M2B-V)

De acordo com Cunha (1986) e Machado (1967), a lexia simples **curimã** tem origem no tupi *kuri'mã*. Já a lexia simples **tainha**, conforme os autores, provavelmente vem do latim *tagēnia* (*taginia*, por metáfora), este derivado do grego *tagēnias* ‘bom para fritar’.

Dentre os peixes mais comuns na comunidade, também está o **dentão** (*dente* + *-ão*).

Refere-se a um peixe de médio porte, corpo alongado e moderadamente alto, de cor avermelhada, dentes caninos bem desenvolvidos, encontrado em estuários ou mar aberto. É uma dos peixes mais capturados na localidade, como se verifica na fala do informante:

Olhe, o mero, no caso, ele é um pêxe muito escasso. Ele é um pêxe de fundo, ele dá em locais muito fundo e ele tem a época de reprodução dele, que fica proibida a pesca, entendeu? Determinado por lei. O rubalo também tem o tempo que tá na disova, aí não pode pescá, mas já acabô. E o mero, ele é mais difícil de encontrá, agora rubalo, caranha, **dentão**, cavala, é o que mais se encontra aqui. (M1A-I)

A lexia composta **dentão** está dicionarizada com a mesma acepção que se documentou entre os pescadores. Conforme Pereira (2011), na comunidade de Bom Jesus dos Passos, em Salvador, esse item lexical é variante de *vermelho-rabo-aberto*.

Os dentes grandes do peixe motivaram essa forma lexical, através do processo de metonímia.

Guaraçaim é a forma lexical simples que nomeia um peixe de grande porte, corpo alongado e comprimido lateralmente, coloração branco-prateada, com dorso e cabeças mais escuros, olhos grandes, encontrado em águas profundas. Por ser um peixe “valente”, sua captura exige muita técnica e força. Veja-se a ocorrência desse item na enumeração a seguir:

Aí tem caranha, tem badejo, tem cavala, tem **guaraçaim**, tem o vermelho, areacó, tem o vermelho-rabo-aberto, tem o dentão, a cioba, tem pêxe-pena, tem taoca, tem arraia, tem cação-viola, tem tudo... olho-de-boi... (F2C-V)

O item lexical **guaraçaim** não se encontra registrado nos dicionários gerais e etimológicos da língua portuguesa. No entanto, estão dicionarizadas as suas variantes *guaraçaíma* e *guraçaim*, que não foram documentadas na localidade em estudo. Supõe-se que seja uma lexia de origem tupi.

Guarajuba é a forma lexical empregada pelos pescadores para designar um peixe de médio porte, corpo alongado e comprimido lateralmente, com uma faixa amarela que se estende do olho ao focinho, de escamas, coloração prateada, com nadadeiras amarelas, que pode ser encontrado na costa litorânea ou em alto-mar. Na citação do pescador, é possível verificar a lexia que nomeia essa espécie de peixe:

Vermelho, **guarajuba**, biquara, bonito, vários tipos de pêxe, (?), olho-de-vidro, jabu, é... cavala, cabeçudo, tainha, rubalo, sardinha, agulha, vários tipos”. (M1A-V)

Do tupi *gwara'yuba* ou *wara'yuba*, o item **guarajuba** está dicionarizado com um sentido diferente daquele documentado na localidade. As definições encontradas para essa

lexia se referem ao *Caranx crysus*, *Caranx lattu* e *Selar crumenophthalmus*, enquanto na comunidade ela é empregada para denominar o *Caranx bartholomaei*. Não foi possível apurar a motivação semântica para essa forma lexical, que também é um topônimo. Denomina uma praia situada no litoral norte da Bahia.

O item lexical **jaguaraçá** nomeia um peixe de pequeno porte, corpo alto, alongado e achatado lateralmente, coloração avermelhada, com listras amarelas, olhos grandes, escamas muito ásperas e bem implantadas na pele, que vive em tocas e fundos rochosos. Possui pouco valor comercial. Na enumeração abaixo, é possível verificar a realização dessa lexia:

Ah, são vários: tem budião, carapicu, **jaguaraçá**, tainha, tem vários pêxe. (M1C-V)

Esse item está dicionarizado com o mesmo sentido com que figura no *corpus*. Provém de *jaguaraçá*, variante de *jagoaraçá*, esta do tupi *iaüare'sa* (*ia'üara* + *e'as* 'olho'). A forma *jagoaraçá* foi documentada por Sousa (1851, p. 290) no capítulo em que trata das espécies de peixes medicinais:

Jagoaraçá é um peixe que morre á linha, tamanho como os cachuchos, e tem a côr de peixe cabra, e feição de salmonete; tem os fígados vermelhos como lacre; a carne d'este peixe é muito teza, e muito saborosa; e são tão leves que são dão aos doentes.

O **jabu** é um peixe de pequeno porte, corpo robusto, coloração amarronzada, repleto de pintas azuis, com espinhos no opérculo. Embora sua carne seja de boa qualidade, não possui muito importância comercial. Pode ser capturado através da pesca de linha ou armadilhas. É um peixe muito arisco, e isso torna difícil a sua captura. O discurso a seguir permite observar a realização da lexia que o denomina:

Tem budião, tem **jabu**, vermelho, saramonete, quatinga, tudo isso... um bucado de bichinho a hente encontra aqui. (F1C-V)

Jabu é uma lexia simples que está documentada apenas em Aulete (2013). Segundo o autor, é um regionalismo baiano, 'o mesmo que garoupinha'. Essa forma lexical é de origem desconhecida.

As variantes **maçambê**, **maromba** e **sardinha** são as formas empregadas para nomear um peixe de pequeno porte, corpo alongado, coloração prateada, de escamas, encontrado em estuários. De carne muito saborosa, é usado amplamente na culinária e possui grande valor comercial. É encontrado abundantemente na comunidade em pesquisa. Observe-se o que dizem os informantes sobre essa espécie:

Tainha, pesca camarão, pesca todo pêxe, pescadinha, esses pêxe assim. Pesca maçambê... maçambê... de manhã quando a maré manhece cheia... é um bocado aí. Tem nego que panha cinco, seis balde de **maçambê**, que chama **sardinha**, sabe? E a atividade aqui é essa... a maior parte do povo aqui é assim. (M3B-V)

A gente pega a faca e vai trabalhá. A gente escama... aí, se for pra tirá, se for a **sardinha**, o **maçambê**, a gente tem que fazê de filé, tem que tirá aquela espinha do meio. Tem que arrumá tudo certinho pra fazê aquele pacote. (F3B-V)

Má aberto é o má profundo, como a hente passa... é... naquele tempo, a hente passava dois, três dia em cima do má, só veno céu e má até... fazê aquela pescaria, que se carregava o barco em Salvadô, barco grande, com quatro. Aí chegava na Fiuza, comprava gelo à vontade, aquele bloco de gelo, comprava as caixa de **maromba**, que é o pêxe e a isca, aí ia embora, certo? (M3A-V)

A forma lexical **maçambê** não se encontra dicionarizada. No entanto, há registro da forma *maçambé* apenas em Aulete (2013). Conforme o autor, trata-se de brasileirismo usado na Bahia, o qual define como ‘espécie de sardinha’. Não foi possível apurar a origem desse item lexical.

De origem obscura, a lexia simples **maromba** figura em Houaiss (2001) e Ferreira (1999) como ‘sardinha-verdadeira’. Este último ainda apresenta a seguinte definição: ‘entre os pescadores, exemplar adulto da sardinha quando atinge mais de 20 cm de comprimento’. Aulete (2013) a define como ‘espécie de sardinha graúda’.

O item lexical **sardinha** é abonado com o mesmo sentido verificado na comunidade em todas as obras consultadas. Segundo Cunha (1986) e Machado (1967), provém do latim *sardīna*.

Um dos peixes temidos pelos pescadores se denomina **miroró**. Corresponde a uma espécie de caramuru de cor verde-amarelada que se encontra enterrado na lama. Devido ao seu formato anguiliforme, na comunidade, costuma-se dizer que esse peixe é o resultado do cruzamento entre peixe e cobra, como se verifica no trecho transcrito a seguir:

Ói, aqui assim, eu não sei muito os nome dos pêxe... eu sei que tem carrapato, eu sei que tem chumberga, vermelho, tainha, cação, mas cação tem que ir um pôco pra fora, bagre, tem o que mais? Arraia, rubalo, tem lula, tem **miroró**, que é um pêxe que o povo fala que é o cruzamento de cobra com esse pêxe aí. (F2B-I)

A lexia que nomeia esse peixe está dicionarizada com o mesmo sentido com que figura no *corpus* em análise. Segundo Nascentes (*apud* HOUAISS, 2001), vem do tupi *miroy'ro*. Não foi possível apurar a motivação para esse item lexical.

Outro tipo de caramuru encontrado na Ilha de Itaparica é denominado pelas variantes **mutuca** e **mututuca**. Essa espécie tem cor amarronzada com pintas brancas, ventre esbranquiçado. Por ser muito agressiva, sua captura e manuseio requerem muito cuidado.

Veja-se o que dizem os pescadores:

É facão, facão, um facãozinho assim porque, quando a gente acha **mutuca**, tem que tem que matá ela, cortá ela, ela... pelo o buraco ela sai longe, a hente tome facãozada. A hente mata. É um pêxe comprido assim, tipo uma cobra. Ela fica na arêa. A hente tem que... a hente que conhece, aí a gente já vai, mete o facão assim, ela espirra lá, a hente tome facãozada, aí mata. (F3B-I)

Tem o caramuru, que uns chama morêa, otros chama... morde; tem **mututuca**, pinima, tem um **niquim-de-pedra**, que é um venenoso. (M3A-V)

Do tupi *mutuka*, a lexia simples **mutuca** e **mututuca** estão registradas em Ferreira (1999) e Houaiss (2001) com o mesmo sentido que têm na comunidade.

O **niquim-de-pedra** também é um peixe temido pelos pescadores. De pequeno porte, coloração parda, com manchas, esse peixe possui espinhos que são ligados a glândulas de veneno. Pode ser encontrado em água doce ou salgada, preferindo as zonas de transição. Vive na lama, onde pode ser facilmente pisado por pescadores durante a pescaria, vitimando-os com veneno através dos espinhos dorsais ou dos dois laterais. Isso provoca dor intensa, e inflamação aguda na área afetada, podendo chegar à necrose e, conseqüentemente, à perda do membro.

A lexia composta **niquim-de-pedra** é uma variante na forma *niquim-da-pedra*, a qual está registrada em Aulete (2013) e Houaiss (2001) com o mesmo sentido com que se apresenta no *corpus*. De acordo com L. F. R. Clerot, citado por Nascentes (*apud* HOUAISS, 2001), *niquim* vem do tupi *ni* ‘enrugado, encrespado, franzino’ e *qui* ‘espinhento’. A aparência do peixe, que tem espinhos e se assemelha a uma pedra, motivou essa lexia.

A lexia composta **olho-de-boi** nomeia um peixe de grande porte, corpo alongado e robusto, com escamas, de coloração prateada, azul esverdeado, com ventre mais claro, olhos pequenos. Possui uma faixa escura da ponta do focinho, passando pelo olho até a nuca, bem como uma faixa amarela ao longo do corpo. Pode ser capturado com rede de arrasto ou de cerco, vara ou linha de fundo. Sua carne é muito saborosa e possui grande valor comercial. Na enumeração a seguir, verifica-se a ocorrência dessa forma lexical:

Aí tem caranha, tem badejo, tem cavala, tem guaraçaim, tem o vermelho, areacó, tem o vermelho-rabo-aberto, tem o dentão, a cioba, tem pêxe-pena, tem taoca, tem arraia, tem cação-viola, tem tudo... **olho-de-boi**... (F2C-V)

As definições encontradas nos dicionários gerais para esse item lexical corroboram aquela documentada na localidade. O olho do peixe lembra o de um boi, razão pela qual recebe essa denominação.

Olho-de-vidro é a lexia composta empregada pelos pescadores para nomear um peixe de pequeno porte, corpo comprimido e robusto, coloração vermelha, olhos grandes, boca grande e oblíqua. Possui baixo valor econômico para alimentação, mas muito é requisitado para aquários. A citação a seguir, permite verificar a realização dessa forma lexical:

Vermelho, guarajuba, biquara, bonito, vários tipos de pêxe, (?), **olho-de-vidro**, jabu, é... cavala, cabeçudo, tainha, rubalo, sardinha, agulha, vários tipos. (M1A-V)

A lexia **olho-de-vidro** está registrada em Aulete (2013) e Houaiss (2001) com a mesma acepção que se documentou entre os pescadores.

De carne muito apreciada, o **pampo** é outra espécie de peixe encontrado na localidade. Trata-se de um peixe de pequeno porte, corpo alto, arredondado e comprimido, coloração azul ou esverdeada, ventre prateado, encontrado em águas rasas ou profundas. Veja-se o relato do pescador quando da captura de um exemplar dessa espécie:

Ah, eu não me lembro, não. Teve tantas. Teve uma que eu fui com meu irmão... um pêxe, **pampo** grande. A gente tem uma fiska, um anzol grande, enorme, a gente chama de fiska. E geralmente com esse material aqui... o pêxe é grande demais! (M2C-V)

Para a forma lexical **pampo**, as definições encontradas nos dicionários gerais coincidem com a que se verificou na comunidade de pesca em estudo. Trata-se de uma forma sincopada de *pâmpano* 'ramo novo da videira, coberto de folhas, parra', e este do latim *pampīnus*, 'gomo da videira', provavelmente pelo espanhol *pámpano*. Segundo Nascentes (*apud* HOUAISS, 2001), a motivação para essa lexia está na semelhança do peixe a uma folha de videira.

A lexia composta **peixe-galo** é empregada para designar um peixe de pequeno porte, corpo alto e excessivamente comprimido, coloração prateada com dorso azulado, olhos pequenos. Muito parecido com o aracanguira, pode ser capturado com rede de arrasto, cerco ou espera e pesca de linha. Veja-se a ocorrência desse item lexical na fala da pescadora:

Ave Maria! Carrapato, vermelho, agulha, agulha-pemba, agulha-branca, **tem pêxe-galo**, tem bagre, cação... tem tudo quanto é marca de pêxe aqui. (F3B-I)

As acepções que figuram nos dicionários para a lexia **peixe-galo** se enquadram naquela registrada entre os pescadores. Essa forma lexical se deve às barbatanas que o peixe possui, as quais fazem lembrar a crista do galo, como se pode ver através da Figura 57.



Figura 57: Peixes-galo.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1534, obtida em 31/08/2012.

A lexia composta **peixe-pena** denomina um peixe pequeno porte, de corpo ovóide, de coloração prateada, estrias escuras, uma faixa transversal do olho à boca, encontrado em águas rasas e que pode ser capturado através da pesca de linha. Embora sua carne seja considerada de boa qualidade, não tem muita importância comercial. A realização da lexia que o denomina pode ser observada na enumeração do pescador:

Vermelho, o bagre, arraia, curuvina, xaréu, cabeçudo, guaricema, **pêxe-pena**, cambuba, pêxe-galo, aí variedade... não muito, mas se acha. (M2C-I)

A forma lexical **peixe-pena** está registrada com o mesmo sentido com que figura no *corpus*. O **peixe-pena** tem o corpo em formato de uma pena de escrever, o que motivou sua denominação.

Pescada é a lexia composta utilizada entre os pescadores para designar um peixe de pequeno porte, corpo alongado, coloração prateada, dorso escuro, olhos grandes, encontrado em águas rasas ou profundas. Pode ser capturado através da pesca com rede ou anzol. De carne muito saborosa, tem grande importância comercial. Veja-se o que diz o informante.

É... todo tipo de pêxe: panha o bagre, panha a **pescada**, panha o rubalinho, panha a tainha, panha... todo tipo de pêxe... maçambê...é... até o xangó você panha de rede. (M3B-V)

Proveniente do latim *piscātus*, *-a*, *-um* (CUNHA, 1986), o item lexical **pescada** está dicionarizada com a mesma acepção documentada na Ilha de Itaparica. Sobre sua motivação semântica, não foi possível verificá-la.

Semelhante à pescada, porém de tamanho menor, é a **pescadinha**. De considerável

valor comercial, trata-se de uma espécie que vive em mangues ou mar aberto e é capturada através da pesca com rede de arrasto ou cerco. Sua carne também é muito apreciada. Está entre os tipos de peixe mais capturados na localidade, como aponta o discurso do pescador:

Tainha, pesca camarão, pesca todo pêxe, **pescadinha**, esses pêxe assim. Pesca maçambê... maçambê... de manhã quando a maré manhece cheia... é um bocado aí. Tem nego que panha cinco, seis balde de maçambê, que chama sardinha, sabe? (M3B-V)

A lexia composta **pescadinha** (*pescada* + *-inha*) está registrada nos dicionários que fundamentam este trabalho com o mesmo sentido que se verificou no *corpus*. O tamanho do peixe motivou sua denominação.

A **pinima** é outro tipo de peixe muito “perigoso” encontrado na Ilha de Itaparica. Da mesma espécie do caramuru, corresponde a um peixe de corpo alongado e cilíndrico, coloração escura com manchas amarelas, que vive em ambientes rochosos na costa litorânea. O pescador assim a define:

Pinima são pêxe que ficam dentro da... Quando os pessoais vem arrastando (a rede) , elas podem vim lá, picá as pessoas, e é muito perigoso. (F1B-V)

A lexia simples **pinima** está dicionarizada com acepção diferente daquela documentada na comunidade. Com o mesmo sentido, no entanto, está registrada a lexia composta *amorepinima*, mesmo que *amborepinima* ‘peixe teleósteo, perciforme, gobiídeo (Muraena ocellata), do Atlântico, caracterizado pela coloração preta, manchada de amarelo’. O registro do pospositivo *-pinima*, do tupi *pi'nima* ‘manchado, malhado’ (CUNHA, 1986) nos dicionários deixa evidente que se trata de uma forma reduzida da lexia *amorepinima* ou *amborepinima*. As manchas na pele do peixe motivaram a sua denominação.

O **pintado** é a denominação para um peixe de grande porte, corpo alongado e roliço, de coloração prateada, com pintas ao longo do corpo, encontrado em águas profundas. De acordo com os pescadores, é uma das espécies que conseguem romper a rede e escapar da captura. Observe-se o que diz a pescadora sobre esse peixe:

Quando o pêxe é grande, você não pode pegá ele sozinho, você panha um bichêro, bota na garganta dele e puxa pra podê dismaiá, quando ele não passa a rede e não vai embora, como o pintado, como a arraia, o caçonete, quando é grande tamém arromba e vai embora. O rubalo arromba tamém e vai embora. Esses pêxe grande tudo vai embora. (F3A-I)

A lexia **pintado** (*pintar* + *-ado*) é a forma substantivada do particípio passado do verbo *pintar* e está registrada com a mesma acepção com que é empregada na localidade. As pintas na pele do peixe motivaram esse item lexical.

Outro peixe muito temido pelos pescadores é a **piranha**. Corresponde a um peixe de pequeno porte, corpo achatado, coloração variável, com escamas, dentes numerosos e afiados, carnívoro, muito ágil e voraz, encontrado em águas rasas. Embora seja um peixe de água doce, a **piranha** também pode ser encontrada no mar, o que requer muito cuidado durante a pescaria, pois muitas vezes essa espécie ataca os pescadores, como se observa no discurso da informante:

E assim, da história assim, que o pêxe assim leva acidente, como tem pêxe que gosta de comê a perna da... dos ôto... tem **piranha**, tem vários tipo de pêxe que pode mordê a pessoa. (F1A-I)

A lexia **piranha** está dicionarizada com o mesmo sentido documentado na localidade. Segundo Cunha (1986), provém do tupi *pi'rãia*, *pira* 'peixe' + *ãia* 'dente', ou seja 'peixe com dente'. Dessa forma, os dentes cortantes do peixe é a motivação semântica para essa lexia.

A lexia **pititinga** é empregada para nomear um peixe de pequeno porte, corpo alongado, de coloração prateada, cabeça terminada em focinho, encontrada em águas rasas. A **pititinga** se assemelha à sardinha, mas se diferencia dessa por ter a boca inferior, grande, bem como a parte anterior da cabeça muito saliente. Encontrada em abundância na localidade, é muito usada na culinária como tira-gosto em bares e restaurantes e possui grande valor comercial. Por ser um peixe muito miúdo, para sua captura, geralmente os pescadores usam a tarrafa, uma rede de malha fina.

A forma lexical **pititinga** tem como variante lexical a forma **xangó**, como se verifica na fala da pescadora:

Xangó é miudinho, que chama de **pititinga**... **xangó**. O povo lá fora chama de **pititinga**, mas a gente aqui chama de **xangó**. (F1B-V)

Segundo Cunha (1986), a lexia **pititinga** tem origem no tupi *piti'tina*. Para Machado (1967), provém do tupi *pytitinga*, de *pyra* (*pira*) 'pele' + *tinga* 'branca', com reduplicação *ti-tinga*. A cor do peixe motivou a lexia.

O item lexical **xangó** é de origem obscura. Não foi possível verificar a sua motivação semântica.

A lexia **quatinga** denomina um peixe de pequeno porte, corpo comprimido, coloração branco-prateada, de escamas, com listra longitudinal amarela, boca avermelhada, que vive em ambientes costeiros. É capturado principalmente através da pesca de linha. Encontrado em abundância, possui pouco valor comercial. Veja-se a realização desse item lexical no discurso a seguir:

Eu pego **quatinga**, carrapato... esqueci o nome de um agora, que ele é até bonitinho, que o povo diz que ele dá até pra botá no aquário, né? (F1C-I)

Nos dicionários em que se fundamenta esta pesquisa, não foi encontrado registro dessa forma lexical. Em Machado (1967), encontra-se apenas a forma *quati*, do tupi *qua*, ‘ponta’ + *ti* ‘nariz’, ou seja, nariz de ponta. Não foi possível verificar a motivação desse item lexical.

Um dos peixes de carne muito apreciada e de grande importância comercial na comunidade é o **robalo**. De médio porte, corpo alongado, coloração prateada, com escamas, encontrado em águas rasas e manguezais. Está entre os peixes mais escassos na localidade, como afirma o pescador no discurso a seguir:

Eu acho que diminui a quantidade de pêxe... porque... é...você vê hoje e você deve sabe que o badejo é escasso; o **rubalo** também se tornou escasso; o mero, hoje você vê que quase não existe o mero mais. Por quê? Porque a tendência foi acabá e, se você tira e não coloca, qual é a tendência? E vem a bomba também... que a bomba faz o estrago. A bomba mata o grandão e pequeninho, mata o filhote. Aí fica escasso o pêxe. (M2C-V)

A lexia simples **robalo** está dicionarizada com o mesmo sentido apurado entre os pescadores. Conforme Cunha (1986) e Corominas (*apud* HOUAISS, 2001), é a metátese de *lobarro*, do castelhano *llobarro*, derivado de *lobo*, que se aplica metaforicamente ao peixe, assim como o latim *lŭpus*. Para Machado (1967), embora essa hipótese seja plausível, não o convence totalmente em função das dificuldades fonéticas que nela encontra. Sobre a motivação semântica desse item lexical, não foi possível apurá-la.

Entre os pescadores da Ilha de Itaparica, para denominar o filhote de **robalo**, emprega-se a lexia composta **robalinho** (*robalo* + *-inho*), como se vê no discurso abaixo:

Tainha, pescada, **robalinho**, esses rubalo. **Rubalinho**... ele cresce. Agora ele pequeninho é que chama **robalinho**. É o pêxe mais caro que tem aqui, é esse rubalo. É pêxe de quinze conto, quando ele tá grande. De quinze em diante... tem, às vez, de quinze conto. (M3B-V)

Nos dicionários consultados, a lexia **robalinho** está registrada o mesmo sentido diverso daquele empregado na comunidade de pesca. Segundo Houaiss (2001), é ‘designação comum aos peixes teleósteos cipriniformes da família dos ciprinídeos (*Leuciscus cephalus* e *Leuciscus pyrenaicus*), de distribuição européia, com o corpo alongado e coloração amarelada; bordalo, escalo’.

Também muito comum na localidade é o **sambuio**, um peixe de pequeno porte, corpo alto, ovalado e um pouco comprimido lateralmente, de coloração cinza-esverdeada, com listras longitudinais douradas, encontrado em estuários e mangues. Embora sua carne não seja considerada de qualidade, é um peixe muito comercializado na comunidade. Pode ser

capturado através das mais diversas artes de pesca, como rede de arrasto ou de espera, vara, linha etc. Está entre os peixes mais capturados, como afirma o pescador:

Tem vermelho, chumberga, cavala, bicuda, carrapato, **sambuio**, carapicuaçu, xaréu, rubalo... esqueci agora o nome da outra... arraia, curuvina. São os pêxe que a gente mais encontra aqui. (M1C-I)

Apenas Ferreira (1999) e Houaiss (2001) registram a lexia que denomina esse peixe. Para Ferreira (1999), é o mesmo que *canhanha* (*Archosargus unimaculatus*). Já para Houaiss (2001) é o mesmo que *sargo-de-dente* (*Archosargus rhomboidalis*). De acordo com Szpilman (2000), *Archosargus unimaculatus* é sinônimo de *Archosargus rhomboidalis*. Assim as duas acepções convergem para aquela documentada na localidade.

A lexia simples **sambuio** é uma forma despalatalizada da *sambulho*, de origem obscura.

Saramonete é outro peixe muito comum na localidade. De pequeno porte, corpo fusiforme, coloração variável, com manchas no dorso, de escamas, que vive em estuários. De carne muito apreciada, trata-se de uma espécie de valor comercial. Na fala a seguir, verifica-se a ocorrência do item lexical que nomeia essa espécie:

Tem budião, tem jabu, vermelho, **saramonete**, quatinga, tudo isso... Um bucado de bichinho a hente encontra aqui. (F1C-V)

A lexia **saramonete** está registrada apenas em Houaiss (2001) como o mesmo que *salmonete* ‘peixe perciforme da fam. dos mulídeos (*Pseudupeneus maculatus*), do Atlântico tropical, que atinge 30 cm de comprimento, de corpo fusiforme, variando de branco a marrom com três grandes manchas escuras no dorso, cabeça com linhas azuis diagonais e dois barbilhões táteis no queixo’. Tal acepção corrobora a que se registrou na comunidade em pesquisa.

A lexia **saramonete** é uma variante de *salmonete*, de *salmão* (< latim *salmo*), sob a forma radical *salmon-* + *ete*. A carne rósea do peixe é a motivação semântica para esse item lexical.

Um dos peixes encontrados na Ilha de Itaparica, cuja carne também é considerada de boa qualidade é a **sororoca**. De médio porte, corpo alongado, robusto e comprimido lateralmente, coloração azulada, com manchas douradas e arredondadas no dorso e flanco, é um peixe que vive em mar aberto. É uma espécie capturada principalmente através da técnica de cerco. Veja-se no trecho a seguir a realização da forma lexical que a nomeia:

Vários mesmo: vermelho, cavala, sororoca, cabeçudo, xaréu. Tem várias espécie mehmo. (M2B-I)

De origem controvertida, a forma lexical **sororoca**, para Machado (1967), deriva de *soroca* ‘rasgão’, com duplicação de sílaba, por onomatopeia. Para Cunha (1986), deriva do tupi *soro’roka*, mesmo étimo considerado por Nascentes (*apud* HOUAISS, 2001). De acordo com o autor, há ainda o gerúndio de *soro’rog* ‘desfazer-se’, onomatopeico. Este significa ‘solução no estertor da agonia’ e é uma lexia que denomina peixe e onça pintada. Não foi possível verificar a motivação para essa forma lexical.

De pequeno porte, corpo achatado e robusto, **taoca** é também um peixe muito comum na localidade. Trata-se de um peixe de couro, coloração escura, com manchas, que vive na costa litorânea. No discurso da informante, é possível verificar esse item:

Aí tem caranha, tem badejo, tem cavala, tem guaraçaim, tem o vermelho, areacó, tem o vermelho-rabo-aberto, tem o dentão, a cioba, tem pêxe-pena, tem **taoca**, tem arraia, tem cação-viola, tem tudo... olho-de-boi. (F2C-V)

Do tupi *ta’oka* (MACHADO, 1967), o item lexical que denomina essa espécie está definido apenas em Aulete (2013) e Houaiss (2001) com o mesmo sentido apurado no *corpus*.

Um dos peixes de água doce mais consumidos no mundo, conhecido pelos pescadores da Ilha de Itaparica em função de suas experiências piscatórias em outros ambientes é a **tilápia**. Refere-se a um peixe de pequeno porte, corpo alto e robusto, de escamas, coloração variável, com listras verticais, que vive em rios, lagos, açudes etc., mas é adaptável à água salgada. De carne branca e macia, possui poucas espinhas e baixo teor de gordura. É uma espécie que se reproduz facilmente, por isso pode ser encontrada em abundância, como afirma o pescador:

Eu cansei de panhá sacos de **tilápia** pra vendê no ponto de ônibus. E aqui, as pescaria aqui... cê sai aqui, quando a pescaria tá boa, num instante você vai ali e panha dez, quinze quilo de pêxe. Aqui mehmo você vende. Aqui tem os pescadô, aqui mehmo tem os comradô. (M3B-V).

O item lexical que denomina esse peixe está dicionarizado com a mesma acepção registrada na comunidade em estudo. **Tilápia** provém do latim científico *Tilapia*. Não foi possível verificar a motivação dessa lexia.

O **vermelho** ~ **vermeio** é outra espécie muito comum na localidade. Refere-se a um peixe de médio porte, corpo um pouco alto, alongado e robusto, focinho curto, coloração avermelhada no dorso e rósea no ventre, com escamas, encontrado na costa litorânea ou em mar aberto. Observe-se como o pescador descreve esse peixe:

Arraia é um pêxe de pele, entendeu? Ela não tem escama, ela é de couro com pele e é grande. **Vermelho** é um pôco menó e tem escama; ele é **vermelho**. (M1B-I)

A lexia simples **vermelho** se encontra registrada nos dicionários gerais, dentre outras, com uma acepção que se enquadra naquela documentada na comunidade de pesca. Provém do latim *věrmicŭlus* ‘pequeno verme’, diminutivo do latim *věrmis* ‘verme, inseto, varejeira’. Conforme Machado (1967), essa forma lexical passou a designar a cor vermelha por causa da cochinhilha, de que se extrai tinta escarlata, o carmim. A cor do peixe motivou a sua denominação. A forma variante **vermeio** não se encontra dicionarizada.

A lexia composta **vermelho-rabo-aberto** é utilizada pelos pescadores para denominar um peixe de médio porte, corpo alongado, com escamas, coloração avermelhada no dorso e rosada no ventre, com manchas, nadadeira caudal extremamente furcada, com os lobos prolongados, encontrado em mar aberto. Na citação do pescador, é possível verificar a ocorrência dessa lexia:

Aí tem caranha, tem badejo, tem cavala, tem guaraçaim, tem o vermelho, areacó, tem o **vermelho-rabo-aberto**, tem o dentão, a cioba, tem pêxe-pena, tem taoca, tem arraia, tem tudo... olho-de-boi... (F2C-V)

Vermelho-rabo-aberto é um item lexical não dicionarizado, porém a forma *rabo-aberto* se encontra registrada com a mesma acepção que tem essa lexia na comunidade de pesca. Em função de sua cor, bem como sua nadadeira caudal profundamente bifurcada, o peixe recebe essa denominação.

Muito comum na região é o peixe nomeado **xaréu**. Corresponde a um peixe de médio porte, corpo fusiforme e alongado, coloração verde-azulada, com escamas, encontrado na costa litorânea ou em alto-mar. É uma espécie que se encontra ameaçada de extinção, como se pode deduzir através da fala do pescador:

Aqui o que dava mais aqui era o **xaréu** e a tainha. A tainha aqui mehmo sumiu. O **xaréu** tamém sumiu. Se pegá agora é mais ou menos aqui. Se jogá a tarrafa aí, pega cinco, seis, pronto; não passa mais tainha... que agora o pessoal não tá deixano mais, não. (M1A-V)

A lexia que denomina essa espécie foi documentada por Sousa (1851, p. 283), sob a variante ortográfica *charéo*, ao descrever as suas propriedades:

Chamam os índios guiará, ao que os Portuguezes chamam charéo, que é peixe largo, branco, prateado e tezo, o qual quando é gordo é extremo saboroso; e tem nas pontas das espinhas, nas costas, uns ossos alvos atonelados, tão grossos no meio como avelãs, mas compridos; o qual peixe morre á linha e em rede todo o anno; e além de ser gostoso é sadio.

Os dicionários gerais registram a lexia simples **xaréu** com o mesmo sentido empregado pelos pescadores da comunidade. Sua origem é obscura, talvez do tupi (CUNHA, 1986; MACHADO, 1967). Não foi possível apurar a sua motivação semântica.

4.1.1.11 Campo lexical dos mariscos

Menos produtivo do que o campo anterior, o campo lexical dos *mariscos*, reúne 25 lexias, as quais também foram arroladas a partir da questão 22 do questionário linguístico. Representando 6% dos itens inventariados, esse campo, que se compõe das lexias que designam os mariscos extraídos principalmente dos mangues e das coroas, revela a diversidade de frutos do mar encontrados na área geográfica onde se localiza a comunidade em estudo. São elas: **aranhola ~ arranhola, aratu, busano, buzo, camarão, caranguejo, chumbinho, congodé, lagosta, lambreta, lula, maria-preta, ostra, peguari, pinaúna, polvo, rala-coco, salpiro, sambá, siri, siri-mole, siri-boia, sururu, tapu**. No Quadro 15, podem ser observados os traços semânticos que as identificam.

Dimensões	Espécime		Revestimento					Habitat					Morfologia							Coloração							→				
	[crustáceo]	[molusco]	[carapaça dura]	[carapaça mole]	[carapaça segmentada]	[sem concha]	[concha assimétrica]	[concha formada por duas valvas]	[areia]	[estuários]	[mangue]	[rochas e pedras]	[fundo do mar]	[alongado]	[abdômen curto]	[corpo arredondado]	[com espinhos]	[decápode]	[formato ovóide]	[primeiro par de membros terminados em pinças]	[últimos membros terminados em forma de remos]	[acinzentada]	[amarelada]	[amarronzada]	[avermelhada]	[branco-amarelada]	[esbranquiçada]	[escura]	[branca opaca]	[variável]	→
Aranhola ~ arranhola	-	+	-	-	-	+	-	+	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Aratu	+	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Busano	-	+	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-
Buzo	-	+	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-
Camarão	+	-	-	+	+	-	-	-	+	-	-	-	+	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Caranguejo	+	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+
Chumbinho	-	+	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-
Congodé	+	-	-	+	-	-	+	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-
Lagosta	+	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	+	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lambreta	-	+	+	+	+	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-
Lula	-	+	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+
Maria-preta	-	+	-	-	-	-	+	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-
Ostra	-	+	-	-	-	-	+	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-
Peguari	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinaúna	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Polvo	-	+	-	-	-	+	-	-	+	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rala-coco	-	+	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-
Salpiro	-	+	-	-	-	-	+	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-
Sambá	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-
Siri	+	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+
Siri-mole	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+
Siri-boia	+	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-
Sururu	-	+	-	-	-	-	+	-	-	+	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-
Tapu	-	+	-	-	-	-	+	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-

Quadro 15 – Campo lexical dos mariscos

As formas lexicais **aranhola** ~ **arranhola**, **busano**, **buzo**, **chumbinho**, **lambreta**, **lula**, **maria-preta**, **ostra**, **peguari**, **pinaúna**, **polvo**, **rala-coco**, **salpiro**, **sambá**, **sururu** e **tapu** são designativas dos mariscos do tipo moluscos. Estes podem ser bivalves ou gastrópodes. Entre os bivalves, estão o **busano**, o **chumbinho**, a **lambreta**, a **ostra**, o **salpiro**, o **sambá** e o **sururu**. Entre os gastrópodes, encontram-se a **aranhola** ~ **arranhola**, o **buzo**, a **maria-preta**, o **peguari** e o **tapu**. Cefalópodes são a **lula** e o **polvo**.

Um dos mariscos que representam uma ameaça aos pescadores se denomina **busano**. Corresponde a um molusco bivalve vermiforme que cava as galerias de madeira com a qual se alimenta, trazendo muitos danos às embarcações. Por isso é considerado, pelos pescadores, uma *praga*, um *câncer*, como se observa no discurso abaixo:

Busano é um bicho que pega na madeira do barco e faz um buraco, come. Ele furô aqui (gestos), aí você olha assim... tem um buraquinho aqui... cadê o busano? Ele já tá aqui, com uma broca mais do que... roeno um dedo por dentro. Comparano mal, um câncer. Ele é até branco. (FC-I).

A lexia **busano** está dicionarizada como o mesmo que *gusano* ‘denominação comum aos moluscos bivalves da família dos teredinídeos, perfuradores de madeira, de corpo macio, alongado’ (AULETE, 2013). De origem incerta, conforme Machado (1967), provém do galego *bisano*. Para Houaiss (2001), tem origem no espanhol *gusano* ‘caruncho da madeira, larva de certas mariposas, verme parasita dos intestinos’. Embora sua carne seja comestível, o **busano** não faz parte da culinária da região.

Um dos mariscos mais comuns na comunidade em estudo se denomina **chumbinho**. Refere-se a um molusco bivalve, de concha branco-amarelada que tem como *habitat* as coroas de areia. Encontrado abundantemente em toda a costa da Ilha de Itaparica, sua captura não requer muita habilidade e, por isso até mesmo as crianças auxiliam as mães na tarefa de mariscá-lo. O **chumbinho** é um marisco de sabor levemente picante e muito apreciado na culinária, porém de baixo valor comercial. Para muitas famílias da comunidade, ele é uma das alternativas de alimentação quando não há recursos para compra de outros alimentos, como se verifica na fala da mariscadora:

Ói, ajuda em casa, né? Pelo menos ajuda em alguma coisa em casa... porque, vamo supô que meu marido não tem um trabalho certo... que hoje ele não tem trabalho certo... o trabalho de prefeitura é quatro anos. Depois disso aí, eu não sei. Ajudante de pedrêro também pela mehna forma, nem sempre acha. Então, quando a gente vai na maré pegá um siri, vai pegá um **chumbinho**, uma ostra, já ajuda porque a gente traz pra casa, faz uma comida. Se pegá um pêxe, ele já vende pra comprá um carne, um frango, essas coisas. (F2B-I).

A lexia composta **chumbinho** (*chumbo* + *-inho*), com o mesmo sentido que se

documentou na comunidade de pesca, está registrada apenas em Houaiss (2001). Conforme o autor, **chumbinho** é o mesmo que *berbigão*, para o qual apresenta a seguinte acepção: ‘molusco bivalve marinho (*Anomalocardia brasiliana*) da família dos venerídeos, comestível e de ampla ocorrência no litoral brasileiro, onde vive enterrado no lodo; de coloração branca amarelada, superfície externa lisa com manchas de padrões variados’. De fácil captura e encontrado em grande quantidade, é um dos moluscos bivalves mais extraídos na Ilha. Possui baixo valor comercial, sendo grande parte da produção é destinada ao consumo da família dos pescadores. Está entre os moluscos que mais apresenta variações lexicais para nomeá-lo. Assim, conforme a localidade, pode ser designado *bebe-fumo*, *bergão*, *burdigão*, *chumbinho*, *conchinha*, *fuminho*, *fumo-de-rolô*, *maçunim*, *marisco*, *marisco-pedra*, *marisquinho*, *papa-fumo*, *pimentinha*, *samanguaiá*, *samanguiá*, *samongoiá*, *sapinhoá*, *sarnambi* ~ *sernambi*, *sarnambitinga*, *sarro-de-pito*, *simanguaiá*, *simongoiá*, *simongóia*, *vôngole*.

Não foi possível verificar, entre os falantes da comunidade, a motivação para esse item lexical. Talvez o tamanho e aparência do molusco, semelhante a uma bala de chumbinho, tenha motivado a lexia através de um processo metafórico.

A forma lexical **lambreta** nomeia um molusco bivalve, de coloração branca, encontrado no mangue, cientificamente denominado *Phacoides pectinatus*. Constitui-se por conchas ovais semelhantes. É um molusco filtrador e vive enterrado no substrato lodoso. No trecho a seguir, a mariscadora explica como se dá a sua captura:

É cavando com um pedaço de facão, e a ostra com um facão bateno nas pedra... e o sururu também é tirado com a ponta do facão. A **lambreta** é com uma machadeta, uma enxadetazinha.
(...)

Não, na arêa... que ela tem um olhinho, aí a hente começa a cavá e acha ela, a **lambreta**. (F3B-I).

Muito utilizado na culinária como tira-gosto, é considerado afrodisíaco. De acordo com os pescadores, seu caldo pode ser utilizado para a cura dos “nervos fracos”.

A lexia **lambreta**, como a mesma acepção que se registrou na comunidade de pesca, encontra-se registrada apenas em Houaiss (2001), que a define como o mesmo que *amêijoa* ‘molusco bivalve da família dos lucinídeos (*Phacoides pectinatus*), encontrado no lodo de mangues, dos E.U.A. ao Sul do Brasil, de concha oval e equivalve, com cerca de 9 cm de comprimento e coloração branca opaca’. É também denominado, em outras regiões, *sarnambi*, *sernambi*.

Lambreta provém italiano *Lambretta*, marca comercial de um tipo de motoneta. Não foi possível apurar o motivo pelo qual se atribuiu essa denominação ao marisco.

Outro tipo de marisco bivalve encontrado na comunidade se denomina **rala-coco**. Cientificamente designado *Trachycardium muricatum*, vive enterrado na areia e podem também ser encontrados nas pedras ou nas rochas. De coloração amarronzada, possui orifícios sifonados por onde lança água quando se desloca, o que favorece a sua identificação durante a captura, como afirma a mariscadora:

É uma concha assim... ele mija, a gente vai e cava, e tira. (F3C-I).

Como se observa, para as mariscadoras, o rala-coco mija e, por isso, em outras regiões, essa marisco também é denominado *mija-mija*. Através da Figura 58, verificam-se as características desse marisco:



Figura 58: Rala-coco.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1489, obtida em 31/08/2012.

A lexia composta **rala-coco** está registrada em Ferreira (1999) e Houaiss (2001) com o mesmo sentido verificado na localidade. Para os autores, **rala-coco** é o mesmo que *mija-mija* ‘molusco bivalve (*Trachycardium muricatum*), comestível, da família dos cardiídeos, que ocorre na costa atlântica, de concha quase circular e sulcada longitudinalmente’ (HOUAISS, 2001). A motivação semântica para esse item talvez se encontre na aparência áspera de sua concha, a qual possui ranhuras que a tornam semelhante ao aparelho utilizado para ralar coco.

Um molusco bivalve também muito comum na Ilha de Itaparica se denomina **ostra**. Corresponde a um marisco de concha irregular e áspera, com valvas de tamanhos diferentes, que se fixa nas pedras, nas rochas, nos pés de mangue etc., onde vivem em colônias. Para extraí-las, os pescadores utilizam o facão ou a faca. Por se encontrar em abundância, é um dos

mariscos mais capturados na comunidade. A Figura 59 permite visualizar esse marisco:



Figura 59: Ostra.
Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº, 1678, obtida em 04/09/2012.

As obras lexicográficas que embasam este estudo são unânimes no que tangem à aceção da lexia simples **ostra**, corroborando a aceção que se verificou no *corpus*. De acordo com Cunha (1986), provém do latim *ostrĕa*, este derivado do grego *óstreon* ‘ostra, concha bivalve; tintura de púrpura’.

Salpiro nomeia um molusco bivalve, de cor avermelhada, com concha meio ovalada, recoberta de fibras (barbas), como se observa na Figura 60. Trata-se de um marisco que vive enterrado no fundo lodoso e, para capturá-lo, é preciso mergulhar. De sabor muito marcante, é muito apreciado na culinária.



Figura 60: Salpiro.
Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1402, obtida em 31/08/2012.

A lexia simples **salpiro** não se encontra dicionarizada. Não foi possível apurar, entre as mariscadoras, a motivação para essa lexia.

Outro marisco bivalve encontrado na comunidade é nomeado **sambá** (*anadara brasiliiana*). De concha quadrangular, amarronzada e tamanho pequeno, apresenta pelos e valva esquerda maior que a direita. É encontrado na areia e no cascalho, sendo capturado através por meio do mergulho.

De origem obscura, a lexia simples **sambá** se encontra registrada em Ferreira (1999) e Houaiss (2001) como o mesmo que *concha* ‘invólucro do corpo dos moluscos’. Na comunidade em estudo, esse item adquiriu amplitude semântica e passou a designar o próprio molusco.

Um marisco muito apreciado na localidade se denomina **sururu**. Cientificamente nomeado *Mytilus falcatus*, corresponde a um molusco bivalve, de concha alongada, de cor rosada ou escura, que vive preso às pedras ou no manguezal. De alto valor nutritivo, com ele, prepara-se um prato muito típico da localidade, o caldo do sururu, feito à base de dendê e leite de coco. Para capturar o **sururu** que habita o manguezal, as mariscadoras escavam a lama. Para a captura daquele que se prende às pedras, elas utilizam uma faca ou facão, como se verifica nos trechos a seguir:

O **sururu**, nós raspa e o salpiro também nós tira na pedra com faca. (F3C-I).

É cavando com um pedaço de facão, e a ostra com um facão bateno nas pedra... e o **sururu** também é tirado com a ponta do facão. (F3B-I).

Sururu é uma lexia simples que se encontra registrada com a mesma acepção documentada na localidade. De acordo com Cunha (1986), tem origem no tupi *seru'ru* ‘molusco bivalve’. Para Machado (1967), provém do tupi *çoo* ‘carne, polpa’ + *ruru* ‘inchada, mucilaginosa’.

Aranhola e arranhola são variantes fonéticas que nomeiam um molusco gastrópode, sem concha, de cor esbranquiçada, extraído na areia da praia. Considerado uma espécie de lesma pelos pescadores, trata-se de um marisco não apreciado por todos.

Dentre as obras lexicográficas que embasam esta pesquisa, apenas em Aulete (2013) a lexia composta **aranhola** (*aranha* + *-ola*) está dicionarizada. No entanto, embora se enquadre no campo da pesca, a acepção que apresenta não coincide com a que se verificou no *corpus*. De acordo com o referido autor, **aranhola** é ‘caranguejo grande, com a casca provida de bicos, espécie de santola’. A variante **arranhola** não se encontra dicionarizada.

Interessante notar que, embora a lexia **aranhola** ~ **arranhola** se forme a partir do

radical do substantivo *aranha*, a sua morfologia em nada lembra o aracnídeo. Veja-se como a mariscadora descreve esse molusco:

Tem **arranhola** também, que eu não sei direito se o nome é **arranhola** ou se é **aranhola**, que pegamos também... é um marisco. Ela é redondinha, tipo assim que nem pareceno uma borracha. Tem que fazê assim, sabe? Cavá, depois trazê pra casa, ferventá. (F2B-I)

Entre os pescadores da comunidade, não foi possível verificar a motivação para essa lexia.

Buzo é a designação comum para qualquer molusco de concha univalve e assimétrica, encontrado nas coroas de cascalho. De formato fusóide, o **buzo** é um marisco de cores e tamanhos diversos, como se verifica na fala da informante:

Tem o **buzo**... **buzo** dá de todo tamanho. Tem pinaúna... aqui dá, a pinaúna dá aqui. Lá eu não sei. Lá... lá... se dá, dá pra muito longe... porque lá a gente não pesca lá fora como os outro... pesca de barco. (F3C-V)

A lexia simples **buzo**, do latim *būccinum* (CUNHA, 1986), está dicionarizada como o mesmo que *búzio*, para o qual se apresentam, dentre outras, as seguintes definições nos dicionários consultados: ‘designação comum a diversos moluscos gastrópodes, providos de grandes conchas, usadas como buzina’; ‘uma dessas espécies, molusco gastrópode (*Cassis tuberosa*) da família dos *cassidídeos*, de forma piramidal, encontrado no Brasil’. Essas acepções se enquadram naquela verificada na comunidade de pesca.

Maria-preta é outro molusco muito comum na localidade. De concha univalve, assimétrica e de cor escura, esse marisco é encontrado nas coroas de areia, enterrado na areia. Na Figura 61, verificam-se as características desse marisco:



Figura 61: Maria-preta.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1496, obtida em 31/08/2012.

Nas obras lexicográficas que fundamentam esta pesquisa, a lexia composta **maria-preta** está registrada com sentidos diferentes daquele documentado na comunidade em estudo. Apenas em Houaiss (2001) se verifica uma acepção que se enquadra no campo da pesca, mas não correspondente à que se apresenta no *corpus*. O referido autor define **maria-preta** como o mesmo que *sururu* ‘designação comum a diversas espécies de moluscos da costa brasileira, da família dos mitilídeos, adaptados às regiões estuarinas e amplamente usados na alimentação das comunidades litorâneas’ (HOUAISS, 2001). Entre os pescadores, acredita-se que a motivação para esse item lexical se justifica pela cor do marisco.

Muito comum também na comunidade de pesca é o **peguari** (cf. Figura 62). Conhecido cientificamente como *Strombus pugilis*, corresponde a um molusco univalve, de concha assimétrica, de coloração amarelada, que habita fundos arenosos. Sua captura também se dá através da técnica de mergulho. É um marisco rico em cobalto, um nutriente muito importante no combate à anemia.



Figura 62: Peguari.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1494, obtida em 31/08/2015.

A lexia simples **peguari** não se encontra dicionarizada. Entre os pescadores da comunidade, não foi possível apurar a motivação semântica para esse item lexical.

Outro molusco univalve muito comum na Ilha de Itaparica é o **tapu**. Designado cientificamente *Turbinella laevigata*, refere-se a um marisco de concha assimétrica, de coloração clara, que habita os fundos arenosos ou lodosos no alto-mar, por isso é capturado através da técnica de mergulho. Na culinária, destaca-se por seu sabor muito forte e por ser considerado afrodisíaco.

A lexia simples **tapu** não se encontra dicionarizada. Supõe-se que seja uma forma

aferética da lexia *atapú* ‘búzio’, que tem origem no tupi *gwata’pĩ* ‘variedade de búzio que serve aos índios de buzina, a lesma destes búzios’ (HOUAISS, 2001).

Lula é a lexia simples usada para nomear um molusco, cefalópode, sem concha externa, com tentáculos. De grande valor comercial, trata-se de um marisco muito utilizado na culinária litorânea. Também é um marisco usado como isca para a pesca de peixes. De acordo com os pescadores, é um marisco que está se tornando cada vez mais escasso na região, como se verifica no discurso da informante:

É... às vezes, camarão, a **lula**, que tá difícil, muito difícil, e o pêxe. Tem uns pêxinhos agora que eu não tô me lembrando o nome, que dá pra pegá. (F1C-I).

Nos dicionários gerais, encontra-se registro da forma lexical **lula** com a mesma acepção documentada na comunidade em estudo. Sua origem, conforme Cunha (1986), é controversa. Para Ferreira (1999), é oriunda do latim *lolligine*, que posteriormente passou a *lulin*, lexia que foi tomada como diminutivo, originando a lexia **lula**. Em Houaiss (2001), encontram-se três proposições: a origem da lexia **lula** poderia estar no latim *lunŭla*, diminutivo de *lŭna* ‘lua’, mas, conforme o autor, o sentido não corrobora; no latim *lŭra* ‘bolsa, sacola’; ou ainda no latim *lolligo* ‘*siba* (peixe), *choco* (molusco)’, que deu origem a *lulin*, o qual foi tomado como diminutivo e se transformou em **lula**. Esta última parece ser mais plausível.

O **polvo** é outro tipo de marisco cefalópode encontrado na Ilha de Itaparica. Corresponde a um molusco desprovido de concha, com olhos grandes e oito braços com ventosas. Quando capturado, costuma expelir uma substância de cor escura. Vive escondido em tocas naturais e são capturados através da pesca de mergulho, com o uso do bicheiro, como afirma o pescador:

Bichêro é um ferro com uma viga assim, com dobra, que serve pra pegá **polvo**, siri, tirá da toca. (M1C-V).

A lexia simples **polvo** está dicionarizada com a mesma acepção que se verificou entre os pescadores da comunidade. Esse item provém do grego *polypous*, ‘pólipo do mar, polvo, excrescência carnosa’, pelo latim *polypus*, conforme Nascentes (*apud* HOUAISS, 2001), por meio do português antigo *polpo* (> *polbo* > *polvo*).

Um marisco muito comum na localidade se denomina **pinaúna**. Não se trata de molusco ou crustáceo, mas sim de um equinoide que vive em rochas ou no fundo do mar. Sua coloração mais comum é o negro, porém há também os de tons azul, castanho, púrpura, verde

e vermelho. É protegida por uma carapaça redonda e eriçada de espinhos (cf. Figura 63), dentro da qual se encontra uma carne de aparência cremosa. É um marisco muito rico em iodo e de fácil digestão.

Dentre as obras consultadas, a lexia composta **pinaúna** está registrada apenas em Houaiss (2001). Considerando-a regionalismo baiano, define essa forma lexical como o mesmo que *pindá-preto*. De acordo com o referido autor, **pinaúna** se compõe de *pindá* (< tupi *pi'nda* ‘ouriço-do-mar’, ‘anzol’), com alteração, + *-una* ‘preto, negro’. O fato de os espinhos do ouriço-do-mar lembrarem farpas de anzol, para Nascentes (*apud* HOUAISS, 2001), motivou essa lexia.



Figura 63: Pinaúna.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1527, obtida em 31/08/2012.

Aratu, camarão, caranguejo, congodé, lagosta, siri, siri-mole, siri-boia são formas lexicais que denominam os crustáceos encontrados na localidade em estudo. Estes podem ser recobertos de carapaça larga, como o **aratu**, o **caranguejo**, o **siri**, **siri-boia**, **siri-mole**, ou segmentada, como o **camarão**, o **congodé** e a **lagosta**. Denominado cientificamente *Aratus pisoni*, o **aratu** é um crustáceo de carapaça dura, quadrada e de cor cinza, que vive nos arbustos do mangue. Por isso sua captura é considerada uma das mais difíceis pelos mariscadores, como se observa no discurso a seguir:

Esse marisco aqui, o **aratu**, esse marisco é o que mais dá trabalho. Tem que subir lá em cima no pé de mangue, com um cordão amarrado com a isca, a lata embaixo pra ir bateno as folhas e jogano as folha, e pegano e jogano dentro da lata. O mais trabalhoso é esse aqui. Bate a folha assim no pé de mangue, e vai quebrano as folhas na mão e jogano. (F3A-V).

A lexia simples **aratu** está dicionarizada com a mesma acepção que se verificou no *corpus*. De acordo com Cunha (1986) e Machado (1967), vem do tupi *aratu'ē* (< *ara'tu + e' ē* 'sápido, que tem muito sabor'). Nesse caso, a qualidade do crustáceo, saboroso, motivou a forma lexical.

Um crustáceo de grande importância comercial na comunidade é o **camarão**. Trata-se de um marisco de carapaça quitinosa segmentada, corpo alongado, com dez pernas, encontrado em regiões costeiras. Diferentemente do aratu, o **camarão** é um crustáceo de fácil captura, a qual se dá através da pesca com rede, jereré ou puçá. Na comunidade, para alguns pescadores que praticam a pesca de arrasto, é o principal produto de sua atividade, como demonstra a fala da pescadora:

Arrastá é colocá a rede porque é a mais... é... o... qué dizê, no caso, eu pego... vamo supô que eu bote pra pescá siri, vou pegá chumbinho, e o **camarão**, que é o principal, entendeu? Que o **camarão** tem assim (gesto demonstrando abundância)... agora tá na época mesmo. Aí a gente vai, pega com outras pessoas, vai, arrasta, pega **camarão**, pega siri. Aí acontece assim. (F2B-I).

A lexia **camarão** que tem origem no latim vulgar *cammarōne*, está registrada nos dicionários que fundamentam este trabalho com a mesma acepção com que se apresenta na comunidade em estudo. Importante notar que existem diversas espécies de camarão, as quais são nomeadas por lexias compostas, como *camarão-branco*, *camarão-sete-barbas* etc. No entanto, na comunidade em estudo, documentou-se apenas o uso da lexia simples para nomear o crustáceo de uma forma geral.

Também de grande importância comercial na comunidade é o **caranguejo**. Cientificamente designado *Ucides cordatus*, trata-se de um crustáceo de carapaça dura e abdômen curto, com dez membros locomotores que vive na área ou no lodo onde escava a sua toca. Para capturá-lo, é preciso introduzir o braço nessa toca, o que requer um grande esforço do mariscador. Na comunidade, aprende-se a capturar o **caranguejo** ainda na infância, como se pode deduzir através da fala do informante:

Ó, aprendi com minha mãe porque minha mãe ia pra mariscá, ia tirá ostra, me levava... ia pescá siri, me levava... pescava aratu... a gente tirava **caranguejo** de braço, tudo isso. Aí aprendi com minha mãe. (F3B-I)

Nos dicionários gerais e etimológicos, essa forma lexical apresenta a mesma acepção que se registrou na comunidade de pesca. Conforme Cunha (1986), a lexia simples **caranguejo** provém do castelhano *caranguejo*, este diminutivo do antigo *cangro*, derivado do latim *cancer*, *cancri*.

Congodé nomeia um marisco decápode, sem carapaça e de abdômen mole. É um crustáceo que possui apenas a parte anterior do abdômen revestida de couraça. A fim de proteger-se, abriga-se em conchas dos moluscos gastrópodes. Para os pescadores, o congodé “mata os moluscos para tomar a sua casa”. Assim, eles o comparam a um escorpião. Não é muito apreciado na culinária, mas é considerado afrodisíaco e, com ele, costuma-se fazer um caldo que é servido apenas para homens. Na fala a seguir, documenta-se esse item:

Aqui é o chumbinho, a ostra, o **congodé**, que é marisco também, é sururu, é siri, carrapato, que é um pêxe qu’eu conheço, e.... camarão... tem camarão também. (F1A-I).

A forma lexical simples **congodé** não se encontra registrada nos dicionários gerais e etimológicos. Não foi possível verificar a motivação semântica para essa lexia.

Um marisco de grande valor comercial que se costuma pescar na comunidade é a **lagosta**. De nome científico *Panulirus argus*, corresponde a um crustáceo de corpo alongado, carapaça quitinosa, grossa, segmentada, com espinhos. Vive no fundo do mar, em lugares rochosos ou onde há vegetação. Sua captura se dá através da pesca com rede ou arpão. Na localidade, devido à pesca predatória e a dificuldade de reprodução, está se tornando um pescado escasso, sendo necessário o período de defeso, conforme aponta o discurso a seguir:

Tem a da **lagosta** que muito é praticada, mas aqui é muito difícil. Como tem lugá também que tem o defeso da **lagosta**, mas aqui é difícil pegá **lagosta**. (F2C-I).

A lexia que designa esse crustáceo está dicionarizada com a mesma acepção documentada na localidade: ‘designação comum aos crustáceos decápodes, macruros, palinurídeos, cujo corpo, robusto, é revestido de espessa carapaça provida de tubérculos e espinhos, e pode, nalgumas espécies, atingir até 50 cm de comprimento, e cujas antenas são extremamente longas’ (FERREIRA, 1999). De acordo com Cunha (1986), esse item lexical provém do latim lusitano *lagusta*, por *lōcusta* ‘gafanhoto’. Nesse caso, a aparência do crustáceo, semelhante ao inseto, motivou a lexia.

Outro marisco de grande importância comercial na comunidade é o **siri**, um crustáceo de carapaça dura, com dez pernas, tendo como nadadeiras o último par. É encontrado na praia ou na areia onde costuma se enterrar. Pode ser de diversas espécies, sendo as predominantes na localidade denominadas cientificamente *Callinectes sapidus* e *Portunus spinimanus* (cf. Figura 64). É capturado através de armadilhas com isca, como a gaiola, jereré, linha e rapichel ou rede. Veja-se a explicação dos mariscadores sobre a captura desse crustáceo:

Se for pescá **siri**, aí aquelas coisa do pêxe, aquelas guerra do pêxe maió, do pêxe grande, as

guerra. Aí coloca, bota no jereré e aí coloca, prende a guerra aí dentro, prende no isopô. Aí coloca lá e o **siri** vê... (F2C-I).

Eu boto a linha com pêxe, amarra e joga, e espera o **siri**. Quando o **siri** bota... vem pra linha, a hente puxa e pega com o ripiché. (F3B-V)

Nos dicionários gerais e etimológicos, essa lexia está registrada com a mesma acepção que tem na comunidade de pesca. Tem origem no verbo tupi *si'ri*, infinitivo 'correr, andar para trás', forma usada como substantivo (CUNHA, 1986; MACHADO, 1967). O **siri** é um crustáceo que tem as patas articuladas na lateral do corpo, o que dificulta seu movimento para frente e para trás. Por isso se movimenta para os lados. A forma como o crustáceo se locomove (anda para o lado) motivou essa forma lexical.



Figura 64: Siris.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1679, obtida em 04/09/2012.

Como já visto anteriormente, o siri é recoberto por uma carapaça rígida. Para que ele cresça, é preciso trocá-la de tempos em tempos. Durante a fase de mudança, que dura cerca de 20 dias, o siri tem o corpo recoberto por uma película frágil e macia. Para nomear o siri quando se encontra nessa fase, os pescadores utilizam a lexia composta **siri-mole**. Veja-se a explicação do informante para a motivação desse item lexical:

Siri-mole, ele troca de casca. Aí, quando ele troca de casca, ele fica mole. (M1C-V)

A lexia composta **siri-mole** está registrada com o sentido verificado na localidade: 'Denominação dada aos siris, por ocasião da mudança de carapaça, muito usada como isca ou alimento' (AULETE, 2013).

Uma das espécies de siri encontrados na Ilha de Itaparica se denomina **siri-boia**. Conhecido cientificamente por *Portunus spinimanus*, de cor amarronzada, difere-se dos

demais por apresentar um espinho no própodo. Na Figura 65, é possível verificar as características desse crustáceo:



Figura 65: Siri-boia.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1507, obtida em 31/08/2012.

A lexia composta **siri-boia** não se encontra registrada nos dicionários gerais e etimológicos. Não foi possível apurar entre os pescadores a motivação para esse item lexical.

4.1.1.12 Campo lexical das iscas

Ao campo lexical das *iscas* pertencem os itens que nomeiam os diversos produtos utilizados para atrair o peixe, sejam eles artificiais ou naturais. A partir da questão 21 – “O que o(a) senhor(a) usa para atrair o peixe?” –, foram registradas 12 formas lexicais, as quais representam 3% da totalidade. São elas: **bicho-de-coroa**, **camarão**, **jigue**, **lula**, **maromba ~ sardinha**, **pele de galinha**, **pele de carne**, **rapala**, **sabique**, **siri-mole**, **tesourinha**. No Quadro 16, são apresentados os semas que as distinguem.

Dimensões	Tipo de engodo		Forma de atração				Espécie				Pescado que atrai			→	
	[artificial]	[natural]	[através do cheiro]	[através da cor]	[através do movimento]	[através do brilho]	[galiforme]	[anelídeo]	[crustáceo]	[molusco]	[peixe]	[camarão]	[peixe]		[siri]
Bicho-de-coroa	-	+	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-	
Camarão	-	+	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	
Jigue	+	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	+	-	
Lula	-	+	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-	+	-	
Maromba ~ sardinha	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	+	-	+	-	

Dimensões	Tipo de engodo		Forma de atração				Espécie					Pescado que atrai			→
	[artificial]	[natural]	[através do cheiro]	[através da cor]	[através do movimento]	[através do barulho]	[galiforme]	[anelídeo]	[crustáceo]	[molusco]	[peixe]	[camarão]	[peixe]	[siri]	→
Semas															
Lexias															
Pele de galinha	-	+	+	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	+	
Pele de carne	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	+	
Rapala	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	+	-	
Siri-mole	-	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	
Sabique	+	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	-	
Tesourinha	-	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	

Quadro 16 – Campo lexical das *iscas*

Os itens lexicais **bicho-de-coroa**, **camarão**, **lula**, **maromba** ~ **sardinha**, **pele de galinha**, **pele de carne**, **siri-mole** e **tesourinha** nomeiam os engodos naturais, de origem animal. Já as formas **rapala**, **sabique** e **jigue** nomeiam os engodos artificiais, confeccionados com material plástico e metal.

Bicho-de-coroa é a forma empregada pelos pescadores para denominar um tipo de isca natural, da espécie anelídeo, que se fixa ao anzol para atrair o peixe. Trata-se de uma espécie de minhoca que se encontra nas coroas. É usada principalmente na captura de peixe de pequeno porte. Para conseguir esse tipo de isca, antes da pescaria, os pescadores se deslocam até as coroas para escavar a areia e retirar o **bicho-de-coroa**. Observe-se como o pescador a descreve no trecho abaixo:

Usava... camarão, esse... lula... essas duas aí. E outras pessoa usa o **bicho-de-coroa**, que tem tamém, cava, puxa... é um bicho que dá no chão, parece uma cobra-cega... perai que eu mostro. Cê já viu cobra-cega? Daquelas cobra que chama sem cabeça. (F3A-I).

Os dicionários gerais e etimológicos não registram a lexia composta **bicho-de-coroa**. Conforme Ferreira (1999), *bicho* é uma ‘designação comum a alguns tipos de insetos, como o cupim, a traça e outros, que, introduzindo-se na madeira, nos tecidos, no papel, nas frutas, nos cereais, etc., neles abrem buracos que os deformam, inutilizam ou destroem’. O anelídeo que serve de engodo vive enterrado nas coroas de areia que se formam na costa litorânea. Isso explica a motivação semântica para esse item lexical.

Uma das iscas mais populares na Ilha de Itaparica é o **camarão**. De fácil aquisição, pois é encontrado no próprio local da pesca, é um tipo de engodo muito utilizado na captura de peixes de todas as espécies. Para peixes menores, os pescadores costumam fixar pedaços de camarão descascados ao anzol; para os maiores, utilizam o camarão inteiro e, de preferência, fresco. De acordo com eles, o **camarão** sempre “garante um bom resultado nas pescarias” porque os peixes preferem esse tipo de isca, como se pode deduzir através da fala

do informante:

Ele come **camarão**... ele come **camarão**, pêxe só come **camarão**. (M1A-V)

Depois do **camarão**, a **maromba** ~ **sardinha** é a isca mais utilizada para atrair os peixes, principalmente os de grande porte. Dependendo do tamanho, os pescadores a usam inteira ou apenas a cabeça ou a cauda. Quando se trata de peixes menores, eles utilizam em pequenos pedaços.

A **lula** também é outro tipo de isca usada pelos pescadores, principalmente na pesca noturna e na captura de peixes de grande porte. Nesse caso, os pescadores costumam cortar a lula em tiras, mas se for pequena é usada inteira. Veja-se o que dizem os pescadores sobre esse tipo de isca:

Aí a gente compra **sardinha**, entendeu? Que é pra podê engodá e a hente quebra ela toda, joga, que aí atrai o chêro, e usa como isca mais **camarão**. À noite, é mais **lula**. A gente pega a **lula**, mehmo ela viva, e bota pro pêxe comê, mas, durante o dia, é mais **camarão** e **sardinha** pra fazê isca. (F2C-V)

Olhe, a hente geralmente leva um tipo de isca. A hente leva **lula**... tem uma isca que a hente cava ali na coroa, é uma minhoca branquinha, que é bom demais. (M1A-I)

As lexias simples **camarão**, **lula**, **maromba** e **sardinha** se encontram registradas nos dicionários gerais, conforme já visto no campo lexical dos *mariscos*, em que foram analisadas. Na comunidade de pesca em análise, essas formas adquiriram o traço [+ isca natural].

Na pesca de crustáceos, como o aratu, camarão e o siri, os pescadores utilizam a **pele de galinha** e **pele de carne**. Trata-se de iscas naturais que são adquiridas facilmente pelos pescadores quando da limpeza da ave e da carne bovina para consumo em suas residências. Como os crustáceos se alimentam de carne, são facilmente atraídos com esses tipos isca, através do cheiro. As iscas podem ser simplesmente amarradas a uma linha ou no próprio apetrecho de pesca, como se verifica nos trechos a seguir:

Ah, eu pego o ripichel... bota a isca de... de **pele de galinha** ou então **pele de carne**, marro no isopô e jogo no, na bêra do má. Quando o siri começá a comê, eu pego com o ripichel, boto embaxo e trago ele.

(...)

É pegá os instrumento e ir pra praia. A hente prepara tudo lá na bêra. A hente pega o, o, a **pele da galinha** ou de carne, o que seja lá, e leva tudo lá. Lá mehmo a hente ajeita... o isopô, o ripichel. Lá mehmo a hente... faz tudo lá... usa faca. (F1C-V).

Tem a isca, que é o camarão. O siri, nós pescamos com a **pele de galinha**, sabe? (F2B-I)

As lexias complexas **pele de carne** (< lat. *pēllis* + prep. *de* + lat. *caro*, *carnis*) e **pele**

de galinha (< lat. *pēllis* + prep. *de* + lat. *gallīna*) não se encontram dicionarizadas.

O **siri-mole** e a **tesourinha** também são iscas muito utilizadas pelos pescadores para a captura de peixes na Ilha de Itaparica. Por serem crustáceos dos quais se alimentam determinados tipos de peixes, o uso dessas iscas sempre resulta em pescarias bem sucedidas. Nas falas transcritas a seguir, é possível observar a ocorrência das lexias que denominam esses tipos de isca:

A isca geralmente é camarão, mas eu pesco também com o **siri-mole**. (M2C-V)

Isca... camarão, **siri-mole**, tudo... a **tesourinha**. (M1C-V)

A lexia composta **siri-mole**, como já exposto na seção anterior, está registrada nos dicionários gerais. No que tange à lexia composta **tesourinha**, está registrada com sentido diverso do que se verificou na localidade em estudo. O formato do crustáceo, que lembra uma tesoura pequena, motivou essa lexia.

Jigue é a lexia simples empregada para denominar uma isca artificial de fundo. Consiste em um engodo feito de metal, com cabeça ou corpo preso ao anzol. Possui uma haste dobrada perto do olho e uma “saia” de penas ou fios sintéticos, cujo movimento atrai os peixes. É muito usada na pescaria de linha de fundo para a captura de grandes exemplares.

A lexia simples **rapala** nomeia uma isca artificial, feita de plástico ou madeira, em formato de um pequeno peixe ferido. Atua na superfície, em meia-água ou no fundo. É muito colorida e pode ser dotada de efeito sonoro que ajuda a atrair o peixe.

Sabique é outro tipo de isca artificial usada principalmente na captura de peixes de pequeno e médio porte. Consiste em uma linha de náilon atada a um conjunto de anzóis enfeitados com penachos, miçangas ou outros materiais brilhantes, coloridos e fluorescentes que atraem o peixe. Inicialmente criado para a captura de pequenos peixes a serem usados como iscas na captura de exemplares de grande porte, posteriormente o sabiki passou a ser confeccionado para a captura de peixes de porte maior também. De tamanhos variados, pode conter de 2 a 10 anzóis, permitindo a captura de vários peixes simultaneamente. De acordo com os pescadores, pode ser usado para a pesca de carapicu, pampo, peixe-galo, pescadinha, sardinha, xaréu e outros. No discurso que se segue, o pescador descreve esses três tipos de iscas artificiais:

Eu uso linha, uso anzol, chumbada, tem também tem **jigue**. É um material que a gente compra e que atrai o pêxe. A pessoa joga num lugá, no fundo, fica balançano, aí ele... faz a invenção de que tem um pêxe morreno, entendeu? Aí o predadô vê e pensa que tá morto, que tá morreno o pêxe... ele aí pega. Tem a **rapala**, que é uma isca artificial. Agora são iscas mehmo de profissionais que eles apresentam na televisão. Eles fabricam, eles divulgam, aí sai à venda e é certo mehmo. Tem outro tipo de material que a gente usa pra pescá que é o chamado **sabique**.

É um tipo de anzol que ele vem com umas folhinhas brilhante. Você joga ele puro, com essa folhinha brilhante, aí essas palhinhas, essa folhinhas que fica no anzol, ela dá um sinal brilhoso, aí encandeia o pêxe, aí o pêxe fica doido e pega mehmo. Você joga ele puro e pega mehmo. (M1A-I)

O item lexical **jigue** está registrado, sob a rubrica “tecnologia”, em Ferreira (1999) e Houaiss (2001). Trata-se de um ‘aparelho vibratório em que, pela agitação da água, se promovem a concentração do minério e a limpeza do carvão’ (HOUAISS, 2001). Essa acepção difere daquela documentada na localidade de pesca.

Jigue é uma lexia simples que tem origem no inglês *jig* ‘dança antiga muito viva’. O movimento (subida e descida) que se realiza na modalidade de pesca com esse tipo de isca motivou essa lexia.

As obras lexicográficas consultadas não abonam a forma lexical **rapala**. Sua origem se encontra no antropônimo Lauri Rapala, pescador finlandês que revolucionou a indústria de iscas artificiais, criando uma isca que lembrava um peixinho ferido. Seu invento se revelou um grande atrativo para a pesca e, com isso, fundou a maior indústria mundial de iscas artificiais que se denomina *Rapala*. A comunidade de pesca relacionou a marca pelo produto, estabelecendo, dessa forma, uma relação metonímica. Essa relação explica o emprego da lexia simples **rapala** para denominar a isca artificial que tem o formato de peixe ferido.

Sabique é uma lexia simples que tem origem no japonês *sabiki* ‘instrumento de captura de isca’. A motivação para esse item lexical se encontra na finalidade para a qual foi criado esse instrumento: captura de iscas para a pesca de exemplares maiores.

4.1.1.13 Campo lexical dos instrumentos de iluminação

Compreendem o campo lexical dos *instrumentos de iluminação* os itens lexicais que se referem aos utensílios usados para iluminar durante a pescaria noturna. Como resultado das respostas à questão 18 – “Quais são os instrumentos que o(a) senhor(a) costuma usar para pescar?”, foram levantadas 3 formas: **candeeiro**, **lampião**, **lanterna**. Totalizam, assim, apenas 1% dos itens. No Quadro 17, encontram-se seus respectivos traços semânticos.

Dimensão	Material			Formato				Tipo de energia		Tipo de produção		→
	[feito de metal]	[feito de vidro]	[feito de plástico]	[bojudo]	[alongado]	[cilíndrico]	[cônico]	[a gás ou a óleo]	[à pilha]	[artesanal]	[industrial]	→
Semas												
Lexias												
Candeeiro	+	-	-	-	-	+	+	+	-	+	-	
Lampião	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-	+	
Lanterna	-	+	+	-	+	+	-	-	+	-	+	

Quadro 17 – Campo lexical dos *instrumentos de iluminação*

A lexia **candeeiro** se refere a um instrumento de iluminação, feito de metal, em formato cilíndrico ou cônico, alimentado por gás ou óleo. Trata-se de um instrumento muito rústico, feito de lata de alumínio, como se pode verificar na Figura 66:



Figura 66: Candeeiro.

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Foto nº 1409, obtida em 20/08/2012.

O **candeeiro** é um instrumento confeccionado pelos próprios pescadores da comunidade, como se nota na fala do informante:

Ah, o **candiêro**? A hente mehmo, a hente mehmo faz o **candiêro** aqui. Faz o **candiêro** e compra o gás e bota dentro. Quando não é o gás, é o óleo mehmo. (M1B-V)

Menos rudimentar que o candeeiro, o **lampião** é outro instrumento de iluminação muito usado nas pescarias. Consiste de um instrumento feito de metal, com bojo de vidro,

provido de um pavio, alimentado por gás ou óleo.

Mais moderna e prática que os demais instrumentos, a **lanterna** também é muito utilizada pelos pescadores para iluminar durante a pescaria. De diversos tamanhos e modelos, trata-se de um objeto feito de plástico resistente, de formato alongado e cilíndrico, com um compartimento de vidro provido de uma pequena lâmpada, alimentado por pilha. Nos discursos a seguir, verifica-se a utilidade desses instrumentos pelos pescadores da Ilha de Itaparica:

Catá é o camarão, separá o camarão do pêxe, porque vem tudo com a bagacêra ali quando tira o arrasto. Vem limo, vem pêxe, vem siri, vem tudo ali, tudo ao mehmo tempo ali na rede. Aí a hente suspende o **candiêro** e (?) porque, se a hente não acendê o **candiêro**, tem pêxe ali que morde e vai mordê a gente ali e tem que ir com o candiêrinho pra enxergá. (M1B-V)

Sai com a canoa, com o **lampião**, né, ou a lanterna, e aí vai bateno, pegando com o jeréré. A agulha tá ali, aí vai pegano, aí eles chama batê agulha. (F2C-V)

Coloca a rede, sabe? Aí, no caso, dá uns três arrasto ou quatro, dependeno de como tivé. Se tivé legal, tamém depende do vento, que muitas vezes o vento tá muito forte, aí a maré fica balançano muito, aí o pêxe, camarão ou pêxe, ele escapole, não tem como, né?. Aí, vai, vamo supô, eu pego dois home... que eu vou com meu sobrinho ou, às vez, com meu marido, e a minha irmã com essa outra pessoa que vai e ajuda. Uma segura o **candiêro** ou a **lanterna** e vai ajudá cavá ou catá. Aí pegamos a rede, porque tem que puxá que é pesada, que fica... vem limo, às vezes, vem pedra, vem lixo, tudo isso, sabe? (F2B-I)

A forma lexical **candeeiro** está registrada nos dicionários que servem de base a esta pesquisa com uma definição que se enquadra naquela registrada na comunidade de pesca. A composição desse item lexical se dá a partir do acréscimo do sufixo *-eiro* a substantivo *candeia* (lat. *candēla*) ‘vela, candeia, círio, tocha’. Conforme Houaiss (2001), desde as origens, esse sufixo vem sendo um dos afixos mais empregados no processo derivacional em função de sua diversidade de noções semânticas e sua flexibilidade combinatória que possibilitam a formação de inúmeros adjetivos e substantivos. Esse item lexical está documentado na carta 58 do *ALS II* como designação para tipos de candeeiro, usada por informantes do sexo feminino nos pontos 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, e pelos do sexo masculino nos pontos 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, como se observa na Figura 67.

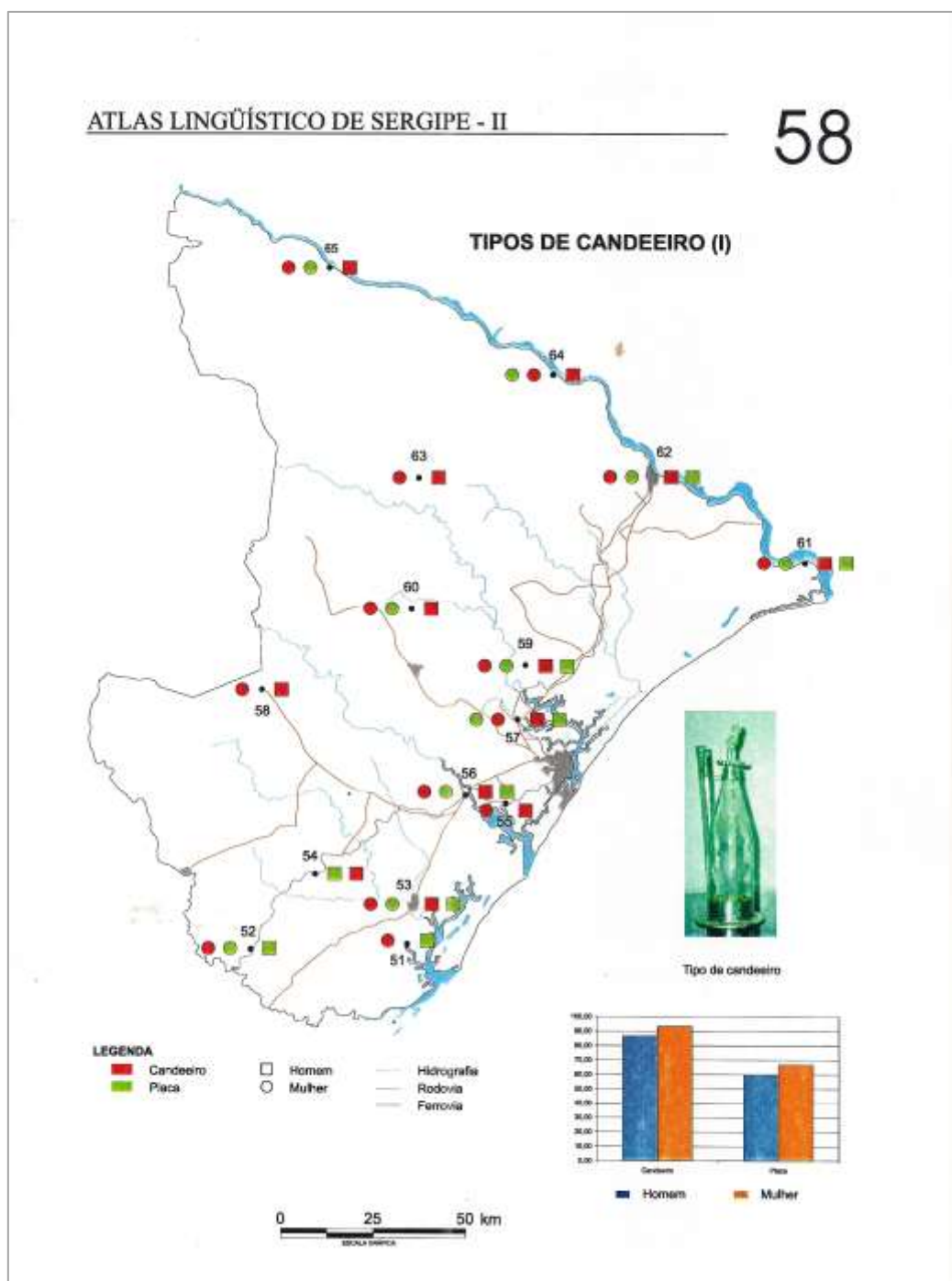


Figura 67: Carta 58 – Tipos de candeiros.
Fonte: CARDOSO (2005).

Para a lexia simples **lampião**, Aulete (2013) apresenta uma definição condizente com a que se observou na localidade: ‘utensílio de iluminação, fixo ou portátil, de corpo metálico bojudo, contendo substância combustível, e parte superior de vidro, que protege a mecha incandescente’. Segundo Cunha, (1986), esse item lexical provém do italiano *lampione* ‘lanterna, lâmpada grande’, derivado de *lampa* (por *lampada*). Como se verifica através da Figura 68, essa forma lexical foi registrada na carta 59 do *ALS II*, como denominação para

tipos de candeeiros, empregada por um informante do sexo masculino no ponto 59.

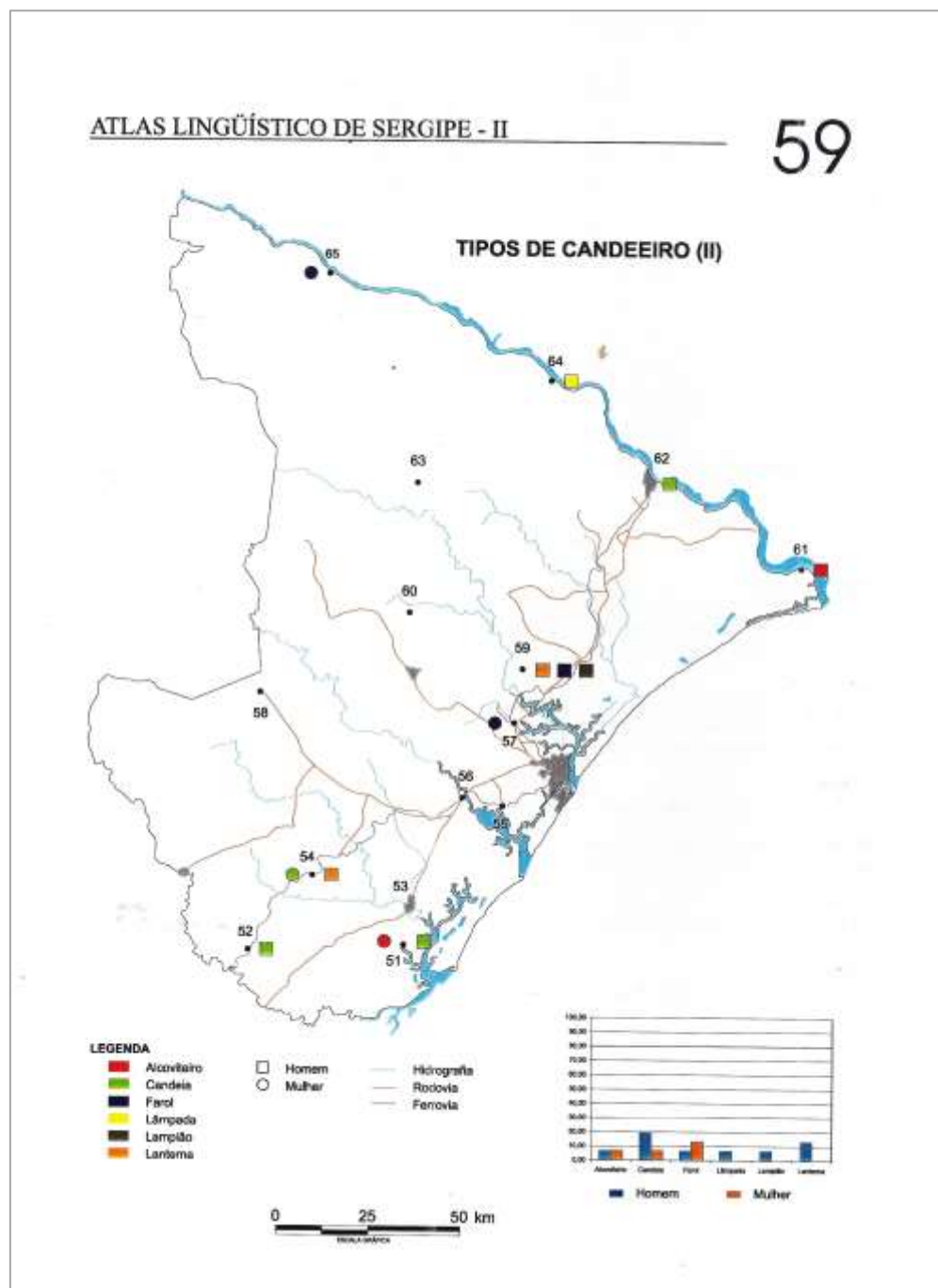


Figura 68: Carta 59 – Tipos de candeeiros (II).
Fonte: CARDOSO (2005).

A lexia simples **lanterna**, que tem origem no latim *lanterna* (derivado do grego *lamptēr*), está registrada em Houaiss (2001) como ‘aparelho para iluminar, portátil, que consiste de pilhas e uma pequena lâmpada elétrica encerradas, em geral, num cilindro de metal ou plástico’. Essa acepção converge para aquela verificada entre os pescadores da Ilha de Itaparica. Como se nota na Figura 67, o item lexical **lanterna** também foi registrado na

carta 59 do *ALS II* como designação para tipos de candeeiro, empregada por informantes do sexo masculino.

4.1.1.14 Campo lexical das frações e medidas

No campo das frações e medidas, encontram-se as formas que designam partes e quantidades padrões para determinar dimensões. Correspondendo a 1% da totalidade dos itens lexicais, apenas 5 lexias compreendem esse campo: **bitola**, **maia ~ malha**, **quinhão**, **quinto do barco**. Os semas que as distinguem estão expostos no Quadro 18.

Dimensão	Natureza			Aplicabilidade			→
Lexias	[que indica espaçamento]	[que indica tamanho]	[que indica divisão]	[manutenção do barco]	[divisão do pescado]	[confeção da rede]	→
	Bitola	-	+	-	-	-	+
Maia ~ malha	+	+	-	-	-	+	
Quinhão	-	-	+	-	+	-	
Quinto do barco	-	-	+	+	+	-	

Quadro 18 – Campo lexical das *frações e medidas*

Para se referir à medida que indica o tamanho da malha da rede, os pescadores empregam a lexia simples **bitola**. Esta é padronizada conforme o tipo de rede e o porte do peixe que se pretende capturar com o apetrecho. Assim, é a **bitola** que indica o tamanho do espaço entre as malhas da rede, como afirma o pescador:

É a rede que chama tainhêra, que é uma malha trinta ou seguindo pra uma malha maió, quarenta, e outras malhas mais que a hente sabe que são uma **bitola** de rede, que a hente chama trinta eme eme ou quarenta eme eme entre nós... aí a hente divulga a rede assim. (M3A-V).

De uma forma geral, o item **bitola** está dicionarizado como ‘medida-padrão’, ‘medida reguladora’, ‘modelo’, ‘norma’. Apenas em Houaiss (2001) está registrada com uma acepção específica no campo da pesca que tem em Portugal. Segundo o autor, é o mesmo que *malheira* ‘pequena régua ou cilindro de madeira, que se utiliza no fabrico manual de redes e tarrafas, para uniformizar a dimensão das malhas’. **Bitola** é uma lexia de origem controvertida (CUNHA, 1986). De acordo com Houaiss (2001), é correlata ao espanhol *vitola*. Para A. Coelho (*apud* MACHADO, 1967) talvez derive de *bêta* e *ola*. Segundo Rodrigues (*apud*

MACHADO, 1967) vem do hebreu *beth*, medida de capacidade dos judeus. Conforme Machado (1967), Cortesão a considera um vocábulo castelhano, e este teria origem no anglo-saxão *wittol*, ‘medida’.

Maia e **malha** são as variantes que nomeiam o espaço vazio entre os nós da rede. Conforme o porte do peixe a ser capturado, determina-se a **maia** ~ **malha** da rede. Dessa forma, há **maias** ~ **malhas** de diferentes bitolas, como explicam os informantes:

A **maia** é a **bitola**. Fica mais ou menos vinte milímetro, vinte e cinco milímetro. Tem a **maia** de quarenta, tem a **maia** trinta, tem a **maia** vinte e cinco, tem de todo tipo de **maia** a rede. (M3B-V)

Só que as redes, elas têm as **malhas** pra pegá os tipos de pêxes já adequados, tamanho certinho, porque os menores não pegam. Eles passam, vão embora. Aí só ficam os maiores. (M1A-I)

É a **maia** da rede que tá prejudicando a pescaria. Se tivesse a **maia**... porque até a **maia** trinta panha camarão... porque tem a **maia** vinte que panha camarão, a **maia** vinte e cinco panha camarão. Por que não a **maia** quinze pra rede de camarão? (M3B-V)

Maia é o buraco feito na rede, a numeração da rede que tem. A arraiêra já é maió; a ressa já é menó. Isso o pêxe vem e se embaraça. (M2B-I)

Os dicionários gerais registram a lexia **maia** com acepção divergente da que se documentou na comunidade. **Malha**, por sua vez, está registrada com o mesmo sentido verificado entre os pescadores: ‘cada um dos espaços vazios que essas malhas deixam entre si’ (AULETE, 2013; HOUAISS, 2001). Esse item lexical, segundo Cunha (1986), provém do francês *maille*, e este, do latim *macŭla*.

Ao término de uma pescaria, a produção é dividida em partes iguais, conforme o número de pescadores do grupo. A parte que cabe a cada um dos pescadores é denominada **quinhão**. Este é estabelecido de acordo com o montante de peixes capturados pelo grupo. Ao explicar como é feito o pagamento na pescaria, os informantes discorrem sobre esse item lexical:

Ah, pagamento é... quando pega pêxe, aí bota pra vendê, aí cada um dá o **quinhão**, aí e divide... cada um dá um pôquinho e divide. (F1C-V)

Elas ajudam a puxá e também ganham, ganham até dinheiro, porque diz assim: “É um **quinhão**”. Se eles ganha um **quinhão**, dá um **quinhão** a elas. É assim, ainda dá o **quinhão** do pêxe.

(...)

Qué dizê, o pagamento é feito com a produção... qué dizê, o que ele dé, que eles vendem ali é o que dá um **quinhão** pra cada. (F3B-I)

Do latim *quīnio -ōnis*, a lexia simples **quinhão** está dicionarizada com o mesmo sentido que se emprega na localidade em estudo: ‘a parte de um todo que cabe a cada um dos indivíduos pelos quais se divide’, ‘porção, partilha, cota’ (FERREIRA, 1999).

Na divisão que os pescadores fazem do pescado, há uma parte destinada à manutenção do barco. Esta é designada **quinto do barco**. Veja-se o que dizem os pescadores:

Geralmente, em quantidade, ele vende. Tem o **quinto do barco**. O quinto é o dinheirinho pra manutenção do barco. Aí um exemplo: vai nós três pescá... a gente fez assim duzentos de pescaria... aí a gente teve... qual é a despesa? Deu cinquenta reais só de despesa pra nós três ir pescá. Aí fez duzentos, aí tira cinquenta reais da despesa, tira mais vinte e cinco ou vinte reais pra manutenção do barco e o resto a gente divide pra raqueá pra nós três. (M2C-V)

O pagamento é dividido porque, se for pescaria junto, aí todo mundo bota o pêxe lá e, na hora, o mestre divide. Se for quatro pessoa, aí divide pra cinco porque tem o **quinto do barco**, né? Aí divide pra cinco. Aí todos ele que pescaram, aí tira o deles e bota o **quinto do barco**. Aí bota aquela quantidade. Se pegá dez pêxe, três tira pra o barco, cada um, entendeu? Aí vai tirando e é o **quinto do barco**. Aí divide assim o pagamento. (F2C-V)

Quinto do barco é uma lexia composta que não se encontra dicionarizada. A lexia simples *quinto* (< latim *quīntus*), no entanto, está registrada como as seguintes acepções: ‘a quinta parte’, ‘imposto de 20% que o erário português cobrava sobre o ouro, a prata e os diamantes extraídos do solo brasileiro no período colonial’. Como regionalismo baiano, é definida como ‘percentual, em torno de 20% sobre o diamante extraído, devido aos donos-de-serra’ (HOUAISS, 2001). A motivação para o item lexical composto, no campo em estudo, é o objeto para o qual se destina uma parte do lucro da pescaria.

4.1.1.15 Campo lexical dos fenômenos da natureza

O campo dos *fenômenos da natureza* se constitui de 19 itens, o que representa 5% das formas lexicais. Nesse campo, estão reunidas as lexias que designam os eventos naturais, os quais condicionam a pesca na comunidade em estudo, tais como: **lua do marisco**, **maré**, **maré cedeira**, **maré-cheia** ~ **maré de enchente** ~ **maré grande** ~ **maré de lançamento** ~ **maré nova**, **maré de boca de noite**, **maré de setembro**, **maré escura**, **maré minguante** ~ **maré morta** ~ **maré pequena**, **maré tardeira**, **marola**, **vento baixo** ~ **vento leste**, **viração de vento alto**. Os traços distintivos das lexias arroladas podem ser observados no Quadro 19.

Dimensões	Tipo de ocorrência		Turno em que ocorre			Intensidade		Dimensão/ Volume		Critérios de variação			→
	[movimento]	[deslocamento]	[matutino]	[vespertino]	[noturno]	[forte]	[fraco]	[grande]	[pequeno]	[conforme a conjunção com o Sol]	[conforme a diferença de pressão]	[conforme a atração do Sol e da Lua sobre a Terra]	
Semas													→
Lexias													→
Lua do marisco	-	-	-	-	+	-	-	+	-	+	-	-	
Maré	+	-	+	+	+	+/-	+/-	+/-	+/-	-	-	+	
Maré cedeira	+	-	-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-	-	-	+	
Maré-cheia ~ maré grande ~ maré de lançamento ~ maré nova	+	-	+	+	+	+	-	+	-	-	-	+	
Maré de boca de noite	+	-	-	+	+	+/-	+/-	+/-	+/-	-	-	+	
Maré de enchente	+	-	+	+	+	+	-	+	-				
Maré de setembro	+	-	+	+	+	+	-	+	-	-	-	+	
Maré de vazante	+	-	+	+	+	-	+	-	+	-	-	+	
Maré escura	+	-	+	+	+	+	-	+	-	-	-	+	
Maré minguante ~ maré morta ~ maré pequena	+	-	+	+	+	-	+	-	+	-	-	+	
Maré tardeira	+	-	-	-	+	+	-	+	-	-	-	+	
Marola	+	-	+	+	+	-	+	-	-	-	-	+	
Rebojo	+	-	+/-	+/-	+/-	+	-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	
Vento baixo ~ vento leste	+	+	+	+	+	-	+	+/-	+/-	-	+	-	
Viração de vento alto	+	+	+	+	+	+	-	+/-	+/-	-	+	-	

Quadro 19 – Campo lexical dos fenômenos da natureza

O fenômeno relacionado à fase da lua propícia à pesca de mariscos é nomeado pela lexia complexa **lua do marisco**. Compreende as fases de lua cheia e lua nova, em que as marés atingem o mais alto nível. Nesse período, as marés baixam e sobem com maior intensidade, trazendo um volume maior de frutos do mar para a costa litorânea. É a época em que os mariscadores trabalham com mais afinco. No discurso abaixo, em que a mariscadora fala sobre a participação de seus filhos na mariscagem, verifica-se a ocorrência desse item lexical:

Meus filhos também, mas só que nem é tanto, não. Eles menores iam tudo comigo, aquela coisa toda. Hoje eles já vão... mas... que eles já estão sobre si. Eles já vão... tem um que mora no Areal e ele vai sempre, mas não é mais como era antes... porque já são homens, aí vai procurá uma coisa pra fazê, aí quando chega a **lua do marisco**, aí não tem mais aquele tempo, já vai fazê outra coisa. (F2C-I)

Os dicionários gerais não registram a lexia **lua do marisco**. O fato de o fenômeno lunar favorecer a produção de mariscos é a motivação para essa forma lexical.

O movimento de elevação e abaixamento das águas do mar, os pescadores denominam **maré**. Corresponde a um fenômeno produzido pela atração da Lua e do Sol sobre a Terra.

Este determina o melhor período para a pescaria, como se nota na fala da pescadora:

A melhor época pra pescá é quando a lua tá forte. Aí os pessoal tudo comenta: “Hoje a **maré** tá boa pra pescá! A **maré** tá boa pra pescá hoje!” Aí todo mundo se arruma pra ir. (F3C-V)

A lexia simples **maré** está dicionarizada com sentido equivalente ao que tem na comunidade de pesca. Sua origem se encontra no francês *marée* (derivado do antigo *mer*) ‘movimento de oscilação das águas do mar provocado pela atração gravitacional do Sol e da Lua’.

Conforme o período em que ocorre o fenômeno de elevação da maré, os pescadores empregam diferentes lexias para denominá-la. Se a maré atinge o seu nível mais elevado nas primeiras horas do dia, é nomeada **maré cedoira**; se o fenômeno ocorre mais tarde, após o meio-dia, é **maré tardeira**. Nos discursos, é perceptível o entusiasmo dos pescadores por desenvolver suas atividades, tanto de captura de peixes quanto de mariscos, quando ocorre a **maré cedoira**, em função de esta permite-lhes voltar mais cedo para casa. Observem-se as falas a seguir:

Marisquêra? Considero porque eu nasci e me criei nisso. Considero, considero. Hoje mehmo eu não fui pra praia porque eu fui na colônia, mas amanhã eu vô pra praia, vô... na **maré cedêra**. (F3B-I)

E quando a hente sai daqui com a **maré tardêra**, a hente chega três, quatro hora da manhã. Eu tô contano de chegá de pescá mehmo, a hente chega no outro dia. Eu amanheço mehmo pescano.
(...)

A **maré tardêra**, a hente já sai daqui sete hora da noite, oito hora da noite. Pronto, a hente amanhece lá pescano. (M1B-V)

As lexias complexas **maré cedoira** e **maré tardeira** não se encontram dicionarizadas. Têm como motivação semântica as circunstâncias de tempo em que o fenômeno ocorre.

Maré-cheia ~ **maré grande** ~ **maré de lançamento** ~ **maré nova** são formas variantes que designam o fenômeno que corresponde à elevação máxima do nível do mar. Trata-se da época em que a maré está mais favorável à captura de peixes e mariscos, como se nota nos discursos dos pescadores:

Quando tá na época da **maré-cheia**. Quando a gente vê que a lua tá nascente, aí ... Quando ele começa a... a gente vê que ela tá nascente, se prepara pra pescá. (F2A-I)

Maré grande é quando ela tá dano marisco, é quando ela seca muito. E a maré minguante, ela não vaza. Ela vaza pouquíssimo. Na mehma hora que ela tá vazano, ela tá encheno. Quando a maré tá grande. (F3C-V)

Maré grande é isso aí que tá lançano. A **maré de lançamento** é **maré grande**. Maré morta é maré que não tem muita correnteza, tá entendeno? A **maré grande** tem; a maré morta não tem;

é mais lugá pra pescá den’do fundo. (M2C-I)

Esse fenômeno ocorre durante as fases de Lua cheia e Lua nova, em que a Lua e o Sol estão alinhados e os seus efeitos se somam, tornado as marés mais “fortes”. Em suas falas, os pescadores demonstram o domínio sobre esse evento da natureza:

É como eu disse, a hente bota a isca nos anzóis, bota a chumbada, o arco, e segura o carretel cá e solta a linha. Dependendo da maré. Se a maré for **maré grande**, como assim, na lua cheia ou na lua nova, a maré é maió, né? Aí a hente joga a linha e quanto mais pede linha até a chumbada ir lá no chão, tá soltano linha. (F2C-V)

Maré grande... agora, agora mesmo ela tá seca. Se ela não já tá encheno, ela tá seca. Que tem os dia de... baseado na lua... que lua também eu não sei explicá, mas eu sei quando tá vazano. (F3C-V)

Nesse período, os peixes costumam se dirigir para a costa à procura de alimento. Com o mar agitado e fortes correntezas, os peixes ficam mais vulneráveis, o que favorece a sua captura. Dessa forma, os pescadores conseguem desenvolver sua atividade com mais rapidez e logo retornam para casa, como afirmam os informantes:

Maré nova porque chega cedo, tá entendeno? A hente sai daqui pra pescá cinco hora da tarde e oito, nove, dez hora t’aqui. **Maré nova** é três, quatro arrasto. É rapidinho a hente chega aqui. Ainda pega a novela das oito, tá entendeno? A hente sai daqui quatro e meia, cinco hora da tarde. (M1B-V)

Nas obras que fundamentam este estudo, a lexia composta **maré-cheia** figura com a mesma acepção com a qual é empregada entre os pescadores. Segundo Aulete (2013), Ferreira (1999) e Houaiss (2001), é o mesmo que *maré-alta* ‘elevação máxima do nível do mar, durante uma enchente de maré’. O volume de água que o mar atinge quando ocorre o fenômeno atinge motivou essa lexia.

As lexias complexas **maré grande** ~ **maré de lançamento** ~ **maré nova** não se encontram registradas. A forma lexical **maré grande** também tem como motivação o nível elevado de água no período em que ocorre o fenômeno. No que se refere à lexia **maré de lançamento**, supõe-se que o movimento da maré lançante motivou essa forma lexical. No que tange ao item lexical **maré nova**, possivelmente tem como motivação uma das fases da lua em que esta ocorre, ou seja, na lua nova.

Maré de boca de noite é a forma lexical empregada pelos pescadores para nomear o fenômeno de elevação da água do mar que ocorre entre o final da tarde e o início da noite. No discurso a seguir, o pescador informa sobre a pescaria durante esse tipo de maré:

Aqui é muito. Todo mundo daqui participa de pesca. Você vê, tem... às vez, no porto, você sai

assim... sai de tardezinha, nessa **maré de boca de noite**, fica em fileira de canoa que vai subino... tudo pra ir pescá. Vai pescá... sai quatro hora da tarde, aí vai chegá aqui oito, nove, dez hora da noite. Dez, doze canoa... cada uma canoa vai com quatro. Aí vai todo mundo, todo pai de família vai... aí a atividade é assim, a pescaria de camarão. Aí já sai os outro que já vai ... aí já sai os otro também que vai botá munzuá. É assim... uns chega e otros sai. A atividade de pescaria aqui é assim: uns chegado e outros saino. (M3B-V)

A lexia complexa **maré de boca de noite** não está registrada nas obras consultadas. O período em que o fenômeno de elevação da água do mar ocorre (início da noite) motivou essa denominação.

Para denominar o fenômeno que ocorre no intervalo de tempo em que a maré se eleva os pescadores utilizam a lexia **maré de enchente**. Ocorre entre a maré baixa e a maré alta seguinte. É o oposto de **maré de vazante**, fenômeno que corresponde ao intervalo entre uma maré alta e a maré baixa subsequente. Nos discurso abaixo, verifica-se a ocorrência desses itens lexicais:

O lanço que dizê cercano. Nós cerca é de acordo com a maré. **Maré de vazante** puxa pra Salvadó; **maré de enchente** puxa pro lado de Itaparica. Aí nós tem que se (?), fazê o lanço, puxá pra terra. Só pode sê a favor da maré, nada contra a maré, senão não vem pra terra. (M2C-I)

Maré de enchente e **maré vazante** são lexias complexas não dicionarizadas. O movimento de subida e descida da maré motivou respectivamente as formas lexicais.

Para nomear a maré que ocorre na madrugada, em período de lua nova, os pescadores empregam a lexia complexa **maré escura**. Trata-se de um tipo de maré boa para a pesca, pois os peixes se movimentam mais, aproximando-se dos ambientes mais próximos da costa. Observe-se o que diz a pescadora:

Eu já falei que é na lua cheia e a **maré escura**, apesar que tem uns dias que, eu não sei direito se é na lua nova que, quando o má está calmo porque do tempo, e se ela estivé fria demais, que eles pegam alguma coisa assim. (F1C-I)

Maré escura é uma forma lexical não dicionarizada. Como ocorre no período de lua nova, em que há falta de luminosidade, esse tipo de maré recebeu essa denominação.

Maré minguante, **maré morta** e **maré pequena** são variantes que designam a água do mar em seu nível mínimo, período em que há pouca oscilação entre as marés e a água do mar se mantém mais limpa. Veja-se o que dizem os pescadores sobre esse tipo de maré:

Que tem os dia de... baseado na lua... que lua também eu não sei explicá, mas eu sei quando tá vazano. Maré grande é quando ela tá dano marisco, é quando ela seca muito. E a **maré**

minguante, ela não vaza. Ela vaza pouquíssimo. Na mehma hora que ela tá vazano, ela tá encheno. (F3C-V)

Tem maré grande, tem **maré morta**, tem a maré... às vezes, a gente... é os nome que a gente dá. Quando a maré quebra, no caso, ela tá puxando demais, só que tem... ela passa cinco dias, no máximo, ela puxano mesmo forte. Aí depois desses cinco dias, ela vai perdeno a força, ela vai perdeno a força, aí a gente diz que a maré quebrou. Vai perdeno a força... aí cada dia que vai passano, ela vai perdeno a força. Aí, quando ela perde a força total, ela fica fraca, fraca, a gente chama de **maré morta**, aí dá pra o mergulho. Que quando ela tá correno muito, ela cava mesmo, ela sai rancano a areia tudo do chão, aí fica tudo preto, escurece a água. E, na **maré morta**, não. Ela, além de perdê a força, a água fica cristalina, já serve pra os mergulhadores aproveitarem e mergulhá. (M1A-I)

Depende de maré... cada **maré grande**, a pescaria é mais; cada **maré pequena**, a pescaria é menos... que tem **maré grande** e **maré morta**. (F3A-I)

Como se observa no discurso dos pescadores, ao contrário da **maré grande**, a **maré minguante ~ maré morta ~ maré pequena** não é favorável à pesca, embora seja propícia à pesca de mergulho.

As formas lexicais que denominam esse tipo de maré não se encontram registradas nas obras consultadas. Nesse tipo de maré, as oscilações de baixa e alta são mínimas e o seu fluxo é mais fraco, havendo redução da água do mar. Isso explica a motivação semântica para essas lexias.

Para designar o tipo de maré predominante no mês de setembro que se caracteriza por apresentar grande volume de água, emprega-se a lexia complexa **maré de setembro**. Trata-se de um tipo de maré considerada excelente para a captura de marisco. Nesse período, a maré se eleva ao mais alto nível, bem como se esvazia ao nível mínimo, trazendo os mariscos para a costa. Observe-se o que afirmam as informantes:

Agora a maré. Essa **maré de setembro** é melhó; é a maré melhó. (F3C-I)

A melhó época pra pescá é agora mehmo, essa **maré de setembro**...é o marezão que dá bem melhó. (F3B-I)

É como vó falou, a época de setembro que é a melhó, maré boa, que mais marisca. Que dá mais, que vaza mais, aí tem como pescá mais. (F1B-I)

Maré de setembro é uma lexia não dicionarizada. No *corpus*, figura apenas no léxico empregado pelos informantes do sexo feminino, as mariscadoras. O mês em que ocorre o fenômeno motivou a lexia complexa.

Para denominar o fenômeno concernente ao movimento circular provocado pelo vento na água do mar, os pescadores empregam a lexia **rebojo**. Trata-se de um fenômeno que ocorre principalmente no inverno, quando o vento é mais intenso. Conforme os pescadores, esse

movimento provoca o que se denomina **marola**, fazendo com que o peixe seja atraído para os ambientes mais próximos à costa. Veja-se a explicação do pescador:

Rebojo é o vento quando... o vento que vem do má mesmo. Aí embola, fica aquele tombo, dá aquela **marola**, aí atrai muitos pêxe entendeu? Eles ficam tudo assanhados, atacados, aí sai pra comê.

(...)

Olhe, o verão é bom demais. Além... dizem que o pêxe gosta de turista, né? E os pescadores gostam também porque os turistas vêm, contrata os pescadores e ele leva pra pescá, dá muito pêxe. Mas a época mesmo que eu gosto é no inverno porque, devido à chuva, tem vento um pouco também... pêxe gosta de **rebojo**, do má quando tá agitado. (M1A-I)

A lexia simples **rebojo** está registrada com o mesmo sentido apurado na comunidade de pesca. É uma forma regressiva do verbo *rebojar* ‘formar bojo’, ‘redemoinhar’. **Marola** é uma lexia complexa que está dicionarizada com o mesmo sentido empregado entre os pescadores: ‘pequena ondulação na superfície do mar’. Na Carta 16 do APFB (ROSSI, 1963), esse item lexical está registrado com o sentido de ‘onda de rio’, como se apresenta na Figura 69.

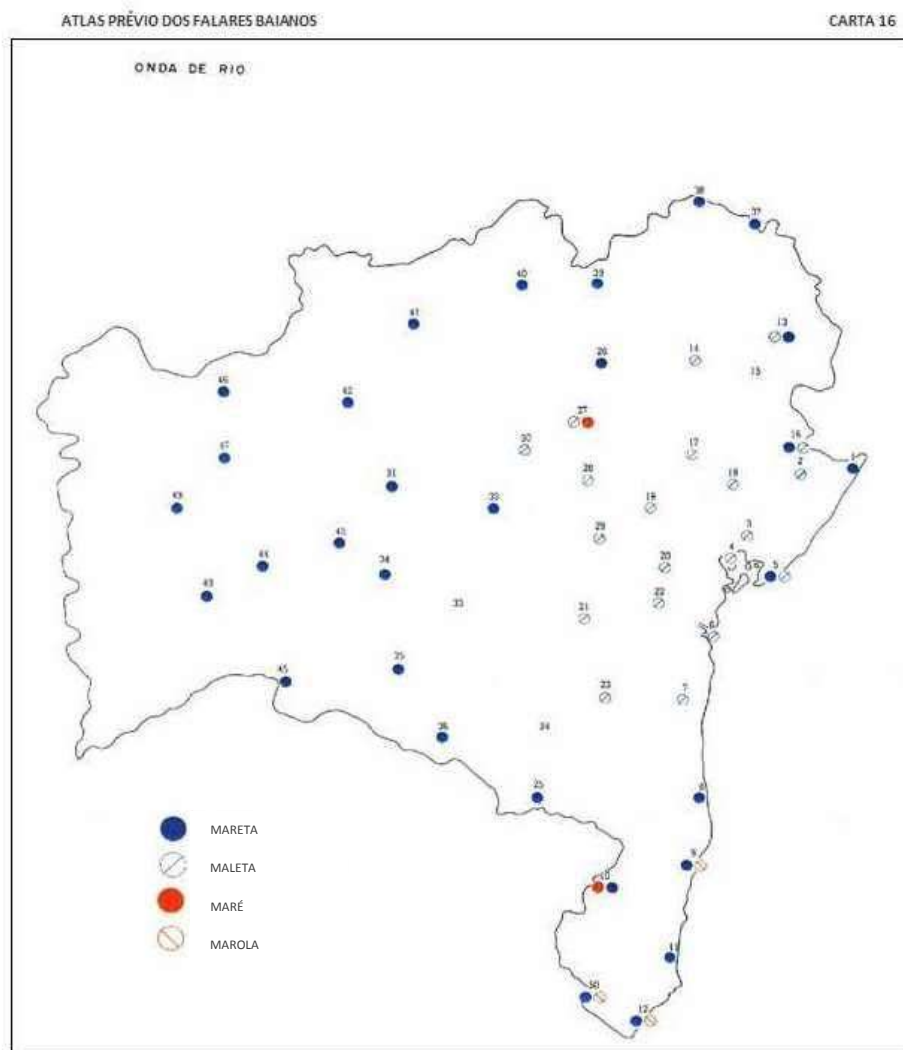


Figura 69: Carta 16 - Onda de rio.
 Fonte: ROSSI (1963).

O processo de criação dessa forma lexical se dá a partir do acréscimo do sufixo *-ola*, formador de diminutivos, ao substantivo *mar*.

Vento baixo e **vento leste** são variantes que denominam o vento forte que provoca agitação na água do mar, trazendo os peixes para a região costeira. Este tipo de vento é assim definido pelo pescador:

Vento baixo é esse vento... é leste. **Vento leste** é que é o **vento baixo** que encosta o pêxe mais pra terra, sabe? (M3B-V)

A lexia complexa **vento baixo** não se encontra dicionarizada. Aulete (2013) e Ferreira (1999), no entanto, registram a forma *vento de baixo*. Segundo os autores, na região amazônica, tem sentido de ‘vento leste, que sopra da foz do Amazonas’; na Bahia, ‘vento que sopra do Sul’.

Vento leste é uma lexia complexa que não está registrada nos dicionários gerais. A

forma composta *vento-leste*, entretanto, encontra-se registrada sob a rubrica “zoologia” em Ferreira (1999) e Houaiss (2001) como o ‘mesmo que cabeçudo’ e o ‘mesmo que palombeta’, acepções que não condizem com a que empregam os pescadores para a lexia complexa. Na mitologia grega, o **vento leste** é criador de tempestades. A direção da qual parte o fenômeno motivou esse item lexical.

Para nomear a mudança repentina do vento, os pescadores empregam a lexia complexa **viração de vento alto**. De acordo com eles, para conduzir uma embarcação, é preciso ter domínio sobre esse fenômeno para que o pescador não fique desorientado em alto-mar, como denota a fala do informante:

Mestrá quer dizê sabe, conhece um pôco o vento porque... aí agora mehmo é **viração de vento alto**. Se a senhora não soubê pra que lado que a senhora tá ino, não pode suspendê um pano e não sabê pra que lado vai. Então tem que sabê mestrá. O mestre qué dizê aquele que fica na popa. (M2C-I)

Viração de vento alto é um item não dicionarizado. A lexia simples *viração*, no entanto, está registrada como ‘aragem ou vento fresco e suave que costuma soprar à tarde do mar para a terra’. No caso do fenômeno em análise, o vento sopra com muita intensidade, o que motivou a lexia complexa, com o acréscimo dos especificadores *vento alto*.

Através da análise, observa-se que os pescadores da Ilha de Itaparica nomeiam as marés conforme o nível de água em relação aos bancos de areia, como **maré grande**, **maré pequena**; o volume de água, como **maré-cheia**, **maré de enchente**, **maré de vazante**; as fases da lua, como **maré minguante**, **maré nova**; e o período em que ocorrem, como **maré escura**, **maré cedoira**, **maré tardeira**, **maré de setembro**.

4.1.1.16 Campo lexical das características

As formas lexicais que denominam os aspectos relacionados à qualidade, estado ou condição dos elementos concernentes à pesca estão reunidas no campo das *características*. Esse perfaz 3% dos itens, constituindo-se de 10 lexias, cujos traços distintivos podem ser vistos no Quadro 20.

Dimensões		Qualidade/estado				Tipo de atributo				→
Lexias	Semas	[da água]	[do mar]	[do pescado]	[da embarcação]	[relacionado a movimento]	[relacionado à aparência]	[referente a estado da embarcação]	[relacionado à captura]	→
		Agitado	-	+	-	-	+	-	-	-
Ancorado	-	-	-	-	+	-	-	+	-	
Barrenta	+	-	-	-	-	-	+	-	-	
Catado	-	-	+	-	-	-	-	-	-	
Cristalina	+	-	-	-	-	-	+	-	-	
Emantado	-	-	+	-	-	-	-	-	+	
Encalhado	-	-	-	-	+	-	-	+	-	
Ferrado	-	-	+	-	-	-	-	-	+	
Malhado	-	-	+	-	-	-	-	-	+	
Motorizado	-	-	-	-	+	+	-	+	-	

Quadro 20 – Campo lexical das *características*

Agitado é a forma lexical empregada para caracterizar o mar quando suas águas se movimentam de forma turbulenta. Ao discorrer sobre os tipos de embarcação utilizados na localidade, o pescador afirma que esta não é uma característica do mar na região costeira, como se verifica a seguir:

Tem várias, tem pessoas que usam canoa, tem pessoas que usam caiaque, porque aqui o maá não é **agitado**, então qualqué tipo de embarcação pequena que colocá no má, pesca, entendeu? (M1A-I).

Proveniente do latim *agitātus*, ‘agitado, impelido, posto em movimento, perseguido’, a lexia simples **agitado** está registrada com o mesmo sentido com que figura no *corpus* apenas em Aulete (2013) e Houaiss (2001), que apresenta como exemplo ‘mar agitado’. O movimento frequente da água do mar quando se encontra nesse estado motivou essa lexia.

Para especificar a embarcação quando esta se encontra parada em algum ponto de pesca ou no cais, os pescadores empregam a forma lexical **ancorado**. Refere-se ao barco que se encontra fixo por meio de uma âncora lançada ao fundo do mar. Ao falar sobre os pontos de pesca, o informante emprega esse item lexical, como se verifica a seguir:

Existe, qué dizê, certos lugares porque aqui nas praia, vamo supô, em todo lugá... às vez, jogá poita em algum lugá nós não pega. Então nós tem realmente, com eu tô falano, as marca, né? Que nós faz normalmente. Quer dizê, o barco... vamo supô, o barco tá **ancorado** ali. Ali nós não vamo pescá. Aí nós temos lugá determinado de largá a catraia e lugá determinado de pescá. (M2C-I)

Aulete (2013) e Houaiss (2001) registram a lexia **ancorado** (particípio do verbo *ancorar*) com a mesma acepção que se documentou na comunidade: ‘preso com âncora’. O

objeto com o qual se prende a embarcação motivou esse item lexical.

No período da maré grande e em época de chuva, a água do mar fica escura e suja. Para adjetivar a água quando se encontra nessa situação, os pescadores utilizam a lexia **barrenta**. Observe-se o que diz o pescador:

Maré grande... tá toda suja, **barrenta** e correno demais. Aí é maré grande. (M1A-I)

Nas obras em que se fundamenta esta pesquisa, a lexia composta **barrenta** (*barro + -ento*) é definida como ‘que contém barro’, ‘da cor do barro’, ‘que é da natureza do barro’. Tais definições convergem para aquela documentada na comunidade. Esse item lexical está registrado nas cartas 045.L019 e 046.L020 do ALECE (BESSA 2010a; 2010b), como resposta à pergunta 18 do questionário “Água que não agrada o paladar”. A cor da água motivou esse item lexical.

Catado é o item lexical empregado para qualificar o marisco que se encontra selecionado, limpo e sem carapaça ou concha. Trata-se de uma característica que agrega valor ao produto. Ao descrever o trabalho do munzuazeiro, o informante emprega essa forma lexical:

O munzuazêro, ele bota lá o munzuá com a isca. Quando dá no outro dia, ele vai corrê, aí tira o siri do munzuá, bota no balde, dentro da embarcação... aí torna iscá, torna largá lá de novo... vem embora. Chega em casa, aí ele vai... a mulé ou ele mehmo cozinha. Eu mehmo lá em casa... ói pr’aqui (apontando para o pé), isso aqui mehmo é de quêmadura de cozinhá siri, que eu fui pegá a panela, escorreguei, queimou o pé, né? É assim. Aí cozinha. Aí já tem... às vez, o cara tem a mulé que cata; às vez, a mulé já não cata, ele paga um pessoa pra catá. É cinco reais um quilo de siri pra catá, pessoal dá **catado**. Quem tem muitos aqui que a mulé já não cata, aí ele já paga outro pra catá. (M3B-V)

A lexia composta **catado** (particípio do verbo *catar*) se encontra registrada apenas em Morais Silva (1948) e Aulete (2013). De acordo com este último, significa ‘que se catou’.

Para especificar água que se encontra limpa e clara, os pescadores empregam a lexia **crystalina**. Conforme alguns pescadores, principalmente no verão a água se encontra nesse estado, favorecendo a pesca, como se verifica na fala a seguir:

Porque á água tá mais limpa, tá **crystalina**, aí fica mais fácil de encontrá o marisco. Agora, no inverno, aí não tem como que a água tá suja. (M1C-V)

Para outros pescadores, essa qualidade da água favorece a pesca de mergulho, como se vê no discurso do informante:

Quando a maré quebra, no caso, ela tá puxando demais, só que tem... ela passa cinco dias, no máximo, ela puxano mesmo forte. Aí depois desses cinco dias, ela vai perdeno a força, ela vai perdeno a força, aí a gente diz que a maré quebrou. Vai perdeno a força... aí cada dia que vai passano, ela vai perdeno a força. Aí, quando ela perde a força total, ela fica fraca, fraca, a gente chama de maré morta, aí dá pra o mergulho. Que quando ela tá correno muito, ela cava mesmo, ela sai rancano a areia tudo do chão, aí fica tudo preto, escurece a água. E, na maré morta, não. Ela, além de perdê a força, a água fica **crystalina**, já serve pra os mergulhadores aproveitarem e mergulhá. (M1A-I)

O item lexical **crystalina** está registrado em Aulete (2013) como ‘solução de algodão-pólvora em álcool metílico’ e ‘forma feminina de *crystalino* ‘que permite a fácil passagem da luz, que é transparente como o cristal (água crystalina)’. As demais obras registram apenas a forma masculina com o sentido de ‘límpido, claro como o cristal’, ‘transparente’. Tais definições corroboram aquela que se verificou na comunidade para a forma feminina.

De acordo com Cunha (1986) e Machado (1967), essa lexia tem origem no latim vulgar *crystallīnus* ‘de ou em cristal’, derivado do grego *krystállinos*. A transparência da água, semelhante ao cristal, motivou esse item.

Emantado é a forma lexical usada para caracterizar o peixe que se encontra no cercado pela rede no momento da captura. Ao falar sobre como atrai o peixe, o pescador emprega essa lexia, como se verifica no trecho abaixo:

Não uso nada, não. A hente só fica somente olhano espaná. No caso, sobe em cima d’água e espana. No caso, esperano a vontade dele ou dela, no caso que seja... espaná aquele que, quando dá pra espanar, a hente cercá... a hente sabe que ali, no caso, tá **emantado**... no caso, ali. (M2A-V)

A lexia composta **emantado** não se encontra dicionarizada. O processo que a originou consiste no acréscimo do sufixo *-do*, formador de particípio, ao tema do verbo *emantar* ‘cobrir com manta’. A ação que se realiza com a rede motivou a lexia.

Para a o barco que não se encontra em atividade e permanece estacionado no cais, os pescadores usam a lexia **encalhado** para qualificá-lo. Geralmente é uma condição em que as embarcações se encontram durante o período do defeso, como se verifica na fala do pescador:

Aí o defeso é isso aí. Eles... e eles dão, a pessoa recebe por mês. No caso, se vai ficá o pescadô... ele vai pará de pescá, não vai pescá, não, o barco vai ficá no seco aí, **encalhado** durante três meses. Esses três meses eles vão recebê no defeso. Só que o pescadô, quando ele pegá o pêxe, todo mês ele paga uma taxa de quinze reais no defeso. Esse dinheiro já serve pra quando o camarão, o pêxe entrá na época de proibição, esses três meses eles vão recebê, entendeu? Sem precisá ir pro má. (M1A-I)

Nos dicionários gerais, o item lexical **encalhado** é está dicionarizado com a seguinte definição: ‘que encalhou’. Esta acepção converge para a que se verificou na comunidade. O

seu processo de formação é o mesmo que ocorre com a lexia **emantado**. Não foi possível apurar a motivação para essa forma.

Ferrado é a lexia empregada para especificar o peixe que se encontra fisgado através do anzol. No discurso a seguir, é possível verificar o emprego desse item lexical:

(...) A gente leva um pau, um anzolão grande pra ajudá a ferrá ele, pra botá pra cima, porque ele é grande demais. E, nesse dia, a gente não levô, eu e meu irmão. O pêxe ficô... des'tamanho o pêxe assim, mais de dez a quinze quilo, o pampo. Aí ficou o tempo todo... a gente trabalhô com ele no anzol, e chegou uma hora que ele ficô do lado do barco. A gente não levô o anzol que tinha que levá. Meu irmão tentô pegá ele duas vez, mas ele escorrega muito, e aí ele só fazia descê. Mas tava **ferrado** no anzol! Aí voltava de novo, aí teve uma hora que ele fez assim (mímica). Mas era grande... aí o que aconteceu... teve uma hora que ele sacudiu, tirô o anzol da boca e foi embora. (M2C-V)

Ferrado é uma lexia composta que se encontra registrada com acepções divergentes daquela que tem a lexia na comunidade. Entre os pescadores essa lexia caracteriza o peixe que está preso ao anzol, pequeno gancho metálico, o que explica a motivação para esse item lexical.

O peixe que se encontra preso nas malhas da rede é adjetivado pela lexia **malhado**. Ao explicar como se captura o peixe na rede, o pescador emprega esse item lexical:

Pesca de rede, pesca de rede é o seguinte: bota, no caso, a rede na canoa, embarca aí na canoa, encolhe. Sai, no caso, duas pessoas. Um, no caso, o pêxe espana, o soltadô - tem o soltadô da rede -, solta, e o mestre, no caso, cerca. Ele bota o pêxe, no caso, dentro da rede, no caso, do cercado, o pêxe, pronto... E começa a abalá. Aquele que pulá, pulô; o que não pulá malha. É que a gente pega na rede. No caso, vem **malhado** na rede. (M2A-V)

Ferreira (1999) e Houaiss (2001) definem a lexia **malhado** como 'que se malhou'. Cunha (1986), no entanto, registra essa forma com o mesmo sentido com que se emprega na comunidade: 'enredado'. Ao ser capturado, o peixe fica preso nas malhas da rede, o que motivou a lexia.

Para o barco que tem o motor como força propulsora, emprega-se a lexia **motorizado** para especificá-lo. De acordo com os pescadores, o barco **motorizado** permite a realização de pescarias em pontos mais afastados da costa, pois este tem uma estrutura melhor, como afirma o pescador no trecho a seguir:

Ah, porque savêro já é com motô. Ele é **motorizado**. Motores (?) que coloca. Ele é bem maió. A estrutura dele é bem melhó. E o... a catraia, ela já é uma embarcação menó, já é bem menó e mais estreita um pouco. E a canoa, ela é grande, porém muito estreita, então a pessoa que for, no caso, navegá com canoa tem que tê muita habilidade porque, se vacilá, emborça. Aí a diferença entre esses três tipos de embarcação. (M1A-I)

Nos dicionários que servem de base a este estudo, a lexia composta **motorizado** está registrada com a mesma acepção que tem esse item na comunidade: ‘que é movido a motor’. A forma como é movido o barco, ou seja, através de um motor, é a motivação semântica para esse item.

4.1.1.17 Campo lexical das associações

No campo das *associações*, reúnem-se os itens lexicais que nomeiam as entidades constituídas na comunidade com objetivos voltados para a atividade pesqueira. Foram levantados apenas 2 itens, **colônia** e **cooperativa**, que representam 1% das lexias. Através do Quadro 21 é possível observar os semas que identificam essas formas lexicais.

Dimensões	Tipo de associação		Tipo de entidade		Finalidade		→
	[empresarial]	[sindical]	[sociedade de economia]	[de classe]	[promover melhorias nas condições de trabalho e renda]	[representar os profissionais da pesca]	
Lexias							→
Colônia	-	+	-	+	-	+	
Cooperativa	+	-	+	-	+	-	

Quadro 21 – Campo lexical das *associações*

Colônia é a lexia simples que nomeia uma associação de classe, de caráter sindical que tem como objetivo representar os trabalhadores no setor artesanal da pesca. É através da colônia que os pescadores recebem os benefícios, como o defeso, o seguro desemprego, bem como pleiteiam a aposentadoria. De acordo com os pescadores, depois da criação das colônias nas comunidades da Ilha, eles passaram a ter melhores condições de vida, como se verifica nas falas a seguir:

Benefício é o seguro desemprego que aqui dá na proibição de camarão, de pescado. Que duas vez ao ano há a proibição de camarão. Aí, duas vez ao ano, ele recebe um salaro mínimo, em quarenta e cinco dia. Depois que começô essa **colônia**, pescadô vive numa boa. (M3B-V)
Agora eu sô aposentado. Vivo mais pelo salário que o governo me paga, pela aposentadoria... que eu estava ali na pesca para contribuí com a **colônia** para tê a condição, quando chegá aos sessenta anos, eu me aposentá, como eu me aposentei. Paguei tudo sobre os recibos que eles cobravam todos os anos. (M3B-I)

Eu não recebo nada, mas existe aqui uma **colônia**, que o povo hoje, graças a Deus, recebe né? Apesar que eu ainda não me inclui nessa, mas tem assim um determinado mês que eles vão pagano. E aí eles diz assim: “Tal mês...” Dá início parece que é o dia cinco... até o dia trinta que o povo tem que ir pra vê se o dinhêro tá na conta ou não. (F1C-I)

A situação dos pescadô é... é boa. Aqui eu acho que não é tão ruim porque o pescadô que anda certinho... eu acho que tem pescadô que não se olha por ele mehmo próprio. Aqui mehmo tem um bocado de pescadô que ele tem um benefício desse e ele não se encosta na **colônia**. Porque eu mehmo comecei nisso aí, já hoje, graças a Deus, sou aposentado. Já tenho meu salário que eu ganho, já tenho minha rede, minha canoa. Os pescadô aqui têm suas casinha de construção, não passa previsão. (M3B-V)

As obras consultadas registram a lexia simples **colônia**, dentre outras, com a seguinte definição: ‘grupo de pessoas que vivem em comum ou que repartem determinadas afinidades ou situações comuns’. Houaiss (2001), entretanto, registra a lexia complexa *colônia de pesca* com uma acepção que corrobora a que se documentou na localidade: ‘associação obrigatória de pescadores, instituída por lei’. Conforme Cunha (1986), a lexia colônia tem origem no latim *colōnia*.

Outro tipo de associação se denomina **cooperativa**. De caráter empresarial, é um tipo de entidade de classe que visa à promoção de melhores condições de trabalho e renda dos pescadores da comunidade. De acordo com os pescadores, algumas comunidades da Ilha ainda não contam com esse tipo de associação, a qual é de fundamental importância no armazenamento e comercialização do pescado. Veja-se o que dizem os pescadores:

Não, aí cada um vai do seu jeito. Não tem, não tem **cooperativa**, não. Aquela pescaria, digamos, tem esses dois que vai sozinho; aí tem outro vizinho que vai sozinho... não tem chefe não, não é comunidade, não. (F3A-I)

É... pesca... porque eles não têm ajuda, né? Tem muitas pessoa que depende de embarcação aqui e não têm ajuda de ninguém. Aqui não tem uma cooperativa. Por que uma cooperativa faz o quê? Todos ajuda um e um ajuda todos; aqui não tem. A **cooperativa** é pra todo o marisco que você tivê jogá ali, né isso? Vendê. Hoje em dia tem pessoas que não têm um... uma geladêra pra guardá o marisco... pesca, mas não têm, viu? Não tem um compradô certo na porta pra levá, tem que tá adulano pra vendê um quilo ali, um quilo aqui. O recurso é muito pôco, é muito, muito fraco aqui. (F3A-I)

O destino da pesca? A hente pega... vende mesmo aqui no comércio, na porta de casa ou vende pra uma **cooperativa** que existe aqui em Vera Cruz. (M3A-V)

Meu sonho é o seguinte: é que o governo olhasse mais pra os pescadores e que... organizasse a pesca, nem só na Bahia como no Brasil intêro, certo? Apoiasse nós, que somos pescadores, apoiasse as **cooperativas**, certo? Que ele formasse uma **cooperativa** aqui na ilha, não digo só em Itaparica... na ilha toda, em Vera Cruz, no todo, certo? Só aí... meu sonho era esse.

(...)

Ah... ia dá muita renda aos trabalhadores, muitos trabalhos. Você pegava seu pescado, já levava pra... já levava direto pra **cooperativa**, a **cooperativa** só fazia distribuí. Você não ficava perdeno tempo procurando a quem vendê. (M2A-I)

Cooperativa é uma lexia simples que está dicionarizada com ‘sociedade ou empresa constituída por membros de determinado grupo econômico ou social, e que objetiva desempenhar, em benefício comum, determinada atividade econômica’. Tal acepção é a mesma com que essa forma é empregada entre os pescadores. Esse item lexical provém do francês *coopérative*, derivado de *coopératif*. Como se trata de uma associação em que os

membros, em parceria, cooperam para promover o bem comum, essa entidade de classe recebeu tal denominação.

4.1.2 Considerações gerais sobre os campos lexicais

Pelo exposto, comparando os percentuais de ocorrências em cada campo lexical, verifica-se que o dos *peixes* é o mais produtivo (23%), seguido do campo das *ações* (12%). Como se nota, através do campo lexical dos *peixes*, revela-se a riqueza da fauna marinha na região da Ilha de Itaparica. A Figura 70 permite visualizar melhor o percentual de itens lexicais por campos.

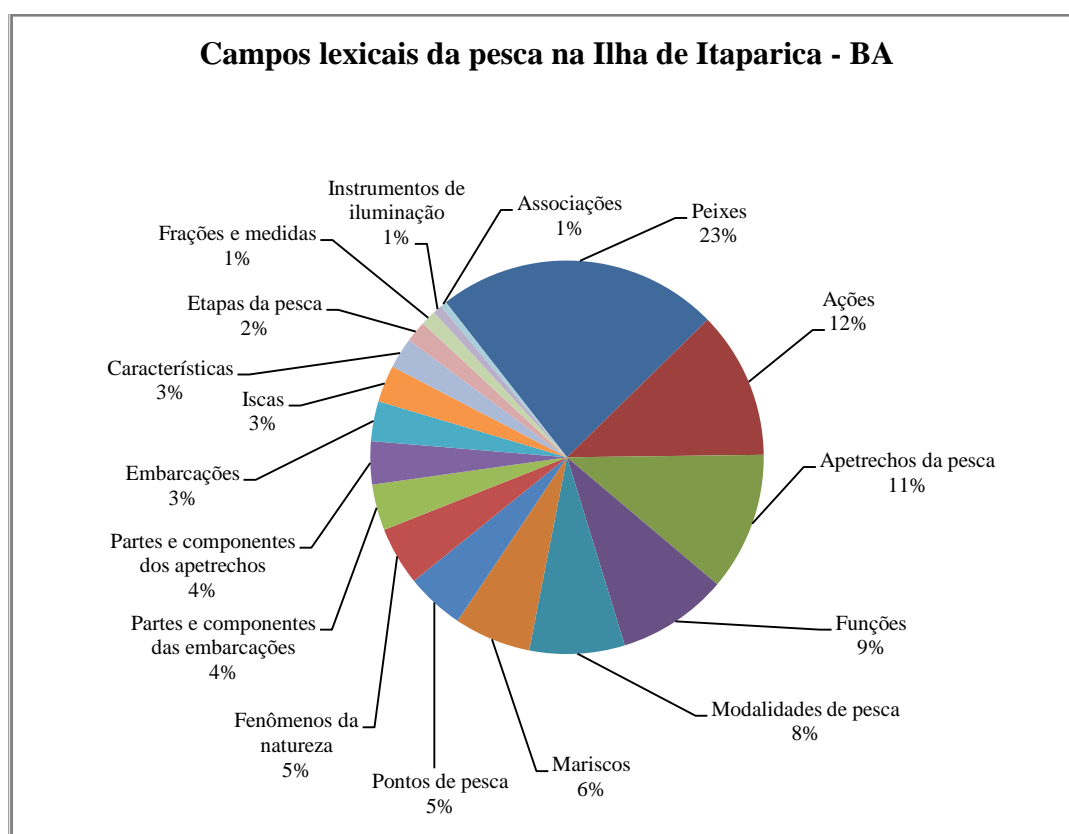


Figura 70 – Distribuição percentual de lexias por campos lexicais

Convém ressaltar que os componentes dos campos lexicais apresentados não representam a totalidade do *corpus* constituído. Em alguns casos, a falta de lexias que compartilhassem de um traço comum não permitiu a formação de um campo lexical.

No que concerne ao registro em obras lexicográficas, através da análise, constatou-se que o léxico em apreço se compõe de itens lexicais já dicionarizados, itens lexicais não dicionarizados e itens lexicais dicionarizados com sentido diverso do que se documentou na

comunidade de pesca. Através da Figura 71, verifica-se a distribuição percentual da ocorrência dessas lexias no campo em pesquisa.

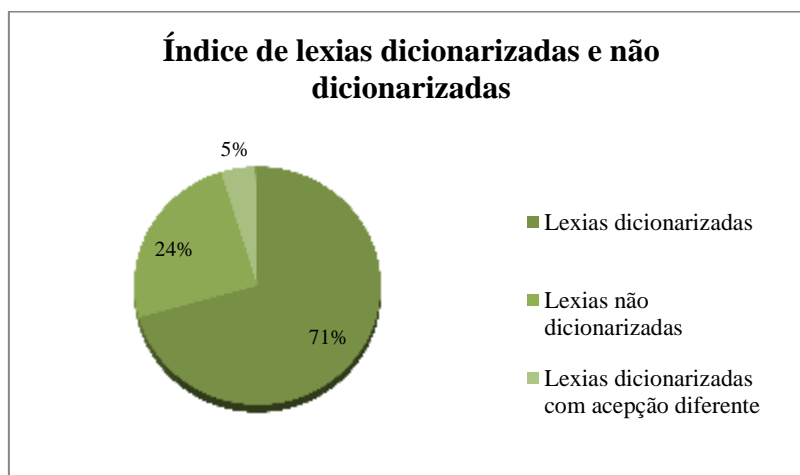


Figura 71: Distribuição percentual das lexias conforme o registro em dicionários gerais e etimológicos.

Como se observa, há predominância de formas já dicionarizadas (71%), abarcando lexias registradas com o mesmo sentido, lexias registradas com sentido diverso, bem como lexias às quais foram acrescentados novos semas. Não obstante, muitos itens dicionarizados se referem às formas ortográficas.

Do ponto de vista etimológico, observa-se que o léxico da pesca na comunidade em estudo se compõe de lexias provenientes de línguas diversas, como o árabe, o castelhano, o espanhol, o francês, o inglês, o italiano, o japonês, o latim, o malaio e o tupi. No entanto, a maioria dos itens lexicais provém do latim (76%), como demonstram os percentuais apresentados na Figura 72.

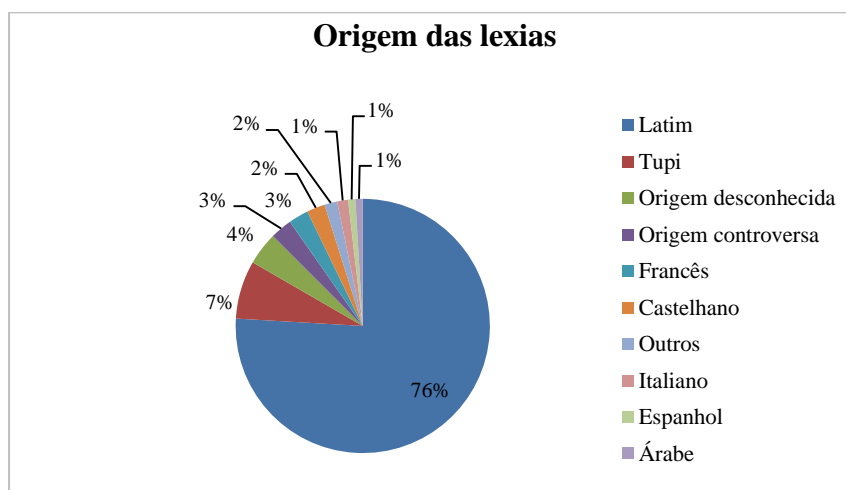


Figura 72: Distribuição percentual das lexias conforme a origem.

4.2 VARIAÇÃO NO LÉXICO DA PESCA

O estudo dos itens que compõem os campos lexicais da pesca na Ilha de Itaparica revelou formas variantes nos níveis fonético, lexical e morfológico da língua. Quanto à estrutura, as variantes registradas são formas simples, compostas e complexas. O Quadro 22 permite visualizar as variantes distribuídas conforme os campos lexicais e os níveis da língua em que ocorrem.

Campos lexicais	Variação no nível fonético	Variação no nível lexical	Variação no nível morfológico
Ponto de pesca	Coroa ~ coloa	Alto-mar ~ mar aberto, coroa ~ banco de areia, coloa ~ banco de areia, pesqueiro ~ peixeiro	Mangue ~ manguezal
Embarcações		Barco a vela ~ barco a pano	
Partes e componentes das embarcações		Pano ~ vela	
Modalidades de pesca		Camboa ~ tapasteiro, pescaria de anzol ~ pescaria de linha ~ pescaria de linha de espera, pesca ~ pescaria de calão, pesca ~ pescaria de camarão ~ pesca ~ pescaria de arrastar camarão, pesca de barco ~ pesca embarcada	Mergulhação ~ mergulho, pesca de linha ~ pescaria de linha, pesca de linha de espera ~ pescaria de linha de espera, pesca de vara ~ pescaria de vara, pesca de bomba ~ pescaria de bomba, pesca de calão ~ pescaria de calão, pesca de camarão ~ pescaria de camarão ~ pescaria de arrastar camarão, pesca de rede ~ pescaria de rede, pesca de tainheira ~ pescaria de tainheira
Apetrechos	Rapichel ~ ripiché ~ ripichel	Agulheira ~ rede de agulha, calão ~ rede de calão ~ arrastão ~ rede de arrasto, bicheiro ~ fisga, geladeira ~ isopor	
Partes e componentes dos apetrechos			Chumbada ~ chumbo
Funções		Atravessador ~ gelador ~ negociante, marcador ~ mestre ~ mestre da pescaria ~ mestre da rede ~ mestre da tripulação ~ mestre do barco, ajudante ~ companheiro. Companheiro ~ marinheiro ~ moço, mariscadeira ~ pescadora, mariscadora ~ pescadora, mariscadeiro ~ pescador de coroa, marisqueiro ~ pescador de coroa, mergulhador ~ pescador de mergulho.	Mariscadeira ~ mariscadora ~ marisqueira, mariscadeiro ~ marisqueiro.
Etapas da pesca		Cerco ~ circolo	Arrastamento ~ arrasto, lançamento ~ lance, lanço ~ lançamento
Ações	Encastoar ~ castroar, esgotar ~ desgotar fundear ~ afundear, malhar ~ maiar	Afundear ~ ancorar, afundear ~ poitar, ancorar ~ fundear, ancorar ~ poitar, cercar ~ fazer o embargo, engodar ~ iscar, estocar ~ bater pé de vara, estoquear ~ bater pé de vara, ferrar ~ fisgar, mariscar ~ pescar, matar o peixe ~ pescar, jogar ~ lançar	Captar ~ capturar, estocar ~ estoquear
Peixes	Beijupirá ~ bejupirá ~ bijupirá, caramuru ~ caramburu, caramurum, carapicu ~ carapicum, corvina ~ curuvina, moreia ~ amoreia, emboreia, vermelho ~ vermeio	Agulha ~ agulha branca, agulhinha ~ agulha branca, amoreia ~ caramburu, emboreia ~ caramburu, moreia ~ caramburu, caramuru ~ amoreia, caramuru ~ emboreia, caramuru ~ moreia, caramurum ~ amoreia, caramurum ~ emboreia, caramurum ~ moreia, baiacu ~ porco-espinho, beijupirá ~ cação-de-escama, bejupirá ~ cação-de-escama, bijupirá ~ cação-de-escama, cação ~ tubarão ~ tontueira, canapu ~ mero, curimã ~ tainha, maçambê ~ maromba ~ sardinha, pititinga ~ xangó	Agulha ~ agulhinha, mutuca ~ mututuca
Mariscos	Aranhola ~ arranhola		

Campos lexicais	Varição no nível fonético	Varição no nível lexical	Varição no nível morfológico
Isclas		Maromba ~ sardinha	
Medidas	Malha ~ maia		
Fenômenos da natureza		Maré-cheia ~ maré grande ~ maré de lançamento ~ maré nova, maré minguante ~ maré morta ~ maré pequena, vento baixo ~ vento leste	

Quadro 22: Distribuição das variantes conforme os campos lexicais e os níveis da língua.

Como se observa, o nível lexical foi o que mais refletiu o fenômeno da variação entre os itens lexicais peculiares à atividade de pesca na Ilha de Itaparica.

No que tange ao nível fonético, verificou-se que as variantes resultam de fenômenos como aférese, alteração de vibrante simples para múltipla, apócope, assimilação, despalatalização, lambdacismo, metafonía, monotongação, nasalização, prótese. Observe-se o Quadro 23.

Fenômenos fonéticos	Variantes
Metafonía	Bijupirá ~ bejupirá
Aférese	Encastoar ~ castroar
Apócope	Ripichel ~ ripiché
Assimilação	Rapichel ~ ripiché ~ ripichel
Ditongação	Bijupirá ~ bejupirá
Epêntese	Caramuru ~ caramuru, moreia ~ emboreia, corvina ~ curuvina, encastoar ~ castroar.
Iotização	Malhar ~ maiar, malha ~ maia, vermelho ~ vermeio
Lmbdacismo	Coroa ~ coloa
Nasalização	Caramuru ~ caramuru, carapicu ~ carapicum
Prótese	Fundear ~ afundear, esgotar ~ desgotar, moreia ~ amoreia ~ emboreia
Transformação de vibrante simples em múltipla	Aranhola ~ arranhola

Quadro 23: Distribuição das variantes fonéticas conforme os fenômenos linguísticos.

Como se verifica, nas formas variantes **ripiché** e **ripichel** (< **rapichel**), que compõem o campo dos *apetrechos*, houve a transformação do fonema /a/, da primeira sílaba, em /i/, o que caracteriza o fenômeno da assimilação. Além disso, mediante a queda do fonema /l/ no item lexical **rapichel**, que resulta na variante **ripiché**, verifica-se a apócope.

Na lexia **castroar** (< **encastoar**), que compõe o campo lexical das *ações*, a supressão do prefixo *en-* resulta em aférese, bem como o acréscimo do fonema /r/ no interior desse item lexical resulta em epêntese. Ainda no campo das *ações*, na forma lexical **maiar** (< **malhar**), verifica-se a iotização. Já em **afundear** e **desgotar**, em que ocorreu o acréscimo dos fonemas

/a/ e /d/ no início desses itens lexicais, nota-se a prótese. O mesmo se verifica nas variantes, **amoreia** (< **moreia**) e **emboreia** (< **moreia**), a partir do acréscimo dos fonemas /a/ e /e/ no início das referidas lexias.

No campo lexical *pontos de pesca*, em que se registrou a variante **coloa**, verifica-se o lambdacismo, fenômeno que consiste na troca do fonema /r/ pelo /l/. Assim, tem-se **coroa** > **coloa**. O fenômeno da epêntese se verifica também em outros itens lexicais do campo dos *peixes*, como em **caramburu** (< **caramuru**), **emboreia** (**moreia**) e **curuvina** (< **corvina**). Nas duas primeiras, com o acréscimo dos fonemas /b/ em seu interior; na segunda, mediante o acréscimo do fonema /u/. Observa-se ainda a nasalização nas formas **caramurum** (< **caramuru**) e **carapicum** (< **carapicu**). A ditongação e a metafonia encontram-se, respectivamente, em **beijupirá** e **bejupirá** (< **bijupirá**). Na forma **vermeio** (< **vermelho**), verifica-se a iotização.

No campo lexical dos *mariscos*, a transformação de uma vibrante simples em fricativa resultou na forma variante **arranhola** (< **aranhola**).

4.2.1 Análise sociodialetal

Com o objetivo de verificar as variações diatópica, diassexual e diageracional mediante as escolhas lexicais dos membros do grupo socioprofissional em estudo, procede-se à descrição do léxico, considerando o emprego das formas variantes de acordo com as variáveis localidade, sexo e faixa etária. Para melhor visualização no que concerne à variação diatópica, os itens foram distribuídos conforme os campos lexicais e as localidades em que ocorrem.

Pontos de pesca

Campo lexical dos pontos de pesca	
Itaparica	Vera Cruz
Coroa Cabeço Banco de areia	Coroa ~ Coloa ----- -----
Alto-mar Mar aberto	Alto-mar Mar aberto
Mangue Manguezal	Mangue -----
Pesqueiro Peixeiro	Pesqueiro -----

Quadro 24: Variantes documentadas no campo lexical dos *pontos de pesca*, distribuídas por localidade.

As variantes **coroa** ~ **coloa**, **cabeço** e **banco de areia** foram registradas como denominações para o ‘ponto de pesca de terreno arenoso e elevado, de águas rasas’. A variante padrão **coroa** foi a mais recorrente nas duas localidades que compõem a Ilha de Itaparica. De acordo com Houaiss (2001), esse item lexical é um regionalismo no Brasil.

Com 40% de ocorrência em Itaparica e 60% em Vera Cruz, **coroa** foi mais empregada pelos informantes do sexo masculino (60%) da faixa etária 1 (40%). Já a variante não padrão **coloa** foi registrada apenas em Vera Cruz e se distribuiu igualmente entre os informantes das faixas etárias 1 e 2, de ambos os sexos. **Banco de areia** e **cabeço** tiveram registro apenas na localidade de Itaparica, entre informantes do sexo masculino, sendo o último documentado apenas na faixa etária 3.

O ‘ponto de pesca afastado da costa, de onde não se avista a terra e onde são capturados peixes de grande porte’ foi designado pelas formas **alto-mar** e **mar aberto** nas duas localidades. A primeira, que foi empregada pela maioria dos informantes (66%), teve maior incidência na fala dos homens (83%), apresentando registro apenas nas faixas etárias 2 (43%) e 3 (66%). **Mar aberto**, por sua vez, foi documentada apenas na fala dos homens, com maior índice também nas faixas 2 (33%) e 3 (67%).

Mangue e **manguezal** foram as variantes empregadas para nomear o ‘ponto de pesca de terreno alagadiço e lodaçal, situado na costa litorânea’. **Mangue** foi o item mais recorrente, tendo maior incidência em Vera Cruz (69%). Predominou na fala das mulheres (69%), com maior percentual entre as informantes mais idosas (50%). O item **manguezal** foi documentado apenas em Itaparica, exclusivamente na fala das mulheres da faixa 2.

Os itens **pesqueiro** e **peixeiro** foram utilizados para se referir ao ‘ponto de pesca natural ou artificial composto de pedras rochosas ou galhos de árvores depositados pelos pescadores no fundo do mar’. Houaiss (2001) registra **pesqueiro** como regionalismo do Sul do Brasil. Para esse item apresenta as variantes *pescarejo*, *pescarez*.

Com maior frequência em Itaparica (57%), a forma lexical **pesqueiro** foi mais empregada pelos informantes do sexo masculino (85%) da faixa etária 3 (42%). O item lexical **peixeiro** teve registro apenas em Itaparica, na fala dos pescadores mais idosos.

Embarcações

Campo lexical das embarcações	
Itaparica	Vera Cruz
Barco a pano Barco a vela	Barco a pano -----

Quadro 25: Variantes documentadas no campo lexical das *embarcações*, distribuídas por localidade.

Como designativas de ‘embarcação de pequeno porte, feita de madeira, fibra ou alumínio, impulsionada pela força do vento’, verificaram-se as formas **barco a pano** e **barco a vela**. A lexia **barco a pano** apresentou o mesmo percentual de uso nas duas localidades. Teve registro apenas na fala dos homens, exclusivamente da faixa etária 2. O item lexical **barco a vela**, que se distribuiu igualmente nas faixas 2 e 3, foi documentada apenas em Itaparica também apenas entre informantes do sexo masculino.

Partes e componentes das embarcações

Campo lexical das partes e componentes das embarcações	
Itaparica	Vera Cruz
Pano Vela	Pano Vela

Quadro 26: Variantes documentadas no campo lexical das *partes e componentes das embarcações*, distribuídas por localidade.

As variantes empregadas pelos pescadores para o ‘componente móvel, feito de algodão, localizado no centro da embarcação para impulsioná-la’ foram **pano** e **vela**. Trata-se de formas que figuraram apenas na fala dos homens. A forma lexical **pano** predominou entre os informantes de Vera Cruz com 67% de incidência, enquanto **vela**, entre os de Itaparica com 67%. **Pano** foi mais empregada pelos da faixa etária 2 (50%), seguido dos da faixa 3 (33%) e 1 (16%). Em contrapartida, o item **vela** foi observado apenas na fala dos informantes das faixas 2 e 3, predominando na primeira com 67% de ocorrência.

Apetrechos

Campo lexical dos apetrechos	
Itaparica	Vera Cruz
Agulheira -----	----- Rede de agulha
Arrastão Rede de arrasto	----- Rede de arrasto
Bicheiro -----	Bicheiro Fisga
Calão Rede de calão	Calão Rede de calão
Isopor -----	Isopor Geladeira
Rapichel -----	----- Ripiché Ripichel

Quadro 27: Variantes documentadas no campo lexical dos *apetrechos*, distribuídas por localidade.

No que tange aos apetrechos, foram registradas as formas **agulheira** e **rede de agulha** como denominações para o ‘apetrecho feito de linha, com boias, cortiças e chumbo, usado na captura de agulha’. **Agulheira** foi a variante documentada em Itaparica e **rede de agulha**, em Vera Cruz, exclusivamente nas falas de informantes do sexo masculino. A primeira foi registrada apenas na faixa etária 2; a segunda, na faixa 3.

Arrastão e **rede de arrasto** foram as lexias documentadas como denominações para um tipo de rede com espaçamento estreito entre as malhas, a qual pode ser puxada por pescadores ou por um barco para a captura de peixes, crustáceos e moluscos. O item **arrastão**, considerado regionalismo brasileiro por Houaiss (2001), foi registrado apenas em Itaparica na fala dos homens da faixa 2. Já a forma **rede de arrasto**, que foi documentada nas duas localidades, apresentou maior incidência em Vera Cruz (67%). Analisando as variáveis sexo e faixa etária, observou-se que esse item foi utilizado com o mesmo percentual entre homens e mulheres das faixas 2 e 3.

Bicheiro e **fisga** foram as variantes utilizadas para nomear o ‘apetrecho de metal, de formato alongado, com gancho, usado para capturar peixes de grande porte’. Houaiss (2001) afirma que o item **bicheiro** se trata de um regionalismo de Portugal.

No que tange às variáveis localidade e sexo, a forma lexical **bicheiro** foi empregada com o mesmo percentual em Itaparica e Vera Cruz por homens e mulheres, com registro apenas na fala de informantes da faixa etária 1 e 3, apresentando respectivamente 75% e 25% de frequência. **Fisga** foi documentada exclusivamente na fala dos homens da faixa 2 na localidade de Vera Cruz.

As designações verificadas para o ‘apetrecho feito de linha, com espaçamento estreito entre as malhas, dotado de cabo nas extremidades, usado para a captura de mariscos e peixes’ foram **calão** e **rede de calão**. O item lexical **calão**, que é um regionalismo brasileiro segundo Houaiss (2001), predominou em Itaparica com 60% de ocorrência, sendo mais empregado pelos informantes do sexo masculino (80%) da faixa 2 (40%). A lexia complexa **rede de calão** foi utilizada com o mesmo percentual de frequência nas duas localidades entre os informantes dos dois grupos.

Como denominações para o ‘apetrecho feito de isopor, de formato quadrado, utilizado para transporte e conservação dos peixes e mariscos’, registraram-se as formas variantes **isopor** e **geladeira**. A primeira foi a mais recorrente em Itaparica (67%), predominando na fala das pescadoras (66%). Já a segunda foi verificada apenas em Vera Cruz, empregada com a mesma frequência entre homens e mulheres. A forma **isopor** foi mais empregada na fala dos informantes da faixa 2 (67%), enquanto **geladeira** ocorreu com o mesmo índice entre homens

e mulheres das faixas 2 e 3.

Para nomear o ‘apetrecho feito de linha, com aro de metal, de formato afunilado, utilizado na captura de siris’, documentaram-se os itens **rapichel**, **ripiché** e **ripichel** exclusivamente na fala das mariscadeiras. A variante **rapichel**, registrada em Aulete (2013) como forma utilizada em Aveiro (Portugal), foi verificada apenas em Itaparica na fala das informantes da faixa 1. **Ripiché** e **ripichel** foram empregadas apenas em Vera Cruz. **Ripiché** é uma variante exclusiva da faixa 3, enquanto **ripichel**, da faixa 1.

Partes e componentes dos apetrechos

Campo lexical das partes e componentes dos apetrechos	
Itaparica	Vera Cruz
Chumbada -----	----- Chumbo

Quadro 28: Variantes documentadas no campo lexical das *partes e componentes dos apetrechos*, distribuídas por localidade.

Chumbada e **chumbo** foram as variantes utilizadas para designar o ‘componente do apetrecho de pesca feito de metal, de formato alongado, circular ou triangular, utilizado em anzóis, linhas e redes para fazê-los afundar’. Sob a rubrica “pesca”, Houaiss (2001) registra a forma **chumbada** como regionalismo brasileiro. Já **chumbo**, para o autor, é o mesmo que *chumbeira*.

A variante **chumbada** foi empregada pelos informantes de Itaparica, com maior incidência entre os falantes do sexo masculino (83%), predominando na fala dos informantes da faixa 2 (50%). **Chumbo**, variante utilizada pelos informantes de Vera Cruz, também foi mais utilizada pelos informantes do sexo masculino (75%), com maior frequência entre os mais jovens (62%).

Modalidades de pesca

Campo lexical das modalidades de pesca	
Itaparica	Vera Cruz
----- -----	Camboa Tapasteiro
Mergulhação Mergulho	----- Mergulho

Campo lexical das modalidades de pesca	
Itaparica	Vera Cruz
----- Pesca de linha Pescaria de linha ----- Pesca de vara	Pescaria de anzol Pesca de linha Pescaria de linha Pescaria de linha de espera Pesca de vara
----- -----	Pesca de bomba Pescaria de bomba
----- -----	Pesca de calão Pescaria de calão
Pesca de camarão -----	----- Pescaria de arrastar camarão
Pesca de rede Pescaria de rede	Pesca de rede Pescaria de rede
----- -----	Pesca de tainheira Pescaria de tainheira

Quadro 29: Variantes documentadas no campo lexical das *modalidades de pesca*, distribuídas por localidade.

Camboa e **tapasteiro** foram variantes utilizadas para se referir à ‘modalidade de pesca realizada na costa, fora da embarcação, com o uso de rede, para a captura de peixes aprisionados na camboa’. Com esse mesmo sentido, o item **camboa** está registrado em Houaiss (2001) como regionalismo do Brasil. As duas variantes figuraram com o mesmo índice de frequência apenas na fala dos homens da faixa etária 3 em Vera Cruz.

Como designações para a ‘modalidade de pesca de prospecção, submarina, com uso de arpão, para a captura de peixes, crustáceos e moluscos’, registraram-se os itens **mergulhaço** e **mergulho**. A forma mais recorrente nas duas localidades foi **mergulho**, sendo mais empregada em Vera Cruz, com 60% de frequência. Foi mais usada pelos informantes do sexo masculino (80%) da faixa 2 (60%). A variante **mergulhaço**, documentada apenas na localidade de Itaparica, é exclusiva dos informantes do sexo feminino da faixa 3.

Pescaria de anzol, **pesca de linha**, **pescaria de linha**, **pescaria de linha de espera**, **pesca de vara** são as variantes que nomeiam a ‘modalidade de pesca realizada em águas profundas ou na costa litorânea, sobre ou fora da embarcação, com uso de linha e anzol, para a captura de peixes’. A lexia complexa **pescaria de anzol** foi documentada apenas em Vera Cruz, na fala dos pescadores da faixa 2. **Pesca de linha**, por sua vez, foi registrada nas duas comunidades, com maior incidência em Itaparica (75%). Seu emprego teve o mesmo percentual entre homens e mulheres, com maior frequência na fala dos mais idosos. **Pescaria de linha** foi empregada unicamente pelos homens da faixa 3, com a mesma frequência nas duas localidades. **Pescaria de linha de espera** foi uma variante documentada apenas em Vera Cruz na fala dos pescadores da faixa 2. **Pesca de vara**, a forma mais produtiva, apresentou maior frequência em Itaparica (60%), predominando na fala das mulheres (80%) da faixa 1

(40%).

Para nomear a ‘modalidade de pesca realizada na costa ou em águas profundas, sobre ou fora da embarcação, com o uso de bomba, para a captura de peixes, crustáceos e moluscos, os informantes utilizaram as lexias complexas **pesca de bomba e pescaria de bomba**. Tais formas foram registradas exclusivamente na fala dos homens da faixa 3 em Vera Cruz. De acordo com os pescadores, esse tipo de pesca foi muito praticada, mas há alguns anos, depois da fiscalização do IBAMA, está em desuso na localidade, o que pode explicar a ocorrência desses itens lexicais apenas no discurso dos mais idosos.

Pesca de calão e pescaria de calão, formas documentadas apenas em Vera Cruz, nomeiam a ‘modalidade de pesca realizada na costa litorânea, com uso de rede de calão, para a captura de peixes, crustáceos e moluscos’. Esses itens lexicais ocorreram exclusivamente na fala dos pescadores da faixa 3.

O tipo de pesca realizada na costa, fora da embarcação, com uso de puçá ou rede, com a finalidade de capturar camarão foi nomeado **pesca de camarão**, em Itaparica, e **pescaria de arrastar camarão**, em Vera Cruz. O item **pesca de camarão** foi mais empregado pelos informantes do sexo feminino (67%), predominando na faixa 3 (66%). A forma lexical **pescaria de arrastar camarão** foi empregada apenas pelos informantes do sexo masculino da faixa 3.

Pesca de rede e pescaria de rede foram os itens empregados nas duas localidades para nomear a ‘modalidade de pesca realizada em águas profundas ou na costa litorânea, sobre ou fora da embarcação, com uso de rede, para captura de peixes, crustáceos e moluscos’. Mais recorrentes em Vera Cruz, ambos com o percentual de 67%, foram utilizados apenas pelos homens, com predominância na faixa 2 (67%).

Para se referir ao tipo de pesca em que se usa a rede de tainheira para a captura de peixes, os informantes empregaram as formas **pesca de tainheira e pescaria de tainheira**. Documentadas apenas em Vera Cruz, ambas se apresentaram exclusivamente na fala dos homens. **Pesca de tainheira** figurou apenas entre os pescadores mais idosos, enquanto **pescaria de tainheira** entre os da faixa etária 2 e 3, com a mesma frequência de uso.

Funções

Campo lexical das funções	
Itaparica	Vera Cruz
Atravessador	-----
Gelador	-----
Negociante	-----

Campo lexical das funções	
Itaparica	Vera Cruz
Marcador Mestre Mestre da pescaria Mestre da rede ----- -----	----- Mestre Mestre da pescaria Mestre da rede Mestre da tripulação Mestre do barco
----- Companheiro ----- -----	Ajudante Companheiro Marinheiro Moço
Mariscadeira Mariscadora Marisqueira Pescadora	Mariscadeira ----- Marisqueira Pescadora
----- Marisqueiro Pescador de coroa	Mariscadeiro Marisqueiro -----
Mergulhador -----	Mergulhador Pescador de mergulho

Quadro 30: Variantes documentadas no campo lexical das *funções*, distribuídas por localidade.

Atravessador, **gelador** e **negociante** foram as variantes utilizadas para nomear a função masculina referente à compra, à conservação e à venda de peixes e mariscos. Esses itens foram registrados apenas em Itaparica. Ferreira (1999) e Houaiss (2001) apresentam **atravessador** como regionalismo utilizado na Amazônia. Para esse item, Aulete (2013) registra a variante *intermediário*.

Atravessador e **negociante** se apresentaram apenas na fala dos homens. **Atravessador** foi utilizado apenas pelos informantes da faixa 3, enquanto **negociante**, pelos da faixa 2 e 3, com o mesmo percentual de ocorrência. **Gelador** teve registro exclusivamente entre as mulheres da faixa 3.

Para nomear a ‘função masculina na atividade de pesca referente à marcação dos pontos de pesca e orientação aos demais pescadores’, os informantes empregaram as variantes **marcador**, **mestre**, **mestre da pescaria**, **mestre da rede**, **mestre da tripulação** e **mestre do barco**. A forma mais recorrente, **mestre**, foi mais utilizada em Vera Cruz (86%), enquanto as lexias complexas **mestre da pescaria** e **mestre da rede** foram utilizadas com o mesmo índice de frequência nas duas localidades. O item **marcador** foi registrado apenas em Itaparica, enquanto **mestre da tripulação** e **mestre do barco**, em Vera Cruz. Desses itens, apenas **mestre** foi documentado na fala das pescadoras, apresentado um índice inferior ao que se verificou na fala dos pescadores, que obteve 67% de ocorrência. Quanto ao fator faixa etária, **mestre** teve maior incidência na faixa 2 (44%). Observou-se que **mestre da rede** é variante exclusiva da faixa 1, e **marcador** e **mestre da tripulação**, da faixa 2. Por sua vez, os itens **mestre do barco** e **mestre da pescaria** apareceram com o mesmo índice de frequência na

fala dos informantes das faixas 2 e 3.

Ajudante, **companheiro**, **marinheiro** e **moço** foram os itens lexicais empregados para designar a ‘função masculina na atividade de pesca referente à pessoa que auxilia o mestre na soltura e recolha da rede de pesca e do pescado’. Como um sentido semelhante ao que se verificou no *corpus*, o item **companheiro** está registrado em Houaiss (2001) como regionalismo de Portugal.

Ajudante, **marinheiro** e **moço** foram as variantes documentadas em Vera Cruz, enquanto **companheiro** teve registro em Itaparica. **Ajudante** e **companheiro** foram itens empregados apenas pelos homens mais idosos. **Marinheiro**, que teve a mesma frequência na fala de homens e mulheres, ocorreu apenas entre os informantes da faixa 2. Já a forma **moço** teve maior incidência na fala dos homens (77%) das faixas 1 e 2, com o mesmo percentual.

A ‘função feminina na atividade de pesca referente à captura de marisco nas coroas ou nos mangues’ foi denominada pelos itens lexicais **marisqueira**, **mariscadeira**, **mariscadora** e **pescadora**. Definido como ‘vendedora de frutos do mar’, em Houaiss (2001), o item **marisqueira** está registrado como regionalismo do português europeu.

Mariscadora foi uma variante documentada unicamente em Itaparica entre as mulheres da faixa 3. Em Vera Cruz, predominaram as formas **marisqueira** e **pescadora**, respectivamente com o percentual de 67% e 57% de ocorrência. **Mariscadeira** teve maior incidência em Itaparica (57%). Analisando a variável sexo, verificou-se que as formas **mariscadeira** e **marisqueira** tiveram maior frequência na fala das mulheres, com o percentual de (85%) e (67%) respectivamente. Entre os homens, predominou a forma **pescadora** (63%). No que se refere à faixa etária, observou-se que **pescadora** é a forma preferida dos informantes da faixa 1 (48%); **marisqueira**, dos da faixa 2; e **mariscadeira**, dos da faixa 3.

Para nomear a ‘função masculina na atividade de pesca referente à captura de marisco nas coroas ou nos mangues’, os informantes empregaram as formas lexicais **pescador de coroa**, **mariscadeiro** e **marisqueiro**. **Pescador de coroa** é uma variante exclusiva de Itaparica, enquanto **mariscadeiro**, de Vera Cruz. **Marisqueiro**, o item lexical mais recorrente, teve maior frequência em Vera Cruz (80%). Considerando as variáveis sexo e faixa etária, observou-se que **mariscadeiro** e **pescador de coroa** são variantes empregadas apenas por mulheres das faixas 1 e 3 respectivamente. Já a variante **marisqueiro**, que ocorreu na fala de mulheres (60%) e homens (40%), predominou entre os informantes da faixa 1 (60%).

Como designações para a ‘função masculina da atividade de pesca referente à captura

de peixes, crustáceos e mariscos com arpão, através da técnica do mergulho’, documentaram-se os itens **mergulhador** e **pescador de mergulho**. A lexia **mergulhador** ocorreu com maior incidência em Vera Cruz (67%) entre os informantes do sexo masculino (80%) da faixa 1 (50%). **Pescador de mergulho** foi um item lexical registrado apenas em Itaparica, entre os informantes do sexo masculino da faixa 2.

Ações

Campo lexical das ações	
Itaparica	Vera Cruz
Afundear ----- Poitar -----	Fundear Ancorar -----
----- -----	Castroar Encastoar
----- -----	Desgotar Esgotar
Maiar Malhar	Maiar Malhar
----- Capturar	Captar -----
Cercar -----	Cercar Fazer embargo
----- -----	Engodar Iscar
Estocar -----	Estoquear Bater pé de vara
Ferrar Fisgar ----- -----	Ferrar Fisgar Matar o pêxe Pescar
Jogar -----	Jogar Lançar

Quadro 31: Variantes documentadas no campo lexical das *ações*, distribuídas por localidade.

Afundear, **ancorar**, **fundear** e **poitar** foram as variantes empregadas para se referir à ‘ação de lançar a âncora ou poita ao fundo do mar ou rio a fim de estabelecer um ponto de fixação da embarcação’. Apresentando-se apenas no vocabulário dos homens, **afundear** e **poitar** ocorreram em Itaparica, enquanto **ancorar** e **fundear**, em Vera Cruz. **Afundear**, **ancorar** e **poitar** foram empregadas exclusivamente pelos informantes da faixa 3; **fundear**, pelos da faixa 2.

Registraram-se as variantes **castroar** e **encastoar** como denominações para a ‘ação preparatória do processo de pesca que consiste em amarrar o anzol na linha de náilon, utilizando um castão’. Para o item **encastoar**, Houaiss (2001) apresenta também a variante *acastoar*.

As duas formas foram documentadas apenas na localidade de Vera Cruz. A variante

padrão, **encastoar**, foi utilizada pelos homens, enquanto **castroar**, pelas mulheres. Esses itens foram verificados exclusivamente no vocabulário dos informantes mais jovens.

As variantes **desgotar** e **esgotar** foram registradas como designações para a ‘ação do processo de pesca que consiste em retirar a água da embarcação com a cuia’. Itens documentados apenas em Vera Cruz, compõem apenas o repertório lexical dos informantes do sexo masculino da faixa 3.

Como designativas da ‘ação do peixe que consiste em prender-se à malha da rede’, documentaram-se as lexias **malhar** e **maiar**. Os dois itens se distribuíram de forma igualitária nas duas localidades. **Malhar**, a forma padrão, apresentou o mesmo índice de ocorrência entre os dois sexos e foi empregada apenas entre os informantes das faixas 2 e 3, com frequência idêntica entre os dois grupos. **Maiar**, por sua vez, é uma variante exclusiva dos informantes do sexo masculino e seu emprego foi também documentado apenas entre os informantes das faixa 2 e 3.

Capturar e **captar** foram variantes utilizadas para nomear a ‘ação de atrair e prender o peixe’. Registradas em Vera Cruz, essas formas figuraram exclusivamente na fala dos pescadores. **Capturar** foi uma forma empregada apenas pelos informantes mais jovens, enquanto **captar**, apenas pelos mais idosos.

As denominações registradas para a ‘ação que consiste em circundar o cardume abrindo lentamente a rede, em movimento circular para aprisionar o peixe’ foram **cercar** e **fazer embargo**. Forma predominante em Vera Cruz (75%), **cercar** foi mais empregada pelos homens (75%), distribuindo-se entre os da faixa 2 e 3 com o percentual de 50% e 25%, respectivamente. **Fazer embargo**, forma documentada apenas em Vera Cruz, é exclusiva dos informantes do sexo masculino da faixa 1.

Para a ‘ação que consiste em jogar na água ou colocar a isca no anzol’, registraram-se os itens **engodar** e **iscar** apenas em Vera Cruz. O item lexical **engodar** se distribuiu igualmente entre pescadores e pescadoras, ocorrendo com a mesma frequência entre os da faixa 2 e 3. Já a forma **iscar** foi utilizada apenas pelos pescadores da faixa 3.

Estocar, **estoquear** e **bater pé de vara** foram as lexias empregadas para nomear a ‘ação que consiste em bater com a vara no fundo do mar a fim de aprisionar o peixe’. O item **estocar** teve registro em Itaparica, enquanto **estoquear** e **bater pé de vara**, em Vera Cruz. As três formas figuraram apenas no vocabulário dos informantes do sexo masculino. **Estocar** foi empregada pelos informantes da faixa etária 2 e **estoquear** e **bater pé de vara**, pelos da faixa 3.

A ‘ação que consiste em capturar o peixe com anzol ou arpão’ foi designada pelas

formas **ferrar, fisgar, matar o peixe e pescar**’. **Pescar**, a forma mais recorrente nas duas localidades, predominou em Vera Cruz com 53 % de frequência. Apresentou-se com maior incidência na fala dos homens (58%) da faixa 1 (46%), ocorrendo com a mesma frequência nas faixas 2 e 3. **Ferrar, fisgar e matar o peixe** foram empregadas exclusivamente pelos homens. A primeira teve maior incidência em Itaparica (67%) e na faixa 1 (67%). A segunda teve a mesma frequência nas duas localidades e foi empregada igualmente pelos pescadores das faixas 1 e 2. A terceira foi registrada em Vera Cruz, exclusivamente na fala de pescadores da faixa 2.

As variantes documentadas para ‘ação que consiste em arremessar a rede na água abrindo-a em toda a sua extensão para a captura de peixes’ foram **jogar e lançar**, ambas empregadas apenas pelos homens. Com maior incidência em Vera Cruz (75%), a variante **jogar** foi mais utilizada pelos informantes da faixa 1 (50%), distribuindo-se com o mesmo percentual nas demais faixas. Por sua vez, a forma **lançar**, registrada apenas em Vera Cruz, foi empregada exclusivamente pelos pescadores mais idosos.

Como se verifica, as formas variantes que denominam algumas *ações da pesca* não figuraram no vocabulário dos informantes mais jovens. Estes também revelam preferência por formas menos específicas para designar determinadas ações. Isso pode ser um indício de que os jovens estão se distanciando da atividade pesqueira, permanecendo nela apenas por falta de melhores oportunidades de trabalho.

Etapas da pesca

Campo lexical das etapas	
Itaparica	Vera Cruz
Arrastamento Arrasto	----- Arrasto
Cerco -----	----- Circlo
Lançamento ----- Lanço	----- Lance Lanço

Quadro 32: Variantes documentadas no campo lexical das *etapas da pesca*, distribuídas por localidade.

Arrastamento e arrasto foram as variantes empregadas para nomear a ‘etapa do processo de pesca que consiste em arrastar lentamente a rede para obtenção do pescado’. As duas formas figuraram exclusivamente na fala dos homens. O item lexical **arrastamento** foi registrado em Itaparica, entre os informantes da faixa 2, enquanto **arrasto** foi frequente nas

duas localidades, ocorrendo igualmente entre os pescadores da faixa 1 e 2.

Como designações para a ‘etapa do processo de pesca que consiste em circundar o cardume abrindo lentamente a rede em movimento circular para aprisionar o peixe’, registraram-se os itens **cercos** e **circlos**. Documentada em Itaparica, a forma lexical **cercos** foi utilizada com a mesma frequência pelos informantes das faixas 2 e 3 dos dois sexos. Já o item **circlos**, registrado em Vera Cruz, foi empregado exclusivamente pelos homens da faixa 3.

As denominações verificadas para a ‘etapa do processo de pesca que consiste em jogar rapidamente a rede no mar, a fim de conter os peixes’ foram **lançamento**, **lanço** e **lance**. **Lanço** foi um variante comum às duas localidades. **Lançamento** foi documentado em Itaparica, enquanto **lance**, em Vera Cruz. Esta última foi uma forma empregada com a mesma frequência por homens e mulheres das faixas 2 e 3. O item **lançamento** se apresentou apenas na fala dos homens da faixa 2; **lanço**, entre os da faixa 3.

Peixes

Campo lexical dos peixes	
Itaparica	Vera Cruz
Amoreia Caramburu Emboreia ----- Caramuru -----	----- ----- ----- Moreia Caramuru Caramurum
Agulha Agulha-branca Agulhinha	Agulha Agulha-branca Agulhinha
Baiacu Porco-espinho	----- -----
Beijupirá Bejupirá Bijupirá -----	----- Bejupirá ----- Cação-de-escama
Cação Tontuera Tubarão	----- ----- -----
Canapu Mero	----- Mero
Carapicu Carapicum	Carapicu Carapicum
Corvina Curuvina	----- Curuvina
Mutuca	Mututuca
----- -----	Pititinga Xangó
Sardinha Maçambê Maromba	Sardinha Maçambê -----

Campo lexical dos peixes	
Itaparica	Vera Cruz
Tainha -----	Tainha Curimã
Vermelho Vermeio	Vermelho -----

Quadro 33: Variantes documentadas no campo lexical dos *peixes*, distribuídas por localidade.

Amoreia, **caramuru**, **caramburu**, **caramurum**, **emboreia** e **moreia** foram as variantes documentadas como designações para o ‘peixe de corpo alongado e roliço, com nadadeira dorsal que se estende ao ânus, coloração esverdeada, amarelada ou amarronzada, com ou sem manchas’. As variantes **caramuru** e **moreia** foram documentadas por Sousa (1851, p. 286), como se observa no trecho a seguir:

Chamam os índios ás moréas caramurú, das quaes ha muitas, mui grandes e mui pintadas como as da Hespanha, as quaes mordem muito, e tem muitas espinhas, e são muito gordas e saborosas...

Em Itaparica, registraram-se **amoreia**, **emboreia** e **caramburu**. As duas primeiras foram empregadas exclusivamente pelas informantes da faixa 3. Discorrendo sobre a produtividade nas pescarias, a informante revela ter ciência dessas variantes lexicais ao fazer uma análise metalinguística, como se verifica no trecho a seguir:

Eu tirava era... **emborêa**, um pêxe comprido assim, eu tirava do buraco... **emborêa**. Tem umas pessoa que chama **amorêa**, **amorêa**, mas é **emborêa**. (FC2-I)

Observe-se que a forma considerada “correta” pela pescadora é uma das predominantes no grupo etário ao qual pertence.

O item **caramburu** foi registrado apenas na fala das mulheres das faixas 1 e 2, predominando na primeira com o percentual de 67%. Em Vera Cruz, documentaram-se **caramurum** e **moreia**. Variantes verificadas exclusivamente na fala dos homens, **caramurum** e **moreia** foram empregadas, apenas pelos informantes das faixas 2 e 3 respectivamente. O item **caramuru** foi documentado nas duas localidades, distribuindo-se igualmente entre homens e mulheres da faixa 3.

Os itens lexicais **agulha**, **agulha-branca** e **agulhinha** foram utilizados para designar o ‘peixe de pequeno porte, corpo alongado, derme escamosa, coloração prateada, com mandíbula inferior bem prolongada e mandíbula superior curta’. As três variantes ocorreram com o mesmo índice de frequência nas duas localidades. No que tange à variável sexo, **agulha** e **agulhinha** também tiveram o mesmo índice nos dois grupos, enquanto **agulha-**

branca só foi empregada pelas mulheres. Quanto à variável idade, **agulha** obteve maior índice de uso entre os informantes da faixa 2 (49%); **agulha-branca** teve frequência equivalente nas faixas 2 e 3; e **agulhinha** foi registrada apenas na faixa 2.

Para se referir ao ‘peixe de pequeno porte, corpo achatado, derme espinhosa, coloração acinzentada e com manchas, que infla para se defender de predadores’, os informantes empregaram as formas variantes **baiacu** e **porco-espinho**. Houaiss (2001) registra o item **baiacu** como regionalismo do Brasil e apresenta como variante *sapo-do-mar*, forma também apontada por Aulete (2013). Itens documentados apenas em Itaparica, foram utilizados exclusivamente pelos informantes do sexo feminino da faixa 1.

As variantes **beijupirá**, **bijupirá**, **bejupirá** e **cação-de-escama** foram registradas como designações para o ‘peixe de grande porte, corpo alongado e subcilíndrico, com escamas, coloração escura, com faixas prateadas’. Houaiss (2001) registra o item **bijupirá** como regionalismo do Brasil e aponta como variantes, além daquelas verificadas no *corpus*, as seguintes formas: *beiapirá*, *beijo-pirá*, *beirupirá*, *beiupirá*, *biju*, *biupirá*, *canado*, *chancarona*, *dragonete*, *parabiju*, *parambiju*, *peixe-rei*, *pirabeju*, *pirabiju*, *pirambiju*, *pirapiju*. De acordo com o autor, o item **cação-de-escamas** é um regionalismo de Pernambuco.

Documentadas apenas na fala dos homens, as variantes fonéticas **beijupirá** e **bijupirá** foram registradas em Itaparica, enquanto a variante lexical **cação-de-escama**, em Vera Cruz. **Bejupirá** foi uma variante fonética comum às duas localidades. Considerando a variável faixa etária, verificou-se que **beijupirá** é variante exclusiva da faixa 2, e **cação-de-escama**, da faixa 3; **bejupirá** se distribuiu igualmente entre as faixas 2 e 3, enquanto **bijupirá** entre as faixas 1 e 3.

Para denominar o ‘peixe de médio ou grande porte, corpo alongado e robusto, coloração clara ou azulada, sem escamas, encontrado em alto-mar’, os informantes empregaram as formas lexicais **cação**, **tontueira** e **tubarão**, as quais tiveram registro apenas em Itaparica. No que tange à variável sexo, observou-se que a variante **cação** teve maior índice de frequência entre os informantes do sexo masculino (67%), bem como **tontueira** e **tubarão** figuraram apenas na fala desse grupo. No que se refere ao fator idade, notou-se que **cação** se distribuiu entre os informantes das faixas 2 e 3, predominando nesta última com o percentual de 66%. **Tubarão** se distribuiu igualmente entre os das faixas 1 e 3. **Tontueira** foi uma variante exclusiva dos pescadores mais idosos.

Como designações para o ‘peixe de grande porte, corpo alongado e robusto, com espinhos na dorsal, cor escura, com pintas pretas’, foram utilizados os itens lexicais **canapu** e

mero. Essas variantes foram documentadas por (SOUSA, 1851, p. 284), como se verifica no trecho a seguir:

Canapú são uns peixes, a que chamam em Portugal meros, os quaes são mui grandes, e muitos morrem tamanhos que lhe caberia na boca de um leitão de seis mezes...

Conforme Houaiss (2001), além de **canapu**, o item lexical **mero** tem ainda como variantes as formas *anapuguaçu*, *garoupa-preta*, *mera* e *mero-preto*. O item **mero** se distribuiu igualmente nas duas localidades, enquanto **canapu** figurou apenas na fala dos informantes de Itaparica. As duas formas se apresentaram exclusivamente no vocabulário dos homens. A variante **canapu** foi exclusiva dos informantes da faixa 3, entre os quais **mero** teve maior índice de frequência (50%) e se distribuiu uniformemente entre as demais faixas.

Carapicu e **carapicum** foram as variantes fonéticas empregadas para nomear o ‘peixe de pequeno porte, corpo alongado e comprimido, coloração esverdeada, focinho curto e boca pequena’. Registrado como regionalismo do Brasil, **carapicu** tem ainda como variantes, de acordo com Ferreira (1999), as formas *carapicupeba*, *acarapicu*, *carapicu-branco*; conforme Houaiss (2001), *cacundo*, *carapicuaçu*, *escrivão*, *primituma*, *riscador*; e Aulete (2013), *carapeba*, *carapicu-pena* e *escrivão*.

Analisando a variável localidade, verificou-se que as duas formas tiveram maior frequência em Itaparica, ambas apresentando o mesmo percentual (67%) de ocorrência. Quanto à variável sexo, observou-se que a forma **carapicu** foi mais empregada pelas mulheres (67%), bem como **carapicum** foi uma variante exclusiva desse grupo.

Registraram-se as variantes fonéticas **corvina** e **curuvina** como denominações para o ‘peixe de pequeno porte, de corpo alongado e levemente comprimido, com escamas e de coloração prateada’. Como variante de **corvina**, Houaiss (2001) apresenta também a forma **corovina**.

Corvina foi documentada apenas em Itaparica, localidade em que a variante **curuvina** apresentou maior incidência (75%). Entre os informantes do sexo masculino, o item **curuvina** obteve o percentual de 75% de frequência. Já a forma **corvina** ocorreu de forma equivalente entre os dois sexos. Quanto à variável idade, **curuvina** apresentou maior índice de ocorrência entre os informantes da faixa 2 (50%), distribuindo-se igualmente nas demais faixas. Já o item **corvina** teve apresentado percentual equivalente nas faixas 1 e 2.

Referindo-se ao ‘peixe de médio porte, corpo anguiliforme, de coloração amarronzada com pintas brancas e ventre esbranquiçado’, os informantes empregaram as variantes **mutuca** e **mututuca**. Estas formas estão registradas como regionalismos do Brasil em Ferreira (1999)

e Houaiss (2001). Em Itaparica, registrou-se a variante **mutuca**; em Vera Cruz, **mututuca**. Esta foi empregada exclusivamente pelos homens, enquanto aquela, pelas mulheres. Ambas figuraram apenas na fala dos informantes da faixa etária 3.

Pititinga e **xangó** foram as variantes empregadas pelos informantes de Vera Cruz para nomear o ‘peixe de pequeno porte, de corpo alongado, com escamas, cabeça terminada em focinho’. Os dois itens se encontram registrados em Ferreira (1999) e Houaiss (2001) como regionalismo, sendo a forma **pititinga** específica no Nordeste do Brasil. Esse item lexical também foi registrado Pereira (2011) na fala dos pescadores de Siribinha, comunidade situada no município de Conde, no Litoral Norte da Bahia. Conforme a autora, entre os pescadores da referida localidade, **pititinga** denomina ‘camarão de rio’, acepção que não se encontra nos dicionários e que diverge da que se verificou entre os pescadores de Vera Cruz.

A análise da variável sexo revelou que a variante **pititinga** foi mais utilizada pelas mulheres (75%), enquanto **xangó** apresentou o mesmo índice de frequência entre homens e mulheres. Estudando a variável idade, verificou-se que **pititinga** predominou entre os informantes da faixa 2 com 50% de ocorrência e se distribuiu igualmente entre os da faixa 1 e 3. Já o item **xangó** foi registrado nas faixas 1 e 2 com índice de frequência equivalente. No que tange à perspectiva diatópica, a forma **pititinga** é sinalizada como variante própria de falantes oriundos de outras localidades, o que evidencia a identidade geográfica, como se verifica no discurso a seguir:

Xangó é miudinho, que chama de **pititinga**... **xangó**. O povo lá fora chama de **pititinga**, mas a gente aqui chama de **xangó**. (F1B-V)

As variantes **maçambê**, **maromba** e **sardinha** foram documentadas como designações para o ‘peixe de pequeno porte, corpo alongado e comprimido, coloração prateada e de carne muito apreciada’. Segundo Ferreira (1999) e Houaiss (2001), a forma **maromba** é um regionalismo usado no Rio de Janeiro e Espírito Santo com o mesmo sentido de *sardinha-verdadeira*, e no Sul do Brasil, como designativo do exemplar adulto da sardinha. Para o item sardinha, os autores apresentam como variante a forma lusitana *manjua*.

As formas lexicais **maçambê** e **sardinha** foram mais utilizadas em Vera Cruz, apresentando-se, respectivamente, com 67% e 60% de frequência. No que concerne ao fator sexo, notou-se que **maçambê** teve predominância entre as mulheres com o índice de 67%, enquanto **sardinha** teve a preferência dos homens com o percentual de 60 % de frequência. **Maromba** foi empregada apenas pelos informantes do sexo masculino, da faixa etária 3, da localidade de Itaparica. Quanto à variável idade, **maçambê** apresentou maior incidência entre

os informantes das faixas 1 (49%) e 3 (32%). Em contrapartida, **sardinha** obteve percentual equivalente entre os informantes das faixas 2 e 3, apresentando o índice de 40% de uso nos dois grupos.

O ‘peixe de pequeno porte, corpo alongado, com escamas, coloração prata azulada, com listras longitudinais, cabeça larga e achatada lateralmente, boca pequena’ foi designado pelas variantes **curimã** e **tainha**. Conforme Ferreira (1999) e Houaiss (2001), a forma **tainha** apresenta outras variantes como: *cambira*, *curumã*, *tapiara* e *targana*. Ferreira (*id.*) ainda acrescenta as formas *curumã*, *mugem*, *muje*, *mujem*. Já o item **curimã** é apresentado pelos autores como um regionalismo do Nordeste do Brasil. Tem como variantes as formas *tainhota*, *tamatarana*, *tapuji*, *urichoa* (FERREIRA, 1999).

A forma **tainha** foi documentada com índice de frequência equivalente nas duas localidades, enquanto **curimã** foi registrada apenas em Vera Cruz. Analisando a variável sexo, observou-se que as duas formas se distribuíram igualmente entre os dois grupos. Quanto à variável faixa, verificou-se que **tainha** foi mais utilizada pelos informantes da faixa 1 (49%) e **curimã** foi variante exclusiva da faixa 3.

Como denominação para o ‘peixe de médio porte, corpo um pouco alto, alongado, de coloração avermelhada, de carne muito apreciada’, foram documentadas as formas **vermelho** e **vermeio**. A primeira foi verificada nas duas localidades, predominando em Itaparica. Quanto à variável sexo, teve maior incidência na fala das mulheres, com 60% de frequência. No que tange à faixa etária, foi empregado pelos informantes das faixas 2 e 3, com 60% e 40% de frequência, respectivamente. A segunda foi registrada apenas em Itaparica, na fala de informantes do sexo feminino da faixa 1.

Mariscos

Campo lexical dos mariscos	
Itaparica	Vera Cruz
Aranhola	-----
Arranhola	-----

Quadro 34: Variantes documentadas no campo lexical dos mariscos, distribuídas por localidade.

O ‘molusco de formato arredondado, cor esbranquiçada, que se encontra enterrado na areia’ foi designado pelas variantes fonéticas **aranhola** e **arranhola** na localidade de Itaparica. Trata-se de variantes verificadas apenas entre as mariscadoras. **Aranhola** foi empregada com a mesma frequência entre as informantes da faixa 2 e 3. **Arranhola**, por sua

vez, ocorreu com o mesmo índice percentual entre as da faixa 1 e 2.

Fenômenos da natureza

Campo lexical dos fenômenos da natureza	
Itaparica	Vera Cruz
Maré-cheia Maré grande Maré de lançamento -----	Maré-cheia Maré grande ----- Maré nova
Maré pequena Maré morta -----	----- ----- Maré minguante
----- -----	Vento baixo Vento leste

Quadro 35: Variantes documentadas no campo lexical dos *fenômenos da natureza*, distribuídas por localidade.

Maré-cheia, maré grande, maré de lançamento e maré nova foram as variantes empregadas para nomear o ‘fenômeno que corresponde à elevação das águas do mar em seu mais alto nível, conforme a atração do Sol e da Lua sobre a Terra’. **Maré cheia**, a forma mais comum, obteve maior índice de frequência em Itaparica (67%). Trata-se de uma variante exclusiva das pescadoras, com percentual de ocorrência equivalente nas três faixas etárias. Com o percentual de 60% em Itaparica, o item **maré grande** foi mais empregado pelos informantes do sexo feminino (60%) e teve o mesmo índice de ocorrência entre os pescadores das faixa 2 e 3. Variantes exclusivas dos pescadores, **maré de lançamento** foi registrada em Itaparica, enquanto **maré nova**, em Vera Cruz. A primeira foi empregada exclusivamente pelos informantes da faixa 2; segunda, pelos da faixa 1.

Como denominações para o ‘fenômeno que corresponde ao nível mínimo que as águas do mar atingem, conforme a atração do Sol e da Lua sobre a Terra’, foram registradas as formas lexicais **maré pequena, maré morta e maré minguante**. As duas primeiras foram documentadas em Itaparica, enquanto a última, em Vera Cruz. **Maré pequena e maré minguante** são variantes empregadas exclusivamente pelas pescadoras mais idosas. O item lexical **maré morta** foi mais empregado pelos pescadores (67%) e apresentou o mesmo percentual de frequência nas três faixas.

Vento baixo e vento leste foram as formas registradas em Vera Cruz para denominar o ‘fenômeno que corresponde ao movimento do ar, que torna a maré mansa e a água límpida, trazendo os peixes para a costa litorânea’. Esses itens lexicais ocorreram apenas na fala dos informantes do sexo masculino da faixa 3.

Medidas

Campo lexical das medidas	
Itaparica	Vera Cruz
Malha Maia	Malha Maia

Quadro 36: Variantes documentadas no campo lexical das *medidas* distribuídas por localidade.

Para se referir à ‘medida que indica o tamanho dos espaços vazios entre os nós, na confecção das redes’, os informantes empregaram as variantes fonéticas **malha** e **maia**. Com maior índice de ocorrência em Itaparica, as duas formas apresentaram o mesmo percentual de uso nessa localidade (67%). **Malha** teve baixa frequência entre as mulheres (17%) e **maia** foi empregada apenas pelos homens. Ambas obtiveram o mesmo índice de frequência nas três faixas etárias.

Formas variantes que não compõem um campo lexical

Variantes que não compõem um campo lexical	
Itaparica	Vera Cruz
Isca -----	Isca Engodo
Manta Cardume	Manta -----
Marca Marcação	----- Marcação
Oitero Outero	----- -----
Pesca Pescaria -----	Pesca Pescaria Pescagem

Quadro 37: Variantes que não integram os campos lexicais estabelecidos, distribuídas por localidade.

Para nomear o ‘chamariz que se fixa ao anzol, gaiola, jereré, munzuá ou se lança na água para atrair os peixes e mariscos’ os informantes utilizaram as formas **isca** e **engodo**. **Isca**, forma comum às duas localidades, ocorreu com a mesma frequência na fala de homens e mulheres nas três faixas etárias. Já **engodo** foi verificado unicamente em Vera Cruz entre os informantes da faixa 3. **Cardume** e **manta** foram os itens empregados para designar o ‘coletivo referente a uma grande quantidade de peixes em conjunto’. Variante documentada apenas em Itaparica, **cardume** foi empregada exclusivamente pelos pescadores das faixa 1 e 2. **Manta** foi registrada nas duas localidades e seu emprego ocorreu de forma equivalente

entre pescadores e pescadoras das faixas 1 e 3.

O ‘sinal utilizado pelos pescadores para determinar os pontos de pesca’ foi designado pelos itens **marca** e **marcação**. Exclusivamente em Itaparica, registrou-se o item **marca**, que figurou no discurso dos pescadores da faixa 2. **Marcação**, forma utilizada pelos pescadores das faixas 2 e 3, teve registro nas duas localidades, com maior frequência em Itaparica (70%).

Oiteiro e **outeiro** foram as variantes fonéticas empregadas pelos informantes do sexo masculino, em Itaparica, para designar a ‘parte elevada de uma superfície na qual se baseiam os pescadores para identificação dos pontos de pesca’. **Outeiro** foi a forma utilizada pelos pescadores da faixa 1 e 2 com percentual equivalente, enquanto **oiteiro** foi empregado exclusivamente pelos da faixa 3.

Os itens lexicais **pesca**, **pescaria** e **pescagem** foram utilizados como denominações para a ‘atividade realizada em águas profundas, no mangue ou na costa litorânea com o uso de anzol, arpão, colher, facão, gaiola, jereré, munzuá, puçá ou rede para a captura de peixes’. **Pescaria**, o item mais recorrente, teve índices de frequência semelhantes em Itaparica (52%) e Vera Cruz (48%). Apresentou maior percentual entre os informantes do sexo masculino (59%) e os da faixa 3 (37%). Já **pesca** foi mais empregado pelos informantes de Vera Cruz (67%). Predominando entre os do sexo masculino (73%), ocorreu com maior índice entre os da faixa 2 (83%). Forma verificada em Vera Cruz, **pescage** foi registrada apenas na fala dos informantes masculinos da faixa 3.

Pelo exposto, verifica-se que os pescadores empregam tanto formas lexicais que estão de acordo com a norma padrão, as variantes de prestígio, quanto formas que não coadunam com esta norma, as variantes estigmatizadas. O maior índice de emprego de formas linguísticas que estão de acordo com a norma padrão da língua portuguesa foi verificado em Itaparica, como se verifica na Figura 73.

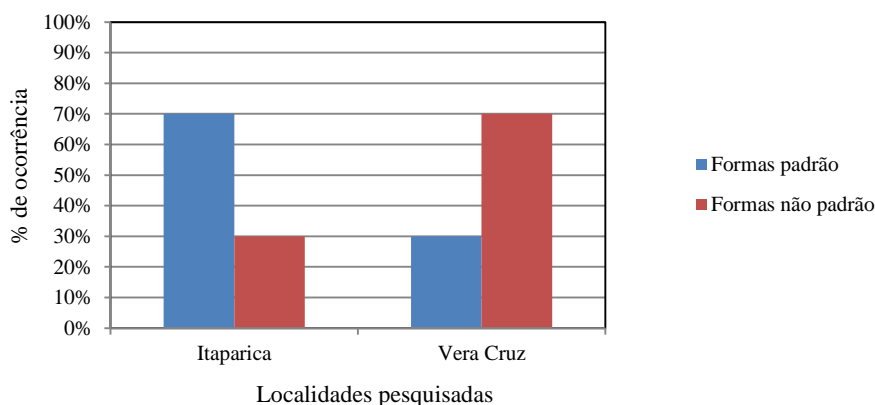


Figura 73: Distribuição de uso das formas padrão e não padrão conforme a localidade.

Tal resultado pode estar associado ao fato de as vilas de pescadores de Itaparica se situarem nas proximidades da área urbana e serem frequentadas por pessoas com maior nível de escolaridade, ao passo que as de Vera Cruz, como Baiacu, Jiribatuba e Cacha Pregos, situam-se em regiões mais isoladas de ambientes difusores da norma culta.

Na Figura 74, estão expressos os resultados obtidos a partir da análise da variável sexo no que tange ao emprego dessas formas.

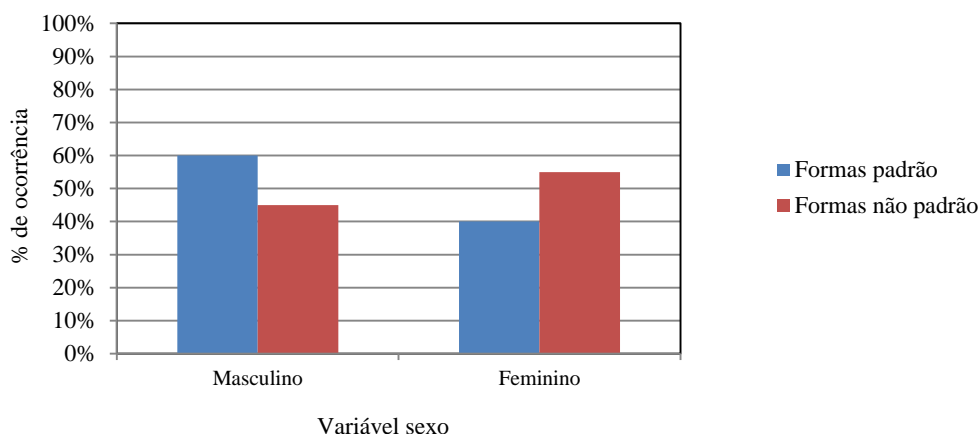


Figura 74: Distribuição de uso das formas padrão e não padrão conforme a variável sexo.

Como se observa, as formas padrão tiveram maior incidência no discurso dos homens, o que contraria a premissa de que as mulheres tendem a usar as formas mais socialmente prestigiadas, como apontam Chambers e Trudgill (1994), Moreno Fernández (1998), Labov (2008). Um estudo realizado por Lucchesi (2009) sobre a concordância de gênero em Helvécia, na Bahia, também contrasta com essa proposição, haja vista que, na referida comunidade, os homens superam as mulheres no uso da forma padrão. De acordo com o autor, isso se deve ao fato de os homens terem mais contato com o mundo exterior e estarem mais integrados no processo produtivo e na vida social da comunidade, o que os deixa mais expostos aos padrões linguísticos do que as mulheres. Estas, em função das atividades domésticas, ficam mais limitadas à vida isolada da comunidade e, por isso, preservam mais os “primitivos usos linguísticos, mais diretamente marcados pelo processo de transmissão linguística irregular” (LUCCHESI, 2009, p. 313).

No que concerne ao fator faixa etária, vejam-se, na Figura 75, os índices de emprego das formas padrão e não padrão.

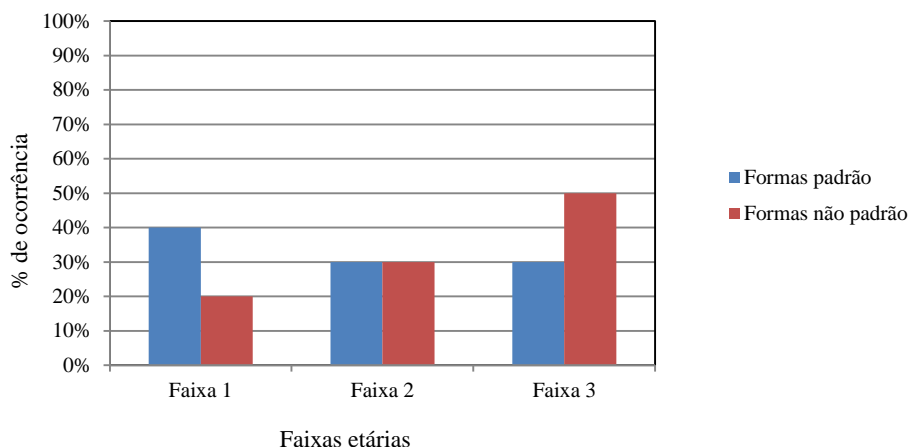


Figura 75: Distribuição de uso das formas padrão e não padrão conforme a variável faixa etária.

Os dados revelam que os idosos tendem mais ao uso de formas estigmatizadas, enquanto os jovens, às formas mais prestigiadas. Na comunidade em estudo, os pescadores acima de 60 anos, em sua maioria, não tiveram oportunidade de frequentar a escola, e os que tiveram cursaram apenas as séries iniciais do Ensino Fundamental I. Por sua vez, os pescadores com idade entre 20 e 30 possuem maior grau de escolaridade, tendo alguns concluído o Ensino Médio. Isso pode explicar tal resultado.

5 “OS NOMES É BASEADO COMO A HENTE CONHECE”: VOCABULÁRIO DA PESCA ARTESANAL NA ILHA DE ITAPARICA

5.1 APRESENTAÇÃO

Este vocabulário tem como objetivo descrever, em língua portuguesa, 445 lexias peculiares à pesca artesanal, a partir de um *corpus* constituído mediante a aplicação de um questionário linguístico, bem como por meio de dados obtidos através de conversas informais com os moradores das comunidades da Ilha de Itaparica, na Bahia. Nele constam, em ordem alfabética, os itens documentados nos inquéritos aplicados entre pessoas que desenvolvem atividades pesqueiras na referida localidade.

5.2 ESTRUTURA DOS VERBETES

Seguindo a perspectiva semasiológica, os verbetes foram organizados em ordem alfabética, apresentando a seguinte estrutura: entrada; variantes (opcionais); remissões (opcionais); categoria gramatical; étimo, origem ou processo de formação; definição; identificação do informante; abonação.

5.2.1 Entradas

As entradas figuram em redondo, letra minúscula, fonte Time News Roman, tamanho 9,5, em negrito, sob a forma de lemas. Por ser este um trabalho que se insere na perspectiva da Lexicografia Variacional, as entradas correspondem às variações documentadas no discurso do informante. Compreendem itens lexicais dicionarizados e não dicionarizados. As unidades lexicais que figuram entre chaves [] correspondem às formas não atestadas no *corpus*.

5.2.2 Variantes

As formas variantes figuram precedidas de til (~), após o lema principal, transcritas grafematicamente. Apresentam-se em letra minúscula e negrito. Formas variantes não dicionarizadas e dissonantes da forma ortográfica são registradas em itálico.

5.2.3 Remissivas

As remissivas figuram após o último lema secundário e são precedidas do sinal → e finalizadas com ponto. Tratando-se de formas dicionarizadas, apresentam-se em redondo e em letra minúscula. Formas variantes não dicionarizadas e dissonantes da forma ortográfica são registradas em itálico.

5.2.4 Categorias gramaticais

Após o lema, apresenta-se a categoria gramatical em redondo, letra minúscula, com as seguintes abreviações: “s.f.” para os substantivos femininos, “s.m.” para os substantivos masculinos, “adj.” para adjetivos, “loc.” para locução, “fras.” para frase e “v.” para verbo.

5.2.5 Étimo, origem ou processo de formação

O étimo, a origem ou o processo de formação figuram entre parênteses, encerrados por ponto. Tratando-se do étimo, este se apresenta em itálico, precedido do sinal < e da sigla estabelecida para a língua de origem. Os compostos e derivados se apresentam também em itálico, marcados pelo sinal +. Origem ou processo de formação são indicados por abreviaturas próprias ou preposições.

5.2.6 Definições

As definições se apresentam entre aspas simples, em letras minúsculas, em paráfrase lexicográfica, encerradas por ponto. Estruturam-se a partir de um hiperônimo (arquilexema) e os traços semânticos que distinguem o item lexical definido, i. e., a *differentia specifica*. Nos casos em que há mais de uma definição, estas aparecem numeradas.

5.2.7 Identificação do informante

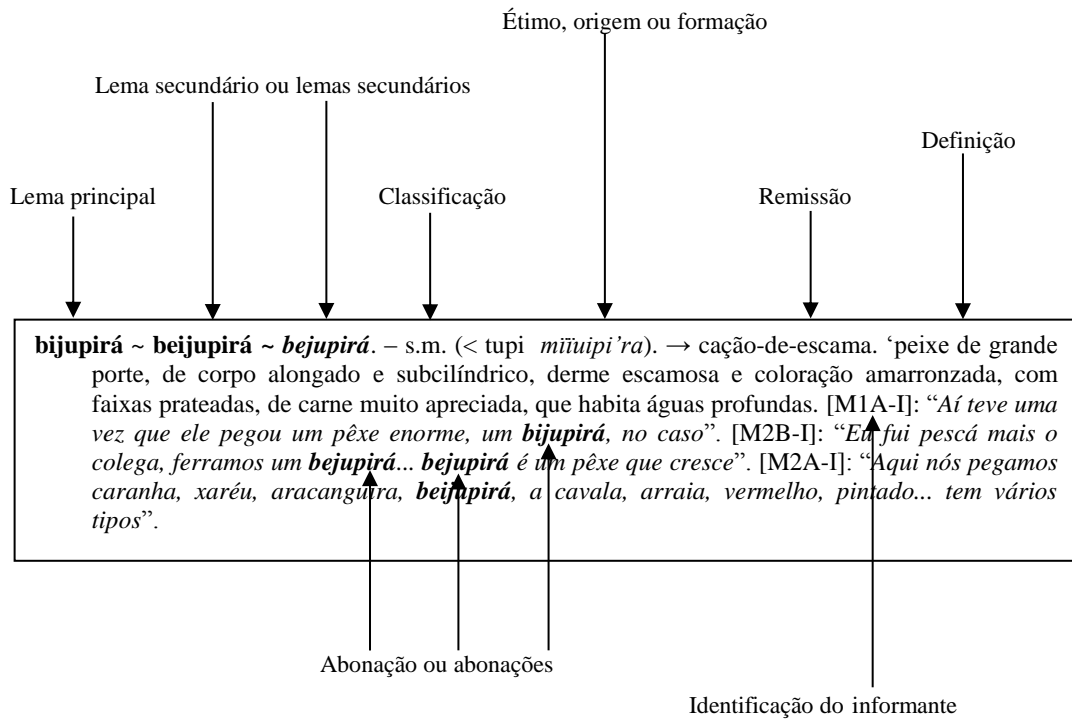
Na sequência, entre colchetes, encontra-se a identificação do informante. Esta se compõe de indicação do sexo (F para o feminino e M para o masculino); indicação da faixa etária (1 para a faixa de 20-30; 2 para a faixa de 35-55; 3 para faixa etária + 60); a

identificação do informante (inf. A, inf. B e inf. C) e a localidade (I = Itaparica; V = Vera Cruz).

5.2.8 Abonações

Entre aspas e em itálico, para melhor compreensão do conteúdo semântico, são apresentadas as abonações, em transcrição grafemática, a partir das entrevistas em que foram registradas as lexias. O item lexical abonado figura em **negrito**. Para a forma lexical registrada sem uma contextualização, apresenta-se entre parênteses a circunstância em que ocorreu, reproduzindo a pergunta feita pelo inquiridor.

A seguir, encontra-se a chave para consulta dos verbetes.



5.3 ABREVIATURAS

Nos verbetes deste vocabulário, foram empregadas as abreviações apresentadas abaixo.

- adj. adjetivo
- afér. aférese
- alt. alteração

ant.	antigo
antr.	antropônimo
ár.	árabe
cast.	castelhano
cient.	científico
der.	derivação
dev.	deverbal
dim.	diminutivo
diss.	dissimilação
ep.	epêntese
esp.	espanhol
esq.	esquimó
f.	feminino
fr.	francês
fras.	frasema
galg.	galego
germ.	germânico
greg.	grego
hisp.	hispanico
hol.	holandês
ing.	inglês
it.	italiano
jap.	japonês
lat.	latim
lat.medv.	latim medieval
lat. vulg.	latim vulgar
ling.	língua
magr.	magrebino
mal.	malaio
marc.	marca
met.	metátese
nas.	nasalização
onom.	onomatopaico/a
or.	origem

part.	particípio
posv.	possivelmente
prov.	provavelmente
provç.	provençal
quimb.	quimbundo
rad.	radical
red.	redução
regist.	registrado(a)
regr.	regressivo(a)
sínc.	síncope
s.f.	substantivo
	feminino
s.m.	substantivo
	masculino
substv.	substantivação
talv.	talvez
v.	verbo
vog.	vogal

5.4 VOCABULÁRIO



[abaixar] → abaxá.

abaxá – v. (< lat. tard. *bassiāre*, com apócope e monotongação). ‘ação inicial do processo de pesca que consiste em deslocar a rede, do barco para a água, fazendo-a submergir’. [M1B-V]: “Eu já fiquei **abaxano** também, mas só que não gosto de **abaxá** pro pêxe não mordê”.

abalá – v. (or. obscura, talv. do lat. *advallāre*, com apócope). ‘ação inicial do processo de pesca que consiste em bater na água com os remos, durante o cerco, para captura dos peixes’. [M2A-I]: “**Abalá** é cercá com uma rede, certo? E batê na água, pá, pá, pá... pra podê espantá o pêxe pra ele corrê pra rede”.

[abalar] → abalá.

afundiá → fundiá.

agitado – adj. (< lat. *agitātus*). ‘característica do mar quando suas águas se movimentam de forma turbulenta. [M1A-I]: “Mas a época mesmo que eu gosto é no inverno porque, devido à chuva, tem vento um pouco também... pêxe gosta de rebojo, do má quando tá **agitado**”.

agulha¹ – s.f. (< lat. *acūcula*). ‘instrumento de madeira utilizado para tecer e remendar a rede de pesca’. [M2A-V]: “Nesse caso aqui... aqui tá (mímica) em silêncio, né? No caso, a hente joga uma **agulha**, aí espanô”.

agulha² – s.f. (< lat. *acūcula*). → **agulha-branca**. → **agulhinha**. ‘peixe de pequeno porte, corpo alongado, derme escamosa, coloração variável, com mandíbula inferior bem prolongada e mandíbula superior curta, encontrado em águas rasas. [F1B-I]: “Tem **rubalo**, tem **cabeçudo**, **vermelho**, **arraia**, **agulha**, tem vários... tem **cação**, **bagre**, tem vários...”

agulha-branca – s.f. (de *agulha* [este, do lat. *acūcula*] + o f. do adj. *branco* [este, do germ. *blanck*]). → **agulha²**. → **agulhinha**. ‘peixe de pequeno porte, corpo alongado, coloração azul ou verde no dorso e prateada nos flancos, derme escamosa, com mandíbula inferior bem prolongada e mandíbula superior curta, encontrado em águas rasas’. [F2C-V]: “É

agulhinha, é um pêxe, *agulha comprida que chama **agulha-branca**, é pêxe”.*

agulha-pemba – s.f. (de *agulha* [este, do lat. *acūcula*] + *pemba* [este, do quimb. *mpemba*]). → **agulha²**. → **agulha-branca**. → **agulhinha**. ‘peixe de pequeno porte, corpo alongado, coloração branco-prateada, derme escamosa, com mandíbula inferior bem prolongada e mandíbula superior curta, que habita águas rasas’. [F3B-I]: “Aqui tem... Ave Maria! Carrapato, vermelho, **agulha**, **agulha-pemba**, **agulha-branca**, tem pêxe-galo, tem bagre, **cação**... tem tudo quanto é marca de pêxe aqui”.

[agulheira] → **agulhêra**.

agulhêra – s.f. (de *agulha* [este, do lat. *acūcula*] + *-eira*, com monotongação). → *rede de agulha*. ‘apetrecho de grande porte, feito de linha, com espaçamento estreito entre as malhas, com boias, cortiças e chumbo, utilizado na pesca de agulha’. [MB3-1]: “**Tainhêra**, **agulhêra**, todo tipo de... cada malha tem uma, uma... qué dizê, **tainhêra**, **agulhêra**, entendeu?”

agulhinha – s.f. (de *agulha* + *-inha*). → **agulha**. → **agulha-branca**. [F2C-V]: “É **agulhinha**, é um pêxe, *agulha comprida que chama **agulha-branca**, é pêxe*.”

ajudante – s.m. (< lat. *adjutans*, *-antis*). → **andêro**. → **corredô**. → **moço**. → **soltadô**. ‘função masculina na atividade de pesca concernente à pessoa que auxilia o mestre na soltura e recolha da rede de pesca e do pescado’. [M3B-V]: “O **ajudante** é... *colhê a rede junto com você. Você vai remano, vai remano e ele vai largano a rede, e o outro vai remano*”.

ajuntadô – s.m. (de *ajuntar* + *-dor*, com apócope). ‘apetrecho de plástico ou metal utilizado para recolher o marisco chumbinho’. [F2A-I]: “**Ajuntadô** é cuba também, **cubinha**, **vasilha plástica que dê**. Às vezes, um **escorredô**”.

[ajuntador] → **ajuntadô**.

alto-má – s.m. (de *alto* [este, do lat. *altus*] + *mar* [este, do lat. *māre*, com apócope]). → **má** aberto. ‘ponto de pesca afastado do litoral, de onde não se avista a terra, de águas profundas, onde são capturados principalmente peixes de médio e grande porte’. [M3A-V]: “Aqui tem vários tipos de pêxe, mas... muitas espécies que dá em **má** aberto, que é o **alto-má**, aqui não dá”.

[alto-mar] → **alto-má**.

amorêa → *morêa*.

âncora – s.f. (< lat. *ancōra* < gr. *ἀγκυρα*). → poita ‘componente móvel da embarcação, feito de ferro, que se lança à água com a finalidade de impedir seu deslocamento’. [F2C-V]: “*Aí cinco hora da manhã a hente puxô a âncora do barco e vei’ embora com a mão de Deus ajudando a gente, porque tava feio, viu?*”.

ancorado – adj. (part. de *ancorar*). ‘característica da embarcação que se encontra fixa com âncora’. [M2C-I]: “*Quer dizê, o barco... vamo supô, o barco tá ancorado ali. Ali nós não vamo pescá*”.

ancor[ar] – v. (de *âncora* [este, do lat. *ancōra*] + *-ar*, com apócope). → *afundiá*. → *fundiá*. → *poitá*. ‘ação inicial do processo de pesca que consiste em lançar a âncora ao fundo do mar para que a embarcação se mantenha parada’. [M2C-I]: “*A pesca de linha, a pessoa chega no má, ancora a embarcação em determinado ponto que ele sabe que ali pode tê algum aposento de pêxe, isca a linha com o anzol, joga lá e fica ali esperando o pêxe pegá*”.

[**andeiro**] → *andêro*.

andêro – s.m. (de *andar* [este, do lat. *ambūlo* + *-eiro*, como monotongação). → *ajudante*. → *companhêro*. → *marinhêro*. → *moço*. ‘pessoa que tem como função segurar o cofo, auxiliando o meste na recolha dos peixes e mariscos’. [M2B-I]: “*A hente chama de... da pessoa que fica segurano o cofo ou andêro. Diz que é a pessoa que vai por terra*”.

anzol – s.m. (< lat. *hamiceōlus*). ‘instrumento feito de metal, com formato curvo e pontiagudo, onde se fixa a isca, usado para físgar o peixe’. [M1A-I]: “*A hente leva... a gente leva o material no (?)... a água tem que tê uma corrente forte, pra que os pêxe venha em direção ao local de pescá mehmo, porque eles gostam muito e é mais fácil eles se prendê, de se físgá no anzol*”.

apetrecho – s.m. (< cast. *perrecho*). → *aviamento*. ‘qualquer instrumento empregado na prática da pesca’. [M3A-V]: “*Bom, o primeiro passo pra iniciá a pesca é: a pessoa sabê pescá, tê o conhecimento daquilo ali, e tê sua embarcação e seus apetrechos de pesca pra podê ele dá o primeiro passo*”.

aracanguira – s.m. (< prov. tupi). ‘peixe de grande porte, corpo alto e comprimido, de derme escamosa, de coloração branco-prateada com tom verde-azulado na cabeça, que habita as águas profundas. [M2A-I]: “*Aqui nós pegamos caranha, xaréu, aracanguira, beijupirá, a cavala, arraia, vermelho, pintado... tem vários tipos*”.

aranhola ~ **arranhola** – s.f. (de *aranha* [este, do lat. *aranĕa* + *-ola*). marisco do espécime molusco,

de formato arredondado, de cor esbranquiçada, que se protege enterrando-se na areia da praia’. [F3B-I]: “*A mais praticada daqui é a ostra, que eu tiro de vez em quando e o marisco que chama... como é? Aranhola, aranhola... na praia*”. [F2B-I]: “*Tem arranhola também, que eu não sei direito se o nome é arranhola ou se é aranhola, que pegamos também, é um marisco. Ela é redondinha, tipo assim que nem pareceno uma borracha*”.

aratu – s.m. (< tupi *aratu’ē*). ‘marisco do espécime crustáceo, de carapaça dura, abdômen curto e quadrado, decápode, de cor acinzentada, encontrado nos arbustos do mangue’. [F3B-V]: “*Tem o aratu, que tem que subir no pé do mangue, subir em cima pra podê pegá*”.

arco – s.m. (< lat. *arcus*). ‘componente de apetrecho, feito de metal ou cipó, de formato curvo, utilizado para sustentar o chumbo na pesca de linha de fundo’. [M2C-V]: “*Aí é um arco com a chumbada, que a gente joga pro fundo do má, e essa parte aqui fica pra cima do barco*”.

areacó – s.m. (de or. obscura, talv. do tupi). ‘peixe de pequeno porte, de coloração rosada, dorso esverdeado, com mancha escura na lateral, derme escamosa, que habita águas profundas’. [F2C-V]: “*Aí tem caranha, tem badejo, tem cavala, tem guaraçaim, tem o vermelho, areacó, tem o vermelho-rabo-aberto, tem o dentão, a cioba, tem pêxe-pena, tem taoca, tem arraia, tem tudo... olho-de-boi...*”

arpão – s.m. (< fr. *harpon*). ‘apetrecho de médio porte, feito de metal, de formato alongado e em semelhante a uma seta, usado para a captura de peixes, cetáceos e moluscos’. [M1C-V]: “*Arma o arpão... tem uma borracha de soro... você estica a borracha e atira no pêxe*”.

arpoá – v. (de *arpão* [este, do fr. *harpon*] + *-ar*, com desnasalação e apócope). → *ferrá*. ‘ação medial do processo de pesca que consiste em lançar vigorosamente o arpão para físgar o peixe’. [M2A-I]: “*Vamos falá da parte de mergulho: arpoá. Que é arpoá o pêxe? Já é outro tipo de pesca*”.

[**arpoar**] → *arpoá*.

arraia – s.f. (prot. de *raia* [este, do lat. *rāia* ou *rāja*). ‘peixe de grande porte, corpo achatado, de formato discóide, cartilaginoso, de coloração clara ou escura com ou sem manchas, que habita águas profundas’. [M1B-I]: “*Pescaria boa aqui... um rapaz pegô um pêxe, uma arraia muito grande, que pra carregá foi mais de cinco homem*”.

[**arraieira**] → *arraieira*.

[**arraieiro**] → *arraieiro*.

arraieira – s.f. (de *arraia* [prot. de *raia* < lat. *rāia* ou *rāja*] + *-eira*, com monotongação). ‘apetrecho de grande porte, feito de linha, com espaçamento largo entre as malhas, usado para a captura de arraia’. [M2B-I]: “*Tem a arraieira. A arraieira, no caso, a pessoa bota pra podê ela dormir. De noite, o pêxe vai e se embaraça*”.

arraieiro – s.m. (de *arraia* [prot. de *raia* < lat. *rāia* ou *rāja*] + *-eiro*, com monotongação). ‘função masculina na pesca concernente à pessoa que captura arraias’. [M2A-I]: “*(...) tem o arraieiro que é o cara que pesca só arraia, entendeu? Pesca só arraia, e tem o outro que é coletivo pra todo mundo porque são vários tipos de pêxe; é camarão, que veve só de pegá o camarão, certo?*”

arranhola → *aranhola*.

arrastá – v. (de *ar-* + *rasto* [diss. de *rastro* < lat. *rastrum*] + *-ar*, com apócope). ‘ação medial do processo de pesca que consiste em puxar lentamente a rede, fazendo-a deslizar no fundo do mar, a fim de capturar peixes e camarões’. [F2B-I]: “*Aí pegamos a rede, porque tem que puxá que é pesada, que fica... vem limo, às vezes, vem pedra, vem lixo, tudo isso, sabe? Aí temos que ajudá a arrastá, pegá a rede. Aí vem, traz, pega lá no fundo, bem no fundo mesmo*”.

arrastamento – s.m. (de *arrastar* + *-mento*). → *arrasto*. ‘etapa medial da pesca que consiste em arrastar lentamente a rede para obtenção do pescado. [F2B-I]: “*Do, do arrastamento? Vamos supô assim umas três horas ou até mais do que isso. Muitas vezes dá mais do que isso, dependeno dos lance da rede que a pessoa quêra*”.

arrastão – s.m. (de *arrasto* [dev. de *arrastar*] + *-ão*). → *rede de arrasto*. ‘apetrecho de grande porte, feito de linha de linha, com espaçamento estreito entre as malhas, de formato alongado, com boias, dotado de um cabo nas extremidades, usado para a captura de peixes e mariscos’. [M2B-I]: “*Arrastão... arrastão, que você pega cavala e vários tipo de pêxe*”.

[**arrastar**] → *arrastá*.

arrasto – s.m. (dev. de *arrastar*). → *arrastamento*. [M1B-V]: “*Maré nova é três, quatro arrasto. É rapidinho a hente chega aqui. Ainda pega a novela das oito, tá entendeno?*”

atravessadô – s.m. (de *atravessar* [este, do lat. *ad-* + *transversare*] + *-dor*, com apócope). → *geladô*. → *negociante*. ‘função masculina na atividade de pesca concernente à compra, conservação e comercialização de peixes e mariscos’. [M3A-I]: “*Já tem atravessadô... aí a gente chegô com o pêxe, ele chega na porta compra... a gente vende por X e ele, lá na frente,*

vai vendê por X pra ganhá o trocadinho dele também”.

[**atravessador**] → *atravessadô*.

aviamento – s.m. (de *aviar* + *-mento*). → *apetrecho*. [M3B-I]: “*Porque das loja, os aviamento alargô muito no mundo; trôxe aviamento pro má que pega o pêxe de otro jeito que a hente pega... a rede... mata, pega muito pêxe, mata mais do que aproveita*”.

avuadô – s.m. (de *a-* + *voa(r)* [este, do lat. *vōlo*] + *-dor*, com apócope e metáfora). ‘peixe de pequeno porte, de corpo alongado e fino, coloração azul esverdeada, derme escamosa, nadadeiras muito desenvolvidas e que habita águas rasas’. [M2A-V]: “*Aqui, no caso, é a tainha, o rubalo, a carapeba, o vermelho, o cabeçudo, a chumberga, a cacunda, o pêxe que chama avuadô*”.

[**avoador**] → *avuadô*.

B

bacia – s.f. (< *bacio* < lat. vulg. *baccinum*). ‘apetrecho de médio porte, feito de plástico ou metal, de formato circular e fundo chato, usado para transportar o marisco’. [F3A-I]: “*É bota na cesta, bota numa bacia, bota num carro de mão coberto com umas folha*”.

badejo – s.m. (< cast. *abadejo*, dim. de *abad*). ‘peixe de grande porte, de corpo alongado e robusto, de derme escamosa e coloração escura com manchas, que habita águas profundas’. [M2C-V]: “*Eu acho que diminui a quantidade de pêxe... porque... é... você vê hoje e você deve sabê que o badejo é escasso; o rubalo também se tornô escasso; o mero, hoje você vê que quase não existe o mero mais*”.

[**bagaceira**] → *bagacêra*.

bagacêra – s.f. (de *bagaco* [este, de *baga* + *-aço*]). + *-eira*, com monotongação). ‘conjunto de coisas miúdas e inúteis capturadas pela rede de malha estreita durante o arrasto’. [M1B-V]: “*Catá é o camarão, separá o camarão do pêxe, porque vem tudo com a bagacêra ali quando tira o arrasto*”.

bagre – s.m. (or. controversa, talv. do *pagrus* < gr. *párgos*). ‘peixe de pequeno porte, corpo alongado e robusto, coberto de muco, sem escamas, com barbilhões, coloração cinza

prateada, com manchas e nadadeiras com espinhos, que habita águas rasas e manguezais'. [M3A-V]: “É um peixe chamado **bagre**, ele tem um esporãozinho parecido um agulha, mas é venenoso mesmo e, por desacerto meu, enfiô aqui”.

bagre-branco – s.m. (de *bagre* [talv. do *pagrus*] + *branco* [este, do germ. *blanck*]). ‘peixe de pequeno porte, corpo alongado e robusto, sem escamas, dorso de coloração parda, ventre claro, com manchas, dentes palatinos semelhantes a cerdas. [F3B-V]: “É tainha, é **bagre-branco**, é vermelho, é pescada, sororoca, é maçambê, (?)”.

baiacu – s.m. (< tupi *üamaia'ku*). → porco-espinho. ‘peixe de pequeno porte, corpo achatado, derme espinhosa, de coloração acinzentada e com manchas, que infla quando se sente ameaçado, encontrado em águas rasas’. [F1C-I]: “Isso aqui é conhecido com **baiacu**, porco-espinho. A gente aqui chama de **baiacu** também”.

balaio – s.m. (< fr. *balai*). ‘apetrecho de médio porte, feito de palha ou vime, de formato circular, utilizado para o transporte de peixes e mariscos’. [F3B-I]: “A hente ia e vinha com ela, com os meio **balaio**... que era balaio, de ostra pra hente ferventá.

balde – s.m. (or. controversa). ‘apetrecho de médio porte, feito de plástico, de formato circular, com alças, usado para o transporte de peixes e mariscos’. [M3B-V]: “No **balde**... às vez, transporta em balaio. Do porto pr'aqui, você tem o **balde**, aí você traz”.

balêa – s.f. (de *baleia* [este, do lat. *balaena*], com monotongação). ‘cetáceo de grande porte, corpo alongado e robusto, de coloração escura, que habita águas profundas’. [M1A-I]: “Tem até um local aqui atrás, pertinho, chamado Coroa da Balêa... é baxinho o lugar, onde daqui de terra o pessoal ficava sentado veno as **balêa** passano... é muito lindo, muito bonito.

[**baleia**] → *balêa*.

banco de arêa – loc. (de *banco* [este, do it. *banca*] + *de* + *areia* [este, do lat. (*h*)*arēna*]). → cabeça. → coroa. ‘ponto de pesca, terreno arenoso e elevado, de águas intermediárias ou rasas, situado na costa litorânea’. [M1A-I]: “Pego na coroa, é um **banco de arêa**, ela seca tudo... daqui a pouco vai secá tudo ali”.

[**banco de [areia]**] → *banco de arêa*.

barbatana – s.f. (prov. de *barba* < *barbitana* < *barbita*). ‘órgão do peixe que lhe permite movimentar-se na água’. [M1A-I]: “E tinha muita gente que comprava aqui, principalmente

pra cortá as **barbatanas**, que diziam que é bom demais pra fazê chá, um monte de coisa, né?”.

barco – s.m. (de *barca* [este, do lat. tard. *barca*]). → catraia. → *barco a motô*. → *barco a pano*. → *barco a vela*. → *barco a remo*. → *barco de fibra*. → *barco de madêra*. → *savêro*. ‘embarcação de pequeno ou médio porte, movida a remo, a vela ou a motor, feita de madeira, fibra ou alumínio, de calado baixo ou alto, com ou sem convés, utilizada para pesca na costa ou em alto-mar’. [M2C-V]: “Num **barco**... dependo também do tamanho do **barco**, né? Porque tem **barco** grande e tem **barco** pequeno. Tem **barco** pra duas pessoa, pra três pessoa, quatro pessoa, cinco pessoa, cinco pessoa”.

barco a motô – loc. (de *barco* [este, de *barca* < lat. tard. *barca*] + *a* + *motor* [este, do lat. *mōtor*], com apócope). ‘embarcação de pequeno ou médio porte, feita de madeira, fibra ou alumínio, de calado baixo ou alto, com ou sem convés, movida a motor, usada para pesca na costa ou em alto-mar’. [M1A-I]: “Ela vai querê... no caso, pessoas que chegam nova assim pra querer pescá eu levo no **barco a motô** e levo pr'os pontos melhores e distantes daqui”.

[**barco a motor**] → *barco a motô*.

barco a pano – loc. (de *barco* [este, de *barca* < lat. tard. *barca*] + *a* + *pano* [este, do lat. *pānnus*]) → *barco a vela*. → *barco a remo*. [M2C-I]: “Ele tem que sabê navegá, ou de remo ou de **barco a pano**... porque se você não soubé remá, não tivé uma base de mestrá um **barco**, não pode pescá, que é perigoso”.

barco a remo – loc. (de *barco* [este, de *barca* < lat. tard. *barca*] + *a* + *remo* [este, do lat. *remus*]). *barco a pano*. → *barco a vela*. ‘embarcação de pequeno porte, feita de madeira, fibra ou alumínio, de calado baixo, sem convés, movida a remo, usada para pesca na costa litorânea’. [M2C-V]: “Tem o **barco a remo**, que, no caso, o meu é a remo; não é a vela nem a motô”.

barco a vela – loc. (de *barco* [este, de *barca* < lat. tard. *barca*] + *a* + *vela* [este, do lat. *velum*]). → *barco a pano*. ‘embarcação de pequeno porte, feita de madeira, fibra ou alumínio, de calado baixo, sem convés, impulsionada pelo vento, usada para pesca na costa litorânea’. [M3B-I]: “Aqueles barquinho: a catraia e **barco a vela**”.

barco de fibra – loc. (de *barco* [este, de *barca* < lat. tard. *barca*] + *de* + *fibra* [este, do lat. *fībra*]). → *barco de madêra*. ‘embarcação de pequeno porte, de calado baixo, sem convés, feita de fibra, movida a motor, a remo ou a vela, usada para pesca na costa litorânea’. [M3C-V]: “Hoje, de qualquer jeito, como eu pesco há muito tempo,

já tenho meu barco de fibra, que eu fiz, que tá me dano mais condições, né?”

[barco de madeira] → barco de *madêra*.

barco de madêra – loc. (de *barco* [< lat. tardio *barca*] + *de* + *madeira* [este, do lat. *materiā*], com monotongação). → *barco de fibra*. ‘embarcação de pequeno ou médio porte, feita de madeira, de calado baixo ou alto, com ou sem convés, movida a motor, a remo ou a vela, usada para pesca na costa ou em alto-mar’. [F2C-V]: “*Só tem os barco de madêra e os barco de fibra*”.

barra – s.f. (< lat.vulg. *barra* [este, do gaul. *barro*]). ‘ponto de pesca situado distante da faixa litorânea, com elevação causada pelo acúmulo de areia, cascalho ou pedras, onde as ondas arrebentam’. [M3A-V]: “(...) *tem a barra que é entre Cacha Pregó e Itaparica... são duas barras que recebe esse braço de má, e a hente se desloca por esses lugare todos pra pescá*”.

barracuda – s.m. (< esp. *barracuda*). ‘peixe de grande porte, corpo alongado e roliço, derme escamosa, coloração prateada e com manchas, encontrado em águas rasas’. [M1A-I]: “(...) *tem muitas, tem barracuda, tem dentão, tem caranha... uma variedade de pêxe imensa*”.

barrenta – adj. (de *barro* + fem. de *-ento*). ‘característica da água quando se encontra escura, da cor do barro’. [M1A-I]: “*Maré grande... tá toda suja, barrenta e correno demais*”.

batelão – s.m. (< fr. *batel* + [-ão] ou < it. *batellone*, [com nivelamento fônico em -ão]). → canoa. ‘embarcação de pequeno porte, feita de madeira, de calado baixo, sem convés, movida a remo, usada para dar suporte aos barcos de pesca. [M1C-I]: “*Batelão é uma canoa, canoa menô. Ela lá balançano, tá veno? Ali chama o batelão, mas é uma canoa, é porque ela pequena*”.

batê agulha – fras. (apóc. de *bater* [este, do lat.cl. *battēre*] + *agulha* [este, do lat. *acūcūla*]). → *pegá agulha*. 1. ‘ação realizada pelo pescador, sob embarcação de pequeno porte, mediante encadeio com um lampião ou uma lanterna, que consiste em bater com o jereré nas agulhas fazendo com que estas caiam dentro do apetrecho. [F2C-V]: “*Quando a pescaria é aqui perto pra batê agulha por aqui, eles usa canoa e esses barquinho de alumine, que chama... motô... e tem o caiaque*”. 2. ‘modalidade de pesca realizada sobre embarcação na costa litorânea, que consiste em atrair as agulhas através de encadeio, usando um jereré para capturá-las’. [F2C-V]: “*Eu conheço essa de vara, de munzuá, esse mergulho, né, de apnêa, e tem esses que eles fazem, batê agulha, né, que chama, que sai com a canoa de noite bateno agulha*”.

batê pé de vara – fras. (de *bater* [este, do lat.cl. *battūo*], com apócope + *pé* + *de* + *vara* [este, do lat. *vāra*]) . → estocá. [M3B-V]: “*Faz um circlo com a rede, aí abala, aí depois... abalá... na canoa, batê, batê pé de vara*”.

[bater agulha] → *batê agulha*.

[bater pé de vara] → *batê pé de vara*.

beijupirá → *bijupirá*.

beira – s.f. (red. de *ribeira*) ‘parte que se localiza à margem do mar ou rio, de solo continental, onde a água se encontra com a terra’. [M3A-V]: “*E, no verão, a água é quente, pêxe e ele tá em qualqué momento, ele tá em qualquer lugar: na bêra de praia, no baixo, noma fundo, onde for, a hente encontra ele*”.

bejupirá → *bijupirá*.

beliscá – v. (apóc. de *beliscar* < lat. *velliscāre*). ‘ação do peixe que consiste em morder levemente e repetidas vezes a isca durante o processo de pesca’. [M1A-V]: “*Prepara a linha, bota anzol, chumbada, o arco, aí joga a linha dentro d’água. Aí fica com a linha na mão esperano o pêxe podê beliscá*”.

[beliscar] → *beliscá*.

[bicheiro] → *bichêro*.

bichêro – s.m. (de *bicho* [este, do lat.vulg. *bēstīu*] + *-eiro*, com monotongação). → *figsa*. ‘apetrecho de médio porte, feito de metal, de formato alongado, com gancho, usado para capturar ou embarcar peixes de grande porte’. [M1A-I]: “*Geralmente esses anzóis que a gente usa é... pra pegar pêxe grande, no caso, é o bichêro que a gente chama*”.

bicho-de-coroa – s.m. (de *bicho* [este, do lat.vulg. *bēstīu-*] + *de* + *coroa* [este, do lat. *cōrōnam*]). ‘isca natural, da espécie anelóide, utilizada para atrair o peixe através do seu movimento’. [F3A-I]: “*E outras pessoa usa o bicho-de-coroa, que tem tamém, cava, puxa... é um bicho que dá no chão, parece uma cobra-cega*”.

bico – s.m. (< lat. *beccus*). ‘parte fixa da embarcação, de formato delgado e proeminente, localizada na extremidade dianteira’. [M1A-V]: “*No caso, tem quatro parte no barco: tem as duas lateral, tem o bico e tem o fundo*”.

bicuda – s.f. (f. substv. de *bicudo*). ‘peixe de pequeno porte, corpo alongado e cilíndrico, boca grande e pontuda, derme escamosa e de coloração prateada com manchas, encontrado em águas rasas e manguezais’. [M1C-I]: “*Tem vermelho, chumberga, cavala, bicuda, carrapato, sambuio, carapicuaçu, xarêu, rubalo... esqueci agora o*

nome da outra”.

bijupirá ~ beijupirá ~ bejupirá – s.m. (< tupi *mĩũipi'ra*). → cação-de-escama. ‘peixe de grande porte, de corpo alongado e subcilíndrico, derme escamosa e coloração amarronzada, com faixas prateadas, de carne muito apreciada, que habita águas profundas. [M1A-I]: “*Aí teve uma vez que ele pegou um pêxe enorme, um bijupirá, no caso*”. [M2B-I]: “*Eu fui pescá mais o colega, ferramos um bejupirá... bejupirá é um pêxe que cresce*”. [M2A-I]: “*Aqui nós pegamos caranha, xaréu, aracanguira, beijupirá, a cavala, arraia, vermelho, pintado... tem vários tipos*”.

biquara – s.f. (afér. de *abiquara*). ‘peixe pequeno porte, de corpo alongado, derme escamosa, coloração prateada, boca grande, de carne pouco apreciada, encontrado em águas rasas e manguezais’. [M1A-V]: “*Vermelho, guarajuba, biquara, bonito, vários tipos de pêxe, (?), olho-de-vidro, jabu, é... cavala, cabeçudo, tainha, rubalo, sardinha, agulha, vários tipos*”.

bitola – s.f. (or. contrv.). ‘medida-padrão utilizada na confecção da rede de pesca’. [M3A-V]: “*É a rede que chama tainhêra, que é uma malha trinta ou seguindo pra uma malha maió, quarenta, e outras malhas mais que a hente sabe que são uma bitola de rede, que a hente chama trinta eme eme ou quarenta eme eme entre nós... aí a hente divulga a rede assim*”.

boca do rio – loc. (de *boca* [este, do lat. *bucca*] + *do* + *rio* [este, do lat. vulg. *rīus*]). ‘ponto de pesca, de águas intermediárias, situado na costa litorânea, onde o rio deságua’. [F3C-I]: “*Na boca do rio, no Engenho, só onde eu marisco*”.

boia – s.f. (< fr. ant. *bouée*). ‘peça feita de isopor, plástico ou material flutuante, de formato circular ou quadrado, utilizada na linha e na rede de pesca para que estas não afundem completamente’. [M2A-I]: “*Tem uma boia na ponta da boia... ou... na ponta da rede, tem uma boia... é onde ele larga porque, se ele não botá a boia, a rede vai pro fundo*”.

boi[ar] – v. (de *boia* [este, do fr. ant. *bouée*] + *-ar*). ‘ação que consiste em manter-se na superfície da água’. [M1A-I]: “*Se você colocá a isca e jogá na água, ela vai boiano, que o má leva*”.

bomba – s.f. (< it. *bómba*). ‘apetrecho de pequeno porte, feito de papelão e pólvora, de formato alongado, com estopim, utilizado na captura de peixes e mariscos’. [M1C-I]: “*Eles esperam a manta do pêxe passá e jogam a bomba na manta do pêxe pra matá o pêxe de bomba*”.

[**bombeiro**] → *bombêro*.

bombêro – s.m. (de *bomba* [este, do it. *bomba*] + *eiro*, com monotongação). ‘função na atividade de pesca concorrente à captura de peixes e

crustáceos com o uso de bomba’. [M1B-V]: “*Foi como o rapaz falou aí, o que tá acabano o pêxe aí são os bombêro, são os bombêro que tá acabano com tudo, matano os pêxe*”.

bonito – s.m. (< prov. do cast. *bonito*). ‘peixe de médio porte, corpo alongado e fusiforme, de coloração azulada, com manchas escuras ou listras, derme escamosa, encontrado em águas rasas’. [F2C-I]: “*Sei, a maioria: pêxe maçambê, tem tainha, tem curvina, tem vermelho, tem rubalo, arraia... tem vários tipos... bonito, vários tipos*”.

braço de má – loc. (de *braço* [este, do lat. *brachium*] + *de* + *mar* [este, do lat. *māre*], com apócope). ‘ponto de pesca, de águas intermediárias, situado distante da faixa litorânea, onde o mar adentra’. “*Nesse braço de má mesmo que é a região onde a gente conhece que é esse ponto de pesca*”. (M3A-V).

[**braço de mar**] → *braço de má*.

braço de rio – loc. (de *braço* [este, do lat. *brachium*] + *de* + *rio* [lat. vulg. *rīus*]). ‘ponto de pesca, de águas intermediárias, situado na costa litorânea, onde o rio adentra’. [M3A-I]: “*E aqui dentro a pessoa se perde se quisé porque aqui hoje só é... todo lugá que a hente entra aqui são braços de rio*”.

[**bodeguinho**] → *budeguinho*.

budeguinho – s.m. (or. obscura). ‘peixe de qualquer espécie quando se encontra em estágio juvenil’. [M3B-V]: “*Eu me sinto mal quando eu vou pescá em rede vinte e cinco e pego aquele budeguinho assim; dá vontade de soltá aquele*”.

budião – s.m. (or. obscura). ‘peixe de pequeno porte, de corpo alongado e achatado lateralmente, derme escamosa, coloração variada, encontrado em águas rasas. [M2C-V]: “*Aqui tem a guaricema, tem o cabeçudo, tem o vermelho, budião... dá muito budião*”.

busano – s.m. (< gal. *bisano* < cast. *gusano*). ‘molusco de duas valvas, vermiforme, corpo alongado, habitante de estuários, que se alimenta de madeira’. [F3A-V]: “*Busano é um bicho que pega na madeira do barco e faz um buraco, come*”.

buzo – s.m. (< lat. *būccinum*). ‘marisco do espécime molusco, de concha assimétrica e alongada, coloração branco amarelada, de tamanhos variados, que habita os estuários’. [F3C-V]: “*Tem o buzo... buzo dá de todo tamanho*”.

C

cabeço – s.m. (< lat. *capitium*). → banco de areia. → coroa. ‘ponto de pesca, de terreno elevado e arenoso, de águas intermediárias ou rasas, situado na costa litorânea. [M3B-I]: “*Nós temos cabeço marcado pela gente, pela memória, pelos arvoredos, pra quando chegá, botá a linha e sabê onde tá o pêxe*”.

cabeçudo – s.m. (de *cabeça* + *-udo*). ‘peixe de médio porte, de corpo alongado e cabeça grande, derme escamosa e coloração amarelada, com mancha, encontrado em águas rasas’. [F1B-I]: “*Tem rubalo, tem cabeçudo, vermelho, arraia, agulha, tem vários... tem cação, bagre, tem vários*”.

cação – s.m. (de *caçar* [este, do lat.vulg. *captiare*] + *-ão*). → tubarão. ‘peixe de médio porte, corpo alongado e robusto, de coloração acinzentada ou azulada, sem escama, encontrado em águas profundas’. [M2A-I]: “*E aí, quando o cação comia, como a linha era muito grossa, ele morria ali mesmo, e depois a gente... o pescadô ia e recolhía*”.

cação-de-escama – s.m. (de *cação* [este, de *caçar* < lat.vulg. *captiare* + *-ão*] + *de* + *escama* [este, do lat. *squāma*]). → bijupirá. [M3C-V]: “*Badejo, xaréu, vermelha, guaricema, dentão, cioba, cavala, caranha, guaraçaim, rubalo, mero, que tá em extinção... a gente praticamente não pega... e cação-de-escama, que a gente chama bejupirá*”.

[**cação-de-escamas**] → *cação-de-escama*.

cação-estrela – s.m. (de *cação* [este, de *caçar* < lat.vulg. *captiare* + *-ão*] + *estrela* [este, do lat. *stella*]). ‘peixe de grande porte, corpo alongado e robusto, coloração escura e com manchas brancas, encontrado em águas profundas’. [M3C-I]: “*Já me aconteceu muito fato. Já encontrei gente morto, boiando; já ferrei pêxe brabo; já vi pêxe brabo; já vi muito pêxe em cima do má que a gente não podia pegá, muito brabo; já vi cação-estrela*”.

cação-viola – s.m. (de *cação* [este, de *caçar* < lat.vulg. *captiare* + *-ão*] + *viola* [este, do provç. *viola*]). ‘peixe de médio porte, corpo achatado, focinho longo, dorso de coloração amarronzada, ventre branco-amarelado, cauda grossa e alongada, encontrada em águas profundas. [F2C-V]: “*Aí tem caranha, tem badejo, tem cavala, tem guaraçaim, tem o vermelho, areacó, tem o*

vermelho-rabo-aberto, tem o dentão, a cioba, tem pêxe-pena, tem taoca, tem arraia, tem cação-viola, tem tudo... olho-de-boi”.

[**caçoeira**] → *caçoêra*.

caçoêra – s.f. (de *caçar* [este, do lat.vulg. *captiare*] + *-eira*, com monotongação). ‘apetrecho de grande porte, feito de náilon, com espaçamento largo entre as malhas, usado para a captura de cação’. [M3B-V]: “*Eu pesco... eu pesco de quase todo tipo: de caçoêra, de tainhêra*”.

caçonete – s.m. (de *cação* (*caçon*) + *-ete*). ‘peixe de pequeno porte, corpo alongado e robusto, de coloração variável, sem escamas, encontrado em águas profundas’. [F3A-I]: “*(...) quando ele não passa a rede e não vai embora, como o pintado, como a arraia... o caçonete, quando é grande também arromba e vai embora*”.

cacunda – s.f. (talv. quimb. *kakunda*) ‘peixe de pequeno porte, corpo largo e chato, dorso mais convexo que o ventre, com listras escuras, encontrado em águas profundas’. [F1B-V]: “*Cacunda é um pêxinho pequeno, meio quadriculado*”.

caiaque – s.m. (< ing. *kayak* [este, do esq. *q’ajaq*]). ‘embarcação de pequeno porte, feita de madeira ou fibra, de calado baixo, sem convés, movida a remo’. [M1A-I]: “*Tem várias... tem pessoas que usam canoa, tem pessoas que usam caiaque, porque aqui o má não é agitado, então qualquer tipo de embarcação pequena que colocá no má, pesca, entendeu?*”.

calafetá – v. (apóc. de *calafetar* < poss. it. *calafatare*). ‘ação preparatória do processo de pesca que consiste em vedar as fendas da embarcação para evitar que a água penetre’. [F3B-I]: “*Não tá como antigamente, não... porque eu ainda me lembro que meu pai também, às vezes, quando não ia calafetá, ele ia pescá...*”.

[**calafetar**] → *calafetá*.

calão – s.m. (de *cala* [este, do ár. *kallā*] + *-ão*). → rede de calão. 1. ‘componente da rede de pesca, feito de madeira, de formato alongado e curto que se amarra nas laterais’. [M2C-I]: “*O calão é que puxa... vamo supô, puxa... ali, ali mehmo é o calão... que pega oito, dez pessoa*”. 2. ‘apetrecho de grande porte, feito de linha de linha, com espaçamento estreito entre as malhas, de formato alongado, com boias, dotado de um cabo nas extremidades, usado para a captura de peixes e mariscos’. [F2C-I]: “*Existe porque a maioria, a maioria do povo daqui vive disso, de pesca... que é o calão, que é uma rede muito*

enorme que eles pescam... muitos homens pescam nesse calão”.

calão de fora – s.m. (de *calão* [este, do do ár. *kallā*] + *de* + *fora* [este, do adv. lat. *fōras*). ‘função masculina na atividade de pesca concernente à tarefa de puxar a rede, segurando o calão na posição que corresponde à área mais profunda do mar’. [M1B-V]: “*Naquela parte de lá se chama calão de fora... aquele que tá com a calça lá pro pêxe não mordê*”.

calão de terra – s.m. (de *calão* [este, do do ár. *kallā*] + *de* + *terra* [este, do lat. *terra*). ‘função masculina na atividade de pesca concernente à tarefa de puxar a rede, segurando o calão na posição que corresponde à área menos profunda do mar’. [M1B-V]: “*O que tá embaixo chama calão de terra... calão de terra porque pesca mais com a água no baixo*”.

camarão – s.m. (< lat. vulg. *cammarōne*). 1. ‘marisco do espécime crustáceo, decápode, de carapaça quitinosa segmentada, corpo alongado, com dez pernas, encontrado em regiões costeiras’. [F2B-I]: “*Também eu tenho uma rede que pesca camarão também... que tem eu, minha irmã, que me ajuda, uma outra menina que mora em Amoreiras, que não é daqui*”. 2. ‘isca natural da espécie crustáceo, utilizada para atrair o peixe através do cheiro’. [M3C-I]: “*A pesca, você sai com a isca, camarão ou uma sardinha; isca no anzol, bota na chumbada, deixa o pêxe puxá e nós passa pra água*”.

[**camaroeiro**] → *camaroêro*.

camaroêro – s.m. (de *camarão* [este, do lat. vulg. *cammarōne*] + *-eiro*, com monotongação). ‘função na atividade de pesca concernente captura de camarão’. [M2A-I]: “*(...) é camaroêro, que veve só de pegá o camarão, certo?*”.

camboa – s.f. (or. incerta, talv. do tupi). → *tapastêro*. 1. ‘ponto de pesca situado na costa litorânea, de terreno arenoso, que se enche na maré alta e seca na maré vazante’. [F1A-V]: “*Existe... lá no outro lado mehmo, na camboa também, no porto também na coloa de Ana...*”. 2. ‘modalidade de pesca realizada na costa litorânea, fora da embarcação, com o uso de rede, para a captura de peixes aprisionados na camboa’. [M3A-V]: “*Tinha um tipo de pesca que era tapastêro... chamava tapastêro, chamava camboa. Era uma rede que era botada lá, em maré seca, enfica vários paus*”.

cambuba – s.m. (prov. do tupi). ‘peixe de pequeno porte, corpo alongado, derme escamosa, dorso de coloração escura e ventre de coloração clara, de pouco valor comercial, encontrado em águas rasas’. [M2C-I]: “*Vermelho, o bagre, arraia, curuvina, xaréu, cabeçudo, guaricema, pêxe-*

pena, cambuba, pêxe-galo, aí variedade... não muito, mas se acha”.

canal – s.m. (< lat. *canālis*). ‘ponto de pesca de águas profundas, situado entre duas costas, onde são capturados os peixes de grande porte’. [M2B-V]: “*E tem os pêxe que só fica aqui dentro mehmo, só aqui no canal*”.

canapu – s.m. (poss. do tupi). → mero. ‘peixe de grande porte, corpo achatado e robusto, dorsal com espinhos, coloração amarronzada com pintas pretas, de alto valor comercial, encontrado em águas rasas’. [M3C-I]: “*Pêxe cação, rubalo, mero, bijupirá, canapu, vermelho, arraia, bagre, é tudo isso*”.

[**candeeiro**] → *candiêro*.

candiêro – s.m. (de *candeia* [este, do lat. *candēla*, com metáfora] + *-eiro*, com monotongação). ‘instrumento de iluminação, feito de metal, de formato cilíndrico e cônico, que funciona a gás ou óleo’, utilizado durante a pescaria. [M1B-V]: “*Aí a hente suspende o candiêro e (?) porque se a hente não acendê o candiêro, tem pêxe ali que morde e vai mordê a gente ali e tem que ir com o candierinho pra enxergá*”.

canoa – s.f. (< cast. *cano*). ‘embarcação de pequeno porte, feita de madeira ou fibra, de calado baixo, sem convés, movida a remo ou a vela, utilizada para pesca artesanal na costa litorânea’. [M3A-V]: “*A hente tem o costume aqui de pescá mais de canoa, e tem os barquinhos de fibra que muitos pescadores aí tem*”.

captá – v. (de *captar* [este, do lat. *captāre*], com apócope). → *capturá*. ‘ação medial do processo de pesca que consiste em atrair e prender o peixe’. [M3A-V]: “*(...) a hente sai ou dia ou à noite... sai e vai jogá a rede onde vê o pêxe pra podê consegui captá eles*”.

[**captar**] → *captá*.

capturá – v. (de *captura* [este, do lat. *captūra*] + *-ar*, com apócope). → *captá*. [M1A-I]: “*Agora, pra conseguir capturá esses tipos de pêxes tem que tê pescadô adequado pra isso, pescadô mehmo, porque não é qualque pessoa que vem e encontra, não, que é muito difícil, que tem os pontos que eles passam*”.

[**capturar**] → *capturá*.

caramburu → *caramuru*.

caramuru ~ **caramburu** ~ **caramurum** – s.m. (< tupi *karamu'ru*). → *amorêa*. → *emborêa*. → *morêa*. → *miroró*. [F3B-I]: “*Caramuru é lá na praia... tem... caramuru, tem mutuca, tem pinima, tem pohvo, aquele que tem uns raios*”. [F1C-I]: “*Caramburu é... o povo diz até que é*

cobra... que é um bicho assim que, a dependê a posição que ele esteja e você passá por dentro d'água, ele lhe morde. [M2A-V]: “No caso, uma arraia, um xaréu, um rubalo, um **caramurum**, pêxe que parece uma cobra, pêxe grande... ele é verde”.

caramurum → caramuru.

caranguejo – s.m. (< cast. *caranguejo*). ‘marisco do espécime crustáceo, de carapaça dura, coloração variável, de abdômen curto, decápode, sendo o primeiro par de membros terminados em pinça, e que habita no mangue’. [F3C-V]: “Aí cada tipo de... o **caranguejo** é na lama, é enterrado; o siri é na área, enterrado”.

caranha – s.f. (< tupi *akara'ãia*, com aférese). ‘peixe de pequeno porte, de corpo moderadamente alongado e robusto, boca grande com fortes dentes caninos, derme escamosa, coloração variável, com manchas, de grande valor comercial, que habita águas rasas’. [M1A-I]: “E o mero, ele é mais difícil de encontrar, agora rubalo, **caranha**, dentão, cavala, é o que mais se encontra aqui”.

carapeba – s.f. (< tupi *akara'pewa*, com aférese). ‘peixe de pequeno porte, de corpo ovalado e comprimido, derme escamosa, coloração cinza prateada, boca sem dentes, de carne muito apreciada, que habita águas rasas’. [M2A-V]: “Aqui, no caso, é a tainha, o rubalo, a **carapeba**, o vermelho, o cabeçudo, a chumberga, a cacunda, o pêxe que chama avuadô”.

carapicu ~ **carapicum** – s.m. (< tupi *akarapu'ku*, com aférese). → carapicuaçu. ‘peixe de pequeno porte, corpo alongado e um pouco comprimido, coloração esverdeada, focinho curto e boca pequena, encontrado em águas rasas’. [M1C-V]: “Ah, são vários: tem budião, **carapicu**, jaguaracá, tainha, tem vários pêxe”. [F2A-V]: “Tem vermelho, tem... tem **carapicum**, tem carapeba, tem pititinga, tem sardinha e outros”.

carapicuaçu – s.m. (< tupi *akarapu'ku* + *açu*, com aférese). → carapicu. → carapicum. ‘peixe de médio porte, corpo alongado, derme escamosa, coloração esverdeada, com espinhos na nadadeira anal, encontrado na costa litorânea. [M1C-I]: “Tem vermelho, chumberga, cavala, bicuda, carrapato, sambuio, **carapicuaçu**, xaréu, rubalo... esqueci agora o nome da outra... arraia, curuvina”.

carapicum → carapicu.

cardume – s.m. (< or. contrv.). → manta. ‘coletivo referente a uma grande quantidade de peixes em conjunto’. [M2A-I]: “(...) a hente sai meteno a vara no fundo do má pra podê o **cardume** do pêxe ir pra rede... chama estocá”.

carrapato – s.m. (< or. contrv.). ‘peixe de pequeno porte, de coloração amarronzada, boca grande e desproporcional para o seu tamanho, derme escamosa, que habita águas rasas’. [F1C-I]: “Eu pego quatinga, **carrapato**... esqueci o nome de um agora, que ele é até bonitinho, que o povo diz que ele dá até pra botá no aquário, né?”.

carretel – s.m. (< esp. *carretel*). → carretilha. ‘componente de apetrecho de pesca, feito de metal e madeira, de formato circular, utilizado para tracionar a linha de pesca’. [F2C-V]: “É como eu disse, a hente bota a isca nos anzóis, bota a chumbada, o arco, e segura o **carretel** cá e solta a linha”.

carretilha – s.f. (< esp. *carretilla*). → carretel. ‘componente de apetrecho de pesca, feito de metal, com trava, usado para tracionar a linha de pesca’. [M2A-I]: “Eu pratico a pesca de linha, qué dizê, com **carretilhas**, molinete e também manual”.

carro de mão – loc. (de *carro* [este, do lat. lat. *carrus*] + *de* + *mão* [este, do lat. *mānus*]). ‘apetrecho de grande porte, feito de metal, com uma roda dianteira e dois cabos, usado para o transporte de peixe’. [M2A-V]: “No **carro de mão**... a hente pesa, no caso, como a senhora mehmo viu aí passá no **carro de mão**, arruma tudo aí, os quilos, e sai vendendo o pêxe”.

casca – s.f. (or. contrv., talv. regr. de *cascar*). → casco. ‘camada externa, rígida, que envolve os crustáceos e alguns moluscos’. [M1C-V]: “Siri mole, ele troca de casca. Aí, quando ele troca de **casca**, ele fica mole”.

cascalho – s.m. (or. contrv.). ‘mistura composta de conchas e pedras que se acumulam na praia, onde os pescadores mariscam’. [M3B-V]: “E tem a coroa onde ele marisca... no **cascalho**, marisca o chumbinho, marisca o aratu, essas coisas toda”.

casco – s.m. (de *casca*, com alt. da vog. temática *-a* > *-o*). → casca. [F2C-I]: “Aí pega ele e... aí tem que tirá ele de dentro daquele **casco**... aí aferventa ele, tira ele... ele é meio durinho, mas é uma delícia ele”.

castroá → encastroá.

castroar → castroá.

catá – v. (de *catar* [este, do lat. *captāre*], com apócope). ‘ação medial ou final do processo de pesca que consiste em descarnar os mariscos capturados’. [F3B-V]: “Quando a gente vem com o marisco, a gente tem de escaldá, **catá**, pra podê, então, arranjá (gestos indicando dinheiro)”.

catado – adj. (part. de *catar* [este, do lat. *captāre*]). ‘característica do marisco que se encontra descarnado’. [M3B-V]: “*É cinco reais um quilo de siri pra catá, pessoal dá catado*”.

catana – s.f. (< jap. *katana*). ‘apetrecho de pequeno porte, feito de metal cortante, com cabo de madeira, de formato alongado, usado para a captura de mariscos’. (Quais são os instrumentos que o(a) senhor(a) costuma usar para pescar?) [F1A-V]: “*Ripiché, linha, vara, cordão... e catana*”.

[**catar**] → *catá*.

catraia – s.f. (or. obscura). ‘embarcação de pequeno porte, feita de madeira, movida a remo, de calado baixo, sem convés, utilizada na pesca’. [F1C-I]: “*Existe catraia, né, que é um barco mais estreitinho*”.

[**catueiro**] → *catuêro*.

catuêro – s.m. (de *catueiro* [este, de or. obscura], com monotongação). ‘apetrecho de grande porte, feito de linha grossa e metal, de formato alongado, com duas pedras atadas a cada extremidade da linha e vários anzóis, usado para a captura de peixes maiores’. [M2A-I]: “*Catuêro seria o seguinte... era uma pescaria de pagá cação*”.

cavá – v. (de *cavar* [este, do lat. *cavāre*], com apócope). ‘ação medial do processo de pesca que consiste em escavar a areia, em movimento vigoroso ou lento, com faca, colher ou mão, para extrair os mariscos da coroa’. [F3B-I]: “*Não, na área... que ele tem um olhinho, aí a hente começa a cavá e acha ela, a lambreta*”.

cavada de chumbinho – loc. (de *cavada* + *de* + *chumbinho*). ‘modalidade de pesca realizada na costa litorânea que consiste em escavar a areia para capturar o marisco denominado chumbinho’. [F3A-I]: “*É essa cavada de chumbinho e... e... e linha, que quando com esse tempo que tá aí, que o pêxe não boia, não presta a pescaria*”.

cavala – s.f. (< lat. *caballus*). ‘peixe de médio porte, de corpo fusiforme e alongado, cabeça afilada e focinho pontudo, derme escamosa, coloração prateada, encontrado na costa ou em alto-mar’. [M3B-V]: “*Pega rubalo, pega curimã, pega cavala, esses pêxe grande, pega xaréu... esses pêxe grande, dez quilo, de sete, oito quilo*”.

[**cavar**] → *cavá*.

cercá – v. (de *cercar* [este, do lat. tard. *circāre*], com apócope). → *fazer embargo*. ‘ação inicial do processo da pesca que consiste em circundar o cardume abrindo lentamente a rede, em movimento circular, com a finalidade de aprisionar o peixe’. [F3B-V]: “*Eles aí vem, volta*

de novo pra cercá, pra vê se encontra o pêxe de novo no mehmo lugá”.

[**cercar**] → *cercá*.

cercó – s.m. (regr. de *cercar*). → *circlo*. ‘etapa inicial no processo de pesca, que consiste em cercar lentamente com a rede para captura do pescado’. [M2A-I]: “*A boia é onde tá a ponta da rede, onde começa a fazê o cercó do pêxe*”.

cesta – s.f. (< lat. *cista*). ‘apetrecho de médio porte, feito de cipó, de formato circular, com alça, usado para o transporte de peixes’. [F3B-V]: “*Tem o cofo pra botá o pêxe... tem a cesta tamém, de cipó*”.

chumbada – s.f. (de *chumbo* [este, do lat. *plūmbum*] + *-ada*). → *chumbo*. ‘componente de apetrecho de pesca, feito de metal, de formato alongado, circular ou triangular, utilizado em anzóis, linhas e redes para fazê-los afundar’. [M3C-I]: “*A pesca, você sai com a isca, camarão ou uma sardinha; isca no anzol, bota na chumbada, deixa o pêxe puxá e nós passa pra água*”.

chumberga – s.m. (talv. do antr. *Friedrich Hermann Schönberg*). → *guaricema*. → *xumberga*. ‘peixe de pequeno porte, de corpo alongado, relativamente alto e achatado lateralmente, de coloração azul-esverdeada, derme escamosa, de baixo valor comercial, encontrado em ambiente costeiros ou alto-mar’. [F2B-I]: “*Ói, aqui assim, eu não sei muito os nome dos pêxe... eu sei que tem carrapato, eu sei que tem chumberga, vermelho, tainha, cação, mas cação tem que ir um pôco pra fora, bagre, tem o que mais?*”.

chumbinho – s.m. (de *chumbo* [este, do lat. *plūmbum*] + *-inho*). ‘marisco do espécime molusco, de concha formada por duas valvas, de coloração branco-amarelada, que habita estuários’. [F3C-V]: “*O chumbinho, ele é um mariscozinho... ele é assim uma ostrinha, é um tipo... tem a ostra e tem o chumbinho*”.

chumbo – s.m. (< lat. *plūmbum*). → *chumbada*. [M1A-I]: “*Aí o chumbo serve pra quando você colocá a isca, ele... joga... ele desce, fica cá e a isca desce junto*”.

cioba – s.f. (or. obscura). ‘peixe de pequeno porte, de corpo alongado e moderadamente alto, derme escamosa, coloração rosada, de carne muito apreciada, que habita águas profundas’. [M2B-V]: “*Tem vários tipos: tem tainha, tem carapeba, tem rubalo, tem vários tipos... tem a carapeba, tem o cioba, tem o chumberga... tem muitos*”.

circlo – s.m. (sínc. de *círculo* [este, do lat. *circūlus*]). → *cercó*. [MB3-V]: “*Cansei de ir saí aqui, ali, ligêrinho, d’eu panhá oitenta, cem quilo de pêxe num lança só, num circlo só*”.

[círculo] → *circlo*.

cofo – s.m. (< lat. *cophinus*). ‘apetrecho de pequeno porte, feito de cipó, de formato oblongo, com tampa e alça, utilizado para o transporte de peixes e crustáceos’. [F2C-I]: “O **cofo** é um... é que vende na fêra... é tipo um cestozinho, só que ele é assim oval, com uma tampinha, tem uma cordinha, que a gente bota assim do lado e aí segue em frente”.

colhé – s.f. (de *colher* [este, do lat. *cochlear*], com apócope). ‘apetrecho de pequeno porte, feito de metal, com cabo e concha, utilizado na captura de mariscos’. [F2A-V]: “Cavando... pode sê com um caco de coco, **colhé**, com a mão mesmo... pode sê”.

colhê – v. (de *colher* [este, do lat. *cölligēre*], com apócope). ‘ação final do processo de pesca que consiste em retirar a rede da água, trazendo-a para dentro da embarcação a fim de recolher os peixes malhados’. [F1B-V]: “Depois a gente começa a **colhê** a rede, dentro da canoa mesmo, não precisa se molhá; não precisa saí da canoa... dentro da canoa mesmo”.

[colher] → *colhé*.

[colher] → *colhê*.

coloa → *coroa*.

colônia – s.f. (< lat. *colōniā*). ‘entidade de classe, de caráter sindical, que tem como finalidade representar os profissionais da pesca’. [F3B-I]: “Tem uma época que eles não pesca porque a disova do camarão, ele não... a **colônia** proíbe pescá, viu?”

[companheiro] → *companhêro*.

companhêro – s.m. (de *companheiro* [este, do lat. vulg. *companiā*], com monotongação). → ajudante. → *andêro*. → moço. → *marinhêro*. [M3C-I]: “Não, esse pêxe aí nós vende... aí tira o dinhêro da isca, aí deve... tira uma parte pro barco, uma parte pro **companhêro**, outra parte pro outro **companhêro**”.

concha – s.f. (< lat. tard. *cōnchūla*). ‘revestimento de calcário, formado por uma ou duas peças, que envolve o corpo dos moluscos’. [F3C-I]: “É uma **concha** assim... ele mija, a gente vai e cava e tira”.

congodé – s.m. (or. obscura). ‘marisco do espécime crustáceo, decápode, abdômen curto, revestido de couraça apenas na parte anterior, encontrado em estuários’. [F1A-I]: “Aqui é o **chumbinho**, a ostra, o **congodé**, que é marisco também, é *sururu*, é *siri*, *carrapato*, que é um pêxe qu’eu conheço, e... camarão... tem camarão também”.

contracosta – s.f. (de *contra* [este, do lat. *contra*] + *costa* [este, do lat. *costa*). ‘costa de mar, localizada do lado oposto da outra costa, no mesmo solo continental’. [M2C-V]: “Acho, em termos disso, em termos de você tirá e não colocá, e ainda, quando existe, porque aqui agora diminui muito, mas aqui na **contracosta**, aqui em Jiribatuba onde você teve, por exemplo, todo dia tem bomba”.

cooperativa – s.f. (< fran. *coopérative*, deriv. de *coopératif*). ‘entidade econômica, de caráter empresarial, que tem com finalidade promover melhorias nas condições de trabalho e renda dos pescadores’. [M2A-I]: “Você pegava seu pescado, já levava pra... já levava direto pra **cooperativa**; a **cooperativa** só fazia distribuir”.

cope – s.m. (< esp. *copo*). ‘parte de apetrecho de pesca, feito de linha, com espaçamento estreito entre as malhas, de formato circular, localizado no centro da rede. [M3B-I]: “O lanço é um **cope**, um **cope** da rede”.

coroa ~ **coloa** – s.f. (< lat. *cōrōnam*). → banco de areia. → cabeço. ‘ponto de pesca, de terreno arenoso e elevado, de águas rasas, situado na costa litorânea’. [M3B-V]: “E tem a **coroa** onde ele marisca o cascalho, marisca o chumbinho, marisca o aratu, essas coisas toda”. [F1A-V]: “Existe... lá no outro lado mehmo, na camboa também, no porto também, na **coloa** de Ana e no sobrado”.

corredô – s.m. (de *correr* [este, do lat. *currēre* + *-dor*, com apócope). → *mergulhadô*. ‘função masculina na atividade de pesca concernente à tarefa de mergulhar e safar a rede na água’. [M1C-I]: “A *menô* é pro *merguiadô* e o **corredô** corrê a rede e mergulhá”.

corredor → *corredô*.

corrente – s.f. (< lat. *currēns, -ēntis*). → *correnteza*. ‘movimento contínuo das águas do mar em determinada direção’. [M1A-I]: “(...) a água tem que tê uma **corrente** forte, pra que os pêxe venha em direção ao local de pescá mehmo, porque eles gostam muito e é mais fácil eles se prendê, de se físgá no anzol”.

correnteza – s.f. (de *corrente* [este, do lat. *currēns, entis*] + *-eza*). → *corrente*. ‘movimento contínuo e forte das águas do mar em determinada direção’. [M2C-I]: “Maré morta é maré que não tem muita **correnteza**, tá entendendo?”.

cortiça – s.f. (< lat. *corticea*). ‘componente de apetrecho de pesca, feito de madeira, de formato circular, fixada na rede para fazê-la flutuar’. [M3B-V]: “Quando é pra *colhê*, um *colhe* no **chumbo** e outro *colhe* na **cortiça**. Aí vai tirano...”.

[**corvina**] → *curvina*.

costa – s.f. (< lat. *costa*). ‘faixa do mar localizada próxima à terra’. [M1A-I]: “(...) *tanto aqui como do outro lado, no má aí, tanto na costa como aqui... o IBAMA saiu por aqui, eles do outro lado, eles jogam bomba*”.

[**costeira**] → *costêra*.

costêra – s.f. (f. substv. do adj. *costeiro*, com monotongação). ‘faixa de terra, localizada à beira-mar, onde o pescado é comercializado. [M3B-V]: “*Tem muito local... que o pessoal daqui compra mercadoria e leva pra costêra, sabe?*”.

crystalina – adj. (< lat. vulg. *crystallinus*). ‘característica da água quando se apresenta com aparência clara e limpa’. [M1C-V]: “*Porque a água tá mais limpa, tá crystalina, aí fica mais fácil de encontrá o marisco*”.

cuba – s.f. (< lat. *cūpa*). ‘apetrecho de médio porte, feito de plástico, de formato retangular, utilizado para transporte de peixes e mariscos’. [M2C-I]: “*Mas é pôca coisa... bota na cuba... às vez, bota num gelinho pra não ficá ruim*”.

cuia – s.f. (< tupi *kuia*). ‘apetrecho de pequeno porte, feito do fruto da cuieira, de formato covô, utilizado para esgotar a embarcação’. [M3B-V]: “*Às vez, tá chovenô também, cai a água dentro da canoa, e a cuia é pra esgotá*”.

curimã – s.f. (< tupi *kuri'mã*). → *tainha*. ‘peixe de pequeno porte, corpo alongado, derme escamosa, coloração prata azulada, com listras longitudinais, cabeça larga e achatada lateralmente, boca pequena, que habita águas rasas e manguezais’. [M3B-V]: “*Pega rubalo, pega curimã, pega cavala, esses pêxe grande, pega xaréu... esses pêxe grande, dez quilo, de sete, oito quilo*”.

curral – s.m. (or. contrv.). ‘ponto de pesca, de águas rasas, terreno arenoso, cercado com varas de madeira, situado na costa litorânea’. [F3A-I]: “*Ói, a chumberga, a época é essa... que ela vem de lá de fora com esse vento, vem de lá de Valença com esse vento e aqui fica preso nesses curral...*”.

curvina ~ **curuvina** – s.f. (< cast. *corvina*). ‘peixe de pequeno porte, de corpo alongado e levemente comprimido, derme escamosa, coloração prateada, que habita águas profundas’. [F2C-I]: “*Sei a maioria: pêxe maçambê, tem tainha, tem curvina, tem vermelho, tem rubalo, arraia... tem vários tipos... bonito, vários tipos...*”. [M3B-I]: “*A arraia tem as costa branca e as costa mei' amarela e a curuvina é meia esbranquecenta*”.

curuvina → *curvina*.

D

defeso – s.m. (< lat. *defensus, a, um*). ‘período do ano em que há proibição da pesca de algumas espécies de peixes e crustáceos’. [M2B-I]: “*Quando tem mesmo o defeso ninguém pode arrastá, que é o tempo da disova do camarão*”.

dentão – s.m. (de *dente* [este, do lat. *dens, entis*] + *-ão*). ‘peixe de médio porte, de corpo alongado, derme escamosa, coloração avermelhada, dentes caninos bem desenvolvidos, coloração avermelhada, encontrado em águas rasas ou profundas’. [M1A-I]: “*Ah, são vários... xaréu, tainha, cavala, bijupirá, rubalo, mero, é... guaricema, cabeçudo, tem mais... tem sardinha tamém, tem muitas, tem barracudas, tem dentão, tem caranha; uma variedade de pêxe imensa*”.

[**desmaiar**] → *dismaiá*.

desova → *disova*.

[**desovar**] → *disová*.

[**destorcedor**] → *distorcedô*.

disgotá → *esgotá*.

dismaiá – v. (de *des-* + *malha* [este, do fr. *maille*] + *-ar*, com iotização e apócope). ‘ação final do processo de pesca que consiste em retirar o peixe da malha da rede de pesca’. [F3A-I]: “*Quando o pêxe é grande, você não pode pegá ele sozinho, você panha um bichêro, bota na garganta dele e puxa pra podê dismaiá...*”.

disova – s.f. (f. prot. de *ova*). → *ova*. ‘ovos dos peixes e crustáceos no período de postura’. [M2A-V]: “*Porque a bomba tanto mata o grande quanto mata o pequeno, mata a disova... aí não tem como, né, crescê?*”.

disová – v. (de *des-* + *ovo* [este, do lat. *ōvum*] + *-ar*, com apócope). [F2C-I]: ‘ação que consiste na postura de ovos pelos peixes’. “*A bomba acaba muito com os pêxes porque, além de matá os maiores, mata os menores, mata aqueles menorzinhos, os que tão disovano, os que vão disová, os siri, essa coisa toda*”.

disparo – s.m. (regr. de *disparar*). ‘parte do apetrecho de pesca, feito de náilon, de formato alongado, localizado entre o arco e o distorcedor, utilizado

na pesca de linha de fundo'. [M2C-V]: “*Bom, aqui a gente bota... a gente dá o disparo... disparo é esse pedacinho até o arco. Isso aqui chama-se disparo*”.

distorcedô – s.m. (de *destorcer* (*des* + *torcer* [este, do *torquere*]) + *-dor*, com metáfora e apócope). ‘componente de apetrecho de pesca, feito de metal, de formato alongado, utilizado para evitar a torção da linha’. [M2C-V]: “*Distorcedô é pra podê o náilon não embarcá*”.

E

emantado – adj. (part. de *emantar* (*en-* + *manta* [este, do lat. medv. *manta*] + *-ar*). ‘característica do peixe que se encontra totalmente dominado pelo cerco e enredado’. [M2A-V]: “*No caso, esperano a vontade dele ou dela, no caso que seja... espaná aquele que, quando dá pra espaná, a hente cercá... a hente sabe que ali, no caso, tá emantado... no caso, ali*”.

embarcá – v. (de *em-* + *barca* [este, do lat. tar. *barca*] + *-ar*, com apócope). ‘ação inicial ou medial do processo da pesca que consiste em colocar os apetrechos (a rede, por exemplo) ou o peixe dentro da embarcação’. [M1A-I]: “*A gente coloca numa vara grande, grossa, amarrada, parafusada... é... pra quando o pêxe tivê na linha, um pêxe de trinta quilo, vinte, você não precisar de embarcá na linha, senão a linha parte*”.

embarcação – s.f. (de *embarcar* (*em* + *barca* [este, do lat. tar. *barca*] + *-ção*). ‘construção flutuante, feita de madeira, fibra, alumínio ou aço, utilizada para a pesca e transporte de pessoas ou mercadorias. [M2A-I]: “*Às vezes, ele fica em terra e os outros pescadores amigos vai com a embarcação dele*”.

[**embarcar**] → *embarcá*.

emborêa ~ amorêa. ~ morêa – s.f. (f. prot. de *moreia*, com monotongação). → *caramuru ~ caramuru ~ caramurum*. [F3B-I]: “*Eu tirava era... emborêa, um pêxe comprido assim, eu tirava do buraco... emborêa*”.

[**emboreia**] → *emborêa*.

encalhado – adj. (part. de *encalhar* (*em* + *calha* [este, do lat. *canālia*] + *-ar*). ‘característica referente ao estado da embarcação que se encontra ancorada no varadouro’. [M1A-I]: “*No caso, se vai ficá o pescadô... ele vai pará de pescá, não*

vai pescá, não... o barco vai ficá no seco aí, encalhado durante três meses”.

encastoá ~ castroá – v. (de *en-* + *castão* + *-ar*, com apócope). ‘ação preparatória do processo de pesca que consiste em amarrar o anzol na linha de náilon, utilizando um castão para fixá-lo e proteger a linha para que não seja atingida pelos dentes do peixe. [F1C-V]: “*Pegá a vara, encastoá o anzol com o náilon, bota o camarão e joga no má*”. [M1A-V]: “*A hente leva muita coisa... leva faca... leva... leva... como é que chama? Alicate, aço, linha, muita coisa assim pra podê castroá o anzol, pra podê não se feri na mão*”.

[**encastoar**] → *encastoá*.

encastulamento – s.m. (de *encastoar* (*en-* + *castão* [este, do ant.fr. *chaston*], sob a f.rad. desnasalada *casto-* + *-ar*) + *-mento*, com epêntese). ‘etapa inicial do processo de pesca que consiste em preparar a rede para a pesca’. [M2A-I]: “*Tem que organizá tudo, vê se rede tá furada, vê se equipamento de pesca tá tudo em orde. Se for o caso da carretilha, lubrificá as carretilhas, encastulamento...*”.

[**enfieira**] → *enfieira*.

enfieira – s.f. (de *en-* + *fieira* (fio [este, do lat. *filum*] + *-eira*, com monotongação). ‘apetrecho de médio porte, feito de fio metálico, de formato alongado, utilizado para o transporte de peixes’. [M1C-V]: “*Tem a enfieira, um pedaço de fio assim... aí você bota pra segurá o pêxe*”.

engodá – v. (de *engodo* [este, de or. obscura] + *-ar*, com apócope). → *isca*. ‘ação preparatória do processo de pesca que consiste em jogar na água ou colocar a isca no anzol, com a finalidade de atrair o peixe’. [F2C-V]: “*Aí a gente compra sardinha, entendeu? Que é pra podê engodá e a hente quebra ela toda, joga, que aí atrai o chêro, e usa como isca mais camarão*”.

[**engodar**] → *engodá*.

engodo – s.m. (or. obscura). → *isca*. [M3C-V]: *chamariz* que se fixa ao anzol, gaiola, jereré, munzuá ou se lança na água, quando da pesca com rede, para atrair peixes ou mariscos. “*O engodo, que a gente chama sardinha*”.

enseada – s.f. (de *em-* + *se(io)* [este, lat. *sinus*] + *-ada*). ‘ponto de pesca, de águas rasas, terreno sinuoso e alagadiço, situado na costa litorânea’. [M3B-V]: “*Às vez, você vai pr’as enseada de baxo; às vez, você vai lá pra cima, pro rio lá de cima*”.

entraíá – v. (de *entralhar* (*en-* + *tralha* [este, do lat. *tragūla*], com iotização e apócope). ‘ação preparatória do processo de pesca que consiste

em prender o chumbo e a cortiça nas malhas da rede de pesca'. [M3B-V]: "**Entraíá**... você bota o chumbo, aí você destira... você vai entraiano".

[**entralhar**] → *entraíá*.

escama – s.f. (< lat. *squāma*). [M2B-I]: 'estrutura pequena, em formato de lâmina, transparente, que recobre o corpo de alguns tipos de peixe'. "O xaréu... o xaréu é um pêxe, ele branco, tem pouca **escama**, e é um peixe bastante saboroso".

escamá – v. (de *escama* [este, do lat. *squāma*] + *-ar*, com apócope). 'ação final do processo de pesca, realizada por mulheres, que consiste em retirar as escamas do peixe'. [F3B-V]: "Se der pra elas comprá e revendê... porque quando elas chegá em casa, elas chama as escamadêra pra **escamá**, pra podê então...".

[**escamadeira**] → *escamadêra*.

escamadêra – s.f. (de *escamar* (*escama* [este, do lat. *squāma*] + *ar*) + *-deira*, com monotongação). 'função feminina na atividade de pesca, concernente à escamação do peixe, com o uso da faca'. [F3B-V]: "Se dé pra elas comprá e revendê... porque quando elas chegá em casa, elas chama as **escamadêra** pra **escamá**, pra podê então...".

[**escamar**] → *escamá*.

esgotá ~ **disgotá** – v. (de *esgotar* (*es-* + *gota* [este, do lat. *gūtta* + *-ar*], com apócope). 'ação medial do processo de pesca que consiste em retirar vigorosamente a água da embarcação com a cuia'. [M3B-V]: "A cuia é pra **esgotá** a água de dentro da canoa". [M3A-V]: "Cuia é a vasilha que tira a água que vai se juntando na canoa, pra que ela não venha a encher de água... de vez em quando tem que tá **desgotano** e jogano".

[**esgotar**] → *esgotá*.

espadela – s.f. (< lat. *spathella*). 'componente móvel, feito de madeira, de formato plano e alongado, utilizado na parte lateral para direcionar a embarcação'. [M1B-V]: "Tem **espadela**, pra na hora de abri o traquete pra canoa ir certa".

espaná – v. (de *es-* + *páno* [este, do lat. *pannus*] + *-ar*, com apócope). 'ação inicial do processo de pesca concernente ao movimento do peixe ao pular para fora da água e movimentar o rabo, batendo na água'. [M3A-V]: "**Espaná**, no caso, é subir em cima d'água e batê, no caso, o rabo".

[**espanar**] → *espaná*.

esporão – s.m. (< ant. prov. *esporon*, deriv. do ant. alemão *sporo*). 'órgão apendicular, pontiagudo, rígido, com ou sem peçonha, encontrado em alguns peixes'. [M3A-V]: "A arraia mesmo, eu

*conheço várias pessoas... não posso nem dizê que foram duas ou três, são várias que a arraia pega e bota um **esporão** daquele, que ela tem um esporão enorme...".*

[**estar de bumbo**] → *tá de bumbo*.

estocá ~ **estoqueá** – v. (de *estoque* [este, do fr.ant. *estoc*] + *-ar*, com apócope). → *batê pé de vara*. 'ação medial do processo de pesca, realizada pelo pescador, que consiste em bater, com a vara no fundo do mar, com a finalidade de aprisionar o peixe'. [M2A-I]: "**Estocá** é quando sai... o lugá é um lugá raso... a hente sai meteno a vara no fundo do má pra podê o cardume do pêxe ir pra rede... chama **estocá**".

[**estocar**] → *estocá*.

estoqueá ~ **estocá** – v. (de *estoque* [este, do fr.ant. *estoc*] + *-ar*, com apócope). → *batê pé de vara*. [M3B-V]: "Dend'água... **estoqueá** no chão tamém, que lugá de tainhêra as vara toma pé, né?".

[**estoquear**] → *estoqueá*.

F

faca – s.f. (or. contrv.). 'apetrecho de pequeno porte feito de metal cortante e com cabo de madeira, de formato alongado, utilizado na captura de mariscos'. [F1C-I]: "**Faca**, saco, às vezes, cofo... que o meu esculhambô... determinado tempo ele vai se quebrano porque da água... balde, se tivê, pequeno".

facão – s.m. (de *faca* [este, de or. contrv.] + *-ão*). 'apetrecho de médio porte, feito de metal cortante, com cabo de madeira, de formato alongado, utilizado na captura de mariscos'. [F3C-V]: "Ah, é isso: a gente leva **facão**, leva jereré e leva a visilha de colocá".

faz[er] o embargo – fras. (de *fazer* [este, do lat. *facēre*] + *embargo* (regr. de *embargar* [este, do lat. *imbarricāre*])). → *cercá*. [M1B-V]: "A hente **faz o embargo** pra pescá, pra puxá rede".

[**fazer poeira**] → *fazer poêra*.

faz[er] poêra – fras. (de *fazer* [este, do lat. *facēre*] + *poeira* (pó [este, do lat. vulg. *pulvus*], com monotongação)). 'ação medial do processo de pesca, realizada pelas mariscadeiras, que consiste em emitir um grito, com a finalidade de

despertar a atenção e localizar as demais mariscadeiras'. [F3B-V]: "A gente tá trabalhano, tá mariscano, aí a gente fica **fazeno poêra** uma pra zozotra, pra vê de que lado ela tá".

ferrá – v. (de *ferrar* [*ferro* [este, do lat. *ferrum*] + *-ar*, com apócope). → *fisgá*. → *matá o peixe*. → *pescá*. 'ação medial do processo de pesca, realizada pelo pescador, que consiste em fisgar o peixe com anzol ou arpão'. [M3B-I]: "Compro camarão na rede, vivo, por vinte reais cem camarão... marro no barco, vô pro má pescá com o anzol... marro numa linha, uma chumbada, bato no chão, aí fico esperano o pêxe esticá pr'eu **ferrá** ele".

ferrado – adj. (part. de *ferrar* (< *ferro* [este, do lat. *ferrum* + *-ar*]). 'característica referente ao peixe que se encontra preso ao anzol ou arpão durante o processo de captura'. [M2C-V]: "Meu irmão tentô pegá ele duas vez, mas ele escorrega muito, e aí ele só fazia descê, mas tava **ferrado** no anzol!"

[**ferrar**] → *ferrá*.

filame – s.m. (< lat. *filāmen*). 'componente móvel, feito de linha de náilon ou poliéster, de formato alongado, localizado na parte dianteira ou traseira, utilizado para prender a âncora ou poita à embarcação'. [M2C-V]: "A gente providencia deixá a corda que chama-se **filame**... já tudo preparado com o ferro, que é a âncora... o remo... tem que deixá tudo beleza, tudo arrumadinho".

fisga – s.f. (regr. de *fisgar* [este, do lat. vulg. *fixicare*]). → *bicheiro*. [M2C-V]: "A gente tem uma **fisga**, um anzol grande, enorme, a gente chama de **fisga**. E geralmente com esse material aqui... o pêxe é grande demais. Aí o que é que a gente faz? A gente leva um pau, um anzolção grande pra ajudá a ferrá ele, pra botá pra cima, porque ele é grande demais".

fisgá – v. (< lat. vulg. *fixicare*, com apócope). → *ferrá* → *matá o peixe*. → *pescá*. 'ação medial do processo de pesca, realizada pelo pescador, que consiste em capturar o peixe com anzol ou arpão'. [M1A-I]: "Tem que tê a manha do pescadô pra que possa **fisgá** o pêxe".

[**fisgar**] → *fisgá*.

[**fundear**] → *fundia*.

fundia ~ **afundia** – v. (de *fundo* [este, do lat. *fundus*] + *-ear*, com metáfora e apócope). → *ancorá*. → *poitá*. 'ação de lançar a âncora ou poita ao fundo do mar ou rio para manter a embarcação fixa'. [M2A-V]: "No caso, canoa... no caso, canoa a motô, e canoa, no caso, a remo e, no caso, tamém a lancha pra pescá no meio do rio, **fundia** no meio do rio... lancha... e barco".

[M3A-I]: "Então... é... porque se não tivé o mestre, não tem a pescaria, porque muita hente não sabe marcá e a pescaria depende de sabê marcá o local, sabê como **afundia** no local...."

G

gaiola – s.f. (< lat. tard. *caveola*). 'apetrecho de médio porte, feito de metal e plástico, de formato quadrado, com iscadeira, utilizado na captura de mariscos'. [M3C-V]: "Eu conheço a rede, o munzuá,... é o... **gaiola**, grosêra".

[**geladeira**] → *geladêra*.

geladêra – s.f. (de *gelar* [este, do lat. *gelāre*] + *-eira*, com monotongação). → *isopô*. 'apetrecho de médio porte, feito de isopor, de formato quadrado, utilizado para transporte e conservação dos peixes e mariscos'. "Lá a gente... tem a **geladêra** no barco, põe o gelo". (M3C-V).

geladô – s.m. (de *gelar* [este, do lat. *gelāre*] + *-dor*, com apócope). → *atravessadô*. → *negociante*. [F3A-I]: "É como eu tô dizeno, se tem em quantidade, vai pro mercado, pro **geladô** comprá".

[**gelador**] → *geladô*.

[**groseira**] → *grosêra*.

grosêra – s.f. (de *grosa* [este, de or. contrv.] + *-eira*, com monotongação). 'apetrecho de grande porte, feito de metal e linha, de formato alongado, com vários anzóis engodados, com boia, utilizado na captura de peixes'. [M2C-V]: "Aquela boia vai sê o seu guia pra, no dia seguinte, você sabe onde tá sua **grosêra**, pra podê ir puxá".

guaraçaim – s.m. (< poss. do *tupi*). 'peixe de grande porte, de corpo alongado e comprimido lateralmente, derme escamosa, de coloração branco-prateada, dorso e cabeça mais escuros, olhos grandes, que habita águas profundas'. [M2C-V]: "Badejo, xaréu, vermelho, guaricema, dentão, cioba, cavala, caranha, **guaraçaim**, rubalo, mero, que tá em extinção...".

guarajuba – s.f. (< *tupi* *gwara'yuba* ou *wara'yuba*). 'peixe de médio porte, corpo alongado e comprimido lateralmente, derme escamosa, coloração prateada, nadadeiras amarelas, com faixa amarela do olho ao focinho, encontrado em

águas rasas ou profundas'. [M1A-V]: "Vermelho, **guarajuba**, **biquara**, bonito, vários tipos de **pêxe**, (?), olho-de-vidro, **jabu**, é... cavala, cabeçudo, **tainha**, **rubalo**, **sardinha**, **agulha**, vários tipos".

guaricema – s.f. (< tupi *üara'sima*). → chumberga. → xumberga. [M2C-V]: "Aqui tem a **guaricema**, tem o cabeçudo, tem o vermelho, **budião**... dá muito **budião**".

I

isca – s.f. (< lat. *ēscā*). → engodo. [M3B-I]: "Corrê atrás, quando a maré dé, pra pegá a **isca**, se... porque, se não tivê **isca**, não tem pesca".

iscadeira] → **iscadêra**.

iscadêra – s.f. (de *isca* [este, do lat. *ēscā*] + *-deira*, com monotongação). 'componente do apetrecho de pesca, feito de metal, de formato alongado, onde se coloca o engodo para atrair o peixe'. [M3B-V]: "Bota a **isca** dentro daquele... no meio do munzuá... tem a **iscadêra**".

isc[ar] – v. (de *isca* [este, do lat. *ēscā*] + *-ar*). → *engodá*. 'ação preparatória do processo de pesca, realizada pelo pescador, que consiste em prender o engodo no apetrecho de pesca, com a finalidade de atrair peixes e crustáceos'. [M2B-I]: "O camarão **mehmo**, que a gente **isca**; ele vem e come".

isopô – s.m. (marc. regist. *Isopor*, com apócope). → *geladêra*. [F2C-V]: "Lá no má, eles fica dento do **isopô**, da **geladêra**... leva gelo também".

[isopor] → *isopô*.

J

jabu – s.m. (or. obscura). 'peixe de pequeno porte, de corpo robusto, derme escamosa, de coloração amarronzada, com manchas azuis, de carne muito apreciada, mas de pouca importância comercial, que habita águas rasas'. [F1C-V]: "Tem **budião**, tem **jabu**, vermelho, **saramonete**,

quatinga, tudo isso... um bucado de bichinho a hente encontra aqui".

jaguaraçá – s.m. (< tupi *iaüare'sa*). 'peixe de pequeno porte, corpo alongado, alto e achatado lateralmente, derme escamosa, olhos grandes, coloração avermelhada, com listras amarelas, de carne pouco apreciada, que habita águas rasas ou profundas'. [M1C-V]: "Ah, são vário: tem **budião**, **carapicu**, **jaguaracá**, **tainha**, tem vários **pêxe**".

jereré – s.m. (< tupi *yere're*). → *puçá*. 'apetrecho de médio porte, feito de linha, de formato cônico, com aro de metal, suspenso por três linhas ligadas a uma fieira comprida e esta, a uma vara, utilizado na captura de crustáceos'. [F3C-V]: "**Jereré**, a gente joga a **isca** na água e suspende com o **jereré**".

jigue – s.m. (< ingl. *jig*). → *rapala*. 'isca artificial, feita de metal e plástico, provido de penas ou fios sintéticos coloridos, utilizado para atrair o peixe pela cor e o movimento na água'. [M1A-I]: "Eu uso linha, uso **anzol**, **chumbada**, tem também... tem **jigue**".

jogá – v. (< lat. *jōcāre*, com apócope). → *lançá*. 'ação inicial do processo de pesca, realizada pelo pescador, que consiste em lançar a rede na água abrindo-a em toda a sua extensão, com a finalidade de capturar os peixes'. [M3A-V]: "(...) a hente sai ou dia ou à noite... sai e vai **jogá** a rede onde vê o **pêxe** pra podê **consegui captá** eles".

[jogar] → *jogá*.

L

lagosta – s.f. (< lat. lus. *lagusta*). 'marisco do espécime crustáceo, decápode, de carapaça quitinosa, grossa, segmentada, com espinhos, de corpo alongado, coloração clara, de grande valor comercial, que habita o fundo do mar em lugares rochosos ou onde há vegetação. [F2C-I]: "Como tem **lugá** também que tem o defeso da **lagosta**, mas aqui é difícil pegá **lagosta**".

lambreta – s.f. (< it. *lambretta*). 'marisco do espécime molusco, de conchas formadas por duas valvas, de coloração branca opaca, que habita o mangue'. [F3B-I]: "Era mais quantidade, mais quantidade. A hente chegava ali, num instante a hente enchia a **vasilha**. Eu **mehmo ia**, num

instante eu enchia um vasilha de... de... lambreta, que chama lambreta”.

lampião – s.m. (< it. *lampione*). → candeeiro. ‘instrumento de iluminação, feito de metal e vidro, de formato bojudo, que funciona a gás ou a óleo’. [F2C-V]: “*Sai com a canoa, com o lampião, né, a lanterna, e aí vai bateno, pegando com o jererê*”.

lançá – v. (de *lançar* [este, do lat. *lanceāre*], com apócope). → *jogá*. [M3A-V]: “*Ter conhecimento do que ele vai fazê em cima do má com a rede, conhecê o pêxe, vê onde é que o pêxe tá pra podê lançá a rede ou mandar lançá a rede*”.

[**lançar**] → *lançá*.

lançamento – s.m. (de *lançar* [este, do lat. *lanceāre*] + *-mento*). → *lance*. ‘etapa do processo inicial da pesca que consiste em jogar rapidamente a rede no mar, com a finalidade de conter os peixes’. [M2B-I]: “*Maré lança, quando ela dá os primeiros ponto de lançamento e você começa a arrastá*”.

lance ~ **lanço** – s.m. (regr. de *lançar* [este, do lat. *lanceāre*]). → *lançamento*. [M2B-V]: “*É um lugá onde o pessoal sempre faz os lances de rede pra ganha o pêxe*”.

lancha – s.f. (< mal. *lančaran*). ‘embarcação de médio porte, feita de alumínio ou fibra, de calado baixo ou médio, com ou sem convés, movida a motor, utilizada na pesca artesanal. [M1B-I]: “*Tem a catraia menó que o savêro, tem as lanchas, tem as lanchas pequenas que são de alumínio, lanchas grande, chama de fibra; ela é fibrada*”.

lanço ~ **lance** – s.m. (regr. de *lançar* [este, do lat. *lanceāre*]). → *lançamento*. [M3B-I]: “*Até um tá uns dez metro ou quinze metro pra tirá o lanço pra pegá o camarão, pra dexá vivo, pra de manhã ir pescá de novo*”.

lanterna – s.f. (< lat. *lanterna*, deriv. do greg. *lamptēr*). ‘instrumento de iluminação, feito de plástico e vidro, de formato alongado e cilíndrico, que funciona à pilha’. [F2C-V]: “*Sai com a canoa, com o lampião, né, ou a lanterna, e aí vai bateno, pegando com o jererê*”.

lastro – s.m. (< ant. fr. *last* < hol. *last*). 1. ‘parte fixa e estrutural da embarcação, feita de madeira, localizada no fundo para dar equilíbrio’. [M2B-I]: “*Só botô no lastro da embarcação, ele chega fresco, fresco*”. 2. ‘conjunto de peças de madeira que formam, na embarcação, a superfície onde se pisa e onde se tranporta o pescado’. (Inq.: Como se tranporta o peixe?) [M3A-V]: “*No lastro mehmo*”.

limo – s.m. (< lat. *limus*). ‘musgo fibroso, pegajoso, de cor verde que se cria nas pedras ou nos

fundos rochosos’. [M2B-I]: “*Pega uma rede, duas pessoa, cerca quando a maré aqui é grande, aí tem como você saí pra fora e passá no limo*”.

linha – s.f. (< lat. *līnĕa*). ‘fio de náilon ou algodão que se prende ao anzol para captura de peixes’. [M2A-V]: “*De primeiro a hente saía pra pesca, a hente matava o pêxe de linha, panhava quatro, cinco, seis pêxe num instante, mas hoje...*”.

lua do marisco – loc. (de *lua* + *do* + *marisco*). ‘fenômeno da natureza que corresponde às fases de lua cheia e lua nova em que as marés baixam e sobem com maior intensidade, trazendo um volume maior de frutos do mar para a costa litorânea’. [F2C-I]: “*(...) aí quando chega a lua do marisco, aí não tem mais aquele tempo, já vai fazê outra coisa*”.

lula – s.f. (or. contrv). 1. ‘marisco do espécime molusco, decápode, sem concha, revestido de um manto em forma cônica, corpo alongado, coloração variável, provido de tentáculos com ventosas, de grande valor comercial’. [F2B-I]: “*Arraia, rubalo, tem lula, tem miroró, que é um pêxe que o povo fala que é o cruzamento de cobra com esse pêxe aí*”. 2. ‘isca natural, utilizada para atrair os peixes e mariscos através cheiro’. [M2A-I]: “*Ah... nós usamos três tipos de iscas: usamos o camarão, a lula e a sardinha viva e morta também*”.

M

má – s.f. (de *mar* [este, do lat. *māre*], com apócope). ‘extensão de água salgada que ocupa grande parte da superfície da Terra. [M3B-I]: “*Compro camarão na rede, vivo, por vinte reais cem camarão... marro no barco, vô pro má pescá com o anzol*”.

má aberto – loc. (de *mar* [este, do lat. *māre*], com apócope + *aberto* [este, do lat. *apĕrtus*]). → *altomá*. [M3A-I]: “*Má aberto é o má profundo, como a hente passa... é... naquele tempo, a hente passava dois, três dia em cima do má, só veno céu e má até... fazê aquela pescaria, que se carregava o barco em Salvadô, barco grande, com quatro*”.

maçambê – s.m. (or. obscura). → *maromba*. → *sardinha*. ‘peixe de pequeno porte, corpo alongado, derme escamosa, coloração prateada, de carne muito apreciada, de grande valor comercial, que habita águas rasas’. [F3B-V]: “*A gente escama... aí, se for pra tirá, se for a*

sardinha, o maçambê, a gente tem que fazê de filé, tem que tirá aquela espinha do meio”.

machadeta – s.f. (de *machado* [este, prov. do lat. vulg. *marculātus*] + *-eta*). ‘apetrecho de médio porte, feito de metal cortante, com cabo de madeira, utilizado na captura de mariscos’. [F3B-I]: “(...) *o sururu também é tirado com a ponta do facão... a lambreta é com uma machadeta, uma enchadetazinha*”.

maia → malha.

maia → malhá.

malha ~ **maia** – s.f. (< fran. *maille*). ‘medida que indica o tamanho dos espaços vazios entre os nós, na confecção das redes’. [M3A-I]: “*Tem a rede de ressa, como eu taha lhe falano, que cada um tipo de rede tem uma malha, certo?*”. [M3B-V]: “*Tem a maia de quarenta, tem a maia trinta, tem a maia vinte e cinco, tem de todo tipo de maia, a rede*”.

malhá ~ **maia** – v. (de *malhar* (*malho* [este, do lat. *mallēus*] + *-ar*, com apócope)). ‘ação medial do processo de pesca, realizada pelo peixe, que consiste em prender-se na malha da rede’. [M2A-V]: “*Malhá, no caso, é ficá preso na rede... metê a cara na rede*”. [M3B-V]: “*Aí você abala, aí o pêxe vem, maia... aí você... um pega no chumbo, outro na cortiça, vai colheno pra dentro da canoa, e vai tirano o pêxe e jogano pra frente, né?*”.

malhado – adj. (part. de *malhar* (*malho* [este, do lat. *mallēus*] + *-ar*)). ‘característica referente ao estado do pescado que se encontra preso nas malhas da rede de pesca’. [M2A-V]: “*É que a gente pega na rede... no caso, vem malhado na rede*”.

malh[ar] → malhá.

mangue – s.m. (or. contrv.). → manguezal. ‘ponto de pesca, de terreno alagadiço e lodaçal, situado na costa litorânea’. [M3B-V]: “*Tem o aratu também que a mulé já pesca, já pega no mangue pra catá, pra vendê lá fora*”.

manguezal – s.m. (de *mangue* [este, de or. contrv.] + *-zal*). → mangue. [F2B-I]: “*O manguezal e a praia... é os dois local que pegamos marisco*”.

manta – s.f. (< lat. medv. *manta*). → cardume. [F3B-V]: “*Porque tem muitos que... vários vê uma manta de pêxe, chega ali adiante e joga uma bomba*”.

[mar] → má.

[mar aberto] → má aberto.

marca – s.f. (< lat. *marca*). → marcação. ‘sinal utilizado pelos pescadores para determinar os pontos de pesca’. [M1C-I]: “*O outêro tem que ficá certo em cima daquela marca onde os antigo ensinô pra gente arriá nossa linha na posição certa pra pescá*”.

marcá – v. (or. contrv., talv. do it. *marcare* [este, do germ. *markiān*], com apócope). ‘ação inicial do processo de pesca, realizada pelo pescador, que consiste em determinar os pontos de pesca’. [M3A-I]: “*Então... é... porque se não tivé o mestre, não tem a pescaria, porque muita hente não sabe marcá e a pescaria depende de sabê marcá o local*”.

marcação – s.f. (de *marcar* [este, de or. contrv., talv. do it. *marcare*] + *-ção*). → marca. [M2B-V]: “*É um lance que eles marcam, faz a marcação e ali eles ficam esperando o horário da maré pra podê pesca com a rede*”.

marcadô – s.m. (de *marcar* [este, de or. contrv., talv. do it. *marcare* e este, do germ. *markiān*] + *-dor*, com apócope). → mestre. → mestre do barco. → mestre da pescaria. → mestre da rede. → mestre da tripulação. ‘função masculina na atividade de pesca concernente à marcação dos pontos de pesca e orientação aos demais pescadores’. [M2A-I]: “*Por isso que já tem escrito de mestre, é o mestre da pescaria, é o marcadô, o cara que faz a marcação dos pontos*”.

[marcador] → marcadô.

[marcar] → marcá.

maré – s.f. (< fr. *marée*). ‘fenômeno da natureza que corresponde ao movimento das águas do mar, de acordo com a atração do Sol e da Lua sobre a Terra’. [F1C-I]: “*Depende muito porque, se a maré tivé boa... vai dependê da maré; a maré que resolvi tudo*”.

maré [cedeira] → maré cedêra.

maré cedêra – loc. (de *maré* [este, do fr. *marée*] + *cedeira* (*cedo* [este, do lat. *cĭto*] + *-eira*), com monotongação). ‘fenômeno da natureza que corresponde à elevação do nível mais alto das águas do mar nas primeiras horas do dia’. [F3B-I]: “*Hoje mehmo eu não fui pra praia porque eu fui na colônia, mas amanhã eu vô pra praia, vô... na maré cedêra*”.

maré-cheia – loc. (de *maré* [este, do fr. *marée*] + *cheia* (f. de *cheio* [este, do lat. *plenus*])). → maré grande. → maré de lançamento → maré nova. ‘fenômeno da natureza que corresponde à elevação das águas do mar no seu mais alto nível, de acordo com a atração do Sol e da Lua sobre a Terra’. [F3C-I]: “*Setembro, maré-cheia, lua nova, o mês todo é*”.

maré de boca de noite – loc. (de *maré* [este, do fr. *marée*] + *de* + *boca* [este, do lat. *bucca*] + *de* + *noite* [este, do lat. *nox, ctis*]). ‘fenômeno da natureza que corresponde à elevação das águas do mar no período entre o final da tarde e o início da noite [M3B-V]: “*Você vê, tem... às vez, no porto. Você sai assim... sai de tardezinha, nessa maré de boca de noite, fica em filêra de canoa que vai subino... tudo pra ir pesca*”.

maré de enchente – loc. (de *maré* [este, do fr. *marée*] + *de* + *enchente* (*encher* [este, do lat. *implĕo*] + *-ente*)). → maré cheia. → maré de lançamento. → maré grande. → maré nova. → maré de vazante. ‘fenômeno da natureza que corresponde ao movimento das águas no período em que a maré está enchendo, momento propício à captura de peixes’. [M2C-I]: “*Maré de vazante puxa pra Salvador; maré de enchente puxa pro lado de Itaparica*”.

maré de lançamento – loc. (de *maré* [este, do fr. *marée*] + *de* + *lançamento* (*lançar* [este, do lat. *lançāre*] + *-mento*)). → maré cheia. → maré grande. → maré nova. [M2C-I]: “*A maré de lançamento é maré grande*”.

maré de setembro – loc. (de *maré* [este, do fr. *marée*] + *de* + *setembro* [este, do lat. *september*]). ‘fenômeno da natureza correspondente à elevação das águas do mar no mês de setembro, que se caracteriza por apresentar grande volume e ser considerada excelente para a pesca’. [F3B-I]: “*A melho época pra pescá é agora mehmo, essa maré de setembro... é o marezão que dá bem melho*”.

maré de vazante – loc. (de *maré* [este, do fr. *marée*] + *de* + *vazante* (*vazar* [alt. de *vaziar*] + *-nte*)). ‘fenômeno da natureza que corresponde ao intervalo entre uma maré alta e a maré baixa subsequente. [M2C-I]: “*Maré de vazante puxa pra Salvador; maré de enchente puxa pro lado de Itaparica*”.

maré escura – loc. (de *maré* [este, do fr. *marée*] + *escura*). ‘fenômeno da natureza concernente à maré que ocorre na madrugada no período da lua nova’. [F1C-I]: “*Eu já falei... que é na lua cheia e a maré escura, apesar que tem uns dias que... eu não sei direito se é na lua nova que, quando o má está calmo porque do tempo, e se ela estive fria demais, que eles pegam alguma coisa assim*”.

maré grande – loc. (de *maré* [este, do fr. *marée*] + *grande* [este, do lat. *grandis*]). → maré cheia. → maré de lançamento → maré nova. [F3A-I]: “*Depende de maré... cada maré grande, a pescaria é mais; cada maré pequena, a pescaria é menos...*”.

maré minguante – loc. (de *maré* [este, do fr. *marée*] + *minguante* (*minguar* [este, do lat.vulg. *minuāre*] + *-nte*)). → maré morta. → maré pequena. ‘fenômeno da natureza que corresponde ao nível mínimo que as águas do mar atingem, de acordo com a atração do Sol e da Lua sobre a Terra’. [F3C-V]: “*E a maré minguante, ela não vaza; ela vaza pouquíssimo*”.

maré morta – loc. (de *maré* [este, do fr. *marée*] + *morta* [f. de *morto* < fr. lat. *mortuus*]). → maré minguante. → maré pequena. [M2C-I]: “*Como a maré... que tem fez que a maré grande, nós tem que botá uma chumbada de meio quilo ou de um quilo e, de acordo a maré morta, nós vai diminuio*”.

maré nova – loc. (de *maré* [este, do fr. *marée*] + *nova* [f. de *novo* < lat. *nōvus*]). → maré cheia. → maré de enchente. → maré de lançamento. → maré grande. → maré nova. [M1B-V]: “*Eu mehmo vim da pescaria, a semana retrasada aí, da pescaria, maré nova, e o cachorro me mordeu*”.

maré pequena – loc. (de *maré* [este, do fr. *marée*] + *pequena* (f. de *pequeno* [este, talv. do cruzamento do lat. vulg. *pīūnnus* com o rad. *pikk-*)). → maré minguante. → maré morta. [F3A-I]: “*Depende de maré... cada maré grande, a pescaria é mais; cada maré pequena, a pescaria é menos...*”.

maré [tardeira] → maré tardêra.

maré tardêra – loc. (de *maré* [este, do fr. *marée*] + *tardeira* (f. de *tardeiro* < *tardo* [este, do lat. *tardus*]) + f. de *-eiro*), com monotongação). → maré cedêra. ‘fenômeno da natureza concernente à elevação das águas do mar em seu nível mais elevado após o meio-dia. [M1B-V]: “*A maré tardêra, a hente já sai daqui sete hora da noite, oito hora da noite*”.

maria-preta – s.f. (de antr. *Maria* + o f. de preto). ‘marisco do espécime molusco, de concha univalve, assimétrica, de coloração escura, que vive enterrado na areia. [F1C-I]: “*Engraçado foi quando eu vim uma vez pegá peguari dentro d’água... um businho imitano esse maria-preta aqui... aí eu tava dentro d’água, com a água do umbigo, aí apareceu esse caramburú*”.

[marinheiro] → *marinhêro*.

marinhêro – s.m. (< lat. *marinarius*, com monotongação). → ajudante. → *andêro*. → *companhêro*. → moço. → *soltadô*. [M2B-V]: “*Bom, depois que vende o pêxe, vai vê a arrecadação que fez e divide entre os marinhêros*”.

mariscá – v. (de *marisco* [este, de *mar* + *-isco*] + *-ar*, com apócope). → *pescá*. ‘ação medial do processo de pesca, realizado na praia, nas coroas ou no mangue, que consiste em capturar os mariscos e extraí-los da areia e das pedras’. [M1C-V]: “Teve um colega aí recente, que chegou aí... tem pouco tempo que chegou aqui, foi ajudá a gente a **mariscá**, aí escorregô nas pedra, aí a gente ficou dando risada da cara dele”.

[**mariscadeira**] → *mariscadêra*.

[**mariscadeiro**] → *mariscadêro*.

mariscadêra – s.f. (de *marisco* [este, de *mar* + *-isco*] + *-deira*, com monotongação). → *mariscadora*. → *marisquêra*. ‘função feminina na atividade de pesca concernente à captura de mariscos, com o uso de colher, linha, rapichel, machadeta, faca ou facão, nas coroas ou nos mangues’. [F3B-V] “Eles pesca de pêxe, que eles são pescadores profissional, como eu sou **mariscadêra** profissional”.

mariscadêro – s.m. (de *marisco* [este, de *mar* + *-isco*] + *-deiro*, com monotongação). → *pescadô* de coroa. → *marisquêro*. ‘função masculina na atividade de pesca concernente à captura de mariscos, com o uso de colher, linha, rapichel, machadeta, faca ou facão, nas coroas ou nos mangues’. [F1A-V]: “Pescadô... pescadô, né, Vânia? É pescadô, é... pescadô... **mariscadêro**... é...”

mariscadora – s.f. (de *marisco* [este, de *mar* + *-isco*] + *-dora*). → *mariscadêra*. → *marisquêra*. [F3A-I]: “As mulé é **mariscadora** e os home é *pescadô*”.

mariscage – s.f. (de *marisco* [este, de *mar* + *-isco*] + *-agem*, com desanalação). ‘modalidade de pesca realizada no mangue e na costa litorânea, fora da embarcação, para a captura de crustáceos e moluscos’. [M3A-V]: “Crianças é uma coisa descartada, que não se coloca nesse meio de pescaria e **mariscage**... difícilmente”.

[**mariscagem**] → *mariscage*.

[**mariscar**] → *mariscá*.

marisco – s.m. (de *mar* + *-isco*). ‘animal invertebrado, do espécime molusco ou crustáceo, com ou sem carapaça, que vive no mar’. [F2C-I]: “É... **marisco**, a gente pega **marisco**, peguari, chumbinho, ostra... esses tipos de **marisco**”.

[**marisqueira**] → *marisquêra*.

[**marisqueiro**] → *marisquêro*.

marisquêra – s.f. (de *marisco* [este, de *mar* + *-isco*] + *-eira*, com monotongação). → *mariscadêra*.

→ *mariscadora*. [F2C-I]: “Eu sou **marisquêra** há uns quinze anos”.

marisquêro – s.m. (de *marisco* [este, de *mar* + *-isco*] + *-eiro*, com monotongação) → *mariscadêro*. → *pescadô* de coroa. [M3A-V]: “Aqui, na minha região, pescadores de pêxes, tem uns duzentos... e tem uma demanda também de bem uns cento e cinquenta pescadores, que são **marisquêros**, que trabalham com caranguejo, siri, ostra, lambreta, outros tipos de mariscos, outras espécies.”.

marola – s.f. (de *mar* [este, do lat. *māre*] + *-ola*). ‘fenômeno da natureza que corresponde à ondulação pequena na superfície do mar’. [M1A-I]: “Aí embola, fica aquele tombo, dá aquela **marola**, aí atrai muitos pêxe, entendeu?”.

maromba – s.f. (or. obs.). → *maçambê*. → *sardinha*. [M3A-I]: “Aí chegava na Fiuza, comprava gelo à vontade, aquele bloco de gelo, comprava as caixa de **maromba**, que é o pêxe e a isca, aí ia embora, certo?”.

matá o peixe – fras. (de *matar* [este, de or. contrv., talv. do lat. vulg. *mattāre*], com apócope + *o* + *peixe* [lat. *piscis*]). → *ferrá*. → *figgá*. → *pescá*. [M2A-V]: “**Matá o pêxe** que eu falo assim de *cercá o pêxe e pegá o pêxe, né?*”.

[**matar**] o peixe → *matá o peixe*.

merguiadô → *mergulhadô*.

mergulhação – s.f. (de *mergulhar* [este, do lat. vulg. *merguliāre*] + *-ção*). → *mergulho*. ‘modalidade de pesca de prospecção, submarina, com uso de arpão, para a captura de peixes, crustáceos e moluscos’. [F3A-I]: “Mas a maioria também é *pêxe de linha, pesca de linha, mergulhação... eles vão com o arpão, megluha, vê o pêxe, mata*”.

mergulhadô ~ merguiadô – s.m. (de *mergulhar* [este, do lat. vulg. *merguliāre*] + *-dor*, com apócope e/ou iotização). → *pescadô* de *mergulho*. 1. ‘função masculina da atividade de pesca concernente à captura de peixes e mariscos com arpão, através da técnica de *mergulho*’. [M2A-V] “Aqui... aqui, no caso, tem os **mergulhadô**, é **mergulhadô** pra *matá, no caso, arraia... mergulhadô... de arraia*”. 2. função masculina da atividade de pesca concernente à pessoa que *mergulha* para desembaraçar a rede quando esta se embaraça ou se prende no fundo do mar. [M1C-I]: “A *menó é pro merguiadô e o corredô corrê a rede e mergulhá*”.

[**mergulhador**] → *mergulhadô*.

mergulho – s.m. (regr. de *mergulhar* [este, do lat.vulg. *merguliāre*]). → *mergulhação* [M1A-I]: “Eu *pesco é... de mergulho, que o mergulho também, que eu pesco assim também... o*

mergulho, e de linha tamém... com a vara... esse tipo de pescaria”.

mero – s.m. (< talv. do cast. *mero*). → canapu. [M2C-V]: “Olhe, o **mero**, no caso, ele é um pêxe muito escasso”.

mestrá – v. (de *mestre* [este, do lat. *magister*] + *-ar*, com apócope). ‘ação do processo de pesca, realizada pelo pescador, que consiste em conduzir a embarcação, determinar os pontos de pesca e orientar no lançamento da rede’. [M2C-V]: “Aí não teve mestre pra **mestrá** o barco, o barco não sai”.

[**mestrar**] → **mestrá**.

mestre – s.m. (< lat. *magister*). → **marcadô**. → mestre da pescaria. → mestre da rede. → mestre da tripulação. → mestre do barco. [M1C-I]: “Agora, pro **mestre**, sai dois quinhões da parte da rede e pro merguiadô sai um quinhão da parte da rede”.

mestre da pescaria – loc. (de *mestre* [este, do lat. *magister*] + *da* + *pescaria* [este, do lat. *piscaria*]). → **marcadô**. → mestre. → mestre do barco. → mestre da rede. → mestre da tripulação. [M2A-I]: “Por isso que já tem escrito de mestre, é o **mestre da pescaria**, é o **marcadô**, o cara que faz a marcação dos pontos”.

mestre da rede – loc. (de *mestre* + *da* + *rede*). → **marcadô**. → mestre → mestre do barco. → mestre da pescaria. → mestre da tripulação. [M1C-I]: “O **mestre da rede** acompanha; tem que acompanhá, o **mestre da rede**”.

mestre da tripulação – loc. (de *mestre* [este, do lat. *magister*] + *da* + *tripulação* [*tripular* [este, de or. obscura] + *-ção*]). → **marcadô**. → mestre. → mestre da pescaria. → mestre da rede. → mestre do barco. [M2B-V]: “Chama o **mestre da tripulação**, no caso... justamente por ser o mais velho que sabe as procedências da pesca”.

mestre do barco – loc. (de *mestre* [este, do lat. *magister*] + *do* + *barco* [este, do lat. *barca*]). → **marcadô**. → mestre. → mestre da pescaria. → mestre da rede. → mestre da tripulação. [M2C-V]: “Tem assim... não é chefe da pescaria, ele é assim o **mestre do barco**. Ele é o dono do barco e o mestre do barco”.

mestre do calão – loc. (de *mestre* + *do* + *calão*). → **marcadô**. → mestre. ‘função masculina na atividade de pesca concernente à marcação dos pontos de pesca e orientação dos demais pescadores na pescaria com rede de calão’. [M3A-I]: “Aí é os **mestre do calão**... no caso de um calão daquele, como barco, tem um mestre”.

miroró – s.m. (< tupi *mĩroy’ro*). → **morêa**. → **caramuru**. ‘peixe de pequeno porte, de

formato anguiforme, com nadadeira dorsal que se estende ao ânus, coloração verde-amarelada, que vive enterrado na lama. [F2B-I]: “Arraia, rubalo, tem lula, tem **miroró**, que é um pêxe que o povo fala que é o cruzamento de cobra com esse pêxe aí”.

moço – s.m. (or. incerta). → **andêro**. → ajudante. → **companhêro**. → **corredô**. → **marinhêro**. → **mergulhadô**. → **saltadô**. [M3B-V]: “Aí você, quando tem o **moço**, que o **moço** já lhe ajuda... o **moço** é o outro que pesca com você”.

molinete – s.m. (< fr. *moulinet*). ‘componente de apetrecho de pesca, feito de metal, munido de carretel, com manivela móvel, utilizado para tracionar a linha de pesca’. [M2A-I]: “Eu pratico a pesca de linha, que dizê, com carretilhas, **molinete** e também manual”.

morêa ~ **amorêa** ~ **emborêa**. – s.f. (< lat. *mūraena*, com monotongação). → **caramuru**. → **miroró**. ‘peixe de médio porte, de corpo alongado e roliço, com nadadeira dorsal que se estende ao ânus, coloração esverdeada, amarelada ou amarronzada, com ou sem manchas, encontrado na praia ou enterrado na areia’. [F3B-I]: “Tem umas pessoa que chama **amorêa**, **amorêa**, mas é **emborea**”. [F3B-I]: “Eu tirava era... **emborêa**, um pêxe comprido assim, eu tirava do buraco... **emborêa**”. [M3A-V]: “Tem o **caramuru**, que uns chama **morêa**, otros chama... morde; tem **mututuca**, **pinima**, tem um **niquim-de-pedra**, que é um venenoso”.

[**moreia**] → **morêa**.

motô – s.m. (de *motor* [este, do lat. *mōtor*], com apócope). ‘componente móvel da embarcação, feito de ferro, localizado na parte central ou traseira, utilizado para deslocar a embarcação’. [F3A-I]: “A rede... é como eu tô dizeno a você, a hente só pega uma quantidade de rede, liga o **motô** baixinho e vai jogano a rede, largano, largano...”

motô de centro – loc. (de *motor* [este, do lat. *mōtor*, com apócope] + *de* + *centro* [este, do lat. *centrum*]). ‘componente móvel da embarcação, feito de ferro, localizado na parte central, utilizado para deslocar a embarcação’. [M2C-V]: “Tem vários tipos de motô: tem o **motô de centro**, tem o **motô de popa**”.

motô de popa – loc. (de *motor* [este, do lat. *mōtor*, com apócope] + *de* + *popa* [este, do lat. *popa*]). ‘componente móvel da embarcação, feito de ferro, localizado na parte traseira, utilizado para deslocar a embarcação’. [M2C-V]: “Tem vários tipos de motô: tem o **motô de centro**, tem o **motô de popa**”.

[**motor**] → **motô**.

[**motor**] de centro → *motô* de centro.

[**motor**] de popa → *motô* de popa.

motorizado – adj. (part. de *motorizar* (*motor* [este, do lat. *mōtor*] + *-izar*)). ‘característica concernente à embarcação dotada de motor’. [M1A-I]: “Ah, porque savêro já é com *motô*... ele é *motorizado*”.

munzuá – s.m. (< quimb. *muzua*). ‘apetrecho de médio porte, feito de ferro ou madeira e tela, de formato circular e alongado, com iscadeira no centro, utilizado na captura de peixes pequenos e crustáceos’. [F2C-V]: “Eu conheço essa de vara, de *munzuá*, esse mergulho, né, de *apnéa*...”.

[**munzuazeiro**] → *munzuazêro*.

munzuazêro – s.m. (de *munzuá* [este, do quimb. *muzua*] + *-z-* + *-eiro*, com monotongação). ‘função masculina na atividade de pesca concernente à captura de peixes e crustáceos com uso de *munzuá*’. [M3B-V]: “Tem também o *munzuazêro*, que trabaia em embarcação a *motô*”.

mutuca ~ **mututuca** – s.f. (< tupi *mu'tuka*). ‘peixe de médio porte, corpo de formato anguiliforme, de coloração amarronzada com pintas brancas, ventre esbranquiçado, que vive em estuários’. [F3B-I]: “Caramuru é lá na praia... tem... *caramuru*, tem *mutuca*, tem *pinima*, tem *polvo*, aquele que tem uns raios”. [M3A-V]: “Tem o *caramuru*, que uns chama *morêa*, outros chama... morde; tem *mututuca*, *pinima*, tem um *niquim-de-pedra*, que é um venenoso”.

mututuca → *mutuca*.

N

náilon – s.m. (< ingl. *nylon*). ‘fibra sintética, derivada da poliamida, utilizada para a produção da linha de pesca’. [M1C-I]: “Eu pratico pesca artesanal, que é com anzol e *náilon*”.

negociante – s.m. (< lat. *negōtīāns*). → *atravessadô*. → *geladô*. [M2B-I]: “O rapaz *mehmo* paga na hora... traz o *pêxe*, pesa ele, paga na hora... o *negociante*”.

niquim-de-pedra – s.m. (de *niquim* [este, talv. do tupi *ni* e *qui*] + *de* + *pedra* [lat. *pētra*]). ‘peixe de pequeno porte, corpo achatado e robusto, com espinhos peçonhentos, de coloração parda e com

manchas, que habita os estuários. [M3A-V]: “Tem o *caramuru*, que uns chama *morêa*, outros chama... morde; tem *mututuca*, *pinima*, tem um *niquim-de-pedra*, que é um venenoso”.

O

oitêro → *outêro*.

olho-de-boi – s.m. (de *olho* [este, do lat. *ocūlus*] + *de* + *boi* [lat. *bos*, *bōvis*]). ‘peixe de grande porte, corpo alongado e robusto, derme escamosa, de coloração azul-esverdeada, ventre claro, olhos pequenos, de carne muito apreciada, que habita águas profundas’. [F2CV]: “Aí tem *caranha*, tem *badejo*, tem *cavala*, tem *guaraçaim*, tem o *vermelho*, *areacó*, tem o *vermelho-rabo-aberto*, tem o *dentão*, a *cioba*, tem *pêxe-pena*, tem *taoca*, tem *arraia*, tem *cação-viola*, tem tudo... *olho-de-boi*...”.

olho-de-vidro – s.m. (de *olho* [este, do lat. *ocūlus*] + *de* + *vidro* [este, do lat. *vitrum*]). ‘peixe de pequeno porte, corpo comprimido e robusto, derme escamosa, coloração avermelhada, olhos grandes, boca grande e oblíqua, que habita águas rasas’. [M1A-V]: “Vermelho, *guarajuba*, *biquara*, bonito, vários tipos de *pêxe*... (?), *olho-de-vidro*, *jabu*, é... *cavala*, *cabeçudo*, *tainha*, *rubalo*, *sardinha*, *agulha*, vários tipos”.

ostra – s.f. (< lat. *ostrēa*). ‘marisco do espécime molusco, bivalve, de concha assimétrica, de coloração clara ou escura, encontrado em estuários’. [F3C-V]: “Ela é diferente porque a *ostra* do mangue, a espécie dela é uma e a daqui é outra”.

[**outeiro**] → *outêro*.

outêro ~ **oitêro** – s.m. (de *outeiro* [este, do lat. *altārius*], com monotongação). ‘parte elevada de uma superfície na qual se baseiam os pescadores para identificação dos pontos de pesca’. [M3C-I]: “*Oitêro* é monte que tem aí por cima”. [M1C-I]: “O *outêro* tem que ficá certo em cima daquela marca onde os antigo ensinô pra gente arriá nossa linha na posição certa pra pescá”.

ova – s.f. (< lat. *ōva*). → *desova* ‘conjunto de ovos do peixe e do crustáceo, quando se encontra protegido pela membrana do ovário’.. [M1B-V]: “(...) eu *mehmo* canso de pegá *siri* tudo de *ova mehmo*, eu pego e jogo fora”.

P

paiêro – s.m. (de *palha* [este, do lat. *palĕa*], com iotização + *-eiro*, com monotongação). ‘construção de madeira, coberta de palha, onde os pescadores guardam seus apetrechos’. [M1B-V]: “*O lugá de guardá a rede se chama paiêro... de guardá rede, material... chama paiêro*”.

[**palheiro**] → *paiêro*.

pampo – s.m. (sinc. de *pâmpano*). ‘peixe de pequeno porte, corpo alto, arredondado e comprimido, derme escamosa, coloração azul-esverdeada, de carne muito apreciada, que habita águas rasas’. [M2C-V]: “*O pêxe ficô... des’tamanho o pêxe assim (gestos), mais de dez a quinze quilo, o pampo*”.

pano – s.m. (< lat. *pānnus*). → vela. ‘componente móvel, feito de algodão, de formato triangular, localizado na dianteira ou no centro da embarcação, utilizado para impulsioná-la através da força do vento’. [M3B-V]: “*O pano é um pano que é pra andá; o vento bate e ela anda pra frente, sabe?*”.

parada – s.f. (< lat.vulg. *parata*, f. substv. do part. pas. de *parāre*). ‘conjunto composto de uma linha principal e duas secundárias que se amarram ao arco, no qual se prende a chumbada’. [M2C-V]: “*Parada é aqui, onde vai... você amarra depois do arco, depois da chumbada, você amarra a parada...*”.

pé de mangue – loc. (de *pé* [este, do lat. *pes, pēdis*] + *de* + *mangue* [este, de or. contrv.]). ‘árvore da espécie rizoforácea, típica da região costeira tropical atingida pela maré onde há uma lama negra, na qual se fixa através de raízes-escoras’. [F3A-V]: “*Tem que subi lá em cima no pé de mangue, com um cordão amarrado com a isca, a lata embaixo pra ir bateno as folhas e jogano as folha, e pegano e jogano dentro da lata*”.

pé-de-pato – s.m. (de *pé* [este, do lat. *pes, pēdis*] + *de* + *pato* [este, de or. onom.]). ‘calçado de borracha, em forma de espátula, utilizado pelos mergulhadores. [M1B-V]: “*O óculos, suspiro, pé-de-pato, arpão, eu mehmo uso do bichêro... o arpão é pra matá o pêxe*”.

pegá agulha – fras. (de *pegar* [este, do lat. *picāre*] com apócope + *agulha* [este, do lat. *acūcūla*]). → batê agulha. [M2C-V]: “*Olhe, tem uma pescaria que a gente chama aqui de pegá*

agulha, aquelas agulhinha fininha, que a gente gosta de comê ela frita; uma delícia!”

[**pegar**] **agulha** → *pegá agulha*.

peguari – s.m. (or. obscura). ‘marisco do espécime molusco, de concha assimétrica, formato alongado, de cor amarelada, que vivem no fundo do mar’. [M2A-V]: “*Aqui tem muito tamém peguari... ele mergulham e vai pegar o peguari lá no fundo do má... é um marisco, que tem aquela... a casca, no caso*”.

[**peixe**] → *pêxe*.

[**peixeiro**] → *pêxêro*.

[**peixe**]-galo → *pêxe-galo*.

[**peixe**]-pena → *pêxe-pena*.

pele de carne – loc. (de *pele* [este, do lat. *pēllis*] + *de* + *carne* [lat. *caro, carnis*]). ‘isca natural, extraída de animal bovino, utilizada para atrair o peixe através do cheiro’. [F1C-V]: “*Ah, eu pego o ripichel... bota a isca de... de pele de galinha ou então pele de carne, marro no isopô e jogo no, na bêra do mã*”.

pele de galinha – loc. (de *pele* [este, do lat. *pēllis*] + *de* + *galinha* [este, do lat. *gallīna*]). ‘isca natural, extraída de ave galinácea, utilizada para atrair os peixes e crustáceos através do cheiro’. [F2B-V]: “*Tem a isca, que é o camarão. O siri, nós pescamos com a pele da galinha, sabe?*”.

pesca – s.f. (regr. de *pescar* [este, do lat. *pīscāre*]). → *pescage*. → *pescaria*. 1. ‘atividade realizada em águas profundas, no mangue ou na costa litorânea, sobre ou fora da embarcação, com o uso de anzol, arpão, colher, facão, gaiola, jereré, munzuá, puçá ou rede, para a captura de peixes e mariscos’. [M1A-I]: “*Eu tinha antigamente a pesca como um esporte, um lazer mesmo, entendeu?*”. 2. ‘o produto da atividade pesqueira’. [M3B-V]: “*O destino dessas pesca é a costêra mehmo*”.

pescá – v. (de *pescar* [este, do lat. *pīscāre*], com apócope). → *ferrá*. → *fisgá*. → *matá* o peixe. ‘ação realizada em águas profundas, no mangue ou na costa litorânea, sobre ou fora da embarcação, com o uso de anzol, arpão, colher, facão, gaiola, jereré, munzuá, puçá ou rede, para a captura de peixes e mariscos’. [M3C-I]: “*Rapaz, pra mim, a melhor época pra pescá é o inverno porque a água tá mais fria*”.

pesca artesanal – loc. (de *pesca* (regr. de *pescar* [este, do lat. *pīscāre*] + *artesanal* [este, de *artesão* sob a f. rad. *artesan* + *-al*]). ‘atividade realizada em

águas profundas, no mangue ou na costa litorânea, sobre ou fora da embarcação, com o uso de anzol, arpão, colher, facão, gaiola, jereré, munzuá, puçá ou rede, para a captura de peixes e mariscos em pequena escala'. [M3A-V]: “*Não, pescadô nenhum tem, que trabalha por conta própria e com essa pesca artesanal... porque essa pesca no alto-má, ela chama uma pesca profissional. Aqui, nesses rios mortos, ela se chama de artesanal*”.

pescada – s.f. (< lat. *piscātus*). ‘peixe de pequeno porte, de corpo alongado, derme escamosa, coloração prateada, dorso escuro, olhos grandes, de carne muito apreciada, que habita águas profundas’. [M3B-V]: “*É... todo tipo de pêxe: panha o bagre, panha a pescada, panha o rubalinho, panha a tainha, panha... todo tipo de pêxe... maçambê...é... até o xangó você panha de rede*”.

pesca de andarilho – loc. (de *pesca* (regr. de *pescar* [este, do lat. *piscāre*]) + *de* + *andarilho* (do v. *andar* [este, de lat. *ambūlo*] + *-ilho*)). ‘modalidade de pesca realizada na costa litorânea, à noite ou na madrugada, com o uso de redes alcadas entre duas canoas, para a captura de peixes por meio de encandeio’. [M3A-V]: “*Ah... sim... tem um tipo de pesca que hoje não us a mais nessas regiões por aqui e que já foi usada... é a pesca de andarilho...*”.

pesca de arremesso – loc. (de *pesca* (regr. de *pescar* [este, do lat. *piscāre*]) + *de* + *arremesso* [este, regr. de *arremessar*]). ‘modalidade de pesca de lançamento, realizada na costa litorânea, fora da embarcação, que consiste em lançar o anzol para a captura de peixes’. [M2A-I]: “*Aqui nós praticamos vários tipos de pesca: praticamos a pesca de arremesso, na beira do cais; praticamos a pesca embarcada... na embarcação... de vara*”.

pesca de barco – loc. (de *pesca* (regr. de *pescar* [este, do lat. *piscāre*]) + *de* + *barco* [este, do lat. tard. *barca*]). → *pesca embarcada*. ‘modalidade de pesca de espera ou lançamento, realizada em águas profundas, sobre embarcação, com o uso de rede, anzol ou bomba, para a captura de peixes’. [F3C-V]: “*Lá... lá... se dá, dá pra muito longe... porque lá a gente não pesca lá fora como os outro... a pesca de barco*”.

pesca de bomba – loc. (de *pesca* (regr. de *pescar* [este, do lat. *piscāre*]) + *de* + *bomba* [este, do lat. *bombus*]). ‘modalidade de pesca realizada na costa litorânea ou em águas profundas, sobre ou fora da embarcação, com o uso de bomba, para a captura de peixes, crustáceos e molusco’. [M3A-V]: “*Tem a pesca de bomba aqui que é um negócio predatório, que as pessoas não concordam com isso*”.

pesca de calão – loc. (de *pesca* (regr. de *pescar* [este, do lat. *piscāre*]) + *de* + *calão* [este, de *cala* + *-ão*]). → *pescaria de calão*. ‘modalidade de pesca realizada na costa litorânea, fora da embarcação, com o uso de rede de calão, para a captura de peixes, crustáceos e moluscos’. [M2A-V]: “*Eu... no caso, a pesca de calão, que dizê, cabou muito a pescaria de calão*”.

pesca de camarão – loc. (de *pesca* (regr. de *pescar* [este, do lat. *piscāre*]) + *de* + *camarão* [este, do lat. *cammarōne*]). → *pescaria de arrastá camarão*. ‘modalidade de pesca realizada na costa litorânea, fora da embarcação, com o uso de rede ou puçá, para a captura de camarão’. [F1B-V]: “*É pesca de camarão, que são todos os dias; tainheira, e arraieira*”.

pesca de lagosta – loc. (de *pesca* (regr. de *pescar* [este, do lat. *piscāre*]) + *de* + *lagosta* [este, do lat.cl. *locūsta*]). ‘modalidade de pesca realizada em águas profundas, sobre ou fora da embarcação, com o uso de rede ou arpão, para a captura de lagosta’. [F3C-V]: “*Ah... pesca de lagosta, pesca de camarão, pesca de pêxe... isso aí eu não pesco, mas tem muita gente que pesca aqui... tem mergulhadores*”.

pesca de linha – loc. (de *pesca* (regr. de *pescar* [este, do lat. *piscāre*]) + *de* + *linha* [lat. *līnĕa*]). → *pescaria de linha*. ‘modalidade de pesca de lançamento ou espera, realizada na costa litorânea ou em águas profundas, sobre ou fora da embarcação, com o uso de linha de náilon, para a captura de peixes’. [M3A-V]: “*A pesca de linha, a pessoa chega no má, ancora a embarcação em determinado ponto que ele sabe que ali pode tê algum aposento de pêxe, isca a linha com o anzol, joga lá e fica ali esperando o pêxe pegá*”.

pesca de mergulho → *mergulhação*.

pesca de [peixe] → *pesca de pêxe*.

pesca de pêxe – loc. (de *pesca* (regr. de *pescar* [este, do lat. *piscāre*]) + *de* + *peixe* [este, do lat. *piscis*], com monotongação). ‘modalidade de pesca de lançamento ou espera, realizada em águas profundas, no mangue ou na costa litorânea, sobre ou fora da embarcação, com o uso de anzol ou rede, para a captura de peixe’. [F3C-V]: “*Ah... pesca de lagosta, pesca de camarão, pesca de pêxe... isso aí eu não pesco, mas tem muita gente que pesca aqui... tem mergulhadores*”.

pesca de rede – loc. (de *pesca* (regr. de *pescar* [este, do lat. *piscāre*]) + *de* + *rede* [este, do lat. *rēte*]). → *pescaria de rede*. ‘modalidade de pesca realizada em águas profundas ou na costa litorânea, sobre ou fora da embarcação, com o uso de rede, para a captura de peixes, crustáceos ou moluscos’. [M1A-I]: “*Os outros não tem por*”.

embarcar). → pesca de barco. [M2A-I]: “Aqui nós praticamos vários tipos de pesca: praticamos a pesca de arremesso, da beira do cais; praticamos a **pesca embarcada**... na embarcação... de vara”..

pesca – s.f. (de *pesca* (regr. de *pescar* [este, do lat. *piscāre*] + *-agem*, com desanalação). → pesca. → *pescaria*. [M3B-V]: “Aí você... a tainhêra, a rede dá camarão, a rede de vinte cinco... às vez, de manhã cedo você sai pra maçambê... é... as **pesca** aqui é assim.

[**pesca**gem] → *pesca*ge.

[**pesca**r] → *pesca*á.

pescaria – s.f. (< lat. *piscaria*). → pesca. → *pesca*ge. [M1B-V]: “Quando termina a **pescaria**, é um rumano pêxe nos otro... pronto”..

pescaria de anzol – loc. (de *pescaria* [este, do lat. *piscaria*] + *de* + *anzol* [este, do lat. *hamiceōlus*]). ‘modalidade de pesca realizada em águas profundas ou na costa litorânea, sobre ou fora da embarcação, com uso de linha e anzol, para a captura de peixes’. [M2B-V]: “Não, não tem como usá nada pra atraí... que não é **pescaria de anzol**... que no anzol, claro, você tem que botá a isca, mas, aí no caso de rede, não se usa nada”.

pescaria de arrastá camarão – loc. (de *pescaria* [este, do lat. *piscaria*] + *de* + *arrastar* (*a-* + *rasto* [diss. de *rastro* < lat. *rastrum*] + *-ar*), com apócope + *camarão* [este, do lat. *cammarōne*]). ‘modalidade de pesca realizada na costa litorânea, sobre ou fora da embarcação com uso de rede de arrasto, para a captura de camarão’. (Inq.: Que tipo de pesca o(a) senhor(a) pratica? Quais são as mais praticadas no local?) [M3B-I]: “Mais a **pescaria de linha e de arrastá camarão**”.

pescaria de [arrastar] camarão → *pescaria de arrastá camarão*.

pescaria de bomba – loc. (de *pescaria* [este, do lat. *piscaria*] + *de* + *bomba* [este, do lat. *bombus*]). [M3B-V]: → pesca de bomba. “Antigamente usava muito a **pescaria de bomba** pra xangó. De primêro, se pescava de bomba, pra xangó”.

pescaria de calão – loc. (de *pescaria* [este, do lat. *piscaria*] + *de* + *calão* [este, de *cala* + *-ão*]). → pesca de calão. [M2A-V]: “Hoje não existe aquela **pescaria de calão** que o pessoal matava muito pêxe... é difícil”.

pescaria de camarão – loc. (de *pescaria* [este, do lat. *piscaria*] + *de* + *camarão* [este, do lat. *cammarōne*]). → pesca de camarão. [M3B-V]: “Aí vai todo mundo, todo pai de família vai... aí a atividade é assim, a **pescaria de camarão**”.

pescaria de linha – loc. (de *pescaria* [este, do lat. *piscaria*] + *de* + *linha* [este, do lat. *līnĕa*]). → pesca de linha. [M3B-V]: “Olha, essa **pescaria de linha** mesmo, artesanal”.

pescaria de linha de espera – loc. (de *pescaria* [este, do lat. *piscaria*] + *de* + *linha* [este, do lat. *līnĕa*] + *de* + *espera* (regr. de *esperar* [este, do lat. *spērāre*])). ‘modalidade de pesca realizada de espera, realizada em águas profundas ou na costa litorânea, sobre ou fora da embarcação, com o uso de linha e anzol, para a captura de peixes’. (Inq.: Que tipo de pesca o(a) senhor(a) pratica?) [M2A-V]: “**Pescaria de tainhêra**, no caso, **tainhêra e pesca de linha de espera**”.

pescaria de linha de fundo – loc. (de *pescaria* [este, do lat. *piscaria*] + *de* + *linha* [este, do lat. *līnĕa*] + *de* + *fundo* [este, do lat. *fundus*]). ‘modalidade de pesca de espera, realizada em águas profundas, sobre embarcação, com uso de linha e anzol, para a captura de peixes’. [M2C-V]: “Eu só pesco, só sei fazê **pescaria de linha de fundo**, que é essa aqui... mas eu conheço otras...”.

pescaria de rede – loc. (de *pescaria* [este, do lat. *piscaria*] + *de* + *rede* [este, do lat. *rēte*]). → pesca de rede. (Inq.: O que o senhor faz para viver?) [M2B-V]: “**Pescaria de rede**”.

pescaria de [tanheira] → *pescaria de tainhêra*.

pescaria de tainhêra – loc. (de *pescaria* [este, do lat. *piscaria*] + *de* + *tainheira* (*tainha* [este, prov. do lat. *tagēnia*] + *-eira*), com monotongação). → pesca de *tainheira*. [M3B-V]: “E o quinhão é... de **pescaria de tainhêra** é vinte e cinco por cento”.

[**pesqueiro**] → *pesquêro*.

pesquêro – s.m. (de *pesca* [este, regr. de *pescar* < lat. *piscāre*] + *-eiro*, com monotongação). → *pêxêro*. ‘ponto de pesca natural ou artificial composto de pedras rochosas ou galhos de árvores depositados pelos pescadores no fundo do mar, onde os peixes se abrigam’. [M2A-I]: “Nós íamos colocá uns **pesquêro** e a embarcação naufragô, virô e nós ficamos lá três hora de relógio em cima do má, certo?”

pêxe – s.m. (de *peixe* [este, do lat. *piscis*], com monotongação). ‘animal vertebrado, aquático, com nadadeiras sustentadas por raios ósseos, de esqueleto ósseo ou cartilaginoso, com ou sem escama, que respira pelas brânquias. [F3C-V]: “As pessoa pesca... não é mais aquela quantidade de **pêxe**... tem dia que vai e pega muito, tem dia que vai e pega pôco... tem dia que não pega nada”.

pêxe-galo – s.m. (de *peixe* [este, do lat. *piscis*], com monotongação + *galo* [este, do lat. *gallus*]).

‘peixe de pequeno porte, de corpo alto e comprimido, derme escamosa, de coloração prateada com dorso azulado, olhos pequenos, que habita águas rasas’. [F3B-I]: “*Ave Maria! Carrapato, vermelho, agulha, agulha-pemba, agulha-branca, tem pêxe-galo, tem bagre, cação... tem tudo quanto é marca de pêxe aqui*”.

pêxe-pena – s.m. (de *peixe* [este, do lat. *piscis*], com monotongação + *pena* [este, do lat. *pena*]). ‘peixe de pequeno porte, de corpo ovóide, derme escamosa, coloração prateada, com estrias escuras, de pouco valor comercial, que habita águas rasas’. [M2C-I]: “*Vermelho, o bagre, arraia, curuvina, xaréu, cabeçudo, guaricema, pêxe-pena, cambuba, pêxe-galo, aí variedade... não muito, mas se acha*”.

pêxêro – s.m. (de *peixe* [este, do lat. *piscis*], com monotongação + *-eiro*, com monotongação). ‘ponto de pesca, de terreno arenoso, de águas intermediárias, composto de ramos, situado na costa litorânea’. [M3B-I]: “*Corta humo no mato, panha um barco, marra umas pedra com a corda, chega lá larga os monte no pêxêro, pra fazê a casa do pêxe como nós mora den da casa (risos)*”.

pinaúna – s.f. (alt. de *pindá* [este, do tupi *pi'nda*] + *-una* [este, do tupi *'uma*]). ‘marisco do espécime equinóide, de carapaça dura, de formato redondo, com espinhos longos e móveis, coloração variável, encontrado em estuários’. [F1C-V]: “*A hente pega a pinaúna com o bichêro, abre ela e tira o coisa... a carne que tem dentro e joga os espinho fora*”.

pinima – s.f. (< tupi *pi'nima*). ‘peixe de médio porte, de corpo alongado e cilíndrico, coloração escura com manchas amarelas, que vive em ambientes rochosos na costa litorânea’. [F1B-V]: “*Pinima são pêxe que ficam dentro da... quando os pessoas vem arrastando, elas podem vim lá, picá as pessoas, e é muito perigoso*”.

pintado – s.m. (part. de *pintar* [este, do lat. *pinctāre*]). ‘peixe de grande porte, de corpo alongado e roliço, sem escamas, coloração cinza-prateada com manchas, que habita águas profundas’. [M2A-I]: “*Aqui nós pegamos caranha, xaréu, aracanguira, beijupirá, a cavala, arraia, vermelho, pintado... tem vários tipos*”.

piranha – s.f. (< tupi *pi'rãia*). ‘peixe de pequeno porte, de corpo achatado, derme escamosa, de coloração variável, dentes numerosos e afiados, carnívoro, que habita águas rasas’. [F1A-I]: “*E assim, da história assim, que o pêxe assim leva acidente, como tem pêxe que gosta de comê a perna da, dos oto... tem piranha, tem vários tipo de pêxe que pode mordê a pessoa*”.

pititinga – s.f. (< tupi *piti'tina*). → xangó ‘peixe de pequeno porte, de corpo alongado, derme

escamosa, coloração prateada, cabeça terminada em focinho, de carne muito apreciada, que habita águas rasas’. [F2A-V]: “*Tem vermelho, tem... tem carapicum, tem carapeba, tem pititinga, tem sardinha e outros*”.

poita – s.f. (or. contrv.). → âncora. → poitada. ‘apetrecho feito de ferro, chumbo ou pedra usado para fixar embarcações de pequeno porte’. [M1C-I]: “*Existe cada um lugá pra gente marcá pra hente ariá a poita ali em cima, que é pedra*”.

poitá – v. (de *poita* [este, posv. do franco *pauta*] + *-ar*, com apócope). → *fundeá*. → *ancorá*. ‘ação inicial do processo de pesca, realizada pelo pescador, que consiste em lançar a poita no fundo do mar, com a finalidade de manter a embarcação no ponto de pesca’. [M31A-I]: “*É um lugar pequeno, mas só que a hente tem que sabê poitá, né?*”.

poitada – s.f. (de *poita* [este, de or. contrv.] + *-ada*). → *poita*. 1. [M3A-I]: “*Então... é... porque se não tivé o mestre, não tem a pescaria, porque muita hente não sabe marcá e a pescaria depende de sabê marcá o local, sabê como afundiá no local... botá a poitada certinha no local, que se você não botá certo no local, num pega, tá entendendo?*”.

[**poitar**] → *poitá*.

polvo – s.m. (< lat. *pōlypus*). ‘marisco do espécime molusco, sem concha, de corpo globular, provido de oito tentáculos com ventosas, encontrado no fundo do mar’. [M1A-I]: “*Não, tem o que pega polvo que é pequeninho, um anzolzinho pequeno*”.

ponto de pesca – loc. (de *ponto* [este, do lat. *punctum*] + *de* + *pesca* [este, regr. de *pescar*]). ‘local considerado bom para a pesca, determinado pelo mestre’. [M2B-I]: “*Existe... aqui fora aí; tem muito ponto de pesca*”.

popa – s.f. (< lat. *pūppa*). ‘parte fixa da embarcação localizada na parte traseira’. [M3B-V]: “*Você sai sozinho, pra botá um pano, você tem que largá a popa da embarcação pra ir lá botá o pano*”.

porco-espinho – s.m. (de *porco* [este, do lat. *porcus*] + *espinho* [este, do lat. *spīnus*]). → **baiacu**. [F1C-I]: “*Isso aqui é conhecido com baiacu, porco-espinho*”.

porto – s.m. (< lat. *portu*). ‘área do mar próxima à terra onde os pescadores ancoram suas embarcações’. [M2C-V]: “*(...) mas geralmente meu barco fica aqui no porto... chama porto, onde fica os barco... chama porto*”.

proa – s.f. (< lat. *prōra*). ‘parte fixa da embarcação, localizada na dianteira’. [M1C-I]: “*A maior é*

essa de rede; a maior onde tá o mestre ali na proa”.

puçá – s.m. (< tupi *pĩ'sa*). → jereré. ‘apetrecho de médio porte, feito de linha, de formato afunilado, com aro e cabo de madeira, utilizado na captura de crustáceos’. [F2B-V]: “*Bota o puçá e arrasta... pega camarão*”.

Q

quatinga – s.f. (or. obscura). ‘peixe de pequeno porte, de corpo comprimido, derme escamosa, coloração branco-prateada, com listra longitudinal amarela, boca avermelhada, encontrado em águas rasas’. [F1C-I]: “*Eu pego quatinga, carrapato... esqueci o nome de um agora, que ele é até bonitinho, que o povo diz que ele dá até pra botá no aquário, né?*”.

quinhão – s.m. (< lat. *quĩño*). ‘fração correspondente à parte que cabe a cada pescador na divisão do pescado’. [M1C-I]: “*Agora, pro mestre, sai dois quinhões da parte da rede e pro merguiadô sai um quinhão da parte da rede*”.

quinto do barco – loc. (de *quinto* [este, do lat.cl. *quintus*] + *do* + *barco* [este, do lat. tard. *barca*]). ‘fração correspondente à quinta parte na divisão do pescado, que se refere ao valor destinado à manutenção da embarcação’. [F2C-V]: “*Se for quatro pessoa, aí divide pra cinco porque tem o quinto do barco, né?*”.

R

rala-coco – s.m. (f. v. de *ralar* (ralo [este, do lat. *rarus*] + -ar) + *coco* [este, de or. contrv.]). ‘marisco do espécime molusco, de concha formada por duas valvas, de cor amarronzada, com sulcos longitudinais em forma de leque, que lança água quando se desloca’. [F2A-I]: “*Eu... pra mim, eu acho os mês de abril e o mês de setembro porque tem os mariscos... rala-coco, maria-preta...*”

rapala – s.f. (de *Rapala*, marc. registrada). → jigue. ‘isca artificial, feita de plástico, em formato de peixe, utilizada para atrair os peixes através da

cor e do som’. “*Tem a rapala, que é uma isca artificial*”. (M1A-I).

rapichel ~ *ripiché*. ~ *ripichel* – s.m. (or. obscura). → puçá. → jereré. ‘apetrecho de pequeno porte, feito de linha, com aro de metal, de formato afunilado, utilizado na captura de siris’. [F1A-I]: “*Siri, como eu disse a senhora, tem a linha, o tubo, é... buzo, tem a isca, isca de galinha, de pêxe, de carne e tem o rapichel, que a hente usa o rapichel pra pegá*”. [F1A-V]: “*Quando o siri bota... vem pra linha, a hente puxa e pega com o ripiché*”. [F1C-V]: “*Quando o siri começá a comê, eu pego com o rapichel, boto embaxo e trago ele*”.

rebojo – s.m. (regr. de *rebojar*). ‘fenômeno da natureza concernente ao movimento circular provocado pelo vento na água do mar, que atrai os peixes para o ambiente costeiro’. [M1A-I]: “*(...) pêxe gosta de rebojo, do má quando tá agitado*.”

rede – s.f. (< lat. *rēte*). ‘apetrecho de grande porte, feito de linha, com boias, cortiças e chumbo, utilizados na captura de peixes e mariscos’. [M1C-I]: “*Aí mete a rede dentro da água e começa a puxá a rede até em terra pra podê tirá o pêxe*”.

rede de agulha – loc. (de *rede* [este, do lat. *rēte*] + *de* + *agulha* [este, do lat. *acūcūla*]). → *agulhêra*. [M3B-V]: “*Tem de setenta... de oitenta até quinze, rede tem... porque tem a rede de agulha, tem de a rede de panhá pêxe mais graúdo, de... que você trabaia no canal lá fora...*”.

rede de arrasto – loc. (de *rede* [este, do lat. *rēte*] + *de* + *arrasto* [este, regr. de *arrastar*]). → *arrastão*. [M1B-V]: “*Rede de arrasto é bom de pescá... rede de arrasto... mas eu não gosto dessa arte porque é muito pesada essa arte*”.

rede de calão – loc. (de *rede* [este, do lat. *rēte*] + *de* + *calão* [este, de *cala* + -ão]). → *calão*. [F3B-I]: “*(...) eu... vô na rede... vô na rede quando a rede de calão tá puxando, que larga aqueles pêxe, a hente vai e pega pra trazê*”.

rede de camarão – loc. (de *rede* [este, do lat. *rēte*] + *de* + *camarão* [este, de um lat. *cammarōne*]). → *arrastão*. → *calão*. → *rede de arrasto*. → *rede de calão*. [F3A-I]: “*Bom, primeira coisa que faço é tem que tê embarcação, pra depois a rede, a rede de camarão pra arrastá a própia isca*”.

rede de fundo – loc. (de *rede* [este, do lat. *rēte*] + *de* + *fundo* [este, do lat. *fundus*]). ‘apetrecho de grande porte, feito de linha, com espaçamento médio e largo entre as malhas, utilizado na captura de peixes’. [M2C-I]: “*Hoje, pra mim, o que acaba com a pescaria aqui é a rede de fundo porque mata a disova, mata tudo*”.

rede de ressa – loc. (de *rede* [este, do lat. *rēte*] + *de* + *ressa* [este, de or. obscura]). ‘apetrecho de grande porte, feito de linha, com espaçamento largo entre as malhas, com cortiças, utilizado na captura de peixes’. [M3A-I]: “*Tem a rede de ressa, como eu taha lhe falano, que cada um tipo de rede tem uma malha, certo?*”.

remá – v. (de *remar* (*remo* [este, de lat. *rēmus* + *-ar*], com apócope). ‘ação do processo de pesca, realizada pelo pescador, que consiste em mover vigorosamente os remos, com a finalidade de impelir a embarcação’. [F1B-V]: “*O remo é um pauzinho que a hente... pra remá, pra comovê a canoa de um lugá pra o outro*”.

[**remar**] → *remá*.

remo – s.m. (< lat. *remus*). ‘componente móvel, feito de madeira, de formato alongado, utilizado na lateral da embarcação para impulsioná-la através da força humana’. [F2B-V]: “*A gente, tiveram uma canoa, tem um remo, a gente vai pescá, vai saí pra pescá... com a maré mais alta*”.

ripiché → rapichel.

ripichel → rapichel.

[**robalinho**] → *rubalinho*.

[**robalo**] → *rubalo*.

rod[ar] o má – fras. (de *rodar* [este, do lat. *rōto*] + *o* + *mar* [este, do lat. *māre*], com apócope). ‘ação do processo de pesca, realizada pelo pescador, que consiste em sair mar afora, com a finalidade de pescar’. “*É... a pesca daqui de dentro não é profissional mehmo, que eu não rodo o má todo aí... artesanal aqui por dentro*”. (M1A-I).

[**rodar o mar**] → rod[ar] o má.

rubalinho – s.m. (de *robalo* [este, do cast. *llobarro*] + *-inho*, com metáfora). ‘peixe de pequeno porte, de corpo alongado, derme escamosa, coloração branco-prateada, de carne muito apreciada, que habita águas rasas e manguezais’. [M3B-V]: “*É... todo tipo de pêxe: panha o bagre, panha a pescada, panha o rubalinho, panha a tainha, panha...*”.

rubalo – s.m. (< cast. *llobarro*, com metátese). ‘peixe de médio porte, de corpo alongado, derme escamosa, coloração branco-prateada, de carne muito apreciada e grande valor comercial, que habita águas rasas e manguezais’. “*Antigamente a senhora ia na área da marina, os rubalo... tinha dez, quinze quilo... hoje em dia você vai lá, não encontra um rubalo*”.



sabique – s.m. (< jap. *sabiki*). ‘isca artificial, feita de metal e plástico, que consiste em uma linha de náilon atada a um conjunto de anzóis enfeitados com penachos, miçangas ou outros materiais brilhantes, coloridos e fluorescentes usada para atrair os peixes através da cor e do brilho. [M1A-I]: “*Tem outro tipo de material que a gente usa pra pescá que é o chamado sabique*”.

saco – s.m. (< lat. *saccus*). ‘apetrecho de pequeno porte, feito de plástico, com abertura em um dos lados, utilizado para o transporte de mariscos’. “*É o facão, o saco pra colocá o marisco e a vasilha pra juntá...*” (F3B-V).

safá – v. (or. obscura). ‘ação medial do processo de pesca que consiste em mergulhar para desembaraçar a rede de pesca quando esta se embarça ou prende no fundo do mar’. [M1C-I]: “*O merguiadô é a pessoa que fica no batelão pra mergulhá pra safá a rede que prende na pedra*”.

[**safar**] → *safá*.

saí de sapatêro – fras. (de *sair* [este, lat. *salio* com apócope] + *de* + *sapateiro* (de *sapato* [este, de origem obscura] + *-eiro*), com monotongação). ‘ação final do processo de pesca, atribuída ao pescador, que consiste em voltar da pescaria sem peixes’. [M1A-I]: “*Vai saí de sapatêro, não vai pegá nada não, é?*”.

[**sair**] de *sapateiro* → *saí de sapatêro*.

salpiro – s.m. (or. obscura). ‘marisco do espécime molusco, bivalve, de cor avermelhada, com concha meio ovalada, recoberta de fibras, que vive enterrado em fundos lodosos’. [F3C-I]: “*É sururu, é ostra, salpiro, é sambá...*”.

sambá – s.m. (< talv. do tupi *tambá*, com alteração). ‘marisco do espécime molusco, de concha quadrangular, com valva esquerda maior que a direita, de cor amarronzada, encontrado na areia e no cascalho, sendo capturado através da técnica do mergulho’. [F3C-I]: “*É sururu, é ostra, salpiro, é sambá...*”.

sambuio – s.m. (< prov. or. tupi). ‘peixe de pequeno porte, corpo alto, ovalado e um pouco comprimido lateralmente, de coloração cinza-esverdeada, com listras longitudinais douradas, encontrado em estuários e mangues. [M1C-I]: “*Tem vermelho, chumberga, cavala, bicuda,*

carrapato, sambuio, carapicuaçu, xaréu, rubalo... esqueci agora o nome da outra... arraia, curivinda”.

saramonete – s.m. (de *salmonete* [este, do lat. *salmon-* + *ete*], com alteração fonética). ‘peixe de pequeno porte, corpo fusiforme, coloração variável, de escamas, com manchas no dorso, de carne muito apreciada e grande valor comercial’. “*Tem budião, tem jabu, vermelho, saramonete, quatinga, tudo isso... um bucado de bichinho a hente encontra aqui*”. (F1C-V).

sardinha – s.f. (< lat. *sardīna*). → maçambê. → maromba. ‘peixe de pequeno porte, de corpo alongado e comprimido, derme escamosa, de coloração prateada, de carne muito apreciada, encontrada em águas rasas ou profundas’. “*A gente escama... aí, se for pra tirá, se for a sardinha, o maçambê, a gente tem que fazê de filê, tem que tirá aquela espinha do meio*”. (F3B-V). 2. ‘engodo natural, utilizado para atrair o peixe através do cheiro’. [M3C-V]: “*A pesca, você sai com a isca, camarão ou uma sardinha...*”

[**saveiro**] → *savêro*.

savêro – s.m. (de *saveiro* [este, met. do lat. *saveiro*], com monotongação). ‘embarcação de médio porte, feita de madeira, de calado baixo ou médio, com convés, movida a vela ou a motor, utilizada na pesca artesanal’. “*Quem tem savêro sai cedo pra pescá... de anzol... é assim*”. (F3A-V).

siri – s.m. (< tupi *si'ri*). ‘marisco do espécime crustáceo, de carapaça dura, coloração variável, abdômen curto, com o último par de membros locomotores em forma de remo, encontrado em estuários’. “*A gente amarra pra podê, então, jogá pra o siri vim*”. (F3B-V).

siri-boia – s.m. (de *siri* [este, do tupi *si'ri*] + *boia* [este, do fr.ant. ou dial. *bouée*]). ‘marisco da espécime crustáceo, de carapaça dura, abdômen curto, com o último par de membros locomotores em forma de remo, coloração amarronzada, que possui um espinho no própodo, encontrado em águas rasas’. [F3B-I]: “*Eh, eh... os homem mesmo que vão, que eles pescam de linha, com anzol; pescam de vara na bêra da... mergulham pra panhá siri, siri-boia, aqueles pêxe comprido, eles... com aqueles ferrão, eles... tudo isso*”.

siri-mole – s.m. (de *siri* [este, do tupi *si'ri*] + *mole* [este, do lat. *mollis*]). 1. ‘marisco do espécime crustáceo, de carapaça mole, abdômen curto, com o último par de membros locomotores em forma de remo, encontrado em estuários’. [M1C-V]: “*Siri-mole, ele troca de casca*”. 2. ‘isca natural, da espécie crustáceo, utilizado para atrair o peixe através do cheiro’. [M1C-V]:

“*Isca... camarão, siri-mole, tudo... a tesourinha*”.

soltadô – s.m. (de *soltar* (< *solto* [este, do lat. *soltus*] + *ar*) + *-dor*, com apócope). → *andêro*. → *corredô*. → moço. [M2A-V]: “*Um, no caso, o pêxe espana, o soltadô - tem o soltadô da rede - solta, e o mestre, no caso, cerca*”.

[**soltador**] → *soltadô*.

sororoca – s.f. (< tupi *soro'roka*). ‘peixe de médio porte, corpo alongado, robusto e comprimido lateralmente, coloração azulada, com manchas douradas e arredondadas no dorso e flanco, que habita águas profundas’. [M2B-I]: “*Vários mesmo: vermelho, cavala, sororoca, cabeçudo, xaréu... tem várias espécie mehmo*”.

sururu – s.m. (< tupi *seru'ru*). ‘marisco do espécime molusco, de concha alongada formada por duas valvas, de coloração escura, de grande valor nutritivo, encontrado no mangue ou em rochas e pedras’. [F3C-I]: “*O sururu, nós raspa, e o salpiro também... nós tira na pedra com faca*”.

suspiro – s.m. (< regr. de *supirar*). ‘tubo feito de silicone, com curvatura em forma de ‘J’, dotado de bocal ortodôntico, utilizado como respirador na pesca de mergulho. [M1C-V]: “*O óculos, suspiro, pé de pato, arpão... eu mehmo uso o bichêro*”.



tá de bumbo – fras. (de *estar* [este, do lat. *stāre*] + *de* + *bumbo* [este, prov. it. *bombo*]). ‘estado concernente à fêmea do peixe e marisco quando se encontra com ovos’. [F2A-V]: “*É muita gaiola... porque ali vai tudo que é tamanho, vai as fêmea, vai tudo quando tá de bumbo*”.

tainha – s.f. (< prov. do lat. *tagēnia*). → curimã. [M1A-V]: “*Aqui o que dava mais aqui era o xaréu e a tainha*”.

[**tainheira**] → *tainhêra*.

tainhêra – s.f. ([de *tainha* [este, prov. do lat. *tagēnia*] + *-eira*, com monotongação]). ‘apetrecho de grande porte, feito de náilon, com espaçamento estreito entre as malhas, utilizado para a captura de tainhas, camarão, sardinha e pescadinha’. [M3B-V]: “*A tainhêra é uma rede que você faz do náilon*”.

taoca – s.f. (< tupi *ta'oka*). ‘peixe de pequeno porte, corpo achatado e robusto, sem escamas, coloração escura, com manchas, que habita águas rasas’. [F2C-V]: “*Aí tem caranha, tem badejo, tem cavala, tem guaraçaim, tem o vermelho, areacó, tem o vermelho-rabo-aberto, tem o dentão, a cioba, tem pêxe-pena, tem taoca, tem arraia, tem cação-viola, tem tudo... olho-de-boi...*”.

[**tapasteiro**] → *tapastêro*.

tapastêro – s.m. (or. obscura). → *camboa*. [M3A-V]: “*Tinha um tipo de pesca que era tapastêro... chamava tapastêro, chamava camboa*”.

tapu – s.m. (or. obscura). ‘marisco do espécime molusco, univalve, de concha assimétrica, de coloração esbranquiçada, de sabor marcante, que habita os fundos arenosos ou lodosos no alto-mar’. [F3B-I]: “*A vida deles e a gente também, que vai na praia também, que pesca buso também, que a gente pesca tam ém, e tapu... tudo isso*”.

tarrafa – s.f. (< ár. hisp. e magr. *tarrāhā*). ‘apetrecho de grande porte, feito de náilon, de espaçamento estreito entre as malhas, de formato circular, com chumbo, utilizado na pesca de peixes’. [M1C-V]: “*Tarrafa é um tipo, um coisa de náilon com as malhazinha que joga... tarrafa... tem o chumbo*”.

tesourinha – s.f. (de *tesoura* [este, do lat. *tonsoriŭs*] + *-inha*). ‘isca natural, do espécime crustáceo decápode, utilizada para atrair o peixe através do cheiro’. [M1C-V]: “*Isca... camarão, siri-mole, tudo... a tesourinha*”.

tilápia – s.f. (< lat. cient. *Tilapia*). ‘peixe de pequeno porte, de corpo alto e robusto, derme escamosa, coloração variável, com listras verticais, de carne muito apreciada, que habita águas rasas’. [M3B-V]: “*Eu cansei de panhá sacos de tilápia pra vendê no ponto de ônibus*”.

[**tintureira**] → *tontuêra*

tolete – s.m. (< fr. *toilet*). ‘parte fixa da embarcação, feita de madeira ou ferro, de formato cavado ou roliço, localizado na borda, utilizado para fixar os remos’. [M2C-I]: “*Senão bota no tolete... chama tolete... é o torno*”.

tontuêra – s.f. (de *tintura* [< lat. *tinctūra*, com metáfora] + *-eira*, com monotongação). → *cação*. → *tubarão*. ‘peixe de grande porte, de corpo alongado e robusto, sem escamas, coloração azulada, que habita águas profundas’. [M3C-I]: “*Eu peguei um pêxe, uma tontuêra, nove hora do dia*”.

traquete – s.m. (< fr.ant. *triquet*). ‘componente móvel da embarcação, feito de tecido de algodão, de formato alongado, localizado na parte dianteira,

utilizado para impulsionar a embarcação’. [M1B-V]: “*Tem espadela, pra na hora de abri o traquete pra canoa ir certa*”.

tripulação – s.f. (de *tripular* [este, de or. obscura] + *-ção*). ‘grupo de pescadores que ocupam a embarcação durante a pescaria’. [M2B-V]: “*No caso dessa tripulação, o sabe mais, que se sobressai no grupo, esse também se chama mestre*”.

tubarão – s.m. (< or. incerta). → *cação*. → *tontuêra*. [M1A-I]: “*Eles traziam, tinha pêxe que eles traziam amarrado do lado do barco por ser muito grande... tubarão, esses pêxes assim, entendeu?*”



vara – s.f. (< lat. *vara*). 1. ‘apetrecho de médio porte, feito de madeira ou fibra, de formato alongado, utilizado na captura de peixe’. [M1A-I]: “*Eu pesco é... de mergulho, que eu mergulho também, que eu pesco assim também... o mergulho, e de linha também... com a vara... esse tipo de pescaria*”. 2. ‘conjunto formado pela própria vara, a linha de náilon e o anzol’. [F2C-V]: “*O pessoal fica pescando aqui na praia, de vara, pescano carapicu, pêxinho pequeno*”.

vela – s.f. (< lat. *velum*). → *pano* [M2A-V]: “*Se, por acaso não qué remá, tem, no caso, as duas vela*”.

vento baixo – loc. (de *vento* [este, do lat. *ventus*] + *baixo* [este, do lat. vulg. *bassus*, a, um]). → *vento leste*. ‘fenômeno da natureza que corresponde ao movimento do ar, que torna a maré mansa e a água límpida, trazendo os peixes para a costa litorânea’. [M3B-V]: “*Aí quando chega no inverno também, nesse tempo, vento baixo, também aparece... encosta a tainha, sabe?*”.

vento leste – loc. (de *vento* [este, do lat. *ventus*] + *leste* [este, do fr. *l'est*]). → *vento baixo* [M3B-V]: “*Vento leste é que é o vento baixo que encosta o pêxe mais pra terra, sabe?*”.

vermeio → *vermelho*.

vermelho ~ vermeio – s.m. (< lat. *věrmicŭlus*). ‘peixe de médio porte, corpo um pouco alto, alongado e robusto, derme escamosa, coloração avermelhada, de carne muito apreciada, que habita águas rasas e profundas’. [F2C-I]: “*Sei a maioria: pêxe maçambê, tem tainha, tem*

curvina, tem vermelho, tem rubalo, arraia... tem vários tipos... bonito, vários tipos...". [F1A-I]: "Aqui é tainha, maçambê, é carrapato, vermeio, carapeba, sambuio. Tem vários tipos de pêxe por aqui".

vermelho-rabo-aberto – s.m. (de *vermelho* [este, do lat. *věrmicŭlus*] + *rabo* [este, do lat. *rápum*] + *aberto* [este, do lat. *apĕrtus*). ‘peixe de médio porte, corpo alongado, com escamas, coloração avermelhada no dorso e rosada no ventre, com manchas, nadadeira caudal extremamente furcada, com os lobos prolongados, que habita águas profundas. [F2C-V]: “Aí tem caranha, tem badejo, tem cavala, tem guaraçaim, tem o vermelho, areacó, tem o **vermelho-rabo-aberto**, tem o dentão, a cioba, tem pêxe-pena, tem taoca, tem arraia, tem cação-viola, tem tudo... olho-de-boi...”

viração de vento alto – loc. (de *viração* (*virar* [este, prov. do fr. *virer*] + *-ção*] + *de* + *vento* [este, do lat. *ventus*). ‘fenômeno da natureza, relacionado à mudança do vento, que o torna mais forte e a maré revolta’. [M2C-I]: “Mestrá quer dizê sabe, conhece um pôco o vento porque... aí agora mehmo é **viração de vento alto**.”

X

xangó – s.m. (or. obscura). → pititinga. [M3B-V]: “De primêro, se pescava de bomba pra **xangó**.”

Hoje não tem mais isso porque o xangó a hente arrasta ali rapidinho pra cinquenta balde, cem”.

xaréu – s.m. (or. obscura, talv. do tupi). ‘peixe de médio porte, corpo fusiforme e alongado, derme escamosa, coloração verde-azulada no dorso e prateada no ventre, de carne muito apreciada, encontrado em águas rasas ou profundas’. [M2B-I]: “O **xaréu**... o **xaréu** é um pêxe, ele branco, tem pouca escama, e é um peixe bastante saboroso”.

xumberga – s.m. → chumberga.

6 ARRUMANDO OS APETRECHOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o léxico de uma comunidade implica levantar e compreender as diversas relações que os seus membros estabelecem entre si e com o meio em que vivem. Implica a recolha de dados sobre a vida cotidiana, o trabalho, a realidade, a cultura e a história de um povo. Considerando que o léxico é o nível da língua que mais refrata o modo de pensamento e a organização de uma dada comunidade, sua investigação dentro do contexto sócio-histórico-econômico permite o registro das formas linguísticas nas quais se imprimem as marcas de sua cultura.

Ao se empreender um estudo do léxico da pesca na Ilha de Itaparica, buscou-se verificar de que forma os pescadores nomeiam os instrumentos, as atividades, as ações e os produtos que envolvem o seu universo laborativo. Com base nos pressupostos explicitados no capítulo 1, procurou-se registrar e descrever as formas lexicais representativas desse campo. Por meio de levantamento do léxico dos pescadores e sua organização em campos lexicais, foi possível constatar que cada item lexical se encontra semanticamente articulado com outros, estabelecendo relações de hierarquia e coordenação entre si. Do universo conceitual organizado em campos lexicais, foi possível inferir as relações que se estabelecem entre língua, cultura e sociedade, visto que os campos revelam os valores sociais da comunidade, bem como as condições de vida impostas pelo meio em que vivem. Com isso, delinear-se as bases para a análise léxico-semântica e sociodialetoal, bem como a organização do vocabulário da pesca na Ilha de Itaparica, produto final deste trabalho.

O estudo revelou que os pescadores se utilizam dos mais diversos recursos linguísticos para nomear os elementos da sua realidade. Constatou-se que as lexias por eles empregadas são resultantes de processos diversos, os quais permitem a funcionalidade e manutenção do léxico. Muitos itens são decorrentes de processos metonímicos, como *calão*, *chumbo*, *isopor*, *náilon*, *pano*, *pesca embarcada*, *sabique*, *vermelho*; processos metafóricos, motivados pela aparência do referente, como em *agulha*, *boca do rio*, *braço de mar*, *cacunda*, *tesourinha*, ou pela relação entre o referente e sua finalidade, como em *ajuntador*, *destorcedor*, *marcador*, *soltador*.

A maioria dos itens que compõem o léxico da pesca tem origem em formas já existentes na língua, tendo algumas o seu significado ampliado pelos falantes no processo de reelaboração lexical. Assim, através da análise, verificaram-se formas dicionarizadas com o mesmo sentido documentado na comunidade, como *abalar*, *camaroeiro*, *espadela*, *munzuá*, *tolete*, *tainheira*, e formas dicionarizadas com acepção diferente, como *arraieira*, *carrapato*, *disparo*, *tesourinha*. Também se perceberam formas dicionarizadas no campo da pesca, às

quais foram atribuídos novos semas, como *agulheira*, *pescar*, *rapichel*, *sambá*, e formas não dicionarizadas, como *barco a pano*, *congode*, *iscadeira*, *lua do marisco*, *maré de vazante*, *mariscadeira*, *tapasteiro*, *tapu*. Trata-se de neologismos conceituais, itens lexicais já existentes na língua aos quais se incorporam novos conceitos, e de neologismos formais, itens lexicais novos introduzidos na língua, quer sejam lexias derivadas de outras já existentes ou lexias complexas.

No que tange à tipologia das lexias proposta por Pottier (1974), o estudo demonstrou que o léxico da pesca na Ilha de Itaparica se constitui de lexias simples, como *badejo*, *cabeço*, *puçá*, *lanço*, *malha*, *rede*; lexias compostas, como *agulheira*, *alto-mar*, *cação-de-escama*, *rala-coco*, *pesqueiro*; e lexias complexas, como *cavada de chumbinho*, *estar de bumbo*, *maré morta*, *lua do marisco*, *vento leste*.

Do ponto de vista etimológico, a análise demonstrou que o léxico da pesca reúne itens lexicais procedentes do árabe, do castelhano, do espanhol, do francês, do inglês, do italiano, do latim, do quimbundo, do tupi etc. A maioria, no entanto, tem origem no latim, a exemplo de *âncora* (< lat. *ancōra*), *buzo* (< lat. *būccīnum*), *espadela* (< lat. *spathella*), *rede* (< lat. *rēte*). No campo léxico dos *peixes*, predominam as formas lexicais oriundas do tupi, como *baiacu* (< tupi *üamaia 'ku*), *guaricema* (< tupi *üara 'sima*), *miroró* (< tupi *miroy'ro*), *sororoca* (< tupi *soro 'roka*), *taoca* (< do tupi *ta 'oka*).

Da análise sociodialetoal, pode-se depreender que o léxico da pesca na Ilha de Itaparica apresenta heterogeneidade, haja vista o registro de formas variantes em nível fonético, como *malha* ~ *maia*, *rapichel* ~ *ripiché*, *caramuru* ~ *caramburu*; em nível lexical, como *alto-mar* ~ *mar aberto*, *mestre* ~ *marcador*, *marisqueiro* ~ *pescador de coroa*; e em nível morfológico, como em *estocar* ~ *estoquear*, *mergulho* ~ *mergulhaço*, *mariscadeira* ~ *mariscadora*. A comparação dos itens documentados permitiu verificar o uso de formas variantes nas localidades pesquisadas. No que se refere às variantes fonéticas, documentaram-se, por exemplo: *rapichel*, em Itaparica, e *ripiché*, em Vera Cruz, como denominações para o ‘apetrecho feito de linha, com aro de metal, de formato afunilado, utilizado na captura de siris’; *caramburu*, em Itaparica, e *caramuru*, em Vera Cruz; *emboreia*, em Itaparica, e *moreia*, em Vera Cruz, para nomear o ‘peixe de corpo alongado e roliço, com nadadeira dorsal que se estende ao ânus, coloração esverdeada, amarelada ou amarronzada, com ou sem manchas’. No que concerne às variantes lexicais, registraram-se: *agulheira*, em Itaparica, e *rede de agulha*, em Vera Cruz, como designações para o ‘apetrecho feito de linha, com boias, cortiças e chumbo, usado na captura de agulha’; *pescador de coroa*, em Itaparica, e *mariscadeiro*, em Vera Cruz, para nomear a ‘função masculina na atividade de pesca referente à captura de marisco nas coroas ou nos mangues’. Quanto às variantes morfológicas, foram verificadas:

estocar, em Itaparica, e *estoquear*, em Vera Cruz, como designações para a ‘ação que consiste em bater com a vara no fundo do mar a fim de aprisionar o peixe’; *arrastamento*, em Itaparica, e *arrasto*, em Vera Cruz, para designar a ‘etapa do processo de pesca que consiste em arrastar lentamente a rede para obtenção do pescado’.

Considerando a variável faixa etária, observou-se a preferência de algumas variantes entre os informantes da faixa 1, a exemplo de *chumbo*, *capturar*, *ferrar*, *mergulho*, *moço* e *jogar*, em detrimento das formas *chumbada*, *mergulhação*, *captar*, *ajudante ~ companheiro*, e *lançar*, respectivamente. Registraram-se também formas variantes de uso exclusivo dos mais jovens, como *castroar*, *ripichel*, *mestre de rede*, *fazer embargo*. Por outro lado, há itens lexicais que só figuraram no repertório dos mais idosos. São formas que denominam principalmente modalidades de pesca que já estão em desuso na comunidade, a exemplo de *tapasteiro*, *camboa*, *pesca ~ pescaria de bomba*. Para além disso, o estudo demonstrou que os pescadores mais idosos têm maior domínio sobre o léxico da pesca do que os das faixa 1 e 2. Além de manipularem um maior número de formas lexicais específicas da atividade pesqueira, demonstraram, em seu discurso, mais conhecimento sobre as noções relacionadas a esses itens, apresentando definições mais detalhadas sobre as designações. Isso revela que os mais jovens, por terem maior nível de escolaridade e, conseqüentemente, oportunidade de trabalho em áreas mais promissoras, não têm interesse por seguir a profissão dos seus pais e estão se distanciando cada vez mais dessa atividade. Inclusive os pescadores revelam não ter interesse que seus filhos sigam a sua profissão, como se nota no trecho a seguir:

O que eu não fiz no passado, não consegui estudá, eu não quero que meus filho faça o mehmo que eu fiz, não. Eu prefiro que meus filho estude, se forme e seja bons empregado. (F1C-V).

No que tange à variável sexo, a fala dos informantes do sexo masculino revelou a preferência por determinadas variantes, como *calão*, *caramurum*, *moço*, *pescadora*, *encastoar*. Também foram documentadas algumas variantes apenas na fala desse grupo, tais como *fazer embargo*, *maia*, *maré de lançamento*, *mututuca*, *fisga*.

O estudo mostrou ainda que os fatores culturais e a estrutura social das comunidades de pesca influenciam na constituição e no emprego do léxico. Ao analisar os itens lexicais que integram o campo das *funções*, por exemplo, verificou-se que estes são determinados conforme a divisão hierárquica do trabalho. Notou-se também a relação entre o gênero gramatical e o sexo dos indivíduos que realizam a função, através do registro de formas como *escamadeira*, *mergulhador*, *andeiro*, *mestre*, para as quais predominou um só gênero. Há, portanto, funções que são especificamente masculinas ou femininas, conforme a sua complexidade, força que exige ou perigo que oferece. Geralmente às mulheres são reservadas

as funções de fácil execução. Além disso, verificou-se que a modernização dos processos de pesca e a introdução de novos apetrechos trouxeram consequências léxicas, com a substituição de itens mais específicos como *cofo* e *munzuá*, por formas mais genéricas, como *saco* e *gaiola*.

O resultado da análise das lexias levantadas, considerando os fatores idade, sexo e localidade corroborou as hipóteses levantadas inicialmente, haja vista que a linguagem dos pescadores apresenta variações diageracionais, diagenéricas e diatópicas.

Através deste trabalho, foi possível verificar de que forma o léxico dos pescadores reflete a realidade sociocultural e a identidade desse grupo. Com isto, espera-se contribuir para os estudos linguísticos, fornecendo dados que elucidem questões inerentes à relação entre língua, cultura e sociedade. Além disso, com as lexias reunidas em um vocabulário, espera-se contribuir para pesquisas posteriores sobre a atividade pesqueira nas mais diversas áreas, bem como a linguagem da pesca.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Pedro. **Embarcações do recôncavo**: um estudo de origens. Salvador: Oiti, 2011.
- ALCKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2000.
- ASCOLI, G.I. Saggi Ladini. In: **Archivio Glottologico Italiano**. Vol. 1, 1873, p. 479.
- AULETE, Francisco Júlio de Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **Aulete Digital**: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2013.
- BAHIA PESCA. **A pesca na Bahia**. Disponível em:
< http://www.bahiapesca.ba.gov.br/?page_id=26 >. Acesso em: 15 out. 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec/Anna Blume, 2002.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA E I ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TÉCNICO-CIENTÍFICA - I. 1990, Brasília, **Anais...** p. 152-158.
- _____. Estrutura, funções e processos de produção de dicionários terminológicos multilíngües. **Revista do GELNE**. Fortaleza: Editora da UFC, 1999. p. 41- 44.
- _____. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Ciência da Informação**. Vol 24, nº 3, 1995. Disponível em:
<<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/493/447>>. Acesso em: 12 abr. 2013.
- _____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.
- BARRETO, Evanice R. L. **O léxico dos trabalhadores na produção artesanal de fogos em Muniz Ferreira - BA**. 2006. 192 f. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2003.
- _____. **Identidade**: entrevista à Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.
- BESSA, José Rogério Fontenele. (Coord.). **Atlas linguístico do Estado do Ceará**. Vol.1. Fortaleza, UFC, 2010a.
- _____. (Coord.). **Atlas linguístico do Estado do Ceará**. Vol. 2. Fortaleza, UFC, 2010b

BIDERMAN, M. T. C. **A ciência da lexicografia**. **ALFA** – Revista de Linguística, v. 28 (supl.), São Paulo, 1984. p. 1-26.

_____. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1978.

_____. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. Terminologia e Lexicografia. **TRADTERM** – Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia. São Paulo: FFLCH/USP, 2001b. p.153-181.

BLANCH, M. L. La sociolingüística y la dialectología hispánica. In: ALVAR M.; BLANCH, M. L. **En torno a la sociolingüística**. México: UNAM, 1978. p. 33-58.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

_____. O trabalho do dicionarista. In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René M. **Dicionários na teoria e na prática**: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-25. (Entrevista publicado em livro).

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRADLEY, H. **Fractured identities**. Cambridge: Polity Press, 1996.

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. Instrução Normativa nº 2, de 25 de janeiro de 2011. Dispõe sobre os procedimentos administrativos para a inscrição de pessoas físicas no Registro Geral da Atividade Pesqueira nas categorias de Pescador Profissional e de Aprendiz de Pesca no âmbito do MPA. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 de jan. 2011.

CABRÉ, M. T. **La terminología**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

CÂMARA JR, Mattoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, Museu Nacional, 1965.

_____. **História da Linguística**. Trad. de Maria do Amparo B. de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1990.

CARDOSO, Suzana Alice M. Língua: meio de opressão ou de socialização? In: FERREIRA, Carlota *et al.* **Diversidade do português do Brasil**: estudos de dialectologia rural e outros. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988. p. 231-235.

CARDOSO, Suzana Alice. A Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**. v. 4. n. 2. 2002. Disponível em: <http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_sum.htm>. Acesso em: 22/11/2013.

_____. **Atlas Lingüístico de Sergipe - II**. Salvador: EDUFBA, 2005.

_____. **Geolinguística: tradição e modernidade.** São Paulo: Parábola, 2010.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Trad. de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELUCCI JR. Wellington. **Pescadores e roceiros** – Escravos e forros em Itaparica. Annablume: São Paulo, 2008.

CASTILHO, Ataliba, T. A propósito do Atlas Lingüístico da Península Ibérica. **ALFA** – Revista de Linguística, v. 3, São Paulo, 1963, p. 105-114.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **La dialectologia.** Madrid. Visor Libros. 1994.

COSERIU, Eugenio. Vers une typologie des champs lexicaux. In: **Cahiers de Lexicologie**, 27. Paris: Larousse, 1975. p. 30-51.

_____. **Sincronia, diacronia e história.** São Paulo: Presença / Editora da USP, 1979.

_____. **Sentido y tareas de la dialectologia.** México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COSTA, Raquel Pires. **Estudo linguístico no litoral maranhense: léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa.** 2012. 276 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.** 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DIAS, Manuel Afonso. **Breves notas sobre a história da pesca.** Pesca e Aquacultura. Curso de Biologia – FCMA – Universidade de Algarve. 2007. Disponível em: <<http://w3.ualg.pt/~madias/docencia/paq/BrevesNotasHistoriaPesca.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2013.

DIEGUES, A. C. S. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar.** São Paulo: Ed. Ática, 1983.

_____. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: DIEGUES, A. C. S. (Org.) **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza.** 2.ed. São Paulo: Hucitec. NUPAUB – USP, 2002. p. 1-46.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** 2. ed. São Paulo: Porto Editora LTDA, 1997.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística.** Trad. Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix, 1999.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic Anthropology.** Cambridge: Cambridge U. Press, 1997.

ELLIS, Myriam. **A baleia no Brasil Colonial.** Ed. Melhoramentos/EDUSP: São Paulo, 1969.

FARACO, Antonio Carlos. **Linguística Histórica: um introdução ao estudo da história das línguas.** São Paulo: Ática, 1998.

FERNANDEZ-SEVILLA, J. **Problemas de Lexicografia Actual**. Bogota: Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo (Series Minor), 1974.

FERREIRA, A. B. de Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico - Século XXI**. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexikon Informática, 1999.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A Dialektologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FIORIN, José Luiz. Considerações em torno do projeto de lei de defesa, proteção, promoção e uso do idioma apresentado à câmara dos deputados pelo deputado Aldo Rebelo. **Boletim ALAB**. Campo Grande, n. 4, p. 31- 47, jul. 2000.

FRANCO, Antonio. **Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus na corte de Lisboa**. Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1719.

GECKELER, Horst. **Semántica estructural y teoría del campo léxico**. Madrid: Gredos, 1976.

GILLIÉRON, J.; EDMONT, E. **Atlas Linguistique de la France**. Paris: Honoré Champion, 1902-1910

GOODENOUGH, Ward. **Culture, Language and Society**. Massachuttes: Addison-Wesley Modular Publications, 1971.

GUY, Gregory. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: II Congresso Internacional da ABRALIN, 2001. Fortaleza. **Anais...** Disponível em: <http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2012.

HAENSCH, G. “Tipología de las obras lexicográficas e Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios”. In: HAENSCH, G. *et al.* **La lexicografía**. De la Linguística teórica a la Lexicografía Práctica. Madrid: Gredos, 1982

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomás Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, M. S. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBAMA. Monitoramento da atividade pesqueira no litoral nordestino – Projeto Estatpesca. **Boletim da Estatística da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil – 2006**, Tamandaré, 2008.

IBGE. **Índice de Nomes Geográficos** – v. 1. Base Cartográfica Contínua do Brasil ao Milionésimo – BCIM. Rio de Janeiro, 2011.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 91-100.

_____. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico:**

Lexicologia, lexicografia, terminologia. Volume III. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. p. 193-208.

JABERG, K. & JUD, J. **Spraach-und Sachatlas Italiens und der Südschweiz**, I-VIII. Zofingen: Rieger & Co, 1928-1940.

KRUG, Luiz Carlos; SALES, Leonardo T. de. Graduação: Engenharia de Pesca. **Ciências do Mar Brasil** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.cdmb.furg.br/text.php?id=5&nivel=graduacao>>. Acesso em: 15 out. 2013.

KURATH, H. *et alii*. **Linguistic Atlas of New England**. Brown University Press, 1939-1943.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors**. Cambridge: Blackwall Publishers, 2001.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. [1972]. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1980.

LOURENÇO, Pedro Rigueiras. **A pesca na Antiguidade: o caso de Monte Molião (Lagos)**. 2010. 65 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

LUCCHESI, Dante. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan;

RIBEIRO, Ilza (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 295-318.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2 ed. Lisboa: Editorial Confluência, 1967.

MACHADO FILHO, Américo V. L. Um ponto de interseção para a dialectologia e a lexicografia: a proposição de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB. **Estudos** (UFBA), v. 41, 2010. p. 49-70.

_____. **Brevíssimo glossário lexicográfico**. Salvador, 2011. Não publicado.

MATORÉ, George. **La Méthode en Lexicologie: domaine français**. Paris: Marcel Didier, 1953.

MEILLET, Antoine. **Linguistique Historique et Linguistique Générale**. Paris: Champion, 1926.

MIRA MATEUS, Maria Helena. Se a língua é um fator de diferenciação cultural, como se compreende que a mesma língua identifique culturas diferentes? **Educação & Comunicação**. V. 4, Dez. 2000. p. 9-21. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.8/288>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luíza (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MORAIS SILVA, Antônio. **Grande dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1948.

MOREIRA, Cristiane F. **As denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca na comunidade de Baiacu/Vera Cruz/BA**. 2010. 384 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios sociolingüísticos y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

MOUNIN, Georges. **Histoire de la linguistique: des origines au vingtième siècle**. Paris: PUF, 1956.

MURAKAWA, C. A. A. Modelos de verbetes em dicionários clássicos da língua portuguesa. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org **As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia**. Volume III. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. p. 235-245.

OGDEN, Charles. K.; RICHARDS, Ivor. A. **O significado de significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

OSÓRIO, Ubaldo. **A Ilha de Itaparica: história e tradição**. Fundação Cultural da Bahia: Salvador, 1979.

OTT, C. F. Os elementos culturais da pescaria baiana. **Boletim do Museu Nacional Nova Série**. Rio de Janeiro, Brasil. Antropologia. n. 4, 1944.

PEREIRA, Thais D. **A linguagem da pesca em comunidades baianas: um estudo dialetal em Siribinha e Bom Jesus dos Passos**. 2011. 212 f. (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

PITA, Sebastião de Rocha. **História da América Portuguesa**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1976.

POTTIER, Bernard. **Linguistique générale: théorie et description**. Paris: Klincksieck, 1974.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1982.

_____. Variação lexical e prestígio social das palavras. In: PRETI, Dino. (Org.). **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003, p. 47-67.

QUEIROZ, Everaldo Lima de. Ilha de quem? de Taparica ou de Itaparica? In: **Néon- Arte, Cultura e Entretenimento**. Salvador, nº 30, p. 20, nov./dez. 2001.

QUEMADA, Bernard. Les noms des mots ou des noms pour les mots: a propos de la terminologie lexicologique. In: BUSA, Roberto *et al.* **Studies in honour of Borberto Busa S. J.** Pisa: Giardini, 1987. *Linguistica Computazionale*, v. 5. p. 203-223.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma lingüística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

REY-DEBOVE, Josette. **Étude Linguistique et Sémiotique des Dictionnaires Français Contemporains**. Paris/The Hague: Mouton, 1971.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Já podeis da Pátria Filhos** (e outras histórias). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

ROSSI, Nelson *et al.* **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: MEC/ Instituto Nacional do Livro, 1963.

SALVADOR, Frei Vicente de. **História do Brasil**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954.

SAMPAIO, Theodoro. **O Tupi na Geographia Nacional**. Memoria lida no Instituto Histórico e Geographico de São Paulo. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901.

SANROMÁN, Álvaro Iriarte. Dicionários Monolíngues da Língua Galega. **Revista Galega de Filoloxía**. 2005. p. 51-72. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2183/2617>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

SANTOS, Denise G. D. **O léxico da casa de farinha**. 1996. 148 f. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

_____. **Os segredos da arte**: os carpinteiros navais do Baixo Sul da Bahia sob um olhar etnolinguístico. 2004. 182 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SANTOS, Wellington Lopes dos. **O léxico do Canto do Mangue**. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SAPIR, Edward. **Lingüística como ciência**. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1961.

SARUP, M. **Identity, culture and the postmodern world**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand. **Cours de linguistique générale**. Lausanne-Paris: Payot, 1916.

SCOTT, M. **WordSmith Tools**, versão 4.0. Oxford: Oxford UP, 2007.

SEABRA, Maria Cândida T. C. de. Questões teóricas genéricas. In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René M. **Dicionários na teoria e na prática**: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 29-37. (Entrevista publicado em livro).

SILVA-CORVALÁN, Carmem. **Sociolingüística**: teoria y análisis. Madrid: Alhambra, 1988.

SOUSA, Gabriel Soares. **Tratado descritivo do Brazil em 1587**. Rio de Janeiro: Typhografia Universal de Laemmert, 1851.

SZPILMAN, Marcelo. **Peixes marinhos do Brasil**: guia prático de identificação. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2000.

TAGLIAVINI, Carlo. **Le origini delle lingue neolatine**. 3 ed. Bologna: Casa Editrice Prof. Riccardo Pátron, 1959.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1999.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 3. ed. Trad. J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**. Trad. e adap. Clarisse M. Sabóia *et al.* São Paulo, Martins Fontes, 1979.

VIEIRA, António. **Cartas de Padre António Vieira**. Lisboa: J.M.C. Seabra & T.Q. Antunes, 1854.

VILELA, M. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Almedina, 1994.

WEINREICH, Uriel. Definição lexicográfica em Semântica Descritiva. Trad. Maria Cecilia P. B. Lima. **ALFA** – Revista de Linguística, v. 28 (supl.), São Paulo, p. 103-118, 1984.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. [1968]. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

_____. Questões teóricas genéricas. In: XATARA, Cláudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René M. **Dicionários na teoria e na prática**: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 29-37. (Entrevista publicado em livro).

WERNER, R. Léxico y teoría general del lenguaje. In: HAENSCH, G. *et al.* **La lexicografía**. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982. p. 21-94.

APÊNDICE A – Questionário linguístico

I. PROFISSÃO

1. O que o(a) senhor (a) faz para viver? Quem faz o que o(a) senhor(a) faz, como é chamado? Há outros nomes para essa atividade?
2. Há quanto tempo o(a) senhor(a) é
3. Como o(a) senhor(a) aprendeu sua profissão?
4. Onde desenvolve suas atividades? Exclusivamente nesse local ou há outros espaços que são utilizados para desenvolver seu trabalho ?
5. Existe uma área determinada para isso? Como se chama?
6. Quantos (pontos de pesca) havia aqui? E hoje em dia?
7. Quantos trabalham na mesma profissão do senhor?
8. Que motivação tem o(a) senhor(a) para pescar?
9. Seus filhos seguiram a sua profissão? Por quê?
10. Além dessa atividade o(a) senhor(a) tem outras que ajudam na complementação de sua renda?

II. TIPOS DE PESCA

11. Que tipo de pesca o(a) senhor(a) pratica?
12. Quais são as mais praticadas no local?
13. O(A) senhor(a) pode me explicar como é feita a pesca?
14. Qual o destino dessas pescas?
15. Que outros tipos de pesca o(a) senhor(a) conhece ou sabe de alguém que pratica?

III. DADOS GERAIS SOBRE A PESCA

16. Ainda existem muitos (pontos de pesca)? Onde?
17. Quando existiam como eram?
18. Quando são os instrumentos que o(a) senhor costuma usar para pescar?
19. Quais os tipos de embarcação usados para a pesca?
20. Qual é o primeiro passo para iniciar a pesca?
21. O que o(a) senhor(a) usa para atrair o peixe?

22. Quais são os tipos de peixe encontrados aqui?
23. Qual é a melhor época para pescar?
24. Como se transporta o peixe?

IV CARACTERIZAÇÃO DOS TRABALHADORES

25. Quantas pessoas geralmente participam da pesca?
26. Como se chamam as pessoas que trabalham na pesca?
27. Trabalham homens, mulheres e crianças? Em que etapa?
28. Qual é a idade predominante dos trabalhadores?

VI. RELAÇÃO E DIVISÃO DO TRABALHO

29. O chefe da pescaria acompanha todas as etapas do trabalho?
30. Se não tiver um chefe, quem manda no trabalho?
31. Como é feito o pagamento do trabalho?
32. Quanto tempo é necessário para realizar uma pescaria?
33. Como é o ambiente de trabalho?

V. PERGUNTAS GERAIS

34. O(A) senhor(a) se recorda de um tipo de pesca que não se usa mais e que já foi usada antigamente?
35. Quais as causas da decadência da pesca?
36. O(A) senhor(a) conhece alguma história sobre a origem da pesca aqui na comunidade?
37. Qual é a situação dos pescadores hoje em dia? E antigamente?
38. Para o(a) senhor(a), qual é o futuro da pesca?
39. O(A) senhor(a) considera a sua uma boa profissão?
40. O(A) senhor(a) pode me contar algum caso interessante (engraçado, triste, etc.) que aconteceu com o senhor ou com algum conhecido durante a pescaria.
41. O(A) senhor(a) pode me contar qual foi o acontecimento mais importante de sua vida?
Por quê?
42. O(A) senhor(a) tem algum sonho?

APÊNDICE B – Ficha lexicográfica

Nº _____	Lexia _____	Variante _____
Tipo de lexia _____	Campo lexical _____	
Número de ocorrências _____		
Abonação:		

Registro em dicionários		
1. Aulete:		

2. Cunha:		

3. Ferreira:		

5. Houaiss:		

6. Machado:		

7. Morais Silva:		

ANEXO – Ficha do informante

Ficha do Informante	
Nº do ponto	Nº do informante:
DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE:	
1. NOME:	2. ALCUNHA:
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. <input type="checkbox"/> M B. <input type="checkbox"/> F
5. IDADE:	
6. ENDEREÇO: RUA e Nº: BAIRRO: CEP:	
7. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro	
8. NATURALIDADE:	9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)
10. A. DOMICÍLIOS, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE: B. MOTIVO DO(S) AFASTAMENTO(S)	
11. ESCOLARIDADE:	12. OUTROS CURSOS: A. <input type="checkbox"/> especialização B. <input type="checkbox"/> profissionalizante C. <input type="checkbox"/> outros
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:	14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não 15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):	
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:	18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:

RENDA19. TIPO DE RENDA: A. individual B. familiar**CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO**

20. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca	21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas B. <input type="checkbox"/> esportes C. <input type="checkbox"/> programa de auditório D. <input type="checkbox"/> noticiários E. <input type="checkbox"/> programa religioso F. <input type="checkbox"/> filmes G. <input type="checkbox"/> outro	22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> rede gratuita B. <input type="checkbox"/> parabólica C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura
23. OUVI RÁDIO? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca	24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> noticiário geral B. <input type="checkbox"/> esportes C. <input type="checkbox"/> programa religioso do ouvinte D. <input type="checkbox"/> parte do dia E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja G. <input type="checkbox"/> enquanto trabalha D. <input type="checkbox"/> noticiário policial E. <input type="checkbox"/> música F. <input type="checkbox"/> progr. c/ participação do ouvinte G. <input type="checkbox"/> outro	
25. LÊ JORNAL? A. todos os dias B. às vezes C. nunca D. semanalmente E. raramente		
26. NOME DO(S) JORNAL(IS): _____ _____ _____ A. local B. estadual C. nacional	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. editorial D. programa cultural G. classificados B. esportes E. política H. outra C. variedades F. página policial	
28. LÊ REVISTA? A. às vezes B. semanalmente C. mensalmente D. raramente E. nunca		
29. NOME/TIPO DE REVISTA: _____ _____		

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A.	B.	C.	D.
31. TEATRO	A.	B.	C.	D.
32. SHOWS	A.	B.	C.	D.
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A.	B.	C.	D.
34. FUTEBOL	A.	B.	C.	D.
35. OUTROS ESPORTES	A.	B.	C.	D.
36. OUTROS	A.	B.	C.	D.
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA? _____				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. tímido B. vivo C. perspicaz D. sarcástico		
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. total B. grande C. média D. fraca		
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. cooperativa B. não cooperativa C. agressiva D. indiferente		
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. "A" B. "B" C. "C" D. "D"		
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INF. E INQUIRIDOR: A. grande B. médio C. pequeno D. nenhum		
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. sim B. não		
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):		
45. DADOS SOBRE A FAMÍLIA DO INFORMANTE		
46. AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
47. OBSERVAÇÕES:		
48. NOME DOS INQUIRIDOR:	48. LOCAL DA ENTREVISTA:	49. DATA DA ENTREVISTA:
		50. DURAÇÃO: